



# PELICAN GIRLS

Um romance inspirado em factos reais sobre  
as raparigas obrigadas a partir para a América  
no século XVIII para casar com colonos franceses

JULIA MALYE



VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM



# PELICAN GIRLS

Um romance inspirado em factos reais sobre  
as raparigas obrigadas a partir para a América  
no século XVIII para casar com colonos franceses

JULIA MALYE



JULIA MALYE

# PELICAN GIRLS

Tradução de  
NUNO CARVALHO



# Índice

Pelican Girls

Créditos

Dedicatória

Prólogo

Parte I

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Parte II

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Parte III

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Nota da autora

[Agradecimentos](#)

[Sobre este livro](#)

[Sobre a autora](#)



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Edição em formato digital: junho de 2024

PELICAN GIRLS

Título original: *Pelican Girls*

© 2023, Julia Malye

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

[correio@penguinrandomhouse.com](mailto:correio@penguinrandomhouse.com)

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editora: Amaia Iglesias

Coordenação editorial: Eva Arim

Tradução: Nuno Carvalho

Revisão: Teresa Antunes

Capa: Joanne O'Neill

Adaptação da capa: Wonder Studio / Carolina Leonardo

Imagem da capa: *The Land of Evangeline*, Joseph Rusling Meeker, 1874;

© Sepia Times/Getty Images

ISBN: 978-989-583-174-6

Composição digital: [Simon and Sons ITES Services Private Limited](#)

Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [topseller.editora](https://facebook.com/topseller.editora)

Instagram: [topseller.suma](https://instagram.com/topseller.suma)



À minha mãe, ao meu pai

Em 1720, um navio chamado *La Baleine* zarpou da costa atlântica francesa levando a bordo mulheres em idade fértil, criadas ou internadas no hospital de Salpêtrière, em Paris. Prontas a sacrificar tudo para evitar novas perseguições sociais, estas mulheres viajaram para a Luisiana, estado também conhecido por «Pelican State» devido à abundância de pelicanos na sua costa, num momento em que «o Mississípi», nome que os franceses davam à região naquela época, precisava desesperadamente de colonas. Chegaram à colónia em 1721. Inspirado na sua história, este romance é uma homenagem a todas essas mulheres corajosas que permaneceram durante demasiado tempo ocultas na sombra da História dos Estados Unidos da América e da França.

# PARTE I

Ao chegarem, a luz ofusca-as. É o sol de Nova Biloxi, inusitadamente brilhante para uma manhã de janeiro. Depois, os olhos das mulheres adaptam-se à luz e veem a praia branca e uma multidão imóvel, homens descarnados e tismados pelo sol em bicos de pés. Nas canoas, as raparigas agarram-se umas às outras. As solas dos sapatos ficaram tão finas que elas sentem a madeira grosseira na planta dos pés. Quando os marinheiros deixam de remar, a poucos metros da costa, algumas mulheres tentam levantar-se nas pirogas instáveis. O ar húmido cola-se-lhes às gargantas como pão molhado.

Pela primeira vez em três meses, conseguem finalmente ver a areia que a água lhes escondia durante a travessia do Atlântico. Tinham, por fim, vislumbrado o fundo do mar no início da manhã quando desembarcaram do *La Baleine* e atravessaram a praia da ilha do Navio, onde viram a madeira retorcida a flutuar, abandonada, ao longo da linha da água, as ratazanas a subirem as dunas e a passarem-lhes por entre os tornozelos antes de se porem em fuga novamente. Algumas pensavam que a viagem tinha terminado, que a Luisiana era apenas aquela pequena ilha. Ninguém se dera ao trabalho de lhes explicar que os barcos não podem ancorar em Nova Biloxi por a água que banha a cidade não ter profundidade suficiente. Desde que haviam deixado Paris, ninguém se havia dirigido às mulheres.

Agora estão debruçadas sobre a amurada da embarcação a olhar para o mar. Rochas, conchas, peixes: rápidos e brilhantes, a cintilar no canto do olho. Uma das mulheres grita e as outras, sobressaltadas, olham em volta e agitam-se nos assentos. Ouve-se um chape e a mulher tenta alcançar a canoa que acabou de se virar ao contrário. Mas uma freira já está a agarrar-lhe o braço e dois remadores endireitam a piroga. O vestido da mulher espalha-se pela superfície como tinta preta e ela tenta pôr-se em pé e parece prestes a chorar, mas sabe que nenhuma das outras a poderá ajudar.

Por isso, as mulheres fazem a única coisa que podem fazer: dão as mãos umas às outras e... saltam.

*Paris, março de 1720*

## Marguerite

Marguerite tem de fazer uma lista. Dobra a carta do procurador-geral, tenta encontrar a posição correta para a perna: com a chuva dos últimos dias, a dor alastrou-se dos dedos dos pés para a coxa, e depois até aos dedos das mãos. É a hora da noite em que as mulheres já foram mandadas para a cama, em que as irmãs zeladoras já deixaram de fazer os inventários diários e em que os artesãos já fecharam as oficinas. Até as mulheres fechadas nas *loges aux folles*, as celas das loucas, estão em silêncio. Marguerite tira o toucado. Não deveria estar no gabinete depois do pôr do Sol. Deveria estar sentada no jardim, debaixo de uma mimosa em flor com ramos grossos que lhe fazem lembrar as perucas de certos homens. Lá, rodeada de margaridas e asfódelos, mesmo ao fim de tantos anos, Marguerite é capaz de se esquecer do verdadeiro odor do hospital de Salpêtrière.

Abre uma pasta fina. As mãos fazem-se trôpegas, tremem inesperadamente, e a lista do ano passado escorrega-lhe por entre os dedos e por pouco não escapa para debaixo da secretária. Marguerite apanha-a antes de lhe cair no regaço. Passou os últimos quinze meses a escolher as mulheres que iriam ser enviadas para o Mississípi. A primeira lista agradou ao procurador-geral; agora, *monsieur* Joly de Fleury escreve-lhe a dizer que foi o próprio governador da Luisiana que solicitou mais mulheres. Marguerite aproxima uma vela do papel. Não sabe por onde começar a nova lista.

O processo de seleção costumava ser diferente. A ideia de transferir prisioneiras para a colónia fora dela: ainda há pouco tempo, tinha a liberdade de escolher as mulheres que considerasse mais adequadas. Já não havia espaço suficiente em Salpêtrière, os dormitórios não chegavam para quem precisava realmente de abrigo. As camas eram ocupadas por criaturas que nunca iriam mudar. Era uma questão de perceber de quem se queria ver livre primeiro: envenenadoras, libertinas, rebeldes ou bruxas. Das duzentas e nove mulheres que ela

selecionara no ano passado, lembra-se particularmente de uma que inventava teorias da conspiração e que estava sempre a gritar palavras sinistras contra o rei quando estava na prisão. Marceline Janson. Não demorou a despachá-la.

Este ano, porém, não pode mandar para o navio ninguém da Grande Force, a prisão de Salpêtrière. *Monsieur Joly* de Fleury insistiu: o governador Bienville não quer mais prisioneiras. Quer cerca de noventa mulheres férteis, dóceis e capazes. O que significa mulheres arrependidas da Maison de Correction de Salpêtrière, ou raparigas do orfanato La Maison Saint-Louis. Imagina imediatamente Charlotte Couturier, uma órfã ruiva com doze anos e voz bonita, a viajar para a bárbara e desconhecida Luisiana, um território que inspira mais medo do que admiração em Marguerite. Não, Charlotte não. Marguerite prefere manter a criança em segurança em Salpêtrière; em poucos anos, poderá tornar-se uma das irmãs zeladoras no hospital. Marguerite tenta convencer-se de que precisa de mulheres mais fortes para enviar para o Mississípi.

Sacode a pena no tinteiro. A mulher das teorias da conspiração tinha uma irmã muito mais nova, ainda não corrompida. Marguerite faz por se lembrar do nome dela. Antoinette? Não, começa por «E» segundo se recorda. Pensa na sua própria irmã, na forma como as pessoas sempre tiveram dificuldade em compreender como a severa madre superiora de Salpêtrière e a elegante marquesa d'Argenson, esposa de um comissário da polícia reformado e mãe de outro no ativo, haviam crescido na mesma casa. Sob o título *Passagers de La Baleine*, escreve: «1) Étiennette (ou Antoinette?) Janson — entre quinze e dezassete anos.»

Só faltam oitenta e nove. Marguerite recosta-se na cadeira e a dor percorre-lhe o corpo, dos pés ao pescoço. No tinteiro, a tinta recorda-lhe os círculos que a pena desenhava.

— Abadessa?

Do outro lado da porta, a mulher repete a palavra de modo lamentoso; a interrogação, o único tom que conhece. A irmã Bailly está ciente de que não a deveria incomodar depois das completas, a última oração da noite.

— *Qu'y a-t-il?* — O que se passa?

A porta de madeira range quando a nova assistente a abre para entrar. Os movimentos da irmã Bailly refletem a forma como pensa. São deselegantes, meticulosos, extremamente prudentes.

— O que se passa?

— A supervisora das *loges aux folles* relatou novos casos de febre por mordedura de ratazana.

— Diga-me alguma coisa que eu não saiba já, irmã Bailly.

Marguerite detesta o medo que vê nos olhos da assistente. O que



ela queria era que a irmã Bailly resolvesse o problema sozinha.

— É a mulher demente — admite, por fim. — A Émilie Le Néant. Mais uma das birras dela.

Marguerite aproxima a perna má do corpo.

— Os guardas não podem fazer nada? E a irmã responsável?

— Tentaram. Ela não obedece.

Evidentemente. Há um mês, Marguerite ordenara que a rapariga fosse afastada de todos os sacramentos. Um caso perdido que lançava blasfêmias sempre que via livros, convencida de que eram Bíblias.

— As outras mulheres estão a começar a ficar agitadas.

Marguerite apoia as mãos na secretária para se levantar. As irmãs não conseguem fazer nada sem ela. Ultimamente, esta ideia assomalha cada vez mais à cabeça, e Marguerite sente sempre um laivo de orgulho e de alívio. Depois, a exaustão e o medo fazem-se sentir. Abana a cabeça em negação quando a irmã Bailly dá um passo em frente na direção dela.

— Vamos lá despachar-nos, então — diz Marguerite.

Não conseguem ir tão depressa quanto desejável. Marguerite faz o que pode para atravessar o pátio de Lassay o mais rapidamente possível, mas têm de parar quando chegam à igreja de Saint-Louis. A noite já caiu e lança sombras em volta dos guardas de serviço e dos poucos trabalhadores que se dirigem, apressados, para as suas casas. Marguerite encosta-se à parede à espera de que a dor abrande.

— Vamos?

Atravessam o edifício das Mulheres Velhas até à Cour Sainte-Claire, onde a bengala de Marguerite fica presa entre as pedras da calçada. À direita, só se vê uma janela iluminada na oficina das Mulheres Novas. Salpêtrière, a cidade de Marguerite, estende-se até ao infinito esta noite. Quando entram na Rue des Gardes, o silêncio é permeado por ruídos mais ou menos distantes: gritos vindos dos dormitórios, grunhidos do curral dos porcos, insultos do edifício dos Arqueiros. A prisão Grande Force ergue-se, imponente, à esquerda. Aquele bairro tem um quê de perverso, de sórdido, que nunca deixa de afetar Marguerite. Se ela tivesse supervisionado a construção de Salpêtrière, teria construído a prisão das mulheres na extremidade mais longínqua da cidade, onde ficam atualmente as Cozinhas e a Cour des Chèvres. Preferiria ter cabras a loucas no centro do seu hospital.

— Madre superiora — chama a irmã Elautin.

As vozes dos guardas baixam-se quando a responsável da Grande Force segura a porta aberta da prisão. Uma vela lança-lhe uma luz lunar sobre as faces, mas o toucado preto desaparece no escuro. O odor cavernoso do corredor infiltra-se, frio e nauseabundo, na garganta de Marguerite.

— Eu disse à irmã Bailly que não era necessário incomodá-la — diz a irmã responsável pela prisão. — Parece que a irmã Bailly ainda não está habituada aos barulhos do lugar.

— Agora não importa — replica Marguerite, e a assistente olha para ela como um cão que acabou de receber uma festa. No cimo das escadas, alguém grita a pedir mais vinho, a chamar por Pierre ou por Jean, e depois apenas a pedir ajuda. — Diga-me o que aconteceu.

— Uma das outras prisioneiras acalmou-a — informa ela.

— Alguém entrou na cela da Le Néant? — pergunta a irmã Bailly.

Marguerite lança um olhar irritado à assistente.

— É claro que não. Nesse caso, teria uma boa razão para chamar a nossa madre superiora — retruca a irmã Elautin.

— Quem é que a acalmou? — pergunta Marguerite.

— Uma mulher chamada Geneviève Menu.

Marguerite não costuma ter dificuldade em esquecer-se da irmã. Mas fora Lucie quem mandara prender e enviar a tal Geneviève Menu para a Grande Force, há dois meses, não sem antes advertir Marguerite para o carácter depravado da antiga lavadeira. Lucie, que nunca perdia uma oportunidade de lembrar Marguerite das relações que tinha com homens poderosos. Antes de o filho de Lucie ter seguido o caminho do pai e se ter tornado o novo comissário da polícia durante o breve mandato do tenente-general Machault, Marguerite não tinha dificuldade em deportar as mulheres que escolhia; agora, o homem responsável pelas autoridades volta a ter o apelido da irmã. Lembrar-se de Lucie nem que seja só uma vez por dia costuma ser suficiente para a irritar, e a bengala por pouco não atinge o vestido da irmã Elautin quando ela a levanta para apontar para a prisão, a Grande Force.

— *Allons*, mostre-nos o caminho.

Ao passarem por pátios estreitos e celas exteriores onde o céu se faz mais pequeno, Marguerite tenta lembrar-se melhor de Geneviève Menu. Quando começou o serviço em Salpêtrière, tinha capacidade de se lembrar de centenas de nomes e rostos. Ainda vê os olhos de bebé de Charlotte Couturier a desviarem-se devagar dos dela e a incidirem nos da responsável do orfanato naquela noite de janeiro de 1709. Mas, por alguma razão, não se consegue lembrar das circunstâncias do recente encarceramento de Menu. Nunca se conheceram, isso é certo. Agora, a única coisa de que Marguerite se consegue lembrar é de se sentir frustrada com a irmã por Lucie se ter atrevido a dizer-lhe novamente o que fazer com as residentes. As chaves da irmã responsável pela prisão caem-lhe na mão, frias e pretas como mexilhões frescos.

— A Le Néant está em confinamento solitário, lá ao fundo. — A irmã Elautin estende uma vela a Marguerite.

Marguerite tapa o nariz com a mão entrefechada. É a semana do mês em que os dormitórios cheiram a metal e pele molhada. Todos os invernos, o sistema de evacuação que passa na ala oriental de Salpêtrière transborda quando as águas do Sena, que desliza ao lado, correm rápidas e alterosas, e deixa a prisão encharcada de um odor que parece tão sólido como lama seca ou excrementos de pássaros: um aroma penetrante que Marguerite sabe que lhe vai deixar o vestido empestado e permear o toucado. No escuro, ouve movimentos dentro das celas, massas a mover-se na palha, um soluço baixo, mas nenhum dos gritos que esperava ouvir. Detém-se ao chegar ao final do corredor.

De início, não vê nada de anormal. A luz da vela atravessa a primeira cela e tremeluz nas barras do limiar da porta. Depois, ouve-o: um batimento repetitivo, insistente, incessante. É um som que Marguerite conhece: na Crèche já viu bebês a baterem com as cabeças nos cestos mais de uma vez para se embalarem com pequenas pancadas que deveriam ter sido afagos das mães. Le Néant também está deitada sem se mexer, a dormir. Os tornozelos parecem mais finos sob os grilhões; o corpo nu está arrepiado e coberto de fiapos de um cobertor coçado. O barulho continua.

Quando Marguerite levanta a vela para a cela seguinte, vê um corpo ajoelhado e nós dos dedos vermelhos a baterem contra uma parede. A prisioneira não pára, nem quando a luz lhe ilumina os pés, nem sequer quando vira a cabeça para as grades e deixa os olhos exaustos pousar em Marguerite, que retribui o olhar tempo suficiente para reparar nos vasos sanguíneos que formam uma teia intrincada em volta das íris azuis da mulher e sentir a dor a voltar a latejar-lhe na perna. Quando volta para junto da irmã responsável pela prisão, não tem a certeza de quem desviou o olhar em primeiro lugar: se foi ela ou a mulher que trabalhava para a irmã.

— Faça o que for necessário para que a pobre criatura se vista — diz Marguerite quando chega à porta. — E transfira a Menu para os dormitórios da Maison de Correction.

A irmã Elautin dá sinal de querer falar, mas não diz nada. A irmã Bailly oferece-lhe timidamente um braço, que Marguerite agarra até chegar aos seus aposentos. Quando se senta na secretária, acrescenta um segundo nome à lista de passageiras do *La Baleine*.

Na primeira vez que Marguerite entrou em Salpêtrière, o Hospital Central tinha treze anos. Marguerite tinha dezoito. Foi a última vez que usou um vestido azul, com pespontos bordados em tom prata que lhe circundavam o pulso como algemas. O cabelo preservava a cor de uma maçã aberta deixada ao ar numa mesa da cozinha. Marguerite não tinha escolhido tornar-se irmã zeladora, mas estava determinada a

não ir para casa e a não se casar, como fizera Lucie, a irmã de sangue.

Foi em 1669. *O Tartufo* de Molière podia finalmente ser apresentado ao público. Numa tarde quente de abril, em frente de uma multidão silenciosa, Louis XIV beijou os pés de doze indigentes. Um dia antes de Marguerite sair da capital para ir para Salpêtrière, Lucie não parava de falar sobre Paris. Estava a aplicar uma mistura de clara de ovo e alvaiade no rosto para esconder as cicatrizes da varíola que lhe tinham fustigado a pele de bebé. Pintara veias azuis no peito para que a pele parecesse mais clara.

No ano anterior, antes de o pai de ambas ter decidido que ela deveria servir a causa do novo hospital, Marguerite não teria, provavelmente, prestado muita atenção a nada disto. Mas, a partir do momento em que soube que estava a caminho de Salpêtrière, ouvia com interesse todas as histórias relacionadas com os pobres. Não tardaria a ir viver entre eles. Observou Lucie a colocar um pedaço de tafetá preto na face esquerda e ouviu-a a divagar sobre os beijos nos pés. Marguerite imaginou dedos pretos e unhas partidas, os lábios carnudos do rei. Depois Lucie virou-se para a encarar.

— Não te preocupes — disse. — No lugar para onde vais, não terás de beijar ninguém. E duvido que venha a haver qualquer outro tipo de contacto físico.

Afinal, Lucie tinha razão sobre os beijos. Mas estava enganada relativamente a tudo o resto. Ao longo dos cinquenta e um anos que passou em Salpêtrière, Marguerite teve de segurar e amparar muitas mãos descarnadas e sem unhas nas dela.

Cresceu a ouvir falar das pessoas pobres de Paris. Depois das Frondas, o pai contava-lhe histórias sobre os agricultores expropriados que fugiam do campo e se fechavam em subúrbios tão estreitos que o ar e o sol não conseguiam descer para além das chaminés das casas degradadas. Falava do bairro de Chasse-Midi, onde as pessoas entravam à socapa em matadouros para roubar restos de animais. Em 1642, haviam sido assassinados mais de trezentos homens em Paris; o pai de Marguerite não se cansava de repetir os números, tão maravilhado como se estivesse a contar moedas de ouro. Mesmo depois de o Cour des Miracles ter sido limpo, continuava a contar a história de um soldado falso de que ouvira falar e que desenrolava as ligaduras da perna sem nenhuma mazela após ter passado um dia a pedir ajuda aos transeuntes. O pai falava dele como se se tivessem conhecido. Depois levantava-se do sofá de dois lugares e olhava para o rio Bièvre, que transportava ossos ressequidos e folhas de salgueiros para o Sena. Marguerite demorou anos a compreender que o pai não sabia nada sobre os pobres. Que os pobres não passavam de um tema de discussão com os administradores reais e espectros que ele via da carruagem quando voltava de Versailles para casa.

Marguerite não foi a primeira escolha do pai para trabalhar em Salpêtrière. Vários anos após o rei fundar o hospital, o pai de Marguerite decidiu enviar Lucie. Na altura, fazia sentido, até para Marguerite. Lucie era atenta e esperta, e tinha uma teimosia que as pessoas confundiam com paciência ou determinação. Era o tipo de pessoa cujas excentricidades eram desculpadas e a beneficiavam. Quando bateu a porta do apartamento onde viva na cara do conde, houve alguém que disse «Oh, é tão típico da Lucie fazer isto». O pai delas estava convencido de que, com as ideias e o arrojo que tinha, Lucie transformaria o hospital numa instituição moderna.

Mudou de ideias quando o futuro comissário da polícia pediu a mão de Lucie em casamento. Foi numa manhã quente de inverno, com um céu cor de laranja que derretia a neve. Virou-se para Marguerite, falou-lhe novamente do homem do Cour des Miracles que fazia de conta que era um soldado ferido e disse-lhe que pessoas como ele poderiam precisar de ajuda de uma mulher como ela.

Marguerite não sabe bem que tipo de mulher é. O que ela sabe é que, com sessenta e nove anos, continua a tentar provar que deveria ter sido a primeira escolha.

Marguerite espera as irmãs zeladoras no refeitório. Não demorarão a chegar e ficarão todas contentes quando ouvirem a missão que lhes vai ser atribuída: as responsáveis da Maison de Correction e da Maison Saint-Louis irão ajudá-la a fazer a lista. Uma simples fonte de inspiração, como Marguerite se tem tentado convencer a manhã inteira. Inclina-se para a janela, perscruta a Cour Saint Louis em busca dos hábitos pretos e brancos das mulheres, mas está quase na hora do jantar e é impossível ver quem quer que seja no meio da multidão azafamada. Sabe, de olhos fechados, o que irá encontrar atrás do edifício de Mazarin e da oficina de Saint-Léon: a igreja de Saint-Louis seguida de um labirinto de pátios, dezenas de dormitórios e oficinas, mais ruas que conduzem às Cozinhas, ao edifício da Rouparia, à Enfermaria e, por fim, ao maior jardim do hospital, o jardim Le Marais. E, neste momento, logo ali abaixo da janela, vê um ajuntamento de irmãs zeladoras, criadas, carroceiros, arqueiros e padres entre as bancas do mercado, junto à Porte des Champs como se, de repente, Salpêtrière, a cidade de Marguerite, se resumisse àquele primeiro pátio.

— Madre superiora.

A porta fecha-se com estrondo. A irmã zeladora da Maison de Correction levanta-se da vénia e senta-se à mesa. As faces da irmã Suivit estão sempre afogueadas. Margarida nunca sabe se é do frio, do calor, ou de alguma emoção misteriosa que passa por detrás dos seus olhos esguios.

— Queria falar consigo sobre a rapariga que veio da Grande Force. Geneviève Menu. Duvido que mulheres da laia dela sejam capazes de arrependimento.

Marguerite bebe mais um gole de vinho. Há alguns anos, ninguém poria em causa as suas decisões. Transferia prisioneiras de um dormitório para o outro a seu bel-prazer.

— Está a querer dizer que ela não merece um lugar na sua Maison?

— Receio não ser a única a pensar assim — confirma a irmã Suivit.

— Continuo a pensar que a Menu deveria permanecer em confinamento solitário.

— Então ficará contente por saber que talvez não fique na sua Maison por muito tempo.

A zeladora franze o sobrolho; Marguerite repara imediatamente no erro que acabou de cometer. Sempre fez questão de não partilhar nada com as subordinadas a não ser o estritamente necessário. Quando não conhecem as motivações de Marguerite, as subordinadas partem do princípio de que ela tem as suas razões para as decisões que toma. Alguém bate à porta, e aparecem três irmãs zeladoras, seguidas de uma empregada e do cheiro a carne; os jarros de vinho deixam círculos molhados e entrecortados na madeira. Lá fora, os sinos da igreja tocam para a sexta, a oração do meio-dia. Quando Marguerite olha de relance para a diretora da Maison de Correction, a mulher está a olhar fixamente para ela como se ela fosse uma daquelas bonecas sem olhos de que tanto gostava.

De volta aos aposentos, Marguerite não se surpreende ao ver uma carta de Lucie em cima da secretária. Não abre o envelope imediatamente. Antes disso, dirige-se à estante de arquivos enquanto murmura o alfabeto, como faz sempre, quando procura qualquer letra depois do «D». O papel que retira de lá está branco, ao contrário dos outros abaixo que cobria, que apresentam já o tom acastanhado da casca dos ovos. O documento contém informações como a idade da reclusa no momento da detenção (vinte e dois), os nomes dos pais (Jacques Menu e Anne Foret), a data do encarceramento (12 de janeiro de 1720) e a pessoa que solicitou a carta de prego (Lucie de Voyer, marquesa d'Argenson). E, no fundo da página, com letras tão pequenas que Marguerite tem de se inclinar para a lareira para as ler: abortadeira.

Embora tivesse tido de lidar com mais de uma assassina de crianças ao longo da carreira, a situação não deixava de ser delicada. Sabe que deveria ligar para a irmã zeladora da Grande Force, pedir-lhe que levasse Menu de volta para a cela e deixá-la tocar todas as melodias de embalar que quisesse a Le Néant. No entanto, quando dá por si, Marguerite está a abrir a carta da irmã, ciente do que vai encontrar no interior. Lucie sempre exagerara na gravidade das coisas.

Aos doze anos, dizia que um jarro de leite azedado era um atentado à sua saúde. Aos setenta e dois, dizia que uma criada devassa era uma assassina.

Na carta, Lucie proferia acusações mais graves. Quer que Menu seja recolocada imediatamente em confinamento solitário. Os parágrafos são densos, cheios das perguntas retóricas e das exclamações habituais. Marguerite detém-se na última: «Tem piedade das crianças cujas mães aprenderam a arte dos mais bárbaros assassinos!» Porém, Marguerite não sente piedade. Sente raiva e desilusão. Raiva de Lucie por estar sempre a interferir, desilusão em relação a Geneviève, cujas ações dificultam muito o perdão. Imagina a prisioneira agachada na cela, os impassíveis olhos azuis sob a luz da lanterna. Na rua, ouve o som de passos no piso molhado do Jardim das Irmãs. Um rapaz grita que há fruta da Quaresma à venda.

Marguerite não vai mudar de ideias. Retira o ficheiro de Menu dos arquivos da Grande Force e coloca-o na pilha reservada para a Maison de Correction. Não lhe importa muito se Geneviève é o monstro que a irmã descreve. Pega numa folha de papel. Vai escrever a Lucie. Vai explicar-lhe o que ela deveria ter compreendido há muito tempo: que, sob a orientação de Marguerite, Salpêtrière pode transformar uma assassina de crianças numa mãe extremosa.

Marguerite nunca pôs em dúvida o trabalho do hospital. A única ocasião em que esteve perto de o fazer foi há onze anos, no inverno de 1709. Naquele ano, nem ela nem as irmãs de Salpêtrière estavam preparadas para a vaga de frio que se abateu sobre a cidade. Ninguém em Paris estava preparado. Nos primeiros dias de janeiro, um vento glacial varreu a capital. Parou tudo. No Bosque de Bolonha, as árvores explodiram, enchendo os caminhos de cascas congeladas. Em duas noites, o Sena congelou. Os dormitórios de Salpêtrière não demoraram a encher-se de novas residentes, desesperadas por fugir às ruas da cidade. E havia muito mais gente a suplicar para entrar, num fluxo interminável. Lucie, por sua vez, podia, certamente, aquecer os quartos da sua mansão, mesmo em tempos de escassez de lenha.

Uma noite específica desse inverno nunca se afastou da memória de Marguerite, meses de tormenta condensados numa única recordação viva e dolorosa. A noite já tinha caído quando foi chamada para o orfanato infantil. Marguerite lembra-se do vento frio a penetrar-lhe no corpo com tal contundência que ficou com a cabeça a andar à roda; o gelo deixara as escadas da Crèche tão escorregadias como as pedras da calçada dos pátios. Marguerite ouviu os choros dos bebés e sentiu o cheiro fétido de lã suja muito antes de chegar ao dormitório principal. No interior, metade do compartimento estava às escuras. Já não havia velas suficientes e só uma das duas lareiras tinha

lume a arder. As irmãs zeladoras, conhecidas como tias na Crèche, alimentavam, limpavam e acalmavam as crianças. Nos braços das religiosas, com os olhares empedernidos, os rostos dos bebês pareciam velhos. Marguerite demorou algum tempo a encontrar a responsável do orfanato.

Quando a encontrou, saiu com ela para o corredor que dava para as escadas das traseiras. A irmã zeladora parecia tão exausta que Marguerite teve vontade de a mandar sentar-se, mas não havia cadeiras disponíveis. A madre superiora sugeriu que os bebês que não tinham um berço fossem enviados para junto dos órfãos mais velhos da Maison Saint-Louis, mas, enquanto falava, ouviu-se um barulho. Parecia um gatinho, um cachorrinho, um animal em sofrimento. Era um bebê, com não mais de seis meses, deitado no cimo das escadas.

Ao ver que a responsável pelo orfanato não mexia um músculo, Marguerite pegou na criança ao colo. A cabeça da bebê parecia enorme. E o corpo estava tão emaciado que Marguerite sentiu as omoplatas da criança a deslizar-lhe no polegar. Quando se virou, viu a irmã zeladora a correr para o dormitório sem olhar para trás. Marguerite sentiu um nó no estômago. A mulher não se sentia capaz de receber mais nenhuma criança, mas não tinha outra opção. A madre superiora olhou para o bebê: olhos cinzentos com laivos de azul, cabelo ralo que se fez ruivo quando Marguerite voltou para a luz débil do dormitório. A menina fora abandonada, depois esquecida. Marguerite não podia fazer muito para ajudar as pessoas que morriam nas ruas de Paris. Em Salpêtrière, contudo, a situação era diferente. Na sua pequena cidade, as crianças pequenas recebiam todos os cuidados, por mais frio que fosse o inverno.

Voltou ao orfanato no dia seguinte e um dia depois também. Lembrou-se de que era como quando tinha vinte anos e andava de dormitório em dormitório. Com cinquenta e oito anos, dizia a si própria que voltava por causa de todas as crianças, não apenas por causa de uma. Aprendera, não sem dificuldade, como jovem irmã zeladora, que não podia fazer tudo: que a mulher epilética teria morrido independentemente do que ela fizesse, que a devassa grávida de treze anos nunca fora suficientemente forte para aguentar o parto. Já a instituição, o pessoal que dirigia, podia salvar pessoas. Marguerite podia mandar vir mais velas, mais lenha, mais cobertores para os bebês. E foi o que fez. Podia reformar a educação das órfãs, subitamente muito mais numerosas depois do inverno de 1709, e era o que iria fazer.

Nunca mais pegou na menina ao colo. Sabia que, como qualquer outra residente, a criança poderia estar morta da próxima vez que visitasse o orfanato. A bebê foi batizada com o nome de Charlotte, mas ficou conhecida como «Couturier» devido ao bordado que trazia



no punho. Tirando isto, Marguerite nunca viria a saber mais nada sobre a origem da criança. Não importava. Salpêtrière era o futuro dela, o único que ela e as outras órfãs tiveram na vida.

Em abril as responsáveis da Maison Saint-Louis e da Maison de Correction informaram Marguerite de que tinham uma lista de nomes para lhe entregar. O Jardim dos Pobres gotejava ao fim de um dia de chuva que não impediu que a nave da igreja de Saint-Louis se tivesse enchido de uma multidão maravilhada para uma majestosa missa de Páscoa. No dia seguinte, Marguerite vai até ao orfanato.

As órfãs são tão jovens que ela cede à tentação de pensar que nunca se transformarão nos corpos uivantes trancados nas *loges aux folles*. Instiga-se a não procurar Charlotte. Marguerite sabe que a pequena ruiva não estará entre as crianças. A nova irmã responsável pelo orfanato foi avisada; o nome de Charlotte não deveria ser incluído na lista.

— Estão a regressar de Sainte-Claire — informa a irmã Brandicourt com entusiasmo, fazendo um sinal para que o grupo de raparigas se ponha em fila. Passam todas as manhãs no pátio até à terça e aprendem a bordar, coser e rendilhar. Conhecem a Bíblia. As mais inteligentes sabem ler e escrever. A nova responsável não pára de falar, como se não tivesse sido Marguerite a definir a rotina das crianças. — São aptidões preciosas para levar para as nossas colónias — acrescenta a jovem mulher, assentindo como se alguém lhe tivesse feito uma pergunta.

Têm quarenta raparigas à frente delas, a olhar para os pés, para os colchões que partilham, para uma bebé que está a espreitar pela porta do dormitório. Os rostos tornam-se indistintos aos olhos de Marguerite. A responsável pelo orfanato segue-a de perto quando ela caminha até ao fim da fila, como se as órfãs fossem um serviço de porcelana que Marguerite pudesse quebrar.

A madre superiora dirige-se apenas a uma delas, escolhida ao acaso. Pergunta-lhe se está disposta a ir para a Luisiana, e, embora a voz da órfã não seja mais do que um suspiro, o rosto orgulhoso da irmã Brandicourt diz tudo o que Marguerite precisa de saber. Dá uma palmadinha no braço da rapariga. Na última reunião da direção, o procurador-geral do rei afirmara insistentemente que as passageiras deveriam ser, até certo ponto, voluntárias. Se as órfãs de Salpêtrière estivessem dispostas a ir, acrescentou *monsieur* Joly de Fleury, não seria necessário usar grilhetas ou correntes durante a viagem, como tinha acontecido nas viagens anteriores. Não seriam necessários oficiais do quarto pagos para arrebatrar crianças e vagabundas às ruas. No mês anterior, os parisienses, furiosos com as detenções, haviam atacado os bandoleiros do Mississípi. Havia rumores de que vários

desses polícias foram mortos pela multidão furiosa.

A visão assombra Marguerite. A reação dos parisienses significava que tinham pressentido, de uma forma ou de outra, o que ela temia. Que o ouro escondido nos rios da Luisiana não passava de um reflexo ofuscante do Sol na água; que a terra era enorme, inóspita, com florestas cheias de animais suficientemente grandes para engolirem os colonos por inteiro.

A irmã Brandicourt acompanha-a à porta; Marguerite olha de relance para as órfãs. Está a fazer o seu trabalho. Os maridos irão protegê-las. Vê-as a desmobilizarem-se e detêm-se. No meio do dormitório, Charlotte está a correr em direção a uma das candidatas selecionadas pela irmã zeladora. Charlotte é franzina, mesmo para a idade. O nariz cruza-lhe abruptamente as faces; parece mais bonita de perfil, mas o tempo poderá provar que Marguerite está errada. O rosto da rapariga tem a mesma expressão melancólica, ansiosa e expectante, como se lamentasse algo de que não tivesse conhecimento. Puxa uma mecha de cabelo ruivo para trás da orelha, depois agarra o braço da órfã, limpa-lhe os olhos e abana a cabeça para responder a uma pergunta que Marguerite não consegue ouvir. Quando a madre superiora pergunta à irmã Brandicourt como está Charlotte, o sorriso da jovem freira desaparece.

— Ela recusou-se a cantar esta manhã — responde a irmã zeladora.  
— Ficou muito zangada quando eu lhe disse que não estava na lista.

Ao atravessar a Cour Mazarine a caminho da Maison de Correction, Marguerite não consegue libertar-se da sensação de desconforto que se abateu sobre ela no orfanato. Charlotte não faz ideia do que é o Mississípi, um lugar onde a sua bela voz não serviria de nada. Não sabe nada sobre os soldados que morrem à fome na Luisiana, facto que Marguerite também desconhecia até ter ouvido uma discussão na última reunião da direção do hospital de Salpêtrière. Marguerite não sabe muito sobre a colónia, mas tem a certeza de que Charlotte está mais segura com ela em Salpêtrière.

Quando Marguerite entra no dormitório da Maison de Correction, as residentes não desviam os olhos dos fusos de lã. Ao contrário da responsável pelo orfanato, a irmã zeladora da Maison de Correction não se preocupou em dispor as candidatas numa fila. Todas elas já pecaram; a família enviou-as para ali na esperança de que se emendassem. As mulheres mais abastadas têm quartos individuais do outro lado do edifício. As mais pobres vivem ali, nos dormitórios. O sol de abril lança sombras sobre a sala, e quem olha para o chão não saberá dizer onde começam as raparigas e onde acabam as rocas.

— Estão quase todas aqui — diz a responsável. Fala alto para que a madre superiora a possa ouvir, apesar do barulho dos engenhos de fiar. Começa a apontar para algumas residentes. Umas levantam as

cabeças, outras não. Enquanto caminha com Marguerite pelo corredor principal, a irmã Suivit explica que recebeu um pedido da família de uma mulher, uma das ricas, que tem um quarto só para si.

Marguerite concentra-se nas fendas no chão para não tropeçar. Quando percebe que a zeladora está a olhar para ela, pergunta o nome da rapariga.

— Béranger — responde a irmã Suivit. — Chama-se Pétronille Béranger. A mãe escreveu-nos a dizer que já não podem pagar a pensão.

O que significa que se acabam os privilégios: acabam-se as velas, a cama só para ela e a lenha para a lareira.

— Vai ser transferida para aqui, para ficar com as demais — informa Marguerite.

A zeladora hesita.

— Isso pode vir a ser um problema — aponta. — Ela é diferente. As outras raparigas não a vão compreender.

A irmã Suivit olha para Marguerite, à espera. No entanto, a madre superiora não tem mais nada a dizer. O seu olhar incide num assento vazio e uma roca parada. Pergunta se falta alguém.

— A Menu foi autorizada a dar um passeio no jardim hoje de manhã.

— Isso significa que o comportamento dela foi satisfatório?

— Foi — responde a irmã Suivit. Alça um pouco a cabeça. — Até faltar à catequese.

— Gostaria de a ver.

As rocas continuam a rodar, aparentemente mais depressa, refletindo feixes de luz que tremeluzem nas paredes.

— Madre superiora, não sei se...

— Ora, mas sei eu.

A mulher que Marguerite encontra na cela da Maison de Correction tem pouco que ver com a que viu agachada pela última vez na Grande Force em março. A sua pele está mais luminosa, menos macilenta, e o ralo cabelo castanho-claro encaracolado enche o toucado que antes assentava diretamente na cabeça rapada. Parece mais alta sob a janela baixa; a luz incide-lhe nas maçãs do rosto elevadas e penetra-lhe nos olhos azuis. Olha para Marguerite como se estivesse a prever o próximo movimento de um animal de grande porte.

— Sabe porque foi transferida para a Maison de Correction?

Geneviève não parece ouvir; a sua cabeça está virada para uma das esquinas do quarto. Marguerite tem de dar mais um passo para compreender para onde a prisioneira está a olhar. Depois vê um punhado de ratazanas viscosas, a empurrar os focinhos cor-de-rosa contra a barriga lassa da mãe. Geneviève ainda está a olhar para elas

quando pergunta:

— Porque a Lucie d'Argenson morreu?

Marguerite recua. É a primeira vez que ouve alguém a omitir o título de marquesa de Lucie; e a primeira vez que alguém articula que tinha morrido. Ouve Geneviève a dizer alguma coisa sobre Lucie lhe ter prometido que, enquanto estivesse viva, Geneviève nunca deixaria aquela cela.

— Não — responde Marguerite. Apoia o peso na perna direita. — A zeladora está a pensar enviá-la de volta para a Grande Force. Se continuar a desaparecer como desapareceu hoje, posso não ter escolha senão dar o meu aval à decisão.

Geneviève olha para ela com os olhos frios e severos. Depois ajoelha-se mais perto das ratazanas, com o braço estendido em cima delas, a atravessar o feixe de luz do Sol como se estivesse a preparar-se para pegar numa. No entanto, limita-se a mexer as mãos e a olhar para as sombras dos dedos a acariciarem as crias cegas. Marguerite pega na bengala. Tinha esperança de que a mulher por que estava a lutar o merecesse.

— Em junho, irá partir um barco para o Mississípi — diz. Não consegue encontrar a chave certa, a que a zeladora lhe indicou. — Se for capaz de se comportar durante algumas semanas, poderá ter a oportunidade de entrar a bordo.

A expressão de Geneviève faz-se mais dócil por instantes, os músculos do pescoço desaparecem sob a pele, a mão descai para junto da ilharga. Quando abandona a cela, Marguerite ouve-a a dizer:

— Não é a senhora que decide? — O tom não é de maldade; lembra a Marguerite a forma como as crianças fazem perguntas, um tom que ouviu Charlotte a usar há alguns anos, com genuíno interesse e pronta a repetir a mesma frase até a resposta a satisfazer.

— Gostaria muito de ser — responde Marguerite, de costas voltadas. Desta vez, não tem de pedir ajuda a Geneviève para fechar a porta. A prisioneira empurra-a, até a fechadura estalar no lugar.

A irmã Suivit só pede que Marguerite volte à Maison de Correction uma vez. Encontram-se no outro lado do edifício, onde estão as residentes abastadas: jovens ligeiramente perturbadas, mulheres temporariamente pouco convenientes encarceradas em celas douradas por família e amigos. A zeladora quer falar sobre a tal Pétronille Béranger novamente.

— A mãe dela continua a fazer de conta que é uma senhora de grande estatuto — diz —, mas, pelo que ouvi, pode não continuar a sê-lo por muito tempo. — A irmã Suivit baixa a voz. — O pai é um apostador e está a delapidar a fortuna da família. — Marguerite segue-a pelas escadas acima. Lembra-se finalmente do que a irmã zeladora

disse sobre os pais não serem capazes de pagar a pensão da filha e sobre o facto de a rapariga ser diferente. À primeira vista, a mulher que Marguerite encontra à sua frente não parece nada de extraordinário. Tem ombros estreitos e clavículas encovadas; as sobrancelhas são escuras e finas. Mas, quando Pétronille se vira, Marguerite vê que a rapariga tem um sinal de nascença branco na face direita que vai do maxilar ao canto da boca. A única vontade que a madre superiora tem é de a esfregar até não restar nada. Sentada junto à lareira do quarto, Pétronille está debruçada sobre as páginas de um herbário. — Que cores tão bonitas — observa a irmã Suivit, apontando para as pétalas secas. — Fez isto tudo sozinha, *mademoiselle Béranger*?

A mulher olha para a zeladora como quem olha para as chamas de uma fogueira ou para as correntes de um rio. Vira-se para Marguerite.

— Obrigada por vir aqui. — A voz é serena. O indicador está pousado debaixo de uma flor delicada, púrpura e amarela. — Gostaria de ir para a Luisiana — diz.

Depois fica em completo silêncio, ajeita-se no assento e regressa ao livro.

— Como eu já lhe tinha dito — diz a irmã Suivit depois de fechar a porta do quarto —, receio que ela não se tenha integrado com as outras raparigas nos dormitórios. Desde que chegou, pouco falou, mas tem melhorado. — A zeladora sorri para Marguerite. — Talvez seja melhor que ela vá para o Mississípi. A reserva não é uma das melhores qualidades que se podem esperar de uma esposa?

Marguerite não tem a certeza se descreveria a mulher como reservada, e duvida que o possível marido na Luisiana o venha a fazer. Mas não contraria a irmã Suivit.

— Vamos acrescentá-la à lista — anuncia. Quando voltam para a saída, a madre superiora repara que a zeladora abranda para lhe acompanhar o ritmo.

Por uma vez, a irmã Bailly está longe de vista e Marguerite atravessa sozinha a Cour Mazarine. A verdade é que Marguerite não se importa muito que Pétronille Béranger embarque no *La Baleine*. A única coisa que ela quer é entregar a lista ao procurador-geral. Está cansada de ser responsável pela vida daquelas mulheres.

Este ano, a primavera abate-se sobre Paris de forma tão abrupta que a mudança de estação levanta suspeitas. As chuvas tornam-se raras e começam a aparecer rebentos de cebolinho, segurelha e cerefólio. Médicos de perucas suam no anfiteatro de Anatomia, o musgo seca entre as pedras dos edifícios; o preço do trigo diminui porque os camponeses antecipam um ano de abundância. Entre as Cozinhas e o Edifício da Rouparia, as lavadeiras olham para o céu seco

e preveem um verão molhado.

Marguerite tem dificuldade em desfrutar do clima ameno, da dor menos intensa na perna. Há duas semanas, a irmã Suivit pedira uma última vez que Geneviève fosse enviada de volta para a Grande Force. As irmãs queixavam-se da forma atenta como as outras prisioneiras a ouviam. Temiam que ela fosse uma má influência. Marguerite reiterou que Menu iria ficar onde estava; que, de uma forma ou de outra, as irmãs deveriam manter as prisioneiras em silêncio.

Faltam apenas três semanas para ter de enviar a lista para os membros da direção. A carta que escreveu a Lucie, na qual argumentava a favor de Geneviève, não obtivera resposta. No entanto, parece-lhe impossível que a irmã ceda tão facilmente. Sempre que alguém bate à porta, Marguerite espera ver Lucie a entrar-lhe de rompante no gabinete e a pedir que a levem à Grande Force para ordenar que Geneviève seja fechada nas *loges aux folles*. Mas quem entra é sempre a irmã Bailly para lhe fazer perguntas sobre o inventário trimestral, sobre duas jovens irmãs zeladoras em formação, sobre um carregamento de remédios a precisar de aprovação, sobre uma *libertina* de treze anos acabada de chegar e sobre uma condessa adúltera. Nos últimos tempos, a assistente começou a tomar a iniciativa.

O jardim privado é o único lugar onde Marguerite consegue manter todos esses pensamentos à distância

Está a olhar para a madressilva, as flores brancas e amarelas que cobrem o portão, quando o puxador de madeira começa a mexer-se. Marguerite endireita-se. Nem a irmã Bailly ousaria ir para ali depois das vésperas. Estende a mão para a bengala, mas, antes de ter tempo de a agarrar, uma silhueta delgada, menor do que a da assistente, entra no jardim. O toucado da rapariga está bem atado sob o maxilar. Cobre-lhe metade da testa, mas Marguerite reconhece o nariz pequeno e o rosto salpicado de sardas de Charlotte.

— O que está aqui a fazer? — pergunta a madre superiora. Atrás de Charlotte, o portão ficou entreaberto. Marguerite não quer imaginar o que os padres que estão a sair do seu próprio jardim pensariam se vissem uma rapariga num vestido de tiritana no jardim da madre superiora. — Feche a porta, depressa.

Charlotte obedece. E fá-lo novamente quando Marguerite lhe faz sinal para que ela se sente ao lado dela no banco. Senta-se na ponta. Mais acima, o céu do início de maio é de um azul tão pálido que parece branco. O rosto de Charlotte não denuncia qualquer emoção.

— Vai faltar às completas — avisa Marguerite. Ao ver que a criança não responde, a superiora acrescenta: — Não vou perguntar como encontrou o caminho para chegar até aqui.

Charlotte sorri ao ouvir estas palavras. Parece estar muito satisfeita

consigo própria, feliz por conhecer Salpêtrière tão bem como conhece. Não é algo de que devesse orgulhar-se, nem ela nem Marguerite.

— O que quer? — pergunta.

Charlotte olha-lhe para os olhos cinzentos arregalados.

— Porque é que o meu nome não está na lista?

As razões parecem-lhe tão óbvias que Marguerite não responde imediatamente. A Luisiana é um lugar perigoso e a lista é uma maldição. Se Marguerite tem de escolher raparigas da Maison Saint-Louis, pode muito bem optar por outras pessoas. É preciso ter uma pele curtida para atravessar um oceano e fixar-se na colónia. E nem ela nem Charlotte têm semelhante pele. Olha para Charlotte, que balança os pés para a frente e para trás com as mãos agarradas ao banco. No peito, as duas intumescências leves parecem deslocadas. A rapariga fala antes de Marguerite ter a oportunidade de o fazer.

— A *mademoiselle* Janson, que é minha amiga, foi escolhida. — As pernas de Charlotte começam a balançar mais depressa. — Quando a Étienne se for embora, eu vou ficar sozinha.

— Não. Aqui em Salpêtrière nunca estará sozinha.

— Vou ficar sozinha — repete Charlotte com a voz mais baixa.

Marguerite respira fundo. Salpêtrière é a casa dela, a família dela. Já o é há décadas. E agora, ao lado de uma órfã de doze anos, uma rapariga aterrada com a perspectiva de ficar sozinha, a única coisa em que consegue pensar é em Lucie e na sua própria solidão. Gostaria de poder dizer a Charlotte para não se preocupar, que ela está ali para ajudar. Mas, independentemente daquilo em que Marguerite quis acreditar ao longo de tantos anos, a verdade é que nunca esteve: nunca estará, nem ali nem em lugar nenhum.

— Por favor — ouve Charlotte a dizer. Acima das árvores, as andorinhas mergulham no céu. Depois a criança acrescenta: — Prefere enviar uma criminosa para a Luisiana a enviar-me a mim?

— Como?

— Ouvi dizer que está a proteger uma mulher da Grande Force.

Marguerite olha fixamente para Charlotte. A criança não sabe nada, tirando o que uma irmã zeladora indiscreta lhe tenha dito. Não sabe da interferência de Lucie, não sabe que, se não fosse enviada para a colónia, Geneviève iria passar a vida a saltitar entre a Grande Force e a Maison de Correction: não sabe, enfim, que Geneviève, ao contrário de Charlotte, não está a enfrentar a sua primeira tentativa de sobrevivência.

— O que acontecerá com a Geneviève Menu não é da sua conta. — Marguerite fecha a mão em redor do castão da bengala. O marfim é frio sob os dedos. — Agora, é melhor ir — diz ela. — As irmãs zeladoras devem andar à sua procura.

Sem desviar o olhar de Charlotte, a madre superiora vê-a levantar-

se e fazer-lhe uma reverência rígida. Quando Charlotte se endireita, tem os olhos cheios de lágrimas. Marguerite observa-a a atravessar o jardim. Sente o coração a bater acelerado no peito. Quando Charlotte chega ao portão, Marguerite diz:

— Tenha cuidado no seu regresso.

Mas a voz sai fina e Marguerite não tem a certeza de que Charlotte a tenha ouvido. A madre levanta-se. Olha para o portão de madeira, imagina Charlotte a esconder-se ao fundo do beco estreito e a descer a rua à pressa, evitando os artesãos que estão a ir para casa e as irmãs zeladoras a sair dos dormitórios depois da última ronda. A menos que estejam acompanhadas pelo pessoal, as residentes não podem sair dos edifícios, e Marguerite já viu mais do que uma aprendiz embriagada a vaguear pelo hospital no crepúsculo. No entanto, sabe que Charlotte será prudente. Tem de ser. Assim que partir para a Luisiana, terá de saber defender-se sozinha.

No terceiro sábado de maio, Marguerite está pronta para apresentar a lista à direção. À porta da carruagem, a irmã Bailly pergunta-lhe se tem todos os documentos. Marguerite bate no baú com o pé, mas não olha para ver se o gesto é compreendido: a assistente tem vindo a tornar-se demasiado maternal ultimamente. Esta semana, a direção reúne-se na casa do presidente do parlamento. Os sete diretores do hospital, o procurador-geral do rei, o arcebispo de Paris e o comissário da polícia marcarão presença. Irão analisar a lista em conjunto, para depois a aprovarem. Lucie não demorará a fazer o mesmo.

Marguerite encosta a cabeça à janela. O céu está tão azul que parece plano e longínquo, e o trote dos cavalos sacode-lhe as peles do pescoço. Há pouca coisa à volta do hospital além do mercado equestre, os moinhos de vento a contemplarem o Sena, o castelo de Bicêtre e respetiva prisão e, ao fundo, dois lugarejos conhecidos por Ivery e Vitery. E só quando a carruagem adentra em Faubourg Saint-Victor é que Marguerite sente que chegou à cidade.

Ao longo dos anos, Paris foi-se tornando uma versão mais ampla e menos controlada de Salpêtrière aos olhos de Marguerite. As lavadeiras saem do Sena levando consigo o cheiro acre do rio. Mais à frente, o jardim Royal floresce à frente do hospital de La Pitié e os botânicos arrastam os pés na lama em direção aos laboratórios do rei. A berlinda passa à frente dos cônegos de Saint Augustin e respetiva abadia e desce até à Place Maubert. É dia de feira e a multidão junta-se em volta da fonte, em redor da carruagem de Marguerite, rostos a aparecer entre as cortinas, um rapaz zarolho com um cesto cheio de mel e óleo de amendoim a balançar-lhe no braço, ombros de homens curvados sob cordas de pele. O nó no peito de Marguerite aperta-se.



Por instantes, a madre superiora imagina que já está a caminho de casa, onde pode ser quem decide quando dispersar a multidão ou quando deixá-la alastrar-se.

Abre os olhos quando atravessam o rio. Vê água esverdeada a deslizar por entre as casas de madeira e ouve uma mulher a gritar «*attention*» antes de despejar um bacio pela janela. No final da ponte, um bebé agacha-se entre ovos partidos e a polpa viscosa respinga-lhe por entre os dedos. É então que surge a catedral de Notre-Dame, torres impossivelmente altas a elevarem-se na ilha, pilares nas traseiras que vão ao encontro da abóbada principal como vértebras de um animal monstruoso. Mais acima, as gárgulas têm as goelas abertas como se estivessem a tentar engolir um pouco do céu azul.

Quando a carruagem entra no terreiro da casa do conde d'Avaux, os homens já lá estão. No exterior, os cocheiros apoiam-se às colunas, com as cores dos librés a desenharem uma curiosa bandeira.

— Madre superiora, que prazer vê-la!

Marguerite sempre gostou do procurador-geral do rei. Os seus traços vincados contrastam com uma imperturbável placidez: ao longo dos últimos vinte anos, Marguerite nunca o viu descontrolado. Além disso, parece completamente alheio à idade de Marguerite. Tem por costume falar sobre ambos apontando para um futuro distante, fazer planos como se ela fosse durar mais do que Salpêtrière, e não o contrário.

— Sente-se, por favor.

Sob uma pintura de François de Troy, os homens parecem demasiado imersos na conversa para reparar em Marguerite. A madre superiora vê imediatamente o filho de Lucie — o conde d'Argenson —, tão bem-parecido como o pai, com a atitude dos homens habituados ao poder e uma boca em forma de coração que pareceria feminina não fosse o nariz volumoso. Discursa com convicção sobre a Companhia do Mississípi, sobre as ações compradas por centenas de pessoas no Banque Générale, e dá a entender que o escocês nomeado pelo rei como diretor-geral de finanças está a abusar da confiança dos acionistas, que *monsieur* John Law está a levar as pessoas à ruína com o seu dinheiro de papel. O novo comissário da polícia anui a tudo; Marguerite sempre admirou o ar tolerante do sobrinho imediatamente antes de rebaixar o interlocutor. Desta vez, não ouve a tirada que lhe lança. O anfitrião, o conde d'Avaux, está a gritar mais alto do que os demais, a prometer que o parlamento irá lutar contra o edital da semana anterior, que a crise especulativa será evitada. Ninguém o ouve.

— A Luisiana que o administrador nos vendeu não existe — acusa um dos diretores.

— Parece-me que tem de existir. Creio que a nossa cara madre

superiora nos trouxe a lista de raparigas que não demorarão a partir para se juntarem aos nossos compatriotas.

Marguerite apruma a postura. Tinha esperança de que os homens começassem a discutir os preços do trigo, de ter tempo para se sentar junto à janela e admirar o laranjal. Todos a fitam, no entanto. Os caracóis das perucas pendem-lhes sobre os pescoços, as bochechas descaídas caem sobre as golas apertadas. Marguerite estende a lista ao procurador-geral.

— Espero sinceramente que sejam melhores do que as criaturas depravadas que enviámos no ano passado.

— Não podem ser outra coisa.

— Pelo menos são jovens.

— Quem é que as vai acompanhar?

— Freiras, creio.

A lista passa de mão em mão. No teto, as musas oferecem coroas de louros e maçãs tingidas de um vermelho violento umas às outras.

— Parece-me ser um número suficiente para convencer aqueles patifes a ficarem onde estão.

— Isso dependerá da quantidade de raparigas que sobrevivam à viagem.

— Mas eu acredito que a madre superiora só tenha seleccionado as nossas mulheres mais robustas e virtuosas.

A lista chegou ao conde d'Argenson. O nome de Menu aparecia em destaque na segunda página. Marguerite baixa os olhos. Pergunta-se o que saberá o sobrinho sobre as manigâncias de Lucie. Com os olhos baixos, não vê os querubins bordados no tapete. Vê-se a si própria com nove anos, sentada ao lado de Lucie, a ouvir a pergunta da professora: qual era o nome da árvore sob a qual São Luís costumava administrar a justiça? Marguerite sabia a resposta, sabia que tinha poucos segundos até a irmã começar a disparar nomes de árvores aparentemente ao acaso. Mas Marguerite não conseguia convencer-se a falar. Limitou-se a olhar para a professora, desesperadamente à espera de ser chamada e incapaz de forçar as palavras a saírem da boca para fora. Aquilo que Marguerite recorda melhor é o quanto desejava poder ficar calada e falar, não sair do lugar e voar. O sobrinho passa a lista para o vizinho.

— Parece prometedora.

Quando o cardeal de Noailles repete as palavras do conde, Marguerite espera que os músculos relaxem e que as faces arrefeçam. O corpete continua a apertar-lhe o peito. A lista é pousada em cima de uma pilha de papéis; em breve, será aprovada pelo regente, uma mera formalidade. Do outro lado da mesa, alguém fala sobre as finanças de Salpêtrière. O procurador-geral promete uma doação generosa do rei.

Marguerite ouve muito vagamente o que os homens dizem a

seguir. Está a pensar em quando Lucie fora ter com ela depois da aula particular. Fizera-lhe mais perguntas sobre o carvalho e ouvira em silêncio Marguerite a explicar-lhe a forma como São Luís acabava com as discussões encostado à casca de uma árvore. E agora que os diretores discutem o orçamento para o ano que vem, que o jovem comissário da polícia parece ter-se esquecido de quem ela é, a única coisa em que Marguerite consegue pensar é no prazer que sentiu por não estar sozinha e ter conseguido cativar a atenção da irmã, mesmo que por poucos minutos.

No dia da partida das mulheres, o calor espalha-se pela cidade de Paris como água num barco a afundar-se. Lá fora, nada se mexe. Salpêtrière parece uma pintura de si própria. O mercado da Cour Saint-Louis está deserto, mas os cheiros a peixe salgado, suor, noz-moscada e alfalfa penetra nas janelas bem fechadas. Da entrada do edifício da direção, Marguerite observa os criados a arrear mais cavalos. No ar quedo de junho, os animais fecham os olhos às moscas. A irmã Bailly disse que não era razoável que Marguerite esperasse ali, que o gabinete estaria mais fresco. Mas, em vez de ir para o primeiro andar, a superiora mandou que lhe fossem buscar uma cadeira. Marguerite precisa de se despedir.

As raparigas chegam num grupo compacto. Marguerite nunca as vira juntas. As irmãs que as rodeiam devem ter-lhes dado ordens, porque elas atravessam o pátio em silêncio. Marguerite repara nos olhares rápidos entre elas, nos sussurros que flutuam na brisa quente. As sombras das raparigas alongam-se nas pedras da calçada do pátio, quentes como carvão. A madre superiora reconhece a mulher de passado abastado da Maison de Correction, a estranha com a mancha na face, a deixar-se ficar para trás. Depois aparece Charlotte, a caminhar ao lado da amiga — Étiennette Janson. Com o tempo, Marguerite começou a considerar que eram família, embora saiba que não têm laços de sangue. Observa-as a entrar numa carroça e a sentar-se no meio da palha e vê Charlotte a sussurrar algo ao ouvido da amiga loura. Marguerite desvia o olhar. Espera ter tomado a decisão certa. Charlotte nunca fora uma escolha óbvia.

Tal como Marguerite também não o fora.

Não precisa de procurar muito para encontrar Geneviève; há apenas uma mulher, já encostada às tábuas de madeira da carroça, a virar-se para olhar para a entrada do edifício, de olhos semicerrados. Marguerite não se mexe. De onde está, pode ser o que quer que Geneviève queira ver: uma sombra indistinta num corredor escuro, uma silhueta conhecida entre pedras frias, uma mulher idosa refastelada numa cadeira de braços minúscula. Marguerite tenta não pensar no momento em que os cavalos irão começar a trotar em

direção à saída e em que terá de chamar a irmã Bailly para que ela a ajude a subir as escadas. Por enquanto, tem tempo de ficar a ver as suas meninas a partirem, de ficar parada na sombra, de se convencer de que ninguém conhece Salpêtrière demasiado bem para decidir quem pode partir e quem terá de ficar.

*Paris, julho de 1720*

## Geneviève

Geneviève está na fila com as outras raparigas, todas à espera para receberem as roupas antes de a viagem iniciar. Não conseguiu perceber muito bem como é que acabou no pátio da esquadra de polícia de Faubourg Saint-Victor. Dá um passo em direção à freira e à pilha de trouxas que está ao lado dela, bem como das carroças e dos animais suados. Puxa um caracol para trás da orelha; depois de lhe terem rapado a cabeça durante meses na Grande Force, ainda está a habituar-se a ter cabelo novamente.

Já passaram duas semanas em Paris, na estalagem na Rue Saint-Ambroise, à espera de que os acompanhantes e os polícias tratassem dos últimos preparativos para a viagem. Ao longo deste período, Geneviève pensou muito sobre a decisão da madre superiora. Em Salpêtrière, só a viu três vezes, a senhora idosa com passo incerto, a voz trémula e o rosto engelhado, como se a pele fosse um pano dobrado demasiadas vezes. A madre superiora não poderia saber tudo sobre ela, mas apenas o que a marquesa d'Argenson escreveu na carta de prego. E Lucie d'Argenson descobrira muito pouco, ainda que agisse como se soubesse muito. Geneviève pergunta-se se a senhora idosa não teria simplesmente perdido o sizo. Se não a teria confundido com outra pessoa. Se não a teria usado para completar a lista de passageiras. Chegou a passar-lhe pela cabeça que a madre superiora a pudesse ter enviado para longe por gentileza. Nessa noite, ficou acordada até de madrugada. Pensou nos meses que passou sozinha em Paris depois de os pais terem morrido, sobre as semanas infindas na Grande Force. Ninguém, a não ser a amiga Amélie, fora simpática consigo; e Geneviève também falhara com Amélie. Para a madre superiora, ela não passava de mais um nome numa lista.

A fila avança à frente dela. As mulheres abraçam as trouxas e levantam os vestidos ao subirem para as carroças. Os polícias observam pelo canto do olho. Geneviève toca com a língua no

intervalo entre os dentes da frente, como faz sempre que está nervosa. A pilha de sacos de lona diminui rapidamente à frente da irmã Louise, a mais animada das três freiras. Geneviève sente algo a pesar-lhe no vestido. Quando olha para o chão, vê que alguém o está a pisar.

— Ela estava aqui primeiro.

A rapariga tem uma cara de boneca que não condiz com o tom de voz. O suor escorre-lhe pela testa como a condensação num jarro de leite frio. Aponta para a jovem de cabelo ruivo ao lado dela.

— A Charlotte estava à sua frente — diz.

Há alguns meses, Geneviève não teria respondido. Teria avançado e baixado o toucado para ignorar os comentários mal-educados. Mas, hoje, afasta-se para o lado.

— Bem, então porque é que não avançam ambas? — pergunta-lhes.

Fica a olhar para as duas enquanto a freira enfia mais roupa num saco de lona. A loura bonita cospe na mão e esfrega uma mancha na manga. É a amiga pequena e sardenta que pega num saco para cada uma.

— Será bom para vocês terem uma muda de roupa quando chegarem lá — diz a freira.

Repete a frase quando chega a vez de Geneviève, que agarra no molho de lã áspero com ambas as mãos. O sol de verão bate-lhe nas costas, e a pele — que não fica vermelha como a de outras mulheres — recorda-lhe a infância na Provença. Agradece à freira, atravessa o pátio em direção às carroças e procura um lugar para se sentar entre as outras passageiras. Na primeira semana que passou na Maison de Correction, ao fim de meses de solidão, estava desesperada por encontrar amigas. Entre as orações, começou a falar em sussurros baixos com as duas raparigas que fiavam a lã nas rocas ao lado da dela. Da terceira vez que a apanhou, a zeladora não poupou nas palavras: Geneviève era uma má influência e, se voltasse a quebrar a regra do silêncio, regressaria para a Grande Force. Geneviève não discutiu, não explicou que só estavam a falar sobre o Louvre, sobre Faubourg Saint-Honoré, o que tinham feito no passado em Paris. Voltou ao trabalho. Não iria arriscar ser enviada de volta por algumas palavras ditas à boca fechada.

Vê a rapariga com a marca de nascença na face direita, a que tinha descrito as flores no jardim de la Hauteur como se passasse lá todas as tardes. De onde está, Geneviève não consegue ver se há espaço na carroça de Pétronille e, quando os olhos dela se cruzam com os da rapariga sardenta que estava na fila com ela, as mulheres já estão a abrir espaço para ela se sentar. Geneviève pensa em recuar, em procurar outro lugar, mas aparecem cada vez mais pessoas à volta dela. Sobe à carroça e senta-se.

— Não tinha intenção de ser mal-educada — diz a rapariga com cara de boneca. — Mas a educação não parece ter grande serventia por aqui. — O riso da rapariga é provocante, indulgente. Vira-se para a jovem amiga, que segura nos sacos de ambas como se fossem bonecas. — Eu disse-te que era a mulher que nós vimos no jardim.

— Já me tinhas dito.

A rapariga bonita olha para a sardenta, impassível. Têm ambas um ar suficientemente jovem para pertencerem à Maison Saint-Louis. No entanto, estão a olhar desconfiadas para Geneviève, tal como as outras três órfãs haviam feito na ceia do dia anterior. Depois, lembra-se de que nem todas as raparigas que vivem na Maison de Correction são perigosas e que nenhuma das mulheres sentadas nas carroças deverá saber que ela já esteve presa na Grande Force, de onde nunca ninguém saiu. A loura, que, claramente, não lhe tem receio, vira-se para ela.

— Nós vimo-la no jardim Le Marais uma vez. Estava sozinha, não estava?

A rapariga tem a gentileza de não mencionar as irmãs furiosas que encontraram Geneviève no jardim. Foi num dia em que acordara sem fôlego, mais uma vez. Sentia-se tão aturdida com a ideia de se sentar entre uma multidão de mulheres que começara a vaguear sozinha, sem se afastar demasiado — fora só até ao jardim Le Marais —, e se sentara debaixo de uma bétula a ver as raparigas da Maison Saint-Louis a brincar. Depois, lá teve de voltar para uma cela à espera de ouvir o som incerto dos passos inseguros da madre superiora.

— Chamo-me Étiennette — diz a rapariga bonita. Tem uns olhos de um azul tão escuro que o tom poderia ser confundido com outra cor num dia em que o Sol não brilhasse com tanta intensidade.

Charlotte lança-lhe um sorriso tímido. Limpa o suor que lhe escorre pelas sardas do nariz e semicerra os olhos sob o sol untuoso; o toucado, demasiado grande, desliza-lhe pela testa húmida. Quando Geneviève diz o seu nome, a rapariga arregala os olhos.

Do outro lado do pátio, a irmã Gertrude já acabou a contagem e diz algo ao polícia em voz alta. Os homens, fardados, correm para o portão. Três mulheres sobem para a carroça e a madeira range debaixo delas.

— O que é que estava a fazer lá fora?

— Estava a apanhar ar fresco. — Geneviève chega-se mais para trás quando se aproxima outra rapariga que se ajoelha junto delas.

— Ouçam-na só! Ar fresco. Aposto que foi um passo de dança mais torto que a trouxe para a Maison de Correction. — Étiennette ri-se. Ao ver que Geneviève não a corrige, volta à carga. — Porque é que foi enviada para Salpêtrière?

Nos primeiros dias na estalagem da Rue Saint-Ambroise, Geneviève sussurrara a mesma pergunta a algumas mulheres. Era uma forma,

como qualquer outra, de ouvir a própria voz, mesmo que apenas uma vez por dia; tinha aprendido a lição no dormitório de Salpêtrière e raramente dizia o que quer que fosse. Aproximava-se das outras raparigas e ouvia-as com atenção. Uma delas tinha sido enviada para o hospital porque o pai já não a queria ver mais, outra porque a madrastra era a verdadeira desavergonhada que deveria ter acabado na Maison de Correction. Pétronille, a rapariga com o sinal de nascença, começou a murmurar alguma coisa, mas foi interrompida por uma mulher que a acusou de ser uma rica hipócrita. Foi o suficiente para Geneviève deixar de lhe fazer perguntas. Deixou de fazer perguntas a todas as outras também. As conversas deixavam-na vazia, convencida de que talvez ela fosse a única que merecia apodrecer em Salpêtrière.

Quando estava na prisão, lembrava-se das raparigas grávidas que, no passado, iam ao seu encontro, do desespero que sentiam. Não podiam dar-se ao luxo de ser mães. Depois, ouvia a voz da marquesa a suspirar, a perguntar-lhe quem era ela para decidir o destino de uma criança, a chamar-lhe nomes e a rogar-lhe pragas. Nas primeiras noites que passou na Grande Force, encostada às paredes húmidas da cela, aquelas palavras avassalavam-na. Agora, em dias bons, consegue ignorá-las de vez em quando. Lembra-se de que, em breve, estará longe daquele lugar, no outro lado do oceano, onde a marquesa nunca a poderá alcançar. Ainda assim, a culpa que sente não se esvai por completo. Geneviève não está pronta para falar sobre Amélie, por isso, na estalagem da Rue Saint-Ambroise, foi muito evasiva quanto ao seu passado. Agora, surpreende-se ao perceber que o silêncio só aguçou a curiosidade das companheiras.

— Conheci um homem — diz Geneviève. Detém-se. Charlotte ergue uma sobrancelha. — Chamava-se Félicien. E, de início, as coisas até não correram mal.

Étiennette lança um olhar conhecedor à amiga, mas Charlotte está a olhar fixamente para o espaço entre as orelhas dos bois. Geneviève tem a sensação de que, na Maison de Correction, os únicos homens que aquelas duas tinham visto terão sido os carpinteiros que foram reparar as portadas e os pés das mesas, ou os padres, ferreiros e peixeiros que espiavam das janelas dos dormitórios. Geneviève acredita que compreende, e elas talvez não, o perigo que a viagem pode encerrar. No dia anterior, ouviu um polícia a explicar a uma colega dela que, com tantas mulheres, uma viagem de duas semanas até à costa poderia vir a demorar um mês. «Uma boa razão para pedir mais cartuchos», acrescentou. Os outros homens fitaram-no, claramente perdidos. «Noventa raparigas a vaguear pelo campo?», continuou o primeiro homem. «Não acham que vão chamar a atenção?» Enfiou mais tabaco no cachimbo. «Não queria ter de responder pela virtude das senhoras quando chegarmos a Loire»,



concluiu.

*E também não havia de querer responder pela minha hoje*, pensa Geneviève agora. Étiennette toca-lhe na mão e senta-se.

— *Ma chère* — diz ela —, vai ter todo o tempo do mundo para nos contar tudo sobre o Félicien.

O portão é aberto. Ao lado de Geneviève, as mulheres ficam em silêncio. Lá está Paris, logo depois dos portões, os pregões implacáveis dos vendedores de rua e a multidão de transeuntes curiosos que cantam, batem palmas e os seguem tal como fizeram quando as carroças deixaram Salpêtrière. Na altura, Geneviève pensou que as coisas acabavam ali; que nunca mais iria voltar a ver a cidade. Mas fora levada para ali, para a estalagem na Rue Saint-Ambroise, com mais um dormitório a abarrotar e três freiras e muitos mais polícias com expressões empedernidas. Esperara tempo suficiente para acreditar que iria ficar ali para sempre. Que a viagem era uma partida de mau gosto e que seria enviada de volta para a Maison de Correction, ou, pior, para a Grande Force.

Mas não: as primeiras carroças já estão a virar a esquina; os ossos dos bois enrolam-se sob a pele elástica. Paris oscila ao ritmo da passada dos animais perante o olhar de Geneviève. Era criança quando os pais tiveram de abandonar a quinta de sericultura depois do incêndio e fazer o longo caminho que separa a Provença de Paris com a família. O pedaço de seda áspero que a mãe lhe deu para se distrair; a paisagem ondulante, as florestas intermináveis e os caminhos onde se perdiam e voltavam a encontrar; o medo que a assoberbava à noite, em que ficava alerta por causa dos ladrões de que o pai tanto falava. São estas as memórias que ela tem da viagem. Mas as memórias de infância em La-Bastide-des-Jourdans estão bem vivas: ainda consegue ver os bichos-da-seda a arrastarem-se nas folhas das amoreiras, os irmãos a serem castigados por desfazerem os casulos antes de estarem preparados, a mãe debruçada sobre um enorme tear. Em breve, a Provença ficará mais longe do que nunca.

Vê Charlotte a olhar para Étiennette e Étiennette a olhar para a rua. Uma menina pequena empoleirada nos ombros de uma mulher bate com as pernas rechonchudas em peitos cansados, oleiros param de encher os caixotes ao vê-las passar e as pilhas de pratos ficam suspensas entre a lama e o céu. Geneviève fecha os olhos àquele velho mundo. Não tem nada de que se lamentar. Também ela está de partida.

Étiennette tinha razão. Têm todo o tempo do mundo para conversar. Não sobre a Luisiana, ou não só: assim que uma mulher fala das pedras preciosas da colónia, outra solta uma gargalhada.

— Que disparate — diz. — As pessoas morrem à fome por lá.

Parece que a maior cidade que eles têm não vale a nossa aldeia mais deplorável.

As raparigas abanam a cabeça. Geneviève já ouviu pior: na comédia que estava em voga em Paris antes de ser presa, os atores falavam dos ogres do Mississípi. Geneviève recusa-se a acreditar em tamanhos disparates. A Luisiana será a sua salvação.

As conversas recomeçam e as mulheres falam delas próprias: porque chegaram a Salpêtrière, porque querem ir embora, o que vão fazer quando se virem longe de Paris. Conhecem-se como conhecemos os nossos vizinhos do outro lado da rua, uma cara familiar de quem nunca ouvimos mais do que um bom-dia. Na Maison de Correction, as raparigas escolhiam as alianças com extremo cuidado. Não se podiam dar ao luxo de ter mais de uma amizade com quem partilhar sussurros escondidos. Na Grande Force, Geneviève nem isso tinha: apenas o som de corpos a movimentarem-se nas celas ao lado, um uivo pontual que a sobressaltava. Jurou a si mesma que nunca mais estaria tão só como estava em Salpêtrière, ou em Paris antes de conhecer Amélie. Agora que deixa a capital, que as carroças passam pelos moinhos de vento de La Pointe e de La Tour, e que a Rue de Vaugirard se converte num simples caminho, Geneviève junta a voz às das mulheres.

Ainda não fala sobre Amélie. Diz apenas que Félicien tinha uma irmã, e sabe-lhe bem partilhar um pouco da sua história, falar sobre o moço de estrebaria com as duas estranhas à sua frente. No meio dos campos, não há muito para travar a brisa. O vento empurra a erva contra os pés dos bezerros no ar brutal de julho, sacode a urze e a erva-de-são-joão, deixa um aroma balsâmico e a terra nas carroças. O campo é amplo como uma ferida aberta, avassalador como um primeiro beijo. Ao fim de meses numa cela, Geneviève redescobre a liberdade que não sabia que tinha até a ter perdido. Descreve a Étienne e Charlotte como conheceu Félicien — nos aposentos dos criados da mansão de Lucie d'Argenson —, dizendo-lhes que uma vez ele lhe ofereceu um girassol porque não gostava de rosas ou fazia de conta que não gostava.

— Era bonito?

Étienne arranja sempre mais uma pergunta para lhe fazer e a ouvir a falar. Charlotte não, limita-se a cantarolar para si própria. Tem uma voz calma, quente e segura: o tipo de voz que nos faz desejar que estivesse a cantar mais alto. Algumas das passageiras dormitam, as bochechas descaem sobre os ombros.

— Era — responde Geneviève. — É claro que era.

Étienne fala de homens, mas homens que nunca foram dela, e Geneviève não tarda a perceber que são só desculpas para falar da irmã, Marceline, que foi enviada para o Mississípi no ano anterior. Até que Étienne fica em silêncio à espera de ouvir falar mais sobre

Félicien. É uma ouvinte tão atenta que Geneviève dá por si a desejar agradá-la.

Charlotte interrompe o que ia a cantarolar e inclina-se para a frente.

— Mas não tão bonito como o aprendiz de tanoeiro da Cour Saint-Louis — diz ela, a olhar para Étiennette.

— Só o viste uma vez — comenta a amiga. — Não me digas que vais ter saudades de Salpêtrière por causa das bolachas que ele te deu?

Charlotte não responde logo.

— A Maison Saint-Louis era a minha casa — diz, por fim.

— Ela era tão nova quando chegou lá — explica Étiennette, virando-se para Geneviève — que nem se lembra de quem a levou.

Charlotte lança-lhe um olhar magoado.

— Isso não é verdade — contrapõe.

Geneviève aperta o fio em redor do saco de lona, procurando que lhe ocorra algo para dizer.

— Deves conhecer Salpêtrière melhor do que qualquer uma de nós — sugere.

— É claro que conheço — replica Charlotte. Olha para além dos ombros de Geneviève. — Estamos a abrandar.

O céu do fim da tarde está tingido de tons pastel salpicados por nuvens. À frente delas, avistam uma aldeia que se estende pela vertente de uma montanha.

— Finalmente — comenta Étiennette. — Já nem consigo sentir as nádegas.

Uma rapariga diz que está com fome e algumas das outras fazem eco das palavras dela. Na primeira junta de bois, a irmã Gertrude fala com um camponês com rosto severo. Como todas as outras pessoas, o camponês está a olhar para a fila de carroças como se estivesse ocupado a contá-las; o cão alourado inspeciona as rodas com a cauda a sacudir as flores de colza. Étiennette descreve o formigueiro que sente a subir-lhe pela perna e pelo resto do corpo, mas Geneviève não presta atenção. Enquanto a carroça estava em movimento, as palavras saíam com facilidade. Os passos lentos e amplos dos animais marcavam a conversa: as confidências tinham um início e um fim.

À medida que as mulheres arrastam os pés em direção ao celeiro no cimo da colina coberta de erva, Geneviève sente um desconforto a crescer-lhe no peito como acontecia na Grande Force nos momentos em que a solidão e a escuridão ameaçavam fazer com que perdesse a cabeça e em que o céu inclemente lançava uma luz ofuscante sobre os ombros nus das raparigas curvadas ao lado dela à espera de que as celas fossem limpas. Esta tarde, Geneviève tinha a sensação de que estava a partir para uma aventura. Tinha saído de Salpêtrière. Estava a seguir em frente. Agora que enfrenta novamente a realidade de um

espaço fechado, torna-se impossível ignorar as freiras e os polícias.

Mas quando chegam aos palheiros, Étiennette age como se ninguém as estivesse a supervisionar.

— Devíamos tentar manter-nos juntas. Nós as três — sugere. Olha em volta, mas as mulheres já estão a entrar no celeiro; Charlotte, longe de vista.

— Ela deve estar mais à frente — sugere Geneviève.

A resposta de Étiennette é silenciada pelas vozes das mulheres e a discussão de dois rapazes da quinta encostados à porta de madeira. Geneviève ouve um dos rapazes a dizer:

— Olha para aquela! Precisas de mais leite?

E Geneviève sabe a quem ele se refere antes de ver Pétronille. Acha que vê um vislumbre de Charlotte junto ao carrinho de mão, mas, quando a rapariga se vira, não tem sardas e é pelo menos dois anos mais velha do que Charlotte. Algures no celeiro, a irmã Gertrude pedelhes que se preparem para as vésperas. Geneviève contorna barricas de cereais e mulheres a apanhar palha e vê o pó dos vestidos a elevar-se à volta delas, como insetos fugidios a rodar em espiral sob a luz. O pôr do Sol chega à parede do fundo, salpicando o mezanino, a escada e Charlotte, que está mais abaixo, sentada a um canto, a acenar-lhes. Quando Étiennette a chama, ela afasta-se para a direita, apenas o suficiente para deixar que outra pessoa se sente.

Geneviève nunca teria conhecido Félicien se não fosse a irmã dele. Amélie era magra, mas forte, capaz de carregar qualquer carga de roupa. Tinha as pontas dos dedos sempre geladas, azuladas no inverno, muito vermelhas no verão. Geneviève viria a descobrir, anos mais tarde, que o mesmo acontecia com os dedos dos pés e o nariz. Tinham doze anos quando se conheceram. Félicien era um ano mais novo e tinha um ar infantil, como acontece com os rapazes até, subitamente, deixar de acontecer.

A família de Geneviève tinha morrido no ano anterior. Morreram daquilo que nunca deveria tê-los matado, do frio e da pobreza dos quais a Provença sempre os protegera: a mãe e os irmãos durante o primeiro inverno que passaram em Paris, o pai seis meses mais tarde. Quando conheceu Amélie no pequeno mercado de Marais, Geneviève já estava há vários meses sozinha: sem ninguém numa cidade brutal que não conhecia, as suas ruas cheias de lama, chuva e pessoas grosseiras cuja pele se mantinha pálida o ano inteiro. Estava pronta a fazer tudo para desistir do trabalho numa das fábricas de curtumes junto ao Bièvre e deixar o quarto malcheiroso que partilhava com outras seis crianças, todas mais novas do que ela e para sempre impregnadas do cheiro a animais esfolados. Quando Amélie lhe falou da vaga de lavadeira que ia abrir na casa da marquesa d'Argenson,

Geneviève mal conseguiu acreditar na sorte que tinha. Pela primeira vez desde que deixara a Provença, tinha uma decisão a tomar. Disse imediatamente que sim.

Foi Amélie que a levou para o barco-lavadouro onde as lavadeiras do bairro trabalhavam. No *La Sirène*, às vezes, Geneviève sentia os dedos de Amélie a roçar nos seus, tão enrugados e molhados como os vestidos que esfregavam. Tiravam a sujidade da roupa e falavam, mergulhavam os lençóis em vasilhas e falavam: contavam histórias das vidas delas e da capital. Geneviève tinha uma preferida. Era sobre uma mãe desesperada cujo filho tinha acabado de morrer. Como a mulher rezava, punha uma vela numa sêmea de pão, a sêmea num cesto, o cesto no Sena. Como achava que a cesta iria apontar para o lugar do rio em que o filho se tinha afogado, mas, em vez disso, flutuara em direção a dois barcos cheios de feno e queimara a ponte Notre-Dame, incendiando dez casas que foram caindo em chamas na água. Amélie tinha uma forma de contar a história que provocava risos em Geneviève; na boca dela a narrativa não era sobre morte e destruição. Dizia algo sobre os erros humanos, esperanças pouco razoáveis e pequenos gestos que dizem muito.

Onde estava Félicien durante tudo isso? Félicien estava em toda a parte. Estava nos estábulos, a tratar de potros de pernas frágeis e dos jumentos anafados. Estava na mesa da cozinha, com os braços de Amélie envoltos no pescoço e um jarro de vinho vazio à frente dele. Estava de regresso de Les Halles, onde gastara os poucos soldos que tinha a comprar fruta, maçãs tão brilhantes como as bochechas de um bebé. Estava a dá-las a Geneviève e a Amélie.

Geneviève sempre o achou bem-parecido. Félicien tinha o mesmo riso da irmã, um som ululante que parecia demasiado alto até ser abafado pelo dela. Cresceu muito num único verão e teve de domar os braços e as pernas subitamente maiores em poucas semanas de sol. Naquele outono, no baile na Rue Mouffetard, não se tinham juntado às rondas de dança como era habitual. Fizeram pares. Amélie e Félicien, Félicien e Geneviève, Geneviève e Amélie: combinações que, por muito que alternassem, deixavam sempre um de fora.

As carroças seguem caminho para sudoeste e demoram mais dez dias a chegar a Loire; Geneviève não se lembra de ter viajado tão devagar quando atravessou o país com a família. Os camponeses ficam a vê-las passar pelos campos; alguns homens levam as mãos aos chapéus e desejam-lhes *bon voyage*, outros sussurram palavras que Geneviève fica contente por estar longe demais para ouvir. Tenta não pensar no polícia de Faubourg Saint-Victor que disse que deviam pedir mais cartuchos.

Ao pôr do Sol, as freiras conduzem-nas a celeiros, armazéns onde

perus e galinhas andam em bicos de pés por entre colchões improvisados. Só têm de passar uma noite ao relento, algures perto de Nemours, o campo tão iluminado pelas estrelas que Geneviève solta um resfôlego quando se deita. Tem dormido melhor desde que saíram de Paris. Falar com Étiennette ajuda; ao fim de meses de isolamento, sabe bem finalmente poder contar a sua história a alguém. Há algo enternecedor na forma como Étiennette fala sobre os homens, nas perguntas que faz sobre eles, no modo como ignora os galanteios dos lavradores: percebe-se que nunca conheceu rapazes de verdade, que está a usar as experiências da irmã em Paris e Versailles para acompanhar as histórias de Geneviève. Sempre que Étiennette fala de Marceline ou de *La Mutine*, o barco em que a irmã viajou, Charlotte fica calada, fria. Étiennette ignora-a.

— Parece tão distante, agora. Não achas? — pergunta a Geneviève um dia, olhando para a planície com a floresta ao fundo. Geneviève diz que sim. Não está bem a mentir. É verdade que Félicien parece distante; Amélie, a Provença e outras partes do seu passado estão sempre perto.

Charlotte parece não querer saber de Félicien. Não dirige praticamente uma palavra a Geneviève. Quando Charlotte fala sobre Salpêtrière, faz referência a sítios de que Geneviève nunca ouviu falar: o boticário, a Rue de la Lingerie, a oficina de bordados, o jardim da madre superiora. Baixa os olhos no dia em que Geneviève fala sobre a costureira que a marquesa contratou; mas, quando Geneviève lhe pergunta se disse alguma coisa que não devia, Charlotte encolhe os ombros e não volta a abrir a boca o resto da manhã.

— Uma irmã zeladora disse-lhe que ela deve o apelido a uma costureira — explica Étiennette à tarde a Geneviève. Quando Geneviève pergunta porquê, Étiennette encolhe os ombros. — Por causa de um lenço bordado que ela tinha quando foi levada para Salpêtrière.

Na estalagem em Orleães, Geneviève volta a acordar sem fôlego, convencida de que ouviu um grito. Meio a dormir, tenta lembrar-se de quem as recebeu naquela noite, recorda os rostos de um casal simpático e de um jovem na entrada e não se lembra de mais nenhum hóspede. Fica à espera de outro som. Mas não ouve nada a não ser o suspiro triste de um boi, Charlotte a ressonar atrás do ombro de Étiennette e, depois, um gemido baixo vindo do outro lado da parede, um batimento suave que a embala até cair novamente no sono. No dia seguinte, Geneviève ouve Charlotte a perguntar a Étiennette se ouviu alguma coisa à noite. Étiennette nega com a cabeça.

— Dormi como um bebé — responde.

Deixam a cidade e voltam a passar por aldeolas, campos e florestas. Ao amanhecer, as camponesas levam-lhes panelas de sopa

pagas pelas freiras. Nunca há tigelas nem colheres suficientes para toda a gente, e, quando Geneviève pede mais pratos, respondem-lhe que tem de se sentar e esperar. As mulheres acotovelam-se, tentando sacudir o frio que lhes penetrou nos corpos enquanto dormiam. Geneviève deixa Étiennette comer primeiro. Não sente a humidade do início da manhã de que toda a gente se queixa. Na Grande Force, havia dias de inverno em que acordava tão enregelada que não se conseguia mexer, o colchão de palha coberto com o tipo de neve densa com que as crianças brincam. Também tenta passar comida para Charlotte, mas a rapariga espera sempre que Étiennette termine o almoço, os olhos postos na amiga, que finca os lábios na tigela. Quando Étiennette lha estende, Charlotte desvia o olhar e cora.

No dia em que deveriam chegar ao rio, Geneviève acha-se sozinha com Charlotte. Está quase na hora de deixarem a vacaria; à frente delas, Pétronille tem os olhos postos na refeição e o queixo pousado na mão. Étiennette foi agachar-se lá fora, onde o monte de estrume cobre o odor das mulheres. Charlotte não presta atenção a Geneviève e acaba de dobrar uma combinação a meio. Há algo nela que deixa Geneviève desconfortável, que faz com que se sinta sempre no lugar errado no momento errado, que a faz perder o controlo que é quase uma segunda pele para ela. Ao lado dela, Pétronille beberica o caldo. Por uma vez, Geneviève não sabe o que dizer; não tem nada em comum com Charlotte a não ser a viagem que estão a fazer e Étiennette.

— Tenho a impressão de que nunca mais chegamos à costa — diz, finalmente, para quebrar o silêncio.

— Tu não te importas.

— Como assim?

Charlotte não responde; pega num corpete.

— Dá-nos tempo para nos conhecermos melhor — diz Geneviève, e, ao olhar de relance para Charlotte, vê que a rapariga está com um ar carrancudo.

— Dá-te tempo para conheceres a Étiennette. — Charlotte detém-se. — Deve ser bom para ti sair.

Um arrepio percorre a espinha de Geneviève. Charlotte ata um cordel em redor da trouxa. Nesse instante uma trouxa aterra no chão e o cabelo de Étiennette agita-se à frente delas.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunta Étiennette, perscrutando ambas. — Charlotte, estás com um ar muito zangado.

— Não estou zangada.

— Estávamos a falar da nossa próxima paragem — diz Geneviève.

As faces sardentas de Charlotte coram, e a expressão do rosto é tão próxima do ódio que sobressalta Geneviève. A rapariga agarra uma trouxa e levanta-se.

— Naturalmente — diz Charlotte. — A nossa próxima paragem.

Geneviève observa Charlotte a atravessar o terreiro da quinta com os braços magros a balançar junto ao corpo. Sair de onde, quer perguntar. De Salpêtrière, claro. Por breves momentos, lembra-se de que Charlotte pode saber mais sobre ela do que as outras mulheres, que pode saber da Grande Force. Mas é impossível. Como poderia ela saber? Geneviève centra-se no que Charlotte disse sobre Étiennette e, de repente, a única coisa que consegue sentir é raiva. A rapariga não sabe a sorte que tem por estar com uma amiga de infância que ninguém lhe roubou nem a obrigou a deixar para trás; quando tinha a idade dela, Geneviève lutava pela sobrevivência numa cidade que não conhecia e que não lhe dava nada a não ser a solidão das ruas e prisões. Geneviève está só há demasiado tempo para viajar sozinha.

— Eu não ficaria muito preocupada — diz Étiennette, enrolando o cabelo num puxo. — Ela deve estar prestes a começar a sangrar.

Na casa da marquesa d'Argenson, Geneviève não disse a ninguém quando lhe falhou o período, nem sequer a Amélie. Teria significado dizer-lhe muito mais, e Geneviève não queria que ela soubesse — pelo menos na altura — o que tinha acontecido com Félicien, porque fora só daquela vez. Não significara nada, fora apenas como os casais que viam muitas vezes a ter relações sexuais nas vielas estreitas quando iam do rio para casa ao cair da noite. Geneviève não podia contar à amiga o que ainda não tinha compreendido: que a intimidade que tivera com Félicien lhe parecera a coisa mais próxima com amar Amélie.

Geneviève decidiu que tinha idade suficiente para se desenvencilhar sozinha. Já tinha ouvido falar de mulheres que não queriam ter o bebé que carregavam no ventre. Tinha ouvido que comer absinto lhe estimularia o sangue. À noite, mastigava as plantas amargas e acordava cansada. De manhã, procurava o sangue que a ajudasse a afastar as suspeitas das outras criadas e não encontrava nada a não ser as manchas salgadas do seu próprio suor.

Conseguiu ganhar tempo, que era a única coisa em que conseguia pensar. Imaginava-se com a barriga a crescer e depois a voltar a ficar magra. Imaginava a marquesa a lançar-lhe um olhar que parecia cuspo e a pedir-lhe para se ir embora. Imaginava Amélie a inclinar-se, sozinha, sobre as vasilhas do barco-lavadouro. Mas Geneviève não conseguia imaginar o bebé. Só o lugar sombrio e húmido debaixo dos seios, uma bolsa que ela pensava que brilhava de tão vermelha, como o interior das pálpebras fechadas.

Geneviève só conheceu dois rios: o Ródano, que lhe levou a família



para Paris, e o Sena, que a acolheu. O Loire parece muito mais largo... e muito mais comprido também. Ao longo dos últimos quinze dias a acompanhar o rio, Geneviève viu mirantes e torres a espreitar acima da floresta, castelos assentes em colinas, brilhantes como pastéis cobertos de gemas de ovos. Pouco depois de Tours, ouviu outra mulher a troçar de Pétronille enquanto apontava para uma das propriedades, e a dizer que podiam deixar a castelã em casa num dos seus castelos se ela quisesse. A resposta foi seca e inesperada: «*Tais-toi*». A outra rapariga fez o que lhe mandaram. Calou-se.

Hoje, até Charlotte parece entusiasmada. Vão sair das carroças em Paimboeuf, onde o barco as espera. Logo depois de passarem por Nantes, Geneviève ouviu Charlotte a falar com Étiennette sobre um cão com os dentes arreganhados e um rapaz que lhe deu um *bouquet* de flores. Charlotte deixou de falar com Geneviève. De início, foi um alívio: sem palavras não havia confronto. Étiennette parece não se importar, desde que consiga mantê-las a ambas por perto. De manhã, depois de as irmãs lhes falarem de Paimboeuf, Geneviève ouviu Charlotte a cantar. Observava-a pelas costas e Étiennette não se encontrava por perto. Charlotte cantava com uma voz alta e límpida, enquanto empilhava as tigelas vazias depois do almoço. Agora, Geneviève não se lembra da letra, só da voz, rica e densa. Quando se virou, deu por si a pensar em mel, naquele mel escuro e poderoso que o vizinho costumava fazer aproveitando os castanheiros doces da Provença.

Nos últimos dias, foi ficando mais ansiosa: não consegue imaginar ter de passar mais quatro semanas assim. Não consegue deixar de pensar no próximo passo de Charlotte. Os insultos que a marquesa lhe sussurrou um dia na Grande Force voltam-lhe à memória. Desta vez, não é a voz da ama que Geneviève ouve, mas a sua. *Não sejas tonta. Tu não és o centro do mundo. A Charlotte não passa de uma criança.*

No porto de Paimboeuf, as mulheres não demoram muito a sair das carroças. Já estão todas em pé à volta de Geneviève, à exceção de Pétronille. Geneviève tenta chamar-lhe a atenção, mas a rapariga de cabelo castanho não levanta a cabeça e mantém as mãos cravadas nas ancas. Um polícia manda-a despachar-se e Geneviève obedece. Ao fim de semanas na estrada, está desejosa de se levantar, alongar e mexer. Estava à espera de chegar ao oceano hoje; já está cansada de ouvir Charlotte a falar da irmã zeladora que cresceu em La Rochelle e que lhe falou das praias do Atlântico. Mas agora compreende o que a irmã Gertrude explicou de manhã a uma das outras freiras: que esta é só mais uma etapa da viagem; que, antes de irem para a Luisiana, o navio *La Baleine* irá levá-las para outra cidade francesa onde vão preparar o barco para a viagem maior. Do porto, Geneviève só consegue ver a água baixa do Loire, com ilhas de areia redondas a

elevarem-se como seios numa banheira.

— A irmã Louise diz que é aquele — comenta Étiennette.

Geneviève nunca vira um barco tão grande. Os três mastros parecem o patíbulo de La Place de la Grève, com as velas dobradas como guarda-sóis e as vigas a sustentá-los como os braços de uma criança a tentar manter o equilíbrio. O calado baixo em forma de pera faz-lhe lembrar os cestos de Lucie d'Argenson. No convés, canhões pequenos apontam para a costa. Homens correm da proa para a popa, esboçando movimentos que, para as mulheres no porto, são serenos e silenciosos.

As freiras já estão a fazer a contagem novamente. Geneviève sente as mãos dos polícias nos ombros e nas costas, a empurrar e a puxar, até se encontrar numa fila atrás de Charlotte e Étiennette. Ouve alguém a fungar baixinho, mas não tem tempo de olhar para trás porque, de repente, o som é abafado por um estrondo e ela vira-se de chofre para o porto, onde a prancha de embarque acabou de cair entre elas e o navio.

— Estou com vertigens — sussurra Charlotte para Étiennette.

As primeiras raparigas já estão a avançar com o passo incerto. O vento sacode-lhes os vestidos, amaina e volta a soprar com força. Atrás delas, um marinheiro grita para que tenham cuidado.

— Vai ser rápido — diz Étiennette, segurando a mão de Charlotte.

O Loire é mais revoltoso do que o Sena e as pedras da calçada não demoram a desaparecer sob os pés de Geneviève: a única coisa que ela vê é a madeira molhada a ceder sob os sapatos, a cada passo, pelo que não consegue deixar de pensar no dia em que Amélie lhe colocou os dedos em redor de um ovo, lhe pediu para o apertar, com mais força, jurando-lhe que nunca se partiria. Um dia, a mãe dissera-lhe o mesmo acerca da seda.

— Não olhem para baixo — ouve alguém dizer do navio, mas Geneviève não consegue fazer outra coisa senão reparar no declive abrupto do casco a ir ao encontro da água corrente.

Mais um, dois, três passos e sente Étiennette a puxar-lhe o braço até que os pés encontram o chão balançante do convés. Quando Geneviève se vira, vê a fila de mulheres a baloiçar na prancha de embarque. Vê Pétronille a limpar as lágrimas com a manga e gostaria de lhe perguntar se está bem, mas alguém grita para avançarem. A irmã Gertrude está junto à entrada do porão, ao lado do mastro, a ver as raparigas a descerem a escada e a desaparecerem sob a escotilha aberta. Charlotte espera junto à freira, com o rosto inclinado para os véus da religiosa.

— Anda — diz Étiennette.

— E a Charlotte?

— Não te preocupes, ela disse-me que vai ter connosco daqui a

pouco.

Pétronille passa por elas. O rosto tem a cor esverdeada e doentia de um melão.

— Porquê? — pergunta Geneviève.

Étiennette encolhe os ombros.

— Quer perguntar alguma coisa à irmã Gertrude.

Geneviève imagina tudo o que Charlotte poderia inventar sobre ela, tudo o que a freira lhe poderia contar. Não pode ter a certeza de qual poderia ser a pior versão. Pousa a mão no ombro de Étiennette.

— Sabes do que se trata?

— Despachem-se, *mesdemoiselles*, por favor!

— Não faço a mínima ideia. Anda — responde Étiennette.

E, logo a seguir, Geneviève está na escada que a leva para as entranhas do *La Baleine*, a entrecoberta húmida, o que Geneviève imagina que será o ventre de uma baleia. Étiennette detém-se quando chega ao último degrau. Geneviève faz o mesmo. Espera que os olhos se habituem ao escuro, que as sombras em tons de esmeralda se dissipem. Quando volta a virar-se para a escotilha, vê Charlotte a falar com a irmã Gertrude, duas mulheres enquadradas pela vigia com um céu branco ao fundo e a olharem para ela.

Geneviève contou tudo sobre o bebé a Amélie junto ao Sena numa noite de inverno. No céu, as nuvens estavam levemente tingidas de cor-de-rosa. Geneviève não tinha intenção de falar quando estavam a recolher as vasilhas e a começar a dobrar os lençóis. Mas, na doca, sentiu um enjoo súbito. Quando a visão deixou de ficar turva, viu algas a moverem-se sob a superfície, dois patinhos e um toucado preso no meio das pedras da calçada. Amélie estendeu-lhe um lenço. Geneviève limpou o rosto e tentou respirar pela boca para evitar o cheiro a peixe do rio. Tinha medo de voltar a vomitar se tivesse de pronunciar o nome de Félicien à frente da amiga. Não teve de o fazer, pois Amélie antecipou-se.

Quando se levantou, a amiga estava a olhar para a corrente do rio, com os dedos fechados sobre o maxilar e as unhas cravadas nas bochechas, como se estivesse a conter algo violento.

— Se fosse outra pessoa qualquer e não o meu irmão — disse finalmente —, ter-me-ias contado antes. — Geneviève sentiu um arrepio com a brisa do início da noite. Não era uma pergunta, mas ela respondeu que sim. Disse que lamentava, que deveria ter ido falar com ela assim que reparou na ausência de período; depois acrescentou que não, que deveria ter-lhe contado ainda antes disso. Amélie assentiu. Chutou o lenço sujo para a água. — Ele nunca saberia como ajudar-te — advertiu. Depois repetiu a mesma frase, como se as palavras lhe trouxessem conforto. As gaivotas grasnavam umas para as outras junto

à ponte. — Eu sei.

Dois dias mais tarde, Amélie mandou Geneviève para a casa da velha, na margem esquerda do rio. Amélie conhecia uma rapariga que conhecia uma costureira que tinha uma irmã que tinha ido lá. Geneviève estava certa de que, se fizessem algumas perguntas, se fosse uma coisa que pudessem perguntar às pessoas, teriam descoberto outras caras conhecidas — a filha da leiteira ou a prima da governanta, talvez — que já tinham recorrido aos quartos das traseiras da casa da Rue des Carmes. Em vez disso, pegou num cesto vazio e atravessou o Sena sozinha. Amélie oferecera-se para a acompanhar, mas Geneviève dissera-lhe que, se fossem juntas, chamariam mais a atenção das pessoas. O que ela não disse foi que tinha medo de já ter pedido demasiado. Não podia dar-se ao luxo de perder mais do que o bebé que carregava no ventre.

Depois de engolir as ervas que lhe foram dadas na margem esquerda, Geneviève viu minutos da vida a desaparecerem. Esqueceu-se deles, tal como se esquece todas as noites do preciso momento em que adormece e acorda assustada, perplexa com a ideia de poder perder a noção de si própria durante horas. Geneviève sabe que isso não quer dizer que não tenha acontecido nada. Havia um bebé e depois deixou de haver. É mais fácil assim: sem memória, só factos. Estava a dormir, depois já não estava.

Mais tarde, muito mais tarde, quando começou a oferecer artemísia, arruda e sabina a outras mulheres, dizia-lhes: «Não penses nisso. Não tarda, é como se acordasses de um pesadelo. Mas, pelo menos, pudeste fazer uma escolha.»

Depois de passar apenas um dia a bordo do *La Baleine*, Geneviève deixou de considerar o barco assim tão grande. Não tem nada que ver com o *La Sirène*, que largava um vapor tão denso que ela se esquecia de que se deslocava num rio. A entrecoberta do navio, onde as raparigas estão confinadas, parece incrivelmente pequena. É só mais uma cela, mas, pelo menos, uma cela que a vai levar para outro lugar. Está sempre escura e húmida, e o som das ondas a baterem no casco nunca cessa. Geneviève ouve-o com a orelha tão perto da superfície da água que o Loire e, depois de chegarem à costa, o Atlântico parecem engoli-la. Nas primeiras noites no *La Baleine*, Geneviève sonha com água, com uma terra cheia de riachos e de madeira a apodrecer, e, nos sonhos, ninguém quer falar com ela. Acorda sem fôlego com o som do sussurro das ondas e o cheiro a podre.

— As tábuas encharcadas vão ser substituídas em Lorient — assegura-lhes a irmã Gertrude ao terceiro dia. A freira insiste que receberão bancos e colchões para uma viagem mais confortável.

Geneviève não faz ideia do que fazer para reatar a amizade com

Étiennette e Charlotte, que estão sentadas lado a lado, junto a uma das portinholas que ninguém tem autorização para abrir. No dia em que o *La Baleine* zarpou, Geneviève viu Charlotte a entrefechar as mãos junto aos ouvidos de Étiennette, como as crianças fazem quando sussurram alto demais. Geneviève tenta convencer-se de que está a ser tonta, de que Charlotte não a tomou de ponta. No entanto, não consegue deixar de pensar que as freiras possam ter ficado a saber dos abortos, decidam renunciar à decisão da madre superiora e mandem um dos polícias levá-la de volta para Paris. Geneviève decide ficar junto a Pétronille, que sofre de enjoos desde que deixaram Paimboeuf. Está a segurar um balde debaixo do queixo da rapariga e inclina-se para a frente para a ouvir a sussurrar:

— Obrigada.

O acesso ao convés permanece interdito às mulheres, enquanto o *La Baleine* voga para Lorient. Às vezes, nos momentos de maior escuridão, Geneviève sente o coração a começar a acelerar, como acontecia na Grande Force. Quando a respiração se torna mais curta, a provençal fecha os olhos. Tenta ignorar os passos dos marinheiros que ecoam acima delas, o som espectral do vento a bater nos mastros. Imagina-se em La-Bastide-des-Jourdans, a seguir o seu atalho preferido para casa, a caminhar pelos campos de lavandas que só podiam ser atravessados ao pôr do Sol, quando as abelhas deixavam as flores em paz. É aí que gosta de ficar sempre que pode.

Da primeira vez que Geneviève vê o mar, em Lorient, esses campos azuis vêm-lhe à memória. Assim como o vento a soprar ao longo da sua vastidão e da ondulação líquida das flores. Do convés principal, olha para as ondas, densas, escuras e argênteas, a enrolar-se até à linha reta do horizonte. Não sabia que os olhos podiam ver tão longe. Ao contemplar o Atlântico, sente-se tonta, aturdida. Lembra-se de que até ao momento nunca compreendeu verdadeiramente o que significava viajar para a Luisiana. Ao fim de tanta água, nada mais poderá ser importante e ela poderá ser livre como foi num passado distante, tanto na Provença como em Paris. E, nesse preciso momento, antes de desembarcarem na Bretanha, parece-lhe impossível que alguém lhe tire essa possibilidade.

Assim que o padre e os concessionários chegarem, o *La Baleine* estará pronto para zarpar, segundo explica a irmã Gertrude. A estalagem de Lorient, onde vão ficar nas próximas semanas, fica perto do porto. Mas, da única janela do quarto que as freiras escolhem para Geneviève, Pétronille, Étiennette e Charlotte, Geneviève já não consegue ver o mar. Na ceia do primeiro dia, Geneviève olha de relance para Charlotte e Étiennette, que estão sentadas do outro lado da longa mesa de madeira. Na escuridão do *La Baleine*, era impossível

perguntar a Charlotte qual tinha sido o assunto da conversa com a irmã Gertrude. O mundo já estava demasiado monótono e húmido; parecia-lhe demasiado parecido com a Grande Force. Agora que estão de volta a terra firme, porém, que se aprestam a partilhar um quarto, sabe que tem de o fazer.

Quando Geneviève sobe as escadas para o quarto depois da ceia, encontra Pétronille deitada na cama que vão partilhar. O chão está coberto de vômito, tal como o fundo do vestido de Charlotte. Étiennette está meio afastada, com uma mão a cobrir os lábios. Charlotte está a empurrar o saco de lona devagar para debaixo da cabeça de Pétronille. Recua quando vê Geneviève a entrar.

— O que aconteceu?

Pétronille lança-lhe um sorriso débil. Devagar, as faces voltam a ganhar alguma cor.

— É como se eu ainda estivesse no barco — diz.

— Mas não estás — replica Geneviève.

— Vou procurar alguma coisa para limpar isto — sugere Charlotte. Geneviève afasta-se para a deixar passar, mas depois diz:

— Espera, eu vou contigo.

No corredor, abre caminho por entre a multidão de mulheres que regressam do refeitório para conseguir alcançar Charlotte.

— O que é que queres? — pergunta a rapariga.

Geneviève só consegue ver as costas de Charlotte, as pernas a moverem-se num passo pesado. Recobra o fôlego. Espera até chegarem ao terceiro andar, que está mais calmo, para falar.

— Falaste com a irmã Gertrude — diz ela.

— Os olhos de Charlotte incidem no único armário do corredor.

— Falei — riposta.

— Porquê?

— Não tens nada que ver com isso.

— Com o que ela te disse sobre mim, tenho.

As sardas de Charlotte desaparecem na luz débil.

— Tu eras prisioneira na Grande Force, mas eu já desconfiava.

— Ah, sim?... — diz Geneviève. De início, pensa que Charlotte está a atirar barro à parede, mas a rapariga não desvia o olhar. As pernas de Geneviève ameaçam ceder. — O que é que ela te disse além disso?

Charlotte ajoelha-se junto ao armário. Nem sequer se vira para olhar para ela. Quando Geneviève repete a pergunta, quase não reconhece a própria voz.

— Disse... — começa Charlotte, interrompendo-se para aclarar a garganta. — Disse que não queria saber o que fizemos. Que não foi ela que nos escolheu. — Detém-se. De repente, parece ter sido dominada por uma imensa tristeza. — Quem nos escolheu foi a madre superiora. A irmã Gertrude só está aqui para assegurar que chegamos sãs e salvas

à colónia.

Por instantes, Geneviève está demasiado aliviada para falar. O que fez em Paris é irrelevante. Independentemente de tudo o que tenha acontecido, vai partir para a Luisiana.

— Se já sabias que eu estive presa na Grande Force — diz —, porque é que foste perguntar à irmã Gertrude?

Charlotte morde o lábio.

— Porque a Étiennette não acreditava em mim — responde.

Geneviève desvia o olhar. Fora tudo uma ilusão sua. Charlotte nunca tivera a intenção de a impedir de ir para o Mississípi. Só a queria manter longe de Étiennette. Geneviève pensa em tudo o que teria feito por Amélie. Não quer compreender Charlotte, mas uma parte dela compreende-a. Pensa melhor. Já saberia, com aquela idade, que a relação que tinha com Amélie iria transformar-se em algo mais? Vê Amélie a acolhê-la na casa da marquesa, a mostrar-lhe o quarto estreito que iriam partilhar. Não, é claro que não sabia. Naquele dia não sentiu nada a não ser alegria, alívio; finalmente, podia contar com alguém.

— Leva isto — diz Charlotte, oferecendo-lhe um pano. — Para a Pétronille.

A mão fecha-se no pano, mas o resto do corpo não se mexe. Geneviève fica a observar Charlotte a descer as escadas, com baldes pendurados nos braços. Não tem bem a certeza de quanto tempo fica ali especada no patamar. Uma chuva forte começou a cair sobre o telhado. A estalagem palpita à volta dela e a água ecoa como acontecia na entrecoberta do *La Baleine*.

Amélie manteve-se perto de Geneviève depois de o bebé desaparecer. A presença da amiga deixava Geneviève mais tranquila. Quando Amélie lhe tocava no rosto, ela pensava em círculos das cores do arco-íris em pestanas atingidas pelo sol, linho frio como gelo contra as têmporas febris. Ficava deitada ao lado de Geneviève horas a fio. Quando Amélie estava concentrada, coçava o lábio superior com as unhas viradas para os dentes e o polegar a esconder o queixo. Coçava o local exato onde o nariz e a boca se faziam lábio e depois mais abaixo. A pequena ferida nunca sarava por completo; ficava mais polida e alisada quando estava bem, com uma crosta mais grossa ou mais sangrenta quando estava mal. Quem olhava para ela não notava muito. Mas fazia com que cada beijo fosse diferente. Tal como em muitas outras coisas, Geneviève gostava de pensar que só ela o conhecia: um recorte insignificante e indolor cuja profundidade ela sentia com a ponta da língua.

Encontravam-se em lugares onde nunca tinham estado com Félicien: no sótão, rodeadas de ratos intrépidos e mobília que

sobrevivera a vários reis; atrás do laranjal, à sombra de frutos que não deveriam ter crescido naquele clima. Partilhavam a cama e agradeciam à ama os aposentos acanhados que impingia aos criados; à noite, quando os dedos percorriam caixas torácicas e coxas se enleavam com coxas, puxavam os cobertores bem para cima dos rostos, respiravam o ar irrespirável entre elas e chegavam-se uma à outra até não restar espaço para mais nada.

Depois, Geneviève saía da cama e abria a janela. Deixava a brisa entrar e observava o amanhecer descolorido. Na rua, um vizinho gritava com os filhos por terem deixado cair um frasco de leite. Barris de cerveja moldavam círculos profundos na lama; os aprendizes de ferreiro seguiam o mestre a passo rápido para a oficina. A vida avançava, mas a capital parecia-lhe diferente. Não tinha nada que ver com a cidade que lhe matara a família. Amélie tinha mudado Paris para Geneviève.

Quando agosto se faz setembro, o comportamento de Étiennette perto de Geneviève altera-se. Geneviève gostaria de não se importar com a amizade de Étiennette, mas descobre que não é bem assim. Perde o apetite. No pátio da estalagem, esfrega os caracóis oleosos até voltarem a adquirir o tom castanho original, mas ninguém se lembrou de lhe reservar um balde limpo e a água que está a usar já está turva. À noite, Étiennette adormece depois de um simples *bonne nuit*. Durante a missa, na igreja semiconstruída de Saint-Louis de Lorient, Charlotte mantém os olhos fechados e o rosto levantado para a nave incompleta. As orações não trazem qualquer conforto a Geneviève. *Idiota, estúpida, egoísta*, diz a voz que a atormentava na Grande Force: é claro que as pessoas iriam ficar a saber o que ela fizera em Paris. Geneviève centra a atenção no vento que passa pelas frechas dos vitrais, como se fossem as personagens lá representadas a soprar a brisa do mar.

Pétronille não tem enjoos desde aquela primeira noite em Lorient. No entanto, já quase não fala. Nem com Geneviève, nem com ninguém, e é o silêncio geral que mais fere Geneviève. Étiennette responde-lhe às perguntas, mas não lhe faz nenhuma. Não há ninguém com quem especular quando ficará a pintura pronta e quando irão finalmente zarpar. Rodeada de tantas mulheres, Geneviève sente-se mais sozinha do que na cela da Grande Force.

Numa tarde de meados de setembro, Geneviève senta-se na cama a olhar para a trouxa. O quarto está vazio: as outras mulheres já se encontram no andar de baixo a cerzir a roupa com agulhas e lã fornecidas pelas freiras ursulinas locais. Os arranjos da roupa só podem querer dizer uma coisa: não demorarão a partir.

Quando a porta se abre de rompante, Geneviève sobressalta-se.



Porém, não é Étiennette nem Charlotte. É Pétronille que aparece no limiar da entrada, com o rosto novamente pálido e os dedos cravados no toucado.

— O que se passa? — pergunta Geneviève.

Pétronille olha sobre o ombro e depois de novo para Geneviève.

— Tinha esperança de te encontrar aqui — diz ela. Entra e fecha a porta. — Ouvi o que a Étiennette diz sobre ti.

— Foi a Étiennette que te contou? Não a Charlotte?

Pétronille abana a cabeça.

— A Étiennette diz que tu sabes como fazê-lo. — A voz é categórica; poderia estar a falar sobre as flores do herbário de Geneviève, como fez um dia no *La Baleine*. Pétronille baixa o olhar.

Geneviève demora um momento a perceber que Pétronille não está a olhar para os pés, mas para a barriga.

Faz-se um momento de silêncio. Geneviève já não ouve as canções das camareiras nem o bater dos lençóis. A única coisa em que consegue pensar é na casa da Rue des Carmes e nas raparigas com os rostos expectantes tão parecidos com o de Pétronille neste momento. Na senhora idosa para a qual ela abrira as pernas, os dedos a tocá-la como que a descascar um fruto. Como a *velhota* lhe fizera um gesto para que ela olhasse para cima e lhe enfiara no cesto um punhado de ervas, que Amélie esmagara à noite numa tigela e que, mais tarde, Geneviève estenderia à primeira rapariga tímida e lacrimějante que lhe viria a bater à porta. Naquele dia na margem esquerda do rio, Geneviève não fora capaz de se conter. Perguntara à mulher o que deveria fazer se não funcionasse. Viu então o encolher de ombros e ouviu a resposta que havia de a acompanhar até muito depois de o ardor passar, até muito tempo depois de trocar os lençóis e fazer a cama com roupa lavada com perfume de lavanda: «Terás de criar o teu filho.»

— Quanto tempo? — pergunta.

Pétronille sobressalta-se. Leva os dedos às mangas, puxa fios de tecido e ata-os bem à volta do polegar.

— Lamento não ter dito nada antes.

Geneviève observa as bolsas debaixo dos olhos de Pétronille, os fios de cabelo castanho a caírem-lhe sobre as faces lívidas, mas cheias. Já passou muito tempo desde a última vez que alguém lhe pediu alguma coisa.

— Não importa — diz.

— Aconteceu quando estávamos em Orleães. Na estalagem.

Geneviève lembra-se dos barulhos que ouviu quando acordou naquela noite. Sente um alívio estranho. Por uma vez, pode fazer alguma coisa: o que melhor sabe fazer, ou quase.

— Vou tentar. Mas não posso prometer nada.

Pétronille assente com a cabeça. Geneviève pega na roupa dela. Sente-se atordoada, um pouco fraca, até. Está prestes a abrir a porta quando Pétronille a chama.

— Temos sorte de te ter aqui — diz.

Geneviève consegue ouvir o coração a palpitar nos ouvidos. Olha para Pétronille.

— Obrigada — responde.

Sai para o corredor e desce as escadas. Tem as mãos húmidas. Sente-se ansiosa, mas, pela primeira vez desde que foi presa, há nove meses, sabe exatamente o que tem de fazer, o que lhe dá algum consolo.

À tarde, no refeitório, Geneviève senta-se afastada das outras mulheres. Cose os saíotes. Os olhos cruzam-se com os de Étiennette uma vez, mas Geneviève concentra-se no tecido rasgado. Junta os pedaços rotos com cuidado, como a mãe lhe ensinou, a prepará-la para o dia em que ela não iria poder contar com ninguém a não ser com ela própria.

Depravada, abortadeira. É mais complicado do que isso, mas a marquesa d'Argenson nunca lhe deu uma oportunidade para se explicar. A marquesa não estava a mentir, não tinha imaginação para tal. Nunca estava completamente enganada nem completamente certa quanto a Geneviève. Não sabia que ela tinha feito muito pior do que aquelas palavras davam a entender. Se ela soubesse da relação que Geneviève manteve com Amélie ou das dezenas de raparigas que Geneviève ajudou, teria havido um julgamento, Geneviève teria ido para Le Petit Châtelet, teria sido acusada de prostituição, de devassidão. Nunca ninguém a teria encontrado na cela da Grande Force, nem sentada numa carroça que a iria levar para o outro lado do mundo. Porém, Lucie d'Argenson não descobrira tudo; tivera conhecimento apenas de uma mulher, a padeira que procurara a ajuda de Geneviève num dia frio de janeiro. Geneviève começava a considerar a verdade demasiado avassaladora e oculta — uma arma que podia ser usada para a destruir. Antes de pararem em Lorient, nunca pensou que voltaria a reclamar aquela parte de si própria. Nunca achou que valesse a pena.

Os quartos da estalagem enchem-se de conversas sobre a viagem. Ao longo das últimas semanas, Geneviève observou os movimentos dos concessionários no porto, os futuros trabalhadores da Luisiana a arrastarem-se ao lado de gado teimoso, a carregarem barricas de comida e de água. O *La Baleine* ficou encostado durante vários dias; homens levaram cabos e polias, trocaram tábuas apodrecidas,

consertaram o casco. Agora, o barco resplandecia como madeira acabada de encerar.

Geneviève sabe que não tem muito tempo: a partida está marcada para o dia 1 de outubro. Antes disso, tem de conseguir colher as plantas, de obter a aguardente. De entrar à socapa na cozinha da estalagem. De pedir ajuda a uma das criadas. De fazer de conta que está doente para faltar à última missa na igreja inacabada. De tentar ir à feira no porto, na esperança de encontrar mais do que apenas peixeiros.

Mas o seu verdadeiro receio é Étiennette e Charlotte. Geneviève vai precisar do quarto, mas, acima de tudo, vai precisar da discrição de ambas.

Algumas horas antes de ter sido presa, Geneviève foi a correr ao encontro de Amélie no pátio onde deixavam a roupa a secar. Em qualquer outra tarde, ter-se-iam sentado na cozinha e pedido um pouco de vinho ou de cerveja à cozinheira. Já não podiam ir à taberna vizinha: dizia-se à boca pequena que as mulheres que lá fossem vistas eram detidas pela polícia e levadas para um lugar distante.

Já passara um ano desde que Geneviève tinha ido à casa da Rue des Carmes e há meses que ajudava as lavadeiras, as floristas e a damas de companhia locais. No início da semana, prometera a Amélie que a rapariga, a padeira, seria a última. Era um alívio para ambas.

«Ainda bem», dissera Amélie. «Era só uma questão de tempo até seres apanhada.» Por isso, naquela tarde de janeiro, quando a mulher que Geneviève ia ajudar disse, num sussurro, que não podia entrar, que a patroa sabia de tudo, Geneviève fechou a porta devagar. Não ficou surpreendida. Pensou: *Se tivesses dito que não a esta rapariga, se tivesses feito a promessa à Amélie mais cedo!*

A ideia era corrosiva, perigosa. Geneviève tinha de manter a concentração se queria ter uma oportunidade de ver Amélie de novo. As mãos tremiam-lhe tanto que ela teve dificuldade em abrir a porta da cozinha que dava para o corredor. Passou pela despensa, saiu para o exterior sob a luz de inverno, os lençóis molhados agitavam-se ao de leve. Quando a viu, Amélie percebeu imediatamente. Saíram do pátio juntas e correram para o quarto. Tinham poucos minutos para estar juntas. A marquesa d'Argenson não demoraria a entrar de rompante nos aposentos dos criados.

Hoje, Geneviève ainda se congratula por não ter hesitado, por ter subido aquelas escadas a correr com Amélie, por ter fechado a porta com a força que fechou. Congratula-se por ter roubado à marquesa o que nunca ninguém lhe poderia tirar.

Também não hesita com Charlotte e Étiennette. A caminho da igreja, Geneviève agarra a manga de Charlotte. À volta delas, as mulheres estão distraídas: olham para os pés para não pisarem excrementos nem escorregarem em escamas de peixes; olham para o céu que veem assim tão vasto e profundo em cima delas uma vez por semana. Geneviève abrandar, faz um sinal para Étiennette e Charlotte se aproximarem. No peito, o coração é um pássaro, uma borboleta, um bicho-da-seda faminto. As raparigas detêm-se na esquina da rua que conduz ao porto; paradas sob a brisa salgada, esperam que um carregamento de vinho passe. Geneviève sente o toucado a roçar no de Étiennette e no de Charlotte. Diz-lhes num sussurro que sabe o que mais ninguém poderá vir a saber.

Estava à espera de perguntas, sussurros baixos e sobrancelhas franzidas. Porém, Étiennette fica em silêncio. É Charlotte, com um olhar severo, que pergunta:

— Pensavas mesmo que eu iria dizer alguma coisa?

*Lorient, outubro de 1720*

## Pétronille

Pétronille teria preferido ficar na entrecoberta. Gosta da penumbra do ventre do *La Baleine*, sobretudo agora que o barco já está em movimento, que ouve a água a bater contra o casco e os marinheiros a correrem mais acima. Nas carroças, sentia-se minúscula, perdida entre silvas cheias de amoras, vespas teimosas e árvores tão grandes que os ramos desenhavam alcovas à volta dela; não tinha qualquer forma de fugir do campo e, quando chegou a pensar que teria — seguindo o filho do estalajadeiro em Orleães, o jovem que lhe tocara no sinal de nascença e dissera que nunca vira uma mulher como ela —, dera por si noutro tipo de armadilha, incapaz de decidir se alguma vez teria querido, e se ainda queria, a mão do rapaz a subir-lhe pelas coxas.

No barco, desde que não veja o mar a passar-lhe ao lado, Pétronille consegue convencer-se de que o *La Baleine* não é muito diferente de Salpêtrière. Que a única coisa que tem de fazer nas próximas semanas é ficar calmamente sentada, dormir quando o Sol se põe e comer quando tiver comida à frente. As refeições já não lhe provocam enjoos, graças a Geneviève. Mas ainda sente a barriga dorida das compressões, as pernas fracas, e gostaria muito que a irmã Gertrude não as tivesse chamado todas para a popa. Provavelmente, a freira pensava que lhes estava a fazer um favor, que as mulheres ficariam contentes por ver o continente pela última vez. Pétronille não fica. Nunca nenhuma casa na França foi um porto seguro para ela.

No convés, é assaltada por tudo ao mesmo tempo: a luz violenta da tarde, o barulho dos gritos dos marinheiros e dos guinchos das aves marinhas, o oceano a rolar debaixo do barco como massa nas mãos de um padeiro. Os três mastros do navio elevam-se, imponentes, à frente dela — um junto à escotilha de onde ela acabou de sair, os outros instalados em cada um dos conveses superiores. Uma rajada brusca deixa os olhos de Pétronille a marejar e ela não tem a certeza se o que sente é o sal do borrito do mar ou lágrimas que lhe assomaram aos

olhos. Sobe a escada para a popa, atrás das outras raparigas. Aprendeu a antecipar os encontros e os agarrões, os toques inesperados que, há não muito tempo, a arrepiavam. Aprendeu a ignorar a alcunha que as outras lhe deram: *La Tachée*, a Manchada. Até este momento, não lhe passava pela ideia que viesse a ter saudades da criada de Salpêtrière, a que dissera que o sinal de nascença que ela tinha no rosto era uma maldição e que saíra a correr do quarto assim que Pétronille olhara para ela. O temor da serviçal era melhor do que o escárnio das mulheres; pelo menos, a criada deixava-a em paz. Na Maison de Correction, Pétronille não se importava com a solidão. Ou talvez importasse, mas só no início, antes de se adaptar à nova rotina e de se afeiçoar à vista do jardim Le Marais pela janela do quarto. Pétronille vira os dormitórios. Viu onde acabaria se não se tivesse apresentado como voluntária para esta viagem depois de a mãe lhe escrever que não demoraria a deixar de pagar a pensão.

— Étiennette, olha!

Charlotte, *la petite* com quem Pétronille partilhara um quarto em Lorient, que lhe segurara a cabeça depois de Geneviève lhe ter dado as ervas, aponta para a gaivota alcandorada num ninho no topo do mastro. Para lá da popa, não há nada a travar o oceano, nenhuma das florestas que cercavam os campos, as carroças, as centopeias que andarilhavam apressadas aos pés de Pétronille. O céu de outubro tem um tom leitoso que lhe fere os olhos. Pétronille respira fundo, tal como Paul lhe ensinara quando vivia em Château-Thierry. Tenta olhar por cima do ombro de Étiennette, que está debruçada na grade com o braço enlaçado no de Charlotte. Se conseguir focar-se no continente, se conseguir manter-se em pé tempo suficiente para o ver a fundir-se com o mar, ficará bem. Os comentários das raparigas irão ser silenciados. Pétronille irá esquecer-se do vento e do homem de Orleães tal como acontecera na estalagem, ainda que por meros momentos, quando fixou os olhos na teia de aranha que pendia acima do colchão e viu como criava pontes entre as vigas sem que nada parecesse segurá-la.

— *Mademoiselle, attention.*

Pétronille regista o aviso do homem no preciso momento em que sente um aperto no tornozelo a tolhê-la. Tenta mover-se, mas o nó já está demasiado apertado. À volta dela, as mulheres recuaram. Pétronille ouve alguém dizer que *La Tachée* está presa e o tremor volta-lhe às mãos e sobe-lhe até aos ombros. Depois, ouve a voz do homem novamente, mais baixa.

— Se puxar aí, o nó desata-se.

O marinheiro está a apontar-lhe para a perna. Tem a outra ponta da corda na mão. Ao ver que Pétronille não se mexe, o homem não se ajoelha para a guiar. Limita-se a repetir o que disse, no mesmo tom:

de incentivo, apologético, mas não sem convicção. Pétronille baixa-se. Sabe que não é boa ideia olhar em volta para a parede de vestidos, a densa cortina de sarja que a rodeia. Foca a atenção na corda. O homem tem razão; o nó desata-se facilmente quando ela puxa e o laço em volta da perna alarga-se, tal como o círculo de mulheres em seu redor, que se afastam, desinteressadas, ao verem Pétronille a libertar o pé e a levantar-se.

— É a corda do artemão — explica o homem, virando-se para o mastro atrás dele.

Tem a pele crestada pelo sol, os olhos azuis. O rosto não é particularmente agradável; o nariz é demasiado afilado para as bochechas redondas e tem um tufo de cabelo russo a elevar-se do lenço atado à testa. Deve ter a idade dela, mas, em todo o caso, não parece ter mais de vinte e seis anos. Pétronille gosta da voz do homem. Gosta de ver que ele não a importuna, não lhe tira nada sem perguntar primeiro. Pétronille estende-lhe a corda e ele agradece-lhe. Depois desaparece no meio da multidão de raparigas e, no lugar dele, aparece outra pessoa, a mulher que a ajudou em Lorient. Geneviève também tem uma voz bonita, bem como um pequeno intervalo entre os dentes da frente, e Pétronille não acredita no que as outras mulheres dizem: que o diabo sopra por aquele interstício. Pétronille gosta da forma como os caracóis de Geneviève espreitam por baixo do toucado, de os ver soltos a pender-lhe sobre o maxilar.

— Estás bem? — pergunta Geneviève.

— Estou. Obrigada.

Pétronille guardou os narcisos que Geneviève recolheu depois de tudo acabar. Atou-os no alto das meias, tão suaves que quase não os sente. O que sente é o súbito desejo de poder levantar o vestido para se certificar de que lá estão.

— Não te vires — diz Geneviève, franzindo o sobrolho. — Ele ainda está a olhar.

Pétronille encara, então, o mar, ciente do olhar do marinheiro atrás de si, de uma curiosa pressão entre as omoplatas. Tenta centrar a atenção no horizonte à procura de um pedaço de terra do tamanho de um crepe em pleno oceano. Mas a única coisa que vê são as ondas, depois água, serena, cinzenta, a estender-se num plano perfeito até à linha do firmamento. A França ficou para trás.

Para os seus pais, Pétronille era uma simplória. Não era segredo para ninguém. Em Château-Thierry, a mãe dela apontava-lhe o dedo comprido e Pétronille ouvia todas as senhoras que a visitavam enfiadas em vestidos que faziam lembrar bolos com coberturas sumptuosas a murmurar «que pena» e «mesmo assim é muito bonita». Tratavam-na como se fosse um cachorrinho: uma criatura ternurenta

que parecia compreendê-las, embora não fosse realmente capaz de o fazer.

Com cinco anos, Pétronille quase não falava. Os quatro irmãos, já casados, chamavam-lhe «*Simplette*» nas cartas que escreviam. Pétronille ouvira os adultos a dizer que era uma criança com um aspeto impressionante, com o cabelo preto a enquadrar os olhos verdes e um sinal de nascença branco no rosto. Um amigo do pai chegou a admitir que a mancha era fascinante: parecia dar-lhe profundidade ao rosto, convidar a um olhar mais atento, como o ponto de fuga de um caminho no meio de um jardim. Uns diziam que lhe acentuava a beleza; outros recusavam-se a olhar. Pétronille nunca sentiu vergonha do sinal de nascença; nunca se vira sem ele. Estava habituada aos olhos perscrutadores das visitas. Todas elas acabavam por desviar o olhar ao fim de poucos segundos, convencidas de que tinham visto tudo o que havia para ver.

No entanto, Pétronille ouvia e compreendia tudo o que diziam. O problema é que nunca se lembrou de lhes responder. As conversas adensavam-se à sua volta, rumores e murmúrios, e ela começava a ouvir as pratas a tilintar, as notas do cravo, os passos das serviçais. Sentava-se à mesa de jantar, paralisada, a tentar dividir os sons em categorias: vento, música, vozes. No final da refeição, quando os convidados se dispersavam entre a sala de fumadores e a sala de estar, a mãe ajoelhava-se junto dela, perguntava-lhe como se sentia. Pétronille sabia o que a mãe queria ouvir; sabia que estava finalmente na hora de ir para a cama. Respondia sempre: «Estou bem, obrigada.»

Pétronille não fazia ideia de que o oceano era tão vasto. Em Paimboeuf e Lorient, quase não o vira; os enjooos eram tão violentos que ela nem sequer conseguia olhar para as ondas que sacudiam o navio e a deixavam maldisposta. Agora, Pétronille percebe a dificuldade de uma viagem no mar. No campo, pelo menos, havia marcos de referência. Sabia que estavam a avançar, que não demorariam a chegar à vila seguinte, a conhecer mais um camponês taciturno. No porão do navio, a única coisa que ela sabe é que às vezes o Sol se levanta e se põe.

Ao longo da semana seguinte, Pétronille vê as outras raparigas a vomitar e suar, mas o mar já não lhe provoca enjooos. Descobre que gosta de sentir as ondulações do *La Baleine* a percorrer-lhe o corpo; que não consegue deixar de as associar à voz calma do marinheiro, que não consegue esquecer. Avistou-o há poucos dias na entrecoberta, com o lenço na cabeça e o casaco azul curto, a ajudar um grumete lacrimejante com uma vela rasgada nas mãos e a mostrar-lhe como cosê-la. Os olhos do rapaz estavam cravados na agulha e o marinheiro estava demasiado absorto nas explicações que dava para reparar nela.



Naquela noite, Pétronille lembrou-se do tom paciente do marujo, dos gestos cautelosos; havia um quê de honestidade no homem, uma delicadeza que ela pensava que a dureza dos mares já teria desgastado. Pétronille não se quer deixar entusiasmar: tem medo de voltar a compreender mal as intenções das pessoas, que era algo de que a mãe se queixava muitas vezes. Mas ela sabe que os homens não são todos como o filho do estalajadeiro de Orleães. Foi uma das muitas coisas que aprendeu ao lado de Paul nos jardins de Château-Thierry.

As freiras também padecem dos achaques dos mares. Não conseguem dar ordens como é costume. Cabe a Pétronille, Geneviève e quatro outras raparigas tomar conta das demais. A parte da entrecoberta onde as mulheres foram instaladas já absorveu os odores dos vômitos e da água estagnada. A escotilha filtra a luz do dia e o ar, e Geneviève insiste em criticar as ordens do capitão — «Qual seria o mal de abrir estas vigias?» —, mas Pétronille não se queixa. Habitou-se a viver na penumbra, a evitar os barris encostadas às paredes, a encontrar o caminho entre as enxergas. Passa por Geneviève, a oferecer quatinhos de água com infusão de ervas às outras raparigas, interrogando-se acerca da sua receita, a dá-la de beber a Étiennette e a Charlotte, que passam a maior parte do tempo a dormir lado a lado. As freiras disseram que todas as raparigas que estivessem com enjoos deveriam tomar dois goles; Pétronille observa as gargantas das mulheres a mexer-se à medida que engolem e conta. À noite, ouve o riso rouco e os roncões dos concessionários amontoados do outro lado de um tabique fino, os mugidos, cacarejos e grunhidos das vacas, das galinhas e dos porcos fechados no castelo de popa, junto às copas.

A entrecoberta é um labirinto que Pétronille não consegue decifrar. Ela sabe que o paiol de pólvora, a que os marinheiros chamam Santa Bárbara, fica muito perto do local onde ela dorme. Passou pela despensa algumas vezes, mas não faz ideia de onde ficam os aposentos do timoneiro nem a oficina do carpinteiro de que ouviu os grumetes a falar. Debaixo da escotilha, há outra escada. Os gatos do barco sobem-na com as patas molhadas e desaparecem num espaço ainda mais escuro do que aquele em que ela está instalada.

Pétronille cinge-se ao que conhece. Esvazia os baldes cheios de vômitos, passa água do mar nos trapos e esfrega poças cheias de grumos. Não se importa de fazer este trabalho. Mantém-na ocupada, dá-lhe a liberdade de andar de um lado para o outro. Dá-lhe tempo para pensar em alguém que não seja o homem de Orleães. Quanto mais o rosto do marinheiro lhe vem à memória, mais polido lhe parece, como uma pedra que rola ao sabor das ondas.

O mundo de Pétronille nunca foi silencioso. Quando era pequena,

inventava os seus próprios jogos e nunca respondia a perguntas. Brincava durante horas com as duas mãos, uma a fazer de senhora, outra de cavalheiro, e os dedos a galopar pela parede. Pensava nas cócegas e nas moscas-da-fruta e perguntava-se de onde viriam. Deitava-se na cama durante horas, a olhar para o teto e a sentir a pulsação no pulso, na virilha, no cotovelo, numa tentativa de lhe seguir o rasto inesperado.

Ao amanhecer, gostava de descer à cozinha quando só os criados estavam acordados. Se tivesse sorte, as serviçais já teriam chegado da quinta, com cestos cheios de palha que pousavam cuidadosamente junto à lareira. Pétronille debruçava-se sobre o pote, partia um ovo e depois outro. Ninguém lhe dizia nada; as raparigas da cozinha tinham-lhe ensinado a escalfar ovos e estavam habituadas a vê-la perdida no seu próprio mundo. Pétronille ficava a ver a clara e a gema a dançarem na água, maravilhada com a forma como nunca deixavam de se encontrar.

O *La Baleine* já navega há onze dias quando Pétronille e as outras mulheres recebem a autorização para voltar ao convés. A maioria ainda está entorpecida; os rostos, pálidos. Mas quando Pétronille chega ao cimo da escada e ajuda Geneviève a subir, já não está a pensar nos achaques das raparigas. Em ambas as pontas do navio, o castelo de popa e o tombadilho superior quebram o nivelamento das grades, e os dois conveses superiores elevam-se acima do convés principal. Lá fora, o vento seca-lhe o suor, areja-lhe o vestido e acaricia-lhe o rosto; por um segundo, Pétronille sente-se limpa. Depois vê o oceano, mais azul do que da última vez que o viu, a rodar, a desenhar um círculo infinito à volta delas, como se, subitamente, o *La Baleine* se tivesse tornado o centro de um mundo feito de água. Pétronille pergunta-se se o homem de voz calma a vê de onde quer que esteja.

— Vamos passear um pouco? — diz Geneviève, sorrindo quando Pétronille enlaça o braço no dela.

Sobem para o convés superior e passam pelo castelo de proa em direção à ré. Pétronille mantém a cabeça baixa. O horizonte, a água e o vazio à volta dela deixam-na nervosa. Vira-se e vê marinheiros, dezenas de marinheiros, a subirem aos mastros, a puxarem as velas e a rebobinarem cordas. Rostos morenos, calças desbotadas e cabelos descorados. Pétronille tem medo de que ele apareça no meio da multidão e vá ao seu encontro. Tem medo de que ele nem sequer esteja no navio.

— É melhor aproveitarmos enquanto podemos — ouve Geneviève a dizer. — Quando as irmãs estiverem restabelecidas, nunca mais poderemos voltar para aqui sozinhas.

Pétronille sabe que Geneviève tem razão. Entre os dedos, sente os fios das mangas a desfiarem-se.

Descem a escada para o convés principal, passam pelo barco a remos e a porta que conduz aos aposentos dos oficiais. Debaixo dos ovéns, o piloto está a mexer num disco pequeno. Deixa-o cair de lado e acena-lhes, a mão a agitar-se contra o azul do céu como se estivesse a afagá-lo. Depois, volta ao instrumento e Pétronille vai ter com Geneviève à grade. O sol do outono aquece-lhe o rosto.

— *Mesdemoiselles*.

Pétronille fica desiludida quando vê os dois homens a olhar para elas. Um traz uma sotaina; o outro, um casaco demasiado pequeno para a barriga. Nenhum deles é marinheiro.

— Deixem que me apresente, por favor — diz o homem mais roliço, alisando as *culottes*. Tem uma voz aguda, rápida, nada parecida com o que Pétronille estava à espera. — Oficial Des Étaux, cirurgião do *La Baleine*. Este é o padre Jean Richard. — O padre fita as moças. O oficial acrescenta: — Creio que algumas das vossas companheiras tiveram dificuldade em adaptar-se à vida do mar, não é assim?

Pétronille ouve Geneviève a dizer que sim, depois algo sobre ele estar seguramente demasiado ocupado para ajudar mulheres frágeis como elas. Pétronille não tem a certeza se o oficial percebe a ironia na voz de Geneviève e não ouve a resposta que ele lhe dá. Está a olhar para além do homem, para o fundo do mastro. Há três marinheiros a trabalhar nos cabos, mas só um está a olhar para ela, e é o que a ajudou com a corda. O primeiro instinto de Pétronille é desviar o olhar, rapidamente, para lá do cirurgião, do padre, e pousá-lo no mar, para depois reconstituir o mesmo caminho, com cuidado para levantar o queixo o mais discretamente possível. Quando volta a incidir os olhos no marinheiro, ele está a tentar dizer-lhe qualquer coisa com as mãos. De início, os movimentos são rápidos e difíceis de seguir. O homem faz sinal para o Sol, desenha um arco no céu, para um lado e para o outro, e aponta levemente para o lugar em que se encontra. Quando começa a repetir a mesma série de gestos, tem um ar tão sério que Pétronille deixa escapar um riso leve que interrompe o cirurgião e deixa o padre com o cenho franzido.

— Não fazia ideia de que a falta de ar e luz, de medidas de higiene primária, diga-se, era tão engraçada — critica o padre Jean Richard, abrindo a boca para falar pela primeira vez.

Geneviève inclina-se na direção do padre. O cirurgião semicerra os olhos.

— Peço desculpa — sussurra ela —, às vezes a minha amiga fica confusa.

Pétronille sabe que Geneviève está apenas a tentar protegê-la, mas tem muita dificuldade em suportar a expressão de pena no rosto do

cirurgião e do padre: o mesmo olhar que vira tantas vezes quando era criança e a mãe dizia às visitas que a filha era lenta e que já tinha desistido de tentar compreendê-la. O cirurgião aclara a garganta.

— Bem, *mesdemoiselles*. — Pronuncia todas as sílabas muito devagar, com muito cuidado. — Voltaremos a ver-nos, com certeza.

O padre Jean Richard estuda-a durante mais um segundo, depois cumprimenta-as a ambas com um aceno de cabeça.

Pétronille ouve Geneviève a dizer o nome dela. De repente, está cansada e irritada. Gostaria que Geneviève não hesitasse tanto a pegar-lhe no braço e que não tivessem de voltar já para a entrecoberta. Ao passarem pelo marinheiro ajoelhado debaixo do mastro, Pétronille acena-lhe brevemente com a cabeça. Amanhã, à mesma hora, no mesmo lugar.

Pétronille tinha treze anos quando o pai contratou um novo jardineiro. Paul tinha o dobro da idade de Pétronille. Trazia sempre as mãos sujas, as dobras dos dedos com marcas de terra. Tinha um rosto pequeno e a boca tão perto do nariz que Pétronille se perguntava se conseguiria chegar com a língua às narinas. Um dia perguntou. Conseguia.

No dia em que se conheceram, Pétronille estava a regressar ao castelo. Andava a vaguear havia uma hora, talvez duas. Costumava fazer longas caminhadas sozinha, das quais trazia ninhós caídos, insetos mortos e rebentos de flores, que acumulava nos seus aposentos. A mãe de Pétronille ficava enfurecida com os «desaparecimentos» da filha. Naquela tarde de primavera, Pétronille levava para casa um caule de rosa muito comprido. Estava a pensar onde o teria pousado (em cima da lavanda seca, atrás da penteadeira) quando ouviu uma voz.

— Matou essas flores todas, sabia?

Pétronille quase picou os dedos nos espinhos quando se virou. O homem estava ajoelhado no canteiro de flores a apontar para o caule da rosa. Pétronille não gostava de estranhos, sobretudo quando tentavam aproximar-se dela. Mas aquele ainda estava sentado quando disse:

— Eu mostro-lhe. — Cortou um peónia e esfregou o botão com a unha negra. Foi ela que se aproximou ao ver a casca fina que ele estava a esfregar a cair em volta das pétalas morticças. — Está a ver? — perguntou ele.

Pétronille estava a ver. No entanto, ele não lhe pediu o caule. Não gritou. Quando subiu os degraus da frente da casa, Pétronille parou várias vezes para olhar por cima do ombro; o homem já tinha voltado ao trabalho.

No corredor, Pétronille esfregou uma das rosas que tinha colhido.

Foi a última vez que colheu rebentos de flores. No dia seguinte, não foi fazer o passeio. Sentou-se ao lado de Paul e ficou a vê-lo a aparar os ramos de madressilvas.

Pétronille não pode voltar ao convés no dia seguinte. Nem um dia depois, nem no domingo, que é o dia em que o ajudante de cozinha distribui vinho para comemorar o dia do Senhor. O tempo mudou e sacode o barco da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, ondas a bater no casco como uma mão numa bochecha quente. No segundo dia, uma vaca parte a perna e tem de ser abatida. À noite, Pétronille ouve a chuva a encher o encerado que os marinheiros colocaram em cima do barco a remos e as provisões e a carga a baterem nas hastes de madeira que sustentam o balastro. Compreende finalmente o que as outras raparigas estão a passar: os enjoos esgotantes, as câibras, os suores frios. Contudo, Pétronille não está enjoada. Está ansiosa. Depois do passeio, Geneviève disse-lhe que a tinha visto a olhar para o marinheiro e que ela deveria ter cuidado, porque não pode correr mais riscos. Depois, pediu-lhe desculpa pelo que disse ao cirurgião e ao padre.

— Mas tu estás sempre muito calada, não dizes quase nada — concluiu —, e às vezes é bom que deixes que o silêncio fale por ti.

Pétronille não quer que isso aconteça no *La Baleine*. Quer seguir o instinto, que não costuma levá-la ao encontro de outras pessoas. Não é como a amiga, que pondera sempre cada decisão, cada ação, com todo o cuidado. Em Lorient, estas qualidades de Geneviève haviam salvado Pétronille. No primeiro dia de bonança, abre a escotilha; os grumetes estão sempre a andar de um lado para o outro e não lhe prestam atenção. Aprendeu a confiar em Geneviève, mas não quer que ela tenha razão nesta questão. Tenta convencer-se de que, se a amiga está enganada em relação aos seus silêncios, pode muito bem estar enganada quanto ao marinheiro. O convés está apinhado, as poças de água refletem a luz do Sol, a sombra do castelo de proa cai sobre a escotilha. Pétronille hesita por segundos. Quando subiu ao convés com Geneviève, não teve dúvidas de que a atenção dos homens se dividia entre as duas. Mas agora que está na popa, não consegue deixar de sentir o olhar dos homens nas costas dela, mas não com o mesmo calor de que se lembra do primeiro dia. Tenta focar-se no que sabe. Lá em baixo, as raparigas estão a levar os lábios gretados à orla de pequenas enfusas. A irmã Gertrude anda de um lado para o outro, a levar mais sopa de centeio e a enfileirar bancos. Provavelmente, Geneviève está à sua procura.

— Não tinha a certeza de que me tinha compreendido.

Pétronille não o ouviu a aproximar-se. Consegue perceber que o homem não tem as mesmas intenções dos outros. Ela volta a fechar as

mãos nas mangas e a pressionar os fios. Agora que ele está ao lado dela, Pétronille percebe que o nariz do marinheiro é um pouco maior do que ela se recordava. Mas a voz é a mesma, os gestos são os mesmos da semana passada, embora mais rápidos, até se tornarem tão insignificantes como uma palavra demasiado repetida. Pétronille ri-se, mais abertamente do que fez em frente do oficial Des Étaux e do padre Jean Richard.

— Já não tenho a certeza se compreendo — diz ela.

— Agora também já não tem importância — replica ele. Tem a mão bem fechada na grade. Pétronille receia que se mova na direção dela, mas não. Quando o marinheiro volta a falar, a voz é rouca, como se tivesse acabado de acordar. Pergunta-lhe o nome e diz-lhe o dele: Baptiste Dubier. — *Mademoiselle* Béranger, para onde foram as suas companheiras?

— Para lugar nenhum. Estão aqui mesmo. — Pétronille aponta para o convés e olham ambos para os pés.

— E a menina parece não estar a dar-se nada mal.

— Estou tão surpreendida como o senhor.

— É a sua primeira vez no mar?

— É. E o senhor?

Pétronille só repara em quão absurda é a pergunta depois de falar. E sorri.

— Não, longe disso. Mas, em certo sentido, tem razão. É a primeira vez que viajo para a Luisiana. — O homem detém-se. — Temos isso em comum.

— Para onde é que já viajou? — pergunta ela, sem demora.

— Mais para norte e mais para este — responde ele. — Canadá e China.

Pétronille lembra-se do atlas do pai, de como o mundo lhe parecera grande e pequeno ao mesmo tempo, reduzido a um par de páginas. Não se lembra se aqueles dois países ficavam debaixo da palma da mão esquerda ou da direita.

— O navio em que viajou era maior do que este?

Ele pensa na pergunta e responde:

— Eram navios diferentes.

— Levavam mulheres?

Pétronille não acredita que acabou de fazer esta pergunta. Mas ele está a rir-se e a abanar a cabeça.

— As mulheres dão azar nos navios.

*E os homens em terra*, pensa ela.

— Porquê?

As palavras começam a sair-lhe mais naturalmente. Baptiste não diz nada sobre o rosto dela, não lhe elogia os olhos nem o cabelo. Diz que as mulheres enfurecem os deuses dos mares e que os marinheiros

são levados à loucura pelas sereias. Fala-lhe de fragatas, de cascos com alcatrão quente e impermeáveis, descreve as asas translúcidas dos peixes-voadores e promete-lhe que não demorará a ver um. Diz que Santa Bárbara é a padroeira dos artilheiros e pergunta-lhe se ela não tem medo de dormir tão perto de barris de pólvora. E assim fica explicado o nome do paiol de pólvora. Mas ela limita-se a abanar a cabeça.

— Eu vivi num lugar que se chamava Salpêtrière porque dantes era uma fábrica de salitre.

— Então deve saber mais sobre pólvora para canhões do que eu.

Quem fala mais é ele, sempre com um ar divertido, e Pétronille prefere assim. Há algo estranhamente familiar e reconfortante na forma como Baptiste fala. As descrições que faz são meticulosas e bem estruturadas; recordam-lhe as gravuras que tinha penduradas por cima da cama quando era mais nova e as tardes que passava nos jardins de Château-Thierry com Paul. Pétronille centra toda a atenção em Baptiste, que grita para um homem que o chamou de cima do artemão antes de a olhar nos olhos e lhe dizer que tem de ir. Pétronille não faz ideia de quanto tempo estiveram ali.

— Vai voltar? — pergunta-lhe ele.

Ela quer dizer «se puder», quer dizer-lhe que as irmãs podem estar mais atentas agora que estão melhor, explicar-lhe que Geneviève pode não gostar da ideia de ela voltar.

— Vou — responde.

Se não fosse Paul, Pétronille continuaria a matar flores. Não teria ficado a saber que o calcário muda a cor das hortências, não conheceria a diferença entre solos sedimentosos e argilosos, nem que as processonárias dos pinheiros podem comer as línguas dos cães. Nunca teria ido buscar um livro sobre ervas com mais de cem anos à biblioteca do pai nem o teria lido tantas vezes que tinha de amparar a lombada para que as páginas não comesçassem a voar. Nunca teria caminhado pelo jardim francês sabendo exatamente tudo o que estava a acontecer debaixo das solas dos sapatos.

Sem Paul, nunca teria tido um amigo. Não teria descoberto qual é a sensação de estar perto de alguém que conhecia tão bem que os silêncios já não lhe faziam diferença. Nunca teria sentido a necessidade de ser a primeira a conversar, de lhe falar com sofreguidão sobre os tipos de plantas que descobrira no livro *De la nature, vertu et utilité des plantes* de Guy La Brosse. Nunca teria descoberto que as pessoas não são muito mais difíceis de perceber do que uma lavanda desidratada, uma buganvília em flor ou uma variedade de grama particularmente invasiva, e que também ela as podia compreender e ser compreendida.

Voltar a subir para o convés torna-se mais difícil. Recuperadas dos achaques, as freiras parecem estar em todo o lado. A encostar enxergas ao casco, a empilhar baldes malcheirosos, a servir sopa de ervilhas, sidra e, se os marinheiros tiverem sorte, toninha grelhada. Ao fim de vinte e cinco dias no mar, as raparigas tapam o nariz antes de beberem a água potável acastanhada. Os cobertores nunca secam. Pétronille começa a descartar os pãezinhos da ceia no dia em que Charlotte põe a língua de fora e Étiennette vê larvas a rastejar entre os dentes de *la petite*. Na noite seguinte, o imediato do capitão diz a Geneviève que é proibido fazer lume, incluindo na lanterna que ela traz na mão. Pétronille sopra imediatamente a vela.

Pétronille pergunta-se como é que as outras conseguem suportar a viagem. Não tem a certeza de como conseguiria aguentar-se se Baptiste não estivesse no navio. Quando lhe diz isso, ele passa a mão atrás do pescoço várias vezes.

— De certeza que estaria perfeitamente bem — assevera. Quando baixa o braço, ela vê a pele do pulso a ficar arrepiada.

Vai ter com ele sempre que pode. Duas, três vezes por semana no máximo, sempre que ambos têm uma oportunidade: ela a esvaziar bacios, ele a rolar barris cheios de água do mar no casco para servir de balastro. Um dia, Pétronille avista-o junto aos aposentos dos marinheiros, a esfregar os pés com sabão castanho. Desvia imediatamente o olhar, com as faces mais quentes do que quando entrou sem bater no quarto de vestir da mãe.

Como acontecia com Paul nos jardins de Château-Thierry, Pétronille gosta de ouvir Baptiste, de aprender palavras que nem sabia que existiam: sirga, cabrestante, penol. Baptiste queixa-se dos capitães de navios, explica que é difícil recrutar marinheiros e ainda mais difícil abandonar a profissão. Falam do queijo *mimolette* e dos ratos-espigueiros, de pavões e cacau, do escorbuto que reabre feridas antigas. O navio deixa de ser um lugar misterioso. Pétronille vê-o como uma casa de três andares, e ela vive no segundo, a entrecoberta. Sob os seus pés está o porão cheio de caixotes e barricas, a oficina do carpinteiro e a enfermaria. Acima da sua cabeça fica o convés principal, os dois conveses superiores e o mar ofuscante, os aposentos dos oficiais e do capitão, bem como os dos marinheiros, que ela gosta de imaginar que estão mais perto do local onde ela dorme.

Pétronille não se sente ameaçada nem intimidada perto dele. Baptiste não diz nada sobre o sinal de nascença, não lhe tenta tocar e, tal como Geneviève, nunca a trataria por *La Tachée* como a maioria das raparigas sussurra nas suas costas. Não faz nada do que o homem em Orleães fazia, as coisas que ela tentou convencer-se de que gostava para depois desejar que nunca tivessem acontecido. Pétronille sabe que, quando Baptiste inclina a cabeça para o lado, quando o cabelo



arruivado lhe cai sobre os olhos, ele não ouve mais nada a não ser o que ela tem para dizer. O Paul também era um bom ouvinte. Mas, perto dele, Pétronille nunca desejou ter as mãos mais limpas e o cabelo livre dos piolhos que vê entre os dedos dos pés. No jardim de rosas, nunca sentiu o calor borbulhante que lhe enche a garganta sempre que Baptiste fixa o queixo ligeiramente acima do ombro dela e aponta para uma sombra subaquática ou uma fragata do tamanho de um polegar e ela demora todo o tempo que pode para dizer «sim, estou a ver».

Cerca de um mês depois de ter deixado Lorient, Pétronille está ajoelhada no lugar mais escuro da entrecoberta quando Geneviève vai ter com ela. Não são as únicas mulheres naquela posição, a mergulhar pedaços de estopa em baldes cheios de água da chuva e a esfregar o tecido áspero entre as coxas. Charlotte e Étiennette também estão ao lado delas a partilhar um balde. Étiennette cumprimenta Geneviève, mas *la petite*, que Pétronille já ouviu a cantar com uma voz que não condizia com o corpo franzino, ignora-a. Geneviève levanta as saias até aos joelhos. Nos últimos dias, deixou de fazer perguntas sobre Baptiste.

— Ignoraste tudo o que eu te disse — acusa.

No escuro, a única coisa que Pétronille consegue distinguir é uma silhueta.

— Não. Estou a ouvir-te — responde.

Ouve um suspiro, mas não tem a certeza se vem de Geneviève ou de Étiennette e Charlotte, que já se estão a afastar, os seus contornos a deixarem-se ver na luz das vigias.

— Dir-me-ias se ele te magoasse.

Pétronille sobressalta-se.

— Ele é diferente — afiança. — Nunca o faria.

— Mas tu virias falar comigo?

— Sim, iria.

O balançar do navio atira água da chuva para os pés de Pétronille.

— Tu espantas-me — diz Geneviève. — Nunca te perguntas porque é que as freiras não estão a tentar impedir-te de o ver, pois não? — É claro que a ideia já lhe ocorrera. Mas convenceu-se de que as freiras estavam ocupadas; que três supervisoras nunca eram suficientes para noventa mulheres; que as rotinas do mar têm regras próprias. — Eu acho que compreendi porquê — continua ela. — Pensa bem: não seria ótimo encontrarmos maridos já? — Detém-se. — Maridos que um dia também se viessem a instalar na Luisiana, claro.

Pétronille encolhe os ombros; sempre detestou perguntas retóricas.

— Ele alguma vez disse alguma coisa sobre o assunto?

Pétronille pensa nas conversas com Baptiste. O marinheiro nunca falou em casamento, mas falou dos anos que os marinheiros passam

no mar, contratos intermináveis que nunca nenhum capitão cessaria. Lembra-se de o ouvir explicar que iria andar em viagem durante mais quatro anos. Nesse dia, ela mudara de assunto; fora numa das primeiras vezes que se encontraram no convés e não lhe pareceu que tivesse que ver com ela. Sente-se estúpida por ter pensado assim.

— O que é que isso te importa? — pergunta.

Pétronille sente o peso das costas de Geneviève a bater na madeira.

— Tens de ter cuidado. Sabes tão bem como eu que os bebés têm pouco que ver com casamentos. Não tenho a certeza de que fosse capaz de repetir o que fiz em Lorient — adverte Geneviève. Pétronille respira fundo. Fica magoada com Geneviève por ela evocar o homem, a estalagem, a dor. — Estou só a tentar ajudar — acrescenta a amiga.

— Mas eu não preciso de ajuda — sussurra Pétronille.

Por um momento, tudo o que consegue ouvir são passos e o som abissal do oceano. Depois, Geneviève levanta-se, atirando um balde para o chão. Pétronille sente a água a passar-lhe debaixo das nádegas e a ser absorvida rapidamente pelas saias já húmidas. Quando Geneviève volta a falar, a voz é enfastiada.

— Podes muito bem vir a precisar. Acredita.

De início, os pais não disseram nada sobre a nova rotina de Pétronille no jardim. Não podiam: Pétronille mostrava-se mais faladora do que nunca desde que começara a passar o tempo com Paul. Levava-lhes ramalhetes, mostrava o herbário ao pai. Pouco a pouco, a mãe foi fazendo um esforço para a manter dentro de portas, tentando interessá-la pela etiqueta à mesa, pela maquilhagem e pela pele de raposa, por corpetes que tinha encomendado para ela com novas medidas. Não impedia que Pétronille se encontrasse com Paul, mas, quando ia para casa, a mãe chamava-a sempre para se sentar no seu *boudoir*. Uma dama não deveria passar demasiado tempo fora de casa. Uma dama não deveria passar tanto tempo com o jardineiro. Uma dama deveria responder quando falam com ela.

Aconteceu no último dia de julho. Todas as portadas do castelo estavam fechadas, a seda das conversadeiras estava quente quando se lhe tocava, as serviçais estavam reunidas no lavadouro. Lá fora, era uma daquelas tardes em que se vê a Lua. Pétronille não tinha planeado encontrar-se com Paul. Queria estar sozinha, queria ir ver se as anémonas que haviam plantado em volta do charco estavam a sobreviver ao calor. Estavam: as flores violetas pendiam sobre a água e os peixes dourados mastigavam os seus reflexos. Pétronille mergulhou os pés e deixou que a água fria lhe subisse até à barriga das pernas. Depois estendeu a capa à sombra e levantou o vestido até aos tornozelos para que as pernas pudessem secar.

As horas passaram indolentes como acontece no verão. Quando

Pétronille acordou, atou as margaridas no que começou por ser um colar de caules macios a espreitar pelo pólen delicado, mas também se poderia transformar num cinto de flores, uma vez que tinha o tamanho ideal para pôr à cintura, e, com mais algumas flores, numa trela para um animal frágil e dócil que ela ainda não tinha. Terminou a corrente de margaridas à sombra, sentada no bosque que se estendia para este do charco. Estava a regressar quando avistou Paul ajoelhado junto à água. O jardineiro sobressaltou-se quando ela se deixou cair ao lado dele e depois ele perguntou-lhe onde tinha estado; disse-lhe que estava à espera dela para a levar para casa, e ela não gostou da palavra que ele usou — «levar» —, como se ela fosse uma criança ou um objeto, mas foram subitamente interrompidos por um grito.

A mãe estava do outro lado da água rodeada de duas criadas e do caseiro. Ficaram todos a olhar. Pétronille demorou um pouco a perceber que todos aqueles olhos estavam fixados nos seus pés nus, no vestido de algodão alçado até aos tornozelos, em Paul, que estava sentado ao lado dela, demasiado próximo e que se levantou e recuou abruptamente. Pétronille demorou um pouco a perceber que eram eles o motivo do grito, que continha uma acusação que para ela era completamente insondável.

Quando vai à procura de Baptiste, Pétronille não tem a certeza do que pretende perguntar-lhe. Não consegue deixar de pensar no que Geneviève lhe disse. Repara que nunca tinha pensado no que iria acontecer depois do *La Baleine*. Os encontros com o marinheiro tornaram tudo o mais insignificante. Pétronille só queria o presente, que era a única coisa em que podia confiar.

Está a caminho da despensa quando se depara com a irmã Gertrude. A freira é tão baixa que tem de levantar a cabeça para olhar para Pétronille. Mas, no meio do corredor minúsculo, parece enorme, pronta a castigá-la.

— Não é preciso ter pressa, *mademoiselle* Béranger — avisa ela. — A ceia só estará pronta daqui a uma hora.

Pétronille encosta a palma da mão à parede, como costumava fazer nos primeiros dias que passaram a bordo. Está curiosamente ciente do peso que exerce sobre o chão de madeira, de toda a água que se agita sob a embarcação.

— A *mademoiselle* Menu não se está a sentir bem. Pensei em ir pedir água com limão — justifica.

Na penumbra do corredor, a luz débil reflete-se onde pode: nas maçãs do rosto da freira, na testa com marcas de água do mar, nos nós dos dedos que aponta para o teto.

— Os navios são mais pequenos do que parecem. Nesse aspeto assemelham-se a conventos. — Pétronille aguarda, imóvel. — Somos

três aqui dentro — continua a irmã Gertrude. — A irmã Louise e a irmã Bergère ainda hoje estavam a falar da dificuldade que era encontrar alguma privacidade aqui dentro tendo em conta a presença significativa de marinheiros. — A freira cruza os braços. — É bom que tenha consciência de que não sou a única a dar ordens. — Pétronille começa por não se mexer, mas depois faz um leve aceno com a cabeça. — Se a *mademoiselle* Menu está a sentir-se mal, é melhor ir — diz a freira.

— Sim.

O rosto da irmã Gertrude não perde severidade.

— Vemo-nos na ceia.

Pétronille dirige-se para a entrecoberta ainda com os olhos postos na freira. O barco é pequeno. Mas só porque a irmã Gertrude não sabe para onde olhar. Existem espaços amplos que nunca ninguém irá conhecer a não ser Pétronille: lá em cima, no convés, todos os locais para os quais Baptiste aponta. Ou até ali, nos interstícios do *La Baleine*, na despensa onde o encontra ajoelhado no chão. Está a fechar um saco de lona, daqueles que os cozinheiros usam para guardar favas. Parece sobressaltar-se quando a vê.

— O que está a fazer? — pergunta ela.

Ele baixa a cabeça para o saco como se não estivesse a tocar-lhe um momento antes.

— Eles precisavam de ajuda com os mantimentos.

Pétronille deixa um dos cozinheiros passar. Ao fundo do corredor, a enorme chaminé de tijolos que atravessa o convés lança um fumo com aroma de caldo sobre o oceano.

— A sério?

Pétronille fica surpreendida por o ver a pôr-se à frente do saco, a escondê-lo dela, quando ela se aproxima.

— Amanhã vai compreender — diz ele.

A ideia, traiçoeira, de que Geneviève e a freira possam estar certas em relação a Baptiste, de que ele poderá ter alguma coisa a esconder, de que pode não ser a pessoa que finge ser perpassa-lhe pelo espírito.

— O que é que eu vou compreender amanhã?

— Pétronille, por favor.

Até este momento, Baptiste sempre a tratara por *mademoiselle* ou *mademoiselle* Béranger. Pétronille fica sem ar só de ouvir o seu nome próprio, como daquela vez em que entrou num charco quando era pequena e avançou até a água lhe dar pelo umbigo. Só que, desta vez, sente tudo menos frio. Também tivera aquela sensação com o filho do estalajadeiro; mas, hoje, ela sabe que não iria desaparecer se Baptiste se inclinasse na direção dela.

— Não me vai contar nada, então.

— A menina não é a única que pode ser misteriosa.

A única vela que os alumia lança um brilho para a direita de Baptiste, metade do cabelo fica acobreado, a manga da camisa bege adquire o tom da cera de abelha e tudo o resto fica escuro.

— A menina vai gostar — acrescenta ele. — Não tenho dúvidas.

Baptiste atira o saco para cima do ombro e Pétronille pega-lhe na mão. Não se deu sequer ao trabalho de verificar se havia alguém a chegar. É diferente da França; é ela que está a dar o primeiro passo. Sente os dedos quentes e ásperos do marinheiro na palma da mão. Há também uma ligeira pulsação, mas ela não sabe se vem do polegar dela ou do dele. Ele puxa-a na direção dele e ela assusta-se, mas não como quando era criança e uma das amigas da mãe a abraçava, quando os braços que a envolviam a assoberbavam como se algo dentro de si se fosse quebrar e ela tivesse de afastar-se e sentar-se, longe de toda a gente, à espera de que o zumbido parasse.

O momento em que Baptiste leva os lábios, frios e salgados, como a concha que provou uma vez com a ponta da língua, aos dela também é avassalador, até se transformar em algo completamente diferente. Pétronille não sente o impulso de se afastar, de recuar. Deixa-o passar-lhe a boca pelo pescoço e subir-lhe até às orelhas, pousar-lhe a mão no corpete no exato local onde os seios se dobram sobre a caixa torácica, e ela deve estar a encostar-se ao corpo do marinheiro, porque, quando Baptiste recua, Pétronille demora um segundo a equilibrar-se.

— Já estou a caminho — diz ele, mas não está a falar com ela, e Pétronille percebe que deve ser com alguém que ela não ouvira, muito perto de ambos.

Imagina a irmã Gertrude, ao mesmo tempo demasiado pequena e demasiado grande, a espreitar para a despensa. Realinha o vestido e tenta respirar mais devagar.

— Bem, vai dizer-me o que está a acontecer? — sussurra ela.

Ele já pegou no saco e está pronto para sair para o corredor.

— Amanhã é um dia importante — responde o marinheiro, e ela percebe o sorriso que ele traz na voz. — Mas ninguém estragou a surpresa quando foi a minha vez. Juro que não vai ficar desiludida. Vemo-nos amanhã.

Pétronille senta-se no chão. Não quer saber se alguém a descobre ali. Junto às barricas, o cheiro a vinagre queima-lhe a garganta. O coração bate forte e rápido. Neste momento, tudo lhe parece possível. O contrato de quatro anos de Baptiste pode desaparecer. O marinheiro do *La Baleine* pode pedi-la em casamento amanhã. Desde que ela não diga nada a ninguém, pode dar às pistas — o saco, o tratamento pelo nome, os beijos que trocaram — o significado que ela quiser.

A mãe de Pétronille sempre lhe dissera que ela não podia ficar em

casa devido ao que tinha acontecido com Paul. Pouco adiantou que Pétronille tentasse mostrar-lhe que ela estava equivocada, que lhe tivesse dito repetidamente que nem ela nem Paul tinham feito nada. Por isso, Pétronille deixou de tentar convencer a mãe. O mundo começou a parecer-lhe distante novamente. E ela voltou a cair no silêncio como quem volta a cair num vício.

E foi só quando se instalou em Salpêtrière que Pétronille compreendeu porque tivera de deixar o Château-Thierry. Não fora pelo que a mãe pensara que ela tinha feito, mas por tudo o que sabia que ela nunca iria ser.

No dia seguinte, o tempo está fresco e o céu limpo. As únicas nuvens visíveis pairam, negras e distantes, acima do horizonte. Pétronille está desiludida. Já não é a única a ter autorização para sair da entrecoberta. Pela primeira vez desde que deixaram Lorient, todas as mulheres foram chamadas ao convés. Porém, as ordens não foram dadas pelas freiras, mas sim pelo imediato do capitão à irmã Gertrude.

— Vamos juntar-nos no convés depois da sexta. Preparem-se — disse a freira quando voltou para a entrecoberta.

É quase uma hora da tarde. Atrás de Charlotte e Étiennette, Pétronille só vê que estão a caminho do mastro central. A atmosfera no convés mudou: há menos marinheiros, e os únicos que vê estão a usar camisas surpreendentemente brancas, como se tivessem estado a viajar há uma semana e não há seis. À volta dela, as mulheres falam alto e olham em redor à procura de um pouco de terra, de outro barco, de algo que não seja o mar. Pétronille pára junto a Charlotte quando alcançam a multidão reunida em redor do mastro principal. Geneviève acena-lhes da primeira fila. Pétronille deixa Étiennette responder por ambas.

— Achas que têm algum anúncio a fazer? — pergunta *la petite*.

— Talvez — diz Pétronille.

Não está interessada em adivinhar porque estão ali. A surpresa de Baptiste não é para ela; se houver alguma surpresa, será outra coisa completamente diferente. Pétronille terá de partilhar. Pensa no beijo que deram na despensa, no que ele lhe disse no dia anterior. Foi uma estupidez achar que ele a iria pedir em casamento. Fica magoada ao perceber que ele não faz ideia do que ela poderá gostar — e a ideia de que ele poderá pensar que faz magoa-a ainda mais.

Pétronille sobressalta-se quando sente algumas gotas de chuva. Leva a mão ao toucado para não se molhar. Porém, a pele não se molha porque as gotas caem sólidas e verdes, pequenas ervilhas secas que ela esmaga com os sapatos quando se afasta para evitar as que continuam a cair. Quando a chuva de leguminosas cessa, Pétronille olha para cima.

No cimo do mastro, um homem magro está inclinado sobre a multidão com um saco de lona vazio em cima do ombro. Pétronille demora alguns segundos a perceber que é Baptiste, que está a saltar para os ovéns e a descer com movimentos lentos e calculados que ela reconheceria em qualquer lugar. Baptiste aperaltou-se: não tem nenhum lenço na cabeça, mas sim polainas que lhe sobem acima do joelho, um casaco de postilhão cintado, um chicote comprido a agitar-se mais abaixo, que por vezes ameaça emaranhar-se-lhe nos pés e deixa Pétronille a pensar «tenha cuidado, por favor». As mulheres soltam risadinhas e gritos curtos quando o chicote estala no céu. Charlotte fica a olhar antes de se juntar a elas alegremente quando os marinheiros começam a cantar. Étiennette olha para Baptiste com um sorriso animado.

— Ele é muito elegante — diz.

— É — sussurra Pétronille.

Agora que ele já chegou ao convés, Pétronille gostaria de estar mais perto do mastro. Sente-se zangada consigo mesma. Se ainda estivesse desiludida com a surpresa partilhada, seria mais fácil ficar onde está e, mais tarde, dizer a Geneviève: «Eu estava nas últimas filas. Nem sequer vi o espetáculo.» A amiga deixaria de se preocupar consigo, explicando-lhe, como fez na noite passada, que Baptiste nunca lhe daria o que ela queria e que ela não deveria voltar a vê-lo. Se Pétronille ainda estivesse desiludida, não teria de tocar no braço de Étiennette como está a fazer agora, para abrir caminho por entre a multidão até chegar à primeira fila e pedir a Geneviève para se afastar para o lado para lhe dar algum espaço. Pétronille fica à espera de que ela diga alguma coisa — «não deverias estar aqui» ou «era só o que faltava» —, mas a amiga diz apenas:

— Estava a ver para onde terias ido.

Baptiste está de costas para elas. Pétronille não se importa. De onde está, consegue ver tudo o que ele vê: a carta que ele tem na mão, a tenda montada no fundo do mastro, o imediato do capitão a caminhar na direção dele. Tornou-se um ator, inalcançável, e ela tem vontade de o abraçar com força. Sente as faces a afoguem-se quando ele fala.

— Entraram no nosso reino. — O oficial pega na carta que Baptiste lhe estende. Geneviève sussurra que é ao mesmo tempo ridículo e enternecedor ver a seriedade com que os homens contemplam a cerimónia. — O Rei dos Trópicos exige o tributo de todos os passageiros que nunca estiveram no Trópico de Caranguejo — diz Baptiste.

Refere-se a ela e a todas as demais. As mulheres em redor de Pétronille parecem animadas, mas sem saber o que esperar. Geneviève diz:

— Que disparate.

E toda a gente aponta para trás da tenda, onde se vê o capitão a caminhar em direção à escada do castelo de proa, com uma peruca de estopa e lã, a barba a cair sobre o agasalho de pele que lhe envolve o corpo. É seguido por um rebanho de grumetes, jovens tritões que rodeiam um marinheiro estranhamente feminino, as faces imberbes, um corpete a abraçar-lhe o peito plano. Seguem em parada até ao mastro principal.

Pétronille não é a primeira a receber o batismo do Rei dos Trópicos. Na tenda, tem tempo para estudar a cruz, para os mapas de navegação, as pontas-secas atiradas para o altar improvisado. Não se ri como as outras raparigas quando olha para a indumentária do capitão, mesmo sabendo que é provavelmente o único momento de alegria que toda a gente vai partilhar no mar. Pétronille não precisa de festividades para ser feliz. A atenção dela está centrada em Baptiste, que se encontra de pé junto à saída. Há algo de perturbador e de tranquilizador na roupa que ele escolheu, que parece igual a qualquer outra que já viu em França, mas, ao mesmo tempo, completamente diferente, como se tivessem finalmente desembarcado e ele nunca mais tivesse de voltar ao mar. E, por enquanto, é a única coisa que ela decide ver: uma tarde fria de novembro, ervilhas secas a cair do céu, o *La Baleine* a vogar por um reino imaginado.



*O Atlântico, novembro de 1720*

## Charlotte

Charlotte está sentada junto à grade, com o vestido humedecido pela madeira molhada. Não vê Étienne em lugar nenhum do convés principal, nem do altar improvisado junto ao qual a amiga deveria estar, à espera para ser batizada junto das outras mulheres. Quando a cerimónia começou, estavam juntas; depois as raparigas acorreram à tenda do Rei dos Trópicos e Charlotte perdeu-a no meio da multidão. *La petite* esfrega os pulsos um no outro, ainda molhados da água benta que o capitão lhe atirou para as mãos. Um grupo de marinheiros passa-lhe à frente, a rir-se, a dar palmadinhas nas costas uns dos outros, e ela encolhe-se ainda mais junto às grades. Os homens nem sequer se viram para ela. Tenta convencer-se de que está a ser idiota, de que Étienne não tardará a aparecer. Abraça-se a si própria e sente o coração a bater nas palmas das mãos.

Quando seguiu as raparigas para as carroças, há menos de seis meses, foi a primeira vez que saiu de Salpêtrière; as únicas coisas que ela conhecia eram a Crèche e a Maison Saint-Louis. Agora, ao fim de bem mais de um mês no *La Baleine*, as manchas do sal do mar enrijecem-lhe os braços como suor seco e os piolhos rastejam-lhe na nuca. Não está sozinha desde que o navio zarpou de Lorient. Sem mais ninguém por perto, o convés parece-lhe enorme e o mar que as rodeia devorador. E ela sente-se mais pequena do que nunca.

Inclina-se para a frente quando um grupo de mulheres sai da tenda, a rir-se, o cabelo e os vestidos a esvoaçarem ao vento. Mas Étienne não está entre elas; o único rosto conhecido é o de Geneviève. Charlotte recosta-se. Contém a pequena parte dela que está tentada a acenar, porque, neste momento, a companhia de Geneviève parece-lhe melhor do que nenhuma.

No início da viagem, no pátio da esquadra de polícia de Paris, quando Charlotte ouviu o nome de Geneviève, sentiu que tinha sido esbofeteada. Uma recordação única trouxera-lhe à mente tudo o que a

responsável pela Maison Saint-Louis dissera sobre a prisioneira da Grande Force, a abortadeira que a madre superiora protegia. Nas carroças para Paimboeuf, Charlotte teve dificuldade em destrinçar as emoções: o medo e o estranho respeito que intuitivamente sentiu, a raiva e a tristeza que acabaram por os substituir. Charlotte não foi capaz de deixar de reparar no fascínio que Étiennette sentia por Geneviève; não conseguia deixar de pensar na lista da madre superiora, que escolhera uma prisioneira em detrimento dela. Charlotte perguntou-se o que a sua própria mãe, a costureira, uma estranha, teria feito se tivesse conhecido uma mulher como Geneviève.

A mãe abandonara-a em Salpêtrière. Em última análise, era outra maneira de não a ter.

— Porque é que não estás com as outras?

Étiennette está agora à sua frente — o rosto mais fino do que quando partiram e o cabelo louro tão sujo que agora é castanho. Charlotte respira mais livremente; deixa de cutucar as unhas, que voltou a roer no *La Baleine*. Pega na mão de Étiennette e aperta-a, com força, até a amiga largar.

— Onde estavas? — pergunta Charlotte.

Étiennette olha de relance para a tenda. Está com um ar animado, tal como acontecia quando escarnecia das queixas das irmãs zeladoras em Salpêtrière.

— Este capitão não é grande ator — diz ela.

— Deve ser difícil com este frio. — Charlotte caminha ao lado da amiga. Junto ao castelo de proa, os marinheiros acotovelam-se uns aos outros à frente dos seus aposentos, a rolar dados nas mãos. Não parecem tão ameaçadores como ainda há pouco. — O capitão estava a tremer — acrescenta Charlotte.

Quando ela descobriu que, para as raparigas, a cerimónia não implicaria mais do que ajoelhar-se à frente de um altar improvisado para serem batizadas, Charlotte ficou aliviada. Não seria preciso sentar-se junto a um barril cheio de água, não seria preciso fazer promessas à tripulação, não haveria moedas a ecoar nas tábuas de madeira. Isso era só para os marinheiros, os poucos que ainda não tinham atravessado o Trópico de Caranguejo.

Étiennette bufa.

— Os capitães não tremem — diz. — Faz parte da celebração. Ele é um Rei dos Trópicos e estamos em novembro.

— Mesmo assim, gostei mais do cocheiro — comenta Charlotte. O homem que saltou do mastro fê-la lembrar o moço de estrebaria que uma vez lhe deixara afagar os cavalos nos estábulos de Salpêtrière. — Para onde é que ele foi?

— Encontra *La Tachée* e saberás. — Étiennette vira-se para olhar para a escotilha.

Charlotte não segue o olhar da amiga. Se ela avistar a Manchada, também vai ver Geneviève. Desde que Geneviève ajudou Pétronille em Lorient, ficaram inseparáveis. Pensar naqueles últimos dias na França deixa Charlotte pouco à vontade. Em Lorient, não pôde deixar de sentir empatia por Pétronille: Charlotte sabia muito bem qual era a sensação de ser deixada para trás. Não o desejaria a ninguém, nem sequer a Geneviève. Charlotte ainda ouve a irmã Gertrude a dizer que o passado das mulheres não era da sua conta, a explicar que a missão dela era unicamente conduzi-las e protegê-las durante a viagem. A freira não queria saber da vida de Geneviève em Paris, tal como acontecera com a madre superiora. No *La Baleine*, Charlotte está constantemente a tentar ser como elas; tenta exercer o perdão como as tias, as mulheres responsáveis pelas crianças da Crèche, lhe tinham ensinado.

— Sabes, esta cerimónia fez-me pensar na nossa viagem — diz a amiga. Pararam junto ao mastro principal, alinhadas atrás das raparigas que regressavam à entrecoberta. Étiennette aponta o queixo para a tenda que os grumetes já estão a desfazer. — É estranho, mas, ao ficar a saber que marca o meio da nossa travessia, acabei por ficar ciente de que vai acabar.

Charlotte não diz nada. Não está habituada a ouvir Étiennette a falar desta maneira: no mundo da amiga, o pior nunca acontece. Em Salpêtrière, a jovialidade de Étiennette era uma aura que a mantinha longe de perigo: escapava sempre com uma resposta evasiva, uma falsa promessa, uma observação espirituosa. Agora, Charlotte espera que ela se ria, mas, quando Étiennette retoma a palavra, o ar é grave.

— Um dia vamos chegar lá.

*Lá*: concordaram em não pronunciar o nome, Luisiana não existe.

— Imagina que já havia pessoas a viver lá — diz Charlotte — e nós lhes tomávamos as terras. Que elas decidiam entrar em guerra connosco, venciam, e nós tínhamos de regressar. — Já estão a descer a escada e o céu vai diminuindo até desaparecer por completo. Charlotte solta uma risadinha nervosa. — O que é que nós faríamos?

Étiennette ignora-a.

— E lembrei-me de que esta vai ser a minha última oportunidade para saber mais sobre a minha irmã.

O cheiro a comida finca-se, amargo, na garganta de Charlotte. Desde o início da viagem, Étiennette quase não falou de Marceline, a irmã que foi deportada para a colónia um ano antes delas. Na estalagem de Paris, fez perguntas a algumas antigas residentes da Maison de Correction; a maioria não sabia nada sobre Marceline e as que fingiam saber estavam, afinal, a mentir. Em Paris, Étiennette deixou de investigar o paradeiro da irmã por completo; fora uma pausa bem-vinda para Charlotte, ainda que curta. Depois Geneviève

entrara na carroça e tudo mudara. Charlotte voltara a dar por si na periferia do mundo de outrem, a lutar por não se deixar cair no precipício.

— Lembrei-me de um plano novo — diz Étiennette.

— E que plano é esse?

Os olhos de Charlotte têm dificuldade em adaptar-se à escuridão da entrecoberta. Distingue mesas compridas, bancos, potes a fumar.

Étiennette responde:

— Estive a falar com a Geneviève quando estávamos à espera para sermos batizadas. — Charlotte morde o interior da boca. Foi por isso que a amiga demorou tanto tempo. — Ela disse que era impossível que não houvesse uma mulher que não se tivesse cruzado com a Marceline. Alguém a deve ter conhecido. Foi uma estupidez deixar de investigar.

*Não, não foi, é o que Charlotte tem vontade de dizer, e porque é que eu não sou suficiente para ti?* Pensa na mãe, no que Étiennette diria se alguma vez Charlotte tentasse encontrá-la. Segue esta linha de pensamento e, subitamente, receia que a amiga não queira saber. Étiennette já está a apontar para uma mesa junto às vigias. As raparigas começam a juntar-se para abrir espaço para Geneviève, e Pétronille segura as saias antes de atirar a perna, hesitante, para o outro lado do banco, ao lado de Geneviève. Charlotte sente o súbito impulso de esfregar o couro cabeludo, de juntar os piolhos que tem debaixo das unhas e raspá-los dali para fora.

— Anda — diz Étiennette.

— Não há espaço suficiente.

Étiennette coloca-lhe o braço em cima do ombro. Mesmo na entrecoberta, Charlotte percebe que as faces da amiga estão coradas... do vento lá em cima, de falar sobre Marceline. Charlotte sente os dedos de Étiennette a fincar-se-lhe na pele, onde a manga do vestido se segura por apenas dois fios.

— Confia em mim. Eu arranjo lugar para ambas.

Em Salpêtrière, a única casa que Charlotte conheceu, havia quatro mil pessoas. Nenhuma delas tinha qualquer parentesco consigo. Na Crèche, costumava brincar com a família imaginária, atribuindo alguns dos seus traços a diferentes familiares igualmente imaginados. Às vezes, atribuíam os seus olhos cinzentos ao pai ou as sardas à mãe. Por vezes, idealizava uma longa sequência de tias e primas de peito liso, que, como ela, pareciam crianças até terem os seus próprios filhos. Charlotte gostava daquele jogo. Era como ter um bebé, adivinhar quais seriam as bochechas ou as orelhas que iria herdar, mas ao contrário.

Nas poucas ocasiões em que a madre superiora ia visitar o

orfanato, Charlotte prestava muita atenção às feições da mulher, perscrutando-lhe o rosto à procura de sardas. Dizia a si própria que o cabelo que espreitava por baixo do toucado da prolecta mulher já tinha sido ruivo. Esperava, com o coração a palpar no peito, que a madre superiora olhasse para ela, o que acabava sempre por acontecer. Se Charlotte tivesse muita sorte, a madre superiora sorria-lhe e dava-lhe uma palmadinha no ombro. Chegava até a tocar-lhe no rosto. Quando as outras raparigas disseram a Charlotte que ela era a preferida da madre superiora, Charlotte ficou calada. *Não sou só a preferida*, queria dizer-lhes, *sou a sua filha secreta*. A ideia deixou de a reconfortar quando Charlotte percebeu que estava a afastar as outras raparigas e a ficar mais sozinha do que qualquer uma das outras órfãs na Maison Saint-Louis. Aos cinco anos, deixou de acreditar que era parente da madre superiora. Uma mãe a sério teria dito a verdade às outras residentes; tê-la-ia salvado e levado para casa com ela.

Tudo mudou quando Étienneette chegou. Étienneette falava com Charlotte quando mais ninguém o fazia; não queria saber da madre superiora nem do que as outras órfãs pensavam. Fora amada pela irmã, Marceline, dez anos mais velha, ousada, vibrante, uma mulher que, segundo constava, fizera contrabando de sal em todo o território francês, vivera uma paixão em Versailles, fizera tudo por Étienneette depois da morte dos pais. Étienneette não procurava a atenção das irmãs responsáveis pelo orfanato como as outras raparigas. No orfanato, parecia precisar apenas da companhia de Charlotte.

Em abril, quando a irmã zeladora reuniu as candidatas para a Luisiana, Charlotte sentou-se no corredor e espreitou para o dormitório. Quando a madre superiora perguntou a uma das residentes se estava disposta a ir para o Mississípi, Charlotte susteve a respiração. Não conseguiu ouvir a resposta. Sentiu a garganta a afilar-se como um funil, cada vez mais pequena. Levantou os joelhos ao encontro do queixo e fechou os olhos. Costumava ser ela a escolhida entre as demais.

No *La Baleine*, Charlotte e Étienneette têm um jogo. Foi Étienneette que o inventou na primeira vez que tiveram autorização para subir ao convés depois de ter encontrado uma concha cor-de-rosa completamente redonda entre duas tábuas de madeira e a ter conseguido retirar com a unha. Estendeu-a à frente dos olhos de Charlotte, pelo que, por um minuto, o molusco ficou inteiramente desfocado e cor de prata para depois se cobrir de pontinhos brilhantes quando os olhos de Charlotte se adaptaram à luz. Étienneette colocou-o junto ao lóbulo da orelha, e tornou-se o primeiro artigo daquilo a que Charlotte viria a chamar mais tarde o «enxoval do mar». Ao longo do último mês, o enxoval do mar que foram reunindo encheu-se de tudo

menos de vestidos e roupa de cama. Algas secas, metade de uma estrela-do-mar caída no barco, dois frascos manchados com óleo, seis pequenas cordas, uma bolsa de tabaco feita a partir da goela de um pássaro; um canto de uma vela rasgada que, certo dia, Charlotte atou em volta da cabeça como se fosse um pirata, antes de se lembrar de tudo o que a Manchada lhe dissera sobre os saltimbancos britânicos em busca de pó de ouro: os navios que queimavam, as embarcações perseguidas pelo diabo, os marinheiros que enforcavam em ilhas desertas. Não demorou a desfazer o turbante.

Charlotte gosta mais deste jogo do que dos que Étiennette inventava em Salpêtrière. Alguns eram divertidos; outros nem tanto. Numa manhã de inverno, quando tinha oito anos, Charlotte achou-se a atravessar a Cour Lassay com um tacho de cobre furtado das cozinhas. Étiennette desafiara-a a atá-lo à cauda do gato cor de laranja que estava sempre a dormir no peitoril da janela da oficina do ferreiro. Para Charlotte, Étiennette fitava as pessoas com aqueles olhos azul-escuros da mesma maneira que uma agulha perfurava um pano imaculado de linho. E, na verdade, aquele olhar já tinha convencido mais de uma irmã a dar-lhes mais uma fatia de pão ou a deixá-las brincar na rua só mais alguns minutos. Charlotte ainda sente as mãos a fecharem-se no pelo áspero do animal quando lhe atou o fio em volta da cauda manchada. O gato quase nem miou quando ela deu o último apertão ao nó. Limitou-se a fitá-la com os olhos verdes impassíveis. Quando tentou levantar-se, as articulações estalaram, como sapatos a pisar gravilha. Charlotte assistiu a tudo: a cauda a puxar o tacho, as garras do gato a rasparem nas pedras, o animal a cair em cima da bigorna que estava debaixo da janela.

Nunca lhe ocorreu que podia ter dito que não a Étiennette e virado as costas.

Passou uma semana desde a cerimónia do Trópico de Caranguejo. Na entrecoberta, as mulheres sussurram e dormitam soltando roncos que lembram a Charlotte gatos a ronronar. Algumas estão encostadas à porta de Santa Bárbara. Há um mês, quando a Manchada lhes disse o que havia no interior daquele pequeno compartimento, Étiennette riu-se.

«Raparigas e pólvora», dissera. «Tinham de manter todos os perigos lado a lado, claro.»

Seja como for, Charlotte sempre preferiu sentar-se junto às vigias. Pelo menos, há alguma luz, ainda que oblíqua e débil, que agora incide sobre o último achado de Charlotte, uma pena azul com laivos de cinza. Étiennette está a atar fios à volta dela, para a colocar ao pescoço.

— Importas-te? — pergunta.

Charlotte abana a cabeça. Quando pega na pena, sente-a morta e seca. Anda tristonha desde a cerimónia. Étiennette foi-se ajoelhar ao lado de Geneviève duas vezes antes de ir dormir. Da primeira vez, perguntou-lhe se queria ir com ela; da segunda vez, prometeu-lhe que não demoraria nada. Em ambas as ocasiões, voltou com um sorriso secreto que deixou Charlotte com inveja e uma sensação de frustração. Não quer sentir-se ameaçada por Geneviève.

Charlotte ouve um grito súbito. Larga o colar improvisado e põe-se à escuta enquanto Étiennette se ajoelha para pegar na pena. O homem no convés não está a gritar de dor, mas a repetir uma só palavra: uma palavra que ela começa por confundir com «tara», mas que acaba por perceber que é «terra».

Lá em cima, o convés está cheio. Os concessionários juntam-se no convés superior da proa, atrás do capitão e dos oficiais. Charlotte segue as outras mulheres e tenta pôr-se em bicos de pés, mas tropeça antes de conseguir olhar por cima da multidão. Está prestes a dizer a Étiennette que não consegue ver nada, mas, quando se vira, a amiga está muito mais atrás, não muito longe da escotilha. Charlotte chama-a, mas Étiennette não a ouve. Quando tenta acenar-lhe e voltar para trás, a multidão empurra-a na direção do mar.

— Olhem, ali!

Charlotte deixa de tentar abrir caminho por entre as outras raparigas para olhar em volta. De início, a faixa de terra parece deslocada, com um tom de bege turvo e esfumado. Habitou-se aos matizes de azul e esqueceu-se de que os tons mais quentes podem ser assertivos e reconfortantes.

As mulheres dirigem-se para a escada do castelo de proa e Charlotte deixa-se levar para a esquerda e para a direita, para a direita e para a esquerda, para o convés superior, até as mãos pousarem na grade. Quando as mulheres começarem a desembarcar, Étiennette poderá ir ter com ela. Irão caminhar juntas pela praia. Mas, quando se vira, encontra os olhos pálidos de Geneviève e repara no espaço entre os dentes da frente quando ela pronuncia o seu nome.

— Charlotte. Não te via há algum tempo.

Charlotte fixa os olhos para lá de Geneviève. As cores misturam-se, como acontece quando estão demasiado próximas das pestanas. A sensação de desconforto a que se habituara nas carroças voltou. Quando está perto de Geneviève, Charlotte tem a eterna sensação de que será sempre a segunda e de que poderá ser abandonada a qualquer momento. Tem de se manter alerta.

— Há pessoas na praia — diz Charlotte, que não consegue imaginar descer do *La Baleine* com Geneviève.

— Creio que ainda não chegámos ao nosso destino. Não achas que as irmãs nos teriam avisado?

— Não vejo porquê.

— Receio que as primeiras impressões sejam importantes.

Geneviève mostra o vestido sujo e Charlotte olha de relance por cima do ombro dela. No convés superior, depois da escada, o mastro divide a multidão a meio. Perto da grade, Étiennette está a falar com a Manchada.

— Já andava para to dizer há algum tempo — diz Geneviève, seguindo o olhar de Charlotte. — A Pétronille está muito agradecida pela tua descrição em Lorient. — Detém-se. — E eu também.

— Do que é que elas estão a falar?

— Como assim?

Geneviève olha para o dedo de Charlotte, que está a apontar para a Manchada e Étiennette, ainda absortas na conversa. Parece confusa.

— Oh, lembrei-me de que a Pétronille pode saber alguma coisa sobre a irmã da Étiennette. A Pétronille viveu em Salpêtrière muito mais tempo do que eu.

Charlotte gostaria de não ter tanta vontade de chorar, de ter sido ela a sugerir a Étiennette para ir falar com a Manchada, de que ninguém soubesse nada sobre Marceline. Vira as costas a Geneviève e olha para terra: praias brancas, colinas cobertas de arbustos e silhuetas do tamanho de grãos. Gostaria de ter chegado ao destino, de poder sair do barco em breve. Depois lembra-se do que significa desembarcar e tudo o que irá perder quando o fizerem.

Quando Étiennette chegou à Maison Saint-Louis, Charlotte já não pensava que a madre superiora era secretamente a sua mãe. Em vez disso, falava no lenço bordado a que devia o seu nome. Para não ter de explicar onde estava o lenço — perdido, confundido com outra coisa qualquer muitos anos antes —, contou um sonho que tivera a Étiennette. No entanto, Charlotte chamou-lhe uma memória: quanto mais falava no assunto, mais verdadeiro lhe parecia.

No sonho, Charlotte é muito jovem. A cena é muda; o tempo, insuportavelmente frio. Há duas mulheres no quarto. Uma traça um vestido sem cor que Charlotte viria mais tarde a reconhecer como a roupa das tias. A outra tem um pequeno toucado amarelo com intrincadas rendas azuis. No sonho de Charlotte, a mulher não tem um rosto. Também não tem uma voz, embora devesse ter cantado para Charlotte, uma vez que há canções de embalar que lhe ferem o coração e outras que não. A única coisa que a mulher tem é um cheiro distinto e avassalador, que Charlotte respira quando ela a envolve nos braços e a encosta ao pescoço quente debaixo do toucado. Manteiga acabada de fazer, leite de uma semana, flores molhadas. E com o cheiro vem o sentimento. Algo que diz: estás em segurança, eu estou aqui.



Anos mais tarde, deitada no colchão que partilhavam na Maison Saint-Louis, Étienne puxou Charlotte para si. A cama de Charlotte estava vazia há uma semana; a rapariga com quem costumava partilhá-la já partira. Ninguém lhe dissera para onde Catherine tinha ido, mas Charlotte gostava de pensar que uma mulher visitara o dormitório certa noite ou manhã cedo, quando estavam todas a dormir profundamente, vira em Catherine quem ela era realmente — uma filha, uma irmã, uma sobrinha; laços familiares que eram estranhos às raparigas da Maison Saint-Louis — e levava-a com ela para longe de Salpêtrière. Catherine só dormira junto a Charlotte no inverno, numa altura em que o frio era tanto que acordavam com os dentes a bater e o maxilar preso. Mas a noite era veranil quando Étienne a abraçou.

Charlotte tinha cinco anos, Étienne, dez. Havia um pescoço quente em que se podia apoiar para dormir, manteiga ao jantar, ou talvez naquele dia tivessem cortado flores: túlipas ou mimosas, como as que cheirara um dia nos braços de uma mulher com um toucado bordado. Fosse o que fosse, Charlotte não deixaria que mais ninguém lhe escapasse por entre os dedos.

Geneviève tinha razão quanto àquela ilha: a irmã Gertrude disse que iriam ficar em São Domingos apenas uns dias. Quando o *La Baleine* se aproxima da costa, Charlotte ouve gritos, mugidos, choros. Descobre os sons da terra depois de a água deixar de bater nos costados do navio. Depois, assim que o vento amaina e que o calor lhes aquece a pele, as sensações. Charlotte demora um pouco a abrir caminho por entre a multidão, a atravessar o convés superior e a avistar Étienne no castelo de proa, apoiada na grade. Não sabe bem para onde Geneviève foi. Na sombra débil do mastro, Étienne usa o toucado para limpar o suor das têmporas.

Charlotte agacha-se junto à amiga. Sabe que, ao recusar-se a ajudá-la, só está a afastar-se dela, mas, agora que vê a expressão zangada de Étienne, não sabe ao certo por onde começar.

— O que aconteceu? — pergunta.

— Nada.

Charlotte estava à espera de que Étienne começasse a contar-lhe o que a Manchada lhe dissera assim que ela se sentasse. Étienne nunca lhe poupava nenhum detalhe sobre Marceline, aparentemente alheia à dor que Charlotte sentia a cada frase que ouvia sobre a irmã da amiga. Agora, Charlotte descobre que a sensação de ser excluída, incapaz de mudar o destino de alguém, e muito menos o dela, é ainda pior.

— O que é que ela disse? — pergunta Charlotte.

Étienne parece triste, furiosa, ou talvez indignada. Charlotte não

percebe o que vai na cabeça da amiga e fica assustada.

— Já te disse. Ela não disse nada porque não sabia nada, portanto não aconteceu nada.

Étiennette enfia a cara entre os painéis de madeira da grade. Quando Charlotte a imita, sente lascas de tinta a roçar-lhe as faces. À frente dela, há pequenas cabanas, casulos de folhas mortas a pender de árvores de porte longilíneo.

— Acho que devias perguntar à irmã Gertrude — diz Charlotte. O sol bate-lhe na cabeça. Charlotte sente os nós dos dedos de Étiennette a roçar nos seus. — Se alguém te pode dizer alguma coisa, terá de ser ela — continua Charlotte. Vira-se até onde consegue e os olhos cruzam-se com os de Étiennette, que parecem ganhar nova vida. — Ela conhecia a história da Geneviève. Conhece-nos a todas.

— Tens razão. — Étiennette ri-se. — Não sei como não pensei nisso antes.

— Acabei de me lembrar.

Étiennette empurra o queixo para a frente para poder encarar Charlotte por entre as grades.

— Obrigada — agradece.

Charlotte também se inclina mais para a frente.

— Imagina que ficávamos presas assim. O que seria de nós?

— Podíamos ser apanhadas por um peixe.

— Ou por um pássaro gigante. — Étiennette sorri. — Mas não se eu olhar assim para eles.

Charlotte ri-se. Por um momento, deixa de se perguntar se deveria ter feito aquela sugestão. Põe a língua de fora.

— Teríamos de ficar aqui para sempre — diz.

— Eu descobriria uma forma de nos libertarmos. Depois iríamos falar com a irmã Gertrude.

Charlotte tenta assentir com a cabeça, mas as farpas dos painéis de madeira magoam-lhe as faces.

Charlotte aprendeu a bordar e a cantar em Salpêtrière. Na oficina de Sainte-Claire, trabalhara na sua tela até lhe doerem os braços e o pescoço. Tinha esperança de que as mãos se lembrassem melhor do que a cabeça de quem era a sua mãe. Nunca aconteceu. Na aula de bordados, Charlotte era desajeitada, nunca tinha o dedo anelar onde devia e estava sempre a deixar cair a agulha.

Na missa, as coisas eram diferentes. As outras raparigas viravam-se para olhar para ela quando ela se juntava ao coro; as tias ficavam maravilhadas com o que chamavam um «*mezzo* encantador». Charlotte não sabia a quem deveria agradecer a voz que tinha, mas, quando cantava, não pensava em nada nem em ninguém. Acabou por se convencer de que não a devia a ninguém, era *sua*.

Étiennette não era uma cantora talentosa nem bordava bem. Quando chegou à Maison Saint-Louis, foi Charlotte quem a ensinou a fazer o ponto de cruz, ainda que ela não o fizesse com grande esmero. Foi Charlotte quem a advertiu de que não deveria afastar-se muito do orfanato. Não por ser proibido: ela própria já tinha ido até às cozinhas, onde às vezes a jovem cozinheira lhe dava um pouco mais de papa de aveia. Mas quando Charlotte atravessara os pátios do hospital, tivera o cuidado de escolher o caminho mais adequado. Havia lugares de Salpêtrière que era melhor evitar.

Disse a Étiennette que ela não iria gostar das *loges aux folles*, mas, naquela manhã, a amiga só parou quando chegaram junto às paredes do edifício das Mulheres Epiléticas. Com as cabeças rapadas, as prisioneiras acotovelavam-se umas às outras; uma delas tinha um corte branco no rosto, um golpe que lhe descorava partes das sobrancelhas e que se estendia da testa ao queixo. Foi ela que chamou Étiennette, o que fez com que ela estendesse o braço para Charlotte.

Porém, Charlotte estava demasiado longe para agarrar a mão de Étiennette. Encostou-se ao edifício de Sainte-Laure e viu as criadas a atirar palha fresca para as cabanas. Charlotte sabia quando desviar o olhar e, a partir daquele momento, Étiennette também saberia.

Étiennette diz que vai ficar na entrecoberta, mas Charlotte decide subir ao convés com a Manchada, que, percebe agora, prefere chamar Pétronille. Chegaram ao que se designa por Mar das Índias Ocidentais ou aquilo a que o marinheiro de Pétronille chama o Mar das Caraíbas. Ao longo das últimas semanas, a água fez-se tão azul que não parece tão profunda como a do Atlântico; é possível ver-se para além da superfície, formas esguias que flutuam e desaparecem e cujos nomes lhes ficam na ponta da língua. Tubarões. Quando Charlotte perguntara a Étiennette se poderiam dar um novo nome ao seu «enxoval do mar», a amiga roçara a cabeça nos seus braços esticados. Ultimamente, andava distraída, mas afável.

«Escolhe o nome que quiseres», respondera-lhe. «Tu é que sabes.»

Por uma vez, Charlotte está ansiosa por seguir outra pessoa. Quando está com Pétronille, não se sente vulnerável nem ameaçada. Pétronille nunca tentou roubar-lhe o lugar; sabe melhor do que qualquer uma das outras raparigas como se orientar no navio. Os passos seguros que dá são enternecedores.

— Cuidado — diz ela, quando sobem a escada e o pé de Charlotte escorrega em excremento de pássaro. — Por aqui. — Pétronille agarra bem o corrimão e Charlotte segue-a. — É mais fácil.

Charlotte sabe que o passeio não passa de uma desculpa para encontrar o marinheiro de Pétronille, mas é um alívio muito grande chegar ao convés principal e ver o céu, o mar e as faixas de branco

que se vão esfarelado até à superfície da água. Hoje, o vento quente deixa-lhe o cabelo em paz. Pétronille deu-lhe um gancho para que o apanhasse antes de subirem para o convés. Quando Charlotte voltar para a entrecoberta, vai adicioná-lo ao «enxoval do mar».

Há outro barco perto do delas, tal como em São Domingos. Charlotte olha de relance para os mercadores que estão a trazer barris de vinho e vegetais para bordo; não parecem diferentes dos que lhes venderam mantimentos na ilha. Do castelo de proa, duas raparigas trocam risadinhas enquanto olham para eles. Charlotte reconhece Thérèse pelas flores azuis que costurou no toucado. Não sabe o nome da amiga dela, mas lembra-se de Étiennette a sussurrar-lhe que tinham oferecido uma laranja à mulher só porque ela estava a perder o cabelo. Horas mais tarde, Charlotte viu o que Étiennette não tinha visto: a gengiva ferida da rapariga, o sangue a escorrer-lhe em triângulos espessos entre os dentes. Estremeceu. Antes de pararem junto a São Domingos, duas outras mulheres apresentaram feridas semelhantes. Não regressaram da enfermaria; as freiras dizem apenas que o cirurgião está a fazer tudo o que pode por elas.

No convés superior, a amiga de Thérèse parece estar melhor. Charlotte nunca falou com nenhuma delas. Mas repara que as duas raparigas estão tão aliviadas como ela por estarem ao ar livre. Recentemente, as mulheres foram autorizadas a subir mais vezes ao convés. Ao fim de mais de dois meses no mar, as freiras têm tido mais dificuldade em impedi-las de dar uns passeios durante alguns minutos. Charlotte aponta para uma ilhota, menor do que o *La Baleine*.

— Achas que há pessoas a viver ali? — pergunta.

Pétronille diz que não.

— As águas de um arquipélago não são suficientemente profundas para desembarcar — responde, e Charlotte fica com vontade de conhecer um marinheiro que lhe possa explicar tudo o que ela não compreende sobre a viagem que estão a fazer. Pétronille olha fixamente para o mar. — O formato desta ilha não te faz lembrar o celeiro de Salpêtrière? — pergunta. — Olha esta faixa de terra; não te parece a ala sul do edifício principal?

Charlotte ri-se e apercebe-se de que em Salpêtrière ela e Pétronille viviam apenas a dois edifícios de distância. No entanto, não fosse a decisão de partirem, nunca se teriam conhecido.

— Não, é mais quadrada, mais parecida com o Ange Gardien — responde Charlotte. — E aquela?

Ouvem uma corda a cair ao chão. Veem um homem alto a atravessar o convés e a encaminhar-se para o grupo de mercadores. A luz do Sol reflete-se no seu relógio prateado e o brilho ofuscante obriga Charlotte a desviar o olhar. Pétronille pensa no edifício de Sainte-Thérèse e diz que não, na verdade tem o formato de uma

palmeira, com as raízes a enterrarem-se no fundo do oceano, e Charlotte não consegue deixar de pensar no que aconteceria se as raízes se desfizessem e imagina que as ilhas começariam a flutuar e a afastar-se umas das outras. Vira-se, desconcertada pela imagem. Vê-se sozinha, separada das outras raparigas, e a ideia enche-a de pavor.

— E aquela?

O capitão continua a falar com o homem do relógio prateado. Fala baixo, num tom insistente. Os outros mercadores parecem subitamente estar espalhados por todo o convés, mas Charlotte não lhes liga. Vislumbrou Étiennette, em cima da escotilha, em amena conversa com a irmã Gertrude. O sol turva-lhes as feições, alisa-lhes as expressões. Charlotte fica paralisada, a olhar com toda a atenção como se lhes pudesse ler os lábios, mas volta a ganhar vida quando um som rasga o ar. O momento prolonga-se: cavalos de marfim a galopar na coronha da pistola.

Antes de a arma voltar a erguer-se, Charlotte tem tempo para olhar para o homem que a empunha e que ainda não tinha visto até este momento. Tem o nariz adunco e usa contas na barba. À direita, o mercador com o relógio prateado encosta a arma ao peito do capitão.

Há mais homens como eles, bem posicionados entre os mastros, no castelo de proa e no tombadilho, no que parecem ser posições estratégicas, a bloquear a entrada para os aposentos dos marinheiros, um homem à frente de cada um dos pequenos canhões do *La Baleine*.

Antes de o mar e o céu começarem a rodar em espiral à volta dela, uma ideia ilumina-se na cabeça de Charlotte. Ouve Pétronille a dizer-lhe o que Baptiste lhe contara sobre os piratas e as palas que põem à frente dos olhos: que as usam para manter um dos olhos às escuras e entrarem no breu do porão de um navio sem dificuldade para levarem o que entenderem.

Charlotte estende a mão para a amiga. Mas os dedos fecham-se num pulso que já se está a desviar e ela vai de encontro a um marinheiro que tem a orelha a sangrar, a baloiçar e que desaparece antes de ela cair, batendo com o rosto no convés e sentir as farpas da madeira a ferirem-lhe a face. Uma bala passa bem à sua frente, por baixo do barco a remos, para longe de vista. Charlotte segue-a, gatinhando no chão o mais rapidamente que consegue e sentindo passos a ecoar-lhe nas mãos. Alguém grita para que ninguém se mexa e Charlotte resiste ao impulso de levantar a cabeça e certificar-se de que nada nem ninguém vem atrás dela. Atira-se para a frente e abriga-se à sombra do barco a remos, depois do casco. Bate com a cabeça na madeira ao mesmo tempo que a quilha lhe raspa no vestido como se o fosse rasgar. Encontra um lugar entre as tábuas do interior da embarcação. Cheira a algas, *whisky* e madeira molhada. De onde está, Charlotte vê pernas e pés, e, se encostar a face com força suficiente ao

chão, alguns rostos. Sabe que isso significa que se alguém se ajoelhasse a poderia ver. Sente as coxas quentes, coladas uma à outra. Tenta controlar a respiração, situar-se. Imagina o convés principal visto de cima: o castelo de proa e os aposentos dos marinheiros à esquerda, o tombadilho e a popa à direita. Entre eles, o mastro principal e a escotilha. Depois, paralelo à grade, o barco a remos. E ela, deitada debaixo dele.

Percebe claramente o que deveria ter feito: subido para o interior do barco, desatado os nós do encerado e apertado a cobertura até deixar de ver o céu. Sobressalta-se ao ouvir o som de outro disparo, que desta vez é tão próximo que ela leva as mãos às orelhas e estremece ao sentir uma dor aguda num dos dedos. A unha está cortada ao meio e o nó do dedo parece-lhe líquido, quente. Depois, o cheiro da pólvora começa a entrar por baixo do casco e Charlotte afasta-se um pouco mais do convés e aproxima-se o mais possível da grade. A mão que não está ferida toca em algo metálico e húmido. Não é o gancho de Pétronille, como começa por pensar, mas a bala que a levou até àquele pobre abrigo. Quando a agarra, não tem como saber a quem pertence o sangue que a envolve: se a ela, se a um marinheiro.

No convés principal, os disparos cessam e faz-se silêncio. A sua própria respiração parece-lhe ensurdecadora debaixo do barco a remos. Está dolorosamente ciente dos sons de tudo o que lhe corre, flutua e bate dentro do corpo. Sangue, saliva e coração: como ela os quer parar, como ela quer que não parem. Tenta pensar numa canção, algo tranquilizador e familiar, mas não se lembra de nada. Quando pensa bem nisso, uma canção significa som, que agora significaria a sua morte. A unha partida toca numa poça de água e o sal corrói-lhe a ferida, o que, na cabeça dela, também deveria provocar um ruído. O gancho que Pétronille lhe dera caiu-lhe do cabelo e pica-lhe o peito. Ouve passos a aproximarem-se. Encolhe-se até não poder mais, como os bebés faziam na Maison Saint-Louis quando dormiam de lado com as mãos curvadas como tenazes. Charlotte pensa em Étiennette, que deve estar em segurança e que, espera ela, desceu a escada a tempo.

As sombras afastam-se. Os passos desvanecem-se. Charlotte conta até cem, a olhar para o sol que bate no convés e com medo de que fique escuro se ela parar, fizer batota, passar diretamente do cinquenta e quatro para o sessenta. Depois, com muita cautela, movendo apenas a cabeça, inclina a face para o chão. Imagina o céu azul. Debaixo do mastro, homens que ela reconhece como marinheiros do *La Baleine* estão a ser empurrados pelos piratas em direção ao castelo de proa e respetivos aposentos. Um dos corsários espicaça um grumete com a ponta da espada. Ouve-os a passar, apressados, pelo

barco a remos, os gritos de protesto abafados a caminho do dormitório. Um marinheiro tropeça, pragueja, alguém leva uma pancada. A porta dos aposentos da tripulação solta um estampido. Charlotte vira-se de bruços e olha para a proa do navio a tempo de ver um dos piratas a trancar a porta. E é então que percebe que, sem os marinheiros para defender o navio, estão perdidas.

Depois, aparecem as pernas de um homem. Está tão perto que Charlotte dá por si a olhar para os olhos de uma baleia a borrifar água, numa tatuagem entre o tornozelo e os sapatos de pele. Tem as mãos tão suadas que parecem ter visco. O homem fala numa língua que ela não compreende. Parece entusiasmado. Depois os pés desaparecem, substituídos, mais ao longe, pela bainha de vestidos que Charlotte conhece demasiado bem. Lembra-se de Thérèse a rir-se no convés superior, da distância a que estavam da escotilha aberta.

Quando as mulheres começam a gritar, Charlotte fecha os olhos. Tenta mexer a língua, mas sente-a inchada, demasiado grande para a boca. Os dentes sabem-lhe a sangue. Ouve mais passos, mais gritos, e a única coisa que deseja é poder pará-los. Resiste à tentação de tapar os ouvidos. Tem de escutar o mais cuidadosamente que conseguir; se o fizer, irá reconhecer a voz de Étiennette. Lembra-se do berro que ela deu quando uma criada deixou uma panela cair nas cozinhas e duas gotas de óleo a ferver lhe marcaram o pulso; ou do grito abafado, já há uns meses, na manhã em que ela acordou com um cão de uma quinta a lamber-lhe o suor da barriga da perna.

Charlotte não sabe quando é que vai acabar. Conta até trezentos depois de o último homem passar. Quando as raparigas deixam de chorar, não sabe ao certo se o silêncio a faz sentir melhor ou pior. A alguns passos de distância, há algo a rolar no convés. O pirata da tatuagem faz uma pergunta naquela língua cheia de «ys» e «ws». O capitão do *La Baleine* responde «não», depois diz mais alguma coisa. Ouve-se uma pancada alta e também ele fica em silêncio.

Charlotte só abre os olhos porque sabe o que vai acontecer a seguir, o que já está a acontecer, na verdade: botas, pelo menos dez pares, a caminho da escotilha. Some-se a última esperança que ela acalentava de que Étiennette, Pétronille e Geneviève se mantivessem em segurança. Agora, não seriam duas mulheres, mas noventa, uma comunidade de raparigas de cuja companhia ela viria a sentir falta um dia. Os gritos das mulheres elevar-se-iam debaixo dela, como se lhe viessem do próprio peito. Imagina ser a próxima. Pousa a palma da mão no chão e sente o gancho de Pétronille sob os dedos.

Charlotte levanta a cabeça para olhar para os aposentos dos marinheiros. A porta está trancada, mas os dois vigias abandonaram o posto, provavelmente por terem assumido que tinham mais a ganhar se chegassem primeiro à entrecoberta. Charlotte sabe que não tem

muito tempo. O coração palpita-lhe em todo o corpo ao mesmo tempo. Está apavorada com a ideia do que tem de fazer. Vê-se a si própria em maio passado, a sair à socapa pelo beco estreito que dava para o jardim da madre superiora, a mão a fechar-se na pega do portão. Na altura, Charlotte não se lembrava de ter sentido tanto medo: medo de não ser ouvida, de não conseguir convencer a madre superiora a colocar mais um nome na lista. No entanto, nada do que temia aconteceu; e, agora, aqui está ela. Começa a gatinhar em direção à proa do barco a remos.

Está apenas a alguns passos dos aposentos dos marinheiros. O sol está abrasador, pronto a derretê-la no chão, mas, quando ela olha para o convés, só vê costas. Os homens — sobretudo piratas, mas também alguns oficiais do *La Baleine*, atados e feridos, vigiados de perto — estão todos a olhar para a entrecoberta. Ao ver os dois corpos atrás do mastro, as camisas cobertas de sangue, Charlotte dá por si a sentir náuseas; dois dos bandidos já estão a puxar as pegas da escotilha.

Charlotte atira-se para a frente. Imagina que é um dos peixes que viu com Étiennette no porto de Lorient: ágil, capaz de desaparecer de um momento para o outro. No punho fechado, o gancho espeta-se-lhe na palma da mão. Pouco depois já está à sombra do castelo de proa a olhar para a porta.

Está à espera de ouvir gritos, de sentir braços a puxá-la para trás, a tentar alcançar-lhe o vestido como fizeram com Thérèse e a amiga. Não acontece nada. Leva a mão à fechadura fria e dura. Os dedos tremem tanto que tem de tentar três vezes até conseguir empurrar a trava debaixo do puxador. Empurra com mais força, sente algo a resistir, a soltar-se e a voltar a resistir.

Ouve-se uma forte pancada: a escotilha dos aposentos das mulheres a abrir-se, um som que ela está habituada a receber com alívio quando, ao fim de dias de mau tempo, a luz volta finalmente a entrar na entrecoberta. Vira-se e detesta-se imediatamente por o fazer, por perder tempo, por se tornar parte da tela imota em que o convés se transformou, porque, debaixo da escotilha aberta, no cimo da escada, está a irmã Gertrude com uma pistola na mão apontada para os homens.

De início, Charlotte pensa que há alguém a chorar. Mas o clamor aumenta e ela percebe que os piratas, especados a olhar para a freira armada, estão a rir-se. E as gargalhadas são frenéticas, incrédulas e irreprimíveis. São gargalhadas que dizem: *Minha senhora, a sério que acredita que pode ser uma ameaça para nós?* Charlotte pressiona a fechadura com mais força. Ouve a irmã Gertrude a gritar.

Ouve-se um som a retinir. Charlotte quase cai quando a porta se abre de chofre. Do outro lado, um marinheiro, dois marinheiros, muitos mais no dormitório, olham fixamente para ela. As córneas



parecem pálidas no escuro; um deles tem uma cicatriz que lhe rasga o queixo. De seguida, alguém a puxa para o interior e a empurra contra a parede quando os homens se precipitam para o convés. Um grumete leva-a para um beliche e ela passa a língua nos lábios e sente o sabor a lágrimas e muco. O rapaz diz-lhe para esperar ali e olha, pensativo, para o gancho que ela tem na palma da mão.

— Obrigado — diz rapidamente, antes de correr para a porta.

Charlotte ouve sons de disparos, de gritos, do desfraldar imparável de velas no convés principal. A água que tudo rodeia preenche todos os silêncios.

Charlotte fica sozinha entre colchões, bacios e roupa gordurenta. Assoa o nariz numa camisa que fede tanto a tabaco que a faz espirrar. Enrola-se num canto. Tenta convencer-se de que está a enroscar-se em mais um dormitório, em Salpêtrière, a olhar a partir do limiar da porta pronta a sussurrar para si mesma: *Vamos lá, o caminho está livre.*

A entrecoberta enche-se de sussurros sibilantes. Embora os piratas tenham desaparecido, o ar continua carregado de medo: um cheiro acre que se cola como uma lapa à garganta de Charlotte quando a irmã Gertrude a ajuda a descer a escada. Então, Étiennette corre na direção dela. De início, Charlotte não sabe se a amiga lhe quer bater ou abraçá-la. Depois, Étiennette pergunta numa voz fina e urgente:

— Estás bem?

Perante a falta de resposta de Charlotte, Étiennette pouisa o braço nos ombros da amiga, devagar, e condu-la para junto de uma das vigias mais distantes. Parece estar prestes a dizer alguma coisa, mas fecha a boca e começa a massajar a mão de Charlotte.

— Posso trazer a nossa enxerga para aqui — sugere.

Charlotte olha para o mar sob o sol poente. Está a ficar com os nós dos dedos doridos da massagem que Étiennette lhe está a fazer, mas não pede à amiga para parar.

— Podes.

E assim deitam-se lado a lado a ouvir a água. Étiennette aponta para a unha ferida de Charlotte.

— A Pétronille deve saber como ajudar-te com isto.

— Onde é que ela está? Como é que ela está?

— Ali, perto de Santa Bárbara. Ela conseguiu voltar antes de a irmã Bergère fechar a escotilha.

Charlotte volta a sentir a mão a fechar-se no ar, Pétronille a desaparecer e o pânico a crescer-lhe no peito. Tenta inspirar profundamente. Pétronille está em segurança, e ela também. Obriga-se a levantar a cabeça, olha para onde Étiennette está a olhar. Vê Pétronille e, atrás dela, Thérèse e a amiga. Estão deitadas muito juntas numa enxerga, a aceitar os cobertores e a comida que lhes estão a

oferecer. O toucado florido de Thérèse desapareceu. Charlotte baixa o olhar.

— O que aconteceu? — pergunta Étiennette.

Charlotte permanece em silêncio. Não pode voltar ao que passou.

— Soubeste de alguma coisa? — pergunta.

— Como assim?

— Eu vi-te a falar com a irmã Gertrude. Antes de eles chegarem. — Charlotte pousa a face no braço. Por uma vez, é um alívio falar sobre Marceline.

Étiennette abana a cabeça, como que a dizer que não ou que não importa. Ou ambas as coisas. Parece submersa numa tristeza profunda quando diz:

— Mesmo que soubesse de alguma coisa sobre a sua irmã, o que importaria agora?

Charlotte demora um segundo a compreender que a amiga está a citar as palavras da freira. Os lábios de Étiennette tremem. Há um vazio novo e evidente no rosto dela. Charlotte estende a mão para a da amiga e aperta-a.

— Lamento — diz. E está a ser sincera. A resposta da freira não traz o alívio que ela esperava. Diz-lhe: o que deixaste para trás foi-se para sempre. Charlotte já o sabia.

Algues debaixo dela, os gatos digladiam-se. Ela mexe os dedos e descobre que estão bambos, o corpo caído imóvel na enxerga. Charlotte sente que, com um pouco mais de pressão, talvez fosse capaz de se juntar aos gatos no porão. Abre os olhos quando Étiennette diz:

— A irmã Gertrude diz que te devemos tudo.

— Tudo o quê? — pergunta. O orgulho punge-a. Em Salpêtrière, era um sentimento proibido, um pecado. — Eu via-a com uma pistola.

— Isso não teria mudado nada. Se não fosses tu... — A voz de Étiennette some-se, subitamente tímida, e Charlotte não se identifica com a rapariga que saiu da segurança do barco a remos e abriu a porta dos aposentos dos marinheiros.

— Onde é que a irmã Gertrude foi buscar a arma? — pergunta.

— Ouvi dizer que foi um dos polícias que lha deu antes de embarcarmos. Mas a Pétronille jura que a viu a ir ao depósito de armas depois de pararmos em São Domingos. — Encolhe os ombros. — Não tenho a certeza.

— E ficou lá sozinha em cima da escotilha?

— Ficou.

— É muito corajosa.

— Tu também.

Charlotte deita-se de lado a ouvir a água. Fecha os olhos. O alívio deixa-a fraca, atordoada. Corajosa. Repete a palavra na cabeça. Corajosa. Corajosa. Por alguma razão, não lhe parece adequada.

Pergunta-se o que teria Étiennette feito se estivesse lá em cima e se se pode chamar corajosa a uma pessoa que não tem alternativa. Agora que pensa no assunto, percebe que tinha uma alternativa: esperar que a encontrassem, como encontraram Thérèse e a amiga, ou atirar-se de cabeça e tentar.

Mesmo que não seja coragem, foi o que a manteve viva. Não precisou que ninguém lhe dissesse o que fazer. Charlotte pensa na madre superiora; gostaria de poder dizer-lhe que tomou a decisão certa. Depois espera que a mulher já o saiba de alguma maneira. Ouve a própria respiração, água a bater, em seguida a voz de Geneviève a perguntar-lhe como está. O cheiro a legumes cozidos espalha-se por toda a entrecoberta. Atrás dela, escondido no porão, um rato esgaravata a madeira.

— Sim — responde. — Está tudo bem.

Não sabe se a ouvem. Sente que está a afogar-se e a ser levada pela corrente — um nenúfar solitário, como cada uma das raparigas vai ficar assim que chegarem à Luisiana.

## PARTE II

— Terra à vista, terra à vista!

As mulheres ouvem estas palavras acima da madeira rangente, dos gritos da tripulação e do alvoroço da água. Desta vez não há que enganar. Algumas raparigas querem juntar-se aos gritos. Temem que a terra desapareça se o marinheiro deixar de a apregoar e não compreendem que um continente possa parecer tão frágil. E tão pequeno, também, não mais do que uma faixa de terra a flutuar à superfície. As mulheres ficam especadas a olhar, incrédulas: fizeram um caminho tão longo para desembarcar numa ilha deserta.

O vento sopra carregado de água e, por momentos, elas respiram o mar e não o ar. Assim que os pés pisam terra firme, o mundo inteiro começa a rodopiar à volta delas e elas agarram-se umas às outras, mãos bem fechadas em vestidos, que, pelo menos, ainda não estão molhados — até terem de saltar para a água, o que acontecerá em breve. Por enquanto, tentam recuperar o equilíbrio. Semicerram os olhos quando as rajadas furiosas de vento insistem em fustigar-lhes os rostos, relanceiam para os arbustos curvados pela tempestade e para os caranguejos a andejar nas piscinas da maré. O que elas não sabem, o que só a areia sabe, é que elas não são as primeiras mulheres francesas a desembarcar naquela praia: há um ano, ao fim de meses de viagem, dois grupos de prisioneiras de Salpêtrière foram abandonados na ilha do Navio sem comida nem roupa suficientes e deixadas à sua sorte até serem finalmente levadas para o continente. As pegadas daquelas raparigas já há muito que se apagaram, mas a verdade é que algumas das raparigas do *La Baleine* estremecem: o lugar transparece o mesmo tipo de terror dos seus dormitórios em Paris.

É então que avistam um conjunto de homens descarnados e, atrás deles, barcos estreitos. As freiras não se dão ao trabalho de dizer às mulheres que a viagem ainda não terminou. Em breve, aqueles marinheiros e aquelas canoas irão levá-las para o continente.

Passam horas a navegar antes de conseguirem avistar um vislumbre da nova terra onde vão viver. Quando a avistam, ficam em silêncio. A Luisiana não parece grande coisa vista das pirogas. Plana e serena, como tudo o que fica remoto: os movimentos esbatidos pela distância, as árvores vagas como o desenho de uma criança. Olham para a terra como quem examina o rosto de um estranho. Imaginaram este momento tantas vezes que quase parece um erro vivê-lo. O que poderão elas esperar, agora que atravessaram o Atlântico?

*Nova Biloxi, fevereiro de 1721*

## Geneviève

Geneviève agacha-se junto ao regato com as outras raparigas. Baixa o balde de roupa suja para a corrente e solta um grito abafado quando as mãos sentem a água gelada, cheia de plantas e insetos cujos nomes desconhece, como tantas outras coisas que vê e ouve na Luisiana. A aurora opaca é parecida com a que viu no dia anterior ao acordar e um dia antes e todas as manhãs do último mês e meio que passou na colónia, a sentir o vento a entrar por entre os troncos irregulares do teto do entreposto, a ouvir roedores do pântano a correrem por entre a erva. Já se habituou aos ruídos. Não teve outro remédio.

Daquele lado do Atlântico, Geneviève detesta a sensação de estranheza perante tudo o que a rodeia: as árvores com folhas que parecem penas, a lama vermelha, o solo mole como húmus. Tem saudades de prazeres simples e familiares. Uma sopa rica num dia húmido, os primeiros raios de sol morno a bater nos arbustos e, quando a corrente gelada lhe entorpece a pele e o espírito, o calor relativo do colchão de palha que partilha com Pétronille. O primeiro balde enche-se, os dedos enrugam-se, o espírito renova-se. Esta manhã é diferente. Há meia hora, quando foram acordadas para a missa, Pétronille chutou os lençóis ásperos de linho com uma energia que Geneviève não lhe via há semanas. Hoje é a última oportunidade que a amiga tem de ver Baptiste.

Geneviève alça o segundo balde e estende a mão para o jugo. O som do regato, que corre no local onde o terreiro húmido acaba e o pinhal começa, parece vir de toda a parte ao mesmo tempo. Atrás dela, ergue-se o entreposto sem janelas. A esta hora, a luz entra débil pela porta e ilumina o primeiro de quarenta e cinco colchões de palha que encham o espaço onde as freiras as fecharam desde que chegaram à Luisiana. Por causa do mau tempo da noite que passou, os troncos incharam e o cheiro da chuva permanecerá no entreposto durante

dias. Há menos de um instante, Pétronille estava a juntar roupa suja em gestos trapalhões movidos a ansiedade. Geneviève sabe que não há tempo a perder. Em breve, estarão todas casadas, tal como aconteceu com Étiennette no início de fevereiro, já lá vai um mês. Em breve, todas elas terão de seguir os maridos para Nova Biloxi, onde as pessoas não param de morrer.

Amanhã, Geneviève desposará Pierre Durand e, assim que o fizer, deixará de poder ajudar Pétronille. O pretendente canadiano de Geneviève veio vê-la duas vezes. Geneviève não estava à espera de que ele a pedisse em casamento, mas ele fê-lo, com palavras que ela achou estranhas, quase cómicas. As freiras aprovaram imediatamente o enlace. Mas, desde então, Pétronille e a obsessão por Baptiste, e depois a doença, mantiveram a cabeça de Geneviève ocupada e não lhe permitiram pensar em *monsieur* Durand.

A cabana que foi construída quando as primeiras mulheres adoeceram fica ali perto. A doença é diferente da que vitimou duas raparigas no *La Baleine*. Deixa os rostos e os olhos amarelos. Provoca vômitos de bÍlis preta. Retesa os joelhos e as costas e transforma a luz do Sol em veneno. Em Nova Biloxi, morreu muita gente no mês passado e houve casamentos que tiveram de ser adiados. As mulheres ficaram à espera no entreposto. Os padres estavam demasiado ocupados a ungir os mortos.

Geneviève espera que a água se equilibre nos ombros. Lavar a roupa foi ideia dela. Lavar a roupa lembra-lhe Paris e Paris lembra-lhe Amélie. Quando pegou na pá de lavadeira de manhã, Geneviève teve a sensação de ter visto o *La Sirène*, de ouvir as lavadeiras a chamarem-se umas às outras. Se virasse a cabeça, talvez pudesse ver o Sena a correr agitado. O regato nas traseiras do entreposto é tão frio como o rio, mas Amélie não está por perto para lhe enfiar a mão no vestido, entre o seio e o braço, onde a pele é mais macia e quente.

Junto à porta do entreposto, Geneviève avista Pétronille a dirigir-se para os caldeirões. A esperança de que Baptiste esteja em Nova Biloxi com a tripulação do *La Baleine*, à espera de que o navio regresse a Lorient, é o único alento de Pétronille desde que chegaram: a crença de que o amante não esteja irremediavelmente perdido e de que, mesmo que não pudessem casar, se voltassem a encontrar. Há duas semanas, quando Pétronille ouviu as freiras a dizer que os marinheiros do *La Baleine* estavam alojados a menos de uma légua de distância, Geneviève teve muita vontade de acreditar na amiga. Geneviève sabe qual é a sensação de dizer adeus a um ente querido; nunca mais quer imaginar-se a descer as escadas da casa da marquesa em Paris depois de ter de deixar Amélie. Agora, enquanto o jugo lhe empurra a cabeça para baixo e para a frente e a água vai caindo dos baldes, percebe que a esperança que Pétronille tem de voltar a estar com Baptiste também

lhe pertence. Talvez seja um sinal de que a Luisiana, apesar de todos os casamentos e de todas as doentes fechadas em cabanas, lhes poderá oferecer mais do que a França ofereceu.

Geneviève evita um formigueiro a abarrotar de insetos vermelhos e dirige-se para o caldeirão de Charlotte. Uma vez que Étiennette foi a primeira noiva a casar, a tristeza deixou Charlotte mais meiga. Corria o rumor de que o marido de Étiennette iria levar a nova esposa para outro assentamento, mais a norte, junto ao rio Yazoo. A confirmar-se, Charlotte poderia nunca mais voltar a ver Étiennette, tal como Étiennette nunca iria encontrar a irmã Marceline no vasto território da colónia.

No caldeirão, as camisas rodam em espiral como enormes peixes brancos. O que resta das roupas que foram embrulhadas nas suas trouxas mergulha, flutua e goteja na aurora cor-de-rosa. Geneviève esvazia os baldes na água a ferver. Charlotte olha para ela de relance. As chamas dão-lhe um brilho cor de laranja às sardas. Ela agita as roupas manchadas sem olhar para elas. O plano que engendraram para Pétronille é tão simples que parece infalível: Baptiste, avisado por uma nota que lhe foi entregue em Nova Biloxi na semana passada pelo ajudante do médico, deverá ir ter com ela ao portão principal do entreposto enquanto Geneviève distrai as freiras com a ajuda de Charlotte.

Além dos toucados em movimento, Geneviève vê Pétronille a levar mais roupa para o terreiro. Está a balançar com o peso dos vestidos e o cabelo preto faz-se violeta sob os primeiros raios de Sol. Está mais magra; não é preciso conhecê-la para perceber quão ansiosa anda. Geneviève tira-lhe a pilha de vestidos sujos dos braços.

— Está na hora — diz-lhe ela, esforçando-se por manter a voz calma. — É melhor ires.

Os olhos e a testa de Pétronille brilham. A rapariga enterra as mãos trémulas no ângulo dos cotovelos.

— Está tudo bem? — pergunta Geneviève.

Pétronille sobressalta-se. Olha de relance para o beco que dá para o terreiro da frente, onde as madressilvas engolem os escassos postes de madeira que separam o jardim do entreposto da floresta. É uma tentativa ridícula: a vegetação é tão densa que os arbustos já estão a reconquistar a terra.

— Sim — responde Pétronille. Entrelaça as mãos uma na outra. — Estou bem.

Depois, antes de Geneviève ter tempo de dizer o que quer que seja, Pétronille vira-se e segue o seu caminho num passo arrastado, com os socos a afundarem-se nas ervas húmidas. Ainda que já nada carregue, a passada não deixa de ser incerta. Geneviève gostaria que a amiga pudesse esperar por que os nervos acalmassem. Mas já não há tempo



para isso. Geneviève tem de fazer o seu papel, se não as freiras travarão Pétronille. Junto ao regato, a irmã Gertrude vigia as raparigas ajoelhadas junto à água; a irmã Louise está junto à corda esticada que receberá os vestidos lavados.

É chegado o momento. Geneviève deixa o primeiro vestido a pairar sobre o caldeirão e os dedos tocam nos de Charlotte. Olham uma para a outra. Depois, Geneviève baixa a mão e aproxima-a da lenha a arder. O sangue volta a correr-lhe para os dedos. Deixa cair o vestido e o tecido toca nas chamas, cai entre elas, só que levam com ele um saiote, depois um corpete, peças de roupa a caírem, uma a uma, fora do recipiente de cobre e a escorregarem para a fogueira. Geneviève precipita-se para a frente para impedir que o fogo alastre, mas as chamas, maiores do que ela intencionava, estão a propagar-se pelas roupas com cada vez mais intensidade em direção a uma morena que está a alguns metros de distância. O fogo chega perto dela e começa a lavar-lhe em redor dos braços. Ela solta um grito ainda mais alto do que Jeanne e Thérèse no *La Baleine* e começa a correr na direção oposta. Subitamente, as outras raparigas estão a precipitar-se na direção dela com baldes de água e a roupa a cair na erva.

Charlotte fica a olhar sem se mexer e com os olhos esgazeados. Os dedos cerram-se no bastão de lavagem com que estava a mexer a roupa no caldeirão.

— O que... — começa ela.

Geneviève interrompe-a.

— Está tudo bem — garante-lhe, mas a voz sai trémula.

As chamas já estão a transformar-se em fumo, a amainar. As mulheres rodeiam a rapariga queimada, pelo que não dá para perceber se ficou muito maltratada. Uma das freiras poderá não demorar a ir chamar um médico à cidade e, se o fizer, irá deparar-se com Pétronille e Baptiste junto ao portão. O Sol continua a erguer-se, cor-de-rosa e amarelo. Geneviève corre pela erva fora, atravessa o jardim e acompanha a sebe de madressilvas.

Quando chega ao fim da álea, o terreiro está vazio. Corre para a cerca, encosta as mãos ao portão da frente e abana-o. Trancado. Sente a azia a subir-lhe à boca, mas, pelo canto do olho, vislumbra um ponto branco, e ajoelha-se junto ao carrinho de mão. E ali, em cima de uma urtiga, vê o toucado de Pétronille.

A amiga está estendida no chão, escondida por medas de feno. O Sol espreita por entre os ramos dos cedros, lançando sombras compridas sobre a erva húmida e sobre Pétronille. Um enorme escaravelho sobe-lhe pelo braço; as moscas ficam-lhe presas no cabelo cheio de lama. Pétronille está a respirar profundamente, como uma criança a dormir o sono dos justos, como se sempre tivesse tido a intenção de descansar ali. Quando Geneviève lhe toca na testa, a mão

volta quente e húmida.

Antes de ir a correr em direção às freiras, Geneviève perscruta para além do portão. A estrada, molhada pela chuva que caiu de noite, estende-se por entre as árvores. Os pássaros e os esquilos deixaram marcas frescas na lama. Os olhos de Geneviève chegam à curva apertada em que o caminho desaparece na floresta de ciprestes. Não há pegadas na terra, nenhum sinal de uma carroça. Baptiste nunca ali esteve.

À noite, quando Geneviève e Charlotte recebem autorização para voltar ao dormitório, Pétronille já tinha sido levada para a cabana das raparigas doentes. A irmã Bergère foi perentória: a *mademoiselle* Béranger precisava de descanso. No dormitório, ninguém quer saber dela; as mulheres só falam da morena cujo vestido estava demasiado húmido de tanto se ajoelhar junto ao regato para se incendiar. As queimaduras que sofreu não são graves. No entanto, Geneviève e Charlotte teriam de ser punidas pela falta de cuidado, pela inépcia. Jejuaram, repetiram as ave-marias que lhes foram ditadas, mas as freiras tiraram-nas do confinamento solitário ao fim de poucas horas. Não por bondade. Fogo ou não, Geneviève e Charlotte estão noivas. Não há necessidade de contar o incidente aos pretendentes. Casariam na mesma.

A última noite de Geneviève no entreposto sem janelas é negra como breu, tal como a entrecoberta era depois de o Sol se pôr. No navio, sentada junto às vigias, via a Lua a transformar-se num enorme brilho pálido: um farol a anunciar um porto que não existia. Depois desaparecia e o mar e o céu voltavam à escuridão. Na entrecoberta, Geneviève debatia-se com o pânico que lhe crescia no peito.

Esta noite, está calma, alerta. Espera até não ouvir os passos do guarda. Bate com a mão no vestido para se assegurar de que as ervilhas secas lá estão. Foi buscá-las a um saco de lona à tarde, envolveu-as num pedaço de tecido: sujo, amarelo, masculino, algo que ela imaginava poder colocar no fundo da algibeira de Baptiste, um lembrete do dia em que atravessaram o Trópico de Caranguejo.

Agora, Geneviève pergunta-se o que farão as feiras com as ervilhas secas assim que as descobrirem entre os dedos de Pétronille. Irão deitá-las fora? Cozinhá-las? Ou estarão demasiado ocupadas a tentar baixar a febre de Pétronille para prestar atenção a tudo o resto? Geneviève, porém, não vai deixar a amiga sem lhe dar algo a que se possa agarrar, não a vai deixar desarmada para enfrentar as perdas quando voltar a si.

Passa pela porta do quintal, onde o cheiro a urina empesta o ar. Às vezes, tem a sensação de que os muros da Grande Force a seguiram para lá do oceano; que a podiam apanhar como acontecia em Paris. Os

bacios estão alinhados junto à álea, o mais longe possível do espaço a céu aberto para onde as freiras levam os homens todas as tardes, exceto aos domingos, desde meados de janeiro.

Há uma sombra a agachar-se e Geneviève reconhece Charlotte antes de ela se levantar. Não consegue conciliar aquela criança com a coragem que mostrou no *La Baleine*. A intrepidez de Charlotte dá esperança a Geneviève e deixa-a a perguntar-se o que cada uma das mulheres será capaz de fazer na Luisiana. No entanto, também vê o preço da coragem de Charlotte. No dia em que o *La Baleine* chegou à ilha do Navio, Charlotte sentou-se teimosamente na sua enxerga, rodeada pelo que restava do seu enxoval do mar. Fora proibida de levar o que quer que fosse para fora do barco, mas a irmã Gertrude acabara por ceder. «O gancho», suspirara a mulher. «Nada mais.»

Amanhã, no primeiro dia de março, Geneviève vai acompanhá-la até à igreja. Charlotte não consegue pronunciar o nome do futuro marido.

Charlotte vira-se para a cabana das doentes para a qual Geneviève se dirige.

— Não vás para lá — diz.

Geneviève pensa em recordar-lhe que, se fosse Étiennette que estivesse doente, não pensaria duas vezes em ir ter com ela. Mas Étiennette já partiu há algumas semanas e Geneviève não quer afetar os humores de Charlotte. A rapariga tem estado menos irascível nos últimos tempos e até aceitou liderar o canto das mulheres nas vésperas a pedido da irmã Gertrude, o que surpreendeu Geneviève. Desde o ataque dos piratas, não ouviu Charlotte a cantar uma única vez. Esta manhã, as mãos de ambas tocaram-se quando Geneviève levou as camisas para junto das chamas e, por um segundo, Geneviève viu um olhar que Charlotte dedicara tantas vezes a Étiennette.

— Sabes bem que não vou deixar de ir — diz-lhe Geneviève, com os olhos postos na cabana.

Atrás dela, Geneviève ouve os passos de Charlotte a afastarem-se. A ansiedade volta em força. Para lá da erva, a cabana não é o ponto negro que costuma ser: não lhe parece que as raparigas acamadas tivessem deixado uma vela a arder. Detém-se, tenta ouvir a voz da irmã Gertrude, e retoma o passo quando a única coisa que ouve são rãs.

No interior, a cabana está cheia de moscas e mosquitos, o cheiro a doença e unguentos ainda mais forte do que o ar noturno. Apaga todo o drama da roupa suja, as esperanças da semana passada e fá-las parecer insignificantes, irrelevantes. Parece impossível que meras semanas antes ela e Pétronille estivessem na ilha do Navio à espera de vez para embarcar nas canoas. Parece impossível que Pétronille nunca tenha sido suficientemente forte para ficar em pé a acenar para

Baptiste e até resistir à irmã Gertrude quando a freira lhe agarrou a mão e a arrastou para as pirogas que a levariam para o continente. Geneviève ainda vê a amiga, sentada ao lado dela na canoa, a ignorar os homens que, vindos de Nova Biloxi, remaram duas léguas para as poder ver antes dos outros. A água estava tão próxima que ela chegou a ter a certeza de que iriam cair; Pétronille olhava para longe, em silêncio. Quando tiveram de saltar das pirogas, não gritou como algumas das outras mulheres. Deixou-se descair para o mar, como se não quisesse saber se os pés teriam areia para tocar.

Agora, mesmo que quisesse, a amiga não pode fazer nada a não ser dormir, os lábios entreabertos a fender-lhe o sinal de nascença como uma ferida e as mãos caídas na coberta. E, na verdade, são as mãos que fazem Geneviève cerrar o maxilar, tão magras que as veias desenham linhas azuis sob a pele. Pétronille nunca teve medo da doença. Nunca falou sobre o assunto, como se achasse que só podia acontecer aos outros. Geneviève dá por si a perguntar-se se poderia ter reparado nos sinais da enfermidade mais cedo, caso não estivesse tão obcecada por Baptiste.

Há alguns dias, Geneviève ouviu a irmã Bergère dizer que o governador Bienville andava desesperado. A doença e a fome estavam a matar os melhores trabalhadores, que recebem generosamente em tabaco, que, em muitos casos, trabalham com ferramentas pagas pela Companhia e que vão exercer os seus preciosos ofícios na colónia. Sem eles, a Luisiana entraria em lento declínio. Sem as mulheres, não sobreviveria mais uma geração.

Na outra metade do colchão, a luz da vela intensifica a compleição amarelenta do rosto da segunda mulher. Até agora, perderam poucas raparigas; apenas quatro desde que a febre atingiu o entreposto há cinco semanas. O médico salvou uma, o que dá esperança a Geneviève de que Pétronille venha a ser curada.

— Pétronille — sussurra Geneviève.

A amiga abre os olhos. Parece perdida, por um segundo, depois sorri debilmente.

— O Baptiste já chegou?

— Ainda não — responde Geneviève. Na mão da amiga, uma mosca esfrega os numerosos olhos com as patas dianteiras, como um gato a lavar-se. — Vais ter de me contar tudo sobre isso.

— Amanhã?

— Quando te voltar a ver.

Ouvem-se passos na erva, no exterior. É claro que está alguém ali. Não foram as doentes que acenderam a vela.

— Ouve — apressa-se Geneviève a dizer —, assim que saíres daqui, procura a *madame* Durand.

Pétronille não repete o novo apelido de Geneviève. Já tem os olhos

fechados. Geneviève esconde as ervilhas embrulhadas junto à coxa da amiga, entalando-as debaixo dos lençóis. Sobressalta-se quando as folhas do palmito caem ao chão.

— A menina deveria estar na cama.

As bolsas arroxeadas sob os olhos da irmã Gertrude parecem manchas de vinho. Está em pé junto à porta tão parada como estava no *La Baleine* quando Geneviève lhe viu os dedos minúsculos agarrados a uma pistola. Geneviève tem pena dela. A freira já sofreu bastante.

— Queria despedir-me da *mademoiselle* Béranger — justifica-se Geneviève.

— É melhor não a perturbar agora. O que ela precisa é da pomada e depois de descansar.

O tom da irmã Gertrude é assertivo, uma voz calma própria para crianças cansadas e mulheres grávidas. Geneviève levanta-se. Antes de sair, acena um adeus; da cama, Pétronille olha para ela com a mesma expressão de espanto que tinha naquele fim de tarde na estalagem em Lorient quando Geneviève lhe dissera que já estava, que o bebé não iria nascer, que ela poderia sair da França com as demais. Pétronille abanara a cabeça, e Geneviève percebeu o que lhe ia na cabeça: que não acreditava; que, por momentos, chegou a pensar que a dor duraria para sempre.

«Não», dissera Geneviève, «não dura».

Na primeira semana que passou na Luisiana, Geneviève fez uma promessa a si própria. Decidiu que havia coisas que doíam demasiado para serem revisitadas. A casa nova em Nova Biloxi seria pequena, mas arrumada, com o oceano do outro lado da janela e cortinas para enquadrar a vista. Poderia prever o tempo deitada na cama sem sequer as abrir. Em casa, não haveria rãs a saltar nos colchões como aconteceu na primeira noite no entreposto. Colocaria frascos de geleia muito bem arrumados na despensa com frutos de cores uniformes que, como tudo o que tem valor, só se revelariam quando vistas de perto. Não pediria autorização a ninguém para deitar um prato ferrugento fora. Iria colocar um pedaço de cabaça debaixo da empena da casa para que os rouxinóis pudessem fazer ninhos e certificar-se-ia de que os gatos selvagens não se aproximariam deles. Na França, Geneviève nunca teve nada a não ser o que Amélie lhe deu e as poucas memórias que tinha da quinta de seda da família na Provença. A Luisiana seria suficientemente grande para que tivesse dois compartimentos da casa só para si.

Hoje acordou cedo. As freiras são mais permissivas nos dias dos casamentos; as raparigas ficam sempre entusiasmadas. As outras mulheres não vão estar presentes na cerimónia, pelo que as últimas

horas com as noivas são mais importantes. Toda a gente ajuda com os preparativos. Toda a gente menos Thérèse e Jeanne, que se mantêm juntas e quase nunca falam com ninguém. Geneviève mal as conhecia antes de ficarem presas no convés durante o ataque dos piratas. Tinha falado com Jeanne uma vez, depois de saber que a mulher trabalhara dois anos nas oficinas de seda de Salpêtrière. Por momentos, Geneviève imaginara que Jeanne era de La-Bastide-des-Jourdans e que se tinham conhecido quando eram crianças na Provença. Ao fim de mais uma refeição de caldo, Geneviève perguntou-lhe onde tinha aprendido a tecer seda e se havia bichos-da-seda entre a Grande Force e o dormitório de Sainte-Claire. Jeanne respondeu «em Paris» à primeira pergunta e, à segunda, disse que não, não havia nenhum.

Jeanne não respondeu às perguntas de Geneviève depois do ataque. A vontade que Geneviève tinha de ajudar era constantemente abalada por outra certeza: que nunca nada que ela pudesse fazer seria suficiente. Ainda assim, perguntou às duas mulheres se tinham frio, fome, sede. Numa voz transparente, a amiga de Jeanne respondeu por ambas. «Obrigada, mas não precisamos de outro cobertor.» «Sim, o sangue já deixou de verter.» «A dor é horrível.»

No dormitório do entreposto, Geneviève acena-lhes. Thérèse não a vê, mas Jeanne retribui o aceno. Um dia, na primeira semana na Luisiana, Pétronille disse a Geneviève que aquelas duas raparigas a assustavam.

«Que disparate», retornara-lhe Geneviève. A mão apertou-se em redor da última renda do corpete de Pétronille. «Isso é pouco simpático da tua parte. Elas precisam de ajuda.» Mas Geneviève sabia o que a amiga queria dizer. Às vezes, ao passar por Thérèse e Jeanne, Geneviève sentia-se igualmente arrepiada, vulnerável, magoada. Hoje, lembra-se do que Pétronille lhe disse. Também poderia ter sido ela naquele dia no convés.

Agora, pode nunca mais voltar a ouvir a voz de Pétronille.

Geneviève tem mais uma hora no entreposto. No quintal, tenta não olhar para a cabana, e para o guarda que a vigia, com Pétronille no interior. Colhe um par de magnólias em flor para lhe perfumar a roupa da trouxa. Uma vez, em Paris, Amélie levou-lhe um pequeno xaile de seda, borrifado com perfume que tinha tirado do *boudoir* da marquesa. A tarde estava a começar e, por uma hora, Geneviève imaginou-se na Provença, no compartimento escuro onde a seda era guardada. Deixou Amélie envolver-lhe o xaile no pescoço até sentir o tecido a deslizar-lhe pelos mamilos, tão leve e suave que só percebeu que tinha desaparecido quando os lábios de Amélie o substituíram.

— Despediste-te-dela? — ouve Charlotte a perguntar.

As solas dos sapatos de Charlotte têm pétalas coladas. *La petite* tem medo de sair do entreposto, mas nunca o admitirá. Se Étiennette

estivesse por perto, poderia ter-lho confessado; Geneviève não tem a certeza se o faria. No *La Baleine*, havia algo na forma como Charlotte se comportava junto à amiga de infância — alerta, demasiado reflexiva, raramente irritada — que fazia com que Geneviève se lembrasse dela própria com Amélie.

— Despedi — responde.

— Pensei que irias ser mandada para o confinamento solitário novamente.

— Porquê?

— Ouvi a irmã Gertrude a voltar pouco depois de ti ontem à noite.

— E achaste que ela me iria castigar por isso?

Charlotte ergue a cabeça.

— Quer dizer que te encontraste com a irmã Gertrude.

— Ela não ia querer que eu cheirasse a cebolas no meu dia de casamento. No nosso dia de casamento.

— Pois, acho que não. — A voz de Charlotte é um sussurro, e Geneviève arrepende-se de mencionar os maridos, mas, heroína ou não, Charlotte parece tão ingénua que chega a ser tentador provocá-la um pouco, tal como ela lhe tinha feito a caminho de Lorient.

Charlotte aponta para as flores reunidas aos pés de Geneviève.

— O que vais fazer com as flores?

— Não queres desfazê-las? — pergunta Geneviève.

Pétronille teria detestado vê-las a tratar assim as flores, mas está na cabana. Geneviève mostra a Charlotte como puxar as pétalas, como espalhá-las uniformemente entre a roupa e esfregar a lona até aquecer as mãos. Apertá-la bem com uma corda, levantá-la com cuidado. Não a abrir antes do tempo.

Às vezes, Geneviève tem vontade de fazer o mais fácil e culpar as freiras. Foram elas que as levaram para aquela colónia miserável, que as trataram como carga em nada diferente do açúcar, do tabaco ou do café. As únicas preocupações que tinham eram os votos de casamento, os homens estrangeiros e os bebés que haviam de nascer.

Depois há os outros dias em que Geneviève não consegue deixar de ver a irmã Gertrude como ela é realmente: uma de três mulheres que tiveram a desventura de ser responsabilizadas pela segurança de noventa raparigas. Lembra-se da primeira preocupação da freira depois do ataque pirata. Assim que a tripulação recuperou o controlo do navio, a irmã Gertrude subiu ao convés para ir buscar Thérèse e Jeanne, que pegaram no que restava das roupas e as colocaram em cima das pernas nuas, dos estômagos nus, dos rostos nus. Um dos golpes dos piratas tinha aberto o arco da sobancelha da freira e o sangue secara num fluxo claro de ambos os lados do nariz. A irmã Gertrude estava prestes a descer a entrecoberta com as duas raparigas

quando o segundo oficial lhe sussurrou algo ao ouvido. Da entrecoberta, Geneviève viu o rosto da irmã a alterar-se enquanto ele falava.

Geneviève sabe que as mulheres não são as únicas que podem ser castigadas. Pouco depois de chegar a Nova Biloxi, a irmã Gertrude foi chamada pelo governador. Quando voltou, Geneviève não conseguiu deixar de se reconhecer na expressão contrita e culpada que marcava o rosto da freira como uma máscara. Geneviève demorou alguns dias a perceber o que era verdade e o que não era. A irmã Gertrude foi responsabilizada por ter deixado as raparigas perambular no convés: verdade. Bienville acreditava que ela tinha tentado salvar toda a gente de um resultado ainda mais sombrio: mentira. Iria ser obrigada a pagar uma multa de cem libras: mentira. Iria ser enviada para a França mais cedo, assim que o *La Baleine* estivesse pronto para zarpar para a Europa: verdade. Carregaria para sempre consigo a memória do que provavelmente descobriu naquele dia no convés: mulheres nuas, peixes-voadores a aterrar em madeira encharcada de sangue, Charlotte à porta dos aposentos dos marinheiros a cobrir os olhos. Verdade, verdade e verdade.

Geneviève encosta-se ao banco da igreja. Atrás dela estão Charlotte e a outra rapariga que vai casar hoje, a loura que está sempre a remexer na trouxa. Geneviève levou consigo tudo o que conseguiu carregar no entreposto. Não seria capaz de voltar àquele lugar, mas iria voltar a ver Pétronille. Tinha de acreditar nisso.

O padre, o mesmo que viajou no *La Baleine*, ajeita a sotaina. A capela é como o resto da cidade: está longe de parecer o que é. Alguns bancos, um altar improvisado e, atrás dele, uma representação violenta de Cristo: uma figura bege e escarlate, contorcida e perdida numa estrutura de madeira. O padre Jean Richard parece muito mais à vontade na capela do que no barco onde Geneviève o conheceu. Foi uma das primeiras vezes que as mulheres tiveram autorização para subir ao convés, numa altura em que a relutância que as freiras demonstravam em deixá-las dar uns passeios parecia uma idiotice. Agora que Pétronille está doente, Geneviève pensa que devia ter deixado a amiga acenar à vontade para Baptiste, que as opiniões do padre e do cirurgião não importavam. Desejou ter deixado os dois homens ocupados a falar e permitido que Pétronille se afastasse deles.

— *Mesdemoiselles*.

A irmã Gertrude abre caminho entre dois bancos. À luz do dia, as bolsas sob os olhos ficam ainda mais roxas.

— Vão caminhar separadamente para o altar, onde irão ter com o vosso marido — começa ela. — Quando saírem, lembrem-se de levar a vossa trouxa. Não vão querer achar-se só com um par de meias.



Como de costume, a freira fala muito depressa. Depois cala-se e lança um olhar rápido a cada uma: de preocupação, de alívio, é difícil perceber. Atrás delas, abrem-se as portas.

Pierre Durand é o mais baixo dos três homens que estão a entrar na igreja. Mesmo durante as visitas que fazia ao entreposto, parecia pouco presente, como se tivesse sido arrastado para lá contra a vontade. Não falava tão alto como os outros pretendentes. Tem os ombros largos, lábios grossos e um cabelo claro que deve ficar ruivo no verão. Geneviève nunca teve medo dele. Sempre soube que deixar Salpêtrière tinha um preço.

Um dia, Geneviève quase não se lembrará da cerimónia. Ao contrário de Étiennette, nunca sonhou com flores, dotes e anúncios de casamento. Em Paris, nunca imaginou que fosse casar. Mas pensou que um casamento iria exigir mais do que algumas frases e acenos, promessas e orações: velas a arder sob a respiração do padre e a sua própria voz, distante, a repetir «sim». O odor a suor e incenso, depois algo animalesco vindo do casaco de pele do marido, algo que a leva imediatamente de volta às fábricas de curtumes junto ao Bièvre. Pele recentemente escanhoadada a roçar-lhe a face, uma mão áspera a segurar-lhe os dedos quando ela se vira e vê Charlotte a avançar. No saco de lona de Geneviève, as magnólias já exalam o aroma de um ramalhete abandonado. O marido abre a porta. Geneviève acompanha-o para a rua de uma cidade tão estranha e desconhecida como o homem ao seu lado.

Nova Biloxi é uma aldeia miserável: a maioria das casas parecem simples cabanas, pelo que Geneviève se considera uma sortuda. A dele é feita com troncos de ciprestes fendidos, cujos interstícios estão preenchidos por barbas-de-velho. Da janela não se vê o oceano, mas um quintal cheio de erva demasiado crescida, com galinhas que deixam pegadas delicadas em redor de uma canoa virada. A casa até foi caiada por dentro e por fora, pelo que os dois compartimentos são luminosos e nada parecidos com a escuridão em que o entreposto estava mergulhado. A cozinha tem diferentes tipos de panelas, potes e facas. No quarto, o colchão desaparece debaixo de cobertores pesados com pelos brancos e penugem castanha que parecem cães a dormir.

Pierre nunca esteve na França. Vem de uma região mais a norte, da Nova França, onde Geneviève ficou a saber que vivem marmotas e ratazanas de todo o tipo, tal como as que estão agora deitadas na cama dela. O marido ri-se quando ela lhe pergunta como é a vida lá no Norte.

— Na cidade do Quebeque, as pessoas são muito mais fortes. Não nasceram em cetim como na França.

Ela tem vontade de lhe dizer que ele cresceu entre peles que

provavelmente são mais caras do que os lençóis puídos de que ela se lembra na Provença, que a seda nunca foi para ela. Em vez disso, sorri.

Geneviève sorri muito durante os primeiros dias; pelo marido, mas também por ela: tem vontade de acreditar que poderá ser feliz naquele lugar. A situação dela poderia ser pior. Sabe que muitas raparigas têm menos sorte: casam-se com condenados franceses, acusados de roubo ou pior, colonos sem eira nem beira que não têm o suficiente para se alimentar a eles próprios, quanto mais uma mulher e filhos. Geneviève não consegue deixar de ter pena desses homens. Ela sabe o que a pobreza fez à sua família e que não há muito que se possa fazer para a combater. Na França, ela também é considerada uma criminosa.

Quando Pierre sai de casa, Geneviève afasta a parca mobília para limpar o chão e livra-se dos mosquitos e das rechonchudas aranhas cor de laranja que a arrepiam. A porta das traseiras abre-se para a floresta e para os animais que, para Geneviève, só existem na forma de uivos e do som das patas e das garras. Mesmo vista de longe, a floresta é sufocante. Geneviève não quer imaginar o que poderá sair dali. Agarra-se aos miados roucos dos gatos, criaturas desfeitas que teriam vivido muito mais tempo se tivessem ficado no porão dos navios que as levaram para a colónia.

De vez em quando, à noite, o marido diz-lhe algo simpático sobre as pétalas vermelhas com veios brancos que ela colhe. Geneviève vê-lhe a silhueta atrás da secretária, o caldo de osso do tutano que ela preparou para o jantar a arrefecer ao lado dele. Na cama, os cobertores de peles ganham nova vida quando Pierre a puxa para junto dele. Logo depois da cerimónia de casamento, não a beijou. Quando por fim o fez, bateu com os dentes nos dela e afastou-se, envergonhado. Nas primeiras noites que passaram juntos, Geneviève não conseguia deixar de associar a precipitação trapalhona e agressiva do marido à violência do continente, à escuridão untuosa das florestas e à solidão esmagadora das poucas centenas de homens reunidos ao longo dos rios.

Durante as últimas duas semanas, os gestos de Pierre foram-se tornando menos grosseiros, mais confiantes; encontra os lábios dela com mais suavidade agora. Geneviève facilita-lhe a vida: abre as pernas, repousa as mãos nas costas fortes do marido e guia-o. Ele vem-se tão depressa que ela tem de lhe prestar atenção à respiração, ao peso do corpo dele contra o seu para saber quando pode recuar. Depois ele afasta-se para o outro lado da cama e abandona-a às noites barulhentas e selvagens da Luisiana. Quando adormece, Geneviève pensa em Pétronille atrás das folhas dos palmitos, no que seria capaz de fazer para a ver de novo.

Geneviève recebe notícias do entreposto três semanas depois do casamento. No compartimento principal, o marido conversa com o parceiro de negócios e um piloto de barcos sobre a situação de centenas de pessoas que têm esperança de que os transportes lhes cheguem às concessões, as parcelas de terra que vieram explorar. No *La Baleine*, também havia trabalhadores que estavam a caminho de Pascagoula para trabalhar na propriedade de uma proprietária de terras rica, a *madame* Chaumot. Há homens a chegar em todos os navios europeus com destino às concessões. Desembarcam na areia clara de Nova Biloxi, abrem caminho por entre as canas da baía pantanosa e detêm-se em redor dos pinheiros. Não podem trabalhar; esperam.

Geneviève reconhece o piloto, o homem que parece estar sempre prestes a rir-se: é o marido de Charlotte. Os olhos claros fazem com que Geneviève se lembre da forma como Amélie elogiava os dela. Espera que Charlotte não tenha levantado ondas na primeira noite. Lembra-se de quando *la petite* teve o primeiro período, pouco depois de se estabelecerem no Mississípi as dores horríveis que a acossaram. Deseja que Charlotte não tenha sofrido tanto durante a noite de casamento. Tem pena de não lhe ter dito para se deitar quieta e respirar fundo. Mas também ninguém lhe tinha dito nada a ela em Paris.

Atira as tripas de uma galinha para um balde com estrondo. No compartimento principal, os homens falam alto. Há dezenas de franceses encalhados em Nova Biloxi, não há comida para todos — restam-lhes as ostras para não passarem fome. É preciso arranjar mais pirogas, levar os trabalhadores para onde são necessários. Não apenas para homens brancos: o *Le Duc de Maine* e *L'Africain* chegaram há pouco tempo com alguns dos primeiros africanos escravizados, deportados de um lugar chamado Ouidah. Mais de quinhentos homens, mulheres e crianças que não podem sair da cidade, condenados a morrer depois de sobreviverem a uma viagem impossível. As únicas pessoas de pele escura que Geneviève viu são as que estavam em São Domingos quando o *La Baleine* parou para obter mantimentos na ilha.

— O senhor deveria agradecer-nos — diz um dos homens, e Geneviève reconhece a voz do parceiro de negócios do marido, o explorador dos bosques, um dos caçadores independentes cujas mãos manchadas de sangue arrastam pelas das florestas da colónia para longe. — Ainda estaria a comer comida crua se não o tivéssemos levado até ela.

— Eu precisava de tempo.

— Se ainda precisa de tempo, terei todo o gosto em substituí-lo.

— Não é preciso. Há bastantes noivas.

— Até deixar de haver. — Um deles cospe. — Aposto que estarão todas casadas antes do fim da primavera.

— A não ser que o mal de Siam as leve primeiro.

— É mortal. Houve outra rapariga que acabou de morrer.

Geneviève fecha a mão na faca e fica a olhar para a galinha degolada.

— Eu não ficaria preocupado com a sua mulher — diz-lhe o sócio.

— Parece tão saudável como uma das nossas senhoras.

E, depois, mais baixinho, o marido murmura:

— Mas nunca será uma mulher canadiana.

Geneviève limpa o sangue da lâmina. Tem a sensação de que toda a gente é capaz de ouvir-lhe o coração a palpitar no pescoço. Como acontece sempre que está prestes a chorar, pensa em ratos, neve e uivos, na cela a que já chamou casa. Mas não funciona. Tem a sensação, persistente, debilitante, de que está sozinha se Pétronille tiver morrido. Lutou contra essa solidão uma vez em Paris, quando tinha onze anos e estava presa a sufocar no cheiro fétido das fábricas de curtumes. Na altura, a capital parecia-lhe tão distante da casa de infância como agora a Luisiana lhe parece de Paris. Sente que será impossível ficar se Pétronille tiver desaparecido. Parece-lhe impossível que tenha perdido a única amiga verdadeira e ficado sozinha depois de Lorient, do oceano, da espera.

À noite, depois de pousar o cobertor nas costas nuas do marido, deixa os dedos percorrerem-lhe o pescoço. O rosto de Pierre está debaixo dos seios dela. Naquela posição, Geneviève vê o cabelo louro e a pele da cabeça do marido, esticada como a barriga de uma mulher grávida. Sorve o ar profundamente.

— Gostaria de ir visitar a *madame* Charpillon amanhã — diz. — Parece-lhe estranho chamar *senhora* a Charlotte.

Pierre não responde logo. Geneviève sente o joelho do marido a roçar-lhe a coxa. Pierre puxa o lençol para os cobrir a ambos. Quando ele apaga a vela, os lábios de Geneviève roçam-lhe o bigode.

— Faça o que achar melhor — diz ele. No escuro, a mão dele encontra a dela. — Mas volte antes de a noite cair.

Charlotte teria mais notícias sobre Pétronille. Geneviève podia ter tentado encontrar-se com ela no mercado, com os seus caixotes semivazios e os regateios ferozes, mas Pierre disse que *monsieur* Charpillon não deixava a mulher sair sozinha, que tinha medo de que lhe acontecesse alguma coisa. Pelos vistos, Pierre não tem os mesmos receios.

Geneviève sobe o caminho lamacento a que dificilmente se poderá chamar rua a passo de corrida, sem nunca se conseguir livrar dos mosquitos, que insistem em persegui-la. É a primeira vez que vai a

algum lugar sozinha desde que foi levada para a Grande Force. É entusiasmante, mas também assustador. Em Paris, nunca olhava por cima do ombro como agora sente necessidade de fazer. Havia zonas da cidade que conhecia tão bem que, quando chegava ao portão da marquesa, não se lembrava de ter passado no boticário da Rue du Faubourg Saint-Antoine, pelas estátuas cegas da mansão na extremidade norte da Rue du Temple, junto às barracas cheias de tamboril, queijo *brie* derretido e ovos castanhos de Les Halles. Chegava ao destino com a mesma certeza com que sabia que iria encontrar pilhas de roupa suja à espera na manhã seguinte. Em Nova Biloxi, não tem certezas. Rapazes que estão a guardar o seu tão precioso gado viram-se e deixam os olhos demorar-se nela. Um bando de fragatas voa em direção ao mar, com goelas vermelhas que incendeiam o céu.

A casa de Charlotte não é tão grande como a dela, nem tão bem construída. Até o puxador da porta parece frágil, como se, depois de Geneviève, não pudesse entrar nem sair mais ninguém. Geneviève sabe que o marido de Charlotte, um simples piloto de barcos, só era visita da casa dela porque podia ser útil a Pierre. O estatuto social de *monsieur* Charpillon não lhe daria nenhuma outra boa razão para ir a sua casa. Charlotte deixa-se ficar imóvel quando a vê. Perdeu peso. Está a usar um vestido cinzento que lhe dá um ar sério e a faz parecer mais velha; no entanto, os gestos, a forma como encosta a face à borda da porta denunciam-lhe a idade.

— Quem é?

Os lábios de Charlotte não se mexeram. A voz vem de trás e Geneviève reconhece imediatamente que pertence a Étiennette. Charlotte larga a porta, que por pouco não se fecha no pé de Geneviève.

— Então? Entra — diz.

No corredor estreito, Geneviève pergunta-se se poderá voltar atrás e dizer que regressará mais tarde. Pensou que Étiennette iria acompanhar o marido a Fort Saint Pierre, junto ao rio Yazoo. No entanto, está perfeitamente ciente do entusiasmo que Charlotte terá sentido quando soube que a amiga não tinha saído de Nova Biloxi. E depois Geneviève aparece-lhe à porta a estragar-lhe o momento.

Tenta olhar para a situação por outro prisma: uma vez que Étiennette vive em Nova Biloxi já há alguns meses, pode ter sabido alguma coisa sobre o entreposto. À entrada do compartimento principal, Étiennette dá-lhe dois sonoros beijos nas faces.

— Um dia cheio de surpresas, sem dúvida — diz ela, já a sentar-se de novo na cadeira.

As faces mais rechonchudas e o vestido novo deixam Geneviève a perguntar-se com quem terá casado. Parte do princípio de que Étiennette levou o pequeno jarro e a sêmea de pão; o lenço azul que

os cobre não pertence à casa desoladora de Charlotte.

— Primeiro, o meu marido deixa de ser um chato e permite-me finalmente vir fazer uma visita à Charlotte. Depois, vens tu bater à porta.

— Pensei que te tinhas ido embora há meses.

Étiennette inclina-se para a frente.

— E fui. Mas só do entreposto. Ele não me levou para tão longe como disse que ia levar. Não chegámos sequer perto do Yazoo, ficámos apenas algumas ruas mais acima. — Ri-se. — Os homens são uns mentirosos. Eu sabia que a Charlotte ainda seria um pouco ingénua, mas pensei que tu tivesses percebido melhor a laia do *monsieur* Feuger.

— Eu cheguei a pensar nisso — aponta Charlotte num tom de contrição. — Só que não quis alimentar as minhas esperanças.

Étiennette pousa a mão na cintura de Charlotte, que fica paralisada, com o frasco que tem na mão suspenso acima do pão de milho que está a servir à amiga.

— Mas, afinal, às vezes é bom que o faças. — Étiennette larga Charlotte. Um xarope denso cai sobre as fatias de pão e Geneviève percebe que é a seiva de ácer de que Pierre tanto gosta. — Esta terrível doença atingiu-as tanto como nos atingiu aqui na cidade?

Geneviève olha de relance para Charlotte, que está a estender-lhe um prato a ela também. Aceita-o, surpreendida; não esperava que aquela visita não anunciada fosse perdoada tão depressa.

— Foi por isso que vim cá — diz a Charlotte. — Para saber se soubeste de alguma coisa.

— Não, não soube.

— Eu soube — diz Étiennette, distraída com o lenço que tem na mão. A sua confiança chega a abalar Geneviève. — O sócio do meu marido está à procura de uma esposa — acrescenta.

— E então?

— Bem, morreu outra rapariga.

Geneviève recosta-se na cadeira; o odor do xarope é enjoativo.

— Sabes quem foi?

— A Pétronille adoeceu pouco antes de nós partirmos — explica Charlotte, enquanto escurece a sua própria fatia de pão. Explica que Geneviève conseguiu visitar a cabana na noite anterior, mas que não sabem mais nada. — Tu sabes de alguma coisa? — pergunta a Étiennette.

— Ele não mencionou nenhum sinal de nascença — responde a amiga.

Geneviève pega num guardanapo para enxugar o suor do rosto. Étiennette explica que gostaria de ter ido ao funeral, mas *monsieur* Feuger não a deixa ir a lugar nenhum. É uma criada nativa que faz

todas as compras e a comida.

— Que luxo — comenta Charlotte. — Aqui não temos dinheiro para isso.

— Luxo? — Étiennette começa a rir-se. Há algo no riso dela que deixa Geneviève pouco à vontade. — Minha querida, não vives aqui há muito tempo. Vais aprender depressa. Por falar nisso — acrescenta, virando-se para Geneviève —, surpreende-me que o teu marido te deixe andar por aí depois do que aconteceu.

Geneviève sente os músculos dos ombros a ficarem novamente tensos. Não gosta da pena que entrevê nos olhos de Étiennette. Não gosta de ver que a rapariga que está sentada à sua frente se pareça tão pouco com a amiga que conhecia no *La Baleine*.

— Do que é que estás a falar? — pergunta Geneviève.

— O *monsieur* Feuger falou-me da outra mulher. A primeira mulher que o teu marido trouxe do Canadá.

Geneviève sacode o vestido e as migalhas espalham-se pelo chão.

— Tenho de ir.

Étiennette ignora-a.

— Ela morreu há poucas semanas. Da mesma doença, sabias?

— Étiennette — adverte Charlotte.

— O que foi? Eu achei que ela queria saber. Olha para ela, quer mesmo. O teu marido, Charlotte, é bem conhecido por visitar casas junto à praia que...

Desta vez é Geneviève que a interrompe. Pergunta qual é a situação dos barcos, por que razão não há pirogas suficientes e para onde é que toda a gente está tão ansiosa por mandar os concessionários. Charlotte baixa o olhar para os pés. O rubor esvai-se-lhe do rosto, devagar. Ouvem Étiennette a falar longamente sobre Fort Rosalie, as plantações que estão a ser construídas no local, os intermináveis campos de tabaco, até de cavalos.

— Alguma vez montaram um cavalo? — pergunta.

Abanam ambas a cabeça. É óbvio que não, nunca nenhuma delas montou um cavalo. Geneviève acha Étiennette cansativa. Levanta-se e estende a mão para o toucado.

— Pareces deveras entusiasmada com Fort Rosalie. Tens a certeza de que o teu marido mentiu quando disse que iriam para outro assentamento? — pergunta.

Pela primeira vez, Étiennette parece ter sido apanhada desprevenida. Baixa os olhos. Começa a cutucar o nariz e Geneviève reconhece finalmente a rapariga com quem partilhara uma carroça de Paris para Lorient. Quando Étiennette fala, a voz é insegura.

— Claro — assevera —, senão, porque é que ainda não nos fizemos à estrada?

Charlotte está a olhar para Geneviève, que encolhe os ombros.

— Os homens podem ser mentirosos, mas também têm segredos — aponta.

— Eu teria ouvido alguma coisa — afiança Étiennette. — Ele nunca abdicaria do posto de guarda do depósito e...

Charlotte estende a mão para Étiennette.

— Terias ouvido alguma coisa se isso fosse verdade — diz.

Étiennette não responde, mas cobre os nós dos dedos com a palma da outra mão. Olha de relance pela janela para o telhado do único depósito da Companhia e o mau tempo que vem do mar.

— O bebé do nosso vizinho anda há várias semanas a chorar porque lhe estão a nascer os dentes e acorda-me todas as noites. Vi homens a lutar por comida na praia no inverno e no domingo passado. — Olha para elas. — Estes dois meses que passei sozinha nesta cidade pareceram-me uma eternidade. E vocês estavam todas a viver juntas.

Charlotte afaga a mão de Étiennette. Geneviève espanta uma mosca do xarope de ácer. Ajeita o toucado, puxa os cordões até doer. Tenta sorrir para Étiennette.

— Mas, por outro lado, sem ti, como é que iríamos descobrir a verdade acerca de Nova Biloxi?

À noite, um vento quente corre por entre as casas, levando um cheiro a águas paradas, estrume de vaca e flores mortas. No quarto, Geneviève ata o cabelo num puxo. É constantemente atormentada por duas imagens: a de Pétronille a dormir de novo com a outra mulher, com as veias a perderem o azul; e a da primeira mulher do marido, deitada sob os seus pés, aconchegada na lama. A frágil aliança que tem com Charlotte e a atitude de Étiennette terão de ficar para depois. Geneviève faz por se lembrar que a rapariga morta que Étiennette mencionou não tinha nenhum sinal de nascença, mas há outra imagem que não lhe sai da cabeça: Pétronille entre raízes de magnólia, enterrada numa vala comum.

— Merda!

Pierre, com as *culottes* todas molhadas, volta a praguejar no quintal. Geneviève sai porta fora. O marido está a despejar mais um balde na piroga.

— Precisa de ajuda? — pergunta-lhe num grito.

Os poucos cabelos do marido são tão louros sob os últimos raios de Sol que se fundem com a pele da cabeça.

— Sim, por favor.

Geneviève abre caminho por entre as galinhas, que cacarejam levemente entre elas. Pierre ajoelha-se junto da canoa, estudando o casco.

— Precisamos de mais água.

— Para quê?



— Para os troncos de cipreste. Se não encharcarmos a piroga de vez em quando sempre que está fora de água, a madeira não incha e podem aparecer fissuras. É perigoso.

Geneviève é assaltada pelo súbito receio de que tenha chegado a vez dela: que hoje à noite — os homens são uns mentirosos — o marido lhe vá dizer que vai fazer uma longa viagem, desta vez pelo rio St. Louis acima. Se assim for, nunca saberá se Pétronille está bem ou não.

— Não vamos sair daqui, pois não?

— Não. Vou vendê-la a um sujeito que conheci hoje. Se ficarem à espera de que os responsáveis do governo lhes entreguem os barcos de que precisam, só chegarão a Fort Rosalie no ano que vem. — Estende-lhe o último balde. — Tem de ser espalhada uniformemente. Aqui. Os bancos ainda estão secos. Mais um pouco. Assim mesmo.

O balde é pesado, mas não mais do que os que ela costumava carregar no barco-lavadouro ou do que os que puxava do regato junto ao entreposto. A água turva cai no fundo da embarcação e desaparece, absorvida pela madeira.

— Viu a *madame* Charpillon hoje.

— E também estava lá outra amiga. — Geneviève pega no balde vazio. — Ela disse-me que uma das nossas companheiras morreu no entreposto.

O quintal é banhado por uma luz roxa que turva tudo: as galinhas viram sombras; o rosto de Pierre, um contorno. Os ombros do marido de Geneviève descaem. Quando ele toma a palavra, a voz surpreende-a.

— É por isso que não a quero perto daquele lugar. Aquela doença espalha-se mais depressa do que... — Olha em volta e aponta para a água a embrenhar-se no barco. — Não pode correr riscos. Estamos entendidos?

Geneviève não tem a certeza de como deve entender o tom do marido. O vestido agita-se de encontro às pernas.

— Sim, estamos — responde.

Ele assente com a cabeça, os dedos fechados na asa do balde. Depois pausa-lhe uma mão no ombro e diz:

— Vou buscar mais água.

Geneviève deixa-o ajudá-la. Decide não lhe dizer que é capaz de o fazer sozinha.

O fim de maio é marcado por um calor abafado. A piroga desaparece do quintal e as galinhas choram-na, juntando-se à volta da marca revolvida que deixou na terra. Dentro de cerca de duas semanas, deverão chegar finalmente algumas embarcações para levar os trabalhadores e algumas famílias para as concessões.

Geneviève fica em casa sempre que pode para evitar o sol escaldante e o ar húmido. Levanta-se antes da aurora para se ajoelhar junto à vaca que Pierre trouxe com o dinheiro da piroga, troca algum do leite por batatas que cheiram a castanhas e que, segundo lhe dizem, permitem fazer uma geleia maravilhosa. Ao longo das últimas semanas, Pierre tornou-se mais atencioso. Geneviève não sabe porquê, mas, às vezes, à noite, ficam na sala de estar até muito depois de a sidra acabar e de o estufado deixar manchas da gordura da carne salgada nos pratos. Geneviève não ganha coragem para lhe pedir que a leve a Pétronille, pelo menos para já. É prudente com Pierre, não por temer a reação do marido, mas por já ter percebido que ele raramente volta atrás nas decisões que toma.

Nunca lhe ocorre comparar o marido a Amélie. Ouve as histórias que ele conta sobre a ilha de Montreal, as florestas infundáveis que rodeiam a água gelada, o dia em que ele viu um barco congelado, com os passageiros sentados sem se mexerem, rostos azuis e posturas rígidas, imóveis como as árvores. Quando Pierre se perde em recordações, olha muitas vezes para cima, como se estivesse a ver a cena a desenrolar-se algures no teto. Fala nos pais, verdadeiras pessoas do Norte, nascidas na cidade do Quebec, e na irmã mais velha, Laure, que poderá vir a instalar-se no País de Illinois. Geneviève fica contente por ele nunca falar da outra mulher, a primeira mulher do Canadá.

Em vez disso, Pierre fala sobre os Iroqueses. Quase nunca pronuncia a palavra «índio». Se Geneviève a usa, pergunta-lhe a que tribo se refere, e ela faz-lhe a vontade e responde que não faz ideia. Ele sorri, volta à história que estava a contar, descreve as mulheres que não hesitam em cortar os polegares dos colonizadores e dos exploradores dos bosques, e Geneviève não pode deixar de pensar se não será apenas o preço que têm de pagar por se embrenharem demasiado nas florestas do Canadá.

— Ou, pelo menos, é o que as pessoas dizem — conclui Pierre, utilizando uma vela que se está a definhar para acender outra. — Ninguém fala dos Iroqueses em si e da experiência deles.

Na casa de Charlotte, Étiennette só falou da crueldade dos nativos, dos padres atados a cascas de árvores, a pele coberta de seiva preta de ácer e insetos esfomeados. Parecia entusiasmada. Geneviève percebeu que ela não estava a pensar nas tribos assassinadas e nos colonizadores torturados; Étiennette falava como se se tratasse de contos de fadas, frutos da imaginação como a Cinderela ou o Barba Azul. Para Geneviève, embora lhe parecessem distantes da vida que tinha em Nova Biloxi, as histórias não deixavam de se lhe afigurar demasiado reais: quase um aviso, algo profundamente verdadeiro e problemático.

— Fale-me sobre a França — pede Pierre. Serve-se de um pouco mais de sidra. — Duvido que já alguém tenha ouvido falar dos Iroqueses por lá.

Geneviève está perfeitamente ciente de que ele não iria gostar de saber o que ela fez em Paris, seja nas fábricas de curtumes, seja na mansão da marquesa, pelo que escolhe as histórias com cautela e vai buscar memórias tão antigas que parecem de outrem. Provença é uma memória indistinta; pelo que ela começa com a chegada da família a Paris no inverno de 1709. Fala-lhe do vento gelado, das frieiras, dos vidros partidos, da impossibilidade de enterrar as pessoas que morriam em catadupa. Quando explica como o rio Sena se solidificou, Pierre assente com um ar conhecedor. As igrejas transformaram-se em dormitórios, os pobres e os doentes suplicaram por abrigo no hospital.

— O meu pai levou-me lá a tempo — diz, contente por Pierre não lhe fazer perguntas sobre a mãe ou os irmãos.

— O que é que ele fez? — pergunta.

— O que podia.

— E o que lhe aconteceu a si?

Mantém-se em 1709, agosto, desta vez: os campos congelados e a falta de comida, cada vez mais soldados enviados para a morte por causa de um certo trono espanhol. O Sena galgara as margens, tornara-se incontrolável. No entanto, o pai dela sorria pela primeira vez em meses: o rei tinha acabado de ordenar a abertura de oficinas públicas para pessoas como eles. Era trabalho duro para alguns súbditos, mas a promessa foi suficiente para o pai se fazer ao caminho, logo depois do pôr do Sol, numa altura em que Paris não passava de uma mancha de pedras velhas e luz nova. Geneviève tinha onze anos. Lembra-se de como a senhoria lhe pegou na mão assim que souberam do tumulto, da rapidez com que chegaram perto da multidão zangada, um local onde se tinham juntado muito mais pessoas do que o governo estava à espera, todas à procura de trabalho sem que houvesse solo, ferramentas e salários suficientes para todos; das unhas da mulher nos seus antebraços e de como, naquele momento, percebeu que as coisas não estavam bem, porque a senhoria, uma estranha, a estava a segurar com demasiada força.

— Depois disso, foi tudo muito rápido — acrescenta ela. — A polícia municipal e as tropas reais viraram-se contra nós e começaram a disparar.

Pierre beberica a sidra. Parece pensativo por momentos, e Geneviève arrepende-se de se ter deixado levar pelo entusiasmo. Levanta-se e empilha asigelas.

— Se não chegarem mais embarcações em breve — diz ele, por fim —, não haverá militares suficientes para manter os concessionários na linha.

Geneviève encosta-se à ombreira da porta.

— Os barcos vão chegar — assevera. — Esta fome não pode ser pior do que a que vi no meu primeiro ano em Paris.

Pierre parece estar prestes a responder, como se, por um minuto, pudesse estar pronto para ouvir o que ela tinha a dizer. Depois, abana a cabeça e dirige-se para o quarto. Geneviève ouve a cama a ranger quando ele se deita. Enquanto esfrega o fundo preto da panela, pergunta-se quantas histórias terá de contar até encontrar forças para lhe falar sobre Pétronille, antes de aceitar que essa história também poderá ter um fim.

Um dia depois do Pentecostes, em junho, Pierre entra na cozinha. Geneviève está a tossir junto à fogueira e a brandir um tacho à volta dela. Descobriu que se espalhar fumo de manhã e à noite, os mosquitos deixam de incomodar. Sente gotas de suor a humedecer-lhe o espartilho. Ainda não são 9 horas, mas o calor já se faz sentir do outro lado da janela e das portas fechadas.

— Deixe isso por enquanto. O *monsieur* Charpillon e a esposa estão à nossa espera. — Pierre esfrega um dos dedos na própria unha. — Os barcos chegaram. Pensei que ia gostar de os ver partir.

Geneviève não vê Charlotte desde aquela visita no final de abril. Não voltou para a praia onde desembarcou em janeiro, numa altura em que Pétronille se fizera muda e em que o vento e os homens sussurravam nas dunas.

— Já vou ter consigo.

Quando Geneviève sai de casa, o marido e *monsieur* Charpillon estão a conversar em sussurros agitados. Pierre não consegue falar de mais nada a não ser da desgraça de John Law: acabaram de chegar notícias de França segundo as quais o diretor-geral das finanças, arruinado, fugiu do país. Geneviève tenta não pensar no que a ruína de Law significa para a colónia nem em quem vai apoiar aquele território depois de o seu principal defensor a abandonar. Atrás de Pierre, a olhar para uma pega entretida a esventrar um pêssego, está Charlotte. Parece ao mesmo tempo enojada e fascinada pelo pássaro. Sob as sardas, a pele está pálida. A pega debica a polpa em redor do caroço e voa para longe quando Geneviève se junta a eles. Os homens, a conversar animadamente, descem a rua.

— Não tinha a certeza de que virias — comenta Charlotte. Não parece nem feliz nem descontente por estar a caminhar ao lado ela.

Geneviève pergunta-lhe como está. Ela encolhe os ombros.

— Maldisposta — responde.

Está mais magra do que nunca. Sob os braços cruzados, a barriga ainda está lisa. Passam por uma casa que emana um odor a vinagre de amora. No quintal, com o queixo pousado nos joelhos esfolados, um

rapazinho espalha cinza em batatas cortadas ao meio.

— Chega, santo Deus! Nunca vão secar — grita uma voz fina.

A criança interrompe o que estava a fazer e despeja a braçada de batatas num gesto furioso.

— Vai melhorar — diz Geneviève.

— Saberás melhor do que eu.

Geneviève tinha esperança de encontrar a Charlotte do entreposto, mas essa amiga já não volta. Pergunta-se quantas vezes terá Charlotte estado com Étiennette durante a primavera. Pelo que lhe é dado a entender, muitas. Sente-se perfeitamente ciente da solidão a que esteve votada nas últimas semanas e fica ressentida com Charlotte por isso: por estar menos sozinha, por não tentar falar com ela, por ser sempre quem decide os termos da relação de ambas.

— O que é que eu te fiz? — pergunta Geneviève. Há muito tempo que lhe queria fazer esta pergunta, e sai-lhe antes de ela se conseguir conter.

Charlotte mostra-se espantada, depois alarmada. Abana a cabeça.

— Nada — murmura.

Suficientemente corajosa para enfrentar piratas e demasiado cobarde para responder a uma simples pergunta. Geneviève acelera o passo. Na esquina da rua, três homens queimam canas. Charlotte sobressalta-se quando as chamuscas chegam às plantas verdes e se ouve um som que parece um disparo.

— Soubeste alguma coisa da Pétronille? — pergunta.

Por um segundo, Geneviève pensa em mentir. Morreu há alguns meses. Vi-os a enterrá-la na vala comum atrás das dunas. Charlotte também perderia uma amiga. A dor seria dividida por duas.

— Não — responde.

Viram-se para a direita e veem homens a trocar melões demasiado maduros por pão rançoso, trabalhadores exaustos pelo calor e pelos longos meses de espera a dormir à sombra, talvez a sonhar com o milho azul, as minas de chumbo e os bois selvagens que lhes foram prometidos. Sob a solas de Geneviève, a lama seca desfaz-se como massa de pão velha. Sente a mão de Charlotte no braço.

— Olha — começa Charlotte —, ouvi dizer que a irmã Gertrude voltou para a França no mês passado. Que já só estão quatro noivas no entreposto. Que o governador disse que, se tivessem trazido o dobro das raparigas, todas elas teriam encontrado um marido. Que o *La Baleine* voltou para La Rochelle com peles e outra coisa cujo nome já esqueci. — Charlotte detém-se. — Pronto. É tudo o que sei. Lamento pela Pétronille.

À volta delas, aparecem algumas raparigas com os espartilhos mal apertados, o cabelo a cair sobre os ombros, mas quase sem os cobrir, tal como em Paris.

— Bebe sumo de limão com o estômago vazio — diz Geneviève. Afasta-se para o lado para evitar cuspir. Homens esqueléticos estão de olho nas mulheres do outro lado da rua, a apontar como se tivessem de fazer uma escolha. Debaixo de uma árvore, dois rapazes pouco mais velhos do que Charlotte discutem acaloradamente. Em Nova Biloxi, as pessoas estão sempre a lutar por alguma coisa: uma fatia de pão, um lugar à sombra, um pouco de conforto. — Vai ajudar com os enjoos durante as primeiras semanas.

— Vou experimentar — garante Charlotte.

Embora cansada de tentar perceber as muitas facetas de *la petite*, Geneviève não deixa de apreciar o esforço de Charlotte para encontrarem um meio-termo.

— Ainda bem — diz.

— *Mesdames!*

*Monsieur* Charpillon faz sinal para que acelerem o passo. Geneviève já consegue ver a multidão a reunir-se na praia e, mais adiante, as pirogas a chocalhar como patos. O mar sereno reflete o céu nublado, umas pessoas gritam para que outras se afastem e despachem, sentem-se os odores de mexilhões e suor. A cena é familiar, embora estranhamente invertida. Ao ver os homens a arrastar baús na areia, os barcos a afundar-se um pouco à medida que cada passageiro vai subindo, Geneviève vê-se seis meses antes, a forçar o passo na água atrás de Pétronille, a tentar não se afastar da multidão. Pierre inclina-se sobre o ombro dela.

— Vamos ver se conseguimos chegar às dunas — diz.

Geneviève ouve *monsieur* Charpillon a explicar a Charlotte que há quatro famílias a partir para Fort Rosalie, acompanhadas de trinta concessionários. Sente ovos de tartaruga a partirem-se debaixo dos sapatos. Há muito tempo que não está no meio de tanta gente, provavelmente desde que saiu do entreposto. Tem vontade de se ver novamente rodeada pelas mesmas mulheres que no passado chegou a desejar que desaparecessem: pelo menos eram conhecidas e iam todas para o mesmo lugar. Os pés escorregam na areia e ela agarra-se bem à mão de Pierre. Apanha fragmentos de conversas, inspira o cheiro de tecidos, cravos-da-índia, erva-limão e cabelo por lavar, e sente demasiados braços e demasiadas pernas a roçar-lhe o vestido.

— Olha — diz subitamente Charlotte.

De início, Geneviève não vê senão silhuetas. O sol bate na água atrás das canoas e faz com que seja impossível distinguir o que quer que seja. Depois, aparecem formas e cores: uma serpente com dentes pintada num dos costados de uma piroga, uma escrivanhinha, uma criança a entrelaçar algas no pescoço de um cão. Há mais pessoas à espera de embarcar e Geneviève põe-se em bicos de pés para lhes ver melhor os rostos.

Uma delas, uma mulher, entra timidamente na água. É Pétronille, em silêncio e focada, tal como estava na prancha de embarque que fazia a ponte entre Lorient e o *La Baleine*, quando Geneviève sentiu os dedos da amiga a fecharem-se nos ombros dela e, depois, juntas, subiram a bordo para uma terra que não viriam a demorar a considerar a sua casa.

*Fort Rosalie / Natchez, agosto de 1721*

## Pétronille

*Esta viagem não tem fim.* Pétronille repetia esta frase para si própria quando, há mais de dois meses, ia sentada na piroga que a levou para montante do rio St. Louis, com câibras nos pés por estar parada tanto tempo, as mãos fechadas nos joelhos, não por vontade própria, mas porque não havia espaço nem nada mais a que se pudesse agarrar. Invejava os concessionários que podiam remar: pelo menos tinham um remo que os ancorava e conduzia pelas águas turbulentas. Podiam sentir a resistência da corrente. Podiam fazer força contra alguma coisa. Pétronille não podia. Fora levada para a embarcação e fora-lhe dito para ficar sentada sem se mexer, primeiro pelo marido, depois por outros homens.

Estavam a levá-la para Fort Rosalie, um assentamento que, como *monsieur* Ducros gostava de lhe explicar, tinha dois nomes: ou Fort Rosalie, em homenagem à segunda mulher do conde de Pontchartrain, ou Natchez, que é o nome dos nativos que vivem lá. No segundo dia de viagem, o marido conheceu um engenheiro que estava a regressar a Fort Rosalie, um homem que lhe contou histórias de pequenos cachorros a brincar com pumas, que lhe disse que foi preso na prisão de Nova Biloxi pelo subintendente, que gostaria de ver a fortaleza de Vauban a ser implementada naquele novo território. Pétronille não demorou a cansar-se dos solilóquios incessantes de *monsieur* Cléry. Fosse Baptiste no *La Baleine*, seria capaz de o ouvir para sempre. Poderia perguntar-lhe novamente o que era uma «âncora» de aguardente, embora ela não tenha guardado na memória a razão do desenho especial do recipiente da bebida, mas a forma como Baptiste o levou aos lábios dela logo depois do ataque dos piratas, dizendo-lhe que lhe restituiria alguma da coragem. Pétronille não conseguia deixar de pensar que a mãe estava completamente errada acerca do jardineiro, Paul, e que era deveras ignorante considerá-lo capaz do tipo de violência infligida às raparigas do *La Baleine*.



Também foi preciso ter coragem na piroga que a levou para Fort Rosalie quando os ventos se viraram contra a embarcação e tiveram de parar numa região a que os concessionários chamavam *Le Petit Désert*; bem como quando se instalaram em terra depois de Baton Rouge para passarem a noite, tendo os homens juntado as armas numa pilha e ficado de vigia. Pétronille adormeceu a imaginar todo o tipo de ameaças que a rodeavam. Tigres, crocodilos, guerreiros nativos, soldados britânicos. Deitou-se debaixo de cobertores que nunca chegavam a secar e ouviu o marido a murmurar no sono. Sentiu a doença, que lhe tinha devorado o corpo durante dias e que se manteve atuante durante semanas, ainda a percorrer-lhe as veias. *Acaba comigo*, suplicava-lhe.

Tudo mudou na noite em que o urso os atacou. Tinham percorrido quase seis léguas desde a aurora e os homens estavam felizes e com esperança de vencerem a corrente e conseguirem manter o ritmo estável até chegarem a Natchez. Cantaram a Neptuno com vozes vivas e furiosas. A noite começava a cair. *Monsieur* Ducros conversava com *monsieur* Cléry; Pétronille reparou no urso antes deles. Estava a nadar à frente do barco, a agitar a água como se fosse um manto denso. De longe, a cabeça parecia compacta e peluda. Depois, Pétronille lembrou-se do que tinha visto num espetáculo numa aldeia perto de Paris, uma besta gigantesca com as patas dianteiras levantadas, sem fazer caso da corrente que lhe vincava a pele. Faltavam-lhe tantas presas que o interior da boca parecia completamente preto.

O que se seguiu ainda aterroriza Pétronille. Ouviu o capitão do barco a mandar os concessionários remar mais depressa. Não em direção à margem do rio, onde já deviam estar a atracar, mas em direção ao animal, que estava a avançar em direção à terra com a cabeça a sacudir-se acima da água sem prestar atenção aos homens que se esforçavam por o alcançar. Da proa, o oficial disparou. O som da pistola pareceu-lhe ao mesmo tempo brutal e incompreensível. O sangue começou a escorrer da orelha do urso e o animal continuou a nadar, desta feita na direção deles, do barco em que seguiam, os músculos já bem perceptíveis debaixo de água.

Pétronille não sabe se gritou ou se o grito saiu da garganta de outra pessoa: as garras do urso arranharam o casco, as patas apoderaram-se da proa, os homens agacharam-se debaixo dos assentos. Pétronille sentiu a mão do marido e *monsieur* Cléry a empurrá-la para o lado. Sentiu o balanceio perigoso da piroga quando o urso se apoiou sobre a embarcação e ela escorregou debaixo do assento. Sem fôlego devido ao ângulo estranho em que o corpo ficou, Pétronille não deixou de sentir o cheiro de pele molhada e terra húmida que infiltrou a madeira, à espera de uma dor que não era capaz de imaginar antes de algo dentro de si se rebelar contra aquela

sensação. Havia uma ideia que não lhe saía da cabeça, um canto que a hipnotizava enquanto estava deitada debaixo dos assentos do barco: é preciso ser-se muito estúpido para disparar contra um urso.

O animal caminhou na direção deles. Deslocou a omoplata de um homem e por pouco não acertou na cabeça de outro. Depois saltou para a água e seguiu o mesmo caminho que o tinha levado até ali.

Hoje, deitada na cama, Pétronille agarra-se a essa lembrança, atormentada por uma ideia que a assalta quando acha que não será capaz de sobreviver a mais um dia em Fort Rosalie. Se um urso ameaça esmagar-nos a cabeça, de que adianta rezar? Nada. Ou talvez seja melhor rezar para que o urso seja rápido. Para que o bebé esteja em segurança. Mas, na altura, na água, ainda não estava grávida. E hoje tem dificuldade em imaginar que vai ser mãe dentro de poucos meses.

A porta abre-se de chofre. A criada costumava bater quando chegaram a Natchez. Renée costumava fazer muitas coisas: ajeitar as almofadas, desviar o relógio com rosas esculpidas para limpar o pó da mesa, fazer perguntas sobre a viagem de Pétronille até à Luisiana, perguntar-lhe se também tinha sido levada para a fortaleza de Saint-Martin-de-Ré com outras voluntárias. Renée gostava de se gabar das condições que negociou com o recrutador da Companhia. Nunca se conseguia lembrar se era a Companhia da Luisiana, das Índias ou do Ocidente, mas dizia que tinha sido uma viagem só de ida que incluía cem libras de tabaco por ano, com os remédios incluídos. Referia-se muitas vezes ao contrato, a que chamava documento. Gostava de lembrar a Pétronille que a isentava de lavrar os campos, como se alguém tivesse sugerido que o fizesse.

— Como é que a senhora se sente hoje?

O cabelo louro de Renée está desalinhado; os olhos, atentos. A criada empilha os pratos no tabuleiro e o som prolonga-se para além do gesto. Pergunta sempre pela saúde de Pétronille quando está prestes a sair, não diz nada quando entra.

— Bem, obrigada — responde Pétronille. Sabe o aspeto que tem: está pálida, magra e cansada, apesar de todo o descanso que tem tido. Mas responder é importante. A resposta será repetida na cozinha; será relatada ao marido.

Renée assente com a cabeça e sai. Pétronille recosta-se nas almofadas. Uma delas tem um buraco e as penas começam a voar. Há uma brisa, leve, levezinha, a soprar no quarto.

A gravidez é uma desculpa tão boa como qualquer outra para ficar na cama. Sente-se a crescer por dentro, como costumava acontecer em Château Thierry antes de Paul ser contratado, nos primeiros meses que passou em Salpêtrière ou no início da viagem antes de conhecer Geneviève. Voltar ao que conhece, por mais abatida que se sinta, dá-

lhe alguma tranquilidade. Há algo familiar no silêncio profundo do quarto, no burburinho do seu próprio espírito, na solidão que a protege das esperanças e das decepções.

Casou-se em maio, assim que a irmã Gertrude considerou que tinha forças suficientes para aguentar a cerimónia inteira. No dia do casamento, a irmã Bergère beliscou-lhe as bochechas com tanta força que Pétronille pensou que ia sangrar. As freiras tinham sido demasiado otimistas quanto ao seu estado de saúde: as pernas não paravam de tremer quando estava à frente do padre Jean Richard. O marido parecia ver na doença um sinal de boas famílias, de uma natureza delicada que era preciso cuidar: uma nobreza sugerida pelas origens de Pétronille e difícil de encontrar naquele território. Depois da cerimónia, na casa que deveria ser o seu novo lar, ele olhava para ela e dizia-lhe muitas vezes: «Onde estaria a minha pequena princesa se não fosse eu?» Ela encolhia os ombros. *Com outro homem, com semelhanças consigo, com diferenças também, que me teria levado para Mobile ou para o assentamento perto do delta, aquele a que chamam Nova Orleães e que foi destruído por uma tempestade no ano passado.* Não importava para onde. Pétronille nunca mais veria Baptiste, Geneviève, Charlotte ou qualquer uma das outras raparigas. Era como se tivesse desaparecido por completo do mundo, fosse o velho ou o novo.

Em Nova Biloxi, *monsieur* Ducros dizia-lhe para não se preocupar. Prometia-lhe que não demorariam a partir para Natchez: um lugar tão grande que ela até poderia perder-se. Pétronille detestava a ideia. Já se sentia desorientada o bastante sem as amigas. Em maio, teria dado tudo para ver Geneviève e Charlotte. Mas não sabia por onde começar a procurá-las: algumas manhãs, acordava demasiado fraca para se vestir e voltava para a cama. Nos dias bons, ficava desiludida consigo própria. Apercebia-se de que iria perder as amigas, se não as tivesse perdido já, e ficava sem fôlego. Lembrava-se da voz de Geneviève ou do riso de Charlotte e perguntava-se durante quanto tempo guardaria esses momentos na memória. Os sons são os primeiros a desaparecer.

Nos dias maus, não sentia nada.

Era mais feliz quando estava doente. Na cabana junto ao entreposto, sentira que passara dias, semanas com Baptiste. Quanto mais graves eram as febres, mais frequentes eram as visitas do marinheiro. Baptiste aparecia junto à cama dela, com os dedos a cutucar as ervilhas secas que ela encontrara ao seu lado. Esvaziava os baldes que ela não se lembrava de ter enchido e, às vezes, quando lhe enxugava a testa ou procurava sob as sobrancelhas de Pétronille algo que ela não poderia imaginar o que seria, era acompanhado por uma mulher de pele castanha. A mulher entrava com os braços cheios de plantas e, uma vez, Pétronille pediu a Baptiste se ele podia perguntar-lhe o nome da raiz que ela estava a mascar, mas ele limitou-se a

abandar a cabeça. Ajoelhada aos pés dele, a mulher vasculhou o cesto que trazia.

«Doutor, o que tenho aqui não chega», dissera a mulher, e Pétronille queria dizer-lhe que ela estava enganada, que Baptiste era um marinheiro, não um cirurgião, mas tinha a língua demasiado pesada para conseguir falar.

À noite, Baptiste voltava sempre sozinho. Sentava-se junto ao colchão em que ela estava deitada e contava-lhe os rumores de corrupção que tinha ouvido em Nova Biloxi, que o governador tinha mandado soldados para a cadeia ou não tinha conseguido garantir roupa e comida para os oficiais subalternos. Aproximava-se dela e perguntava-lhe se ela se lembrava do dia em que um grumete do navio atirara um balde de água com tanta força que lhe molhara o vestido. O dia em que a mandara beber sumo de limão para se proteger do escorbuto.

«Sim», dizia ela, «claro». Lembrava-se de tudo.

As memórias faziam-na sentir-se melhor do que a realidade. Baptiste esteve tanto tempo com ela na cabana das raparigas doentes como estivera no terreiro. As visitas imaginárias de Baptiste deviam-se à febre; as ervilhas secas tinham sido deixadas por Geneviève ou Charlotte. Quanto ao encontro que não chegou a realizar-se, todas as razões que Pétronille encontrava para ele não ter aparecido eram apenas especulação. Imaginou-o preso no alojamento dos marinheiros, incapaz de se ausentar. A tentar, mas a ser apanhado. A enganar-se no caminho para o entreposto. Parecia haver demasiadas formas de explicar a ausência do marinheiro. Baptiste teria voltado a embarcar para a França, morrido ou adoecido; nunca teria chegado a saber da data do encontro porque o ajudante do médico não lhe entregara a resposta. Pétronille não tinha como saber a verdade. Na altura, o seu pior medo era o de não descobrir por que razão ele não tinha ido ao seu encontro. Temia que, sem outra explicação, tivesse de se confrontar com a única que não seria capaz de suportar: ele não tinha ido porque deixara de a amar.

Pétronille tenta convencer-se de que é tudo passado. Agora que está tão longe do mar, que sabe que não o voltará a ver, consegue encontrar alguns momentos agradáveis em Natchez: quando, logo de manhã cedo, antes de os mosquitos voltarem e depois de ouvir os africanos escravizados partirem para os campos de tabaco vizinhos, o quarto — completamente mobilado, ainda que não por ela — parece ter um brilho próprio; quando, por volta do meio-dia, o sol pinga como uma gema de ovo e um raio denso de luz cai da cabeceira da cama para as almofadas; quando a ceia termina, a noite chega e ela sabe que vai ficar sozinha durante horas.

O Sol está a pôr-se. Amanhã, à mesma hora, não vai poder ficar no

quarto. Foram convidados para ir a casa do engenheiro. *Monsieur Cléry* desapareceu durante semanas, ficou retido em Pascagoula, e agora está de volta. A esposa, costureira, estará presente, e *Pétronille* não consegue deixar de a imaginar parecida com o marido, como se fossem irmãos: faladora e egocêntrica. A verdade é que não sabe se é assim. Tirando a criada, *Pétronille* — que já esteve rodeada de noventa raparigas e três freiras — não fala com uma mulher há meses.

As últimas semanas no *La Baleine* foram de agonia. *Pétronille* não conseguia ver o fim da viagem. Não conseguia imaginar o que iria acontecer assim que atracassem. A ideia de ficar sozinha era tão impensável como a de ver terra a aparecer entre o mar e o céu. O ataque pirata dera-lhe um vislumbre de um futuro sem Baptiste. Estivera sentada na entrecoberta a ouvir a luta, aterrada, e imaginara-o ferido, morto, obrigado a integrar as fileiras dos piratas. Perguntara-se se seria capaz de salvar Charlotte, cuja mão escorregara da dela, a quem suplicara que voltasse para o convés antes de a irmã Gertrude abanar a cabeça e dizer: «É inútil, minha querida.»

Charlotte e Baptiste foram-lhe devolvidos. *Pétronille* mal conseguia acreditar na sua sorte e não demorou a perceber que tinha razões para isso. Baptiste não podia casar com ela, não podia ficar com ela quando desembarcassem. Para os oficiais do *La Baleine*, não importava que ele tivesse lutado tão bravamente contra os corsários: defender o navio era um dever, nada mais. Depois do ataque, a disciplina seria aplicada com maior rigidez: a tripulação tinha de estar preparada para a eventualidade de outro ataque e as raparigas seriam alvo de vigilância estrita. O contrato de Baptiste vinculava-o ao capitão mais quatro anos. Mandou-o ficar longe dela e que se cingisse às suas tarefas durante o resto da viagem. Baptiste não tinha outro remédio que não fosse acatar as ordens do superior.

Depois disso, uma parte de *Pétronille* desejou apenas que aquelas últimas semanas passassem depressa. Houve demasiadas últimas vezes. A última vez que conseguiu encontrar-se com Baptiste na despensa. A última vez que ele lhe afagou o nariz com o polegar, o dedo caloso a tocar-lhe na pele fustigada pelo sal. A última vez que lhe pousou a palma da mão no fundo das costas e ela o sentiu entre as pernas. A pele e o toque eram âncoras no meio de tanta coisa fora do lugar. As últimas vezes começaram a parecer primeiras vezes — eram únicas, irrecuperáveis.

No alpendre, à espera da carruagem, o sol bate-lhe no rosto com fulgor. A tarde termina, mas a luz do verão é voraz, implacável. *Pétronille* gostaria de se transportar para outro lugar, dar um salto

para o seu próprio futuro, como fazia quando era criança. Focava-se numa única imagem, que a tirava do presente e a levava para onde precisava de estar: na cama, a alongar-se para encontrar um lugar fresco entre os lençóis; no jardim, a revolver a terra para plantar um morangueiro enxertado; na penteadeira, a colocar túlipas secas no herbário, a mexer nas pétalas com todo o cuidado para não se quebrarem.

— Estava à sua procura — ouve o marido a dizer —, mas vejo que está aqui.

Pétronille olha para *monsieur* Ducros. O homem afirma muitas vezes o óbvio, o que facilita a conversa: não há assim tantas maneiras de lhe responder. Não cessa de passar a mão pelo cabelo preto empastado e está a usar um manto azul tão apertado que ela se encolhe ainda mais com o calor. Como sempre, parece ligeiramente irritado, embora nunca diga porquê. Esta noite, parece até ansioso. Olha de relance para o bolso do relógio uma última vez antes de lhe dar o braço.

— Está contente por poder voltar a ver o *monsieur* Cléry? — pergunta ele, enquanto a ajuda a subir para a carruagem.

— É seu amigo — responde ela.

— Também foi seu companheiro de viagem.

Pétronille pensa no dia em que o urso se lançou ao barco, em como *monsieur* Cléry a empurrou egoisticamente contra o casco com tanta força que, por um terrível momento, ela pensou que não seria capaz de disfarçar o incómodo.

— Deveras — responde ela.

Entre as laranjeiras vislumbra-se um campo de tabaco. *Monsieur* Ducros não conseguiu disfarçar a desilusão quando puseram os olhos em Fort Rosalie: a indústria florescente do tabaco que tinha descrito a Pétronille era quase inexistente. Quando se instalaram, Pétronille viu-se obrigada a concordar com ele num aspeto: seria capaz de se perder naquele lugar. Natchez era enorme. Tinha uma vastidão que denunciava a falta de construção, um vazio, uma natureza avassaladora. *Monsieur* Ducros apontara para segmentos de floresta e insistira que as árvores seriam derrubadas para a plantação de tabaco crescer. Era o que ele estava a fazer na sua terra.

As pirogas demoraram tanto tempo a chegar a Nova Biloxi que a casa deles já estava construída quando eles finalmente chegaram a Fort Rosalie. Nos primeiros dias, o marido mostrou-lhe os arbustos roxos que marcavam o fim da propriedade.

«Do outro lado», dissera-lhe, «fica a Aldeia Grande de Natchez», e Pétronille não sabia como imaginar a aldeia dos nativos. Ainda não sabe. E também não sabe qual é o aspeto dos aposentos dos escravos na sua própria casa. Sabe apenas que permanecem vazios por

enquanto: comprar africanos escravizados é uma das obsessões do marido, fundamental, segundo ele, para que o negócio floresça. Pétronille lembra-se da mulher escravizada que viu no segundo dia que passou em Natchez, a mulher que estava a regressar dos campos da plantação do vizinho, a caminhar muito devagar, com o filho nas mãos e os pés tão sujos e ensanguentados que Pétronille acorreu ao marido.

«Esse não é um assunto próprio para senhoras», advertira-a ele. Pétronille não voltou a ver a mulher.

A ideia de que uma pessoa pode ser proprietária da vida de outras deixa Pétronille incrédula. Costumava ver camponeses sem eira nem beira perto de Château-Thierry, famílias arruinadas pelos impostos reais, mas, se tinham impostos para pagar, significava que ganhavam algum dinheiro. Não é o que acontece neste caso. As libras saem de uma algibeira para outra, mas só uma vez: nunca são pagos salários. Depois de ter visto a mulher ferida, Pétronille espera que o sonho do marido nunca se concretize.

No cimo da colina, o forte ergue-se sobre o rio St. Louis, mas, da estrada, não se vê a água. É como se a fortificação de estacas estivesse pendurada em cima de uma nuvem de árvores e erva. Veem-se mais campos, alguns lavrados por trabalhadores franceses, outros por pessoas escravizadas, provavelmente da concessão de Sainte Catherine; um jardim com tomates tão grandes que parecem estar mais próximos do que estão; um rapaz a seguir vacas enquanto imita com as mãos o movimento das caudas dos animais. Pétronille só foi ao entreposto comercial uma vez, na segunda semana na aldeia. Hoje, ao passar no local, vê que o homem que, naquele dia, estava a fumar o cachimbo continua no mesmo sítio, a lançar baforadas para o vazio.

Como acontece sempre que vai fazer o passeio semanal para agradar ao marido, Pétronille não sabe ao certo se preferia estar sentada na carruagem ou voltar para a cama. A única ordem que gostaria de ter a possibilidade de dar ao cocheiro era que a levasse de volta para Nova Biloxi, onde estão as amigas.

A mulher do engenheiro seria o tipo de pessoa que ousaria fazê-lo. À entrada da casa, *madame* Cléry indica que entrem com um aceno, como se fossem crianças.

— Espero que não tenham vindo ver o meu marido — diz ela, conduzindo-os para um alpendre estreito nas traseiras da casa —, que está fora, algures. A desenhar ou a pescar, não sei. Vamos poder perceber pelo estado da roupa quando ele chegar. — Aponta para duas cadeiras. — Pelo menos temos *brandy*. E penso que foi do seu agrado na última vez que veio ver o *monsieur* Cléry, *monsieur* Ducros. Temos como nos distrair sem ele.

Pétronille aceita o copo morno. Já não está habituada a conversar

e gostaria de estar sentada à frente de Geneviève e não daquela mulher que não conhece. Parece não haver tempo suficiente entre o que pode precisar de dizer — chega de *brandy*, obrigada — e as ideias que lhe passam pela cabeça: um coelho acabou de atravessar o relvado aos pulos. *Madame* Cléry não tem nada que ver com o marido. É baixa, assertiva. O queixo mal se vê.

— Se pensa assim — diz *monsieur* Ducros —, a longa ausência do *monsieur* Cléry não deve pesar-lhe demasiado.

*Madame* Cléry vira-se para ele.

— De todo — responde. Sorri para Pétronille com complacência.

— Não deveriam ter esperado por mim — diz uma voz do outro lado do relvado.

— Asseguro-lhe que não foi o que fizemos, meu querido — replica *madame* Cléry. Não há resposta, mas a silhueta alonga-se e Pétronille vê o marido a relancear para *madame* Cléry antes de descer as escadas para ir ao encontro do anfitrião, suficientemente perto para que Pétronille o reconheça.

— Então, pesca ou desenho?

Pétronille permite que os olhos se desviem de *madame* Cléry para o engenheiro. Tem a roupa cheia de lama. Não traz nada que a possa ajudar a adivinhar.

— Não tenho a certeza — admite.

*Madame* Cléry começa a rir-se.

— Resposta certa! Ele regressa sempre tão sujo que eu também nunca sei bem. Talvez esteja a fazer outra coisa completamente diferente por aí — acrescenta, num tom reservado e convidativo, embora Pétronille não saiba ao certo o que estará a mulher a sugerir. — Fico muito contente que tenha podido vir desta vez.

Pétronille rejeitou outros dois convites antes de o engenheiro ter saído da cidade, mas a voz de *madame* Cléry não traz nenhum ressentimento.

— Eu também — replica.

— Quando chegámos aqui, há oito meses — recomeça *madame* Cléry, —, só via a mulher do comandante. Que criatura tão aborrecida. Só se entusiasmava com crueldade. Era uma mulher deveras previsível. — Enche o copo com mais *brandy* e recosta-se na cadeira. — Mas habituamo-nos à solidão. Mesmo que a solidão signifique algo completamente diferente nesta terra, não acha?

Pétronille sente um aperto no peito.

— É verdade — responde.

Os homens estão de volta. Conversam encostados ao corrimão. A bebida adquire uma nova transparência ao sol e o reflexo da luz contra o vidro embate nos olhos de Pétronille, ofuscando-a.

— Fiquei extremamente desiludida quando descobri esta aldeia —



começa *madame* Cléry. Pétronille assente. Nunca ninguém lhe falou assim de Fort Rosalie. — O diretor-geral de finanças é um mentiroso terrível, não acha? O único ouro que se pode encontrar neste continente fica mais de cem léguas a norte da foz do rio Arcansas, enterrado num lago. Um lago, imagine-se! Ora aí está uma coisa que ele não podia ter inventado.

— E não inventou — diz *monsieur* Cléry. Senta-se ao lado da mulher. *Monsieur* Ducros não se mexe. — Até existe um processo através do qual se pode obter o metal do fundo do rio. Um método muito elaborado. — *Monsieur* Cléry assente para si próprio, mas não diz mais nada.

*Madame* Cléry vira-se para Pétronille como se os outros não merecessem ouvi-la.

— Primeiro — diz —, tem de se usar um tecido de amieiro quadrado com cerca de um metro para fazer uma rede. Depois, ata-se a rede a uma pedra, mas não demasiado pesada, com cerca de setecentos gramas. — Explica que tem de se depositar a rede num local onde a água seja bastante superficial, deixá-la lá durante vinte e quatro horas. Depois retira-se a rede da água e deixa-se secar o tecido. A rede tem de ser esfregada com o dedo. É preciso fazê-lo com firmeza, mas não em demasia. — Assim, pode obter-se o equivalente a uma casca de ovo de ouro em pó.

— É isso, é isso — diz *monsieur* Cléry. Vira-se para *monsieur* Ducros. Uma brisa agita a erva até lhes chegar aos pés.

— O rio Arcansas não é o que fica perto do mar do Oeste de que tanto se fala? — pergunta Pétronille. Era uma das histórias que ela mais gostava de todas as que Baptiste lhe contara. Assim que soube que ela se ia instalar no Mississípi, falou-lhe do mítico mar interior que poderia ser encontrado no país.

— Quem sabe? — responde *madame* Cléry, num tom sincero. — Poderia ser em qualquer lugar, não poderia?

Continuam a falar sobre a possibilidade de uma passagem de água a oeste da Luisiana. Às vezes, *monsieur* Ducros olha de relance para elas, mas, por uma vez, Pétronille não sente a necessidade de estar atenta aos humores do marido. É servido melão, o Sol põe-se. Pela primeira vez em meses, Natchez parece algo concreto a Pétronille. Existe em relação a outros traços geográficos, que lhe foram descritos por Baptiste muito tempo antes de ela ter descido na ilha do Navio e que são conhecidos por outras pessoas, como aquela mulher, que é uma estranha, mas que parece partilhar com Pétronille coisas que ela pensava que eram só dela. Por isso, Pétronille sente-se mais enraizada de novo. As pessoas e os acontecimentos interligam-se, definindo um mapa que, se não lhe parece imediatamente compreensível, é, pelo menos, coerente.

Quando chega a hora de entrarem em casa para comer, o marido inclina-se para ela.

— Está a ter uma noite agradável? — pergunta.

Ela diz que sim e agradece, e não se lembra da última vez que lhe deu uma resposta sincera.

No espelho que encima a penteadeira, Pétronille observa a expressão de espanto de Renée. Pétronille raramente pede a sua ajuda para se vestir e, no entanto, agora, fecha os dedos da criada em redor da escova. *Madame* Cléry vai chegar às 10h15 para a acompanhar ao único alfaiate de Natchez.

«Daqui a um mês ou dois, este vestido vai ficar demasiado apertado e vai precisar de um corpete mais largo», dissera-lhe no dia anterior, apontando-lhe para a barriga. Pétronille concordou. Talvez não fosse passar o resto da gravidez numa camisa de noite, afinal.

— Não precisa de se assustar — diz Pétronille a Renée. — Algo simples servirá. — Nunca pensou que um dia viria a usar a voz autoritária da mãe ou que alguma vez lhe viesse a dar jeito.

Enquanto Renée lhe escova o cabelo, Pétronille olha para os próprios olhos. Pela primeira vez em meses, está curiosa para saber que aspeto tem, o que se foi para sempre e o que ainda pode mudar.

Tem estado com *madame* Cléry com muita frequência nas últimas duas semanas. Já a trata por Marie. Marie e o marido estão em Natchez há menos de um ano, mas, ainda assim, as suas histórias já dão mais cor à paisagem. Enchem os arvoredos e os campos de significado, tal como Paul ajudava Pétronille a ver os jardins de Château-Thierry ou como Baptiste a ajudava a compreender o que significava estar no mar. Agora, quando Pétronille passa por Fort Rosalie, vê mais além das estacas altas. Há seis anos, a colina não passava disso mesmo: uma colina. Depois os militares franceses recusaram-se a fumar o cachimbo da paz e quebraram a aliança que mantinham com os locais. Foram mortos quatro franceses em resposta e, por fim, um tenente que Pétronille reconhecia dos dias que passara em Nova Biloxi, o governador Bienville, liderou a vingança. No âmbito do tratado de paz, os nativos foram obrigados a oferecer a madeira necessária para a construção da fortificação. Pétronille pergunta-se que obrigações terão sido impostas aos franceses. Não consegue aventar nenhuma.

Antes da visita à casa de Pétronille no sábado passado, Marie raramente falava da vida que tinha na França. E mesmo no sábado baixou a voz quando falou da viagem que fez, agrilhoada, trajando apenas um vestido simples, no porão gelado de um barco chamado *La Mutine*. Disse que ela e as outras mulheres quase não foram alimentadas, que havia dezenas de homens no navio e que eles nem se

davam ao trabalho de lhes desapertar as correntes antes de as atacarem; disse que morreram muitas raparigas no mar e que pensou que nunca chegaria viva à Luisiana. Na ilha do Navio, as dúvidas permaneceram: foram abandonadas no local, esquecidas ou ignoradas pelas autoridades, sem comida nem roupa. Marie é uma das poucas sobreviventes.

Pétronille pensou em aludir ao ataque dos piratas, mas, no *La Baleine*, os corsários não tinham conseguido chegar ao porão. O que deixava Pétronille mais curiosa era o que teriam feito aquelas raparigas para viajarem em condições tão abjetas. Quando, por fim, ganhou coragem para lho perguntar, Marie deixou escapar um suspiro amargo.

— Entrei numa loja de luxo na Rue Saint-Honoré e fui acusada de roubar um lenço. Com detalhes em ouro e prata, de acordo com o proprietário. — Desviou o olhar e, quando os olhos voltaram a cruzar-se com os de Pétronille, a expressão tinha mudado; Marie parecia furiosa. — Nada disso teria acontecido — explicou — se não fosse a maldita diretora de Salpêtrière. Houve rusgas terríveis naquele ano em Paris e ela incriminava as mulheres. Acho que a polícia precisava tanto de encontrar colonos que os oficiais estavam dispostos a tudo para nos trazer para aqui. — Marie abanou a cabeça. A história dela não era a pior. Tinha ouvido falar de uma cozinheira que fora deportada porque tinha chegado tarde a casa depois de ir dançar; de uma criada acusada de seduzir o amo que a tinha violado; e de uma padeira detida porque os irmãos a tinham acusado de «manchar a reputação deles».

Pétronille ficou em silêncio por momentos. Não poderia ter conhecido nenhuma daquelas mulheres: fora levada diretamente de Château-Thierry para Salpêtrière. No entanto, deu por si a pensar nas perguntas de Étiennette no barco, na forma desesperada como a amiga de Charlotte procurava pela irmã no outono. Teve dificuldade em lembrar-se do nome da irmã de Étiennette, mas depois perguntou:

— Ouviste falar de uma mulher chamada Marceline Janson?

O rosto de Marie descaiu ao ouvir o nome.

— Sim. Morreu. No barco, pouco depois de zarparmos de Le Havre.

Pétronille nunca mais voltou a falar dos anos de Marie em Paris, e Marie também não. Na única vez que a amiga aludiu àquela conversa, foi para falar sobre *monsieur* Cléry e os sonhos loucos que tinha para a Luisiana. O marido desprezava os outros engenheiros, que haviam ficado apenas alguns meses numa casa governada por uma senhoria em Mobile. Ele queria assentar para sempre, construir as cidades da sua nova terra. Chegou solteiro mais ou menos na mesma altura que Marie atracou em Nova Biloxi.

— Acabou por ser mais fácil do que eu pensava — disse ela —

tornar-me exatamente o que ele desejava que eu fosse. Uma rapariga de Montereau que foi para Paris para se tornar costureira e que decidiu, tal como ele, que poderia ter mais sorte no Mississípi. — Sorriu com tristeza. — Ele acreditou em tudo e eu estive muito perto de conseguir convencer-me também. Mas é praticamente impossível encontrar tecidos, ou quem vestir, por cá.

Na carruagem que as espera em frente da casa de Pétronille, Marie usa o tipo de vestido que para Pétronille estaria reservado a meninas novas. Quando entram no *atelier* do alfaiate, o homem ergue as sobrancelhas. Marie quase não lhe presta atenção e começa a vasculhar os baús. Pétronille observa-a com o pensamento no lenço inventado que levou a amiga para ali, perguntando-se o que aconteceria se fossem acusadas de roubo agora. Mas não há outro lugar distante para onde pudessem ser mandadas; já estão no limiar do mundo.

— Mais vale reinventarmos a moda por cá — observa Marie. — Quando as tendências de Paris chegarem aqui, já estarão obsoletas.

O alfaiate abana a cabeça, com um ar de perplexidade; o bigode parece mover-se com vida própria. Conduz Pétronille para as traseiras para fazer as medições. Atrás da cortina, consegue ouvir Marie a escolher tecidos, a descrever um de linho azul.

— Para o teu vestido? O que achas?

— Muito bonito — diz Pétronille.

A ajudante do alfaiate coloca-lhe uma fita métrica em redor dos bíceps. Pétronille mexe o braço. *Rápido*, pensa ela. Está feliz por a mulher ter começado pela barriga. Começa a detestar ser tocada nessa parte do corpo.

— Receio que não tenhamos tecido suficiente para um vestido — observa a ajudante do alfaiate algures mais abaixo —, mas podemos ter algo semelhante em castanho.

— Ouviste-a, Marie? — pergunta Pétronille. Baixa o braço e a ajudante grita outro número para o alfaiate. Ouve-se a porta principal da oficina a bater e Marie cumprimenta alguém. A saudação não obtém resposta e o barulho de baús a abrir e a fechar não demora a terminar. — Marie? — volta a chamar Pétronille.

O vento arrasta leves odores de morangos e estrume. A cortina agita-se levemente além do alcance de Pétronille. Ouve Marie novamente, a sussurrar com o cliente novo. O homem começa por falar tão baixo que Pétronille não consegue perceber o que ele diz. Depois a voz torna-se mais clara e materializa-se em redor de uma única palavra, porque ela sabe exatamente como soa nos lábios do marido: «mulher» torna-se uma palavra de uma única sílaba à frente de Renée ou de convidados. O marido dela está na oficina e não vai ter com ela.

— Peço desculpa, senhora — diz a ajudante do alfaiate —, será que pode...

Pétronille dá um passo para o lado e a fita métrica cai-lhe do ombro até ao quadril. Sente a boca seca.

— *Monsieur* Ducros? — chama.

A porta fecha-se. O rosto de Marie aparece, com a cortina debaixo do queixo, de maneira que a cabeça parece flutuar. Tem o ar de uma pessoa que acabou de dar uma gargalhada.

— O que é que acabaste de dizer?

— Estava a chamar o meu marido. Pensei que ele estava aqui.

— O *monsieur* Ducros no alfaiate? — pergunta Marie.

Para Pétronille não é inconcebível. Antes de sair para cear, ele costumava demorar mais tempo do que ela a vestir-se. Porém, Marie faz com que pareça algo impossível.

— Pensei que o tinha ouvido — diz ela, já sem certeza.

Marie tenta dar-lhe uma palmadinha no ombro sem largar a cortina, mas Pétronille está demasiado longe; a mão limita-se a cair, sem apoio.

— É compreensível — responde. — O *monsieur* Mézières também fala com o nariz. — Pétronille nunca tinha reparado que o marido falava com algo que não fosse a boca. A ajudante do alfaiate devolve-lhe os saíotes. — Mas duvido que o conheças — acrescenta Marie. — Estavas de cama quando ele se juntou à guarnição.

Quando voltam, Pétronille pensa em perguntar ao marido se ele foi ao alfaiate. Ao fim da tarde, muda de ideias. Imagina a cortina mais grossa, o *atelier* mais barulhento, a amiga completamente genuína.

Os enjoos desapareceram. A barriga está mais dura — Pétronille tem vontade de lhe tocar e de a evitar. A pele tornou-se surpreendentemente dúctil. Pétronille dá por si a pensar se o espírito, tal como o corpo, poderá expandir-se ou encolher, se as ideias poderão transformar-se com a mudança de maré, de forma que ela se sinta pronta para a vida em Natchez.

Em Lorient, Pétronille estava perfeitamente ciente da criança que crescia dentro de si. Hoje, tem de acalmar o corpo. Afagar a própria barriga como faria a um cão acanhado ou a um melão maduro, perguntando-se o que passaria na cabeça do primeiro ou o que encontraria para lá da casca do segundo.

O marido deixou-a praticamente sozinha desde que soube que ela estava grávida. Mas, uma semana depois de visitar o alfaiate, Pétronille ouve alguém a bater à porta. Não sabe que horas são, só que os insetos estão a zumbir, e que assim continuarão mais alguns dias até à chegada da estação dos furacões. Na Luisiana, até as tempestades têm outro nome: um nome que promete uma fúria que Pétronille

espera nunca vir a testemunhar.

— Entre — diz ela, com a voz demasiado baixa para ser ouvida.

A porta fecha-se atrás de *monsieur* Ducros. Pétronille sabe que ele ainda está zangado por causa da carta que recebeu há pouco tempo de *monsieur* De Laguehay, que ele conheceu em Clairac há quatro anos. O assistente do diretor fora recrutar homens para trabalhar nas terras da Companhia numa altura em que John Law, que viria a ser diretor-geral das finanças de França caído em desgraça, era mais conhecido por ter criado o Banque Générale e liderado o investimento nas terras desconhecidas da Luisiana do que por causar o maior desastre financeiro do início do século. *Monsieur* Ducros costumava referir-se a *monsieur* De Laguehay como seu amigo, depois sócio, mais tarde usando apenas o apelido. Agora é «um imbecil».

Ou, pelo menos, foi o que *monsieur* Ducros lhe chamou esta tarde, quando Marie lhe perguntou porque é que ele estava com um ar tão frustrado. Pétronille sabe que o marido não lhe teria dito nada. No entanto, *monsieur* Ducros explicou a Marie que a Companhia lhe deve meio ano de serviço, que *monsieur* Guenot, o homem que dirige a concessão de Sainte Catherine, deveria ter mais cuidado com a forma como trata os nativos, que são necessários mais barcos para transportar tabaco e couro para a França. Marie riu-se. «Tem a certeza de que o merece?», perguntou-lhe. «Porquê perder tempo a discutir as escolhas de um idiota? Deixe de se queixar e providencie a construção dos barcos», sugeriu. *Monsieur* Ducros parece gostar dos comentários escarninhos de Marie. Dão-lhe uma escolha: ripostar ou render-se.

Agora, o marido de Pétronille está sentado na ponta da cama de costas para ela, o que é inesperado. Pétronille está habituada a que ele a avise quando a visita e a levantar os lençóis num movimento súbito como se tivesse de ser feito rapidamente para ser indolor. A primeira noite que passaram juntos foi difícil, pior do que a que ela passou com o homem de Orleães: na altura, ela não sabia o que era ser tocada quando estava apaixonada. Na manhã depois da noite de núpcias, na casa de Nova Biloxi, Pétronille ainda sentia *monsieur* Ducros dentro de si. Não só dentro: nos braços, no peito, nos ombros, em todo o lado que as mãos do marido tinham tocado. Não se conseguia livrar dele e pensou que nunca mais voltaria a estar sozinha e a sentir-se limpa.

Tentou chegar a uma solução de compromisso, porque não tinha outro remédio. No entanto, a dor era sufocante; enchia-a por inteiro, dava-lhe dores de barriga, provoca-lhe enxaquecas insuportáveis. O marido tentou compreendê-la. Houve lugares que ele não voltou a tocar: os lugares preferidos de Baptiste, embora *monsieur* Ducros nunca percebesse porque podia beijá-la no queixo e não na face. O que Pétronille e Baptiste costumavam fazer juntos não podia ser associado a *monsieur* Ducros. Mas era. E ela culpava-o por isso.

Depois de chegarem a Natchez, Pétronille voltava, sozinha, a Baptiste. Tocava-se a meio da tarde quando o sol estava quente e a barriga tão cheia que ela se sentia sonolenta, mais a dormir do que acordada. Levava a mão a outros lugares, os que estavam vedados ao marido. O interior do pulso, a bainha dos seios, a ponta do mamilo. Até que houve um dia, depois do jantar, em que *monsieur* Ducros entrou no quarto sem bater e a interrompeu. Quando lhe abriu as pernas, pareceu surpreendido. Naquele dia doeu menos. Depois daquela ocasião, enquanto comiam a sobremesa, perguntava-lhe muitas vezes se se sentia cansada, e ela sabia que, se dissesse que não, tinha de se preparar. Pétronille detestava-o por se intrometer entre ela e Baptiste, entre ela e as suas memórias. No entanto, era a solução para um problema. Pétronille encontrou outros momentos para ela.

— O que foi? — pergunta ela.

O marido não reage.

— Nada — responde.

— De certeza?

— Sim.

Ela inveja a franqueza com que *monsieur* Ducros lida com as emoções: sem equívocos, sem compromissos, como se estivessem tão avassaladoramente certas de que outro sentimento contraditório não seria admissível. Às vezes comove-se com a teimosia do marido. Conduz-lhe a mão à coxa dela, fá-la planar sobre a barriga. Agora, é uma parte do corpo que também lhe está vedada.

— Aqui — diz ela, sentindo bocados de pele a agitar-se sob a pressão dos dedos do marido.

A noite é ao mesmo tempo igual e diferente das outras. Pétronille nunca tinha tido relações grávida. Parte dela quer proteger-se dele, como fez na noite de núpcias; outra parte sabe que é impossível. *Monsieur* Ducros não perde tempo, parece mais apressado do que é habitual. Aconchega-lhe o pescoço com a mão, um lugar que ela nunca teve de proteger porque ele nunca tinha tocado ali. Ele tem cuidado com a barriga dela; pede-lhe que se ponha de joelhos.

Passa a noite com ela, o que só tinha feito duas vezes no passado. Pétronille apercebe-se de que se habituou a dormir mesmo no meio da cama e, de manhã, encontra-o enroscado na ponta do colchão, quase a cair.

A memória de Pétronille não guarda quase nada daquela manhã de fevereiro em que as mulheres estavam a lavar a roupa e ela ia voltar a ver Baptiste. Vestidos cheios de sangue, saiotes amarelos-manteiga, meias tesas do suor. Uma fraqueza nos braços, a testa a arder, arrepios na coluna. Charlotte a olhar para ela do outro lado de um caldeirão a ferver, a agarrar bem o bastão de lavagem. Geneviève a tirar-lhe o

monte de roupa das mãos e a dizer que era melhor ela ir. A resposta de Pétronille, depois a erva molhada a colar-se nas solas, a lama a prender-lhe os pés como se quisesse que ela não avançasse.

Só uma imagem se torna clara. Deixou o relvado e as raparigas aos gritos atrás dela, chegou ao fim da álea. Está no terreiro entreposto, onde deveria encontrar-se com Baptiste. Com os objetos do terreiro a voar-lhe à frente dos olhos — trapos, arneses, um carrinho de mão —, o lugar expande-se. É suficientemente grande para albergar toda a tripulação do *La Baleine*, mas não Baptiste, e ninguém além dela à medida que se dirige, cambaleante, para o portão. E onde é que ela foi buscar a ideia de que se conseguiria alçar para cima de estacas tão altas como aquelas? Toca na madeira e senta-a áspera e húmida. Encosta-se à cerca e o mundo encolhe-se até caber numa frecha, uma estrada construída pelos homens e deixada para as mulheres e para os pássaros da Luisiana. Hoje, no caminho que a levou para o entreposto, não há nada a não ser um pelicano gordo, a agitar a bolsa vazia na brisa húmida.

Dia 1 de outubro. Marie está à porta de casa com os braços cruzados sobre o peito. O vestido branco reflete o brilho cor de laranja do sol do início da manhã. Repete que a rapariga nativa, que deverá trazer o remédio recomendado pela criada da vizinha, não deverá demorar a chegar. Pétronille disse à amiga que o nó no fundo das costas tinha desaparecido, mas Marie continuou a insistir e Pétronille acabou por ceder. Não tinha palavras para explicar que a dor que sente hoje é diferente.

— Ei-la! — exclama Marie.

Pétronille fica a olhar para uma rapariga roliça de pele castanha a aproximar-se. Os lábios são finos, as bochechas cheias, os passos hesitantes; parece ainda mais jovem do que Charlotte. Usa uma saia feita de um tecido que Pétronille nunca viu e traz um recipiente de barro na mão. O colo está nu e a expressão é tão plácida como a água de um lago.

— Vem, vem — chama Marie.

Ao ouvir o som da voz dela, a rapariga fica paralisada. O vento agita a pena que lhe adorna o cabelo preto. Quando Marie começa a caminhar na sua direção, a rapariga recua.

— Espera — diz Pétronille à amiga.

A rapariga olha de relance para Pétronille, agacha-se e pousa o remédio no chão sem nunca tirar os olhos delas. No ombro esquerdo, um pequeno sol esculpido na pele segue o movimento do braço. A rapariga endireita-se, esfrega o nariz. Depois vira-se e desaparece debaixo dos ramos penugentos das árvores que pendem sobre o caminho, como se a estrada não existisse, como se não precisasse



sequer de estar ali.

— O nome dela é interminável — diz Marie. — Oodoo'wah qualquer coisa. Parece que toda a gente em Fort Rosalie já ouviu falar de uma tia dela que se chama Braço Tatuado. A criada disse que isto iria ajudar — acrescenta, apontando para o recipiente.

Pétronille olha fixamente para as árvores. A floresta é tão impenetrável como sempre foi: Pétronille não seria capaz de indicar o lugar exato onde a rapariga acabou de desaparecer. O unguento que Marie leva para dentro de casa é o único sinal de que ela chegou a estar ali. Marie pousa-o na mesa e pega no vestido de grávida em que tem estado a trabalhar para Pétronille. Esta inclina-se para a mistura verde, na qual uma mosca luta pela vida; não cheira a nada que ela conheça. Já ouviu falar dos remédios dos nativos, que parecem mais sofisticados do que os dos franceses, e das febres curadas com quatro cachimbos de tabaco seguidos de uma salada, leite coalhado, duas garrafas de Bordeaux e dois cálices de aguardente. Pétronille afasta a tigela para o lado. As plantas não vão fazer nada para aliviar a dor esmagadora com que acordou de manhã, uma sensação de aturdimento que lhe sobe ao peito, a forma como imagina que vai sentir a barriga quando o bebé começar a dar pontapés.

Faz hoje um ano que ela estava com Geneviève no convés de *La Baleine* a ver a França a desvanecer. Tinha o pé preso a uma corda e ouvia e via Baptiste pela primeira vez, sem o achar muito bem-parecido. Geneviève ao seu lado e a voz de Baptiste a guiá-la. Tudo lhe parece impossível.

— Estás bem? Esse raio dessa doença está a incomodar-te novamente?

— Que doença?

— A febre que sofreste em Nova Biloxi.

— Oh — diz Pétronille —, não.

A febre, tal como Baptiste, ficou confinada a um período bem definido. Um que ela considera passado; já o outro irá atormentá-la para sempre.

— Então o que é?

Se a amiga não tivesse insistido, Pétronille não teria aludido a Baptiste. No entanto, não pode deixar de pensar na Marie que a foi visitar a sua casa, que lhe confidenciou os pormenores da detenção em Paris, a horrível travessia do Atlântico. Marie não hesitara em confiar nela o suficiente para lhe contar a sua história.

— É um homem do meu passado — diz. — Faz hoje um ano que o conheci.

Marie sacode uma migalha da manga. Parece tensa.

— Como é que ele se chamava? — pergunta.

— Baptiste Dubier.

— Onde o conheceste?

— No barco que me trouxe para aqui.

— E amava-lo muito.

Pétronille não tem a certeza se é uma afirmação ou uma pergunta. Dizer o nome de Baptiste em voz alta dá credibilidade à tristeza que lhe vai na alma. E também lhe dá poder. Não chora à frente de ninguém a não ser de Geneviève desde que deixou a França.

— Pronto, pronto — diz Marie. Não se aproxima de Pétronille para a consolar. — O amor não é para chorar, pois não? É para celebrar. E eu sei exatamente como. — A voz de Marie ganha uma intensidade renovada. — Devíamos ir andar a cavalo. — Ao ver que Pétronille não lhe responde, acrescenta: — Ensinares-te a montar a cavalo em Château-Thierry, não ensinaram?

— Ensinares, sim. — Pétronille lembra-se da primeira vez que montou a cavalo. Tinha doze anos. Agarrou-se às rédeas com tanta força que as palmas das mãos ficaram em sangue. No verão seguinte, andou a cavalo sozinha pela propriedade quase todos os dias. É difícil recordar a sensação de liberdade que a dominava, como se pertencesse a outra pessoa. — Mas aqui não é perigoso? Sobretudo se formos as duas sozinhas?

— Não vamos para muito longe. — Marie agita-se na cadeira. Parece satisfeita. — Podíamos ir da tua casa até à minha. Não disseste que querias conhecer melhor a região?

— Disse.

— Daqui a poucas semanas, já não o poderás fazer, seguramente. Por enquanto, mal se nota.

Há um entusiasmo no tom de Marie que facilita a aceitação da oferta. Pétronille poderia levantar outros problemas, que a amiga teria a resposta, como acontece quando Pétronille a questiona sobre os africanos escravizados, as colheitas e o povo Natchez. Os escravos não deveriam ser obrigados a trabalhar aos domingos, mas são. Há amoreiras a perder de vista: se tentassem criar bichos-da-seda, fariam uma fortuna na Luisiana. Os nativos celebram o Ano Novo em março e dividem o ano em treze luas; as povoações de Grigra, Jenzenaque e Maça Branca são pró-britânicas e devem ser evitadas. Graças a Marie, Fort Rosalie começa a ser decifrável, alcançável.

Pétronille olha pela janela. Vê um inseto a passear no vidro. A luz é dourada, um detalhe inacreditável a uma hora tão prematura da tarde.

— Quando é que queres ir? — pergunta.

Pétronille está nervosa quando chega a hora da ceia. O marido parece novamente transtornado. Observa-o a encher o copo com mais cerveja e a mexer o caldo até arrefecer. Lá fora, as nuvens pairam

finas no céu e a sala está inundada do brilho cor-de-rosa dos últimos raios de Sol. *Monsieur* Ducros quase não disse uma palavra a noite inteira. Pétronille sabe que é irracional, mas tem receio de que o marido perceba de alguma maneira que ela vai andar a cavalo com Marie depois de amanhã.

— O que se passa?

Ele afasta uma fatia de pão meio comida e esfrega as têmporas com os nós dos dedos.

— A minha carta — responde.

Pétronille respira mais à vontade.

— De que estás a falar?

— A minha resposta àquele idiota da Companhia.

Pétronille demora alguns segundos a lembrar-se a quem ele se está a referir. Depois volta-lhe à memória: *monsieur* De Laguehay, que deve dinheiro a *monsieur* Ducros. O marido não lhe fala dele desde que recebeu a carta há algumas semanas.

— O que tem? — pergunta.

— Não vamos receber o pagamento tão cedo. A minha resposta deveria ter sido enviada hoje e não foi. Demorará meses a chegar à França.

— Demora sempre. — Pétronille quer tranquilizá-lo. Apercebe-se de que gostaria que as suas palavras tivessem tanto peso como as de Marie. Porém, *monsieur* Ducros parece não a ouvir.

— O único consolo — diz — é que o *La Baleine* não deve demorar a chegar a La Rochelle.

Pétronille abre a boca. Depois fecha-a. Não compreende nada da frase nem como se relaciona com a carta e com as preocupações financeiras do marido, nem por que razão o *La Baleine* demorou tanto a chegar a La Rochelle tendo partido em fevereiro. O nome do barco ecoa-lhe no espírito como o de uma pessoa amada. O marido dá-lhe uma palmadinha na mão.

— As minhas faturas para a Companhia — explica. — Consegui mandá-las pelo capitão do *La Baleine* em maio.

Pétronille esforça-se por manter o rosto impassível, mas tem as mãos a tremer.

— Maio? — pergunta. — O navio não zarpou no inverno?

— Os aposentos dos marinheiros foram esvaziados em fevereiro — corrige ele, esquecendo-se de perguntar em que é que ela baseava os seus pressupostos. — Mas o navio só partiu em meados de maio. — Pétronille é assaltada por imagens dela própria na primavera: enfraquecida, de cama, a recuperar. Depois surgem imagens novas: o *La Baleine*, ainda na Luisiana; Baptiste, ainda ao alcance algures para lá das janelas do quarto dela. — Mas tem razão — continua o marido. — Teria sido melhor se tivesse zarpado mais cedo. O *monsieur* De

Laguehay não teria escrito este disparate depois de receber a minha fatura.

— Para onde é que a tripulação foi no inverno? — pergunta ela.

— Não sabia que se interessava tanto por estas histórias dos navios — diz ele, pegando no jarro de cerveja. Pétronille olha para o marido. — Para a ilha do Navio durante algumas semanas — responde-lhe. — Para fazer reparações no *La Baleine* e o armar para a viagem de regresso.

Pétronille não responde. Ouve-se a dizer que está cansada antes de fazer um esforço para se levantar e se arrastar pelas escadas. Tem as coxas a suar, o estômago a dar voltas. No quarto pousa os olhos no peitoril da janela como se as duas ideias obsessivas que lhe ocupam o espírito estivessem lá gravadas. Quando se mudou para Nova Biloxi, Baptiste ainda estava na colónia. Em fevereiro, só não foi ao seu encontro porque estava ausente, na ilha do Navio, a trabalhar.

À noite, é assaltada por uma nova ideia que não poderia ter imaginado algumas horas antes. Não importa quando o *La Baleine* zarpou. A ausência de Baptiste não tinha nada que ver com o que ele sentia por ela. Imagina-se a acenar-lhe pela última vez e pergunta-se como é que demorou tanto tempo a perceber o que agora lhe parece óbvio: que a relação de ambos acabou muito antes, no início da manhã de janeiro em que o navio assentou âncora na Luisiana e ela foi conduzida para a prancha de embarque com as outras raparigas. Agora que Pétronille sabe que o amor de Baptiste por ela poderá nunca acabar, torna-se possível aceitar o que ela sempre soube: que o destino dela é ficar na Luisiana, e o dele não.

Pétronille pensa em Geneviève e Charlotte. Lá fora, a noite enche-se de sons. Ela imagina as amigas a decidir onde marcar encontro com Baptiste, a distrair as freiras durante a lavagem de roupa, a dar-lhe esperança para a manterem viva. A luz da Lua permeia as cortinas. Pétronille fica surpreendida ao sentir o aperto no peito a desaparecer.

Os cavalos são de *monsieur* Cléry, o itinerário é de Marie: irão da casa dos Clérys à casa dos Ducros e depois farão o caminho de volta. Encontram-se para almoçar e seguem caminho. Terão toda a manhã para explorar e estarão de volta à casa de Marie para jantar sem que os maridos percebam o que fizeram. Encaixado entre duas refeições, o passeio parece mais descontraído, e repetível até. Se fossem homens e se não vivessem em território parcamente explorado. Pétronille tenta não pensar no assunto. O marido parecia mais calmo hoje; encontrara outro navio para enviar a carta. Quando ela lhe disse que estar com Marie, ele encolheu os ombros com um ar distraído.

— Estou prestes a partir para casa dos irmãos Bernège — disse. — Têm finalmente bichos-da-seda para me vender.

Pétronille assentiu. Uma palavra de Marie sobre a abundância de amoreiras e o marido já está a pensar em produzir seda, o que é ridículo. Mas a vontade de seguir o conselho da amiga não incomoda tanto Pétronille como incomodaria dois dias antes.

Como é habitual, *monsieur* Cléry passaria a manhã trancado no escritório a desenhar num mapa do assentamento para a Companhia das Índias. Marie abanou a cabeça.

— Encontro sempre manchas de tinta quando ele sai dali de dentro — explicou.

Quando Pétronille lhe perguntou o que iria dizer aos moços de estrebaria, ela pareceu sobressaltar-se.

— Para prepararem os cavalos. O que mais havia de lhes dizer?

Pétronille encolheu os ombros. Até agora, tirando a criada e a cozinheira, nunca deu ordens a ninguém na casa dela. A ideia de não ter de se justificar era entusiasmante.

Não conta a Marie o que descobriu sobre Baptiste anteontem; não quer ouvir que o que ela pensa que é a verdade pode ser só um devaneio. Pétronille sabe que nunca terá uma oportunidade melhor para pôr um ponto final na situação. A Luisiana nunca lhe vai dar mais do que isso.

Lá fora, as nuvens flutuam indolentemente no céu. A álea dos Clérys parece completamente nova, a distância entre a casa e os estábulos, infinita. Marie está vestida com um colete azul-marinho que lhe cai até meio das coxas e com saíotes a condizer.

— Graças a ti, posso finalmente usar o fato de montar que eu fiz — comenta Marie, e Pétronille não consegue deixar de pensar na expressão «graças a ti». Não foi ela que teve a ideia de fazer o passeio e não se sente responsável pelo que estão prestes a fazer. No entanto, sente-se tocada com as palavras de Marie. Passou muito tempo desde a última vez em que alguma coisa foi feita graças a ela.

Quando elas se aproximam, dois moços de estrebaria levantam-se. São ambos filhos do vizinho, um lavrador do sudoeste de França. Um deles tem na mão as rédeas de uma égua cor de avelã que está a mastigar um bridão. No outro estábulo, um cavalo robusto esfrega o focinho a um poste com veemência. Pétronille sabe que deveria ter medo de muitas coisas, mas, de momento, a única coisa que a assusta é não se lembrar de como montar a cavalo.

— Que disparate — diz-lhe Marie, apoiando a mão direita no ombro do rapaz mais jovem para subir para a égua. — Há coisas que nunca desaprendemos.

Pétronille percebe que Marie tem razão assim que pousa o pé nos dedos entrelaçados do moço de estrebaria e sobe para a sela. O cavalo — o mais robusto — anda de um lado para o outro para se adaptar ao novo peso. Os movimentos do animal, ela a levantar o joelho por cima

do arção, a forma como está a ajustar os saíotes, tudo lhe parece tão estranhamente familiar e remoto que não tem a certeza de onde está. Agarra as rédeas com uma mão e conduz o cavalo em direção a Marie. Os músculos do animal enrolam-se sob a sua coxa; nunca viu o campo de uma posição tão elevada, nunca se sentiu em paz em Natchez. Dormiu melhor nas últimas duas noites. Pela primeira vez em meses, sente-se revigorada. Afaga a barriga. Vai correr tudo bem. Vai só levar o bebé para um passeio.

Arrancam em direção à floresta de ciprestes que fica entre Fort Rosalie e o córrego de Sainte Catherine, deixando a casa para trás. Passam por flores enormes, com um aspeto quase agressivo; Paul não saberia nada sobre elas, e Pétronille também não sabe. Talvez uma delas seja a planta que lhe alivia a dor das costas. A que está com uma corola branca, poderia ajudar a baixar as febres. E quem sabe o que as roxas e pequenas poderão fazer. Pétronille espicaça o cavalo. O arção massaja-lhe a perna dobrada.

Pouco depois, não ouve nada além de pássaros. Um canta mais alto do que os outros com chilreios que fazem lembrar um gato zangado. Os ramos pingam sob os pombos-passageiros que *monsieur* Ducros jura ser capaz de matar às dezenas com um único tiro. Pétronille e Marie acordaram que não seguiriam a estrada que serpenteia por entre as quintas, que é a que costumam usar com a carruagem. Seriam vistas muito facilmente. Em vez disso, seguem pelo trilho da floresta que *monsieur* Cléry usa com frequência como atalho para visitar *monsieur* Ducros. No mapa que *monsieur* Cléry mostrou a Marie, uma semana antes, o caminho estava marcado num tom de rosa-pálido.

— É direto — disse Marie a Pétronille. Depois desenhou uma linha reta no ar, como se estivesse a atravessá-la.

De início o caminho faz uma curva. Depois uma segunda. Pétronille diz a si própria que se houver outra curva vai perguntar a Marie se estão no caminho certo; mas, à medida que o trilho se vai tornando mais sinuoso, percebe que, se a amiga admitir que podem estar perdidas, vai ficar assustada. Marie sabe o que está a fazer, repete Pétronille para consigo. De repente deixa de ver casas. Os bosques tornam-se densos, como um quarto demasiado decorado. Nalguns locais, o caminho desaparece completamente debaixo das canas que se quebram sob os cascos dos cavalos. Depois volta a aparecer.

— Não devemos demorar a ouvir o córrego — diz Marie. A voz é animada.

Pétronille não consegue ver-lhe o rosto.

E a verdade é que ouvem água a murmurar levemente sob os gorjeios, os sopros e os estalidos da floresta. Depois ouvem outros sons. Os gritos animados de uma criança, de muitas crianças: a língua

é desconhecida, mas os sons são inconfundíveis. Mais uma curva e as árvores começam a escassear. E é então que os veem: seis ou sete meninas e meninos nativos, alguns tão pequenos que ainda estão a dar os primeiros passos, com a água a dar-lhes pelos joelhos ou pela cintura, a chapejar e a nadar, agitando a água que tremeluz sob os raios do Sol. Na outra margem, veem um homem idoso sentado numa rocha. Os olhos do homem estão fixados nelas, como se ele tivesse ouvido os cavalos a grande distância. O medo assoma à garganta de Pétronille, que sente o cavalo a agitar-se debaixo dela. O chicote de Marie ergue-se acima da garupa da égua antes de ficar paralisado.

Atrás do homem avistam uma aldeia no meio do monte, algumas partes da qual estão escondidas por arbustos cheios de bagas. Há duas colinas acima das cabanas e um largo central. Veem-se mulheres a moer milho, com a pele das costas e dos colos coberta de desenhos. Uma rapariga espalha o que parece ser óleo de urso nos braços de uma criança. O seu corpito magro brilha ao sol como se estivesse molhado. Rapazes, com não mais de doze anos, apontam os arcos para uma meda de feno do tamanho de uma mão presa no cimo de um poste alto. Um deles ri-se quando a flecha atravessa o feno. Mas o som dos arcos e o riso são abafados pela água a chapejar: as crianças olharam para o ancião e retomaram as brincadeiras. Os olhos do homem cruzam-se com os de Pétronille. Não por muito tempo: afinal, o chicote não chegou a ficar paralisado; já fustigou duas vezes as ancas do cavalo e agora estão a galopar ao lado do riacho, a passar pelas crianças, e, enquanto o vento e os ramos se agitam, a única coisa que Pétronille leva com ela é o olhar incrédulo do homem: tão perplexo quanto ameaçador.

Elas decidem parar; no entanto, os cavalos não estão prontos para tal. Os cascos tropeçam nas folhas avermelhadas caídas e escorregam na lama. Marie está esbaforida. O pequeno chapéu que trazia na cabeça soltou-se e o cabelo cai-lhe agora sobre os ombros. Pétronille nunca a tinha visto assim.

— Aquela era a Aldeia Grande — diz, quase a gritar.

— Pensei que tinhas dito que eram nossos aliados.

— E são — responde Marie, mas está a abanar a cabeça. — Não devíamos ter vindo para tão longe. Provavelmente virámos para este a determinada altura.

— Não sabes onde estamos. — Marie ignora-a. — Achas que nos vão seguir? — pergunta.

Pétronille pensa nas crianças a interromperem a brincadeira e a voltarem para o rio. O que vão fazer a seguir?

— Não sei — responde.

Acima delas, o Sol brilha de tal forma que parece impossível que estejam perdidas. Pétronille sente a cabeça a latejar. Marie aponta o

chicote para montante.

— Se seguirmos sempre o córrego, chegaremos à concessão de Sainte Catherine.

E depois? Pétronille não quer fazer a pergunta. Andar a cavalo não lhe trouxe a felicidade que esperava. Sente-se frágil. Quer dizer ao bebé que lamenta e depois sente-se idiota por ter pensado nisso. Tem de a levar, ou a ele, para casa. Marie começa a andar a trote, Pétronille pede-lhe para abrandar. A amiga vira-se, revira os olhos, mas puxa as rédeas para acalmar a égua. Avançam devagar ao longo da água. Às vezes, Pétronille pensa que ouve passos a segui-las, crianças a brincar no rio. Mas é só um veado, uma raposa, uma pega. O mundo parece-lhe enorme.

Quando chegam aos primeiros campos de tabaco, Marie solta um pequeno grito. Começa a trotar no trilho que circunda a plantação e a chamar por alguém. Pétronille segue-a a alguma distância. A concessão é a segunda maior de Fort Rosalie depois da de Terre Blanche, até ela o sabe. Entre as enormes folhas, homens e mulheres escravizados olham para ela antes de voltarem para o trabalho. Ela tenta não olhar para as mãos deles, para as unhas partidas, para o suor que lhes escorre pelas dobras da pele. Um bebé dorme num cesto meio cheio, à sombra das plantas, com os punhos fechados em cima do nariz, a esfregá-lo com uma determinação que surpreende Pétronille. Um homem com uma camisa suja diz qualquer coisa que ela não compreende.

Pétronille espicaça o cavalo. *O que mais poderei fazer?*, pergunta-se, horrorizada, ainda que já saiba a resposta.

Marie cavalga entre a floresta e os campos. Quando Pétronille a alcança, os cavalos assentem com os focinhos um para o outro, como se partilhassem um segredo que mais ninguém sabe. De onde estão, veem a casa principal da plantação a desaparecer atrás de um amoreiral. O vento sopra sobre as folhas de tabaco, em rajadas abruptas, fustigando uma secção de plantas atrás da outra. Uma mulher escravizada mantém-se firme, sem se mexer, até as rajadas terminarem.

Contudo, quando Pétronille levanta os olhos do rosto da mulher, vê para além dela um grupo de homens nativos. Estão muito mais longe, a sair de outra clareira na floresta. Pétronille só lhes vê as costas ao seguir o trilho com os olhos. As silhuetas são minúsculas, mas reconhecíveis. O Sol bate-lhes na pele nua, e a curva das penas e dos arcos que trazem com eles são uma curiosa extensão do cabelo e das mãos.

Desta vez é Pétronille que sacode as rédeas, que agita o chicote e se dirige de volta para a floresta na esperança de que ninguém as veja, as apanhe e as leve para lugares para os quais não escolheram ir.



O que elas aprendem quando chegam à estrada principal e se deparam com os soldados que foram enviados para as procurar depois de os moços de estrebaria terem alertado *monsieur* Cléry é que o perigo não está onde mais se espera. Não está junto ao córrego onde as crianças tomam banho. Está na plantação de um homem branco detestado de tal forma pelos nativos que o chefe, o Grande Sol do povo Natchez, só manda os seus homens mais pobres falar com ele, uma vez que não está disposto a rebaixar os guerreiros mais estimados a ponto de os mandar fazer uma tarefa tão degradante. O perigo está em serem vistas com o homem que dirige a plantação de Sainte Catherine, *monsieur* Guenot, ou serem consideradas aliadas dele. Pétronille ouviu o nome do homem uma vez ou duas no passado. Era o exemplo preferido do marido para criticar os franceses que tratam os nativos como lixo, chamando-lhes «escravos penugentos» e escarnecendo do seu cachimbo da paz. Por volta do meio-dia, Pétronille e Marie estavam a cavalgar junto à plantação de *monsieur* Guenot.

A casa de Pétronille é a mais próxima, pelo que é para lá que são levadas. Quando o marido dela vai ter com elas, está a tremer. A fúria na sua voz faz Pétronille recordar um dia escaldante do último verão em que ela se sentou no alpendre e viu as colinas e os campos a tremer no ar quente. *Monsieur* Ducros grita mais alto com Marie do que com ela, o que, por um breve instante, se revela um alívio.

Depois de a amiga se ir embora, Pétronille senta-se junto à cama, pega numa escova e recolhe a roupa manchada. A sujidade agarra-se a ela como algo que lhe é querido. Sente músculos na perna que a fazem pensar que se conhece mal. Não chama Renée. Esfrega a lama sozinha. Quer que desapareça por completo. Sente o peso de tudo o que não sabe, de todos os segredos que aquela terra guarda, enterrados nas florestas, a irromper para lá da porta do quarto. De manhã, enquanto andava por lá, sentiu que compreendia tudo. Era tão óbvio naquela altura. A única coisa que ela viu foi pessoas a tentarem construir uma vida, pessoas a tentarem proteger a sua e pessoas a lamentarem ter sido obrigadas a deixar os seus lares.

Pensa para consigo. Não pode ser tão simples; até uma criança, o filho que ainda tem no ventre, poderia compreender aquelas pessoas.

E depois há o outro segredo. Mais próximo, mais íntimo, mas não menos insondável. Depois de tomar um caldo com Marie, depois de ter ido buscar sidra à cozinha, ficou à espera de ouvir cavalos, *monsieur* Cléry a ir buscar Marie, mas só ouviu silêncio. O sol do início da tarde lançava sombras curtas pela janela pequena. E quando Pétronille ouviu uma carruagem, não era a de *monsieur* Cléry, mas a deles que estava estacionada na álea.

Viu o marido a caminhar à frente de Marie e a fazer-lhe sinal para

que ela o seguisse. *Monsieur* Ducros ia levar a amiga dela a casa, mas ela ainda nem sequer se tinha despedido. Pétronille pensou em chamá-la, mas depois reconsiderou e acudiu à porta. Deteve-se no limiar. Viu a amiga nos braços do marido, os dedos brancos de *monsieur* Ducros e o colete amarrotado de Marie, meio escondidos pelos ramos de uma enorme nogueira. De início, Marie manteve o rosto enterrado no ombro de *monsieur* Ducros. Depois levantou a cabeça e procurou a casa com os olhos, que fixou na porta aberta, onde viu Pétronille. Nenhuma delas se mexeu.

Neste momento, não tinham um chicote para as espicaçar em direção a um futuro que ambas ignoravam.

Na manhã seguinte, Renée anuncia a visita de *madame* Cléry do cimo das escadas. O corpo de Pétronille retesa-se. Dormiu tão profundamente durante a noite que acordou zozza, um pouco adoentada. Não sabe bem se está preparada para ouvir alguma explicação. Sentiu-se muito próxima de Marie no dia anterior, como no passado se sentira de Geneviève e Charlotte. Depois viu-a aconchegada nos braços do marido. Os dois sentimentos parecem incompatíveis: a ligação profunda com Marie e a traição da amiga.

Marie traz o mesmo vestido que estava a usar no dia em que se conheceram. Fica em pé junto ao cadeirão onde costuma sentar-se.

— Vim aqui pedir desculpa — diz.

Pelo menos está a ser genuína; não lhe falta coragem.

— Senta-te — pede Pétronille, e Marie senta-se no cadeirão com cuidado como se tivesse receio de que Pétronille mudasse de ideias.

— Creio que não te interessa saber como tudo começou — aventa Marie.

Pétronille imagina-se a passar o verão no quarto; o marido, algures, fosse onde fosse, desde que não fosse na cama dela; *monsieur* Cléry numa viagem interminável para Pascagoula. Percebe que já sabe.

Lá fora, os carpinteiros que poderão vir a construir a quinta de seda do marido estão a gritar uns para os outros.

— Lamento muito — diz Marie.

— Ontem, ele parecia mais preocupado contigo do que com o próprio filho. — É o que mais magoa Pétronille. Ou quase: o que mais a magoa é a deslealdade da amiga, não a dele. — Por favor, não o negues.

— Não estou a negá-lo. — Marie detém-se, depois continua: — Eu amo-o profundamente, sabes?

Noutro mundo, num mundo em que está casada com Baptiste, a frase varre tudo e confina Marie a uma fase da vida de Pétronille. Neste mundo não. Neste mundo, coloca Pétronille de novo na porta da

frente, a olhar para eles os dois do outro lado da nogueira. Desta vez, não vê o marido e a amiga. Vê o abraço de dois amantes, reconhece a forma como Baptiste, que nunca deixou de a amar, costumava puxá-la para ele, os seios dela encostados ao peito dele, as unhas dela a afagar-lhe o cabelo áspero da nuca.

— Eu sei que amas — diz Pétronille.

— Não te estou a pedir que me perdoes. — A palma da mão afaga a camurça das luvas, um presente de casamento, e o tecido muda de cor e textura à medida que ela o esfrega para um lado e depois para o outro. — Esperava encontrar uma mulher aborrecida quando te conheci — acrescenta. — As coisas teriam sido mais fáceis.

— Não me achas aborrecida? Motivada apenas pela crueldade e insuportavelmente previsível?

Marie diz que não com um abanar de cabeça.

— Previsível? Não estava à espera de que me acompanhasses num passeio a cavalo.

— Eu esperava a oferta.

— Então eu é que sou a aborrecida, afinal.

— Não — diz Pétronille —, a cruel.

Pétronille recosta-se nas almofadas e pousa a mão no ventre. Dentro dela, a tranquilidade é total. O que restará de tudo, dentro de alguns meses, quando o bebé chegar? Uma história de embalar. Vai pegar na criança ao colo e dizer: «Imagina duas mulheres. O mês de outubro. Estão a cavalgar ao longo de um riacho onde há crianças a nadar, algumas delas pouco mais velhas do que tu. Estão a tomar banho como tu farias. Ai se as mulheres compreendessem as criaturas que vivem debaixo de água. Aí está algo que nunca irá acontecer. No entanto, nesse dia, as crianças continuarão a brincar e as mulheres a cavalgar, ilesas.»

*Nova Orleães, abril de 1723*

## Charlotte

Charlotte gostaria de poder gritar, mas acordaria o bebê. Ou está vestida com roupa demasiado quente para abril ou o quarto está demasiado abafado. Sente as costas húmidas, o corpete a acumular suor. Do banco onde está sentada junto à janela, vislumbra Étiennette e o filho, envoltos em lençóis na cama. *Monsieur* Feuger acabou de voltar para o seu negócio, pedindo licença com a voz demasiado alta depois de olhar para o filho acabado de nascer com os olhos semicerrados. Hugo não tem nada que ver com o irmão, que nasceu grande e barulhento. Dorme um sono condescendente no meio da tagarelice animada das mulheres. Estiveram as três — Marthe e as gémeas: Léonie e Sophie — no *La Baleine* e chegaram recentemente com os maridos a Nova Orleães. Charlotte sabe que deveria estar a olhar maravilhada para o recém-nascido com elas, a enumerar partes do corpo: das mãos minúsculas ao nariz pequenino, passando pelas unhas mínimas. Os braços e os pés do bebê dela também deveriam ser minúsculos. O bebê dela deveria ter gritado, ter-se remexido e gritado como Hugo fez antes de cair naquele sono insondável. Mas ela nunca viu a criança, nunca soube se deveria tratá-la por filha ou por filho. Era um coágulo de sangue quando saiu de dentro de si. E nada no coágulo era minúsculo.

Já passou um ano e meio. Estava a viver em Nova Biloxi na altura, na pequena casa junto à baía pantanosa que o marido tinha construído. Louis estava a trabalhar no rio quando tudo aconteceu: Charlotte teve de chorar a morte do filho de ambos sozinha. E não tem a certeza se lhe pode chamar uma morte: poderá morrer alguém que nunca viveu? O padre foi perentório. Não ia batizar um aborto.

— *Madame Charpillon* — diz Léonie.

Só tem mais dois anos do que Charlotte, mas, pela forma como se apresenta com quase dezassete anos, parece muito mais velha. A irmã gémea está sentada ao lado de Étiennette a afagar um cão, a explicar

que enfaixar os recém-nascidos era uma barbaridade. As crianças deveriam ter a liberdade de mover os membros.

— Voltamos a falar quando o teu filho tiver o pé torto — replica Étiennelette num sussurro muito alto.

Léonie vira-se para Charlotte.

— Como se sente? — pergunta.

— Um pouco zozna.

Charlotte agita a mão em direção à janela. À porta da oficina do sapateiro, um rapaz vai de encontro a uma jovem, que tropeça e cai na vala de escoamento de águas que corre em todas as ruas de Nova Orleães. O fosso está cheio da chuva da noite passada.

— Quase não tivemos oportunidade de conversar esta tarde — observa Léonie.

O sapateiro sai da oficina e examina o par de socos sob o sol tímido. A rapariga da vala desapareceu. Charlotte vira-se para Léonie.

— Precisava de apanhar ar fresco.

Nos braços de Étiennelette, Hugo começa a gritar e Léonie apressa-se a ir ao seu encontro. Os gemidos do bebé enchem os ouvidos de Charlotte e viajam-lhe até ao peito. Charlotte não sabe o que fizeram com o bebé dela. Lembra-se de ver uma mulher a levá-lo para fora do quarto. Lembra-se de mexer as pernas no meio de algo viscoso e de baixar o vestido para se cobrir, trazendo de volta uma mão tão cheia de sangue que ficou preta. As memórias acabam aí.

Quando acordou, Étiennelette estava ao seu lado; era ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição: a amiga estava grávida de seis meses quando Charlotte perdeu a criança. Pela primeira vez na vida, Charlotte ficou perplexa ao sentir que preferia ter sido visitada por Geneviève, que, no passado, fazia os bebés desaparecerem. Mas, no primeiro outono desde que tinham chegado à Luisiana, Geneviève já tinha partido, acompanhando o marido canadiano para o País de Illinois, ainda mais a norte do que o local para onde Pétronille partira já há quase dois anos. Ao longo das semanas seguintes, Étiennelette falou com Charlotte sobre tudo menos o aborto: uma palavra horrível que Charlotte não conseguia associar ao que lhe tinha acontecido. Tinha perdido um bebé. Consequia identificar-se com isso: com o acontecimento e a dor indescritível que o acompanhava. A frase criava espaço para uma criança. Permitia que vivesse e morresse. O termo «aborto» era diferente; responsabilizava-a pelo fracasso, por não ter sido capaz de gerar um filho ou uma filha como era seu dever.

Charlotte está a tentar engravidar há já um ano, que foi tempo suficiente para Étiennelette dar à luz o seu segundo menino. Quando o primeiro filho de Étiennelette nasceu, Charlotte demorou três semanas a ir vê-lo. Era doloroso pensar em Aurélien, olhar para ele. Era um rapaz irrequieto, com uma vivacidade demasiado evidente. Por isso,

no domingo, quando Charlotte soube que a amiga tinha entrado novamente em trabalho de parto, prometeu a si própria que se portaria melhor desta vez.

— Faz muito bem em sentar-se aqui. — Marthe puxa uma cadeira para Charlotte e arrasta uma parte do tapete. É uma rapariga espigadota, cujo novo apelido Charlotte sabe que é Valade, mas elas nunca falaram. Viu-a no *La Baleine* e algumas vezes na casa de Étiennette em Nova Biloxi. Depois deixou de a ver até que ambas se instalaram em Nova Orleães, há três meses. — Temos de lhe dar algum espaço.

— Sim — responde Charlotte. — Mas é difícil ficar longe de um bebé tão bonito como o dela.

O rosto de Marthe ilumina-se.

— Era mesmo isso que eu ia dizer.

Depois começa a remexer no anel. Lança olhares constantes a Charlotte, como algumas das outras mulheres fizeram depois do ataque dos piratas, como se ela fosse um alvo de curiosidade, como se Marthe estivesse a tentar convencer-se de que aquela menina-mulher tivera realmente coragem para fazer o que fizera no navio. Às vezes, Charlotte pergunta-se o mesmo.

— O seu marido é piloto de barcos, não é? — acaba por perguntar Marthe.

— É. — Charlotte sabe que *monsieur* Valade é um mercador e que é muito mais abastado do que eles. Mas não deveria saber, pelo que se obriga a fazer a pergunta.

— Não faço ideia de qual é o negócio dele, só que foi chamado de novo a Natchez — responde Marthe. — Ele viaja muito. Mas a senhora saberá certamente qual é a sensação de ficar à espera do regresso do seu homem.

— Sei — confirma Charlotte, e, na maior parte do tempo, sabe mesmo.

— Deve temer pela segurança dele. Estes rios são traiçoeiros.

— Não são mais perigosos do que os índios que negociam connosco um dia e se viram contra nós no dia seguinte.

Marthe arregala os olhos. Baixa a voz.

— Já ouviu falar da guerra em Natchez?

— Ora, claro. Como toda a gente.

Marthe parece impressionada. Os olhos da rapariga fazem lembrar olhos de vacas: bojudos e inquisitivos. Charlotte tenta ser mais simpática.

— Tenho uma amiga que vive lá — explica — e estava preocupada com ela.

— Como é que ela se chama? Viajou connosco?

— *Mademoiselle* Béranger... Pétronille — diz Charlotte, mas Marthe

abana a cabeça. — A rapariga com a mancha branca na face — acrescenta Charlotte com relutância.

— Oh, claro. Uma criatura muito estranha. Ela está em segurança? — pergunta Marthe com um ar distraído.

— Está.

A guerra do último outono foi curta, um alívio para Charlotte. Ela sabia que, se se tivesse prolongado, Louis teria de ir para os combates. A guarnição de Fort Rosalie não contava mais de dezoito homens às ordens de um capitão, todos reunidos atrás de uma paliçada apodrecida. Por que razão se mantinham nos postos se a relação com os nativos era pacífica já há alguns anos?

Tudo mudou em outubro, mais de um ano depois de Charlotte ter visto Pétronille abandonar Nova Biloxi. Louis contou-lhe que os problemas começaram quando um sargento francês, chamado La Fontaine, fez uma birra por um homem Natchez não lhe ter levado o milho que lhe tinha prometido no âmbito de um negócio que haviam feito. O sargento La Fontaine não chegou sequer a ser devidamente admoestado pelas mortes que se seguiram. Os Natchez ficaram furiosos, segundo Louis.

A inquietação de Charlotte com a segurança do marido e de Pétronille aumentou com o agravamento da violência. No fim de outubro, o administrador da concessão de Sainte Catherine foi ferido na clavícula. *Monsieur* Guenot era conhecido por tratar mal os aliados Natchez e escapou por pouco aos cinco disparos que o tinham como alvo. Os guerreiros Natchez estavam longe de estar satisfeitos. Os homens da Aldeia da Maçã Branca dispararam sobre a concessão durante uma semana inteira, e Charlotte não conseguia deixar de pensar que Pétronille vivia muito perto da plantação de Guenot, que talvez conseguisse ouvir os sons da batalha ou ver os nativos a reunirem-se e a apontarem para a concessão do cimo da colina.

— A guerra poderia ter sido muito pior — insistiu Louis.

Charlotte concordou: os acontecimentos sucederam-se com tanta rapidez, sendo relatados por sucessivos emissários, que quase não havia tempo para recuperar das últimas notícias antes de as próximas chegarem, repercutindo de Fort Rosalie a Nova Orleães até chegarem à casa de Charlotte em Nova Biloxi. No final de outubro de 1722, Serpente Tatuada, o chefe de guerra dos Natchez na Aldeia Grande, já estava a procurar um acordo entre os franceses e os Natchez das aldeias beligerantes. Três dias depois, a paz foi restabelecida. Louis disse que a delegação Natchez chegou a ir a Nova Orleães para levar o cachimbo da paz ao governador Bienville. Estas palavras não significavam nada para Charlotte, mas eram importantes para Louis, que não se cansava de fazer uma lista das ofertas de paz propostas ao povo Natchez. Facas com pega de marfim, sovelas, cinábrio, varas de

tecido de Limburgo. Mas Charlotte não queria saber dessas ofertas. Imaginava Pétronille perdida no seu próprio mundo, a mimar o bebê na sua casa em Natchez, a sussurrar-lhe que estavam em segurança. Até Pétronille já é mãe.

— Tenho de me ir despedir — diz Marthe, apontando para Étiennette. — Vai ficar mais um pouco?

A luz da primavera infiltra-se por entre as cortinas. Lá fora, as vacas seguem em desfile pela rua, as caudas a bater nas rodas de uma carroça.

— Acho que não — responde Charlotte.

Charlotte sente os olhos de Étiennette a pousar nela assim que se levanta. As gêmeas chamam os cães e os animais começam a correr pelo corredor com as unhas a retinir no chão de madeira. Léonie articula um «adeus» final em silêncio, e Étiennette acena-lhe da cama. Em Paris e no entreposto, a amiga não se importava muito com os passados das raparigas, se vinham de famílias de vendedores de ruas ou de mestres costureiros. No *La Baleine*, eram todas iguais. Porém, depois de as mulheres terem casado, Étiennette começou a prestar atenção às profissões dos maridos. As desafortunadas, as que tinham casado com camponeses famintos, presumíveis criminosos ou cadetes caídos em desgraça, nunca eram convidadas para a casa dela. Isso, só por si, era perturbador. Os homens mudavam a forma como elas olhavam umas para as outras: o que as mulheres queriam e ambicionavam, o que achavam que mereciam.

Étiennette deixou de procurar a irmã poucos meses depois de casar com *monsieur* Feuger. Charlotte lembra-se do dia em que a amiga perguntou ao marido, na primavera do primeiro ano que passaram em Nova Biloxi, se ele poderia tentar descobrir alguma coisa sobre Marceline. *Monsieur* Feuger defendeu que a pesquisa era inútil, mas acabou por ir ao edifício da administração. Voltou de mãos vazias. Disse a Étiennette o que tinha descoberto: que as certidões de casamento dos últimos anos tinham sido destruídas por uma tempestade, ou talvez um incêndio, o intendente só repetiu o que tinha ouvido, uma vez que estava em Paris na altura. Fosse como fosse, já não existiam, e, sem esses registos, de que outra forma poderiam tentar descobrir o paradeiro de uma mulher na Luisiana? Charlotte baixou os olhos para os pés, perguntando-se se seria verdade: se estavam realmente a apenas um documento de distância de desaparecer.

Depois daquela tarde, o nome de Marceline não voltou a ser mencionado. Charlotte tem esperança de que Étiennette chegue à conclusão de que o acesso às certidões de casamento não importaria muito: que, dada a vastidão da Luisiana e o perigo que corriam, era melhor que elas se cingissem às pessoas que ainda estavam com elas e



que conheciam melhor. Às vezes, Charlotte não consegue deixar de se questionar se Étiennette seria sua amiga se não se conhecessem há tanto tempo. Depois, sente-se mal por ter tal pensamento: quando a comida se torna tão escassa que só os «amigos» do administrador podem aceder aos entrepostos, Étiennette traz-lhe sempre alguma coisa.

Charlotte senta-se na ponta da cama. O recém-nascido contorce-se nas faixas de linho e depois desiste de se mexer.

— Cá estás tu — é tudo o que Étiennette diz.

Charlotte faz questão de ficar depois de Marthe desaparecer e ama de leite levar a criança. Só então, quando ficam as duas, é que ela reconhece verdadeiramente Étiennette. A forma como a amiga passa a mão no rosto num gesto fluido quando está cansada, como se o contacto de pele com pele pudesse varrer a fadiga. Às vezes, Charlotte imagina que é a palma da sua mão que passa na testa de Étiennette, que lhe desce pelo nariz, que lhe roça os lábios. Sente as faces a afogues-se e tenta concentrar-se num medalhão, num castiçal, numa cómoda fechada. Já recebeu punição suficiente pelos seus pensamentos: o ventre como lugar inóspito, frio e ameaçador, uma cova funda onde os bebés se afogam.

— Vi-te a falar com a Marthe — comenta Étiennette, endireitando-se com o apoio de uma almofada.

— É uma moça encantadora.

Étiennette ri-se.

— Não me consegues mentir.

— Está bem — diz Charlotte —, ela é quem é.

— Eu sabia que ias achar os remédios dela interessantes.

— Como assim?

Étiennette franze o sobrolho.

— A Marthe não tentou impingir-te as receitas secretas que ela tem? Não te contou a interminável história de como conseguiu finalmente ter um filho? — Étiennette revira os olhos. — De que raio é que vocês falaram, então?

— Da Pétronille e da guerra, pouco importa. Ela não disse uma palavra sobre nada disso.

— Bem, dada a situação — diz Étiennette —, pensei que o assunto surgiria naturalmente.

Charlotte ajeita-se melhor. Tem vergonha da barriga. Está perfeitamente ciente de como as outras mulheres olham para ela: um vaso partido, uma esposa incompleta.

— Não... És a única com quem falo sobre essas coisas — responde Charlotte, e a voz sai demasiado baixa.

— Bem, talvez devesse falar disso com as outras também — replica Étiennette —, porque podem ser capazes de te ajudar de

alguma maneira.

Poderia Geneviève ter ajudado? Sabia mais sobre bebês do que qualquer uma das outras raparigas que haviam viajado no *La Baleine*, mas esse conhecimento fora posto ao serviço do fim errado. E agora Geneviève está demasiado longe, há muito desaparecida.

— Está bem.

O pequeno sino da igreja de Saint-Louis começa a tocar, abafado pelos painéis de madeira. O edifício na Place d'Armes não merece o nome que tem: por enquanto, as missas e as cerimónias de batismo e casamento são celebradas num simples armazém. Charlotte não faz ideia das horas.

— É melhor ir — diz.

Étiennette assente. Esfrega o nariz e olha para ela.

— Fico feliz por teres vindo — diz, dando uma palmadinha na mão de Charlotte.

Charlotte tem de recorrer a todas as suas forças para não puxar a mão da amiga.

Nem sempre consegue resistir. Há noites em que não tem capacidade para deixar de se imaginar deitada no entreposto, já há um pouco mais de dois anos, com o rosto tão próximo do pescoço de Étiennette que conseguia sentir os pequenos cabelos da amiga a tremerem encostados à sua boca. Aquelas primeiras semanas na Luisiana foram muito frias, e, quando os pesadelos cheios de mulheres aos berros e piratas distorcidos a acordavam, Charlotte tentava convencer-se de que não havia problema nenhum em procurar todo o calor que conseguisse encontrar. Partilhara uma cama com Étiennette durante muitos anos em Salpêtrière. Mas foi só naquela noite no entreposto que percebeu que havia muitos tipos de calores. Lembra-se da data exata, 16 de janeiro, porque foi o dia em que acordou com sangue encrustado nas unhas pela primeira vez, cólicas a afetar-lhe o baixo-ventre e as costas, e teve de ir atirar água para o meio das coxas enquanto outra rapariga gritava «*la petite* é uma de nós».

Naquela noite de janeiro, estava meio a dormir. Hoje não tem a certeza se é verdade, mas, naquela altura, foi o que sentiu: tudo lhe pareceu lento, escuro e possível. Tinha palha debaixo da cabeça, um cobertor de lã a fazer-lhe comichão na barriga da perna, as pernas de Étiennette encostadas às suas, e a boca a roçar a nuca da amiga e a demorar-se lá. A vulnerabilidade daquele momento era perfeita e desastrosa. Não havia dúvida de que Étiennette tinha acordado: não se pode dizer «não» com tanta clareza a dormir.

Em Nova Orleães, Charlotte ainda sente o peito a tremular quando vê Étiennette. O corpo da amiga mudou ao longo dos últimos dois anos: tornou-se mais arredondado, mais assertivo, como se ela fosse

capaz de aguentar mais do que no passado. Provavelmente é. Como poderia lidar com os dois filhos, a necessidade constante que têm de comida, atenção e amor se assim não fosse? Étienne dá-lhes muito. As fatias de tarte que acabam esmagadas debaixo dos pés de Aurélien, olhares de alerta do outro lado de uma sala e beijos tão vorazes que deixam o cabelo do petiz desalinhado.

Charlotte dá o que pode ao marido, mas fá-lo com muita parcimónia quando Louis está em casa, o que não é frequente. Sente-se retida no tempo, de volta ao entreposto, ao momento em que Étienne se virava para o lado e sussurrava que não. A afeição que sente pelo marido não é nada comparada com o que sabe que é capaz. Iria amar tanto o bebé. Um amor sem culpa, um amor que ela não consegue imaginar.

Louis deveria ter voltado na semana em que Étienne teve o filho. Charlotte está habituada às demoras, ao silêncio, à incerteza, mas é a primeira vez que Louis desaparece durante tanto tempo: já partiu há quase um mês. Desta vez, não está a trabalhar no L'Anglois, um rio a sul de Nova Orleães, mas algures a norte do lago Pontchartrain com uma patrulha de soldados a precisar de direções. Quando ela lhe perguntou como é que ele podia conduzir as pessoas para um lugar onde nunca tinha estado, Louis riu-se.

«Acredita em mim. Sou capaz de compreender uma corrente ou um vento melhor do que qualquer um desses homens», respondeu.

Charlotte sabe que ele é mais feliz quando está nos rios. Louis vem da ilha de Oléron, ao largo da costa de La Rochelle. As primeiras memórias que tem são do oceano, de estar no barco de pesca do tio com três anos, de ver um robalo gigante a bater contra ele com tanta força que quase perdeu a consciência.

«A questão é que, na altura, eu não era mais forte do que um peixe», disse-lhe ele uma vez, pouco depois de ela perder o filho. «E percebo que pensas o mesmo de mim», acrescentou, olhando de relance para ela. Ela sorriu: Louis estava sempre a precisar de um reforço de tranquilidade. Charlotte disse-lhe que ele era tão forte como ela poderia esperar que ele fosse. Ele não pareceu convencido, mas acariciou-lhe a face. Ela gostava das histórias do marido, que acabavam muitas vezes em jeito de piada. E o que ela precisava na altura era de piadas. E hoje não é diferente.

Mudaram-se para a casa nova em janeiro, já lá vão três meses. Ao olhar para Nova Orleães, logo depois de chegarem, era-lhe difícil acreditar que uma tempestade tinha assolado a cidade pouco mais de quatro meses antes e destruído a igreja, o presbitério e as cabanas dos colonos a ponto de as águas da baía pantanosa de Saint-Jean chegarem a ameaçar afundar toda a pólvora, que foi salva por pouco.

Em Nova Biloxi, o vento e a água levaram tudo com eles; Charlotte ficou aliviada ao deixar toda aquela devastação atrás das costas. Em Nova Orleães, as pessoas faziam o que podiam para falar desinteressadamente do furacão de setembro de 1722. Devastou a cidade durante horas, mas o número de mortos foi relativamente baixo. As cabanas não tinham sido construídas para durar, não se enquadravam com o alinhamento da cidade: fosse como fosse, teriam de ser desfeitas e reconstruídas.

A experiência de Charlotte em Nova Biloxi foi diferente. As casas tinham sido destruídas, e a cidade completamente inundada; ainda conseguia ver corpos a flutuar nos novos cursos de água, ouvir os gritos de pessoas que tinham perdido tudo. Charlotte sabia que havia raparigas do *La Baleine* que tinham morrido na tempestade; estava aliviada por Pétronille e Geneviève não terem tido de presenciar o acontecimento. Apesar do que toda a gente dizia na capital, Charlotte sentia o impacto do furacão na colónia. A oeste de Nova Orleães, a costa rica a que *monsieur* Feuger chama a «horta da capital» foi inundada e as colheitas foram destruídas; até os camponeses alemães, colonos que cultivavam aquela região fértil da colónia, tiveram dificuldade em manter os preços baixos. Os ovos e as ervilhas encareceram muito, a carne fumada tornou-se um luxo. Pouco depois de chegarem a Nova Orleães, Louis apressou-se a construir paliçadas em redor da terra, conforme as ordens do governador. Quase não tinham dinheiro para a madeira erigida para os proteger da próxima tempestade. Mas também não tinham dinheiro para pagar a multa da administração.

Os poucos arpentos que lhes foram atribuídos ficam na extremidade norte de Nova Orleães. Os limites da propriedade eram mais claros no papel. Charlotte não sabe se a floresta de ciprestes que lhe cinge o jardim lhes pertence, e duvida que alguém saiba. Vivem num local onde a cidade acaba e a floresta começa. Tiveram sorte: quando chegaram, parte da terra já tinha sido limpa pelos funcionários da Companhia. Louis só tinha de terminar o trabalho se quisesse ficar com o terreno, e Charlotte ajudou-o como pôde. Arrancou ervas daninhas, recolheu canas caídas, extraiu trepadeiras e raízes do solo húmido. Foi mordida por um gato selvagem, salvou dois pássaros bebés quando Louis não estava a ver. Nova Orleães deu-lhe cabo das costas, fez-lhe bolhas nas mãos. No entanto, pela primeira vez em dois anos, o arvoredo da Luisiana mostrou-se vulnerável. A floresta resistiu, mas a parede verde e opaca que costumava escarnecer de Charlotte em Nova Biloxi foi recuando gradualmente. Os vizinhos foram ajudar a derrubar as árvores e os caniçais que iam precisar para construir a casa onde pretendiam morar: os mesmos carpinteiros e pedreiros que sobreviveram ao furacão e recuperaram a cidade em poucos meses. A

estrada de terra onde Charlotte vive foi recentemente batizada de Rue de Bourbon.

O rio corre no lado oposto da cidade, mas o cheiro acre entra pela casa sem ser convidado: trata-se do delta que convenceu os responsáveis a mudar a capital da Luisiana para Nova Orleães. Passageiros, bens e animais poderiam deixar de parar na ilha do Navio e serem carregados para pirogas para continuarem a viagem. Os barcos podiam atracar trinta e duas léguas mais a sul e subir o rio St. Louis diretamente para a cidade e para os outros fortes. O rio tornar-se-ia a avenida aquática com que a administração real tinha sonhado. Quando a decisão foi tomada, Louis não escondeu a desilusão. Nova Orleães não passava de um brejo, que ficava inundado metade do ano. Disse que os homens de peruca não sabiam nada sobre o difícil trecho na foz do rio St. Louis, onde perigosos bancos de areia obrigavam as tripulações exaustas a descarregar e recarregar os navios só para poderem entrar no rio.

«Sempre é melhor do que Mobile», concluía. Mas Nova Biloxi, onde já tinham assentado, não iria tornar-se o centro urbano daquele território pantanoso.

Charlotte não se lembra de quase nada da viagem para o oeste. Estava demasiado aliviada por o marido de Étiennette também ter decidido mudar-se para Nova Orleães. Muitos tinham tomado a mesma decisão depois da terrível tempestade que atingiu a costa. Nos escaleres e nas pirogas que os levaram para a nova cidade, Charlotte reconheceu mais de um rosto do *La Baleine*. Fazia frio na altura. A maioria das mulheres tinha bebés aconchegados aos peitos.

Uma semana depois da visita que fez a Étiennette, Charlotte decide perguntar por Louis na casa do intendente. Nos últimos tempos, o sono tem sido perturbado por pesadelos tão vívidos como os que a assombravam depois do ataque dos piratas: o barco a remos desaparecido, o convés tão grande e plano como o mar, os homens a persegui-la. Agora, a violência dos sonhos que a acordam é menor. Neles, Louis foi-se e, com ele, as esperanças de Charlotte ter um filho. Étiennette desapareceu, assim como Pétronille e Geneviève. Charlotte está sozinha.

Põe o melhor vestido que tem para ir à casa do intendente. A renda da manga direita está rasgada, mas ela esconde-a debaixo da capa. Duvida que venha a ser recebida: as únicas mulheres que já viu entrar no edifício administrativo da Place d'Armes iam acompanhadas de homens. Mas Louis está fora para contribuir para a colónia. Está a conduzir soldados para os postos avançados do Norte, para ajudar a defender os frágeis assentamentos franceses. A única coisa que ela pode fazer é esperar que abram uma exceção no seu caso.

O clima está inusitadamente frio para um dia de fim de abril. O

jasmin, já em flor, ilumina as ruas cinzentas e castanhas que só recentemente receberam nomes. Charlotte vira na esquina da Rue d'Orléans. Uma criança vende facas gastas e pegas brilhantes, sopra para as mãos para as manter quentes. Charlotte baixa o capuz da capa quando alguém a chama.

— *Madame* Charpillon — repete a voz feminina. A mulher que está a caminhar na direção de Charlotte está envolta num manto, mas o tecido parece menos puído. Charlotte demora um segundo a reconhecer as faces arredondadas de Marthe, o sorriso benevolente. — Bem me pareceu que era a senhora — diz ela, pousando a mão de modo hesitante no braço de Charlotte. — Vai à casa da Étiennette?

— Hoje não — responde Charlotte. Foi visitar Étiennette no dia anterior e a amiga voltou a perguntar-lhe se ela tinha falado com Marthe. Étiennette pareceu ter ficado desiludida, quase zangada, quando Charlotte disse que não, como se Charlotte fosse culpada por não procurar ajuda onde a pudesse encontrar. — Vou à casa do intendente — diz-lhe.

Marthe segue-a pela Rue d'Orléans abaixo. Trabalhadores alemães descarregam ferramentas e tábuas de madeira em frente a um terreno ainda cheio de ervas e canas. Junto ao parapeito, vê-se água castanha a correr na vala. A época das chuvas começou no mês passado e Charlotte sabe que vai ter de suportar roupa húmida até ao fim de junho.

— Para quê?

— Para perguntar pelo meu marido — esclarece Charlotte. Não quer que aquela mulher sinta pena dela, não quer que ela lhe faça perguntas para as quais não tem respostas. — A Étiennette está a insistir para que eu fale consigo sobre filhos.

O rosto de Marthe descai.

— Aconteceu alguma coisa aos filhos dela?

— Não. — Charlotte baixa a voz. — Refiro-me a ter filhos. — Fica à espera de uma chuva de perguntas. Mas Marthe não diz uma palavra. Parece pensativa. — Estou a tentar há mais de um ano — acrescenta Charlotte.

Um fabricante de perucas abre a porta da oficina tão bruscamente que elas quase lhe batem de frente.

— O que é que lhe aconteceu antes disso?

Tirando Étiennette, Charlotte nunca contou nada a ninguém sobre o aborto. Se Geneviève estivesse por perto, saberia o que fazer, como no dia em que estavam a ver Pétronille a subir à piroga e ela lhe recomendou que bebesse sumo de limão para diminuir os enjoos. No entanto, Geneviève nunca se dedicou à salvação de bebés.

Os remédios de Marthe são bastante elaborados. Incluem chifres de veado, bosta de vaca, pelo de cabra e mel. Marthe dita as instruções

ao ouvido de Charlotte. Charlotte tem de fazer um cinto de pelo de cabra, mergulhá-lo em leite de um jumento e usá-lo na cama com o marido. Tem de beber água com mel antes de ir dormir e esperar por uma ferroada junto ao umbigo: se Charlotte a sentir, tem um filho dentro dela. Tem de ficar atenta ao formato da barriga: se for mais arredonda no lado direito, quer dizer que é um menino; se for no lado esquerdo, é uma menina.

— Foi a minha madrastra que me ensinou isto tudo — explica Marthe. — Não conseguia dar um filho ao meu pai.

— E acabou por conseguir?

— Sim — responde Marthe, subitamente com um ar mais infeliz — e todos o lamentamos.

Param na Place d'Armes, entre a cadeia e o quartel reconstruído. Veem três homens a sair das casernas temporárias para os soldados, com tambores e cornos de pólvora. Do interior, alguém chama por um sargento, depois pelo capitão do regimento suíço. Marthe levanta a voz para ser ouvida.

— Eu vou providenciar-lhe todos os ingredientes necessários — diz.

Charlotte promete experimentar. O que é que ela tem a perder? Há algo apelativo nas instruções de Marthe: a especificidade parece uma garantia de sucesso. Isto se Louis voltar para casa. Charlotte atravessa a praça, passa por um burro minúsculo conduzido por um rapaz pouco mais alto do que ele, por mulheres a vender furtos verdes e por um padre a espirrar no frio ao entrar no pavilhão que faz as vezes de igreja. De onde está, consegue ver o rio que leva Louis e que o traz de volta. Louis conta-lhe sempre a mesma história sobre o porto, uma história que ouviu dos membros da tripulação do barco em que trabalha e que o diverte: que, em outubro, o *La Loire* e o *Les Deux Frères* saudaram Nova Orleães com uma salva de tiros e que a jovem capital, demasiado fraca e mal abastecida, quase não conseguiu responder à homenagem do navio com um tiro que fosse. Charlotte desvia os olhos da água e apressa-se a avançar. As portas dos armazéns estão abertas e há barricas de arroz e ervilhas a serem descarregadas; um estivador grita-lhe para sair da frente, embora ela nunca se tenha metido no seu caminho.

Não tem dificuldade em entrar na casa do intendente, mas, no interior, ninguém lhe sabe dizer mais do que ela já sabe. Louis partiu, com outros homens, para o rio Pascagoula. Deveriam ter voltado há oito dias. Não deveria uma jovem como ela estar em casa com os filhos?

Depois de chegar a Nova Biloxi, Charlotte só tentou falar com Étienne sobre a noite de janeiro no entreposto uma vez. Permitiu-se

fazê-lo no início do outono de 1721. Estava grávida e sentia-se protegida; a criança era um escudo. Com ela, deixaria de haver segredos no escuro, não haveria mais lábios à procura de pele. Haveria duas amigas, duas mães. Naquela manhã de setembro na casa de Étienne em Nova Biloxi, Charlotte estava à procura de um ponto final. De uma palavra que dissesse que a amiga a perdoava. Mas algo caiu ao chão, uma criada bateu à porta, o bebê que a amiga tinha na barriga começou a dar pontapés. Étienne estava distraída. Pediu a Charlotte que repetisse o que tinha dito.

«Nada», respondera Charlotte.

Não tinha dito nada.

O corpo de Charlotte castiga-a por ela ter aqueles pensamentos. A dor que lhe acompanha o período é indizível, uma lâmina que lhe fere, mói e agita as entranhas no baixo-ventre. Transforma-a num fantoche, obriga-a virar-se de lado, de costas, e cada nova posição é tão insuportável como a anterior. Sobe-lhe ao espírito, apaga-lhe o pensamento e acumula-se até se transformar num enjoo que a faz ajoelhar-se e debruçar-se sobre um balde: se, pelo menos, pudesse tirar algo do corpo, poderia sentir-se melhor. Cospe bílis e volta para a cama. Já sabe que nunca se vai habituar à dor.

Parece impossível que tanto sofrimento possa ser em vão.

Louis volta para casa duas semanas depois da visita de Charlotte ao intendente, uma semana depois de o período ter terminado. O mês de maio já começou e a chuva cai na cidade, forte e persistente, inundando as ruas. Quando Louis chega, Charlotte está a tentar livrar-se do vizinho, Pinet, um armeiro francês que, por razões que ela desconhece, foi mandado embora da colónia de Senegambia pela Companhia.

— Os fugitivos — murmura Pinet. Fica sempre muito perto dela, com um hálito a cera de vela e vinagre. — Voltaram a estar aqui ontem. Está ferida? Ouviu-os?

Ela diz que não. Diz-lhe sempre que não, mesmo quando barulhos a despertam de noite. É verdade que os nativos que tinham sido escravizados e que fugiram aos franceses perambulam pela floresta, matam gado e roubam colonos. Mas Charlotte recusa-se a deixar que o terror apregoadado pelo homem a atemorize. Assim que uma pessoa cede ao medo, nunca mais lhe escapa; o *La Baleine* ensinou-lhe isso. A mulher africana de Pinet olha para eles da entrada de casa. E, para além dela, a caminhar na estrada de terra, está Louis. Charlotte acena-lhe e corre para a rua, deixando o vizinho a falar sozinho.

Detém-se a poucos passos do marido. Naqueles primeiros segundos de cada vez que volta a casa, Louis transforma-se no estranho que já foi no passado. Ele abre um sorriso. Ela aproxima-se.



— O vizinho estava a maçar-te com os disparates dele outra vez?  
— pergunta-lhe o marido. Aponta para Pinet, que já está de saída, a alisar as *culottes* com as mãos.

— Vou começar a preocupar-me com ele no dia em que ele parar — diz Charlotte.

A porta da casa dos Pinets fecha-se. Louis está a suar e traz com ele o cheiro de garça e silte que por vezes demora dias a abandonar-lhe a roupa. O odor enche as narinas de Charlotte quando ela lhe encosta a face ao peito. Louis voltou a ser Louis.

— Lamento ter-te deixado preocupada — diz ele.

— Não me preocupe assim tanto. — Abraça-o com mais força.

— A sério? Mal consigo respirar. — Ri-se.

Charlotte larga-o. Louis está com ar de quem passou semanas a viajar: roupa a precisar de conserto; a barba, de um escanhoamento; as bochechas, de uma boa refeição. Com o rosto sujo, os olhos parecem mais claros. Tem um corte profundo no cotovelo, mas nada que não sare. Há dois anos, voltou da primeira viagem que fez com febre, a pele queimada, os braços e ombros cobertos de bolhas. Naquele verão, Charlotte temeu pela vida do marido. Louis parecia não estar preocupado; olhava para as mãos feridas e fazia piadas sobre as cobras que trocam de pele.

Ele segue-a para dentro de casa e deixa as botas junto à porta do quarto, embora ela lhe esteja sempre a dizer para as deixar num local onde não estorvem. Charlotte leva-as para fora para secarem.

— Eu não tenho culpa — diz Louis. — O problema é este diabo deste lago. Deveríamos ter voltado há três semanas. — Senta-se na cadeira junto à lareira e massaja os pés. — Até parece que estamos no Atlântico quando navegamos naquelas águas — continua. Abana a cabeça em reprovação como se estivesse a falar sobre uma criança traquinas e não sobre água. Conta que, no caminho de volta, estavam quase a chegar ao continente quando depararam com ventos tão fortes que tiveram de dar meia-volta e atracar na ilha Redonda. Ficaram lá encalhados durante duas semanas, a comer ostras, guaxinins e, uma ou duas vezes, porcos selvagens. — Mas não reclamávamos da sorte mesmo quando não os encontrávamos — diz Louis. — Encontrámos um riacho no segundo dia. Sem isso, terias tido boas razões para te preocupares.

— Não precisava de saber isso para temer por ti.

Louis sorri-lhe e pousa o pé. Tem as mãos sujas, mas ela senta-se ao colo dele e deixa-o enterrar-lhe a cabeça no pescoço. Quando se conheceram, ela sentiu-se ansiosa e curiosa em igual medida: Louis era o primeiro homem que ela conhecia. Ouvira histórias terríveis sobre casamentos. Noites de núpcias piores do que pesadelos contados em sussurros e frases deixadas a meio. A dela doeu, é claro que doeu.

Mas não mais do que ela previa, depois de tantas advertências, depois do que temeu após o ataque dos piratas. O que ninguém lhe disse foi que as noites que se seguiriam poderiam ser indolores, quase apazíveis. Pelo menos quando Louis não está embriagado, nem com pressa.

Louis não é perfeito, mas poderia ser bem pior.

A casa parece maior quando ele está em casa. De manhã, encontra-o a remendar a rede, de perna cruzada junto à lareira. Quando ele viaja, Charlotte come as refeições diretamente da panela e passa a maior parte do tempo no jardim, a lutar contra os arbustos que ameaçam reclamar o que já foi deles. Às vezes, Charlotte canta canções do tempo que passou em Salpêtrière: canções de embalar que ouviu das tias, baladas que ouviu no *La Baleine*. Fazem com que se sinta menos sozinha: talvez, algures, alguém a esteja a ouvir.

Nunca se aventura até ao quarto não mobilado dos fundos, onde Louis gosta de ler. Fora uma das coisas que mais a surpreendera depois de casarem: descobrir que um homem como ele, que parecia mais à vontade na água do que em terra, era capaz de gostar de folhear um romance de Challe ou alguns ensaios quando voltava dos rios. Devia a capacidade de ler ao tio que o criou, um homem afável e solitário que sabia tanto de poesia como de ventos e marés. Mas, no quarto estreito virado para a floresta, Charlotte já não vê livros, só o berço onde Louis guarda anzóis e iscos. Foi ele que insistiu que levassem o berço com eles quando partiram de Nova Biloxi. Disse a Charlotte que teriam muitos filhos em Nova Orleães e que os bebés só estavam à espera de que eles assentassem de uma vez por todas. Que ela não precisava de se preocupar, ainda não tinha sequer quinze anos, e tinha todo o tempo do mundo.

Ele tem razão; se há coisa que ela tem, é tempo.

Mas há alturas em que Charlotte sente que não tem tempo nenhum. Louis diz-lhe que não demorará a partir outra vez, para sul de Nova Orleães desta vez, onde fica o novo forte de La Balize. Foi escolhido para substituir um piloto costeiro que ficou doente e vai conduzir os navios que chegam pela perigosa barra que marca a entrada do rio St. Louis. Charlotte sabe que, ao fim de algumas léguas, a floresta se torna tão densa que impossibilita a navegação e que os navios têm de ser rebocados, o que faz com que, por vezes, demorem seis semanas a chegar à capital. Mas quando ela lhe pergunta quanto tempo ele vai estar fora, Louis encolhe os ombros.

— Depende da saúde do homem — responde.

Só têm um punhado de noites juntos. Charlotte tenta não o recriminar por estar tanto tempo fora. Se não estivesse, não teriam casa, nada para vestir nem comer. Charlotte morreria à fome, tal como o filho dos vizinhos em Nova Biloxi. Parte dela pensa que ele é

demasiado bondoso por ficar com ela. Charlotte sabe que é preciso boas razões para se ser abençoada. Ainda assim, durante as duas semanas que passa com Louis, Charlotte experimenta o remédio de Marthe. Marthe não lhe leva o cinto de pelo de cabra, mas uma mistura para Charlotte colocar debaixo do colchão. O preparado tresanda, mas menos do que ela estava à espera. Não faz ideia de onde vem o pó de corno de veado. Já a bosta de vaca não lhe custa adivinhar.

Louis parte. Charlotte faz o que sabe fazer melhor. Esperar com o coração vazio.

Volta a visitar Étiennette. Na casa da amiga, o tempo passa de forma diferente, parece-lhe mais tangível. Hugo já tem quase um mês e meio e já dorme a noite toda: um prodígio. Aurélien riu-se pela primeira vez no inverno passado a caminho de Nova Orleães ao ver um homem a cair de uma piroga antes de ser pescado por um construtor de barcas. Agora, no fim de maio, o rapaz cambaleia entre Charlotte e Étiennette a olhar para a mãe como se fosse apenas a atenção da progenitora que o mantém de pé. Talvez seja, porque assim que Étiennette desvia o olhar o petiz cai de costas. Charlotte ajuda-o a levantar-se. Detesta o rapaz, mas ama-o com todo o coração. Deveria ter começado a sentir as dores horríveis no início da semana. Mas não começou. Está atrasada quatro dias.

Depois uma semana. Duas. Chove tanto que a cidade desaparece debaixo das canas lodosas e do musgo denso, transformada no pântano que deixou de ser há pouco tempo. O sentimento febril que se abatia sobre Charlotte sempre que as baías pantanosas e os rios subiam, sempre que ameaçavam levar as docas, os barracos de armazenamento, os arrozais, como se o mundo inteiro pudesse ficar inundado, já não existe. Os rumores segundo os quais Bienville proibiu que uma multidão de mendigos embarcasse no *Le Dromadaire*, no *La Loire* e no *Les Deux Frères* para fugir da colónia e regressar a França tornam-se fáceis de ignorar. A convicção de que poderá estar grávida é uma âncora; de repente, a cidade parece suficientemente robusta para resistir a outra primavera. Charlotte senta-se à porta de casa. O Sol brilha de novo, secando os celeiros e a casa e trazendo Louis de volta. À frente dele, Charlotte não consegue ficar calada. Não disse a ninguém, nem sequer a Étiennette nem a Marthe, mas um dia antes de ele partir novamente conta-lhe tudo.

— Estás a ver? — diz ele. — Eu disse-te que ia tudo correr bem. — E ela quer acreditar nele como nunca acreditou em nada na vida.

Ninguém estava à espera de que o verão fosse tão húmido. Os vendedores de rua preveem mais inundações, os lavradores estão preocupados com as colheitas, mas Charlotte está muito alheada desse tipo de preocupações. Limpa as poças junto à lareira, pendura os

lençóis para os secar, vai a casa de Étienne. A ideia de que a amiga possa não estar sozinha quando chegar, que possa haver outra pessoa com ela, dá-lhe força. Já não é diferente de Étienne: em breve será mãe e deixará de ser uma menina.

Num dia tempestuoso de junho, Charlotte segue a criada de Étienne até ao jardim da casa na Rue de Chartres. O céu está a escurecer, o ar está pesado; os moscardos voam sobre as flores brancas dos morangueiros com sonoros zumbidos. Com Hugo a dormir a sesta ao lado dela, Étienne está a coser à sombra de uma ameixeira. Charlotte senta-se ao lado dela, os braços das cadeiras a tocar-se.

Étienne retoma o trabalho. Começa a falar sobre a festa que pretende dar em meados de agosto. Uma festa que pode não ser digna do nome em França, mas que também seria inimaginável se *monsieur* Feuger não gerasse as reservas dos armazéns. Detém-se.

— Estás a ouvir-me?

— Estavas a perguntar se deverias convidar o cirurgião.

— Estava a perguntar-te se poderias cantar. Esquece. O que é que se passa?

— Nunca cantei em público sem acompanhamento.

— Vai haver músicos. Mas esquece isso agora. Aconteceu alguma coisa?

— Não.

Hugo agita-se. Os pés empurram os seios da mãe como se fossem massa de pão, lençóis ou ar. Étienne reajusta o cordão que vai até às dobras do pescoço do bebé.

— O que é isso? — pergunta Charlotte.

Étienne cutuca o colar e pega no que aparenta ser uma pedra pequena.

— Um dente de potro. — Encolhe os ombros. — A Marthe diz que evita as dores de dentes.

— Quanto tempo é que ele tem de o usar?

— Por acaso já estás a levar os remédios da Marthe a sério?

— Provavelmente devia fazê-lo.

Étienne larga o dente. Fita Charlotte com os olhos semicerrados.

— Porque é que não disseste nada?

— Não sei — responde Charlotte. Mas sabe: as esperanças de estar grávida tornam-se realidade se ela as proferir em voz alta.

— Eu não tive certezas acerca do Hugo até ele começar a dar pontapés — observa Étienne. — Não parece estar com enjoos.

— Não tive o período.

O rosto de Étienne faz-se mais doce. Subitamente, parece a rapariga que Charlotte recebeu em Salpêtrière e a quem sussurrou que tias deveria temer e em que tias deveria confiar.

— Então poupa-te — diz Étienne. — Deixa de andar tanto. Eu

vou ter contigo da próxima vez. Ou mando uma carruagem para te ir buscar.

Charlotte assente. Deixa Étiennette dar-lhe umas palmadinhas nos saíotes. Sente o calor habitual sob a mão da amiga, persistente e familiar. Tira os olhos dos dedos de Étiennette e olha para a barriga. Seria capaz de jurar que já está maior.

As outras mulheres nunca foram tão atenciosas e simpáticas com Charlotte como estão a ser neste verão. Quando ficou grávida pela primeira vez, foi diferente. As últimas mulheres do *La Baleine* tinham acabado de se casar, outras estavam a conhecer os maridos. Eram mais tímidas e menos zelosas do que viriam a tornar-se. Foi preciso tempo e uma capital nova para recriar a solidariedade nascida no *La Baleine*.

Em junho e julho, algumas raparigas vão até visitá-la a casa. Levam flores, imagens de Santa Margarida, e sussurram orações à virgem que Charlotte nunca ouviu. Alguém sugere que ela aprenda a tocar um instrumento musical, talvez harpa ou flauta, como se fossem fáceis de encontrar em Nova Orleães. Seja como for, deveria cantar mais. Dizem que tudo começa agora muito antes de ela conhecer o bebé. O que importa é onde põe os olhos. É importante que se rodeie de beleza e evite imagens perturbadoras.

Charlotte faz o que lhe dizem. Em meados de julho, a construção do hospital é finalmente concluída. Louis chega a casa a dizer que centenas de pessoas acorreram ao local, mas a ala para doentes conta apenas com oitenta camas. Parece preocupado; ouviu um mestre carpinteiro de carruagens e um marceneiro a falar de deserção. Charlotte tranquiliza-o: as coisas vão melhorar, eles vão ficar, não têm escolha. O bebé não tarda a chegar.

Quando Louis volta a partir, na terceira semana de julho, dizer adeus não custa tanto a Charlotte como é habitual: o marido vai estar fora um mês, mas ela não estará sozinha. As raparigas vão fazer-lhe companhia.

Uma tarde, quando Marthe se ajoelha para pegar numa colher que Charlotte deixou cair, Étiennette ri-se.

— Isso era o que eu mais detestava quando estava de esperanças — diz ela. — Ver toda a gente a tratar-me como se eu fosse um bebé.

Mas Charlotte não se importa que a ajudem ou cuidem dela. E não se sente nenhum bebé. O estado em que se encontra tem poder, está a dar forma a uma vida que cresce dentro de si.

As mulheres não falam tanto da barriga de Charlotte como falam dos olhos.

— Os meus olhos? — pergunta Charlotte, divertida, da primeira vez que os referem.

As mulheres ficam imperturbáveis. Sim, dizem, as imagens

transformam-se em vibrações e sensações que se transmitem ao bebé. Charlotte não tem controlo sobre a barriga, mas pode escolher o que quer ver. À noite, vira-se e revira-se no colchão, que lhe parece demasiado grande sem Louis. Os pensamentos são imagens? Podemos deixar de ver aquilo com que sonhamos? Étiennette a agitar-se na palha, a cabeça a baixar, a parar, o nariz a roçar no queixo de Charlotte, os lábios a recuar num sorriso, um espaço minúsculo entre os dentes, os olhos a ficarem mais azuis, mais luminosos: azuis como o céu de junho, quase transparentes. E quando a mulher no sonho diz «Estás a dormir?» é a voz de Geneviève que Charlotte ouve.

Quando Charlotte desperta, está a respirar muito depressa. O coração palpita, sente humidade entre as pernas. Charlotte contém as lágrimas e fica deitada sem se mexer até ao amanhecer. Depois levanta-se, lava-se, quebra lenha e espalha manteiga nas migalhas frágeis de pão cediço. Quando a luz já é suficiente, Charlotte olha em volta. Afasta o sonho da memória e o rosto de Geneviève torna-se mais fácil de ignorar. Volta a lembrar-se das mulheres: o que importa é aquilo onde pomos os olhos. Escolhe com cuidado. Um ovo sarapintado, gotas de chuva presas numa teia de aranha. Vai para o quintal. Abelhas refletidas no olho de um gato. Folhas a tremeluzir em tons de branco e verde como mãos a acenar.

Acabaram-se os sonhos. Charlotte pergunta-se o que a mãe terá visto quando estava grávida dela, mas a única coisa que consegue imaginar é um toucado amarelo. Tenta não pensar no desespero da mulher, no inverno atroz que congelou Paris naquele ano. Carregar um filho no ventre é a única experiência que alguma vez terá em comum com a mulher que lhe deu vida e que mais tarde a levou para Salpêtrière. A mãe continuará a ser um ponto de interrogação, mas Charlotte saberá tudo sobre o bebé que irá dar à luz.

A caminho da casa de Étiennette para ir jantar, Charlotte sentiu o que pensa serem cólicas, severas e implacáveis. Tentou ignorá-las por todos os meios. Culpou os buracos na estrada e as paragens súbitas dos cavalos pelas dores. Na Rue de Bourbon e na Rue de Chartres, a carruagem deu um salto e as rodas caíram nas valas cheias de água. Mais uma tempestade a preparar-se e os cavalos suavam sob o calor de julho.

Assim que chega perto das outras mulheres — Étiennette, Marthe, as gémeas —, sente agulhas grossas a picarem-lhe o baixo-ventre, unhas a raspar pele invisível. O cheiro a carne deixa-a enjoada e com vontade de nunca mais voltar a comer.

— O que foi? — pergunta Étiennette, quando Charlotte afasta o prato.

— Não me sinto bem — sussurra.

— Está muito pálida — diz Léonie.

— É melhor deitar-se.

— Ajudem-me a levá-la para o meu quarto.

Charlotte sente que está a ser levantada, levada por uma porta, depois outra. Mantém os olhos fechados: é impossível lidar com o mundo e a dor ao mesmo tempo. A cabeça cai no colchão, depois alguém lhe empurra uma almofada para debaixo do pescoço.

— É melhor comerem, minhas senhoras — diz a voz de Étiennette.  
— Vou ter convosco daqui a pouco.

Marthe diz alguma coisa em resposta que Charlotte não consegue perceber, mas Étiennette põe o dedo à frente dos lábios a pedir silêncio e enxota-a para fora do quarto. A porta fecha-se depois de ela sair. A dor aumenta: é agora uma sombra na parede, algo que se aproxima rapidamente, que está cada vez mais perto. Esvazia o espírito de Charlotte e entorpece-lhe o cérebro. E um pensamento — um pensamento horrível — passa a ocupar o quarto e o cérebro de Charlotte.

As cólicas não são nada de excepcional; Charlotte já as sentiu muitas vezes.

Étiennette coloca-lhe um pano húmido na testa. Não diz uma palavra. Uma vez, no entreposto, Charlotte disse-lhe que, quando a dor se instalava, era melhor não falar com ela nem lhe tocar. Étiennette não se esqueceu desta regra.

Uma hora depois, Charlotte começa a sangrar. Étiennette senta-se ao lado da amiga, a olhar para ela. Sorri e acena com a cabeça, mas Charlotte também não sabe o que fazer. O lençol debaixo das pernas está húmido. Charlotte não olha para lá.

Deve ter adormecido, porque, quando acorda, uma luz azulada incide sobre a peliça pousada no banco do quarto. Charlotte demora alguns segundos a perceber onde está e, quando finalmente percebe, preferia ter demorado mais tempo. A dor aguda na barriga desapareceu. Agora sente-a rígida, um cinto de dor a contornar-lhe o fundo das costas. Étiennette, Marthe e as gémeas estão dispersas pelo quarto, a sussurrar.

— Coitadinha.

— Dois abortos, quem havia de...

— Ela está acordada.

Charlotte apoia-se sobre as palmas das mãos para se sentar. O tecido debaixo do entrepernas move-se com ela. Vê sangue, coágulos tão escuros que parecem rasos, sem volume. São minúsculos, muito mais pequenos do que os que viu quando perdeu realmente um filho.

— Não olhe — diz Marthe.

— Deixem-na estar — intervém Étiennette num tom seco.

Charlotte não olha. Reconhece o que vê e sabe que não é um bebé,

nem sequer o início de um. Sangue menstrual, nada mais, gordo e denso como é habitual. Não diz às outras mulheres o que ela e Étiennette já compreenderam. Que o corpo lhe mentiu. Que ela está habituada às contrações, à dor, aos enjoos. Que acontece todos os meses, ao passo que uma criança só acontece muito de vez em quando.

Charlotte sangra uma semana inteira. Étiennette tenta, sem muita convicção, dizer-lhe que é algo mais do que o período. Mas quando Charlotte vê a camisa de noite limpa na oitava manhã, sabe que a amiga está enganada. Charlotte está demasiado cansada para mentir a si própria. Tem o útero morto. Algumas manhãs, a impotência e a tristeza ameaçam sufocá-la.

Na semana em que o período acaba, só sai de casa uma vez. Ouviu dizer que deverá estar para chegar um carregamento da costa da Alemanha, embora não tenha havido uma única entrega há semanas. Os legumes frescos tornaram-se escassos: os poucos lavradores que ainda têm algo para oferecer despacham os produtos muito antes de chegarem ao mercado, pelo que Charlotte vai diretamente ao molhe junto ao rio St. Louis. Está longe de ser a única à espera da piroga, mas tem a sensação de que as chalotas e alhos-franceses que consegue comprar a vão poder alimentar durante semanas.

Na missa, a cabeça divaga. No final do serviço religioso, Charlotte não se lembra de uma única palavra que o padre proferiu. No exterior, a multidão é maior do que o normal. Garças com olhos de réptil vigiam as pessoas. Charlotte sente medo e entusiasmo no ar, sente o cheiro a suor e urina. Dirige-se para a casa da guarda e detém-se assim que vê o estrado de madeira.

Um rapaz está a ser levado para um lugar onde toda a gente o pode ver. Tem a idade dela, talvez mais um ou dois anos, mas é mais pequeno e tão magrinho que parece pairar dentro da camisa, que faz lembrar um vestido. A pele do rosto está muito vermelha: queimada pelo sol ou pela aguardente que terá tomado logo nas primeiras horas da manhã. Está em pé à frente da multidão, mas os olhos não registam os movimentos. Charlotte nunca viu ninguém tão quedo em face do perigo. Há uma semana, teria deixado a praça principal imediatamente e evitado a violência que não iria demorar a acontecer naquele lugar. Marthe contou-lhe a história de uma senhora grávida que conhecia em Paris que deu à luz uma menina com malformações depois de testemunhar uma execução. Mas Charlotte nunca foi uma senhora. Nem está de esperanças.

Ouve a leitura das acusações: o rapaz já era uma maçã podre na França. Foi enviado para a colónia por roubo em La Rochelle: ninguém deveria ficar surpreendido por ele ter roubado e morto uma



vaca de um proprietário de um terreno. Vai passar três anos na prisão e será chicoteado durante três dias.

Charlotte sente as pernas a abanar, mas deixa-se ficar enquanto consegue aguentar. Observa o castigo até ela própria o sentir, até o prisioneiro ser levado, dobrado ao meio, as costas transformadas num borrão de sangue. As feridas fazem-lhe lembrar algas molhadas e viscosas. Vão sarar, mas as cicatrizes ficarão para sempre.

Depois daquele dia, Charlotte não sai de casa. A dor diminuiu, mas ela prefere não ver ninguém. Ao pôr do Sol, o cheiro do delta enche-lhe a casa: um odor a peixe, sem filtro, invasivo. Às vezes, ouve Baguette, o tambor oficial da cidade, a tocar o instrumento na casa ao lado. Quando está a chover, Charlotte refugia-se no jardim, debaixo das paliçadas húmidas. Canta, mas nunca se alonga. A voz parece estar enterrada na própria garganta. Fica lá fora até as estrelas aparecerem no céu. A Lua vermelha torna-se branca e límpida assim que se vê acima da copa das árvores, seguindo o caminho que tem de seguir.

Charlotte adoraria que Louis estivesse com ela. É a única pessoa com quem é capaz de partilhar uma desilusão. Não Étiennette, absorvida pelas crianças e festas; não Pétronille, perdida numa floresta qualquer e, seguramente, não Geneviève, que, em Paris, ensinava os corpos das raparigas a fazer o que Charlotte faz na perfeição.

Quatro dias depois de o período passar, alguém bate à porta. Não pode ser Louis. Não está previsto que regresse antes da terceira semana de agosto. A água está a ferver, as ervilhas descascadas. Charlotte não se dá ao trabalho de lavar as mãos antes de abrir a porta.

Marthe está a olhar para algo na erva. Por uma fração de segundo, a porta ainda podia ser fechada. Charlotte faz sinal para que ela entre.

— Eu tinha intenção de vir mais cedo — diz Marthe atrás dela —, mas a Étiennette disse que a senhora preferia estar sozinha.

— E tem razão.

Charlotte inclina-se sobre a panela e despeja as ervilhas. A água deixa de ferver imediatamente.

— O que quer? — pergunta.

— Saber como está — diz Marthe. Senta-se num banco. — Além disso, estive a pensar no que lhe aconteceu.

— Mas nem sequer sabe o que me aconteceu.

Marthe parece surpreendida. Abana a cabeça.

— Pensei noutra coisa que poderia tentar.

Charlotte inclina-se para a fogueira. Hoje não está com paciência. Chega de histórias de um feto vir a ser uma menina se o sal se derrete num mamilo, ou um rapaz se misturar vinho com testículos de lebre.

— Talvez o problema seja do seu marido — diz Marthe.

Charlotte quase deixa cair a panela.

— Não — responde. Louis é gentil, está fora, poderia fazer amor com ela mais frequentemente. O problema é ela; a única gravidez que teve foi um breve milagre que não conseguiu sustentar. Com outra mulher, Louis já teria sido agraciado com dois ou três filhos.

— Como pode ter tanta certeza? — pergunta Marthe.

Charlotte encolhe os ombros. Ao longo do último ano e meio, sentiu aquela sua deficiência tantas vezes que acabou por ter necessidade de a proteger. É algo que a define. Uma esposa incompetente, uma mulher incapaz de cumprir a missão para que foi enviada: até a madre superiora se tinha enganado e nunca lhe deveria ter dado ouvidos.

Agora Marthe diz-lhe que ela ainda poderá vir a ser mãe, que não é ela a responsável.

— Como é que eu poderia ter a certeza disso? — Charlotte não consegue deixar de fazer a pergunta.

Marthe levanta-se, detém-se como fez em abril ao tentar lembrar-se do último ingrediente de uma das suas receitas. Abana a cabeça e oferece um sorriso desolado a Charlotte.

— Receio que já saiba isso.

A festa de Étiennette terá lugar dois dias depois do Dia de Assunção. É a primeira vez que convida tanta gente para a casa dela. As festividades parecem absurdas numa terra em que a comida escasseia demasiadas vezes. Mas não para *monsieur* Feuger. As chuvas intermináveis dos últimos meses destruíram parte das colheitas: ontem, no mercado, Charlotte mal conseguia acreditar nos preços que ouvia. Comprou o que podia e tentou não pensar no próximo inverno. Jurou a si mesma que Louis teria tudo o que precisasse.

Está aliviada por saber que ele não vai estar em casa de Étiennette e envergonhada por se sentir assim. Se Étiennette lhe emprestar um vestido, será mais fácil esconder a profissão do marido e o magro salário que leva para casa. Vão estar outros homens na festa. Charlotte pensa nos sócios de *monsieur* Feuger que de vez em quando via na casa de Étiennette. Ouve-os a falar de freiras, de prostitutas. A fazer comentários sobre a cintura da gémea mais alta. Pergunta-se se alguma vez os homens falam sobre ela. Por muito que tente, não consegue ignorar o conselho de Marthe.

Vai à missa de Assunção a 15 de agosto. Os bancos foram retirados para criar espaço para a multidão: a igreja a abarrotar tranquiliza os padres capuchinhos, que Louis disse que estavam desesperados por causa da falta de fé dos colonos. Em breve, Charlotte não valerá muito mais do que eles. Charlotte reza com fervor. Não pelo que sente em relação a Étiennette, não pelo filho perdido, mas pelo crime de que

poderá não demorar a ser culpada. Parece-lhe improvável que a virgem perdoe o adultério. No entanto, Charlotte não deixa de lhe pedir a absolvição.

No dia da festa, o céu cinzento deixa-lhe a cabeça a latejar. Prepara-se com Étiennette, usa um vestido de renda cinzento emprestado que teme vir a estragar. A amiga dá-lhe *rouge*, pentes e um alfinete de peito. Empurra um estojo gravado na direção dela.

— Pega numa *mouche*.

Os pedaços de tafetá chamam-se *mouches*, ou moscas, porque os pontos escuros parecem insetos, mas Charlotte sabe que as marcas de beleza falsas são muito mais elaboradas do que os nomes dão a entender. Falam uma língua própria, que ela e Étiennette não conheciam em Salpêtrière, onde as raparigas faziam *mouches* com pedaços de tiritana. Um sinal no meio da bochecha, como o que Étiennette está a usar indica que ela é elegante. Um nos lábios indica que a mulher é sedutora. Charlotte escolhe uma *mouche*, olha para o próprio rosto e vê sardas que o pó branco não esconde por completo. Cola o sinal junto à têmpora e vira depressa a cabeça para Étiennette. Uma *mouche* junto ao olho indica uma natureza apaixonada.

Uma criada ajuda-as com o cabelo. No andar de baixo, estão a afastar os últimos móveis para criar espaço para dançar; o único pasteleiro de Nova Orleães insurge-se contra os mosquitos. Os músicos afinam os instrumentos. Charlotte deverá cantar à noite, embora tenha esperança de que Étiennette se tenha esquecido. Uma voz grita a uma criada para se despachar; lá fora, ouvem-se portas de uma carruagem a bater. Étiennette afasta-se rapidamente da janela. Parece ansiosa e entusiasmada.

— Eles já chegaram — diz.

«Eles» são o tenente real e a mulher, ambos baixos e taciturnos. Mas seguem-se outros. Marthe, de quem Charlotte se mantém próxima, e o marido, além de cinco outros comerciantes, agentes da Companhia com as respetivas mulheres, representantes da administração do governador, um capitão e um punhado de oficiais sozinhos. As conversas sobrepõem-se à música do conjunto. As moscas vão pousando sobre a carne; saltos pisam morangos caídos. A sala cheira a pó de peruca — lavanda, laranja —, suor e álcool. Os balões dos vestidos das mulheres são tão amplos que quase derrubam uma mesa; uma das convidadas escondeu um cão pequeno debaixo da armação da saia e o animal gane até a rapariga o libertar. *Monsieur* Feuger quase não sai de um canto da sala de jantar, escondido atrás de dois outros canadianos. Étiennette está em todo o lado. A mostrar os filhos a senhoras que os apapricam, a mandar a ama de leite embora, a oferecer vinho a um casal com as faces vermelhas, a dar uma palmadinha no ombro de Charlotte.

— O que é isto? — sussurra Étiennette, olhando não para os olhos de Charlotte, mas diretamente para a têmpora.

O sinal de tafetá queima-lhe a pele junto às pestanas. Charlotte relanceia para Marthe, que olha de soslaio para o cão a ganir aos seus pés.

— Esta não é a encantadora *mezzo* que já ouvi uma vez? — pergunta um homem mais atrás.

O oficial aparece, altivo, à frente de todas. É um amigo de *monsieur* Feuger, que Charlotte viu duas vezes na casa de Étiennette em Nova Biloxi. Charlotte deixa-o beijar-lhe a mão. Tem a garganta presa e sente a amiga a olhar para ela. Abre a boca, mas não sai qualquer palavra.

— Faz bem em poupar a voz — acrescenta o homem, antes de lhe piscar o olho. — Estão à sua espera.

Charlotte apercebe-se de que a música parou. E que há pelo menos um violinista a olhar para ela.

— Tira-a — sussurra-lhe Étiennette ao ouvido.

Mas é tarde demais para tirar a *mouche*. A multidão aparta-se para abrir uma passagem estreita para o pequeno palco. Os músicos afastam os instrumentos para lhe dar espaço. Os rostos turvam-se. No canto do olho, Charlotte vê a forma escura do sinal. Todos a veem. Pensa em Louis algures na água, a lutar contra os ventos traiçoeiros. Pensa em tudo o que ele não sabe.

— Disse que queria cantar *Je tâche en vain de faire résistance*, não foi? — pergunta o cravista, que está curvado no assento.

— Sim — consegue dizer Charlotte. — Do *monsieur* Bacilly.

Um silêncio, ainda que não absoluto, instala-se na sala. Charlotte olha para as unhas curtas e para as flores bordadas no vestido que não é dela. O violoncelo começa, depois soam os violinos. Charlotte espera pelo segundo compasso. Começa tão baixinho que parece impossível que vá conseguir chegar à oitava certa. Fica de pé, com os olhos virados para o teto e não para os convidados. Charlotte quer que a voz os distraia da *mouche* na têmpora. Quer também esquecer-se da mensagem que leva escrita na própria pele.

E, durante uma canção, isso funciona. No palco, a única coisa que ela consegue sentir é o ar a subir-lhe dos pulmões e da barriga, uma barriga que pode não ser própria para uma criança, mas que não a deixa ficar mal no canto: o ar chega-lhe à garganta e à boca, as vibrações tornam-se sons, palavras e música que lhe saem dos lábios em perfeita harmonia com as cordas dos instrumentos. Depois o ar esvai-se, e os pulmões, vazios, procuram mais oxigénio para começar tudo de novo.

Os convidados começam a aplaudi-la antes de ela terminar. A música vai baixando com ela, os instrumentos a sair em bicos de pé da

sala como se fossem pessoas. Charlotte agradece aos músicos. Alguém pede outra canção, mas ela abana a cabeça. Não quer ficar exposta no palco.

Abre caminho à pressa por entre a multidão com os olhos no chão. Vê restos de bolos, cachimbos a serem fumados e pó a ceder ao calor. Tem o cabelo teso do suor, a testa húmida. Quando toca na têmpora, percebe que a *mouche* desapareceu. Caminha mais depressa em direção às portas duplas. O ar torna-se mais respirável a cada passo.

Quando chega ao jardim, a noite já caiu por completo e só vê figos e estrelas. Charlotte detém-se debaixo de um jasmim e esmaga um caracol sem querer com o sapato. Pode finalmente respirar.

— Estiveste bem.

O luar bate nas costas de Étiennette e no rosto de Charlotte. Charlotte leva o dedo ao local onde tinha a *mouche*.

— Tirei-a — diz.

— O calor tirou-ta. Ou a música. Pouco importa. — Étiennette afasta um mosquito. — O que importa é a razão por que decidiste pô-la.

— Não irias compreender.

— Que tu tinhas intenção de trair o teu marido? Não, talvez tenhas razão. Não iria compreender. — Étiennette olha de relance para a porta entreaberta e vê silhuetas entre as velas. No interior, uma mulher ri-se tanto que começa a tossir. — Pois eu não gostaria de ter ninguém a acusar-me de nada, preferia que tivessem pena de mim.

— E se não houvesse razão para terem pena de mim? E se o problema não fosse eu?

— Essa é mais uma ideia brilhante da Marthe?

Charlotte sente-se exausta. Quer ir para casa. Dão mais alguns passos no relvado, sobre frutos caídos.

— Estou só a tentar proteger-te — diz Étiennette. — Eu sei que és muito mais forte do que estás a mostrar. — Pousa o braço nos ombros de Charlotte, como costumava fazer quando eram pequenas; depois deixa escapar um pequeno riso, como se o que está prestes a dizer a divertisse. — Senão, ainda estarias a fazer aqueles disparates que fizeste no entreposto. Lembras-te do que fizeste numa das primeiras noites que passámos lá?

Charlotte sente um murro no estômago que reverbera por todo o corpo. Olha para o rosto de Étiennette à procura de algo que possa reconhecer na expressão da amiga, algo que possa apagar o espaço que Étiennette acabou de impor entre ambas. Mas Étiennette está a sorrir e não passa de uma estranha. Os olhos de Charlotte incidem num canteiro de flores, a abarrotar de pirilampos. Até agora, a única coisa que ela tinha daquela noite de janeiro era a resposta de Étiennette: se não tivesse sido proferida tão claramente, Charlotte

poderia ter pensado que tudo não passara de um sonho. Mas de certeza que não sonhou as sensações — o latejo entre as pernas, o sangue nas faces, a fraqueza nas pernas — que tinha sempre que visitava Étiennette em Nova Biloxi e Nova Orleães. No entanto, para a amiga nada disso existe. Os sentimentos de Charlotte pertencem ao passado, a um espírito perturbado.

*Se soubesses o que significas para mim, saberias que sou muito mais fraca*, pensa Charlotte. Mas não pode perder todas as batalhas; tem de acreditar que um dia vai vencer. Vira-se para a amiga. Étiennette ainda está a sorrir. O luar desenha-lhe sombras curiosas no rosto.

— Não — responde Charlotte —, não me lembro de nada.

*O País de Illinois, maio de 1726*

## Geneviève

A filha de Geneviève não pára de tagarelar no caminho para o cemitério de Prairie du Rocher. Entre outras coisas, pergunta em voz alta quem são os homens que estão a carregar o pai e se não estaria demasiado escuro para ele ficar debaixo da madeira de carvalho. Desde que Pierre morreu, há três dias, também a cabeça de Geneviève se enche de perguntas, bem mais zangadas, que têm muito pouco que ver com o funeral e muito mais que ver com o que virá a seguir. Geneviève inveja a tristeza simples de Mélanie, os estranhos objetos a que se agarra. A filha está obcecada com o tipo de árvore que foi utilizado para fazer o caixão do pai. No dia em que foi levado para a casa onde vivem — numa altura em que Geneviève ainda pensava que a casa era dela porque o escrivão ainda não tinha chegado para lhe dizer que Pierre deixara a casa apenas a Mélanie —, a criança estava tão transtornada por o pai ter sido colocado dentro de uma caixa que Geneviève inventou uma história. Uma história segundo a qual, depois do enterro, o caixão iria voltar a transformar-se em carvalho, uma árvore invisível que germinaria na terra e serviria de escada para os céus.

Agora, Geneviève já está arrependida do que disse. Há florestas de carvalhos em toda a parte no País de Illinois. No caminho da igreja para o cemitério, Mélanie não parava de apontar para os ramos robustos das árvores implorando a Geneviève que a ajudasse a trepá-los. Geneviève respondia sempre que não. Não a recordava de que o pai estava imóvel — e assim ficaria — na caixa de madeira; não tentou inventar uma história mais piedosa em que Pierre não precisaria da ajuda de uma árvore para subir ao céu. Mélanie vai fazer quatro anos no mês que vem. Geneviève pergunta-se quando tempo a história aguentará. Nunca será tempo suficiente, imagina.

Com os olhos cobertos pelo véu, Geneviève faz o que pode para evitar raízes e buracos. A luz é atenuada pelo tecido, o rosto redondo

da filha não passa de uma sombra obscura e a manhã soalheira de maio ficou reduzida a tons de cinzento, a cor que toda a gente quer dar ao mundo de uma viúva. Mélanie agita-se nos seus braços e Geneviève sabe exatamente a quem a filha está a acenar: à sua cunhada, ao marido da cunhada e aos cinco filhos de ambos. Depois da cerimónia, Laure pousou uma mão maternal no ombro de Geneviève e sacudiu o véu que ela e o marido pagaram, juntamente com toda a restante indumentária de luto. O dote de Geneviève não chega sequer para aquelas tristes vestes. É exasperante para ela, mas motivo de satisfação para Laure, que, com trinta e quatro anos, gosta de tratar Geneviève como se fosse mais velha do que ela vinte anos e não seis. É verdade que Laure tem mais experiência em alguns aspetos. Nascida e criada no Canadá, tal como Pierre, sabe muito mais sobre o País de Illinois do que Geneviève. Tal como Pierre, conhece bem as florestes densas e os invernos rigorosos que se abatem sobre as terras a sul do lago Michigan e que se estendem até à interseção do rio Kaskaskia com o rio St. Louis, onde foram construídos os assentamentos de Fort de Chartres e Prairie du Rocher, que é onde Geneviève vive.

Por outro lado, Laure nunca atravessou um oceano, nunca viajou nas baías pantanosas do sul do continente, nunca viu uma amoreira nem sentiu o aroma da lavanda na Provença. A única coisa que Laure conhecerá na vida serão aquelas pradarias férteis, onde o trigo cresce como ervas daninhas e para onde convenceu Pierre a ir viver há quase cinco anos, no primeiro verão de Geneviève na Luisiana. O adorado irmão foi viver para junto dela: uma vitória de que Laure ainda se orgulha. À saída da igreja, Laure deixou de puxar o véu de Geneviève.

— Não é demasiado curto? — perguntou, e Geneviève abanou a cabeça, virou-lhe as costas e saiu em direção à luz do Sol.

Quando chega a um arvoredor, detém-se. Só restam algumas campos, a maioria sem lápide e apenas com umas cruces ferrugentas que os ventos do inverno moldaram em ângulos estranhos. O padre já está no local.

— Está a ver, no Sul nunca teria sido possível um enterro como deve ser — diz Laure, à direita.

Geneviève não se vira para a cunhada. Olha para a cova na terra e pousa Mélanie no chão. Laure passou os últimos anos a lembrá-la das vantagens que o Norte tinha para oferecer. Não tinha pão de milho nem furacões. Só céu azul e farinha de trigo, um solo seco onde não se viam esqueletos quando vinha mais uma inundação.

— Aqui, no inverno, também não — diz Geneviève.

— Fico contente por ver que as circunstâncias não lhe tiram a presença de espírito.

Geneviève não verteu uma única lágrima desde que Pierre ficou



doente. A última vez que lhe apeteceu chorar foi no dia em que ele voltou de uma visita ao povo de Illinois com os olhos inchados e a mão ainda mais maltratada. Não era possível prever que iria estar morto ao fim de uma semana; que a infecção subiria sorrateiramente do polegar ao braço e passaria do ombro ao peito; que o espaço de tempo em que poderia ter sido tratado se sumiria tão rapidamente. Naquela noite de maio, quando Pierre regressou tarde dos prados e lhe falou do jogo de lacrosse que tinha jogado com os nativos, Geneviève não conteve as reprimendas. Independentemente do que pensasse, Pierre não era como os guerreiros de Illinois, e nunca o seria; mais cedo ou mais tarde, magoar-se-ia. Geneviève estava cansada de o ver desaparecer durante dias.

À noite ainda tiveram tempo para se desentenderem, discutirem e fazerem as pazes. A ferida não tinha ficado infetada. Geneviève ainda não o protegia.

Pierre era surpreendentemente sensível à dor, sobretudo quando a dor era de outrem: a unha encravada que incomodou Geneviève durante dias na primavera, o braço partido do vizinho. Mas nada do que acontecia entre os nativos o incomodava. Desde o dia em que chegaram, ficou fascinado com o povo de Illinois, com os guerreiros daquele povo. Aprendeu a língua e conhecia muitos dos costumes dos nativos, o que o tornou famoso em Prairie du Rocher. De início, como comerciante, depois, à medida que se foi interessando cada vez menos pelo dinheiro e pelos negócios, como guia e intérprete. Mas, este ano, desde que os Illinois voltaram do local onde passam o inverno no fim de março, Pierre passou a maior parte do tempo com eles: antes de se magoar, tinha intenção de seguir os homens numa caçada de cinco semanas. Parecia encontrar sempre uma desculpa para voltar para as aldeias de verão e evitar ficar em casa. Geneviève não podia ir para lado nenhum. Cada viagem do marido era um lembrete das limitações que tinha, da liberdade que nunca chegara a conhecer, mesmo depois de atravessar o oceano.

Os homens arreiam o caixão de Pierre para a terra aberta. O padre, um homem calvo com gestos amplos, reza tão baixinho que ninguém o consegue ouvir. Faz-se um silêncio imperfeito; os pássaros não deixam de cantar. Geneviève pousa uma das mãos no cabelo castanho-claro de Mélanie e depois retira-a. Faz um esforço para olhar para o buraco no solo. Teve de olhar para Pierre durante horas depois de ele morrer, mas não consegue associar o rosto distorcido do marido à cena que se desenrola à sua frente. Tem o espírito entorpecido. Olha para os homens, já a suar, a afastarem-se da cova, segue os movimentos do padre e ouve os soluços altos de Laure e da família. As coisas são exatamente como são, vazias de significado. O caixão, uma caixa que desaparece sob pazadas de terra. Uma pequena multidão, amigos e

familiares reunidos numa manhã luminosa de primavera. Geneviève, uma mulher em pé num terreno relvado.

Pierre não pode estar com ela. Está noutro lugar, entregue às pradarias, aos bisontes e aos campos de morangueiros.

Depois do funeral, Geneviève leva Mélanie para casa, dá-lhe um trapo para assoar o nariz, coloca a panela ao lume para a tranquilizar com algo quente. Verte xarope de ácer no leite e diz-lhe para ter cuidado, para esperar antes de beber, e fica a olhar para a filha a insistir e a queimar a ponta da língua, antes de lhe lançar um sorriso contrito. Enquanto vai esvaziando a tigela, os seus olhos azul-claros não se desviam dos de Geneviève, como se Mélanie temesse que também a mãe pudesse desaparecer. Depois, Mélanie vai para a cama, Geneviève para a sala e tudo deixa de ser o que parece. É a poltrona em que ela costumava ouvir os cascos da velha égua de Pierre, o prato estalado que ele preferia por alguma razão insondável, a flecha que construiu e com a qual Mélanie estava sempre a tentar brincar. Cada centímetro da casa fere-a de alguma forma. Geneviève recosta-se na cadeira e fecha os olhos. Pierre nunca mais lhe passará os dedos pelos caracóis, nem lhe apontará para o pequeno espaço entre os dentes antes de jurar que reconheceria aquele sorriso entre milhares. Não voltará a levar Mélanie para o quintal para ela poder desejar boa-noite à Lua. Geneviève não compreende o que lhe está a acontecer.

Tenta lembrar-se do que Pierre lhe disse um dia sobre os funerais do povo de Illinois. Imagina painéis, cobertores e machados a passar de mão em mão, familiares e amigos a fazer o luto e a trocar presentes. Guerreiros nus a reproduzirem quadros de guerra para um chefe morto, a escalar inimigos invisíveis. Mulheres a chorar nas cabanas, quer tivessem amado os maridos quer não.

Geneviève demorou a habituar-se ao País de Illinois. No primeiro verão que passou na Luisiana, em 1721, viu Pétronille a partir como se isso só pudesse acontecer aos outros e como se a sua própria viagem tivesse terminado quando casou com Pierre e ele a levou para a sua casa nova em Nova Biloxi. Naquela manhã na praia, ao lado de Charlotte, Geneviève ficou tão aliviada ao ver Pétronille viva que não lhe ocorreu na altura que a partida da amiga significaria outro tipo de perda.

Um mês depois de Pétronille deixar Nova Biloxi, Pierre tratou dos preparativos para a viagem que também eles iam fazer. Entre julho e um setembro bastante cinzento, falou todos os dias sobre a irmã e o marido, que se tinham instalado na Luisiana vindos do Canadá. Fora surpreendente descobrir que Pierre tinha uma irmã, que a poderia, e iria, ver novamente. No mundo de Geneviève, os irmãos, as mães e os pais não tinham lugar no Mississipi. As pessoas iam sozinhas para a

colônia. A família começava ali.

No entanto, a irmã de Pierre vivia suficientemente perto para estar ao alcance. Pierre estava sempre a falar sobre o País de Illinois, dizendo que era um lugar muito mais acolhedor do que Nova Biloxi ou Mobile, que podiam receber terras que eram muito mais lucrativas do que os pântanos, que o calor era mais suportável do que o de Nova Biloxi e que o frio era menos implacável do que o da cidade do Quebec. Era um lugar dirigido e governado por um homem canadiano, *monsieur* Dugué de Boisbriand, governador do País de Illinois. Ao contrário de *monsieur* Law, *monsieur* Dugué de Boisbriand cumpria as promessas: as minas de ouro, de topázio e de chumbo estavam no Norte, não no Sul.

A confiança que Geneviève tinha em Pierre foi-se desvanecendo. No que ele lhe contava, Geneviève vislumbrava os rumores que ouvia em Salpêtrière, as conversas sobre uma terra extraordinária que lhes daria tudo o que quisessem e mais. De início, tentou convencer-se de que ir embora para o País de Illinois seria um escape. Mas os primeiros oito meses que passaram em Nova Biloxi já tinham confirmado algo que ela gostava que não fosse verdade. As pessoas não se podiam reinventar só por estarem num continente diferente. O que as pessoas fazem é adaptar-se, trabalhando sobre aquilo que já são com quem quer que esteja à volta delas.

Por isso, quando chegou o momento de subir para uma piroga, Geneviève fez a única coisa que podia fazer. Decidiu adaptar-se, uma vez mais.

Nas primeiras noites sem Pierre, Geneviève não consegue dormir. Mélanie respira fundo contra ela, estirada no meio do colchão. Geneviève sabe que deveria sentir falta do peso do corpo de Pierre na cama; em manhãs boas, gostava de acordar ao lado dele. Mas é o ressentimento que a mantém acordada, não a tristeza. Parte dela compreende porque Pierre decidiu deixar a casa a Mélanie. E se Geneviève se voltasse a casar e a desse às crianças que viessem a nascer? Mesmo assim, nunca pensou que o marido a deixasse tão desprovida, com um dote que não permitiria que vivesse mais de algumas semanas, constrangida pelas obrigações contraditórias de uma viúva.

Viúva. No final do habitual período de luto, estará a um ano de fazer trinta. Um ano e seis semanas a usar vestidos pretos; com três refeições por dia para duas pessoas. Um inverno no País de Illinois. Imagina-se novamente em Paris, o pai a bater à porta da igreja, os nós dos dedos devorados pelo frio, a implorar que os deixem entrar quando não têm mais para onde ir. A pobreza já tinha matado a família de Geneviève. Não deixaria que a levasse também a ela e à

filha.

Quando Geneviève chegou ao País de Illinois, nada indicava que o dinheiro pudesse vir a ser um problema. Pierre era um bom ouvinte; nunca falava mais do que era preciso e os nativos gostavam dele por isso. Tinha uma casa com uma construção sólida, usava madeira de cedro para o telhado, pedia às vizinhas canadianas que ajudassem Geneviève com o jardim, trazia das aldeias dos Illinois receitas para cozer milho e abóboras secas de forma tão meticulosa que duravam um ano inteiro. Apresentou-lhe a família, o que seria maravilhoso, se Laure não fosse quem era. Geneviève sabia o que Laure pensava dela: era uma estranha, uma mulher francesa com um passado misterioso e, portanto, suspeito. Uma surpresa desagradável, trazida do Sul quando Pierre estava de luto da primeira mulher canadiana. E quem, senão Laure, se importava por ele voltar a casar-se tão depressa? Os viúvos, ao contrário das viúvas, não tinham obrigações. Mas Geneviève nunca se poderia comparar à primeira mulher de Pierre, que Laure conhecera a vida inteira na cidade do Quebeque e que acolhera na família muito antes de o irmão ter casado com ela.

Geneviève nunca foi família para Laure. E é-o menos agora que Pierre já partiu e que a propriedade é de Mélanie.

Mélanie está a leste de tudo. Acabou de acordar; está esparramada na almofada, a fazer desenhos com algum do cabelo que lhe caiu. O quarto já está inundado de luz, o Sol vai alto. E Geneviève já está exausta.

Ainda não passou uma hora desde que Geneviève se pôs a pé e Laure já está a bater-lhe à porta, acompanhada por dois filhos barulhentos: um rapaz e uma rapariga que, com sete e oito anos respetivamente, parecem não ter diferença de idades. Estão sempre a cantar canções religiosas quando caminham pelos trilhos de Prairie du Rocher, e hoje não é exceção. No jardim, Laure tira as bolachas que trouxe do saco. Para ela, a despensa de Geneviève está sempre vazia.

— Queres algumas, querida? — pergunta Laure a Mélanie.

— Ela acabou de comer — diz Geneviève.

A cunhada ignora-a e enche as mãozitas de Mélanie de doces.

— Como é que ela está? — pergunta Laure, a olhar para Mélanie como se ela fosse surda.

Geneviève sacode as migalhas do vestido da filha.

— Como é que tu estás? — pergunta a Mélanie.

A criança olha para ambas, como se a resposta certa estivesse escrita na testa da mãe ou da tia.

— Tenho saudades do pai.

— Oh, claro — exclama Laure. Pega em Mélanie ao colo. Geneviève detesta a forma como ela toca no que não lhe pertence. — Seria muito mais feliz com irmãos e irmãs.

Este é outro dos temas preferidos de Laure: a sua superioridade como mãe de cinco. Poucos meses depois de Mélanie nascer, começou a perguntar a Geneviève quando teria um segundo filho. «Ainda nada?», perguntava revirando os olhos. E, quando deixou de perguntar, foi ainda pior. As perguntas transformaram-se em olhares suspeitos. Algo se passava com o casamento, com a mulher do irmão, seguramente. Pierre nunca deixaria de ser o irmão mais novo de Laure, que nunca era culpado de nada.

Quanto a Geneviève, não era capaz de explicar a si própria a inexistência de mais filhos. Teve dúvidas duas vezes: um período perdido, uma semana de enjoos, mas nada que a afetasse demasiado. Acabou por ficar surpreendida quando descobriu que estava grávida de Mélanie. Depois daquilo por que o seu corpo passara em Paris, quando Amélie a ajudou com ervas e beijos, temeu que não fosse ter mais bebés. O aborto e a ajuda que deu a outras raparigas na casa da marquesa e a Pétronille em Lorient são dos poucos segredos que conseguiu esconder da cunhada. Mas, fosse como fosse, continuava a ser uma ameaça.

— Estava com receio de que estivesse demasiado abatida para cuidar dela — observa Laure. Pousa Mélanie e começa a fazer uma lista de viúvas que enlouqueceram. Uma mulher de Trois-Rivières que chorava o dia todo e que começou a escarnecer do confessor. Uma rapariga na cidade do Quebeque que fechou o coração do marido num aparador e que se ajoelhava todos os dias à frente dele durante sete horas. — Mas parece que não há muito a temer quanto a si nesse aspeto — conclui.

— Preferia que eu mofasse do nosso padre e ficasse sentada sem fazer nada durante horas?

Laure abana a cabeça. Faz um gesto rápido com o queixo em direção a Mélanie.

— Isso não a ajudaria a alimentá-la.

— Mas trabalhar vai ajudar — replica Geneviève.

— Enquanto está de luto?

— Não vejo como poderei fazer o luto se não comer.

Laure parece temporariamente com remorsos. Levanta-se, chama os filhos. Michel está a tentar agarrar uma abelha numa túlipa, enquanto a irmã lhe chama a atenção para um ninho de formigas. Mélanie observa-os, hipnotizada. Laure ajoelha-se ao lado dela.

— Enquanto a tua mamã estiver fora, queres ir brincar com os teus primos?

Mélanie relanceia para Geneviève com os olhos azuis bem abertos.

— Vais para fora?

— Não — responde-lhe a mãe, tensa. — Anda cá.

Geneviève pega na filha ao colo. Laure já está a abrir o portão.

— Bem, seja como for, se mudar de ideias... — diz. — Cinco ou seis crianças... nem daria pela diferença.

No Sul, tudo seria diferente. Geneviève poderia pedir a Étienne ou até a Charlotte para tomarem conta de Mélanie. Sabe que houve muita gente que saiu de Nova Biloxi para ir para Nova Orleães quando a cidade se tornou capital há três anos. Às vezes, imagina Charlotte e Étienne no assentamento que mal teve o ensejo de ver quando começou a viagem para norte com Pierre, as cabanas miseráveis engolidas pela lama, as porcas deitadas no meio de estradas que não mereciam ser consideradas ruas. Mas Geneviève ouviu dizer que Nova Orleães fora reconstruída desde então, que agora é uma cidade a sério, pelo que gosta de imaginar-se por lá, a chegar com Mélanie num barco mágico, ambas a viverem numa casa junto ao delta.

Depois olha em volta: o trilho que conduz ao velho moinho de vento, a estrada para Cahokia, Fort de Chartres quase escondida pelas faias, os bastiões a deteriorarem-se rapidamente sob as inundações recorrentes do rio St. Louis. Pode sonhar à vontade. Vai morrer naquela terra, tal como o marido.

O que se espera das viúvas é que chorem, mas não em demasia. Não devem mostrar-se felizes, embora haja muito para celebrar: passam a estar livres dos pecados da carne, prontas para pertencer apenas a Cristo. Não devem falar demasiado, nem — Deus as livre — usar a experiência que têm de agradar aos maridos para seduzir outros homens. As que não voltam a casar, essas santas, tornar-se-ão um exemplo de modéstia, compaixão e abnegação para as outras.

Geneviève faz um aceno ao de leve ao padre na confissão, à mulher do vizinho ao passar, à irmã do homem do talho que lhe vai levar um prato de costeletas duas semanas depois do funeral de Pierre. As intenções são boas. Porém, Geneviève sabe que a gentileza das pessoas se vai desvanecendo com o tempo. Que, passados mais quinze dias, os presentes se tornarão mais escassos: acabar-se-ão as galinhas depenadas, os pés de alface, os ovos com marcas da terra. Continuará a ouvir conselhos, mas esses nunca alimentaram ninguém.

Já vendeu a égua e, se for necessário, sabe que poderá vender as flechas, as peles e lã de bisonte. Mas preferia guardá-las para o inverno. Por agora, vai procurar um emprego, seja ele qual for. A ideia de trabalhar faz com que se sinta dona da sua própria vida, e Geneviève não é capaz de o explicar melhor a si própria. Sente que está a voltar à Provença, a Paris, a Amélie ajoelhada entre as lavadeiras, a cidade virada de pernas para o ar no rio. Sabe que a rapariga que era capaz de trabalhar doze horas por dia não desapareceu por completo.

Quando começa a procurar um trabalho, as pessoas olham para ela

com expressões de embaraço e reprovação. A padeira precisa de uma aprendiz, mas está à procura de uma pessoa com metade da idade dela. O tintureiro precisaria de mais um par de mãos, mas limita-se a abanar a cabeça.

— Não permitiria que uma mulher de posição como a senhora sujasse as mãos em couro de vaca.

Geneviève diz-lhe que já o fez em Paris, fala-lhe das fábricas de curtumes junto ao Bièvre, mas o homem acaba por dizer que as peles do Mississípi nada têm que ver com as que ela curtia na França. Geneviève compreende: uma jovem viúva deve ficar em casa. Deveria estar a rezar, a cuidar dos pobres, a educar os filhos de acordo com os preceitos cristãos.

A solução é-lhe levada por Laure, e Geneviève odeia-a profundamente por isso. Ao fim de um mês a procurar trabalho, o marido de Laure entrega uma grande encomenda de tonéis em casa de *monsieur* De Monreuil, o governador de Prairie du Rocher. O marido de Laure ouviu a cozinheira a dizer que era preciso mais mãos na cozinha e, claro, ele pensou imediatamente nela. Ou, pelo menos, é o que Laure lhe diz.

— Recorde-se do que eu lhe disse sobre tomar conta da Mélanie — acrescenta ela, antes de se ir embora.

Geneviève leva Mélanie para o trabalho. Parece-lhe que não há problema de início. A cozinha é a maior que ela alguma vez viu, sobretudo no Mississípi; a lareira do compartimento principal é suficientemente grande para ela se pôr em pé no braseiro. Não há risco de a criança estorvar ninguém. A despensa tem tantas prateleiras que Geneviève teme nunca vir a ser capaz de se orientar naquele lugar, de encontrar geleias, conservas e ervas secas. Não via tanta abundância desde o tempo que passara na mansão da marquesa. O cheiro a comida é agressivo: de início, abre-lhe o apetite, depois mata-lho. Parece ter sido o que aconteceu à cozinheira principal, uma mulher extraordinariamente magra e apressada, que raramente usa mais de três palavras.

— Calma e obediente? — pergunta, a primeira vez que vê Mélanie.

— Sim — responde Geneviève, e a cozinheira assente com a cabeça, depois aponta para um banco junto ao portão principal.

Ao longo das semanas seguintes, é lá que Geneviève costuma encontrar Mélanie a dormir, enroscada debaixo ou em cima do banco, depois de passar horas a brincar nos pátios da quinta com os filhos das outras domésticas.

Por isso, quando Laure lhe faz uma visita e Mélanie começa a fazer uma lista dos nomes dos novos amigos, Geneviève não consegue deixar de sorrir ao olhar para o rosto impávido da cunhada. Uma dezena de crianças com quem brincar valeria bem alguns irmãos e

irmãs. Quando Laure lhe pergunta se não é perigoso deixá-los andar livremente, Geneviève diz-lhe que nunca estão sozinhos no pátio. Laure abana a cabeça.

— Isto não vai acabar bem.

No mundo da cunhada, pouca coisa acaba bem.

Geneviève nunca vê o governador nem a mulher. Tigelas de caldo de nabo e pratos de carne de bisonte saem da cozinha a brilhar e voltam com a comida espalhada, nunca completamente vazios, como se um animal irrequieto tivesse encontrado o caminho para a sala de jantar e provado de tudo. Geneviève esconde os restos e leva-os para casa. O trabalho recorda-lhe os tempos de lavadeira na mansão da marquesa: a roupa a sujar-se, a ser lavada, a sujar-se novamente, uma satisfação sempre de pouca dura.

As outras mulheres raramente lhe fazem perguntas. Não lhe questionam a experiência. De início, lançam-lhe olhares furtivos para o vestido escuro; uma delas pergunta-lhe o nome do marido, depois abana a cabeça, deixando Geneviève sem saber se nunca tinha ouvido falar dele ou se era uma pena que tivesse morrido.

— Era o homem que falava a língua dos Illinois? — pergunta outra rapariga, e, quando Geneviève assente com a cabeça, a frágil mulher acrescenta que o marido dela costumava falar muito dele. Não especifica de que forma. Retoma o trabalho, corrige a mão de Geneviève na faca para não se magoar. A mulher olha de relance para Mélanie a brincar com figuras de massa no banco junto à porta e leva-lhe um tomilho cortado em pedaços finos para lhes dar olhos, narizes e bocas.

No fim de junho, a cozinheira principal anuncia que em breve chegarão visitas do Canadá, convidados de grande influência, amigos do governador do País de Illinois e até um homem mais importante, *monsieur* Dugué de Boisbriand, agora governador da Luisiana. Homens solteiros, o tipo de visitas mais difícil de receber. Haverá festas, caçadas e danças, o que significa mais trabalho para a cozinha: as criadas da cozinha têm de chegar cedo, depenar mais um pato, abrir mais frascos de óleo de urso e ir buscar o melhor vinho à adega.

— Diz-se que vão chegar para a semana, muito mais cedo do que o esperado — anuncia a cozinheira principal. Depois acrescenta: — Raios partam os ventos do lago Michigan!

*Raios partam os ventos do lago Michigan*, repete Geneviève para consigo ao longo dos dias seguintes. Os ombros e braços doem-lhe tanto como quando estava no barco-lavadouro em Paris. O cheiro a comida nunca lhe sai do cabelo, do vestido, da pele. Quando se deixa cair no banco, a fadiga concentra-se num nó no fundo das costas. Mélanie está sentada ao lado dela, depois começa a brincar enquanto espera para ir para casa.



Ao fim de uma semana de preparativos, Geneviève encontra o banco junto à porta vazio. O crepúsculo está a cair sobre a aldeia há horas e doem-lhe as mãos de tanto amassar a farinha ao longo da tarde. De início, não fica preocupada: as crianças costumam ir atrás de uma jovem ajudante de cozinha quando ela vai enxotar as galinhas para a capoeira para estarem protegidas durante a noite. Mas quando Geneviève chega à pequena cabana de madeira a ajudante está sozinha a tentar fechar as fechaduras ferrugentas do galinheiro. As galinhas cacarejam baixinho no interior.

— As crianças não estão consigo? — pergunta Geneviève.

— Hoje preferiram a água às aves — responde a mulher, encolhendo os ombros.

O ar do crepúsculo fica preso na garganta de Geneviève. Assim que o tempo começara a aquecer, as crianças passaram a acompanhar as lavadeiras até ao rio Kaskaskia. Geneviève disse a Mélanie que o rio era o único lugar para onde ela não estava autorizada a ir. Sabia muito bem que as lavadeiras não se preocupavam em vigiar os mais pequenos quando estavam a trabalhar. A rapariga mais velha do grupo — Rosie, uma menina de doze anos que se iria juntar à equipa da cozinha no mês seguinte — deveria levar-lhe Mélanie imediatamente, caso ela se aventurasse para longe do pátio. O tempo nem sequer está muito quente para um dia de fim de junho; mas ninguém lhe foi levar a filha.

Geneviève vai a correr em direção ao rio. Atravessa o pomar de ameixoeiras, sente os frutos verdes a rolar debaixo dos pés e vê as árvores salpicadas de azul à volta dela. Diz a si própria que é uma irresponsável, uma idiota, recupera uma violenta voz interior que não ouvia desde que deixou Paris. Porque é que não disse a Mélanie para ficar dentro da cozinha? Porque a filha é uma criança, porque ela é viúva, porque é mãe. Deveria tê-la deixado ao cuidado de Laure. Mas depois passaria demasiado tempo longe e deixaria que a cunhada a substituísse. Tinha medo de perder Mélanie. Sabe que é uma ideia irracional e que é melhor ter a filha em boas mãos do que a correr sem destino.

Cruza-se com as lavadeiras muito antes de chegar à água. Estão a caminhar em fila, os cestos a ocupar toda a largura do caminho.

— Viram a minha filha? — pergunta Geneviève. Descreve-lhes Mélanie de uma forma que nem ela compreende bem.

— A que tem o cabelo ondulado? — pergunta uma jovem.

Geneviève afasta um caracol do rosto. Assente com a cabeça. Há algumas crianças entre as mulheres, a maioria das quais Geneviève sabe que são os filhos e as filhas das lavadeiras. Nem Mélanie nem Rosie estão entre elas.

— Ainda há pouco a vi — diz uma rapariga que transporta uma

carga duas vezes maior do que ela. — Eu estava a brincar com ela. Nós dissemos que íamos voltar e ela foi lavar as mãos.

Era a aversão incomum de Mélanie à terra, à areia, ao lodo, a tudo o que pudesse colar-se-lhe às mãos a manifestar-se. Lavava as mãos com minúcia, numa imagem que assoma à cabeça de Geneviève com uma acuidade perturbadora. Imagina Mélanie ajoelhada junto ao rio, as aranhas-de-água a deslizarem na superfície como se fosse um espelho, como se fosse impossível afogar-se.

— Onde está a Rosie? — pergunta.

— Estava doente hoje.

Todas aquelas mulheres a bloquear-lhe o caminho quando a única coisa que Geneviève quer é correr. Abre caminho por entre elas.

— Espere, nós vamos consigo — diz alguém ao fundo.

— Pensava que a pequena estava a seguir-nos.

— Juro que ela estava a vir mesmo atrás de mim.

As vozes das lavadeiras são extraordinariamente altas. Apontam para o lugar onde estavam sentadas, porque Geneviève não o saberia, e aconselham-na a ter cuidado para não escorregar e a ter atenção à lama. Elas falam, mas nada faz sentido. Geneviève estuga o passo e depois pára, agarrando um ramo para se equilibrar; o rio parece sereno, quase convidativo, mas ela sabe que as correntes são perigosas e que se encontram violentamente com as águas do rio St. Louis. Na areia, ainda se vislumbram as marcas das palmas das mãos, dos joelhos e dos cestos das mulheres. A margem do rio torna-se mais estreita à direita, para onde as lavadeiras apontam. As árvores pendem sobre a água e os ramos definem um corredor escuro de madeira flutuante, arbustos intrincados e raízes sinuosas. E, no final, antes da próxima curva, uma pequena silhueta, tão emaranhada nas canas e roseiras que pode não passar de um pássaro gordo a proteger o ninho.

Mélanie grita antes de Geneviève o fazer. Está com soluços e as palavras saem entrecortadas.

— Não te mexas — grita Geneviève. — Eu vou aí.

Mas, ao contrário da filha, Geneviève é demasiado alta para se infiltrar por entre os ramos. Mal consegue chegar ao primeiro arbusto e já tem a cara e as mãos arranhadas por espinhos demasiado grossos para que consiga passar. Os sapatos escorregam no lodo, as folhas fugiram-lhe o rosto. Vira-se para trás como pode.

— Deixe-me tentar — diz alguém mais acima.

A rapariga, a que jurara que Mélanie as estava a seguir, ajoelha-se junto a ela. Os dentes tortos reluzem quando sorri. Num sussurro, diz o seu nome: Margot.

— Tenha cuidado — grita-lhe Geneviève, quando a única coisa que lhe apetece fazer é agradecer-lhe.

Mas a rapariga já está longe de vista e o túnel de galhos e canas

estala e crepita furiosamente quando ela passa. Geneviève recua para junto das outras mulheres, reunidas num grupo interessado na areia.

— Graças a Deus que não é o St. Louis — diz uma.

— Se fosse, não haveria ninguém para salvar.

— Pobre criança. Deve estar tão assustada.

*Deixem de falar*, por favor, pensa Geneviève. Doem-lhe os olhos de tanto os cravar no espaço entre os ramos e os arbustos, o céu e o rio a brilharem em diferentes tons de azuis. A vizinha que lhe atazana a cabeça torna-se mais forte: diz *assassina*, diz *vergonha*, diz todas as palavras feias que a marquesa lhe atirou um dia, as palavras que ficaram presas com ela na cela da Grande Force, as palavras que pensava que tinha deixado para trás na Maison de Correction ou no porto de Lorient. No entanto, ali estavam elas, na outra margem, onde não há ninguém para a salvar.

— Acho que as estou a ver.

Geneviève sente os pés a afundarem-se, um pequeno peixe a embater-lhe no tornozelo imerso, folhas presas no toucado. O túnel é mais escuro do que era alguns minutos antes; no interior, os movimentos e as formas são mais ténues. Depois, vê uma forma mais clara, o vestido azul-bebé da lavadeira a deixar-se vislumbrar e a conduzir uma silhueta mais pequena para terra firme. Algo cede no peito de Geneviève, que puxa um ramo para ajudar Margot a passar. Mélanie está mesmo atrás dela, a folhagem a roçar-lhe o cabelo; os olhos, no chão.

— Anda para aqui — diz Geneviève.

— Ela estava tão emaranhada nos ramos que tive de lhe cortar a saia — diz Margot, com os saiotes cheios de lodo e lama. — Está muito arrependida do que fez.

O que se espera das viúvas é que chorem, mas não demasiado. O que é que as pessoas têm a dizer sobre mães e, sobretudo, sobre mães solteiras?

— Anda para aqui — repete Geneviève, tentando acalmar a voz.

Mélanie gatinha na direção dela. Geneviève leva-a de volta para a praia. O corpo da filha parece mais pequeno, mais quente. Cabe-lhe perfeitamente nos braços. Geneviève ouve-se a sussurrar expressões mecânicas, expressões que, noutro mundo, significam exatamente o que devem significar. *Vai correr tudo bem, já estou aqui, nunca mais te vou deixar ficar mal*. Mélanie não diz nada. Os dedos molhados agarram-se ao toucado de Geneviève, entrefecham-se junto à orelha da mãe. Mélanie sopra-lhe pedaços de lama para o lobo da orelha quando fala.

— Não te preocupes, mamã — sussurra. — Estava a tentar chegar aos carvalhos. Ali, olha... Estás a vê-los?

Os rumores espalham-se rapidamente numa casa com tantos criados como a do governador. Voam de boca em boca por cima de roupa suja, pairam sobre o murmúrio imperturbável do rio, misturam-se com o mugido das vacas nos estábulos. São levados para a cozinha com ovos cheios de penas, soprados sobre o fumo de uma fogueira, passados pelos corredores juntamente com o chá e as bolachas e deixados noutra sala à mercê de quem lá entrar. Os rumores são sussurros histéricos, olhares conhecedores, comentários apreensivos. Nunca são bem o que são. Geneviève sabia que a criança estava desaparecida. Mas estava demasiado ocupada com um amante: o barbeiro, o ferreiro, o maneta.

Uma coisa é certa: se o marido de Geneviève estivesse vivo, não havia de querer a filha a viver com uma criatura tão devassa, uma mãe enfraquecida, uma mulher francesa que, dizem por aí, já esteve presa no país de origem pelos crimes que cometeu em Paris.

Laure não perde tempo. Aparece à porta da casa de Geneviève na manhã a seguir ao incidente.

— Estou desolada — diz Laure insistentemente, a abanar a cabeça. — Mas sabe que a nossa querida Mélanie merece muito melhor. O que diria o Pierre se estivesse aqui? — Detém-se, como se estivesse a ouvir a resposta do irmão. Quando retoma a palavra, a voz é assertiva. — Podemos tratar desta situação de diferentes formas, algumas mais agradáveis do que outras. Não é preciso envolvermos homens nisto, não acha?

Quando diz «homens», Laure refere-se ao marido, aos representantes do governador; ao escrivão que, depois da morte de Pierre, interpretou o testamento e explicou a Geneviève que podia viver na casa que partilhavam, mas que a casa pertencia à filha de quatro anos. Olha fixamente para a cunhada, cujo vestido preto é mais severo do que o dela; o seu sorriso, uma mistura complexa de pena e vitória.

A raiva queima a garganta de Geneviève.

— Saia — é tudo o que consegue dizer.

Laure abana a cabeça uma vez e levanta-se. Antes de chegar à porta, sopra um beijo de despedida a Mélanie.

No dia em que Geneviève viu Amélie pela última vez ficou completamente destruída por dentro. Esventrada, abandonada, como algo deixado sob o sol escaldante ou colocado debaixo de uma faca afiada. De outra forma, como poderia explicar-se a dor que a paralisara antes de começar a chorar, uma ferida aberta que não a abandonaria até ela ficar entorpecida pelas lágrimas?

Geneviève nunca poderá voltar a ficar naquele estado. Não por pensar que nunca mais haverá outra Amélie, mas porque agora é

responsável por Mélanie. Mélanie que põe o cabelo no ar à frente de espelhos imaginários, que dá tantos pontapés a dormir que fica com nódoas negras, que tem uma forma de a abraçar que a faz pensar que é maior do que é. Mélanie que a olha nos olhos por um segundo a mais para se certificar de que lhe está a prestar atenção antes de lhe pegar na mão para lhe mostrar o último jogo que inventou. Geneviève costumava ter amigas, costumava pertencer a uma comunidade de mulheres. Tudo se foi assim que abandonou o Sul. Mélanie foi tudo o que a Luisiana lhe deu depois disso, e agora quer reavê-la. Às vezes, quando Geneviève está quase a adormecer, vê-as a ambas à distância, de muito longe. Vê um oceano tão pequeno como um charco, rios a serpentear numa terra infinita como veias, florestas a aproximar-se a tal velocidade que é possível contar as casas e os veados um a um, ouvir o sino de uma igreja e, se ela aproximasse o ouvido, o canto tímido de um pássaro amarelo. Depois, parece possível atravessar o charco e seguir o rio até um lugar que ela conhece bem.

Manter uma criança quieta é tão difícil como calar bocas alheias. As figuras de massa caem demasiado depressa. A atenção de uma mãe nunca dura tempo suficiente. Todas as regras são temporárias: não toques no pão, não te aproximes da fogueira, deixa de incomodar as padeiras. As cozinhas são lugares perigosos. Não são lugares para crianças. Uma semana depois do incidente, dois dias depois de os convidados canadianos terem chegado, a cozinheira principal pousa a mão ossuda no ombro de Geneviève.

— Contratei-a a si — diz —, não a ela. — Os dedos deixam uma mancha de farinha no vestido preto de Geneviève. — Um dos amigos do senhor governador pediu um copo de conhaque. Leve-lho.

Conhaque, guisado de coelho, costeletas de vitela frias. Ao longo dos dias seguintes, Geneviève leva muitas coisas aos convidados canadianos. O trabalho duplica. Parece um teste: teria de cumprir bem os deveres para manter o emprego. Senão, teria de voltar para casa com a filha. Gasta os últimos cartuchos com as outras mulheres. «Só desta vez», dizem-lhe quando ela jura que voltará ao fim de cinco minutos, três, depois só um. E quando já não tem forças para pedir, esfrega as faces de Mélanie para as limpar e diz-lhe para a seguir, sem fazer barulho, e para se manter atrás dela enquanto ela bate à porta de um cavalheiro. Um dia, sai da sala de receção e vê que um dos convidados, um homem louro com um nariz afilado e lábios femininos, está a observar Mélanie. Mas o homem não diz nada, só lhe sorri, depois também para Geneviève, antes de fechar a porta.

Geneviève deveria ter um plano, mas, desta vez, não tem. Laure ainda não voltou a aparecer com as suas sugestões perturbadoras, mas é só uma questão de tempo até que o faça. As preocupações

financeiras passam para segundo plano. Se Mélanie lhe for tirada, Geneviève sabe que não há dinheiro que a possa trazer de volta.

A casa irá tornar-se uma cela fora da qual Geneviève ouvirá os sussurros zangados da cidade, relegando-a a algo que ela pensou que nunca seria, como aconteceu em Paris. Quando Geneviève diz à cozinheira principal que não voltará no dia seguinte, a mulher cruza os dedos de inseto.

— Talvez seja a melhor decisão — concorda.

Geneviève não ouvia uma frase tão simpática há semanas.

No dia seguinte, acorda com alguém a bater insistentemente à porta. Mélanie já está acordada, a examinar o dedo grande do pé. Geneviève sente o lábio inferior a tremer. Sorri para a filha, depois pega no espartilho, aperta-o até meio e agarra os saíotes.

— Veste-te — diz. — E espera aqui por mim.

— Posso escolher o que vou vestir hoje?

Geneviève olha para as duas saias da filha, ambas pretas.

— Podes — responde.

Resiste à tentação de puxar Mélanie para os braços, de lhe dar um abraço apertado até ela reclamar. Mas sabe que largá-la seria mais angustiante do que abraçá-la. Um dia como outro qualquer, portanto, independentemente do que a espere do outro lado da porta. Enfia o cabelo comprido debaixo do toucado, ajeita a gola do vestido escuro para que não mostre nada a não ser o pescoço e sai do quarto. Sente-se terrivelmente abatida.

Vê três homens à frente da casa. O escrivão não está entre eles; Laure também não está por perto. Só um rosto lhe é vagamente familiar.

— Minha senhora, aceite os nossos sinceros pêsames, bem como as nossas desculpas por nos apresentarmos aqui sem aviso prévio — diz o homem mais alto. Fita Geneviève com os olhos semicerrados como se ela não estivesse mesmo à frente dele. Os olhos protegidos pela sombra das densas pestanas. — Sabemos que está numa situação difícil e que não é a melhor altura para receber visitas, mas esperamos que possa abrir uma exceção. O *monsieur* Melet e o *monsieur* Beaulieu — relanceia para cada um dos homens ao seu lado — estão de visita durante alguns dias e estamos muito curiosos em relação aos tesouros que o seu marido trouxe das tribos locais.

É então, quando o homem apresentado como *monsieur* Melet sorri, que Geneviève reconhece que se trata de um dos canadianos que está hospedado na casa do governador, o convidado que viu Mélanie à espera dela no corredor. Geneviève afasta-se para o lado.

— Entrem, por favor — diz. — Mas é possível que fiquem desapontados com esses pretensos tesouros.

Os homens murmuram agradecimentos e seguem-na para dentro de

casa. O alívio que Geneviève sentiu quando descobriu quem eram — estranhos, nada mais — desapareceu. Nenhum homem entrou naquela casa nos últimos três meses, e a presença daqueles três canadianos parece-lhe ao mesmo tempo invasiva e uma reminiscência de outros tempos: tempos em que não estava sozinha e em que ninguém lhe estava a tentar roubar o pouco que lhe sobrava. Geneviève percebe o poder daqueles três homens. Sabe tudo o que poderiam fazer por ela, mas também que não deverão estar muito interessados em ajudá-la. Condu-los à sala de estar, onde guardou a maior parte dos artefactos que Pierre trouxe das aldeias dos Illinois. De vez em quando, levava com ele artigos que outros colonos lhe davam e, mais tarde, procurava naquilo que tinha em casa algo que pudesse trocar com os nativos: pólvora, aguardente, lã. Geneviève implorou-lhe que deixasse de o fazer no dia em que o apanhou a vasculhar-lhe os corpetes. Hoje, o baú só a faz lembrar da ausência do marido.

*Monsieur* Beaulieu e o homem com as fartas pestanas inclinam-se sobre o amontoado de objetos. O terceiro homem, *monsieur* Melet, não presta atenção ao guarda-rios empalhado, ao carcás colorido ou ao elmo enfeitado com os cornos de um touro. Olha fixamente para Mélanie, que está encostada à ombreira da porta, a chupar o polegar pensativamente.

— Esta não é a menina que eu vi no outro dia na casa do governador? — pergunta *monsieur* Melet.

Geneviève não tem tempo de responder. Mélanie corre pela sala a apontar para o arco que *monsieur* Beaulieu tem na mão e que ela costumava cobiçar para as brincadeiras que inventava. Detém-se ao chegar junto dele.

— Esse arco é muito frágil — diz-lhe. — O senhor não deveria segurá-lo dessa maneira.

— Perdoem-na — intervém Geneviève, estendendo a mão para as da filha, mas Mélanie esconde-as debaixo das axilas.

— Como assim?

Mélanie vira-se para ele, surpreendida por ele lhe estar a dar atenção.

— Bem — começa ela com muita prudência, e, nesse momento, é tão parecida com Pierre que Geneviève sente as pernas a ceder. — É muito afiado, pode cortar-se.

Os outros dois homens também a estão a ouvir. *Monsieur* Beaulieu aponta para uma cabaça.

— E isto? O que é que devemos saber sobre isto?

— Isso — diz Mélanie — é uma *chichicoya*. — Explica que o interior está cheio de contas de vidro e fala de doenças e canções. Quando a sacode, o homem sobressalta-se. Ela estende-a com relutância a *monsieur* Beaulieu.

O que é que Geneviève lhes diria se lhes pudesse captar a atenção? Por favor, intervenham. Falem com o escrivão. Convençam-nos de que eu não sou quem eles pensam que eu sou.

— É faladora a menina.

*Monsieur* Melet pousa a mão nas costas da cadeira de Geneviève.

— Demasiado, às vezes — responde Geneviève com a voz seca.

— O seu marido deve ter sido um homem com muito conhecimento. Eu pensava que o *monsieur* Dugué de Boisbriand era a única pessoa que sabia falar a língua dos Illinois. Vou perguntar-lhe se conhecia o *monsieur*...

— Durand — completa Geneviève, que duvida que o atual governador da Luisiana se lembre de Pierre.

O marido de Geneviève e o fundador do assentamento de Fort de Chartres encontraram-se uma vez, e foi por acaso, no dia em que *monsieur* Dugué de Boisbriand foi ver as poucas raparigas que o padre jesuíta jurou ter convertido ao cristianismo. Quando *monsieur* Dugué partiu para Nova Orleães para substituir *monsieur* Bienville dois anos depois de Geneviève e Pierre terem chegado a Prairie du Rocher, Geneviève perguntou ao marido quanto tempo dava ao governador até também ele ser chamado a Paris. «E que tal tentares confiar nele?», respondera-lhe Pierre. Geneviève tentou, mas não tinha culpa de sentir uma derrota atrás da outra. No entanto, às vezes, a única coisa que lhe restava era a percepção.

— Está a caminho de Nova Orleães? — pergunta ela.

*Monsieur* Melet olha para ela. Tem os ombros quadrados, os olhos brilham num tom claro de castanho e, sob a luz certa, podem ser considerados verdes. Tira a mão das costas da cadeira.

— O País de Illinois é tão parecido com o Canadá que chega a ser uma desilusão — afirma. — Pensei que esta terra seria mais quente, mais seca. Provavelmente a senhora teve uma impressão diferente quando chegou de Nova Biloxi.

Geneviève tenta manter uma expressão neutra. Nunca disse nada sobre a Baixa Luisiana. De repente, sente-se extremamente vulnerável, sozinha na sala com aqueles homens.

— Posso não conhecer o Canadá — obriga-se a responder —, mas partilho da sua opinião sobre este lugar.

*Monsieur* Melet está prestes a responder quando o homem das pestanas densas os interrompe.

— Já a incomodámos demasiado — diz, com um ar alarmado.

Mélanie está a correr atrás dele, a divagar sobre bisontes e gamos estrangulados. Desta vez, Geneviève reconhece as explicações da filha pelo que são: histórias inventadas por ela. Puxa Mélanie para junto dela.

— De todo — diz.



— Creio que estes homens já tiveram a sua conta de exotismo.

*Monsieur* Beaulieu assente, mas *monsieur* Melet continua a olhar para a cabaça que Mélanie pousou na única poltrona da sala.

— Não exatamente. Com a sua autorização, poderei regressar com o *monsieur* Soulant, que há de estar muito interessado em tudo o que a sua casa tem para oferecer.

Os outros dois homens trocam olhares.

— Claro — diz Geneviève, com alguma precipitação.

Os homens vão-se embora. Geneviève vê-os a afastar-se e imagina-se a ir atrás deles com um baú na mão e Mélanie na outra. A única coisa que ela quer daquela casa é distância. Abandoná-la.

Quando *monsieur* Melet volta dois dias depois, vem desacompanhado. Está vestido com roupa de caça bastante suja, o que lhe dá um ar menos impressionante. Parece um simples visitante a passar pela casa dela a caminho de outro lugar qualquer. Observa os artigos de Pierre que Geneviève guarda dentro do baú, pergunta o preço de uma pele de lontra e volta a pousá-la, apesar de Geneviève saber que o preço que lhe indicou é demasiado baixo. Recusa beber ou comer alguma coisa. Explica que foi convocado por um dos compatriotas, o governador da Luisiana em pessoa, *monsieur* Dugué de Boisbriand, que lhe ofereceu um cargo no seu corpo de conselheiros.

— Se um homem nascido e criado na cidade do Quebeque é capaz de sobreviver ao calor, eu também sou. — Ri-se sozinho e mostra covinhas que Geneviève não adivinharia que ele tivesse. Não alude ao passado dela como no outro dia. Só lhe pergunta sobre o Sul.

— É difícil chegar ao continente, mas, se o dia estiver limpo, é possível avistar golfinhos — explica Geneviève, quando a única coisa que quer dizer é como foi difícil não ter chegado a tempo de ver Pétronille partir ou nunca ter chegado a saber o nome do bebé de Charlotte. Charlotte, que não passava de uma jovem de treze anos assustada com a gravidez, na última vez que estiveram juntas. O homem que está à sua frente na sala vai para o local onde ela as viu pela última vez. Os factos parecem incompatíveis, quase mágicos.

— Não a vou incomodar mais — diz ele, por fim. Olha para as mãos dela e pega no chicote. Não diz se vai voltar.

Laure aparece vestida para a ocasião: o vestido de lã é escuro e opaco, denso, e tem um capelo — um verdadeiro pesadelo para um dia de verão tão quente. Trata as gotas de suor como lágrimas, limpando-as com um lenço cinzento. Demora uma eternidade a explicar o que foi ali dizer. Diz-lhe que esteve com o escrivão, o homem calvo com o crânio marcado pelo sol. Pergunta-lhe se se

lembra dele. É um homem deveras pragmático, extremamente meticoloso, que já estava a concordar com ela ainda antes de ela acabar de falar, muito, muito antes de ela lhe explicar a história toda. Era bastante óbvio que Mélanie deveria viver com a família dela. É claro que as mães eram sempre as tutoras preferenciais. As mães cuidadosas, claro. As necessidades de uma criança têm de estar sempre em primeiro lugar, não seria assim? Geneviève seria bem recebida se a fosse visitar. Afinal, Laure não era nenhum monstro. E o homem era de confiança. Tomaria todas as medidas necessárias, incluindo a transferência da herança de Mélanie. Geneviève ficaria com o seu dote, pelo menos durante um ano, mas Laure prometeu a Pierre que tomaria conta da sobrinha. E as promessas aos mortos não podiam ser quebradas.

*Tem toda a razão, pensa Geneviève. Não podem ser quebradas.*

No dia seguinte, Geneviève não espera para ver se *monsieur* Melet irá voltar. Pega em Mélanie e volta à casa onde costumava trabalhar, onde o quintal e a cozinha lhe parecem extraordinariamente inalterados, onde as mulheres olham para ela atrás de caldeirões a ferver, onde ouve o som húmido de carne a ser cortada. Na escuridão de veludo do corredor, o aroma do caldo esbate-se à medida que avança com a passada abafada pelo tapete grosso com Mélanie a cambalear atrás de si, esperando não se deparar com ninguém a não ser o homem que mal conhece e ao qual pretende pedir tanto. Sente a respiração tépida nos lábios quando vê três portas e se tenta lembrar de que quarto o viu a sair quando trabalhava na casa. Não faz ideia do que haverá de dizer aos outros cavalheiros se se deparar com eles.

— Porta errada.

Uma quarta porta abre-se atrás dela. A sombra de *monsieur* Melet atravessa o raio de Sol que cai sobre o tapete. O homem é mais baixo do que ela se lembrava.

— Entre.

Geneviève pega na mão de Mélanie e fecha os dedos trémulos com um pouco de força a mais. Mal repara no que a rodeia: uma sala cheia de luz e sombras, o cheiro do sol a incidir na seda. Não consegue ver além daquele momento.

— Gostaria de o acompanhar para Nova Orleães — diz-lhe.

Ele olha para ela, aparentemente mais divertido do que surpreendido.

— Acompanhar-me? E iria comigo na qualidade de...

— Posso cozinhar, posso lavar roupa — informa ela. — Posso fazer qualquer coisa.

*Monsieur* Melet está a brincar com um pequeno relógio, que coloca sob a luz para a refletir para outro lugar.

— A minha mulher não cozinha nem lava roupa.

— A sua mulher.

— Disse que poderia fazer qualquer coisa, não foi?

Mélanie puxa-lhe o vestido, mas o gesto vem de uma distância infinita. Geneviève fica completamente imóvel. Vê a madre superiora apoiada na bengala na Maison de Correction a levar-lhe mais uma oferta que ela não esperava. Ratazanas bebé a dormir junto aos seus pés, tudo o que a prosecta mulher sabia sobre ela, tudo o que ignorava. Um barco a vogar para longe, onde nada disso seria importante. O futuro a tornar-se passado, a fundir-se com o oceano, a terra e o rio, imagens que levam inevitavelmente à mulher em que se transformou.

— O que é que as pessoas diriam? — pergunta.

— Provavelmente nada mais sórdido do que estão a dizer agora.

Geneviève agradece-lhe a sinceridade.

— E porque havia o senhor de querer casar com uma mãe irresponsável? Uma viúva intrépida? — Nunca soube bem porque a madre Pancatelin decidiu salvá-la.

— Precisamente por essas razões.

— Isso não pode ser verdade.

— E se eu lhe dissesse que sempre tive curiosidade acerca de mulheres francesas, acreditaria em mim?

— Não — responde Geneviève.

Ele ri-se e olha em volta, como se tivesse acabado de se aperceber de onde estavam. Num quarto da casa do governador, com uma criança atenta entre eles. Faz-se um silêncio. Uma porta bate ao longe.

— Deverei interpretar a sua resposta como um sim? — pergunta *monsieur* Melet.

Quando lhe responde, Geneviève olha para além dele, pela janela, para tudo o que não consegue ver.

*Monsieur* Melet avisa-a de que a viagem será longa, apesar de estarem a descer o rio. Fala em várias centenas de léguas, numa viagem de três a quatro semanas, mas Geneviève acha que ele está enganado. Lembra-se de que, quando viajou com Pierre, demoraram meses a chegar a Prairie du Rocher. Além disso, sabe bem que as águas são imprevisíveis, que pode haver tempestades, ventos violentos, redemoinhos, castores, ursos e cascos partidos. Porém, não se importa. Pela primeira vez na vida, dirige-se para onde quer. Não vai ficar enterrada no interior para sempre. A água poderia levá-la a qualquer lugar. Neste caso, irá levá-la para o primeiro lugar onde se instalou, irá levar a filha para o delta. Geneviève não se permite pensar que Charlotte e Étiennette ainda possam estar lá. Mas, mesmo que ambas já não se encontrem lá, estará — tem de estar — pelo menos uma outra mulher que conhece do *La Baleine*. Alguém que se

lembre de Paris, de Salpêtrière, de Lorient e da sensação de ver tudo a desaparecer, para sempre, a partir do convés húmido de um filibote a que deram o nome de baleia.

Nunca imaginou que a Baixa Luisiana fosse alguma vez soar-lhe tão aconchegante. Tem esperança de que, quando lá chegar, a viuvez não passe de um rumor, uma brecha na madeira, um chape na água, um barulho que se sumiu num instante.

Descobre que o nome de *monsieur* Melet é Pierre. Uma coincidência desconcertante. Pronuncia as duas sílabas do apelido com cuidado, faz questão de o tratar por senhor e pergunta-se se alguma vez irá pensar nele de outra forma depois de casarem.

Ainda tem alguns meses para decidir. Só casarão depois de chegarem a Nova Orleães e, a seguir, ainda vão esperar tempo suficiente para se certificarem de que o primeiro marido de Geneviève não é o pai de uma possível criança se ela estiver grávida. Geneviève sabe que não está, mas não há necessidade de agitar as consciências das pessoas, nem num lugar nem no outro.

Quase não vê *monsieur* Melet enquanto se prepara para a viagem. Não sabe o que ele disse aos companheiros de viagem sobre ela. Quando lhe pergunta, ele pousa a mão na dela.

— Não se preocupe com isso — responde-lhe. Nunca lhe tinha tocado: o afago chega-lhe até ao cotovelo. *Monsieur* Melet tem os dedos frios como um anel de sinete, e ela ainda não tinha reparado que as unhas eram tão afiadas.

Mélanie quase não faz perguntas sobre ele. Não tem muito interesse no homem, só na viagem. Quer saber qual é o aspeto das pessoas no Sul e se vai ter tanto frio no inverno como tem ali. Pergunta qual é o tamanho das aranhas e a cor do céu. Geneviève descreve o solo ocre, corredores verdes de água, árvores cuja folhagem parece o cabelo comprido e ondulado da filha. O entusiasmo com que fala surpreende-a. A Luisiana que está a oferecer à filha não tem mosquitos nem pessoas com fome, está cheia de frutos e bichos-da-seda; o calor é ligeiramente mais húmido do que o que ela recorda da sua infância na Provença. Geneviève compreende, por fim, que os contos fantásticos que Pierre e as raparigas costumavam contar em Nova Biloxi e no *La Baleine* serviam tanto para os próprios como lhe serviam a ela.

Uma criada vai ajudá-la a preparar a bagagem. É uma mulher que, felizmente, Geneviève não se lembra de ver na casa do governador. *Monsieur* Melet disse-lhe para levar tudo o que Pierre trocou com a tribo dos Illinois. O baú de Pierre é levado antes do dela, o que lhe parece errado. Embora seja enorme, ela não o enche em demasia. Nunca teve a oportunidade de viajar com muito. Nada a não ser o vestido que estava a usar quando foi mandada embora pela marquesa

e pouco mais quando saiu de Salpêtrière. Acaba por enfiar meias, saíotes e vestidos na velha trouxa que um dia lhe foi entregue numa esquadra de polícia em Paris.

Um dia antes da partida, Geneviève vai visitar Laure. A ideia de ver a cunhada é deveras desagradável, mas Geneviève fá-lo por Pierre, por ela própria, talvez até por Laure. Não podia ir-se embora sem a voltar a ver. As despedidas são importantes: podem ser o único poder que Geneviève já teve. Ainda consegue sentir os ombros subitamente frágeis de Amélie nos braços, a convicção profunda que a arrebatou naquele momento: assim que deixamos alguém partir, não há como voltar atrás. Ainda sente os olhos da madre Pancatelin a cruzar-se com os seus no dia em que as carroças se reuniram na Cour Saint-Louis, a madre superiora sentada à sombra, a cadeira a desaparecer-lhe debaixo do vestido, a bengala pousada entre os pés como uma terceira perna. Agora, Geneviève pensa que gostaria de ter ido falar com ela. Não tem a certeza do que lhe teria dito. Sabe apenas que foi um luxo estar ciente de que estava a ver a velha diretora — e aquele lugar — pela última vez. Não ia cometer o mesmo erro, nem sequer com Laure.

No quintal, Mélanie brinca com três dos cinco primos. Um gato segue os arcos imperfeitos de uma bola. Da sala, não se ouvem senão gritos abafados das crianças. Laure acena-lhe com a cabeça quando ela entra. Manteve-se praticamente incontactável desde que tomou conhecimento da viagem de Geneviève.

— Não vou ficar muito tempo — diz Geneviève.

— Sobretudo tendo em conta que o barco parte domingo.

— Que é amanhã.

— Amanhã — repete Laure.

Geneviève inclina-se na direção dela.

— Queria dizer-lhe que pode usar a casa do Pierre até a Mélanie regressar — diz Geneviève.

Laure vira-se para a janela. As mãos das crianças, com a distância, parecem tocar-lhe o rosto.

— Ambas sabemos que ela não vai regressar — diz Laure em voz baixa. Detém-se. — Nunca acreditou em mim quando eu lhe disse que estava a agir nos melhores interesses dela, pois não?

— Não, não acreditei.

Laure assente.

— Acha que esse homem vai ser bom para ela?

Geneviève só o saberá quando tiver partido.

— Eu vou estar lá — responde. Fica à espera de que a cunhada se ria dela, mas Laure apresenta uma expressão solene.

— O Pierre não teria desejado nada disto — afirma.

Depois, abre a porta e, sem olhar para Geneviève, deixa a sala e reaparece lá fora como se estivesse num palco, interrompendo as

brincadeiras das crianças e o espetáculo do gato. A janela enquadra a cena na perfeição. Laure ajoelhada no chão e Mélanie a correr na direção dela, os rapazes a olhar para a mãe e para a prima, a bola a rolar para longe e a passar por entre as patas do gato. Os rostos de Mélanie e Laure desaparecem na escuridão de um vestido e no braço roliço de uma criança. Geneviève ouve um soluço baixo, o início de uma das canções religiosas do sobrinho, ou talvez outra coisa completamente diferente.

O rio: cinzento, azul e castanho, e muitas vezes um tom sem nome. É mais um movimento do que uma cor: a água agitada por forças invisíveis, a correr, revolta, debaixo deles. As pirogas são muito maiores do que aquelas em que Geneviève vogou na primeira viagem: há espaço para as pernas, espaço para Mélanie se deitar ao seu lado, como costumava fazer no banco da cozinha da casa do governador. Mas agora Mélanie nunca está sozinha. À noite, os remadores canadianos entretêm-nas com as aventuras que tiveram no Canadá: explicam-lhes que os rápidos são perigosos, o que é um carreto, e como de vez em quando têm de carregar canoas e bagagem quando os rios se tornam impraticáveis. As histórias que eles contam nem sempre são próprias para uma criança. Geneviève pede-lhes que parem na quarta noite, quando apanha um a mostrar o pé com quatro dedos a Mélanie e a contar-lhe como o dedo grande congelou numa pedra coberta de gelo e teve de ser amputado. Geneviève nunca viu homens tão grandes e tão robustos como aqueles viajantes, que, quando a ajudam a bordo, fazem-na sentir-se tão leve como Mélanie. No entanto, quando os manda calar, caem num silêncio embaraçoso.

Geneviève e Mélanie partilham a sua piroga com estes homens, uma cozinheira surda, um rapaz de quinze anos, três baús e um cão malcheiroso que parece estar sempre a pouca distância de cair borda fora. *Monsieur* Melet vai noutro barco, o que Geneviève compreende. Está a viajar como viúva, não como noiva. O que a confunde é a inconsistência do homem. Algumas noites está sentada na margem do rio com o estranho curioso e sorridente que conheceu quando ele lhe apareceu à porta; outras, está tão distante que ela se questiona se ainda se lembra das promessas que lhe fez.

Ao fim de três semanas de viagem e depois de uma paragem num posto avançado do território dos Chicachas, ouve os viajantes a dizer que o governador da Luisiana, *monsieur* Dugué de Boisbriand, poderá vir a enfrentar as mesmas acusações do antecessor, que foi acusado de deteriorar a colónia. Que poderá até vir a ser enviado de volta para França, tal como aconteceu com *monsieur* Bienville.

— Um canadiano a mandar nos destinos de toda a Luisiana — diz um dos homens — não durou muito.

Dedos grossos cutucam os troncos. Há uma grande labareda que sobe e depois baixa: os viajantes nunca se queimam.

— Aposto que são só rumores — sugere Geneviève.

Os homens encolhem os ombros e abanam as cabeças. Geneviève sente-se pouco à vontade. *Monsieur* Melet previa sentar-se no conselho do governador de Nova Orleães: mas o que acontecerá se *monsieur* Dugué de Boisbriand tiver desaparecido antes de chegarem ao delta? Geneviève não quer pôr-se a adivinhar o que a decisão significaria, tanto para ela como para Mélanie.

No dia seguinte, *monsieur* Melet mostra-lhe um mapa. Ela não se sente demasiado perto do futuro marido; consegue sentir *monsieur* Beaulieu a olhar para eles. Inclina-se sobre o papel cansado. Há uma bússola no meio do oceano, um sol preso num círculo, os raios a morrer ao chegarem ao continente. Montanhas pequenas, não muito diferentes de ondas, congeladas aqui e ali em terra: o rio St. Louis como único caminho óbvio a atravessar tudo. Traços mais grossos de tinta em redor do lago Orleães e do lago Superior, lagos que lutam por um nome, ostentando dois e não apenas um, já que o lago Golfinho também pode ser lago Illinois e Michigami. Nomes que Geneviève nunca ouviu de lugares que nunca irá conhecer — ilha da Tartaruga, região dos Chaouanons, Novo México e Nova Espanha — como se acrescentar a palavra «novo» em frente do nome de um lugar fosse suficiente para reclamar o território. Depois, um que ela reconhece imediatamente quando *monsieur* Melet o lê: Natchez, algures entre o rio Túnica e as aldeias dos Houmas. A unha de Geneviève cobre-o por completo quando ela aponta para o lugar.

— Vamos parar aqui?

— Onde?

Geneviève afasta o dedo. Sente o coração a palpitar no peito. Fez a mesma pergunta a Pierre há cinco anos e a resposta foi não. Acabaram por ir abastecer-se a Yazoo.

— É provável — responde *monsieur* Melet, encolhendo os ombros.

Geneviève não menciona Pétronille antes do dia em que chegam a Natchez. Não quer alimentar as esperanças. Só soube do nome de casada da amiga graças a Pierre, que, em Nova Biloxi, ouviu falar de *monsieur* Ducros e da sua plantação em Fort Rosalie. Geneviève pode não saber nada sobre Pétronille, mas já está a imaginar o que a amiga diria: «Se ele deixar que nos encontremos, é um sinal de um coração bondoso. Se não, teme pelo futuro.» Pétronille, que lia mensagens em flores, que sonhava alto apenas com pequenos sinais.

O Sol ainda vai alto quando chegam a Fort Rosalie. O dia está encoberto, as colinas parecem prateadas, a luz é acutilante. O forte ergue-se sobre o rio, as sombras são absorvidas pela floresta. Por uma vez, a acostagem é fácil; as pirogas deslizam para a areia como se

fosse manteiga. O assentamento revela-se cautelosamente. Uma barraca com estrume no fim do caminho, uma quinta, depois duas. Muitas mais, florestas a dar lugar a porcos, ovelhas e campos, pessoas a trabalhar neles, camponeses franceses ou africanos escravizados. Nas carruagens que o governador enviou para os ir buscar, Geneviève quase não olha para a paisagem. É inútil tentar adivinhar qual será a casa de Pétronille. No colo dela, Mélanie ressona aos soluços. Geneviève olha fixamente para *monsieur* Melet, que tem o maxilar tenso e pequenas rugas cavadas na testa. Não é um bom dia, mas é o único que tem.

— Uma amiga minha — começa. Mas detém-se. As palavras fazem-lhe arder as bochechas. — A *madame* Ducros. Vive aqui. Tinha esperança de a ver.

Ele olha pela janela, franze o sobrolho, inclina-se para a frente, como se tivesse reconhecido alguém. Depois vira-se para ela. O rosto é impassível. Naquele momento, é o perfeito estranho que sempre foi.

— Faça como entender — responde, imperturbado.

Geneviève abre a boca, mas não sai nada. Não está aliviada. Sente-se invisível, algo que pode ser esquecido, apagado.

— Obrigada — consegue dizer.

Ainda está a tentar sacudir a sensação, uma hora depois, quando salta para outra carruagem, desta vez só com Mélanie e um soldado sentado junto ao cocheiro. *Monsieur* Melet desapareceu assim que entraram na residência do governador de Fort Rosalie. Disse-lhe que ela seria levada ao encontro de *madame* Ducros e que tinha assuntos importantes a tratar: provavelmente verificar os rumores sobre a acusação de corrupção a *monsieur* Dugué de Boisbriand para se certificar de que tinha um emprego à espera dele em Nova Orleães, embora não tivesse dito uma palavra sobre o assunto.

— Espero que o reencontro com a sua amiga seja agradável — acrescentou.

Pareceu-lhe que estava a ser genuíno e que era uma demonstração de bondade. É o peso das últimas palavras. Geneviève agarra-se a esta única frase como a uma corda.

Em seguida, está a caminho da casa de Pétronille. A carruagem deixa a estrada principal. Veem-se amoreiras em toda a parte, tal como na Provença. E laranjas também, como as que costumava comer em Nova Biloxi, o sumo doce a arder-lhe nas gengivas. Debaixo dela, a carruagem abana como as pirogas em que viajava na última vez que viu Pétronille na praia, há cinco anos.

Os cavalos param. A casa é grande e bem construída. É a primeira coisa que lhe vem à ideia, e que não estaria deslocada se estivesse a pensar na sua própria filha: a amiga tem um teto estável a protegê-la; está a ser bem cuidada. Há trepadeiras a crescer em redor das janelas.



Mais abaixo, flores que Geneviève não sabia que existiam explodem em cores ricas e silvestres, num leque de tons tão variado que é difícil pensar nelas individualmente. O alpendre está vazio, à exceção de um pisco que voa para longe quando elas se aproximam. Mélanie recua para trás do vestido da mãe.

— Mamã — sussurra. Aponta para a janela. — Olha.

De início, Geneviève não reconhece Pétronille: o reflexo do pátio na janela a fundir-se com o interior da casa, os ramos e o céu espelhados no rosto da amiga, a mão de Pétronille à frente da boca, o sinal de nascença quase invisível, os olhos tão espantados como se tivessem visto um fantasma. No momento seguinte, Pétronille está à frente de Geneviève. O mesmo cabelo preto, os olhos menos verdes do que na memória de Geneviève, o sobrolho ligeiramente franzido, a ponderar sobre uma questão que ninguém a não ser ela colocou.

— Confundi-te com a Marie — diz Pétronille.

Geneviève não sabe a quem Pétronille se refere. Resiste ao impulso de a abraçar: a sua velha amiga não iria gostar muito do gesto. Mas Pétronille abraça-a delicadamente, como se um gesto abrupto a pudesse quebrar. O abraço é pouco mais forte do que o que deram da última vez que se encontraram, na cabana das doentes, quando Geneviève lhe disse para procurar *madame* Durand assim que saísse do entreposto. *Madame* Durand. Dentro de poucos meses, essa mulher deixará de existir: passará a ostentar outro nome e será impossível de encontrar. Geneviève chegou a tempo. Pétronille recua um passo.

— Como é que vieste para aqui? — pergunta-lhe.

Geneviève olha em volta. De repente, não consegue explicá-lo a si própria.

— Estamos a viajar com homens enormes — intervém Mélanie. — E o *monsieur* Melet.

Pétronille olha fixamente para ela, incrédula.

— Quem é esse? — pergunta, e, por um momento, Geneviève não sabe se Pétronille está a falar com ela ou com a filha.

— Não sei — responde Mélanie.

Pétronille começa a rir-se, demasiado para uma frase tão pequena; Mélanie sorri, orgulhosa da piada que não era piada. Pétronille vira-se para Geneviève.

— Mas tu sabes quem é, não sabes? — pergunta.

Geneviève lança-lhe um sorriso tímido. A sensação que teve na carruagem sobe-lhe pela barriga novamente: uma sensação invasiva, abrangente e persistente que ameaça engolir tudo o mais. Agarra-se ao momento presente: Pétronille, o aroma a laranjas, a luz prateada. Mélanie ajoelhada no alpendre, a olhar para um lagarto a enfiar-se entre as tábuas de madeira.

— Deixa-me ir buscar o Émile — diz Pétronille. Depois esclarece:

— É o meu filho. A bebé, Hélène, está a dormir.

Geneviève segue a amiga para o interior da casa. É ali que Pétronille tem vivido nos últimos anos, onde os filhos dela estão a crescer. Não consegue acreditar que está a entrar na casa da amiga. A mobília é elegante; a madeira, polida. Em cima da mesa, há um ramalhete de flores secas, cor-de-rosa e brancas. À frente da lareira, uma poltrona. Quando Geneviève vê o xaile pendurado nas costas da poltrona, sente o coração a martelar-lhe no peito. A seda reflete o sol de uma forma que ela reconhece imediatamente, uma forma que não via há muito tempo. Na sala ao lado, ouve uma criança a agitar-se. Quando toca no xaile absolutamente macio, pensa na Provença, em cabelos de bebé, em pedras alisadas pelas correntes dos rios, na pele do interior das coxas de uma mulher.

— Tu terias apreciado o capricho do *monsieur* Ducros quando ele decidiu que iria produzir a sua própria seda — ouve Pétronille a dizer.

A amiga está atrás dela, com um rapaz de cabelo preto com não mais de três ou quatro anos nos braços. Geneviève acena-lhe com ternura e aponta para o xaile.

— Foi o teu marido que o fez?

— De maneira nenhuma. Ele comprou-mo. — Pétronille sorri. — Não tinha paciência, nem destreza para dobrar a seda dos casulos. Disse que era trabalho de mulher ou de criança.

Geneviève imagina as mãos cuidadosas da mãe, os gestos meticulosos quando tratava dos bichos-da-seda e dos casulos. *É claro que é um trabalho de mulher*, pensa.

É impossível resumir cinco anos numa hora. É impossível descrever as pequenas alegrias, os momentos de desespero, os assomos de raiva que as trouxeram até ao momento presente. Vão escolhendo um e outro momento, uns com mais cuidado do que outros. Falam dos maridos, de traições, de mortes e de perdão. Falam dos filhos, mas não demasiado: Mélanie e Émile estão a brincar no alpendre, e as brincadeiras que fazem dizem o suficiente sobre eles: Mélanie é decidida e inventiva; Émile é sonhador, mas teimoso.

— Tenho tanta sorte por ele ser um rapaz pacato — comenta Pétronille.

Conta a Geneviève que o filho era muito pequeno quando as escaramuças de outubro de 1722 começaram, que estava a embalar o bebé, na altura com seis meses, naquele mesmo alpendre no dia em que os guerreiros Natchez passaram pela casa dela. Que estava cheia de medo de que o bebé comesse a gemer e chamasse a atenção dos homens. Mas eles seguiram em frente e ignoraram-na. Os guerreiros da Aldeia da Maçã Branca andavam atrás de outra pessoa naquele dia de outubro. Pétronille ouviu-os a disparar sobre a plantação de

*monsieur* Guenot durante uma semana inteira. Pétronille rezou para que ela e a família fossem poupadas, e a verdade é que as orações a salvaram, mas não aos outros colonos, cujas casas e herdades não demoraram a ser destruídas pelo fogo.

— Mas aquela guerra não foi nada em comparação com a que veio a seguir, quando já era outono — afirma Pétronille.

— Quantas guerras houve? — pergunta Geneviève. Não quer parecer assustada, não quer abalar a indiferença desconcertante da amiga.

Pétronille encolhe os ombros.

— As coisas estão mais calmas há uns três anos. — Detém-se. — Nem sequer tenho a certeza de como a última guerra começou.

Pétronille explica que, no outono de 1723, um grupo de Natchez matou gado que mais tarde se veio a saber que estava na propriedade de alguns colonos. Ou talvez isso tenha acontecido mais tarde, quando os barcos já vinham cheios de soldados de Nova Orleães, que foram auxiliados por guerreiros Tunicas e, mais tarde, por missionários nativos das cidades Natchez aliadas. Acrescenta que os soldados queimaram cabanas e celeiros nas aldeias de Grigra e Jenezagues, mas não faz referência às batalhas. Apressa-se a chegar à conclusão: o Serpente Tatuada pediu paz e levou as cabeças dos guerreiros rebeldes ao governador Bienville. Geneviève não conseguia visualizar a cena: no mundo de Pierre, nunca houvera nenhum conflito com os nativos, muito menos uma guerra. A única coisa que imagina quando ouve os relatos da amiga são homens a bater nos tambores como os que ouviu uma vez a serem tocados pelos homens da tribo dos Illinois, perto de Prairie du Rocher; e as braçadeiras brancas que a amiga descreve, usadas por guerreiros aliados para assinalar a aliança com os franceses.

— O Émile passou a maior parte do tempo a dormir — conclui Pétronille.

Contudo, o tom tornou-se incerto. Pétronille exprime-se de forma mecânica, sem olhar para Geneviève, e começa a falar na mulher de um sargento que foi capturada e levada para uma ravina, onde lutou com os nativos usando uma lardeadeira que tinha escondido numa manga da camisa de dormir. Ainda conseguiu matar um antes de ser escalpada. Pétronille começa a rir-se, com amargura, ao sentir o horror da história que está a contar.

— Aprendi muito desde então — conclui. — Precisamente um ano antes da primeira guerra, estava a andar a cavalo com uma amiga na propriedade do *monsieur* Guenot, o responsável por toda esta carnificina.

— A andar a cavalo? — pergunta Geneviève, espantada. Não consegue afastar a imagem da mulher de um sargento a defender-se

com as armas que tinha.

— Foi uma ideia tão estúpida — admite Pétronille. — Mas não me arrependo, sabes?

Ficam em silêncio. Uma libélula vermelha paira no meio do alpendre. É a diferença entre elas. Pétronille não se arrepende de nada do que fez. Nem em Natchez, nem no *La Baleine* com Baptiste, nem no entreposto quando estava preparada para fazer tudo para o rever.

— O que é que te vai acontecer agora? — pergunta Pétronille.

— Não sei — responde Geneviève.

Fica à espera de que a respiração acelere, que as têmporas ardam, que a angústia suba, como acontecia tantas vezes desde a morte de Pierre. Nada disso acontece. Uma brisa seca-lhe o suor no pescoço e sopra o vestido de Pétronille de encontro ao dela. O seu futuro é insondável, mas não está fora de alcance e é nisso que ela se foca. Está a prepará-lo, não com água e farinha como se prepara o pão, mas com palavras e ações, e ele está a formar-se, um caminho que se estende a partir de tudo o que fez e que contorna tudo o que evitou. Até agora, levou-a até ali: à melhor amiga, com a filha, para um lugar a que nunca pensou chegar.

O passado já o conhece; irá acompanhá-la para onde quer que vá e engoli-la-á se ela deixar. Recosta-se na cadeira e vê Mélanie tirar um pano a Émile. Pétronille mantém-se imóvel ao lado dela e deixa-os resolver o que lhes cabe a eles resolver. Para lá deles, o soldado fuma um cachimbo numa pedra e o cocheiro arrasta os cavalos recalcitrantes. A porta da carruagem está entreaberta — assim como o futuro, para que ela possa entrar.

## PARTE III

As mulheres têm filhos. Algumas delas prefeririam ter continuado a ser meninas, mas até elas sabiam que era pouco provável que isso acontecesse. Sabiam que um dia as barrigas iriam aumentar, que não ficariam sozinhas na Luisiana. As crianças chamam-se Mélanie, Hugo, Émile, mas os nomes não importam: tal como os das mulheres, serão esquecidos. As crianças nasceram no Mississípi. Por esta altura, já têm idade suficiente para fazer perguntas. Sempre tiveram. Foram as mães que demoraram a perceber quais eram. Houve um tempo, não muito distante, em que as mães tinham as mesmas perguntas. Também elas estavam há pouco tempo na colónia: não podiam saber o nome das canoas locais, se uma criatura voadora era um inseto enorme ou um pássaro minúsculo, ou porque é que o Sol se põe tão cedo daquele lado do oceano.

As mulheres demoraram muitos anos a compreender o que as rodeava. Querem poupar os filhos à confusão, aos passos em falso, às ilusões, ao sentimento amargo de que esta terra não os quer mais do que Paris ou suas cidades de origem.

Por isso, respondem, precipitadamente: *Uma piroga. Um beija-flor. O Sol é um mistério para todos nós, querido.*

As crianças têm outras perguntas, questões a que as mulheres têm mais dificuldade em responder. *Se não cresceram aqui, onde cresceram? Onde fica Paris? Ainda existe? Vais voltar um dia?*

«Não», dizem as mulheres. Apagam as memórias das suas próprias mães, do banco meio partido em que se costumavam sentar ao lado da cama dos pais, da lareira que às vezes deitava tanto fumo que sentiam o sabor a cinza nos lábios, de todos os lugares que nunca voltarão a ver. As mulheres afagam as cabeças das crianças, a pele perfeita das faces. Ajoelham-se ao lado delas, apontam para o jardim, para as colinas, para as florestas, para os pelicanos reunidos junto à água. Esperam que as vozes não quebrem, mas, às vezes, quebram.

«Ouçam», dizem elas. «A nossa vida é aqui.»

Como que a responder-lhes, os pássaros levantam voo e batem as asas molhadas no ar da noite. As crianças sentam-se ao colo das mulheres e ficam a ver os pelicanos a pairar, a voar em círculos sobre o rio verde.

*Nova Orleães, novembro de 1727*

## Charlotte

Na Rue de Bourbon, as carruagens chocalham e sacodem-se no ar da manhã. Este inverno é o mais húmido dos sete que Charlotte passou na Luisiana, com a água a ameaçar permear a porta, uma voz que precisa de aquecer antes de cantar e páginas dobradas nos poucos livros empilhados na sala de estar. Nunca se interessou muito por ler. Associava a leitura a ouvir as raparigas escolhidas na Maison Saint-Louis para ler a Bíblia em voz alta. Charlotte não era uma delas: pertencia ao coro da igreja, não à sala de aulas. Em Salpêtrière, as tias e a madre Pancatelin decidiram rapidamente que o talento de Charlotte estava apenas na voz. Hoje, a única coisa que pode fazer é tentar adivinhar o que a diretora de Salpêtrière diria da sua decisão de entrar para o convento das irmãs ursulinas.

Antes de fechar a porta de casa, Charlotte relanceia uma última vez o compartimento vazio, o baú onde costumava guardar alguns livros de Louis. Três meses depois de o marido ter morrido, decidiu finalmente vendê-los. Demorou semanas a habituar-se à ideia de que nunca mais o iria encontrar ajoelhado no quarto das traseiras de casa, a folhear páginas que já tinha lido vezes sem conta. Que ele tinha desaparecido para sempre e, com ele, as esperanças de um dia ela se tornar mãe.

Na verdade, quando se instalou em Nova Orleães, já tinha renunciado totalmente à ideia, ou, pelo menos, estava a tentar. Desde aquele verão, quatro anos antes, deixara de acreditar que poderia engravidar. Charlotte desistiu de tentar perceber de quem era a culpa, e nunca chegou a pôr em prática as ideias tontas de Marthe. Ela viu o que as gravidezes podiam fazer: traziam vida, mas também morte. Em fevereiro, o quinto filho de Étiennette quase a matou.

Charlotte estava em casa na manhã em que uma das criadas da amiga chegou a chorar e lhe explicou que o médico estava a tentar salvar a ama, quando, poucos segundos antes, Charlotte não sabia que

havia alguém para salvar e estava apenas a preparar-se para ensaiar com o coro da igreja de Saint-Louis. Os outros partos de Étiennette tinham sido tão tranquilos e rotineiros que era difícil acreditar nas notícias que a criada lhe trazia. Charlotte sentou-se à frente da criada — que devia estar a falar porque os lábios não paravam de se mexer — sem compreender uma palavra que ela dizia. Não conseguia respirar. O vazio que lhe cresceu no peito deixou-a inane. Nunca se tinha sentido assim e nunca voltaria a sentir o mesmo, nem sequer seis meses depois quando um marinheiro da tripulação de Louis apareceu a anunciar que o barco tinha sido destruído por uma tempestade. No funeral de Louis, teve pena de não sentir o que sentiu no dia em que Étiennette esteve quase a morrer.

Agora, a caminho do convento, é inútil pensar em Étiennette, cujo marido tinha finalmente ganhado dinheiro suficiente para deixar aquela maldita costa e comprar uma terra no Norte. Étiennette disse-lhe que deixara de tentar compreendê-lo. Nova Orleães começava, por fim, a parecer a cidade com que sonhavam; havia até uma canção popular que versava sobre a beleza da capital e a comparava com Paris.

«Pura propaganda», respondia *monsieur* Feuger, determinado a partir.

No final do verão anterior, Charlotte fizera uma última visita à amiga antes de ela partir para o Canadá. Étiennette falara de árvores gigantes e florestas intrincadas como teias de aranha. Dera-lhe um abraço apertado, e Charlotte enterrara o rosto no pescoço da amiga e aceitara-o. Sem se preocupar em esconder o que sentia naquele dia. Nunca mais se iriam ver.

As irmãs ursulinas manterão Charlotte no caminho certo. Charlotte acredita naquelas mulheres, cuja presença no Mississípi é um milagre. Alguns meses antes, o governador e o superior-geral estavam convencidos de que elas estavam mortas; o barco zarpara de Lorient a 23 de fevereiro e em maio ninguém sabia onde estava o *La Gironde*. O navio chegou finalmente a La Balize no final de julho, com um atraso de dois meses. As freiras não se deixaram abater pelo horror da viagem. Charlotte ouviu dizer que não deixam que ninguém, nem sequer o governador, lhes diga o que fazer; que estão a desenhencillar-se sozinhas com o objetivo de cumprir a missão que têm em mãos: espalhar a fé em Deus e educar as raparigas da Luisiana. Charlotte tem vontade de pertencer a esta comunidade de irmãs, a esta família de mulheres deveras corajosas. De vez em quando, imagina-a como uma versão mais simpática e mais livre de Salpêtrière. Um lugar que ela escolherá por si, sem ser condicionada por mais ninguém.

— Charlotte!



Charlotte vira-se para trás. Sentado numa pequena berlinda, *monsieur* Valade olha para ela. É a última pessoa que ela quer encontrar: o marido de Marthe, que, embora seja simpático, não compreende porque é que uma viúva de dezanove anos prefere não voltar a casar. Mas a voz que a chama é feminina, e Charlotte mal tem tempo de olhar para o interior da carruagem antes de a porta se abrir para uma pilha de cobertores, um nariz vermelho, Marthe.

— Está tanto frio! — exclama Marthe. — Tem de nos acompanhar. Entre, por favor!

Charlotte hesita. Parece-lhe ter passado uma vida inteira desde o verão em que Marthe tentou ajudá-la a ter filhos. A última vez que se viram foi para o que Étiennette chamou «uma hora de música para senhoras», há um ano. Naquela tarde de outono de 1726, as cantorias não demoraram a ser trocadas por mexericos. Uma das gémeas disse que o novo governador iria chegar em janeiro com a mulher e perguntou se alguém conhecia o nome ou a reputação do homem: se ele seria melhor do que *monsieur* Dugué de Boisbriand e *monsieur* Bienville, ambos chamados de volta a Paris depois de terem sido acusados de gestão danosa da colónia. «O que importa?», dissera Étiennette. Olhou para elas, aparentemente já a saborear as notícias mais interessantes que se aprestava para partilhar. Perguntou-lhes se se lembravam de Geneviève Menu, do *La Baleine*. As mulheres olharam umas para as outras. Charlotte estremeceu ao ouvir o nome, sem saber se estava a sentir frio ou calor. Étiennette não se deteve e disse que Geneviève estava de volta à cidade vinda do País de Illinois e que se preparava para casar com um conselheiro que trabalhava para a nova administração do governador.

Charlotte foi abrir uma janela para apanhar algum do ar fresco que corria lá fora, mas não foi suficiente. Fragmentos de sonhos que não deixavam de a atormentar voltaram à superfície; ficou com medo de que Geneviève fosse aparecer-lhe mais vezes nos sonhos: segura, determinada, bonita. Naquela tarde não conseguiu desenterrar forças para cantar.

— Não quero ser um fardo — diz Charlotte, a olhar para a carruagem de Marthe e para a rua lamacenta.

— Vá lá, para onde é que a podemos levar?

Charlotte percebe que o tom de Marthe é forçado, uma tentativa vã de reavivar uma amizade que há muito se perdeu. *Monsieur* Valade está a mexer em qualquer coisa que ela não consegue distinguir e os cavalos respiram pesadamente no ar frio. Charlotte aclara a garganta ao subir para a carruagem com o pequeno baú que traz na mão.

— Para a casa das ursulinas. — *Monsieur* Valade olha para ela, antes de voltar a examinar o monóculo. — Mas podem deixar-me ficar quando chegarem...

— Que disparate! — Marthe inclina-se para a janela para falar com o cocheiro. — Nenhum de nós vai querer que caminhe ao relento com este frio. Não é assim, Jean?

— O que me causa perplexidade é que tenha decidido visitar um sítio tão aborrecido.

A mulher lança-lhe um olhar reprovador.

— Temos de procurar companhia onde a conseguirmos encontrar. Minha querida, deve estar tão sozinha desde que...

— Não mais do que a Marthe sempre que o *monsieur* Valade viaja para Fort Rosalie — interrompe Charlotte. Marthe parece chateada. Charlotte vira-se para *monsieur* Valade. — Pensei que ainda estava por lá.

— Voltei na semana passada — responde ele.

— E como estavam as coisas por lá?

— Mais verdes e mais quentes do que aqui, que é aquilo de que os humanos e o trigo precisam. Tive o ensejo de negociar dez barris de óleo de urso graças ao *monsieur* Ducros. — Detém-se. — Ele e a mulher já vão no segundo filho. Desta vez foi uma menina.

*Monsieur* Valade faz sempre alguma referência a Pétronille como que para provocar Charlotte. Depois, assim que ela lhe faz alguma pergunta de seguimento, ele finge surpresa e atira: «Como é que eu havia de saber?» Hoje, Charlotte não lhe vai fazer nenhuma pergunta. Imagina Pétronille e o filho — que deve ter quatro anos — e a bebé. Pensar nas outras mulheres e nos respetivos filhos ainda a magoa, mas menos do que saber que Étiennette vai viajar para as florestas atribuladas do Canadá. Charlotte nunca saiu do Sul. Não consegue sequer imaginar o lugar onde a amiga vai passar o resto da vida. Tenta não pensar no regresso inesperado de Geneviève; tenta não alimentar a esperança de que um dia Étiennette também venha a regressar. Esfrega a nuca. As ursulinas vão ajudá-la a livrar-se de tais pensamentos.

— Fico contente por saber que a *madame* Ducros está feliz — responde.

A azáfama das ruas aumenta à medida que se aproximam da água. Mulheres encham caixotes de lúpulos e favas. Veem-se raparigas a vender frutos secos e abóboras. O último carregamento de trigo do ano deve estar prestes a chegar das concessões do Norte e até alguns vegetais vindos da costa lavrada pelos agricultores alemães não deverão demorar.

— Não sei o que o *monsieur* Charpillon pensaria se soubesse que ia visitar aquelas freiras — comenta *monsieur* Valade.

Charlotte sente a boca a secar.

— Creio que nunca o saberemos — é tudo o que diz. Vira-se para a janela.

A carruagem atravessa a Place d'Armes, passa pela igreja de Saint-Louis, de longe o edifício mais ambicioso da cidade, e depois pela casa do intendente e as câmaras do concelho, onde são tomadas as decisões importantes e onde homens como o marido de Geneviève trabalham todos os dias.

Ao chegarem junto ao rio, os cavalos aceleram o trote. Homens africanos escravizados estão ocupados a restaurar o enorme molhe, tão largo como a rua, que fica entre o cais e o porto e que se destina a proteger a cidade de inundações. Atrás da construção, veem-se rapazes a cavar a vala que se estende ao longo da margem do rio e que se espera que atraia a água das inundações. Charlotte ouviu falar de escravos que se rebelaram em navios que os levam de Senegâmbia para La Balize; lembra-se de ter visto franceses a apontar para raparigas seminuas no porto e de estremecer ao ver as suas expressões. Não sabe ao certo o que o *Code Noir* de Bienville, aprovado há três anos, fez pelos africanos escravizados. Louis achava que era uma abominação. Dizia que o documento não impedia que os supervisores pusessem os escravos a trabalhar aos domingos e que lhes infligissem um tratamento muito duro. Testemunhou mais de um castigo desumano durante as suas viagens.

— Estas ruas são repugnantemente sujas — murmura Marthe.

Ninguém lhe responde. A carruagem vira no cais na margem do rio e segue a água. Passa pela fábrica de tijolos e pelo hospital. Aparecem arvoredos mais densos entre os edifícios cada vez mais dispersos. Veem-se mais africanos escravizados a trabalhar na floresta, a cortar o mato, a derrubar árvores. Louis explicara-lhe que havia sido ideia do governador De Périer, para deixar o ar fluir para a cidade e o moinho de vento que nela pontifica. Naquela parte estranha da cidade, a ausência do marido é avassaladora para Charlotte, que se move no assento e bate sem querer no pé de Marthe.

— Os fugitivos — diz Marthe, sem sentir o toque. Olha para a extensão de floresta densa que atravessam. — Não tem medo deles?

Charlotte pensa na casa junto à floresta, na quantidade de vezes que esteve sozinha.

— Não — responde.

— Haverá cada vez menos — intervém *monsieur* Valade.

— Porquê? — pergunta Charlotte.

— O governador De Périer endureceu as medidas. Os amos serão castigados se os escravos fugirem — responde. — Pelo menos, foi o que ouvi dizer em Fort Rosalie. Os guerreiros Natchez disseram-me que lhes tinham pedido para capturarem e devolverem os fugitivos, senão seriam considerados nossos inimigos. — Murmura algo sobre não ser preciso tanto para serem considerados inimigos.

— Como assim? — pergunta Charlotte, mas Marthe interrompe-a.

— É aqui?

Charlotte olha pela janela. A enorme casa de dois andares marca o fim da cidade e o início da floresta, que se cinge às vedações do jardim. *Monsieur* Valade fita o convento. Charlotte empurra os cobertores do regaço.

— Cuide-se, *madame* Charpillon — diz.

O tom é tão simpático que Charlotte quase tropeça nas peles quando desce da carruagem. Não olha para trás. Acelera o passo sob o ar fresco, com o baú na mão, e bate à porta.

Na primavera, Charlotte estava a fazer uma visita a Étiennette quando uma tempestade se abateu sobre a cidade. As nuvens tornaram-se violetas, depois passaram para um tom negro com laivos de amarelo, uma cor doentia que sugou toda a luz do céu. Os relâmpagos lançaram sombras prateadas de árvores sobre os telhados. Quando a chuva começou, as gotas eram grossas, generosas, e encheram as valas tão depressa que os muretes desapareceram. As ruas transformaram-se em riachos espessos e escuros.

— Não vais sair daqui — decidira Étiennette. — Vamos dormir juntas, como fazíamos dantes.

Charlotte sentira o peito a arder. Tentara acalmar a respiração. Afinal, não era uma mentirosa assim tão má. Étiennette não pareceu acreditar nem reparar em nenhum dos sentimentos que Charlotte nutria por ela, tal como tinha acontecido depois da festa que dera quatro anos antes quando se referiu sem nenhuma cerimónia a um dos momentos mais cruciais da vida de Charlotte. Os pecados de Charlotte afetavam-na a ela e a mais ninguém.

À noite, ficara acordada. Morria de medo de se mexer se adormecesse. Agarrara a ponta do colchão com a mão direita; cruzara as pernas e apertara bem as coxas uma contra a outra para que o calor que sentia aí não fosse pouco natural, só músculos a contraírem-se, a pele dela a roçar em si mesma. Não queria fechar os olhos, porque sabia exatamente o que veria. Por isso, fitara o teto e examinara a forma como os cantos se dobravam em paredes. Ouvira a chuva a bater com tanta força nas telhas que, ao fim de algum tempo, o som lhe parecia mais faísca do que água.

O convento conta com nove freiras ursulinas e nove pensionistas do Velho Continente. Charlotte é a décima. Tem ainda outras quatro mulheres, raparigas africanas e nativas escravizadas, que se manterão na instituição até se tornarem boas cristãs. E, além destas, muitas outras alunas externas, de origens diversas, que se juntam às residentes às sete da manhã para a missa e ficam até à hora da ceia,

por volta das cinco da tarde. A madre Tranchepain, uma mulher na casa dos cinquenta num gabinete do tamanho de uma despensa, recita todos estes números sentada a uma secretária coberta de cartas. Atrás dela, está um quadro da Paixão de Cristo que a envolve como um halo negro.

— A Companhia arrendou-nos esta casa — afirma. — Não vamos ficar aqui muito tempo. O engenheiro real e o padre De Beaubois ficaram encarregados da construção do nosso convento, mas a nossa missão não podia ficar à espera dessas questões tão triviais. Quando é que chegou a este país?

Charlotte conta e responde. Está frio no sótão, mas só ela parece senti-lo.

— Minha querida, saberá certamente que somos deveras necessárias neste lugar. Ninguém lá em Paris compreende, mas esta colónia nunca prosperará entre os ímpios. E se as mães não forem capazes de criar cristãos decentes, o vício continuará a grassar como vermes nestas baías pantanosas.

Charlotte sente-se pouco à vontade. Estava convicta de que iria deixar escapar o nome de Étiennette assim que se sentasse no gabinete da madre superiora. Se a madre superiora lhe fizer uma pergunta — *O que é que a trouxe aqui?* —, dir-lhe-á a verdade. Vai confessar; poderá até curar-se. Mas a freira não lhe pergunta nada. Está demasiado preocupada com a resistência do assentamento das ursulinas, insultada, como decide explicar-lhe, por o governador De Périer querer que as freiras se tornem filhas da caridade no hospital, quando a sua verdadeira missão é educar e criar raparigas de acordo com os preceitos da fé de Deus.

— Pelo menos aqui fazemos o que queremos. Vai ver por si própria. As poucas alunas indígenas têm muito que aprender e, provavelmente, muito que esquecer. Por isso, conto consigo, uma mulher virtuosa, para as ajudar a encontrar o caminho certo. As nossas irmãs estão aqui para as ensinar e para a ensinar a si. Mas a sua influência é igualmente importante. Em breve todas elas terão de conhecer os textos e as orações e estar prontas para receber o batismo do Espírito Santo antes do Natal.

— Vou dar o meu melhor — responde Charlotte.

Os dedos ficam brancos, exangues, mas ela não sabe se é dos nervos ou do frio. A madre superiora parte do princípio de que ela sabe ler. Charlotte não quer começar já a desiludi-la. Os livros assustam-na, e nunca se questionou se seria capaz de os decifrar. Alguém bate à porta. Uma rapariga com o rosto marcado por cicatrizes da varíola entra no gabinete.

— Bem, a irmã Marie Madeleine terá todo o gosto em mostrar-lhe o nosso humilde lar. Vemo-nos ao jantar.

Charlotte agradece à madre Tranchepain e segue a outra mulher para a escada. Antes de a porta se fechar, vê a madre superiora a olhar pela janela. Do outro lado do tecido fino que pende à frente das esquadrias, a floresta interminável faz-se azul quando toca o céu.

— É um prazer recebê-la aqui, minha senhora.

Entre os véus pretos e a pele devastada, dois olhos alegres fixam-se em Charlotte. Ao longe, ouve-se um sino a tocar, um som que ecoa como pedras atiradas ao mar. A irmã Maire Madeleine fala pelos cotovelos. Fala do engenheiro real e dos planos grandiosos para o convento, das raparigas que vivem a cinco ou a dez léguas da capital e que nunca ouviram sequer falar em Deus. Assegura-lhe que todas elas querem tornar-se freiras, e depois baixa a voz para acrescentar:

— O nosso reverendo padre De Beaubois preferia que elas se tornassem mães cristãs. O nosso mais profundo desejo, claro. Vai conhecê-lo em breve. Ele tem a bondade de nos celebrar a missa.

Charlotte assente. Viu o padre jesuíta bastantes vezes na igreja de Saint-Louis, mas, para a irmã Marie Madeleine, o mundo exterior parece ter desaparecido. *Eu também o vou esquecer*, pensa Charlotte.

— Onde estão as outras irmãs? — pergunta. Não viu ninguém a não ser a madre superiora e a freira que a conduziu pelas escadas. No rés do chão vazio, portas fechadas dão de frente para uma horta congelada e um enorme terreiro com erva alta.

— Oh, nós temos muito que fazer por aqui. Algumas das nós estão a dar aulas neste momento, outras a meditar. A irmã Françoise está a descongelar a água das galinhas e, bem, esta é a irmã Cécile. — Pela janela, Charlotte olha de relance para uma silhueta, de machado nas mãos, a rachar toros em dois. A cortar lenha, algo que Étiennette fazia sem hesitar no entreposto. Charlotte tem vontade de começar imediatamente, manter a cabeça ocupada em vez de percorrer a casa silenciosa.

— Ouvi dizer que gosta de cantar — aventa a irmã Marie Madeleine.

Charlotte anui.

— Importa-se que eu me sente numa das suas salas de aula?

A freira olha para o manto negro de Charlotte.

— Mas, primeiro, vamos procurar-lhe algo adequado para vestir.

Charlotte chega o manto um pouco mais ao corpo. Pergunta-se o que irão as freiras fazer com as roupas de viúva dela: em quem pensará quando vestir o hábito. Tem vontade de perguntar se lhe podem guardar o manto, mas não o faz. A freira diz que lhes faltaria de tudo um pouco se não fosse a ajuda do governador; ainda pode haver um hábito disponível. Vai enviar um pedido ao armazém para que seja enviado um par adicional de socos. Depois olha para Charlotte.

— Suponho que os seus terão de servir por enquanto — acrescenta.  
— Por aqui, por favor.

No fim do corredor, entram numa sala ampla com mesas compridas, quatro lustres de madeira e um recipiente de cobre vermelho que está vazio. Atravessam o refeitório. Antes de a irmã Marie Madeleine abrir a porta, olha em volta e diz:

— As selvagens e as negras fazem a catequese noutra sala.

No interior, há cerca de quinze mulheres, que se agitam nos assentos quando Charlotte entra. Têm penas e tinteiros à frente delas, letras trémulas em papel áspero. Ao fundo, a freira não se detém. Continua a ler o livro das orações, com uma voz que parece o grito paciente de um cuco. Charlotte observa as raparigas, a maioria das quais já se voltou de novo para a professora. Depois repara que uma delas olha para si e não presta atenção à história de sacrifício e de um bode sangrento que a professora está a contar. Charlotte demora um segundo a reconhecer Geneviève. Sente um aperto no peito. Receia que as pernas cedam. Quando a freira aponta para uma mesa próxima, Charlotte tem de recorrer a todas as suas forças para se mexer. Age como se não tivesse visto Geneviève.

Quando as dez pensionistas se levantam, ainda está escuro. No convento, as horas têm os nomes das orações, e as matinas, que acordam toda a gente a meio da noite, são as primeiras. Seguem-se os laudes, ao nascer do Sol; a prima; a terça; a sexta ao meio-dia; a nona; as vésperas; e as completas, antes de deitar. Depois vêm de novo as matinas. Mulheres ensonadas vestem os hábitos e ouvem sons de alguém a assoar o nariz ou a pigarrear. Charlotte ajuda as duas meninas pequenas que estão a tremer de frio, órfãs levadas para as ursulinas depois de terem sido deixadas ao relento na lama gelada de Nova Orleães. Ficou deveras aliviada quando soube que Geneviève é uma aluna externa. Quando Charlotte a viu na sala de aula, sentiu um assomo curto de felicidade, imediatamente apagado por uma mistura confusa de raiva, medo e embaraço. São emoções demasiado primitivas para serem destrinçadas: a única certeza que Charlotte tem é que o convento, afinal, não é o novo início de que estava à espera. Continuará a ter de ver Geneviève todos os dias da terça até às vésperas, na missa, no refeitório, na maioria das aulas, em todo o lado exceto no dormitório.

Charlotte não compreende porque é que Geneviève frequenta o convento. Desde quando é que ela se importa com Deus e com as Suas regras?

Charlotte viu-a apenas uma vez desde que ela voltou do Norte: em Nova Orleães no dia em que ela casou com o segundo marido, um homem chamado Melet. Foi no dia 5 de dezembro de 1726, há quase

um ano. Mas Charlotte não foi convidada para a cerimónia: a mulher de um piloto de barcos não teria lugar no casamento de um conselheiro do governador. Ainda assim, fora impossível ignorar aquele casamento. Agitou toda a cidade.

Geneviève e *monsieur* Melet chegaram a Nova Orleães ainda a tempo de ver um governador a ser substituído por outro: *monsieur* Dugué de Boisbriand por *monsieur* De Périer. O noivo de Geneviève era de Trois-Rivières, no Canadá. Não era um aristocrata, longe disso. Mas, como Louis lhe dizia, era o tipo de homem que sabia mover-se nas terras vazias, administrações novas e cidades recentes. Sabia fazer alianças com conselheiros menos influentes, mas mais estáveis, em vez de apostar tudo nos homens mais poderosos, que um dia haviam de cair. Como a própria Charlotte pôde verificar da janela do quarto da sua casa, *monsieur* usava sempre um chapéu com uma pena azul que anunciava um rosto mais velho do que o que escondia.

Quanto a Geneviève, nunca era vista fora de casa.

Charlotte ouviu os outros rumores no mercado junto à baía pantanosa de Saint-Jean: ele era bom demais para ela, o primeiro marido de Geneviève ainda não tinha morrido há um ano, e quem sabe o que poderá ter acontecido lá no Norte. Mas o País de Illinois era distante. Que história poderia viajar tantas léguas sem ser alterada? As peixeiras, as mulheres dos lavradores, as lavadeiras percebiam-no. A festa de casamento não demorou a prender-lhes toda a atenção.

No dia do casamento, em dezembro passado, as penas no chapéu do noivo eram vermelhas. O vento forte sacudia-as como ervas silvestres quando a carruagem aberta atravessou a Place d'Armes. Geneviève iria voltar a casar sob um teto de madeira: a construção da igreja nova tinha começado meses antes, mas não havia madeira suficiente, era preciso fabricar mais tijolos, e parecia que iam passar muitos anos até se poder ver um campanário. Quando a carruagem dos noivos parou, Charlotte reconheceu imediatamente Geneviève. Estava sentada ao lado do marido, hirta, a pele de arminho do casaco longe das costas do assento. Parecia não precisar do apoio. A mão desaparecia debaixo da do marido, e, mesmo do canto da rua onde se encontrava, Charlotte teve a percepção de que a mão dada era um compromisso: os dedos de *monsieur* Melet, demasiado arqueados, mal lhe cobriam o pulso fechado.

Os laudes. Charlotte segue as outras pensionistas para a capela, uma sala simples que poderia não passar de um dormitório, uma enfermaria ou um vestíbulo se não fossem os poucos bancos alinhados em filas ordenadas. A irmã Marie Madeleine, com um ar estranhamente desperto, acena com a cabeça a cada uma delas à



medida que vão ocupando os respectivos lugares nos bancos. As pequenas cicatrizes que lhe circundam a boca agitam-se quando ela sorri. A madre superiora está em pé junto ao altar e faz sinal para o fundo da sala. As raparigas africanas escravizadas e as nativas já entraram, mas não se ouve nenhum dos sussurros pouco amigáveis que Charlotte esperava ouvir: lembrava-se de que Étiennette ficava muito irritadiça sempre que a criada nativa estava por perto. No convento, as mulheres misturam-se umas com as outras e o silêncio só é perturbado pelo som dos pés a bater nas bainhas dos vestidos. Ouve-se uma breve fungadela e Charlotte repara que uma delas, uma rapariga nativa mais nova do que ela, esfrega os olhos molhados. Charlotte desvia o olhar, impotente.

— Nossa senhora Mãe de Deus, rainha dos céus e da Terra...

As orações são rezadas com sotaques marcados. Na capela, Charlotte esquece-se de onde está. Havia sotaques quando estava em Salpêtrière, pronúncias fortes do sul da França a marcar o final das palavras, os ritmos lentos da Bretanha a percorrer as frases. Ali, o som da cidade não chega sequer ao convento das ursulinas: não se ouvem gritos, pancadas, relinchos nem choros a passar pelas janelas. Pelo contrário, o coro feminino eleva-se na capela iluminada no momento em que o brilho em tons de pêssego do início da manhã se torna mais amarelo. A madre superiora recita o hino à Santa Úrsula, e Charlotte baixa a cabeça. Quando as mulheres começam a cantar uma canção familiar, acompanha-as sem pronunciar qualquer palavra, deixando que as outras vozes a guiem e que as vibrações do seu próprio peito se fundam com as de todas as outras. Não sentia tanta calma desde que estava no convés do *La Baleine* em Lorient, com Étiennette ao lado e a França a afastar-se aos poucos. Em vez de pensar no peso do braço encostado ao da amiga, Charlotte centra-se no alívio que sentiu quando o horizonte se tornou plano, como se o continente tivesse caído noutro lado de um penhasco arredondado. Acabavam-se as irmãs de Salpêtrière, restava apenas o oceano.

É então que alguém lhe pousa a mão no ombro e os músculos frios se sobressaltam ao sentir o toque. Ao lado dela, Geneviève sussurra um «bom dia» e Charlotte apercebe-se de que as outras mulheres estão a caminho da saída, que a rapariga nativa deixou de chorar e que a madre Tranchepain está a guardar os livros de orações. Dentro de segundos, Charlotte estará sozinha com Geneviève na capela.

— O meu marido ia para Mobile hoje e trouxe-me para aqui mais cedo — diz Geneviève. Baixa a voz. — A menos que ele tenha mentido e isto seja parte de uma estratégia para me tornar uma mulher devota. Mas estou sempre a perguntar-me o que estás a fazer aqui. O *monsieur* Charpillon abandonou-te aqui e confiou-te às freiras durante a noite?

— Morreu no início do outono — murmura Charlotte. Está

entalada entre dois bancos. Tinha-se esquecido de quão azuis os olhos de Geneviève eram.

— Lamento — diz Geneviève num tom mais suave. — Mas, mesmo assim, não achas que serias mais feliz fora daqui?

— *Mesdames, s'il vous plaît.*

A irmã Marie Madeleine faz sinal para a porta. Charlotte roça em Geneviève quando se precipita para a saída. Imagina-se alguns anos antes, grávida, a caminhar em direção à praia de Nova Biloxi com Louis, Geneviève e o seu marido canadiano, a desejar, tanto como agora, evitar a amiga. Foi no dia em que Pétronille partiu para Fort Rosalie. Mas aquilo de que Charlotte se lembra melhor é do caminho pela cidade, de seguir no cavalo atrás dos homens e ao lado de Geneviève: a leve admiração, e o brutal alívio também, quando Geneviève finalmente a confrontou. «O que é que eu te fiz?» Na cabeça de Charlotte, naquele momento, havia uma resposta pronta e evidente como pele beliscada: *Tentaste tirar-me a Étienne.* E, depois, tudo o que a ideia implicava: que, na altura, havia mais do que uma amizade para roubar. Hoje, a cabeça de Charlotte enche-se de novas ideias: *Mataste bebés em Paris quando eu nunca poderei ter um; agora estás a tirar-me o último refúgio que eu esperava encontrar na Luisiana.*

A primeira aula decorre entre a prima e a terça, antes do almoço e depois da missa. A irmã Anne dita as palavras demasiado depressa. Charlotte observa a jovem órfã sentada ao seu lado a desenhar letras arredondadas, ligadas por traços finos. À frente delas, Geneviève quase não levanta a cabeça do seu trabalho. A pena chia. Quando entraram na sala, sussurrou a Charlotte que as aulas eram, de longe, o que ela mais gostava no convento, mas sempre que o marido lhe perguntava como tinha sido o dia, só lhe falava das orações e meditações. A página de Charlotte continua em branco. Para ela, as palavras estão suspensas: *devoção, virgem, preces*, palavras repetidas tantas vezes que parecem desprovidas de significado.

Ouve Geneviève a ler. A irmã ao seu lado retoma a leitura e depois passa o livro para a fila seguinte, onde está uma menina sentada à direita de Charlotte. Perrine passa o dedo pelo parágrafo. A boca move-se rapidamente. Charlotte sente um arrepio quando a menina lhe estende o volumoso tomo.

— Continue, por favor — diz a irmã Anne.

No papel, as letras turvam-se. Charlotte não tenta focar-se numa frase e procura, impulsivamente, ler o texto na diagonal, como se o significado geral se tornasse mais claro assim que chegasse ao ponto final. Sente as faces a aquecer, como acontecia quando passava horas a ensaiar sozinha em casa na Rue de Bourbon. Nessa altura, sabia como melhorar as coisas, como repetir as partes mais difíceis da obra,

como esconder o trabalho e o esforço que ninguém quer ouvir numa canção.

Charlotte levanta a cabeça da página. Vê os olhos azul-claros de Geneviève, que, virada na cadeira, esconde Charlotte da irmã Renée. Depois Geneviève começa a articular as sílabas com os lábios, devagar, o cor-de-rosa da língua a aparecer entre o pequeno espaço que tem nos dentes da frente. Com o livro aberto na mesa, Charlotte começa a ler a boca de Geneviève, incapaz de desviar o olhar.

Charlotte descobre mais uma vez que não é a única que Geneviève ajuda. Pouco antes da sexta, sai do convento sob o céu desmaiado de dezembro e começa a caminhar no jardim, não obstante o vento frio. Entre orações, aulas e refeições, mal há tempo para passear, que é algo a que as rotinas do casamento e da viuvez não a habituaram. Na capoeira, as galinhas e os gansos aconchegam-se na palha tentando proteger-se do frio. Charlotte está prestes a virar-se quando vê Geneviève, sentada num banco com a menina nativa que chorava na capela. Geneviève está a apontar para vários objetos e a soletrá-los em francês.

— Porque é que não te juntas a nós? — propõe a Charlotte, que se questiona se Geneviève está apenas a tentar quebrar o silêncio que se instalou assim que ela se aproximou. — Estamos a fazer uma pequena revisão da aula da manhã.

A jovem que está ao lado de Geneviève levanta-se. Quase não olha para Charlotte ao caminhar de volta para a casa.

— Não tinha intenção de a assustar...

— De a assustar? Vamos lá ver, há uma diferença entre ter medo e não gostar de alguém.

Ontem, Charlotte pergantara à irmã Marie Madeleine qual era a situação das raparigas africanas e nativas escravizadas. A freira sorria. Respondera-lhe com orgulho que, em agosto, alguns dias depois de se terem instalado, os oficiais lhes tinham levado quatro pensionistas. Explicara que, depois de convertidas, seriam enviadas de volta para as respetivas comunidades, onde iriam criar crianças de acordo com os preceitos da fé cristã. Quem sabe, no futuro, algumas mulheres poderiam até ficar no convento, entrar no noviciado e servir de exemplo às que viessem a seguir. Quanto às que só frequentam o convento durante o dia, voltariam para os amos ao fim da aula de duas horas.

— Temos de nos certificar de que as casas do nosso povo não se vão encher de ímpios — concluiu a irmã.

— Posso assegurar-te que a Sor'kor Sokon não gosta de nenhuma de nós.

Charlotte não percebe bem o nome da rapariga. Não ousa pedir a

Geneviève que o repita. Prefere dizer:

— Nem de ti?

— Talvez um pouco mais quando eu a ajudo com o francês.

— Não precisas de livros para isso?

Geneviève acena para as vedações frágeis e para os arbustos mortos que já deram mirtilos. Um guaxinim passa a correr atrás de uma cabana de troncos de madeira.

— As orações não são as únicas palavras que podemos soletrar.

Charlotte arrepende-se da pergunta. Sabe que as irmãs só as ensinam a ler e a escrever para que se foquem em textos religiosos e estejam preparadas para a missa de Natal que decorrerá dentro de vinte dias. Mal consegue imaginar o que iriam pensar de uma aluna que subverte os esforços que fazem usando um jardim gelado para dar aulas de soletração. No entanto, uma parte dela não consegue deixar de admirar a confiança de Geneviève nas suas próprias capacidades. Geneviève vira-se para ela. A respiração lança o vapor de um caldo.

— Escrevi à Pétronille a dizer que estavas aqui — diz. — Fiquei feliz por te voltar a ver na semana passada, quando vieste à aula pela primeira vez.

Charlotte está confusa, indefesa. Geneviève estava feliz, de certa forma; a ideia pesa-lhe na consciência. Charlotte afasta-a.

— Porque é que não ficas em casa o dia todo? — pergunta.

— O *monsieur* Charpillon alguma vez te perguntou porque abandonaste a França?

— Não, nunca.

— Bem, o *monsieur* Melet também nunca me fez essa pergunta. Mas ele tem formas de saber estas coisas sem perguntar. — A luz fria incide nos olhos de Geneviève, onde ondula como o sol numa piscina natural. — E decidi que não podia corrigir todos os meus erros sozinho. Por isso, quando as irmãs chegaram, foi o primeiro a perguntar-lhes se elas me poderiam ajudar.

— Mas voltas para ele todas as noites.

Geneviève corta um fio que lhe sai da manga.

— Quem me dera não ter de o fazer.

Charlotte sente-se tentada a perguntar-lhe sobre os anos que passou no País de Illinois, sobre a filha que as gémeas lhe disseram que ela teve, sobre o governador De Périer e sobre o trabalho do *monsieur* Melet, enfim, sobre todas as coisas que só Geneviève lhe poderia contar, mas a irmã Cécile está a chamá-las do limiar da porta. Quando voltam para a casa, Charlotte vê a freira de mão dada com uma das crianças e a mandar Perrine para longe de uma das alunas escravizadas, provavelmente depois de lhe dizer que ela não se deve dar com ninguém a não ser com as mulheres brancas. Geneviève não diz nada, mas abana a cabeça e lança um olhar de compreensão a

Charlotte. Voltam juntas para a casa, com a erva alta e fria a arrepia-lhes as coxas.

Meados de dezembro. Na cama, todas as noites depois das completas, Charlotte faz um exame de consciência. Na atmosfera algodoada como uma nuvem do convento, as memórias de Étiennette assumem um novo cariz de sonho e intangibilidade, como acontecera nos meses molhados do *La Baleine*, em que o ferrolho da fechadura dos aposentos dos marinheiros rodava incessantemente. À medida que Charlotte vai sendo capaz de ler mais palavras, Étiennette aparece entre as mulheres dos textos que lê, histórias dramáticas de seios em esforço e raparigas pacatas, bocas cheias de areia da arena a olhar para os olhos cor de chocolate de leões. Mulheres que Charlotte nunca conhecerá e cujas histórias usa para enterrar Étiennette e a substituir por fados inamovíveis de raparigas cristãs há muito desaparecidas. Quando se ajoelha para as orações noturnas, Charlotte já dá por si a pensar no entreposto como uma das parábolas que poderia ler nos livros: ela, Charlotte, uma errante confusa e desenraizada, e Étiennette, a figura sábia e intrépida que se levanta dos lençóis para dizer não.

No convento, os pecados que cometeu deixaram de parecer irrevogáveis. Não são uma sentença, ao contrário do ventre infértil. No convento, Charlotte pode decidir se vai à luta ou se se rende.

Lê cada vez melhor, não graças às irmãs, que estão ocupadas a dar aulas, a tratar das contas, a cuidar dos animais e a curar as raparigas doentes no quarto sem janelas que usam como enfermaria, mas, por muito que lhe custe admitir, devido à ajuda de Geneviève, que aproveita os dois intervalos que têm durante o dia — ao fim do almoço e da ceia, numa altura em que as barrigas das mulheres estão cheias de ervilhas e batatas, peixe-gato ou bacalhau salgado às sextas-feiras — e lhe guia o dedo linha a linha ao longo da página. Charlotte relanceia para ela; as palavras jorram-lhe da boca como se ela já conhecesse *La Règle de la Compagnie de Sainte-Ursule* de cor. À noite, separam-se às 19 horas; Geneviève vai para casa, Charlotte vai rezar o Pequeno Ofício da Virgem Maria, o último serviço religioso do dia. Geneviève só faz referência à filha uma vez. Diz que nunca teria aceitado — e detém-se no verbo, como se tivesse escolhido a palavra errada — ir para o convento se não fosse Belle, que tem de tomar conta de Mélanie quando Geneviève está fora de casa. Depois, atira tudo para trás das costas, empurra o livro aberto na mesa e olha para os olhos de Charlotte.

— Lamento muito o que aconteceu ao teu filho — diz.

O corpo de Charlotte retesa-se. Não quer acreditar que Geneviève esteja a ser genuína. Charlotte pega no livro, vira a página, debruça-se

sobre o texto. *Foi por isto que eu vim para aqui*, lembra-se a si própria.

Não foi difícil convencer a irmã Marie Madeleine a deixá-las usar os livros das orações. A jovem freira era o retrato da felicidade quando lhe pediram mais tempo para estudar; sentam-se na sala de jantar e, enquanto a chuva cava regos de lama no jardim, Charlotte pratica a leitura, em voz baixa, dos textos de Santa Ângela de Mérici. Depois da conversa sobre os filhos, Charlotte nunca pergunta nada sobre a rotina de mulher casada de Geneviève. Ignora as queixas que ela faz do marido. Algo dentro de si lhe diz que é errado, mas à preocupação por Geneviève junta-se um medo maior: que o mundo exterior invada o convento se ela o consentir. Parece-lhe muito importante deixar a cidade, e a rapariga que ela era quando lá vivia, a uma distância de segurança.

Por isso, quando Geneviève fala do *monsieur* Melet, Charlotte quase não responde e quase não guarda uma única palavra. Tal como cria uma história cuidadosamente elaborada para Étiennette, cinge Geneviève a um único papel: o de irmã mais velha que aprende mais depressa do que ninguém, que sabe o tom das orações e litanias, que lhe pode mostrar como recuperar ao fim de anos de impiedade. Vêm do mesmo lugar. Atravessaram o mesmo oceano. Ambas pecaram. Geneviève transmite-lhe uma sensação de familiaridade, é uma presença reconfortante, pelo que, mesmo quando pousa a mão na dela numa página, Charlotte não desvia o braço e ignora o calor que às vezes sente, como se formigas com os pés mornos lhe percorressem a pele do pulso ao ombro. Tenta convencer-se de que não é nada. Faz do livro a sua única obsessão, aceita Geneviève como a companheira de viagem que já foi, que poderia ser perdoada se ela tentasse.

Dez dias antes do Natal, Geneviève não se senta ao lado de Charlotte ao jantar. Não parece ouvir as leituras inspiradoras da irmã Marie Madeleine e fica a olhar para o prato com as mãos debaixo da mesa. As mulheres mergulham os garfos em feijões cozidos e bolinhos assados e bebem a cerveja em silêncio. Quando Charlotte lhe leva um livro de orações e papéis, Geneviève abana a cabeça.

— Preferia ler no jardim hoje, se não te importas — diz.

Lá fora, o céu está praticamente limpo e veem-se apenas duas nuvens espumosas. Charlotte caminha ao lado de Geneviève e continua a acompanhá-la quando o carreiro desaparece. A agarrar o livro com ambas as mãos, deseja que estivessem dentro de casa. O jardim, com o cheiro a terra batida e o vento corrosivo a soprar vindo do delta, lembra-a demasiado da cidade e do quintal da casa de onde costumava ouvir cuidadosamente o som das botas de Louis, bem como das ruas que atravessava para ir para a casa de Étiennette. Chegam à cabana de madeira. Dali, as janelas da casa parecem vigias de um

navio e Charlotte imagina que, para qualquer pessoa que esteja atrás delas, tanto ela como Geneviève não sejam maiores do que duas silhuetas à espera no porto. Nunca esteve tão longe da casa e tão perto da floresta. Geneviève deixa-se cair numa pilha de toros.

— É melhor voltarmos — diz Charlotte.

No entanto, Geneviève abana a cabeça e faz-lhe sinal para se sentar. Charlotte sente as farpas a roçar-lhe o vestido, a madeira a rolar-lhe contra os pés e, depois, vê a mão de Geneviève, os mesmos dedos que desenhavam letras elegantes, aberta à frente dos seus olhos, a unha do polegar tão escura como a carapaça de um escaravelho, os últimos dois dedos partidos, a pender como saíotes numa corda de roupa. Charlotte não precisa de se aproximar; vê perfeitamente a gravidade do problema de onde está. Ainda assim, não consegue deixar de levar a sua própria mão aos dedos fustigados, muito suavemente e, de súbito, ávida de uma reação: a dor como simples e mais aceitável extensão do toque. Geneviève não vacila. Charlotte vê-a a retesar-se, depois a relaxar enquanto roça a pele intumescida com a ponta da unha, que leva até ao vestido de Geneviève, onde deixa a mão pousada.

Charlotte lembra-se daquelas mãos fechadas num chapéu de palha em setembro de 1721, na última vez que viu Geneviève em Nova Biloxi. Geneviève ia partir no dia seguinte para o País de Illinois. Charlotte estava grávida, assustada, todo o corpo era uma fonte de dor. Tinha acabado de se refugiar na cama quando os enjoos começaram; o mundo encolheu-se e a dor engoliu tudo. Não quisera que Geneviève a visse naquele estado, que reparasse no odor acre que subia do balde junto ao colchão. A tristeza que sentia era incomensurável.

Geneviève não lhe dera qualquer conselho naquela manhã. Não — perguntara por Louis e pusera-se a imaginar como seria a vida de Pétronille em Natchez. Falara do futuro da colónia, se seria verdade que o ar e a comida da Luisiana transformavam os vagabundos franceses em pessoas ainda mais medíocres. Depois, levantara-se e ajustara o chapéu de palha. Detivera-se à porta e aconselhara-a a descansar sempre que pudesse, como se não se tivesse lembrado de o dizer antes, como se não estivesse realmente a tentar ajudá-la. Depois de ouvir a porta da frente a fechar-se, Charlotte lembra-se de cair em si e da sensação de abandono total e absoluto que se apoderou dela. Lembra-se de pensar em chamar Geneviève e pedir-lhe, por favor, para ficar um pouco mais.

E, no momento seguinte, deixa de poder pensar porque os lábios de Geneviève estão demasiado perto do rosto dela e Charlotte também se está a inclinar para os tocar ao de leve, até doer.

Nunca acontecerá mais do que aquele beijo no ar contundente de dezembro em que dedos partidos vão ao encontro de mãos geladas. Mas Charlotte sente-o mais do que a uma bofetada. Significa que mesmo ali, fechada no interior dos muros altos do convento temporário, ela pode fracassar. Charlotte já sabe ler, mas deixa de requisitar livros. Durante as aulas de aritmética, senta-se longe das outras pensionistas, para não ter de partilhar as contas com mais ninguém; e move-as distraidamente, desejando poder estar sozinha e a repetir o ave-maria que escolheu.

Na capela, perde-se no coro. Mas as vozes das outras mulheres não fazem com que se sinta forte, como acontecia no passado, só fazem com que se sinta mais sozinha.

Geneviève ficou mais pequena desde que Charlotte deixou de se aproximar dela. *La petite* vê-lhe, ao longe, o rosto ceroso atrás do véu escuro de freira enquanto trabalha com a agulha na luz do fim da tarde; vislumbra-lhe vagamente a curva da cintura do outro lado da capela durante a terça. Charlotte nunca quer aproximar-se o suficiente para ver o pequeno espaço que Geneviève tem entre os dentes. Quer esquecer a sensação do toque da amiga, como fez depois de Étiennette partir e depois de Louis morrer. Já o fez duas vezes. Pode fazê-lo novamente.

Numa tarde de dezembro, quase na hora das vésperas, Charlotte cruza-se com Geneviève ao sair da sala de aula. O corredor é estreito, a porta pesada, e Charlotte tem dois tinteiros nas mãos. Quando caem e se estilhaçam no chão, o som é ensurdecedor. O líquido escuro derrama-se no chão, nas paredes, na bacia dos vestidos de ambas.

— Eu trato disso — diz Geneviève, mas Charlotte já está ajoelhada a tentar recolher os estilhaços de vidro. Começam a limpar em silêncio. Charlotte faz o que pode para centrar a atenção nos seus próprios dedos manchados, nas poças de tinta preta, no soalho de madeira com vidro a brilhar na luz débil. Mas, quando Geneviève se inclina para a frente para pegar numa das duas tampas partidas, a gola do vestido descai e Charlotte crê ver uma nódoa negra num dos lados do pescoço da antiga companheira de viagem, que Geneviève cobre assim que sente os olhos de Charlotte nela. — Vou buscar uma vassoura e alguns panos — diz, antes de se levantar num movimento rápido.

Quando Geneviève volta, Charlotte já está acompanhada da irmã Marie Madeleine.

— Não se preocupe — diz a freira a Geneviève com um sorriso —, já estamos quase a acabar.

Ao longo dos dias que se seguem, Charlotte não consegue deixar de voltar àquela tarde. Obriga-se a aceitar o profundo desconforto por que é tomada sempre que o pescoço de Geneviève lhe vem à memória.



Terá realmente visto a nódoa negra? Geneviève recuou muito rapidamente. Charlotte não pode ter a certeza. Por isso, faz aquilo que aprendeu a fazer tão bem ao longo dos últimos anos: ignora a intuição, esmagando-a aos poucos até não sobrar nada.

Três dias antes do Natal, Charlotte volta mais tarde do que as outras mulheres ao dormitório e pouco antes de o sino tocar para as completas. Já muito depois de as alunas do dia se terem ido embora, manteve-se ocupada a enfeitar o altar com grinaldas de louros do monte e os bancos com azevinho e visco-branco entrançados, como se as folhas em tons vivos de verde tivessem crescido nos assentos. Nas respetivas camas, Perrine e Marie-Annette cheiram as mãos uma da outra. As duas órfãs passaram a tarde a misturar ervas pungentes com carvão para fazer incenso. Charlotte está a preparar-se para se ajoelhar junto à cama quando repara em algo a sobressair dos lençóis. Olha de relance para as raparigas, que estão a rir-se. Mas, quando passa a mão por baixo do cobertor, não encontra fragmentos de rosas ou carvão, apenas um pedaço de papel dobrado. Deixa-o cair ao chão e tira os socos para não chamar a atenção. O papel tem três frases.

«Não posso voltar para casa. Ajuda-me. Saberás quando.»

À noite, Charlotte tenta rezar por Geneviève. No entanto, sempre que pensa nela, não consegue evitar que lhe venham à ideia imagens que variam entre o *nunca mais* e o *perdoa-me, perdoa-me, por favor*. Imagens de dedos magoados e de um beijo que lhe soube a milho-doce, troncos empilhados junto a uma mulher a dormir e murmúrios na escuridão húmida de um entreposto. Reza pela orientação divina e invisível que procurava quando entrou no convento, o tipo de orientação que pode partilhar com as freiras e que não lhe pode ser tirada.

Na véspera de Natal, Geneviève entra na cozinha com uma menina pequena. A aula da manhã foi cancelada para poderem ajudar as duas criadas; o regaço de Charlotte está coberto com penas de pombo, húmidas e pegajosas. Quando Geneviève senta a criança no fundo da mesa, Charlotte interrompe a depena. Mélanie não deve ter mais de cinco anos, mas é quase tão rechonchuda como os bebés antes de aprenderem a andar. Tem os olhos e os caracóis da mãe. Está a comer uma ameixa seca que a irmã Marie Madeleine acabou de lhe dar.

— Vindas diretamente da França — diz a freira. — Um presente generoso das nossas irmãs de Tours. Sabes onde fica Tours?

A criança abana a cabeça.

— Porque é que nós nunca te tínhamos visto?

A rapariga responde, espevitada.

— Eu vim porque...

— Só vai ficar por hoje — interrompe-a Geneviève.

— Não estava cá na hora da terça. — A irmã Cécile fecha o pano em redor dos frutos secos. — Nenhuma de vocês estava.

— Chegámos um pouco mais tarde hoje de manhã.

Charlotte olha de relance para Geneviève assim que lhe ouve o tom de voz. A irmã Cécile ignora-a. A freira apalpa a massa pousada no peitoril da janela. Olha para Geneviève.

— O brioche tem de ser amassado um pouco mais.

— Eu trato disso — assegura Geneviève.

Mélanie começa a levantar-se, mas Geneviève diz-lhe para ficar onde está e a filha obedece. Charlotte volta à ave. Pelo canto do olho, vê os dedos de Geneviève a levantar, a pressionar e a amassar a massa. Charlotte não consegue olhar. Pensa no brioche, que amanhã estará macio e ao mesmo tempo tão duro. Nos dedos moles de Geneviève a tocar-lhe na mão, onde não havia nada para lhes dar forma. Depena mais depressa.

— Cuidado!

Charlotte levanta a cabeça. A irmã Marie Madeleine está a afastar a menina do caldo a ferver.

— Só um momento, eu já vou aí tomar conta dela — diz Geneviève. As mãos voltam a enterrar-se na massa.

Charlotte pousa o pombo na mesa. Chama Mélanie com um gesto.

— Não, eu vou.

Ao longo da hora que se segue, Charlotte ocupa as mãos de Mélanie com tudo o que pode. Pede-lhe para polvilhar salsa e óleo de urso, para descascar favas. Não repara no agradecimento de Geneviève, tenta ignorar a expressão da amiga: o ar de alívio, os lábios cerrados como se estivesse a conter-se para não chorar. Charlotte tenta convencer-se de que o faria por qualquer pessoa. Vira-se para Mélanie e dá-lhe tarefas simples: mais massa, nada de facas, nada de provar. Aos poucos, vai ficando cativada com os movimentos meticulosos da menina, com a forma como pede aprovação em silêncio, com o reconfortante que é tomar conta de uma criança, mesmo que não seja sua filha. Ocupa-se de Mélanie metodicamente, com empatia, como se faz com os livros e com as orações.

Charlotte é convocada pela madre superiora pouco depois da nona. Passou o resto da manhã na cozinha, sempre a evitar olhar para Geneviève. Não foi difícil: as cólicas mensais começaram ainda antes do almoço, o que fez com que fosse muito difícil manter-se atenta ao que quer que fosse que não tivesse que ver com as dores que sentia no baixo-ventre. Quando a irmã Marie Madeleine lhe disse que a madre superiora a tinha chamado, Charlotte subiu as escadas sem dizer uma

palavra, com os ombros curvados e os dedos cravados no quadril. Mas não deixou Mélanie sem se certificar de que ela tinha algo com que se ocupar: manteiga estragada a fazer de cola e penas de galinha suficientes para que a criança desenhasse o que lhe apetecesse. Agora, sentada à frente da madre Tranchepain, as cólicas abrandam ligeiramente, poupando-a por instantes, como acontece sempre que a cabeça tem de estar alerta. No entanto, mantém-se ligeiramente curvada, com as mãos pousadas na barriga. Espera que a madre superiora não repare. Mas a madre superiora está a sorrir.

— Estou extremamente satisfeita com os progressos que tem feito.  
— Inclina-se para a frente como se estivesse prestes a contar-lhe um segredo, e, por um instante, Charlotte esquece a dor. Parece que a madre superiora está pronta para a ouvir, que, se Charlotte conseguisse aproximar-se um pouco mais da secretária e deixá-la mais perto do quadro de Cristo na parede, poderia finalmente explicar-lhe porque foi para o convento, todo o esforço que fez, jurar-lhe que não voltará a deixá-las ficar mal. Até lhe parece possível que a freira a perdoe. Mas a madre Tranchepain recosta-se e cruza os braços antes de falar. — É por isso que lhe queria pedir a sua opinião acerca de um pedido de uma das mulheres que frequentam o convento durante o dia. A *madame* Melet disse-me que vocês se conhecem há muito tempo e que seria a pessoa mais indicada para responder pelas suas capacidades.

Charlotte sente-se minúscula. As contrações voltam a fustigar-lhe a parte inferior do abdómen. A madre superiora não está interessada em ouvi-la a falar dela. Quer saber de Geneviève, sempre Geneviève, cujos olhos azuis aparecem naquele gabinete minúsculo, a interpor-se entre Charlotte e a madre Tranchepain, entre Charlotte e Étiennette, entre Charlotte e as suas resoluções.

— Ela veio falar comigo há alguns dias — continua a madre Tranchepain. — Tenho uma opinião acerca do pedido que ela me fez, mas pensei em consultá-la na mesma. — A freira faz um pequeno aceno. — A *madame* Melet quer tornar-se pensionista.

— A sério?

Charlotte sente um zumbido latente a passar-lhe pela cabeça. Leva uma das mãos às costas, como se pudesse assim amainar a dor. Ouve a madre superiora explicar que, claro, não sabe muito bem como *madame* Melet poderá conjugar o papel de mãe e esposa com o de pensionista do convento, mas, afinal de contas, as primeiras discípulas de Santa Úrsula viviam em casas próprias e só se encontravam para a celebração dos ofícios. É evidente que o pedido de *madame* Melet não tem precedentes, mas, pensando bem, o que não há no lado do Atlântico em que se encontram?

Charlotte não diz nada. Geneviève não está à procura de Deus no

convento. Está à procura de algo completamente diferente. Coisas que se podem encontrar num jardim gelado, escondidas numa cabana de madeira, quando os toros balançam e o chão deixa de ser firme. Geneviève não é de confiança. A única coisa que Charlotte quer fazer neste momento é enroscar-se na cama e esperar que a dor alivie. Abre a boca. Mas a madre Tranchepain ainda não terminou.

— O que me deixa dúvidas é a devoção dela. Tendo em conta o tempo que dedicou a alunas novas como a senhora, estou tentada a encontrar uma forma de lhe agradecer o compromisso.

Charlotte sente as faces a ruborizar. São tantas as cólicas e tão sucessivas que mal consegue distinguir o fim de uma e o princípio da seguinte. Debate-se com o sofrimento e a raiva. E, subitamente, com outra coisa. Não é digna da família religiosa de Santa Ângela de Mérici. Tem de ser mais justa para com Geneviève, reconhecer o bem que foi fazendo. Admitir que, sem ela, nunca teria aprendido a ler nem decorado as orações a tempo do Natal; que nunca poderia ter sonhado em começar o noviciado para o ano. Percebe que, se tem realmente intenção de se tornar uma irmã ursulina, não pode deixar Geneviève partir. Mas também não poderá ajudá-la a estar mais presente do que já está.

— Infelizmente não lhe posso dar o meu aval — diz.

A madre superiora parece surpreendida, depois preocupada.

— Há alguma coisa que eu não saiba e que deva saber sobre a *madame Melet*?

Charlotte diz que não. A dor interior explode, estilhaça, chega a lugares que ela não sabia que existiam.

— Não, não há, madre superiora — ouve-se a dizer. — É verdade que viajámos juntas para este continente. Mas foi há muito tempo. Nunca fomos próximas.

O Natal é um êxito no convento. Uma torta está a arrefecer junto a empadas de bagas e aves, e o tronco de Natal está pronto para ser aceso. Na capela, os vapores sufocantes de incenso são acompanhados de um odor a menta e plantas de inverno. Todas as mulheres sabem de cor as letras das canções e, tirando as pequenas — incluindo Mélanie —, que estão sempre a tentar acompanhar as últimas palavras dos salmos, todas as mulheres cantam em coro. Charlotte está sentada na primeira fila, muda. Não desvia os olhos da madre superiora, que termina um sermão sobre a santidade da maternidade enquanto o padre De Beaubois acena com a cabeça em aprovação. Tenta manter-se aprumada. As cólicas não a deixaram dormir à noite nem comer de manhã. Recusam-se a passar.

— Agora, chegou o momento de recebermos as irmãs entre nós — diz o padre.

Há movimento mais atrás. As quatro alunas africanas e nativas escravizadas dirigem-se para o altar. Para satisfação das freiras, todas as raparigas sabem os seus textos e as suas orações; estão prontas para serem batizadas. Uma a seguir à outra, colocam-se à frente do padre De Beaubois. As mãos húmidas do presbítero tocam-lhes no rosto. Sor'kor Sokon, a jovem com os olhos âmbar, hoje secos, é a última.

— Pai nosso, que estais no céu, santificado seja o Vosso Nome, venha a nós o Vosso Reino... — começa o padre.

A rapariga nativa não olha para ele, nem para a madre superiora nem para a pequena estátua da Virgem. Sor'kor Sokon passará a chamar-se Isabelle. Quando Charlotte se vira para ver para onde ela está a olhar, só vê a parede caiada da capela. E, mais abaixo, na última fila, Geneviève, muito direita. Geneviève não olha para Charlotte, nem para Mélanie, que está sentada ao lado dela. Tem os olhos fechados.

O padre De Beaubois dá os parabéns à madre superiora e à congregação pelos frutíferos primeiros meses na Luisiana; ouve-se um último sermão, uma última canção e o ofício termina. Impacientes por ir comer, as mulheres saem rapidamente da capela. A madre Tranchepain e o padre vão aos sussurros ao passarem por Charlotte. Ninguém manda calar as meninas pequenas quando uma delas solta um riso agudo. Mélanie junta-se a elas como as crianças faziam na Maison Saint-Louis. Charlotte arrasta-se atrás delas, tentando reconhecer a silhueta de Geneviève entre os vestidos pretos.

Geneviève está junto à saída, como que à espera de que a cerimónia recomece. Um caracol cai-lhe sobre a têmpora. Charlotte não se aproxima. As palavras assustam-na. As cólicas sobem-lhe da barriga para o peito. Antes de chegar à porta, detém-se a olhar para a expressão de interrogação no rosto de Geneviève; é perpassada por uma sensação pungente. Uma vontade indómita de a consolar, de a abraçar, de a reconfortar, um impulso tão súbito que ela tem dificuldade em compreendê-lo e de se lembrar do que fez.

Gostaria de lhe explicar que está apenas a tentar salvá-las a ambas. Está convencida disso. Tem de estar.

Quando pára à frente de Geneviève, Charlotte abana a cabeça. De início, Geneviève permanece impassível, depois limpa os olhos com um movimento brusco da mão. Estudam o rosto uma da outra, duas estranhas que se conhecem demasiado bem. Depois Geneviève abre a porta e Charlotte fica sozinha na capela, uma sala escura e simples que, como tantas outras coisas na Luisiana, não passa de uma sombra do que pretende vir a ser.

*A Aldeia Grande / Natchez, agosto de 1729*

## Utu'wv Ecoko'nesel

Utu'wv Ecoko'nesel gostaria de não ter de ir para a casa da mulher branca. Desce a colina sem pressa, deixando a Aldeia Grande para trás. A cerimônia do Milho Verde acabou há pouco, a época alta da amora já começou: a erva está mais alta do que nunca, e roça a pequena tatuagem de um sol que lhe enfeita o ombro, os braços nus e os mamilos rachados pelo sol. Na próxima lua cheia, os homens brancos terão queimado a pradaria para viajarem mais facilmente pela terra, com os cavalos a galopar sobre plantas carbonizadas e as carruagens a lavrarem o solo escurecido. A erva voltará a crescer, célere e verde, e a caça ao bisonte não demorará a começar. Utu'wv Ecoko'nesel não se lembra dos dias em que as nuvens de fumo não marcavam o fim do tempo quente. Nasceu depois de os homens brancos chegarem. Mas está convencida de que as plantas não precisam de fogueiras para crescer, que têm uma forma própria de saber quando desaparecer.

Utu'wv Ecoko'nesel segue a ribeira. De onde está já consegue ver o edifício de madeira onde os franceses guardam as armas de ferro. Raramente se aproxima tanto do que chamam Fort Rosalie, não costuma passar ao lado das enormes casas dos homens brancos, que se foram tornando paulatinamente mais numerosas ao longo dos últimos cinco invernos. Na verdade, duplicaram, como a sua irmã mais velha Lv'vlk Lac'kup diz muitas vezes, com o maxilar subitamente visível debaixo das bochechas redondas, as mãos tatuadas fechadas em redor da panela e do arco do filho mais velho. Quando Utu'wv Ecoko'nesel saiu da cabana da família antes de descer o monte, evitou Lv'vlk Lac'kup. Sabe o que a irmã pensa da tarefa que se prepara para fazer, não precisa de ouvir de novo as advertências que ela tem para lhe fazer. Se a tia Vhvl' Kutnuf não a tivesse mandado ir, Utu'wv Ecoko'nesel não estaria a caminho da casa da mulher francesa, com um nome cheio de sílabas estridentes: sons que a faziam lembrar de

uma planta venenosa, como as flores vermelhas do castanheiro-da-índia, que arranham a parede do estômago. Talvez essa pudesse ser a primeira coisa a dizer à mulher pálida. Vhvl' Kutnuf tinha decidido que Utu'wv Ecoko'nesel a iria ensinar a lutar contra as doenças usando plantas, numa tentativa de acalmar as tensões com os franceses.

Utu'wv Ecoko'nesel sente o corpo inteiro a retesar-se ao passar pelas quintas dos franceses. Não é a primeira vez que tem de interagir com pessoas brancas. A tia fizera questão de lhe ensinar um pouco de francês, aulas em que Lv'vlk Lac'kup sempre se recusou a participar. Utu'wv Ecoko'nesel fez a vontade a Vhvl' Kutnuf, mas sempre esteve mais interessada noutro tipo de conhecimento que a tia concordou em partilhar com ela. Desde que a mãe partiu para o Grande Além há nove invernos, Utu'wv Ecoko'nesel tem vindo a aprender tudo o que Vhvl' Kutnuf sabe sobre flores e sementes e os imensos poderes que escondem. Como sobrinha da Mulher Sol, começou por aliviar a dor de mulheres grávidas na Aldeia Grande. A partir do momento em que começou a sangrar, começou a ir para outras aldeias e a ajudar a amainar as dores de dentes dos bebés das aldeias de Tioux e Farinha. Agora, com dezassete invernos, cuida frequentemente das feridas dos guerreiros.

Nunca duvidou do poder curativo das plantas. Tinham-lhe aliviado as dores quando não encontrara mais nada que a ajudasse, nem sequer o abraço de Lv'vlk Lac'kup, a irmã mais velha, que a embalava na cabana fumarenta até o mundo desaparecer. As plantas mantiveram-lhe o espírito ativo quando a única coisa em que conseguia pensar era no rosto e na voz meiga da mãe ou na forma como ela costumava fazer-lhe tranças no cabelo e alisar-lhe a saia, com firmeza, mas não sem suavidade. As receitas de Vhvl' Kutnuf mantinham as mãos de Utu'wv Ecoko'nesel ocupadas. Abriam a porta do tempo numa altura em que Utu'wv Ecoko'nesel pensava que a próxima lua nunca mais iria chegar e que ficaria triste para sempre.

Utu'wv Ecoko'nesel está a atravessar uma nuvem de mosquitos enquanto caminha ao longo do rio. Os fetos fazem-lhe comichão nas coxas, dobram-se sob o cesto que leva na mão. Por uma vez, tem o peso de uma pena; o fundo duplo, que outras mulheres usam para esconder as joias, contém apenas algumas flores do quiabeiro e um ramo de apalachina. Não sabia o que levar com ela quando saiu da aldeia. Está habituada a levar exatamente o que precisa e orgulha-se de perceber qual é a quantidade exata para não andar sobrecarregada e ter espaço suficiente para colher o que encontrar no caminho de volta. A mulher branca não precisa de ser curada. Quer ser ensinada.

De início, Utu'wv Ecoko'nesel riu-se perante a ideia. Tinha visto como os franceses curavam as doenças: médicos com cabelo falso a usar agulhas para sugar o sangue de corpos fracos. Ouviu um a

recomendar descanso numa infusão de águas com ervas para aliviar músculos doridos; a queimar um olho vermelho e cansado para libertar os fluidos e a jurar ao doente que a córnea sofreria apenas um ligeiro arranhão. As pessoas de pele escura eram cirurgiões muito mais aptos, o que era algo que os franceses já deveriam ter percebido, porque ela já tinha ouvido falar de escravos explorados como médicos. Nas poucas vezes que Vhvl' Kutnuf lhe pedira para preparar uma tintura para uma família branca, Utu'wv Ecoko'nesel resistira à tentação de moer a casca muito grosseiramente, de deixar um ingrediente de fora, de mergulhar as flores durante demasiado tempo. Utu'wv Ecoko'nesel não queria magoar os colonos, mas também não os queria ajudar.

Teve de mudar de ideias ontem quando Vhvl' Kutnuf a mandou sentar-se nas enxergas de cana da casa de Uv'cenv Cu'nv Uv'sel, o Grande Sol da aldeia. Eram os únicos Sóis na cabana, uma vez que os outros membros da família soberana estavam ocupados lá fora. Vhvl' Kutnuf olhou para Utu'wv Ecoko'nesel com os olhos cinzentos como duas pedras do rio perdidas engastadas em pele engelhada e explicou-lhe que aquele conhecimento não lhe pertencia apenas a ela. Que faziam trocas com os homens brancos há quase trinta invernos e que seria incorreto recuar quando uma das mulheres brancas dava um passo na direção delas.

Naquele momento, Utu'wv Ecoko'nesel ouviu na cabeça a voz da irmã, Lv'vlk Lac'kup, que crescera num mundo em que os franceses eram, para a maioria, pouco mais do que um rumor. Utu'wv Ecoko'nesel sabia exatamente a resposta que Lv'vlk Lac'kup teria dado à tia. Que não devem nada àquelas mulheres brancas, que Vhvl' Kutnuf se esquecia demasiado depressa das doenças que os franceses tinham trazido, dos conflitos que aconteciam há dois invernos consecutivos, pouco depois de Lv'vlk Lac'kup ter dado à luz o seu primeiro filho. A verdade é que Lv'vlk Lac'kup sempre disse que Vhvl' Kutnuf tinha demasiados amigos franceses, entre os quais chegou a contar-se um amante que lhe deu um filho que agora era o líder da aldeia, o Grande Sol. Que havia uma razão para chamarem os brancos literalmente de «ku'yukup», «homens loucos». Os tempos tinham mudado e havia quintas de franceses em toda a parte: ajudá-los agora não era como acolhê-los tantos invernos antes, como os Sóis haviam feito aos primeiros colonos e como era costume fazer com outras nações estrangeiras. Mas os franceses não tinham nada que ver com os Caddos nem com os Chicachas. Eram diferentes de todas as outras tribos que conheciam.

Utu'wv Ecoko'nesel concorda com a irmã. Também ela gostaria que Vhvl' Kutnuf não tivesse de aceitar todos os pedidos feitos pelos maridos brancos. Mas Utu'wv Ecoko'nesel não diz o que sente, como



Lv'vlk Lac'kup. A mãe costumava dizer que os nomes das filhas poderiam ter sido escolhidos ao contrário, que Utu'wv Ecoko'nesel era mais parecida com o ganso manso que dava nome à irmã, ao passo que Lv'vlk Lac'kup tinha mais da bela loba que servira de base para o nome de Utu'wv Ecoko'nesel. Depois acrescentava num sorriso misterioso: «Mas uma mãe raramente se engana nestas coisas. Um dia, perceberão que eu sempre estive certa.»

Utu'wv Ecoko'nesel deixa o campo de arroz para trás. Mulheres de pele escura agacham-se no terreno alagado, enquanto os filhos fincam os dedos no solo molhado. O alagamento dos campos era outro procedimento que os homens brancos não conheciam e que tinham aprendido com os que tinham ido buscar à terra dos Sóis. Uma vez, uma rapariga escravizada contou a Utu'wv Ecoko'nesel que o seu povo fora capaz de construir diques de terra ao longo do rio Gâmbia e transformar o solo aluvial em campos de arroz ainda antes do tempo da avó dela. A casa dos brancos ergue-se à sua frente, larga e comprida. Utu'wv Ecoko'nesel despreza os franceses pela forma como agradeceram a ajuda das pessoas de pele escura: arrancando-os das suas próprias terras, alimentando-os apenas com o suficiente para sobreviverem e pondo-os a trabalhar quase incessantemente. Utu'wv Ecoko'nesel sabe que lhes fazem coisas ainda piores: um dia viu do cimo do monte os cães de caça a entrar nos aposentos dos escravos, ouviu o som de um chicote e nunca se esqueceu dos gritos da mulher. Olha em redor da casa à procura de um cão, de um homem branco. Mas, no alpendre, só vê uma menina pequena a moer trigo com um grande pilão. É demasiado escura para ser filha da mulher branca.

— Senhora! Senhora!

A criança escravizada continua a chamar a ama sem nunca desviar o olhar de Utu'wv Ecoko'nesel. Um vento quente sacode o vestido da rapariga e bate na saia de casca de amoreira que Utu'wv Ecoko'nesel traz vestida, cingindo-lha às coxas. Utu'wv Ecoko'nesel ouve o eco de passos no chão de madeira.

— Não é preciso gritar dessa maneira...

A mulher branca estaca quando a vê. Por um instante, Utu'wv Ecoko'nesel esquece a frustração que trazia. Não estava à espera de conhecer a pessoa que ia ajudar, mas nunca poderia esquecer a mancha lívida, ainda mais pálida do que o resto da pele, que atravessa a bochecha direita daquela mulher francesa. Utu'wv Ecoko'nesel não se lembra bem da idade que tinha no dia em que se conheceram. Lembra-se apenas de que a mãe dela já tinha partido e de que fora a primeira vez que Vhvl' Kutnuf lhe dissera para levar unguento para a aldeia francesa. Naquela tarde, embora a tia lhe tivesse assegurado que não havia nada a temer, Utu'wv Ecoko'nesel manteve as

distâncias. Havia duas mulheres em pé no limiar de uma cabana de madeira a observá-la. Quando a loura começou a caminhar na direção dela, Utu'wv Ecoko'nesel teve vontade de ficar onde estava. A outra mulher, com uma mancha branca a brilhar-lhe no rosto, não se mexeu.

Hoje, Utu'wv Ecoko'nesel não vai a lugar nenhum, por isso observa a anfitriã mais atentamente. O cabelo castanho é mais claro do que o dela e tem um queixo redondo que lhe harmoniza as feições. Está sempre a levar a mão a uma mecha de cabelo que lhe sai do puxo, embora, no alpendre de madeira, não haja qualquer risco de o cabelo ficar preso em ramos ou galhos. Tal como as outras francesas, o corpo da mulher à frente dela desaparece sob camadas de roupa. Se reconhece Utu'wv Ecoko'nesel, não o mostra.

— Ora bem, o *monsieur* Ducros não me disse que vinhas hoje.

A frase sai de chofre e fluida, muito mais rapidamente do que quando Vhvl' Kutnuf dizia palavras francesas.

— Mais devagar, por favor — pede Utu'wv Ecoko'nesel.

A mancha da mulher branca agita-se no rosto quando ela sorri. Tem um vestido tão azul como o ventre de um periquito, com padrões que parecem feijões encarnados.

— Sim. Perdão. Entra.

Utu'wv Ecoko'nesel segue-a. Assim que a porta se fecha, o som das pancadas da criança recomeça. Utu'wv Ecoko'nesel ouve vozes e sente o cheiro de carne a vir do lado esquerdo da casa.

— Senta-te, por favor. — O chão está desocupado, mas a mulher aponta para o que parece uma cama. — Eu já volto.

Utu'wv Ecoko'nesel fica sozinha numa sala que daria para acolher três famílias. Há muitos buracos nas paredes para ver o exterior e a porta não está virada para este, para o sol nascente, mas para norte. Tudo está numa posição elevada, tachos em tábuas de madeira e tecidos em pequenas camas espalhadas pela sala. Nada toca no chão, como se estivessem a proteger a mobília de inundações.

— Espero que gostes de chá.

As tigelas são pequenas e tem um forte aroma a flores que se eleva num fumo denso. Naquela casa, a anfitriã faz perguntas ainda antes de os convidados terem comido e descansado, que é algo que ninguém, fossem os Sóis ou as gentes do povo, toleraria na Aldeia Grande. A água queima a garganta de Utu'wv Ecoko'nesel.

— O teu nome é Utu'wv Ecoko'nesel, não é?

A mulher francesa pronuncia o nome Utu'wa Ecoko'niseli.

— Tem de dizer Oodoo'wah itchoko'nishel — esclarece Utu'wv Ecoko'nesel.

Pétronille volta a dizer o nome, mas, desta vez, engana-se nas três sílabas. Utu'wv Ecoko'nesel encolhe os ombros e aponta para o vestido azul.

— E tu?

— Pétronille.

Utu'wv Ecoko'nesel abstém-se de falar em plantas venenosas e de dizer sílabas estridentes. A mulher branca tem uma forma de se exprimir e de se mover que a faz lembrar um pato ofuscado pelo sol, algo pesado e lento que seria facilmente abatido no Rio Pequeno. Há palavras que se destacam — *obrigada*, *braço tatuado* e *plantas*. Percebe que Pétronille lhe está a agradecer; é capaz de associar o nome da tia a algo relacionado com plantas, mas decifrar as frases não lhe traz alegria.

— És a sobrinha da Braço Tatuado — diz Pétronille, e Utu'wv Ecoko'nesel franze o sobrolho.

A tia é conhecida por muitos franceses que traduziram o nome dela para a língua deles. Não soa bem na boca daquela mulher. Utu'wv Ecoko'nesel fica aliviada por Pétronille não saber o significado do nome dela; mesmo que um dia seja capaz de o pronunciar corretamente, os sons continuarão a ser um mistério para a francesa. A mulher branca está a olhar para ela, mas Utu'wv Ecoko'nesel não lhe quer satisfazer a curiosidade; não lhe quer explicar o que significa ser parte da família soberana, que o primo, embora seja um rapaz franzino, é o irmão mais novo do Sol, o Eleito. Toca no cesto com o pé.

— Onde é que trabalhamos? — pergunta-lhe.

Pétronille leva a mão ao cabelo de novo, mas o gesto estranho ainda deixa o puxo mais frouxo.

— Eu vou-te mostrar.

Quando Utu'wv Ecoko'nesel segue Pétronille para a sala ao lado, as penas de ganso que tem no cabelo roçam no caixilho da porta. Lv'vlk Lac'kup avisara-a: os franceses precisam de várias casas numa só.

— Neste momento, é tudo o que tenho.

A sala é estreita, muito mais parecida com uma das cabanas da Aldeia Grande, ainda que as portas sejam demasiado brancas. O sol da pradaria entra apenas por um pequeno buraco. Pelo menos, ali Utu'wv Ecoko'nesel pode descansar. Aquele compartimento lembra-a de casa; o aroma empastado de uma mistura de botões de eríngio, fentanha, flores de pé-de-gato e o néctar de escrofulária que as abelhas costumam devorar. No cesto, estão empilhadas cascas de amoreira e de pessegueiro. Pétronille aponta para um galho.

— Encontrei isto ontem.

Utu'wv Ecoko'nesel reconhece uma das madeiras mais preciosas, que os franceses chamam de «*épine de la passion*». Fica com a boca seca. Pergunta-se o que quererá a mulher branca. Diz o que acha que Pétronille quer ouvir.

— É boa para muitas coisas, como o amor perdido. — Roda um

dos pequenos ramos na mão. — Para trazer o homem amado de volta.

Quando vê o rosto angustiado de Pétronille, Utu'wv Ecoko'nesel jura a si mesma que nunca mais a vai provocar. A expressão da mulher branca é-lhe familiar, fazendo lembrar o rosto da prima quando ela perdeu o homem numa caçada. Atira esta ideia para trás das costas; é impossível que a família dela e Pétronille tenham algo em comum.

Olha para a mesa em busca de inspiração, a tentar encontrar um remédio a sério desta vez. Pensa na tia e cora. Vhvl' Kutnuf detesta pessoas mentirosas.

— A serpentina — diz, pegando no que provavelmente parece uma cebola grande a Pétronille. — Suga o veneno. E aquela hera alivia as dores do parto.

Pétronille demora a responder. Depois aproxima-se da mesa.

— Como é que se faz? — pergunta.

Utu'wv Ecoko'nesel volta-se rapidamente para a planta outra vez.

— Água e... como o chá.

— E esta?

Durante a hora que se segue, Utu'wv Ecoko'nesel ensina Pétronille a fazer uma decocção de folhas de santonina. Tenta convencer-se de que Vhvl' Kutnuf lhe deu uma missão e de que não a vai desiludir. As palavras surgem-lhe mais facilmente. Há algo no pequeno espaço cheio de raízes e ervas que a tranquiliza; não precisa de se preocupar com a altura do sol, com o que vai dizer a Lv'vlk Lac'kup quando for para casa. A mulher branca não faz perguntas. Em silêncio, aponta para aqui e para ali com os seus modos suaves até que se ouve uma pancada.

— Quem? — pergunta Utu'wv Ecoko'nesel, a apontar para a sala principal.

— Como assim?

Quando a porta se abre, o sol luminoso da tarde ilumina as paredes. Por um momento, Utu'wv Ecoko'nesel só consegue vislumbrar uma silhueta.

— Ainda bem que a encontro aqui. Estava a ficar preocupado.

A voz é cava; o homem branco pousa a mão no ombro de Pétronille. Tem bochechas gordas, cabelo escuro e olhos tão grandes que a cara parece demasiado pequena.

— Estive aqui o dia inteiro. Com ela — diz Pétronille. — Este é o meu marido, o *monsieur* Ducros. — As mãos pairam sobre a tigela, imóveis. Por um segundo, Pétronille faz lembrar a Utu'wv Ecoko'nesel um veado a parar de repente na pradaria e a avaliar o perigo antes de retomar o passo com cuidado. Pétronille pega num pano e seca os dedos molhados.

Utu'wv Ecoko'nesel olha fixamente para o homem branco, mas não

se apresenta. Uma vez, Lv'vlk Lac'kup disse a brincar que as mulheres francesas usavam aquelas camadas todas para se protegerem dos homens. Agora, sob o olhar de *monsieur* Ducros, Utu'wv Ecoko'nesel começa a perguntar-se se, afinal, as palavras da irmã seriam mais verdadeiras do que ela pensava. Pouco à vontade, Utu'wv Ecoko'nesel cruza os braços e o homem vira-se para a mulher, refere qualquer coisa sobre escravos, tabaco e as crianças serem uma distração nos campos. Não volta a prestar atenção a Utu'wv Ecoko'nesel. Sai da sala sem esperar uma resposta e Utu'wv Ecoko'nesel apercebe-se de que Pétronille estava a conter a respiração.

— Vemo-nos amanhã à tarde — sussurra Pétronille.

Utu'wv Ecoko'nesel gostaria de lhe ter dito para cobrir a mistura para que não ficasse cheia de mosquitos. Mas Pétronille quase não levanta a cabeça da mesa quando ela sai da sala. Lá fora, a pequena menina escravizada continua a moer o trigo. À frente, o vento varre a pradaria e o som do pilão segue Utu'wv Ecoko'nesel até muito depois de a casa lhe desaparecer da vista.

Uma das memórias mais claras de Utu'wv Ecoko'nesel passou-se há um inverno: o antigo Grande Sol tinha acabado de morrer e ela estava sentada na cabana dele com os primos e demais familiares. As danças e a procissão não demorariam a iniciar-se, mas, entretanto, o velho homem jazia numa cama, com o rosto pintado de vermelho com ocre queimado e uma coroa de penas brancas pousada na cabeça. Aos pés, estavam reunidas as armas — uma espingarda de cano duplo, um arco, um carcás cheio de flechas, uma pistola, um machado indígena e uma correia interminável de canas com um elo por cada inimigo morto —, bem como todos os cachimbos da paz que ele recebeu na vida. Às vezes, uma das criadas levava comida para o morto e murmurava «*touvvtেকে*» — *está bem morto* — antes de sair com um uivo que era replicado pelas pessoas da Aldeia Grande e por todos os vizinhos na pradaria.

Utu'wv Ecoko'nesel estava sentada entre Vhvl' Kutnuf e a esposa preferida do Grande Sol. Lembra-se do medo que sentiu no estômago quando a tia se levantou, com os braços cheios de escoriações cheias de sangue que ela própria fizera na pele quando a tristeza se tornou intolerável. Depois de o chefe de guerra morrer, a esposa decidiu segui-lo, estrangulando-se com a corda de um arco para lhe fazer companhia num além cheio de peixes cor-de-rosa, bisontes e água doce. Foi imitada por muitos criados, bem como pela concubina, o médico e o caçador do Grande Sol pouco tempo depois. Por isso, quando Vhvl' Kutnuf olhou para cada um deles, Utu'wv Ecoko'nesel apressou-se a segurar-lhe a mão. A tia não podia ir juntar-se já à mãe de Utu'wv Ecoko'nesel no Grande Além. Mas Vhvl' Kutnuf limitou-se a

abandar a cabeça. Disse que ainda não podia partir, que o filho, o novo Grande Sol, ainda precisava dos seus conselhos para reinar.

— O rapaz é fraco como uma cria de opossum — sussurrou Lv'vlk Lac'kup alguns dias depois do funeral. — Não tem hipóteses.

Na altura, as palavras da irmã deixaram Utu'wv Ecoko'nesel preocupada. E agora que, para desespero de Vhvl' Kutnuf, o líder da Aldeia da Maçã Branca assumiu, de facto, o poder, a clarividência de Lv'vlk Lac'kup deixa-a ainda mais abalada.

Não foi a primeira vez que a irmã de Utu'wv Ecoko'nesel lhe pareceu capaz de prever o que estava por vir. No dia de primavera em que a mãe saíra para o Rio Pequeno, Lv'vlk Lac'kup fizera um comentário sobre a cor das faces da progenitora e dissera que tinha um mau pressentimento. Utu'wv Ecoko'nesel não ligara às palavras da irmã e voltara à saia que estava a fazer. A mãe era forte; nunca ou raramente estava doente. Dera à luz três rapazes que se tinham feito guerreiros e duas filhas com ancas largas e mãos cuidadosas. Afagara a barriga grávida de Lv'vlk Lac'kup e repetira isto mesmo antes descer o monte em direção à água.

— A mim parece-me que ela está bastante bem — respondera Utu'wv Ecoko'nesel à irmã, sem saber que iria arrepender-se para sempre daquelas palavras.

Utu'wv Ecoko'nesel acorda na aurora do dia seguinte ao da primeira visita a Pétronille. Dentro da cabana, a família da irmã está a dormir. Quando Utu'wv Ecoko'nesel sai, vê o sobrinho mais novo a sacudir-se no sono e com as mãos pressionadas contra as enxergas entrançadas que cobrem as paredes como se fosse um gatinho a afagar a barriga da mãe. Os dois irmãos do rapaz estão a ressonar, os narizes a sobressair ligeiramente dos cobertores. Utu'wv Ecoko'nesel ainda não se sente preparada para iniciar uma família, embora espere casar-se dentro de dois invernos. Lv'vlk Lac'kup obrigou-a a jurar que esperaria pelo homem certo, e Utu'wv Ecoko'nesel pretende cumprir a promessa. Por enquanto, está a ajudar a irmã sempre que pode e, às vezes, até dá por si a tomar conta dos sobrinhos como a mãe tinha feito com ela.

Olha para além do largo em direção a um dos maiores montes, onde fica o templo e as esculturas de águia que o enfeitam; o fumo da fogueira perpétua a enrolar-se, eterno, cinzento e indolente, sob um céu rosado. Em breve, o Grande Sol irá curvar-se em frente do irmão mais velho. Utu'wv Ecoko'nesel costuma ouvir os seus três gritos da extremidade da aldeia quando está a colher escrofulariáceas e asclépias e a caminhar pelos campos de milho onde as mulheres do povo fazem as colheitas. Gosta de ouvir o canto das cigarras e de sentir a humidade da erva na planta dos pés e o calor crescente do sol

a bater-lhe nas costas. Sempre que levanta a cabeça, a Aldeia Grande eleva-se em direção ao céu: primeiro, os campos e as cabanas de taipa, depois o largo principal, mais casas, e, mais acima, os dois montes planos e respetivas casas, uma à esquerda e outra à direita da aldeia. A casa dela é fácil de encontrar: como membro da família dos Sóis, dorme a um lanço de escadas da cabana do líder.

Mas, hoje de manhã, Utu'wv Ecoko'nesel não se apressa a descer o monte como faria habitualmente. Reaviva a fogueira, colhe feijões para fazer sopa, ferve a água que sobrou da última refeição. Não teve oportunidade de falar com a irmã no dia anterior. As crianças estavam com fome, cansadas e não pararam quietas enquanto Lv'vlk Lac'kup não as mandou calar na cabana, sussurrando-lhes «*Hvpvt petkup*», que se deitassem. Ao ver que não tinham ido, contou-lhes a história da pantera bebé e, claro, os rapazes não paravam de a interromper com perguntas sobre os pais do felino, o fato de pássaros vivos, o corno para conseguirem cantar. Ao fim de algum tempo, as vozes acalmaram e o homem de Lv'vlk Lac'kup voltou, o que significava que Utu'wv Ecoko'nesel não teria oportunidade de falar com a irmã. Lv'vlk Lac'kup só tinha olhos para o marido quando ele chegava. Utu'wv Ecoko'nesel ouviu-os mais tarde, a enxerga de canas a agitar-se sob o peso de ambos.

Atrás dela, a pele de veado que fecha a entrada agita-se sob o vento quente. Os grilos já estão a cantar. Os olhos de Lv'vlk Lac'kup ainda mal se veem, as tatuagens que tem no peito fundem-se com a irritação na pele das costelas, que apresenta um tom vermelho por ela ter dormido demasiado tempo sobre o mesmo lado. Lv'vlk Lac'kup toca cuidadosamente no cabelo de Utu'wv Ecoko'nesel e aceita a tigela que ela lhe dá. Come em silêncio, depois limpa os lábios.

— A Vhvl' Kutnuf deve estar orgulhosa de ti — diz, por fim, a irmã.

— Não a vi. — Por instinto, Utu'wv Ecoko'nesel olha para cima em direção à casa do Grande Sol no cimo do monte e para a cabana ao lado, onde a tia ainda deve estar a dormir.

— Ela está preocupada — diz Lv'vlk Lac'kup, afastando-se da fogueira para evitar o fumo. — O Sol da Aldeia da Maçã Grande está zangado com os franceses. — Ouve-se um grito que perpassa o telhado de colmo da cabana e Lv'vlk Lac'kup detém-se para ouvir o filho. Depois volta-se de novo para Utu'wv Ecoko'nesel. — E tem razões para isso.

Utu'wv Ecoko'nesel pensa na visita que vai fazer a Pétronille à tarde. Fica magoada com a irmã por lhe dificultar a vida.

— Mas esse Sol não tem nada contra os britânicos — responde secamente.

Está à espera de que Lv'vlk Lac'kup reaja, mas a irmã assente.

— *Ehema'ce*, é verdade — diz ela —, não tem. — Um gafanhoto verde salta entre elas e desaparece nas ervas. — Lembras-te de quando a mãe estava com receio de que os Chactas nos atacassem? Não falávamos muito dos homens brancos na altura.

Utu'wv Ecoko'nesel aquiesce, embora não se lembre. Guarda outras memórias da mãe: a forma como as mãos molhadas revolviam a terra quando cuidava das plantas, como uma vez cortou o próprio cabelo para enfeitar a boneca de folhas de milho de Utu'wv Ecoko'nesel, a sensação de frio dos brincos de madrepérola da mãe a bater-lhe na face quando a abraçava. Utu'wv Ecoko'nesel era muito nova para se preocupar com os desentendimentos entre as tribos.

Ficam ambas em silêncio por momentos. Lá em baixo, no largo, as mulheres do povo preparam-se para sair para a floresta, os longos cabelos entrançados a balançar-lhes contra as saias, e às vezes a chegar-lhes até aos tornozelos. As raparigas dos clãs mais baixos voltarão ao pôr do Sol manchadas pelo sumo das amoreiras e rodeadas de vespas a voar sobre os frutos delicados.

— Que tipo de mulher é ela? — pergunta Lv'vlk Lac'kup.

Utu'wv Ecoko'nesel não precisa de perguntar à irmã sobre quem está a falar. Tenta pensar numa boa forma de descrever Pétronille.

— *Unckwen'ce*, calma — diz, antes de acrescentar, a afagar a face: — Esta parte do rosto dela é ainda mais branca do que o resto da pele. Lv'vlk Lac'kup abana a cabeça.

— A mais branca de entre os brancos — diz. O tom é amargo e divertido. — Não esperava nada menos da nossa tia.

— É só por algum tempo — replica Utu'wv Ecoko'nesel.

Do outro lado do largo, dois guardiães do templo carregam troncos brancos de nogueira pelo monte acima, as sombras a escurecerem e a ficarem mais definidas no sol da manhã.

Lv'vlk Lac'kup assente. Os olhos castanho-escuros estão fixados nas chamas. Depois vira-se para Utu'wv Ecoko'nesel e oferece-lhe um suspiro que faz com que pareça estar preocupada e um pouco triste.

— Esse tempo pode ainda ser mais curto do que estás à espera — aponta e, a olhar de relance para ela, Utu'wv Ecoko'nesel não pode deixar de pensar em tudo o que a irmã previu: o líder impotente como uma cria de opossum; a mãe deitada na margem do rio, os olhos arregalados fixados no céu como que à procura do mal que a atingiu, quando não havia nada para ver a não ser nuvens e aves.

Quando Utu'wv Ecoko'nesel volta à plantação, Pétronille não está sozinha. O filho Émile, um rapaz de cabelo escuro demasiado novo para usar um arco, desaparece assim que ela entra.

— Ele é muito tímido — esclarece Pétronille. — Ao contrário da irmã.



Esta manhã, Pétronille recebeu Utu'wv Ecoko'nesel como se ela fosse lá todos os dias. Já estava debruçada sobre uma mesa, a cortar tomilho tão finamente que parecia um pó cinzento-azulado. Hoje estão a trabalhar na sala principal, com uma menina pequena com a pele tão pálida como a da mãe no seu encalce, a boca tão vermelha como as tenazes de um lagostim e pestanas densas que se curvam sobre os olhos verdes. Está sempre em bicos de pés a tentar tocar no cabelo de Utu'wv Ecoko'nesel.

— Hélène! Pára com isso.

A menina volta a cair sobre os calcanhares e afaga um esquilo que puxa a corrente minúscula que lhe prende duas das patas. O focinho treme e Hélène bate palmas. Quando ela dá frutos secos ao animal, Utu'wv Ecoko'nesel desvia o olhar. É algo desrespeitoso manter um animal dentro de casa se não for para comê-lo. Utu'wv Ecoko'nesel abre o cesto. Se se deixar ficar demasiado tempo sem fazer nada, começará a fazer perguntas sobre o castor imóvel acima da lareira. Volta a lembrar-se de que o conhecimento que tem não é só para ela. Pétronille está em pé junto à mesa, o luminoso vestido escarlate desaparece atrás de jarros cheios de plantas.

— Estás pronta? — pergunta Pétronille.

Utu'wv Ecoko'nesel mostra-lhe como usar uma liana para combater a febre. Juntas, cortam um pedaço do tamanho de um dedo da planta trepadeira, que tem um caule denso com espinhos em gancho que lhes picam as mãos. Enquanto Utu'wv Ecoko'nesel abre uma ranhura no pedaço da planta cortado, uma mulher escravizada, com maçãs do rosto marcadas, leva água a ferver a Pétronille. Atrás delas, Hélène imita os guinchos do esquilo e ri-se quando o focinho penugento a fareja. O irmão está sentado ao lado dela, guardando uma distância de segurança em relação ao animal. Utu'wv Ecoko'nesel está aliviada por poder manter as mãos ocupadas. Hoje não há mais conversa, só Pétronille a reproduzir o que ela vai fazendo, parando de vez em quando para observar Utu'wv Ecoko'nesel a atirar plantas para a água fervilhante e a cozê-las até ficarem com um terço do volume. As explicações ocorrem-lhe facilmente. Pétronille faz perguntas específicas e Utu'wv Ecoko'nesel só tem de assentir com a cabeça ou abaná-la. Sim, o doente deverá estar em jejum antes de beber o preparado. Não, a decocção não deve ser consumida mais de uma vez por dia.

Quando Utu'wv Ecoko'nesel volta para casa à noite, a irmã não fala sobre Pétronille. No dia seguinte também não. Age como se Utu'wv Ecoko'nesel estivesse a passar os dias nas aldeias de Farinha e Tioux a ajudar guerreiros e as anciãs, e Utu'wv Ecoko'nesel agradece mentalmente a Vhvl' Kutnuf, que deve ter falado com Lv'vlk Lac'kup. A irmã de Utu'wv Ecoko'nesel pode esquecer-se do seu lugar como

mulher, mas sabe quando respeitar as decisões da tia.

De início, as perguntas que Vhvl' Kutnuf faz a Utu'wv Ecoko'nesel são sobre as tinturas que ela prepara com Pétronille. As rugas nos braços da tia criam-lhe ondas nas tatuagens quando afaga a mão de Utu'wv Ecoko'nesel. Vai anuindo, mas tem os olhos postos em três rapazes que estão a reparar uma piroga, num bebé a pestanejar na tábua de madeira que serve de berço, e parece estar a pensar noutra coisa. Um dia, quando os homens vão trazendo cada vez mais milho para a aldeia, Vhvl' Kutnuf pergunta a Utu'wv Ecoko'nesel como está a aldeia francesa e se sente alguma inquietação por lá. Utu'wv Ecoko'nesel pensa nas casas dentro da casa, nos dedos de Hélène a tocar-lhe no cabelo, no silêncio que se faz quando Pétronille começa a trabalhar. No homem de Pétronille a entrar um dia, a chegar-se atrás dela e a olhar-lhe por cima do ombro para lhe observar as mãos até ela ficar tão extraordinariamente ciente dos seus próprios movimentos que teve de parar de mexer o preparado. Utu'wv Ecoko'nesel decide que não é a esta inquietação que Vhvl' Kutnuf está a aludir. Diz que não e, por um momento, o rosto da tia relaxa.

A colheita do milho já vai bem avançada quando Utu'wv Ecoko'nesel chega à casa de Pétronille e não a encontra na sala. Nas visitas anteriores, teve tempo de lhe mostrar como usar a liana de três folhas para curar as cólicas que chegam com a lua cheia, tendo oferecido alguns dos frutos secos da planta a Hélène, e guardado os restantes para cozinhar; ensinou-a a mascar a casca de uma árvore a que Pétronille chama *bois d'amourette* para combater a dor de dentes; como aproveitar melhor os liquidâmbares que se elevam junto à casa dela para preparar um unguento que cura feridas e úlceras; como ferver raízes chinesas e usar a água para lavar a cabeça e fazer com que os cabelos cresçam tanto como o de Utu'wv Ecoko'nesel. Pétronille acertou finalmente no nome dela, ao passo que as crianças decidiram chamar-lhe apenas «Oodoo'wah». Nunca estão muito longe, Hélène a brincar com uma boneca de trapos, Émile a desenhar numa mesa pequena. É Émile o único que ela encontra na casa no dia excepcionalmente quente em que Pétronille não está lá para a receber. À pergunta sobre o paradeiro da mãe, ele responde apontando um dedo manchado com tinta em direção à janela.

— Lá fora — diz.

As palavras vibram na cabeça de Utu'wv Ecoko'nesel quando volta pelo caminho por onde veio. A seiva cola-se-lhe aos dedos dos pés e pisa pequenas pinhas com o calcanhar. As abelhas voam de um lado para o outro, os corpos atarracados a andarilhar sobre pétalas de flores que se dobram sob o seu peso. Quando ouve folhas secas a estalar debaixo dos pés, Utu'wv Ecoko'nesel apercebe-se de que está a

caminhar mais depressa do que é habitual, que a ideia de Pétronille sozinha longe de casa a inquieta. Utu'wv Ecoko'nesel nunca a viu sequer a pisar a erva e a lama da viela que vai até à casa.

Não é difícil encontrar Pétronille. Depois dos campos de tabaco, junto à floresta, o vestido tem um tom vivo de amarelo que se destaca dos arbustos altos. Tem os gémeos repousados nas raízes sinuosas de uma amoreira, os dedos na casca da árvore que já não tem frutos. O cabelo está desgrenhado e o suor escurece-lhe as costas. Utu'wv Ecoko'nesel nunca a viu assim. Pétronille levanta a cabeça quando Utu'wv Ecoko'nesel se aproxima.

— Ah, cá estás tu — diz-lhe Pétronille, e Utu'wv Ecoko'nesel sente um assomo de raiva contida a subir-lhe à garganta. É claro que está. A pergunta é o que está Pétronille a fazer agachada no meio das ervas. Porque decidiu sair de casa para invadir o mundo de Utu'wv Ecoko'nesel. É então que Utu'wv Ecoko'nesel repara na fila de formigas vermelhas a subir-lhe para o vestido e a raiva esvai-se com a mesma rapidez com que apareceu. Pétronille está a sorrir, alheia às cobras boca-de-algodão, viúvas-negras e cascavéis que a podem morder. Utu'wv Ecoko'nesel afugenta os insetos com uma palmada que assusta Pétronille. Pode vaguear pelos campos o tempo que quiser, a pradaria nunca será a casa dela. — Obrigada — agradece Pétronille, vendo as formigas a fugir —, não tinha reparado.

Como havia de reparar, com saias sem fim à vista como aquelas? Dois lagartos gordos perseguem-se um ao outro na erva. Utu'wv Ecoko'nesel levanta-se. Pétronille imita-a e, depois, sacode o vestido. Utu'wv Ecoko'nesel olha para a árvore, arranhada como se um animal tivesse afiado as garras no tronco.

— O que está a fazer? — pergunta Utu'wv Ecoko'nesel.

— A apanhar cascas.

— Com as mãos?

Pétronille cora e desata a rir-se, um som que surpreende Utu'wv Ecoko'nesel.

— Sabes — diz Pétronille —, costumava ter muitas ferramentas para jardinar. — Olha em volta como se estivesse à espera de as ver algures por perto. — Mas não as consegui trazer comigo.

— Porquê?

— Porque não me deixaram.

Junto aos pés de ambas, as térmitas vagueiam por um tronco alagado. A ideia de Pétronille ser obrigada a fazer algo é nova. Utu'wv Ecoko'nesel nunca a viu a fazer nada que não quisesse, tirando estar com o marido. Pensar em *monsieur* Ducros deixa-a abalada, e ela afasta rapidamente o marido de Pétronille da ideia.

— Onde vivia antes de fazer a viagem para aqui? — pergunta-lhe, e a expressão de Pétronille altera-se de imediato.

— Muito, muito longe — responde. — Do outro lado do oceano.

Utu'wv Ecoko'nesel ouviu falar da água que nunca acaba, mas nunca a viu. Conhece apenas o verde turbulento dos rios, as correntes que levam as pessoas tão rapidamente que elas nem sequer têm de remar nem nadar. Raramente pensa no lugar de onde os brancos vêm. Para Utu'wv Ecoko'nesel, apareceram um dia com os seus cavalos e as suas doenças, as armas e os escravos, e nunca mais se foram embora.

— Existem muitos peixes e muita caça lá? — pergunta.

Pétronille assente.

— E flores também.

— Então porque veio? — pergunta Utu'wv Ecoko'nesel. Não tinha intenção de lhe fazer esta pergunta, mas, agora que a fez, apercebe-se de que a resposta é importante para ela.

Por momentos, fica com a ideia de que Pétronille não vai responder. Está com um pedaço pequeno de casca na mão, com terra acumulada nas unhas, a esfregar a polpa dos dedos com a parte mais afiada da madeira.

— Acho que eu não tive outra escolha — acaba Pétronille por responder.

Utu'wv Ecoko'nesel franze o sobrolho. Não sabe bem o que Lv'vlk Lac'kup diria a Pétronille. Se a francesa não veio por vontade própria, Utu'wv Ecoko'nesel não sabe o que fazer com a raiva que sente em relação àquelas pessoas que vivem na terra dos seus antepassados, que decidiram que a pradaria tinha um princípio e um fim e que podia ser dividida em partes e distribuída.

— O seu homem escolheu viver aqui? — pergunta, e, desta vez, a resposta de Pétronille satisfá-la.

— Sim — responde Pétronille. — Escolheu.

Ao longo dos dias seguintes, Utu'wv Ecoko'nesel não consegue deixar de olhar para Pétronille com outros olhos. A conversa que tiveram junto à amoreira não lhe sai da cabeça. Foi lá que, pela primeira vez, ensinou Pétronille sem qualquer reserva, sem ouvir a voz de Lv'vlk Lac'kup — que compreende agora que também era um pouco dela — e sem questionar o que fazia e porque o fazia. Estendeu a faca curta que tem sempre no cesto a Pétronille e mostrou-lhe como tirar a casca da árvore para que a madeira se mantenha fina e lisa, camadas que se podem cortar com a facilidade com que se corta pão de milho acabado de fazer. Saber que Pétronille pode não ser responsável por ela estar ali faz com que seja mais fácil visitá-la, sentar-se à mesa e dar-lhe o que Utu'wv Ecoko'nesel costumava pensar que nunca deveria deixar a Aldeia Grande.

Utu'wv Ecoko'nesel não consegue estender este sentimento à outra mulher branca que encontra na casa de Ducros alguns dias mais tarde.

Também não é uma perfeita estranha: a primeira vez que Utu'wv Ecoko'nesel viu Pétronille, alguns anos antes, estava a levar um remédio para aquela mulher francesa. Marie, como Pétronille a chama, repreende as duas filhas com uma voz autoritária; os gestos abruptos ameaçam atirar para o chão os pequenos vestidos e *culottes* que levou para os filhos de Pétronille. Age como se Utu'wv Ecoko'nesel não estivesse presente. Embala o filho bebé, fala em voz baixa sobre o assentamento, as tensões, a vontade que o marido tem de voltar para a França. Diz que o vizinho, um lavrador, perdeu três vacas na última semana.

— Os índios Natchez entraram no campo dele e abateram-nas — diz, baixando a voz.

Utu'wv Ecoko'nesel não consegue deixar de olhar de relance para ela. Já ouviu falar de colonos franceses a queixarem-se de que lhes matam o gado. Mas como havemos de saber quais são os limites da terra deles? Isso quer dizer que agora todas as vacas que estão na pradaria lhes pertencem?

— Acho que eles não o fizeram por mal — diz Pétronille, e Marie deixa escapar uma risada cínica.

— Como não podia deixar de ser, tinhas de lhes dar o benefício da dúvida — replica, e Utu'wv Ecoko'nesel sente o olhar da mulher horrível posto em si.

Volta para a panela de água a ferver. Concentra-se nas folhas de sumagre espalhadas à sua frente, nas crianças a sussurrar aos pés da mesa de trabalho, em tudo menos naquelas conversas que a fazem cerrar o maxilar. A filha mais velha de Marie está ajoelhada ao lado de Émile. As duas crianças estão debruçadas sobre um grande pedaço de papel, acrescentando pormenores aos seus desenhos, alheias à atmosfera tensa. A filha de Marie parece ligeiramente mais nova do que Émile; no entanto, são tão parecidos, tão diferentes das mães, que é como se o marido de Pétronille estivesse lá com eles.

*Monsieur* Ducros chega à tarde, vestido com muita elegância, como sempre. Não cumprimenta Marie e ela também o ignora. Pergunta às crianças que animal estranho estão a desenhar. Enquanto ele anda pela sala, a conversa entre Pétronille e Marie esmorece aos poucos. Até que decide parar, mais uma vez, atrás do banco de Utu'wv Ecoko'nesel.

Utu'wv Ecoko'nesel fica paralisada. O homem cheira a tabaco e a outra coisa, um aroma amargo que lhe arranha o fundo da garganta e lhe dá vontade de vomitar. Sente-o a movimentar-se ligeiramente e a respiração dela abrandar. Utu'wv Ecoko'nesel apercebe-se de que o seu próprio corpo está a tentar escondê-la dele na imensidão daquela sala.

— Precisamos de mais picão-preto, não é? — pergunta-lhe subitamente Pétronille, com uma voz mais alta do que habitualmente.

Utu'wv Ecoko'nesel lança-lhe um olhar de gratidão. Para a cataplasma que estão a preparar, necessitam de folhas de sumagre. No entanto, as palavras de Pétronille quebraram o momento e voltaram a colocar as coisas em movimento. O homem sai do lado de Utu'wv Ecoko'nesel, passa por cima dos longos raios de Sol que se estendem até ao meio da sala e beija a testa da esposa. Pétronille fecha os olhos nesse momento.

No dia seguinte, Pétronille não está à espera dela na sala principal. Por um segundo, Utu'wv Ecoko'nesel pensa que lhe vão dizer para procurar por ela lá fora como fez há meia lua. Mas não, uma das escravas da casa recebe-a à porta. Algures atrás dela, ouvem-se gritos. Utu'wv Ecoko'nesel sobressalta-se quando reconhece a voz do marido de Pétronille. Tenta procurar por ele na sala principal, mas está vazia.

— A senhora quer que comeces sem ela — diz a jovem de pele escura. Tem os lábios finos e uma pequena cicatriz que se estende até à bainha do toucado que lhe cai sobre a têmpora.

Nesse instante, a casa fica em silêncio. A rapariga parece pouco à vontade; Utu'wv Ecoko'nesel não sabe ao certo como se comportar junto dela, ali, naquele lugar que ela pode abandonar a qualquer momento, mas não aquela mulher, que nunca terá o mesmo livre-arbítrio. Os escravos que viu na Aldeia Grande eram inimigos da tribo; a liberdade era o preço que tinham de pagar por lutar contra os Sóis. Mas Utu'wv Ecoko'nesel nunca ouviu falar de uma guerra entre os brancos e as pessoas de pele escura. A única coisa que ela vê são homens, mulheres e crianças escravizados e explorados nos campos de tabaco e trigo enquanto os colonos franceses descansam em casa.

— Obrigada — diz Utu'wv Ecoko'nesel, e a jovem assente.

Utu'wv Ecoko'nesel senta-se à mesa, que foi colocada mais perto da lareira para não terem frio. Lá fora, a chuva fina deixa o jardim cinzento. A porta da cozinha ainda mal se fechou depois de a rapariga sair quando as vozes voltam a fazer-se ouvir. Desta vez, Utu'wv Ecoko'nesel reconhece a voz de Pétronille, mas está a falar demasiado baixo para se compreender. *Não tenho nada que ver com isso*, diz Utu'wv Ecoko'nesel para consigo. Estende a mão direita, que estava fechada num punho, e pega num pedaço de *bois d'amourette*. Começa a descascá-la com movimentos rápidos da lâmina sobre a madeira.

Quando ouve uma pancada no chão da outra sala, quase magoa o polegar. A faca fica paralisada no ar, e o pedaço de madeira descascado, na mão. Está preocupada com Pétronille, mas sobretudo consigo própria. No preciso momento em que decide ir-se embora, ouve passos e a porta das traseiras a bater com estrondo à distância.

Pétronille entra na sala, o rosto afogueado, o cabelo desgrenhado, mas parece ilesa. Na mão esquerda traz uma caixa pequena com a

madeira estalada e a fechadura estragada.

— Está tudo bem? — pergunta Utu'wv Ecoko'nesel, mas Pétronille limita-se a encolher os ombros antes de limpar o rosto com a mão.

Olha Utu'wv Ecoko'nesel nos olhos por um momento antes de se deixar cair na poltrona junto à lareira. Pela janela, Utu'wv Ecoko'nesel vê o marido de Pétronille a arrastar-se sob a chuva fraca e a puxar as rédeas do cavalo. Fica aliviada quando o ouve a cavalgar para longe. Vira-se para Pétronille, que nem olhou de relance para fora ao ouvir o marido a sair.

— Ele deitou-as fora — diz Pétronille, por fim, mordendo o lábio.

— O que é ele deitou fora?

Pétronille olha para a tampa partida e depois de novo para a fogueira. Utu'wv Ecoko'nesel senta-se ao lado dela e repete a pergunta.

— As minhas sementes — responde Pétronille. — As que vieram de La Rochelle. Ele... — Pétronille abana a cabeça e enxuga as faces molhadas com a manga. Depois a expressão da francesa muda e ela deixa escapar um sorriso triste. — Encomendei-as há tanto tempo que pensei que nunca iriam chegar. Acho que teria sido melhor acreditar que tinham sido extraviadas. — Detém-se e pousa a caixa junto aos pés.

— Porque é que ele fez isso? — pergunta Utu'wv Ecoko'nesel.

— Porque não o faria?

A fogueira lança faúlhas que se apagam assim que tocam no chão. Podem perder-se coisas piores do que sementes; Utu'wv Ecoko'nesel não quer passar a tarde sentada naquela cadeira, não quer estar ali quando o marido de Pétronille voltar. Levanta-se e afasta facas e tigelas para ter espaço para um ramo de salsaparrilha. Quando Pétronille fala, os olhos ainda estão em chamas.

— Se eu não tivesse chegado a tempo, ele teria simplesmente atirado o meu correio para ali — diz ela, apontando para a lareira. — A minha amiga Geneviève acabou de me escrever — acrescenta. — O marido dela morreu.

Utu'wv Ecoko'nesel não faz ideia do que Pétronille está a dizer, nem está muito preocupada. Mas Pétronille junta-se a ela na mesa e parece mais calma, pelo que Utu'wv Ecoko'nesel não a interrompe.

— A Geneviève vai casar novamente, pela terceira vez — explica Pétronille.

Começa a separar as folhas dos caules sem nunca deixar de falar sobre a amiga, e Utu'wv Ecoko'nesel só compreende algumas palavras — azar, pobre mulher, violento — que lhe dão uma ideia vaga da infelicidade da outra mulher francesa. Utu'wv Ecoko'nesel pergunta-lhe sobre o novo marido, mas só porque Pétronille parece estar à espera de que ela diga alguma coisa.

— Não pode ser pior do que o anterior — responde Pétronille, antes de se votar ao silêncio e voltar ao trabalho.

Utu'wv Ecoko'nesel imita-a. Pensa no casamento de Lv'vlk Lac'kup, na espiga de milho e nas folhas de louro que a mãe lhe deu, na forma como empurraram as enxergas para as paredes da cabana e dançaram até o dia raiar. A expressão sombria de Pétronille parece-lhe errada, até que se lembra do marido dela. A atmosfera da divisão torna-se subitamente sufocante.

— Tem mais alguma planta vinda da França? — pergunta Utu'wv Ecoko'nesel rapidamente.

Pétronille esboça um sorriso breve.

— Tenho — responde. Lança um olhar para o outro lado da janela. A chuva parou e tudo pinga e respinga. — Anda, vou mostrar-te.

Os bancos matraqueiam no chão de madeira quando elas os afastam. Pétronille abre a porta da frente sem se importar em fechá-la e leva Utu'wv Ecoko'nesel para o outro lado da casa, para uma parte do jardim que ela nunca viu e onde respira mais à vontade. O fim da tarde é frio, a terra vermelha está lamacenta devido à chuva fina. No ramo de um ulmeiro, um pica-pau vira a cabeça para as observar; carriças levantam voo com pios assustados quando elas se aproximam. À frente delas, há flores a trepar a fachada. Pelo comprimento dos caules, percebe-se que, no verão, a parede estaria inteiramente coberta, camadas e camadas de pétalas a estender-se a partir do gineceu. A forma das flores não é estranha para Utu'wv Ecoko'nesel, que se lembra vagamente de que a espécie que conhece pode ser usada para a disenteria. Mas nunca as viu daquela cor, um branco-esverdeado com laivos de cor-de-rosa.

— Pelo menos, não deitou fora as minhas sementes de rosas. Não sabia se estas flores cresceriam aqui, mas cresceram — ouve Pétronille a dizer. Utu'wv Ecoko'nesel olha de relance para ela. Pétronille olha para a parede com os braços cruzados sobre o peito. Tem os olhos inchados de chorar, o cabelo empolado no ar húmido, mas já não parece triste. — Não saberia que havia tantas flores que poderiam ser usadas para curar se não fosses tu — diz.

Utu'wv Ecoko'nesel sente as faces a corar. Não quer que Pétronille repare e vira-se para as rosas.

— São para quê? — pergunta.

— Não vais gostar — diz Pétronille —, mas não servem para nada a não ser para enfeitar.

Utu'wv Ecoko'nesel aproxima-se. O cheiro é avassalador e funde-se com o do solo molhado e da madeira. Estende a mão para as pétalas, que são tão macias como pés-de-gato. Lembra-se de que aquelas serão provavelmente as poucas flores da França em que ele tocará na vida e pergunta-se quantas plantas serão desconhecidas para ela. Vai morrer



antes de se familiarizar com todas as flores, todas as ervas da pradaria. A ideia é fugaz, inconsistente. Onde estaria com a cabeça para se pôr a lamentar as coisas que não pode ver? Utu'wv Ecoko'nesel crava as unhas sob os botões, com cuidado para evitar os espinhos, e retira uma flor.

— Talvez sirvam para alguma coisa — sugere Utu'wv Ecoko'nesel —, ainda que não saibamos para quê. Por enquanto.

A época do Milho Grande está a terminar. Quando nota os dias a encurtar, Utu'wv Ecoko'nesel anseia por voltar à infância e a um tempo em que, quando o pôr do Sol chegava, estavam todos em família na cabana, reunidos em volta da fogueira junto à mãe, prontos a ouvir as histórias que ela tinha para contar. Agora, quem fala é Lv'vlk Lac'kup, com nuvens de fumo a passar-lhe à frente do rosto e do das crianças. Mas as histórias são outras. Esta noite, Lv'vlk Lac'kup está a falar sobre outro homem Natchez que foi preso só por ter usado uma das pirogas francesas — como se pedir emprestado fosse roubar, como se os homens brancos não fossem peritos em roubar — e Utu'wv Ecoko'nesel está a ouvir, enquanto vê os sobrinhos a enrolar uma pequena bola entre eles. À medida que a caruma passa por entre a pele de veado e se espalha nas enxergas, Utu'wv Ecoko'nesel pergunta-se durante quanto mais tempo poderão brincar.

Quando pergunta a Pétronille quem foi o colono francês que mandou o homem Natchez para a prisão, Pétronille pestaneja.

— Não é verdade — diz ela. Baixa os olhos. — Nunca ouvi falar disso — sussurra.

No dia seguinte, o Sol já vai baixo no céu quando Utu'wv Ecoko'nesel sai da casa de Pétronille. Os grilos já deixaram de estridular; o chão estala de folhas mortas. Um cardeal solta um dos seus cantos longos e tristes. Utu'wv Ecoko'nesel já chegou ao arvoredor no final dos campos quando ouve passos. Estaca. Atrás dela, há casas espalhadas pela pradaria; à frente, a floresta fechada num eterno crepúsculo. Um mosquito pica-lhe o tornozelo e ela embrenha-se entre as árvores com as tranças do cabelo atadas uma à outra para não ficarem presas nas lianas. Ainda está longe do Rio Grande quando ouve o som outra vez. Pensa em virar à esquerda e correr em direção à água na esperança de encontrar pescadores a arrumar as redes. Arranca em direção ao rio e percebe quase de imediato que não vai conseguir chegar a tempo. O som voltou, os passos muito mais rápidos e mais próximos desta vez, pés que não se preocupam com as canas secas a quebrar, um ou dois gatos selvagens a saltar em frente e papagaios a fugir com um gemido amargo.

Não tem tempo para fugir. O homem de Pétronille já está em cima dela, a mão a agarrar-lhe o pulso. Na luz débil, os olhos enormes do

homem parecem ainda mais brancos. Quando ele se debruça sobre ela, diz algo sobre mulheres selvagens, mas as palavras são abafadas pelo canto do cardeal, pelas ratazanas a correr por cima das folhas caídas, pelo chape longínquo de uma ave aquática.

Uma vez Vhvl' Kutnuf contou-lhe uma história de um guerreiro pateta que tinha ido caçar ursos sozinho. Usou fogo para fazer o animal sair do tronco podre, pensando que seria suficientemente rápido para usar o arco. Vhvl' Kutnuf levantou-se e abriu os braços para mostrar o tamanho do urso ao saltar para cima do homem. Quando o marido de Pétronille a empurra para o chão, Utu'wv Ecoko'nesel não oferece resistência. Sabe que irá perder. Em vez disso, concentra-se na raiva que sente, uma raiva bruta e incisiva como as canas que lhe picam as costas, quando sente o peso do homem sobre a barriga.

Acima dela, vê fumo a enrolar-se, cinzento e inconsistente quando chega à altura das nuvens. Os franceses começaram a queimar a pradaria.

Utu'wv Ecoko'nesel já teve homens no passado, homens que escolheu com cuidado nas danças da Aldeia Grande e que se encostavam a ela ao chegar a aurora nos cobertores com ervas secas da enxerga em que ela dormia. Utu'wv Ecoko'nesel gostava de lhes sentir a respiração acelerada, as mãos a descer do quadril para as nádegas. Eram rapazes da idade dela, a maioria deles do povo. Nunca teve bebês de nenhum. Tal como todas as outras mulheres nobres, um dia terá de casar com alguém de estatuto mais baixo. Não importa: irá dar à luz crianças com olhos e cabelos tão escuros como a casca de uma noqueira, e, por serem dela, seriam da família dos Sóis. Depois dela, as filhas e as netas continuarão a linhagem da família soberana: filhos e netos feitos chefes e guerreiros durante o tempo de uma vida, a nobreza condenada a morrer com eles.

É a primeira vez que um homem — qualquer homem, não apenas um homem branco — a violentou. Dá por si a perguntar-se se os vestidos azuis e vermelhos de Pétronille a ajudam a esconder as feridas que também lhe cobrem a pele ao longo da coluna empurrada contra canas afiadas. Utu'wv Ecoko'nesel oculta as suas com o cabelo. Usa folhas de hamamélis para impedir que fiquem amarelas e roxas, mas não pede a nenhuma outra mulher para a ajudar a espalhar o unguento. Não vai voltar à casa de Pétronille. Não vai contar a ninguém o que aconteceu na floresta, nem sequer a Vhvl' Kutnuf. Por duas vezes, pensa em contar tudo a Lv'vlk Lac'kup. Mas a ideia enche-a de vergonha, porque o ato do homem é uma confirmação de tudo aquilo para que a irmã a advertira. À noite, deita-se entre a pele de bisonte e a enxerga a observar as brasas a extinguirem-se no meio da

cabana. Concentra-se na respiração da família da irmã na esperança de afastar as memórias de olhos esbugalhados, de um céu fumarento e de mãos estranhas.

Quando ferve as lianas ou prepara unguentos, Utu'wv Ecoko'nesel pensa em Pétronille. Não tem a certeza se sente saudades dela, ou das tardes calmas que passavam juntas, ou, talvez, do prazer insuspeito de ver outra pessoa a aprender com ela. Mas adquiriu um novo hábito. Sempre que o rosto do homem lhe assoma à cabeça, ela obriga-se a pensar em Pétronille e tenta convencer-se de que a mulher branca é que precisa de consolo porque vai ter de o ver lua após lua, inverno após inverno.

Meia lua depois da noite na floresta, Utu'wv Ecoko'nesel segue a irmã para o Rio Pequeno. Os filhos mais novos de Lv'vlk Lac'kup têm três e quatro invernos de vida. Já têm idade para conhecer a água, mas ainda são muito pequenos para acompanhar o mais velho, que ensina o do meio e outros rapazes e raparigas novos a nadar. Fizeram um longo caminho sob a aurora cor-de-rosa, pegando nas crianças ao colo quando as raízes ficavam demasiado enredadas. Ontem, seguiram o mesmo caminho. Utu'wv Ecoko'nesel não queria ir nadar, não queria que a irmã lhe visse as costas magoadas. Mas Lv'vlk Lac'kup insistiu. E quando a irmã a ajudou a tirar a túnica, Utu'wv Ecoko'nesel percebeu que Lv'vlk Lac'kup já deveria saber há muito tempo. Não disse uma palavra sobre as feridas. Pousou a palma da mão nas cicatrizes finas como que para as apagar. Abraçou Utu'wv Ecoko'nesel e deixaram-se ficar ali imóveis, o rio límpido e sereno a abraçá-las à sua maneira.

A chuva da noite anterior humedeceu a terra. Utu'wv Ecoko'nesel está a usar a sua túnica preferida, a que tem fios vermelhos bordados e se adequa melhor a dias mais frios. Está a agarrar bem as mãos dos rapazes. Por uma vez, sente-se mais leve. As raízes que pisa com o arco do pé, a brisa matinal e os passos apressados dos perus são-lhe familiares. A irmã caminha à frente, como acontecia quando eram crianças; a mãe ia sempre atrás para se certificar de que nenhuma das filhas e nenhum dos filhos ficava perdido. No caminho que está a fazer agora, Utu'wv Ecoko'nesel pensa que pode ser possível acreditar que nunca deixou o riacho e a pradaria.

É então que a irmã se detém. Na floresta de ciprestes, ouvem vozes. Junto à água, uma mulher roliça da sua tribo mergulha os pés com o filho. Vira-se para eles e grita.

— *Cenko'lo'lo*, saudações, mulheres Sóis!

Lv'vlk Lac'kup olha para ela e tira as jarreteiras de lã de bisonte dos joelhos do filho. Na curva do rio, os íbises sondam o lodo com os bicos afiados. Pelas penas de peru simples que tem no cabelo, Utu'wv Ecoko'nesel sabe que a estranha é do povo.

— Nunca te vimos. De que terra vens?

A mulher espera até que Utu'wv Ecoko'nesel deixe a túnica ao pé de um sabugueiro e Lv'vlk Lac'kup entre na água fria. Os rapazes sustentam a respiração quando a água lhes chega às coxas.

— Da Aldeia da Maçã Branca — diz a mulher —, onde estamos a sofrer terríveis infortúnios.

Lv'vlk Lac'kup levanta a cabeça ao ouvir esta resposta.

— Fala — ordena.

O rio já está a chegar aos joelhos de Utu'wv Ecoko'nesel, que continua a avançar depois de desatar o fio de amoreira que lhe prende o cabelo.

— O nosso Sol voltou ontem do forte dos peles pálidas — começa a mulher. — O seu novo chefe quer a nossa terra para construir uma casa para ele.

— O que respondeu o teu Sol? — pergunta Utu'wv Ecoko'nesel, antes de a irmã ter tempo para falar.

A mulher leva água aos olhos.

— Disse que o nosso povo está nesta terra há muitos invernos, tantos que ele ainda nem tinha cabelo na trança. Mas o homem não é como os outros franceses. Dá ordens ao nosso Sol como se ele fosse um dos seus escravos. — Uma criança tosse e move as pernas mais depressa para se manter à tona. — Para onde havemos de ir?

Utu'wv Ecoko'nesel ignora a pergunta. Subitamente, sente o corpo quente, apesar da brisa que a arrepia. A raiva que estava latente volta a irromper, mas Utu'wv Ecoko'nesel está aliviada por a poder concentrar em algo novo, algo que pode partilhar com aquela mulher e com a irmã. Sente os olhos de Lv'vlk Lac'kup postos nela, mas a irmã não diz nada. Deixa-a fazer as perguntas.

— O teu Sol vai dar-lhe a terra?

— *Makupok no'ka*, é possível. Ele pediu ao homem para esperar até ao fim das colheitas. Em breve, vai reunir o conselho e tomarão uma decisão.

O filho mais velho de Lv'vlk Lac'kup ri-se ao ver uma carpa monstruosa passar-lhe à frente dos olhos. O mais novo, a tremer, brinca com conchas de madrepérola na margem.

— Sabes quando é que ele vai dar a resposta ao homem branco? — pergunta finalmente a irmã de Utu'wv Ecoko'nesel.

— *Noco*, não sei — suspira a mulher. — Toda a gente anda a falar do terrível chefe francês, mas não sei o que vai acontecer.

Puxa a filha para junto de si e a criança chora para ficar.

— Talvez nos vejamos noutro dia.

Lv'vlk Lac'kup assente e Utu'wv Ecoko'nesel saúda-a, desejando-lhe boa sorte. À medida que a mulher e a filha regressam para a margem, a irmã lança-lhe um olhar entendido.

— Isto já era de prever — comenta ela, e Utu'wv Ecoko'nesel espera que ela acrescente algo sobre vingança, sobe castigo, mas a irmã permanece em silêncio. Segura o filho contra o peito. As mãos do petiz assentam nos mamilos da mãe e ela volta para a margem.

Utu'wv Ecoko'nesel fica sozinha a sentir a corrente do rio. Folhas mortas flutuam à sua volta, como que a indicar o caminho a seguir. Nas árvores, vê penas brancas de um pássaro a adejar. Relanceia para Lv'vlk Lac'kup, que está a ajudar os filhos a vestirem-se; o rosto não denota raiva, apenas uma expressão tensa que Utu'wv Ecoko'nesel raramente lhe vê e não reconhece de imediato como sendo de medo. Utu'wv Ecoko'nesel dá mais um passo em frente e mergulha de cabeça. O frio toma-lhe o corpo por completo. Sente o cabelo a espalhar-se à volta dela, o lodo a perpassar-lhe pelos pés como pó ao sol. Na água, não há emoções, só vibrações profundas: um ramo preso na aluvião, um cardume de sardinhas a lutar contra a corrente ou talvez um rodovalho a virar o corpo redondo na direção dela. Utu'wv Ecoko'nesel não vê nada; mantém os olhos fechados, deixa a água insípida arrefecê-la e nada cada vez para mais longe, para um lugar onde o rio corre demasiado depressa para ser dominado por quem quer que seja.

Uma das memórias mais marcantes de Utu'wv Ecoko'nesel tem quatro invernos de idade: era uma noite quente, e os pêssegos estavam a crescer outra vez, anunciando o início da sua estação preferida. Estava sentada no largo principal, a esmagar conchas de amêijoa, tal como a mãe fazia, até restar apenas um pó que ela misturava com terra. Transformou a massa numa bola densa e fechou o punho para a marcar com os nós dos dedos. Depois, sentiu o cheiro bruto do riacho e o fundo da peça a alisar-se sob as mãos molhadas. Foi então que ouviu um grito. As crianças que estavam a brincar com a bola de pele de cabrito-montês calaram-se. As mulheres ergueram a cabeça, com os vasos de cola de peixe por terminar junto aos pés. Os homens levantaram-se, facas na mão, a madeira inquebrável dos arcos ainda grosseira.

O céu desaparecera. Ou, melhor, escondera-se atrás de nuvens altas e cinzentas tão próximas umas das outras que parecia que tinham sido bordadas. Por um momento, também deixou de haver luz; depois, o contorno das nuvens iluminou-se, como se cada uma tivesse sido cosida à outra com fios dourados. Quando o sol chegou ao horizonte, enquadrado pelas colinas, a pequena janela de céu ficou vermelha e lançou um brilho violento sobre algumas nuvens, deixando as restantes às escuras. A memória mais clara de Utu'wv Ecoko'nesel é o silêncio, as silhuetas perfeitamente definidas à frente de um pôr do Sol angustiante e a frescura do pó de conchas de amêijoas a endurecer-lhe

nas mãos. E, assim que a noite caiu, os anciãos a lerem o céu furioso como um sinal de tempos terríveis para o seu povo.

Quando Utu'wv Ecolo'nesel repete a Vhvl' Kutnuf as palavras da mulher na margem do rio, a tia fica com um ar preocupado. Ignora as perguntas e estuga o passo em direção à casa do Grande Sol. Durante a lua cheia que se segue, não chegam notícias novas do chefe francês à Aldeia Grande. No entanto, Utu'wv Ecolo'nesel sente tensão no ar. Na pradaria, à procura de madeira lisa para ajudar o recém-nascido da vizinha a dormir, encontra uma rapariga que lhe sussurra que, na aldeia dela, todas as mulheres receberam ordens para preparar mantimentos. Num fim de tarde frio, enquanto faz pão com os primeiros dióspiros da estação, Utu'wv Ecolo'nesel vê o Grande Sol a sair do Templo e a caminhar sobre os tapetes tecidos que conduzem à sua residência. Tem o rosto tenso e triste e parece mais jovem do que é com dezassete invernos. Algumas noites depois, os chefes e respetivos guerreiros entram na cabana do Grande Sol; nenhuma das mulheres Sóis é chamada, nem sequer Vhvl' Kutnuf, e Utu'wv Ecolo'nesel repara que a tia fica a cutucar nervosamente as várias fileiras do colar de madrepérola.

As pessoas cobrem-se em peles de cabritos-monteses e acendem enormes fogueiras no dia em que Vhvl' Kutnuf manda Utu'wv Ecolo'nesel ir para a Aldeia da Farinha, para tratar de uma parente que está com febre. Com o cesto na mão, Utu'wv Ecolo'nesel segue a tia pela pradaria fora. Os brincos azuis, que pertenciam à mãe, tocam-lhe no pescoço a cada passada. Vhvl' Kutnuf avança devagar, a mão pintada pousada no ombro de Utu'wv Ecolo'nesel. Tirando um esquilo anafado, não veem nada; os animais desapareceram, refugiados nas tocas antes de os dias frios se instalarem.

— *Pe-etce*, senta-te — diz, por fim, Vhvl' Kutnuf, quando chegam às primeiras rochas do Rio Pequeno.

Utu'wv Ecolo'nesel sente a pedra fria a roçar-lhe a saia.

— Trouxe-te para um lugar onde ninguém nos pode ouvir — diz Vhvl' Kutnuf. — Ouve: vai haver uma guerra. E vai ser muito pior do que as que houve no passado.

A tia tentou protegê-la dos combates anteriores para que Utu'wv Ecolo'nesel não guardasse muitas memórias das contendas: pessoas mortas devido às ações de um guerreiro branco sem tino e, mais tarde, do cachimbo da paz que os franceses fumaram de bom grado. Nada disso aconteceu na Aldeia Grande, mas sim nas aldeias de Grigra, Jenzenaque e Maça Branca.

— O Grande Sol é muito novo e ignorante e tentou esconder as suas intenções de todos nós, incluindo de mim, que sou mãe dele.

— Vamos atacar os franceses? — pergunta Utu'wv Ecolo'nesel. A

raiva volta, mas desta vez é mais doce.

Vhvl' Kutnuf parece não ouvir. Tem os olhos marejados.

— *Kokenesv*, o meu filho — lamenta ela —, que teria morrido sem o meu leite, que não seria Sol se não fosse eu, mentiu-me. Mas, por fim, veio dizer-me a verdade. Aqui, precisamente nesta pedra para onde eu te trouxe. — Deixa as mãos caírem sobre os joelhos. — O chefe francês quer a terra do povo da Maçã Branca. Levantou uma onda de ira e o Sol da aldeia convenceu todas as nossas aldeias, incluindo o meu filho, a levar a cabo um horrível desígnio.

Vhvl' Kutnuf fala depressa e sempre com o maxilar cerrado. Explica que o Conselho decretou que os franceses são muito numerosos e tornaram-se vizinhos perigosos; que os Sóis decidiram matá-los todos de uma assentada; que o chefe francês concordou esperar até que as colheitas da Aldeia da Maçã Branca terminem para reclamar a terra e construir a casa; que os Sóis vão levar-lhe trigo e frangos; que, no dia em que o fizerem, também vão estar armados. Diz que vão ser três guerreiros para cada homem francês em cada casa.

— Tempos houve em que eram precisos doze dias para atravessar a nossa terra do sol nascente ao sol poente e em que tínhamos quinhentos Sóis. Depois vieram os homens brancos e nós pensávamos que havia terra suficiente para toda a gente e que podíamos viver juntos sob as mesmas estrelas.

Utu'wv Ecoko'nesel estremece. Apercebe-se de que lhe dói o pescoço de tanto virar a cabeça para Vhvl' Kutnuf para olhar para o seu rosto triste.

— *Tvcukv*, eu sei — diz ela. — Porque é que me estás a contar isso?

— Porque os homens brancos são industriais. Têm mais de tudo do que nós e este plano do nosso Conselho vai fracassar. Vai haver muitas mortes. — Faz uma pausa. — Algumas das nossas mulheres, que conhecem homens franceses, decidiram avisar os franceses e evitar a chacina. — Os olhos de Vhvl' Kutnuf perscrutam os de Utu'wv Ecoko'nesel e ela desvia o olhar para uma raposa que passa a correr por entre os arbustos. Ouve um velho debate familiar na cabeça: Lv'vlk Lac'kup a criticar uma amiga por estar envolvida com um colono e Vhvl' Kutnuf a vir em defesa da mulher. Embora concorde com a irmã, Utu'wv Ecoko'nesel sabe que esse tipo de relações não pode ser evitado, tendo em conta que já passaram trinta invernos a viver ao lado dos franceses. — O meu filho não me devia ter escondido a verdade — continua Vhvl' Kutnuf. Quando Utu'wv Ecoko'nesel olha para ela, vê o rosto da tia tenso de fúria. Nunca a tinha visto assim. — O nosso Sol é menos homem se mentir — atira.

Uma ave, demasiado grande para ser uma coruja e demasiado pequena para ser um falcão, voa para longe lá em cima. Tudo o que

Utu'wv Ecoko'nesel pode fazer é assentir.

Quando Vhvl' Kutnuf faz um gesto para se levantar, Utu'wv Ecoko'nesel oferece-lhe o cotovelo para a ajudar.

— Vai lá acabar com a febre na Aldeia da Farinha — diz-lhe a tia, alisando a saia.

— Sim, vou — responde simplesmente Utu'wv Ecoko'nesel.

As imagens da guerra acompanham-na enquanto ela caminha. O céu está iluminado pelo fogo, os guerreiros reúnem os arcos e os machados de guerra. Hoje, o cesto parece-lhe pesado e a floresta inusitadamente calma, quase desprovida de animais. Quando o rosto de Pétronille lhe assoma à memória, Utu'wv Ecoko'nesel sente a pulsação a aumentar.

Ela atravessa os campos de tabaco novamente para chegar à casa de Pétronille. As pessoas de pele mais escura estão a usar roupas mais grossas agora. Alguns homens e mulheres escravizados levantam a cabeça quando Utu'wv Ecoko'nesel passa; podem ter sido avisados de um ataque iminente depois de amanhã. Lv'vlk Lac'kup disse que seriam libertados depois de os homens brancos morrerem, pelo menos os que se aliassem a eles. Os que se mantivessem com os franceses voltariam a ser escravizados e vendidos aos Chicachas.

Utu'wv Ecoko'nesel está convencida de que vão fazer a escolha acertada. Durante as guerras anteriores, a maior parte deles teve essa capacidade. Lembra-se dos homens pretos livres que se esconderam durante alguns anos numa das aldeias Natchez e lutaram contra os guerreiros Tunicas, aliados dos franceses, com a mesma bravura de um guerreiro Natchez.

Utu'wv Ecoko'nesel acelera o passo, os dedos nus agarram-se à terra húmida. Já consegue ver as galinhas a andar e sentir o cheiro do fumo, que não sai pela porta, mas pelo telhado. Fez uma escolha num caso em que Lv'vlk Lac'kup lhe diria que não havia escolha. Utu'wv Ecoko'nesel sabe que não deve nada a Pétronille. No entanto, não consegue deixar de se lembrar da tarde de fim de verão em que encontrou a mulher branca a tirar casca de amoreira com as mãos nuas e ouviu pela primeira vez a história da viagem de Pétronille até à pradaria. Se Pétronille não tivesse de ter deixado França, não teria vivido mais dois dias. Independentemente do que Vhvl' Kutnuf diz sobre a superioridade francesa, os colonos, incluindo o marido de Pétronille, não demorarão a ser castigados. Agora, Utu'wv Ecoko'nesel espera que ele não esteja em casa.

— Oodoo'wah!

Hélène corre pelo alpendre para ir ao seu encontro. O rosto da criança bate nas coxas de Utu'wv Ecoko'nesel.

— Onde está a tua mãe? — pergunta-lhe.



— Anda. — Hélène pega na mão de Utu'wv Ecoko'nesel.

Na sala principal, Pétronille está ocupada a enfiar uma agulha num lençol muito mais fino do que as peles de porco-espinho que Utu'wv Ecoko'nesel usa para bordar. Pétronille parece ao mesmo tempo surpreendida e feliz.

— Estava muito preocupada contigo — diz. — Porque é que nunca mais voltaste?

Utu'wv Ecoko'nesel não lhe presta atenção. Olha em volta, à procura de um chapéu francês e de um casaco de homem na sala. Só vê um ramo de rosas e um prato cheio de maçãs e bagas de sabugueiro. Na poltrona junto à janela, Émile está a ler um livro grosso. Olha de relance para ela, aparentemente aliviado ao ver que é apenas a nativa, depois vira a página. Utu'wv Ecoko'nesel senta-se ao lado de Pétronille. Quando fala, a voz é um suspiro.

— O meu povo irá atacar-vos em breve.

Pétronille deixa de sorrir; a mancha retesa-se no maxilar.

— Crianças — diz, apontando para a porta. Émile levanta a cabeça, mas não sai do sítio. Hélène pega num gato, grande como uma marmota, e precipita-se para o alpendre. Não se vê o esquilo em lugar nenhum.

— O meu marido falou-me das ameaças. Diz que são só rumores. — Pétronille detém-se. — Os soldados foram avisar o comandante Dechepare, mas ele disse que eram uns mentirosos e mandou-os para a prisão. O meu marido diz que mostraríamos fraqueza se nos preparássemos para um ataque que é pouco provável que aconteça.

Utu'wv Ecoko'nesel recosta-se na poltrona. Não está surpreendida por ouvir que os homens franceses são demasiado orgulhosos para se preparar para a morte.

— Mas eu acredito em ti — continua Pétronille. — Quando eu estava a colher as lianas que me mostraste, vi os vossos soldados, os vossos guerreiros, a atravessar o bosque atrás dos chefes índios.

— Eu também vi — intervém Émile.

Utu'wv Ecoko'nesel tinha-se esquecido de que o rapaz estava na sala. Pétronille diz-lhe para ir ver da irmã e o rapaz fecha o livro obedientemente.

— Contaste ao teu homem? — pergunta Utu'wv Ecoko'nesel mal o rapaz sai.

— Sim. Ele diz que são receios de mulher.

Utu'wv Ecoko'nesel olha para a sala — o fogo a arder nas pedras de um amplo braseiro, um castor morto imóvel sob a luz pálida da tarde — e depois de novo para Pétronille, que tem o cabelo castanho atado num puxo e os olhos expectantes. Imagina o seu povo, ali, dentro de um par de dias e o que restará depois de se irem embora.

— Tu e as crianças — diz quase sem se aperceber. — Depois de

amanhã. Esperem lá fora, que eu venho. Não contes ao teu homem.

— E a *madame* Cléry? A família dela...

— Tu e os teus filhos, mais ninguém — insiste Utu'wv Ecoko'nesel.

Pétronille assente devagar e pousa a mão na de Utu'wv Ecoko'nesel como se não pertencesse a nenhum outro lugar.

O céu ainda está escuro quando Utu'wv Ecoko'nesel volta à casa de Pétronille, envolta em peles de veado. Foi fácil sair da aldeia sem que ninguém tivesse reparado nela. Lv'vlk Lac'kup estava sentada na cabana a tranquilizar as crianças inquietas e, por um segundo, Utu'wv Ecoko'nesel desejou que a irmã lhe perguntasse para onde ia. Mas Lv'vlk Lac'kup não lhe prestou atenção nenhuma. Continuou a falar com os filhos num sussurro baixo.

— *Wetwwe'tes*, nunca — ouviu-a a responder ao filho mais velho, que lhe tinha perguntado se iriam ter de sair de casa.

Lá fora, Vhvl' Kutnuf observava os homens a prepararem-se para a batalha. Prendiam penas nas flechas, imitando os guerreiros da Aldeia da Maça Branca que se estavam a armar como se fossem para uma caçada de forma a evitar as suspeitas dos franceses. Iriam bater à porta das propriedades dos colonos e trocar grãos e óleo por armas francesas. Iriam prometer aos homens brancos que lhe iriam levar carne de veado em troca, quando, na verdade, a caça se iria dar dentro das suas próprias casas.

Até àquele momento, a oferta de Utu'wv Ecoko'nesel em ajudar Pétronille continuava a ser algo impulsivo e abstrato. Mas, ao passar pelos guerreiros, deu por si a desviar o olhar, a tentar ignorar a pergunta que tinha acabado de lhe assomar ao espírito: não estaria a cometer uma traição? Não estaria a envolver-se na guerra?

Acelera o passo pelos campos fora. Ouve Pétronille, Émile e Hélène muito antes de lhes distinguir as silhuetas, os murmúrios interrompidos pelo voo de uma coruja. Não estão à espera no alpendre, mas ao lado dos estábulos, do lado oposto ao dos aposentos dos escravos. Pétronille está a usar uma capa que lhe chega aos pés. Hélène desaparece dentro de um cobertor de pele de castor aconchegada no peito da mãe. Émile está ao lado delas, imóvel.

— Temi que tivesses mudado de ideias — murmura Pétronille.

Utu'wv Ecoko'nesel transfere o peso de um pé para o outro, pouco à vontade. Quando Pétronille se ajoelha para pegar num pequeno baú, Utu'wv Ecoko'nesel detém-na.

— Deixa-o ficar. Temos de ser rápidas.

A luz débil turva os traços de Pétronille.

— Mas e isto? — Aponta para a trouxa.

Utu'wv Ecoko'nesel suspira, mas pega nela. O tecido faz-lhe comichão nas mãos quando a eleva para o ombro.

— Vamos.

Hélène fica agitada enquanto atravessam os campos. Pétronille também faz muito barulho a caminhar, mas Utu'wv Ecoko'nesel não consegue fazê-la andar mais depressa porque o vestido fica preso nas plantas de tabaco. Pétronille e as crianças seguem-na, deixando escapar pequenas nuvens de vapor. As canas partem-se sob os sapatos de cada um. Utu'wv Ecoko'nesel tem vontade de lhes dizer para andarem mais depressa. Mas não, vira-se para olhar para trás delas. Com a aurora, um nevoeiro leve cai sob a pradaria. Ainda assim, as pessoas dentro de casa não teriam dificuldade em vê-las a atravessar as plantações. Não quer que ninguém os veja, que a vejam a ela. Na altura em que se embrenha no bosque, Utu'wv Ecoko'nesel sente os músculos a contorcerem-se num nó.

— Para onde vamos?

A voz de Hélène é ensonada. Émile murmura algo para a irmã. Pétronille não responde. Olha para Utu'wv Ecoko'nesel, que se obriga a dizer:

— Para o Rio Grande. Na floresta.

Um sol tímido penetra por entre a folhagem, reluzindo no orvalho que lhes encharca os pés. Utu'wv Ecoko'nesel mostra a Pétronille como evitar o emaranhado de raízes. Lembra-se de que Pétronille não escolheu necessariamente ir para ali. Mas o que é que Pétronille fez por ela? Utu'wv Ecoko'nesel deixa-a levar a filha ao colo, que dorme profundamente devido às folhas de madeira lisa que lhe deu para mascar sob o olhar preocupado da mãe. Por um instante, ao olhar para o rosto desesperado de Pétronille e ao ver o seu ar vulnerável, Utu'wv Ecoko'nesel convence-se de que está a fazer o que é mais correto.

Abrem caminho por baixo de ramos pesados. Mais acima, os pica-paus batem furiosamente com os bicos nas árvores. Quando Utu'wv Ecoko'nesel ouve os guerreiros, fica paralisada. Manda que Pétronille e Émile se ajoelhem atrás de um tronco caído e fiquem em silêncio mesmo quando uma aranha tão grande como um ovo de galinha atravessa o casaco do rapaz. De repente, Utu'wv Ecoko'nesel vê-se pelos olhos dos guerreiros: uma das raparigas do seu povo a esconder uma mulher branca e os filhos na manhã de uma guerra. Sustém a respiração quando os homens passam, com lóbulos das orelhas dilatados por ganchos a baloiçar. Alguns deles levam jarros de óleo e cestos de trigo, outros lanças e arcos. Entre eles, Utu'wv Ecoko'nesel reconhece um homem do povo da Aldeia Grande com um machado na mão. O Conselho despreza de tal forma o chefe francês que nenhum dos Sóis quer sujar as mãos com o seu sangue.

Quando eles desaparecem de vista, Utu'wv Ecoko'nesel apercebe-se de que está a tremer. Sente a mão de Pétronille nas costas e vira-se a tempo de a ver a abrir a boca. Utu'wv Ecoko'nesel faz sinal para que

ela se mantenha em silêncio e depois para que se levante. Já não há tempo para dúvidas. Já chegaram até ali; vai levá-los para o Rio Grande. Depois voltará para onde realmente pertence.

Quando chegam à água, Utu'wv Ecoko'nesel detém-se. Pétronille parece exausta, tem o cabelo cheio de folhas mortas, os braços cansados por estar a carregar uma criança ao colo. Três patos viram os olhos vermelhos na direção deles quando Pétronille pousa Hélène no manto molhado de orvalho e Émile espeta um pau no lodo seco. O sol agita-se no rio e Utu'wv Ecoko'nesel sobe para um rochedo contra o qual a água embate. Ela não ouve o sinal: os tiros disparados contra o chefe francês e o seu intérprete. Porém, quando os outros guerreiros respondem com as suas armas, os sons chegam-lhe aos ouvidos vindos das quintas mais distantes do forte dos homens brancos, o mais próximo delas. Utu'wv Ecoko'nesel abraça os joelhos. A distância distorce os gritos. Utu'wv Ecoko'nesel imagina-se na Aldeia Grande e pergunta-se o que teria ouvido no largo principal se tivesse feito uma escolha diferente. E se fossem os gritos de Pétronille? Em seguida, os sons são abafados pelas asas adejantes de pombos-torcazes, aves assustadas a fugir da floresta: tantas que, por instantes, o céu se torna uma nuvem de ventres peníferos.

As casas ardem em redor de Fort Rosalie. O cheiro a carne queimada consome o ar da manhã e as chamas aquecem a aragem do inverno. A erva da pradaria ficou vermelha, como se a temporada dos morangos tivesse começado mais cedo. Quando Utu'wv Ecoko'nesel ouve as mulheres brancas na casa do monte, ignora a imagem que lhe assoma à mente — Pétronille, com círculos escuros debaixo dos olhos, a olhar, especada, para a margem oposta enquanto Hélène e Émile veem crias de opossum a enfiar-se na bolsa peluda da mãe. Pétronille não chorou uma única vez durante o ataque. Manteve-se em silêncio, massajou as têmporas. Antes de partir, Utu'wv Ecoko'nesel deu-lhe a carne seca de bisonte que tinha com ela e despediu-se.

Precipitou-se pela margem do rio acima. Estava quase a entrar no bosque quando ouviu remos a bater na água. Parou e olhou em volta. As árvores pendiam sobre o rio e os ramos eram empurrados pelas correntes rápidas. Escondeu-se antes que o homem francês a conseguisse ver. A sangrar, mas a respirar, foi o único sobrevivente branco que viu no caminho para casa.

Estava a seguir na direção de Pétronille e das crianças; poderia não as ver, mas a probabilidade de as encontrar na margem era grande. Uma parte de Utu'wv Ecoko'nesel teria dado meia-volta, advertindo Pétronille sobre o homem a caminhar rio abaixo para a sua Aldeia Grande, aquela a que ela chama Nova Orleães. Mas o colono já tinha desaparecido; Utu'wv Ecoko'nesel não tinha tempo para ir em direção

a Pétronille e não tinha a certeza de que o quisesse fazer. Decidiu que iria deixar o homem branco fazer a sua parte e levar Pétronille para casa, onde quer que fosse e como quer que fosse. Deixaria que Pétronille fosse salva pelo seu próprio povo, enquanto ela voltava para o dela.

Assim que chega à Aldeia Grande, os guerreiros feridos já estão de volta. Quando se apercebe da dor dos homens e se depara com o olhar interrogador de Lv'vlk Lac'kup, Utu'wv Ecoko'nesel deseja nunca ter saído e ter passado a manhã a preparar as tinturas e os remédios que sabia que iriam ser necessários. No entanto, não há tempo para lamentações, pelo menos por enquanto. Na sua cabana, reúne os cestos cheios de ervas. Atravessa o largo principal, repleto de mulheres a vasculhar os artigos dos franceses, de guerreiros a limparem as armas, a tatuarem um machado e o sinal da nação vencida nos ombros direitos, com as agulhas e o pó de carvão junto aos pés. Dirige-se para os outros homens, os que poderão morrer por terem defendido a terra que lhes deu o sustento. Ajoelha-se ao lado deles, limpa-lhes as feridas abertas e trata-lhes dos membros esvaídos em sangue como costumava fazer. Tenta não pensar em Pétronille, por quem fez tudo o que podia, mas não deveria ter feito. Dá as plantas às pessoas a quem sempre haviam sido destinadas.

*Nova Orleães, janeiro de 1731*

## Pétronille

Passaram catorze meses desde o ataque Natchez, mas os eventos daquela manhã de inverno continuam tão vivos na memória de Pétronille como se tivessem acontecido ontem. Depois de Utu'wv Ecoko'nesel os ter deixado, Pétronille perdeu as forças. Estava sozinha com as crianças na margem do rio St. Louis, quase a cem léguas da capital. Do outro lado do bosque, os combates agravavam-se. Quando Émile disse que havia um homem francês no rio, Pétronille não acreditou imediatamente no filho. Depois ouviu os ramos e reconheceu a voz do homem. Ficou tão surpreendida por ver um sobrevivente que, ainda por cima, não era um estranho, mas sim *monsieur* Cléry, que não se conseguiu mexer. Depois precipitou-se para ajudar *monsieur* Cléry a puxar a piroga para a margem: dois cônjuges traídos a fugirem juntos, uma ironia que, noutras circunstâncias, a teria divertido. Pétronille teria dado tudo para regressar ao mundo que tinha acabado de ser feito em pedaços.

A confiança de *monsieur* Cléry a manobrar um barco em nada se comparava com a de Baptiste. Tinha gestos tão impetuosos que tropeçou e caiu na margem que Utu'wv Ecoko'nesel escolhera como abrigo. Utu'wv Ecoko'nesel que desaparecera tão depressa que Pétronille não estava certa de a ter ouvido a despedir-se. Sem ela, Pétronille nunca teria chegado a Nova Orleães e à casa de Geneviève, onde agora vive. Não estaria a visitar *monsieur* Cléry todas as semanas, numa sala cheia de mobília pesada, onde o vento gelado atija uma fogueira mortíça, para ouvir os sussurros animados do homem. O tom de voz de *monsieur* Cléry, ao mesmo tempo febril e inusitadamente focado, apaga o tempo para Pétronille e distrai-a de todo o trabalho que fez ao longo do ano passado para guardar distância do ataque de Natchez: a trouxa cheia de flores que escondeu no quarto, as imagens horríveis que a atormentam, os pesadelos que acordam Émile e Hélène.

Na manhã do ataque, *monsieur* Cléry falava com uma voz distante e frenética, enquanto a piroga se desprendia, com dificuldade, da areia e do lodo. As frases que dizia não faziam quase sentido.

— Eu vi-os — insistia, sempre a olhar em volta com um frenesi quase contagioso.

Atirou um remo para as mãos de Pétronille, como se ela soubesse remar, e ela fez o que pôde para conduzir a canoa e impedir que fosse embater no lenho à deriva e nas árvores. Hélène estava a chorar. Émile não tinha proferido uma palavra desde que ouviram os disparos e viram as aves a fugir. Além da corrente, só se ouvia *monsieur* Cléry a falar. Pétronille demorou alguns minutos a compreender o que ele estava a dizer. Que regressava a casa depois de uma das suas viagens de engenharia por um dos atalhos que conhecia quando ouviu os disparos; que chegou a tempo de ver os guerreiros Natchez a levar *madame* Cléry e os filhos, mas tarde demais para os salvar.

Pétronille ainda consegue sentir as farpas do remo a espetarem-se na palma da mão. Lembra-se da única vez que viajara no rio St. Louis, há quase dez anos; da inveja que sentira pela forma como os remadores que a levaram para Fort Rosalie com *monsieur* Ducros dominavam a corrente. No dia em que fugiu de Natchez, as mãos de Pétronille levaram a piroga na direção certa. No entanto, sentiu-se mais impotente do que nunca.

Hoje, o discurso de *monsieur* Cléry é perfeitamente coerente. Acabou de ouvir a notícia da última tentativa do governador De Périer para destruir os Natchez, numa das muitas expedições lançadas ao longo do último ano. *Monsieur* Cléry, que voltou ferido da primeira comissão, continua a viver a guerra através destas histórias. As tropas chegaram à aldeia dos aliados, os Tunicas, no final de dezembro, há quase um mês. Voltaram para os rios amarelos, em barcos que deslizam com fúria suficiente para os levar até ao Norte. Estão à procura do esconderijo dos sobreviventes Natchez, algures a oeste do rio St. Louis. Pelo menos, foi o que um rapaz nativo capturado confirmou no dia 12 de janeiro, há quase duas semanas.

— E depois? — pergunta *monsieur* Cléry. As mãos de cobre dão uma pancada na mesa que produz um som seco. — O que poderá ter acontecido depois?

— Vamos saber mais quando o próximo emissário voltar.

— Esse emissário é um idiota! Saiu demasiado cedo. O que é que nos interessa saber que eles entraram no rio Negro? O importante é a batalha.

— Pensei que preferia saber alguma coisa a não saber coisa nenhuma — responde Pétronille.

Mas *monsieur* Cléry ignora-a. Olha pela janela redonda e a

respiração embacia o vidro gelado. Pétronille segue-lhe o olhar. Usou apenas de alguns segundos de silêncio antes de ele voltar a falar, fulminante. Entre a Rue Royale e a Rue de l'Arsenal, uma menina pequena pega no pedaço de lenha que lhe caiu dos ombros. Se *monsieur* Cléry se inclinasse para a frente, como ela está a fazer e como ele quase nunca faz nem faria, veria muito mais: as ruas direitas de Nova Orleães a levá-lo para o molhe do rio ou, do outro lado, para a porta este da cidade. Moinhos a girar no céu descolorido de janeiro. Fumo a sair das chaminés das fábricas de tijolos. Gado a pastar em campos desflorestados há pouco tempo, as línguas quentes a tocar na erva fria. No corredor, *madame* Lemoine, a senhoria, grita o nome do outro inquilino da casa e assusta *monsieur* Cléry, que já quase não sai de casa.

— Acha que o fim está a chegar? — pergunta-lhe ele. — Que fizemos o suficiente?

Pétronille suspira.

— Vamos ver — responde.

Aprendeu a ser cautelosa com ele. Já não lhe pergunta o que ele quer dizer com «fim». A vitória, a vingança: para ele são a mesma coisa. Pétronille soube dos avanços das tropas do governador De Périer na semana passada, mas conseguiu esconder a informação de *monsieur* Cléry até ao momento. Já sabia que o deixaria inquieto, que lhe ressuscitaria memórias beligerantes das suas próprias batalhas contra os Natchez, que lhe reanimaria as esperanças de voltar a ver a mulher e os filhos. *Monsieur* Cléry só tomara conhecimento do caso entre *monsieur* Ducros e Marie depois de ele terminar. Embora nunca mais tivesse voltado a falar com o marido de Pétronille, sempre tratou a filha mais velha de Marie como se fosse sua. Preocupa-se tanto com a menina como com o resto da família. Mas, esta tarde, Pétronille não pode falar sobre Marie. Há poucos dias em que pode.

— Vamos ver — repete ela, evitando o olhar do homem enquanto esfrega uma pele morta no polegar. — Quem é que lhe falou sobre a batalha?

*Monsieur* Cléry murmura para si próprio.

— Quantos guerreiros Tunicas é que lutaram ao nosso lado, afinal?

A perna direita de *monsieur* Cléry volta a balançar, como a de Émile quando ele está a refletir sobre alguma coisa. Dentro de um segundo, vai começar a tagarelar sobre a amiga selvagem de Pétronille, sem nunca usar o nome de Utu'wv Ecoko'nesel. Ele diz algo sobre as enormes forcas da Place d'Armes.

— Acalme-se, por favor. — A voz de Pétronille sai mais contundente do que ela pretendia, mas parece serená-lo.

*Monsieur* Cléry sabe que não pode falar de execuções. No verão passado, uma mulher Natchez foi capturada por uma tribo aliada dos



franceses e executada no patíbulo.

— Bem — diz ele num tom mais calmo —, há quanto tempo sabe disto?

— Uma semana — responde Pétronille.

Ele sorri. Usa dois dos dedos de cobre para colocar o cachimbo no lugar enquanto a outra mão revolve a bolsa do tabaco. Pétronille imagina-o a fazer exatamente a mesma coisa quando estava em Fort Rosalie, enquanto Marie lhe servia o chá. Os tempos em que a amiga estava apaixonada por *monsieur* Ducros parecem-lhe tão distantes que poderão nunca ter existido. Pétronille falou duas vezes sobre o assunto com Marie: uma depois do passeio a cavalo, em que a amiga lhe pediu desculpa; outra, alguns meses mais tarde, quando o caso terminou de forma abrupta. Pétronille não ficou zangada durante muito tempo; a amizade de Marie significava mais para ela do que o casamento com *monsieur* Ducros. Ambos são passado.

— Impressionante. — *Monsieur* Cléry assente. — Mas terei novas notícias antes de si.

— É possível — atira Pétronille, embora tenha dúvidas. Pediu à senhoria para não falar de temas relacionados com a guerra. *Monsieur* Cléry, em tempos considerado um herói, já não tem muitos amigos.

Quando ela se levanta para se ir embora, os lábios dele tocam-lhe na mão. O toque, nos meses que se seguiram ao regresso de Natchez, tornou-se tão ameaçador como fora no passado em Château-Thierry, quando os abraços forçados a deixavam atordoada. Pétronille sabe que Émile e Hélène sofreram com a falta de afeto que ela demonstrou. Sobretudo Hélène. Quando a filha acordava a meio da noite, a soluçar, só os beijos a tranquilizavam e a convenciam de que não tinha nenhuma aranha no cabelo. Pétronille fazia de conta que a procurava, como fizera na manhã do ataque. Na margem do rio, encontrou um inseto horroroso a andarilhar na cabeça da filha. Disse que era uma aranha porque não sabia que outro nome lhe havia de dar. Também não sabe que nome dar aos animais imaginários que invadem a cama da filha em Nova Orleães. Mas faz o que pode para os afugentar.

Pétronille veste o seu manto. *Monsieur* Cléry pousa cuidadosamente os materiais de desenho nos devidos lugares: os esboços feitos com a mão esquerda melhoraram muito ao longo do último ano. Pétronille ainda não deu dois passos em direção à porta quando ele pergunta:

— Os projetos de construção do *monsieur* Bienvenu estão a avançar?

Ainda recentemente o terceiro marido de Geneviève estava a falar sobre a terra que acabou de comprar perto do lago Pontchartrain; no entanto, ela mal se lembra de uma única palavra que ele disse; a frustração com a falta de provisões consome-a. Quando chegou a Nova Orleães, Pétronille mal conseguia acreditar que Geneviève se tinha

tornado uma mulher rica. E, ao mesmo tempo, conseguia. A amiga tinha-lhe falado mais de uma vez sobre a família, sobre como os pais e irmão tinham morrido em Paris, privados de tudo; Geneviève sempre soubera como se defender e se desenvencilhar. Acolheu Pétronille em casa há seis meses. *Monsieur* Bienvenu não é nada como *monsieur* Ducros, mas Pétronille ainda tem dificuldade em lidar com as ambições dele para a produção de indigueiros, que lhe recorda dolorosamente a ideia de sucesso do marido.

— Acho que ainda está a elaborar os planos de construção com um dos seus engenheiros — aponta. — O terreno ainda não foi desbravado.

— É melhor que tenha cuidado. Os negros são tão perversos como os índios.

Pétronille guarda a resposta para si. *Monsieur* Bienvenu ainda não tem escravos, mas ela sabe que um dia os terá. Espera que no Fort Rosalie os africanos escravizados do marido se tenham aliado aos Natchez durante a guerra, como a maioria fez. E como seria natural. Porque haviam de ter escolhido os franceses?

— Dê os meus cumprimentos à *madame* Bienvenu — pede *monsieur* Cléry.

— Assim farei.

Não é verdade. Geneviève limitar-se-ia a encolher os ombros. Não aprova as visitas a *monsieur* Cléry. «Ele está a impedir que sigas em frente», insiste a amiga. Pétronille sabe que Geneviève tem alguma razão. No entanto, não consegue deixar de ir da Rue d'Orléans até à Rue de l'Arsenal para o visitar duas vezes por semana. *Monsieur* Cléry leva-a de volta à vida de Natchez, dá-lhe esperança de que tenha chegado cedo demais para a ceia, de que Marie, atrasada como sempre, possa estar só a preparar-se para se juntar a eles e de que Utu'wv Ecoko'nesel não demore a bater à porta para, juntas, descascarem, cortarem e misturarem as plantas que ela trouxe.

Pétronille demorou muito tempo a sentir-se em casa. Até há pouco tempo, Fort Rosalie e a respetiva aldeia eram as únicas coisas que ela conhecia na Luisiana, que fora sua casa durante oito anos. Era um dos maiores assentamentos da colónia — quatrocentas pessoas, famílias que aprenderam a conhecer-se, se não em pessoa, pelo menos pelo nome —, mas acabou por lhe parecer demasiado pequeno. Tinha um amoreiral junto aos campos de tabaco, onde um dia Utu'wv Ecoko'nesel a ensinou a tirar as cascas dos troncos das árvores. Rosas que cresciam debaixo da janela do quarto, arbustos brancos e cor-de-rosa dos quais a amiga retirou uma única flor que levou com ela. O quarto onde Pétronille deu à luz os dois filhos e que agora, destruído pelo fogo, não passava de uma ruína. Quando pensava na casa, imaginava cinzas, troncos consumidos pelas chamas, paredes

desmoronadas. Depois, à medida que os meses foram passando, começou a ver outras coisas. As sementes que Utu'wv Ecko'nesel lhe levou uma vez a crescerem na cozinha devastada. A trepadeira que ela plantou a crescer ao longo da escada partida e da estrutura do telhado até criar um teto delicado de folhas. A sala cheia de túlipas e rosas almiscaradas, uma andorinha a fazer o ninho onde dantes havia uma porta. O silêncio imperturbável que se deve ter abatido sobre a terra, agora que já não pertencia a ninguém.

Não são as primeiras notícias sobre os combates que Pétronille ouve desde que voltou. Longe disso. A guerra é algo a que ela não consegue fugir: meses depois do ataque, ainda consome a Luisiana e arruína a colónia, configurando-se como um último golpe para os diretores da Companhia das Índias. Pétronille viu-o com os seus próprios olhos, tanto em Fort Rosalie como em Nova Orleães: o ataque dos Natchez espalhou o pânico entre os colonos. Não havia mantimentos nem efetivos militares suficientes para ripostar; em dezembro de 1719, o governador De Périer mandou cavar trincheiras e proteger a capital. Na cidade, Pétronille ouvia as pessoas a sussurrar que só o rei poderia salvar o Mississípi.

Pétronille não queria ouvir mais nada e não ficou contente quando desembarcaram mais tropas. Estava dividida entre o desejo de ver Marie novamente e a esperança de que Utu'wv Ecko'nesel tivesse sobrevivido. Para Pétronille, a guerra tinha o rosto daquelas duas mulheres.

Depois de chegar a Nova Orleães, demorou algumas semanas a compreender a dimensão do conflito. Quando o compreendeu, foi ficando cada vez mais estupefacta com a sua própria ignorância, pelo pouco que sabia naquela manhã de 28 de novembro quando corria com as crianças no encalço de Utu'wv Ecko'nesel. Quando ouviu o disparo, não poderia ter imaginado o que viria a saber mais tarde: que os guerreiros Natchez tinham atacado o comandante de Fort Rosalie assim que Dechepare se curvou para aceitar os presentes falsos que eles lhe haviam ido oferecer, que se infiltraram em todas as casas francesas e mataram os homens e escravizaram as mulheres e as crianças. Que, antes de a noite cair, tinham morrido cento e trinta e oito homens, trinta e cinco mulheres e cinquenta e seis crianças francesas.

Os Natchez pouparam da morte apenas dois franceses. Um foi o carroceiro da concessão de Sainte Catherine que encarregaram de levar os produtos franceses para o Grande Sol; e Pétronille imaginou que as carroças se tinham enchido com a cama e os brinquedos de Hélène, a secretária de *monsieur* Ducros, a caixa de lata onde ela guardava as cartas de Geneviève. O outro foi o alfaiate, a quem foi

atribuída a responsabilidade de costurar calças e camisas novas com tecido tomado do armazém e de remendar a roupa dos franceses que tinham sido mortos de forma que pudesse ser usada pelos nativos. O homem usou pedaços coloridos de tecido para aumentar o tamanho das peças, o que deixou os Natchez muito satisfeitos. Pétronille imagina os irmãos de Utu'wv Ecoko'nesel a usar o casaco de *monsieur* Ducros. Imagina o alfaiate a remendar a roupa dos mortos e pergunta-se quantas peças terão sido aproveitadas e quantas terão sido deitadas fora.

Porém, a ignorância de Pétronille tinha raízes mais profundas. No verão e outono que passou a trabalhar com Utu'wv Ecoko'nesel, *monsieur* Ducros não se deu ao trabalho de lhe contar o último pedido absurdo feito pelo comandante de Fort Rosalie. De um momento para o outro, *monsieur* Dechepare decidira que uma das aldeias dos Natchez era o sítio ideal para construir uma casa para ele. Por isso, dera a várias centenas de pessoas dois dias para abandonarem as suas casas. Este último pedido acabou por destruir a frágil relação dos franceses com os Natchez.

Sempre que toma conhecimento de um novo pormenor — da guerra, do que a provocou, do rescaldo —, Pétronille pensa em Utu'wv Ecoko'nesel. A ajuda da jovem nativa torna-se cada vez mais insondável, mais misteriosa, mais preciosa.

*Porque é que eu ainda estou viva? E como?*, pergunta-se, às vezes, Pétronille.

Um dia depois da visita a *monsieur* Cléry, Pétronille acha-se incapaz de se levantar da cama para ir tomar a ceia. Sabe que a esperam, que *monsieur* Bienvenu volta esta noite do lago Pontchartrain, que Belle passou o dia a cozinhar. Sabe que Geneviève já está bastante cansada devido à gravidez, a segunda num casamento que ainda não tem três anos, e que ela não deveria ser fonte de novos problemas. Não é assim que deve agradecer à amiga por tudo o que lhe deve.

Ainda assim, Pétronille não tem controlo sobre as imagens pungentes que a assaltam desde a guerra. Quando foi viver para a mansão da Rue d'Orléans, não pensou que aquelas imagens a fossem perseguir até ao quarto que Geneviève lhe tinha preparado. Sem sair da cama durante horas a fio, Pétronille percebeu que estava enganada.

Imagina *monsieur* Ducros a vaguear pela casa na manhã em que ela fugiu. A mandar arrear o cavalo. A sair de casa para enfrentar três guerreiros. Ou, às vezes, homens Natchez a entrarem na casa antes de ele ter tido tempo de correr porta fora. O que se passou a seguir: o número de golpes necessários para acabar com ele. Um, três, seis. A menos de meia légua, Marie, a vestir as duas filhas, a assoar o nariz do

bebé. O barulho que terá ouvido, ou não. Qual a criança que começa a chorar primeiro e a reação de Marie. Na casa do novo amo, algures perto do forte, Renée a ferver água e depois a esconder-se onde podia. As imagens fundem-se sempre. Dominam tudo o que a rodeia.

Como acordar de um pesadelo quando não se está a dormir?

A tarde está a terminar. Ela está deitada na cama, petrificada, à espera do próximo grito. Mas as crianças no andar de baixo não gritam do medo. O filho e a filha estão apenas a brincar no berçário. Repete esta ideia para consigo. Apalpa o ar à procura da mesinha de cabeceira e a mão encontra a chávena de chá, já morna, que alguém lhe deve ter levado. Um ramalhete de lavanda de pernas para o ar enfeita o dossel. Está no seu quarto, naquela casa que Geneviève herdou do segundo marido, um homem que a amiga raramente menciona. Ouve de novo a voz de Émile, um timbre tão agudo como o da bebé de Geneviève: Louise, uma menina rechonchuda com dez meses que deverá estar a dormir, enroscada no berço. Não há ninguém atrás delas. Estão todas em segurança.

— Pétronille? — Geneviève não espera pela resposta para abrir a porta. — Estamos à tua espera.

Geneviève aparece-lhe à frente dos olhos e a gritaria abranda. A barriga de Geneviève está enorme, o bebé deverá nascer no mês que vem. O resto do corpo de Geneviève, por sua vez, parece perigosamente magro. As bochechas estão mais vazias: quando ela sorri, o espaço entre os dentes parece maior. O rosto está mais ossudo, mais maduro, mas os olhos são tão claros e penetrantes como sempre. Acabou de fazer trinta e três anos.

— Não posso — diz Pétronille.

— Podes, sim.

Geneviève avança para a cama, mas não se senta. Pousa uma das mãos acima do umbigo, a outra no fundo das costas.

— Foste visitá-lo outra vez — diz.

*Continua a falar comigo*, pensa Pétronille. Em seu redor, o quarto volta à realidade. O jarro de barro que Émile quebrou. A sombra intrincada da cortina bordada no tapete vermelho. A trouxa cheia de plantas de Natchez, flores para que olhou ontem, ficando aliviada quando descobriu que, depois de secas, ainda estão lindas. Geneviève suspira.

— Se ao menos estivesse a tentar seduzi-lo — diz. Perante a falta de resposta de Pétronille, pergunta: — Estás a ouvir-me?

— Não, não estou.

— Eu sei. — Geneviève detém-se. — Não te cases com ele, por favor.

— Não estou a tentar seduzi-lo — insiste Pétronille.

— O que é que a sedução tem que ver com casamento?

Pétronille não consegue explicar o que a leva a *monsieur* Cléry. Não tem nada que ver com amor. Quando está com o marido de Marie, sente-se compreendida. Sortuda, também. As imagens que a perseguem nunca serão tão vívidas como as memórias que ele tem. Utu'wv Ecoko'nesel não lhe salvou apenas a vida a ela e aos filhos: levou-os para um lugar seguro antes de poderem testemunhar horrores que nem Pétronille nem Hélène e Émile seriam capazes de esquecer. *Monsieur* Cléry não teve a mesma sorte. Para variar, quando vai à sala da senhoria do marido de Marie, Pétronille é quem leva algum consolo.

A única vez que tentou explicá-lo a Geneviève, as palavras saíram-lhe de modo tão atabalhado que teve de parar. A amiga manteve-se em silêncio durante muito tempo. Depois perguntou-lhe: «Sabes que não tens de te castigar por nada do que aconteceu, não sabes?»

Geneviève aponta para a porta. A mão parece inchada, a aliança cravada na pele do dedo.

— Acho que o *monsieur* Bienvenu não ficaria feliz se soubesse que não vais cear connosco hoje.

É o primeiro argumento que usa para a tentar convencer a deixar o quarto. Ambas sabem que não tem grande peso. *Monsieur* Bienvenu faz o que Geneviève quiser que ele faça, que é uma das poucas razões por que ela casou com ele, como assevera muitas vezes. «Um Pierre muito mais gentil», dissera ela no dia em que contou a Pétronille que *monsieur* Bienvenu tinha o mesmo nome dos dois outros homens com quem tinha casado. Quanto à morte do segundo marido de Geneviève, *monsieur* Melet, Pétronille não sabe nada além do que Geneviève lhe escreveu na carta que chegou à casa que ela tinha em Natchez. Caiu das escadas, foi um acidente. A amiga não aceitava outras perguntas sobre a matéria. «Já sabes tudo o que há para saber», dizia, numa resposta que nunca satisfez Pétronille. Disse a si própria que voltaria a perguntar-lhe depois de o bebé nascer; agora não era o momento certo.

Tenta endireitar o pé, mas os lençóis estão muito apertados. Geneviève passa imediatamente ao segundo argumento.

— Os teus filhos estão a chamar por ti.

Pétronille sente a garganta a embargar-se, pronta para as lágrimas. Sente vergonha pela fraqueza que está a demonstrar, mas continua impotente.

— Lamento.

— Não — insiste Geneviève. Franze o sobrolho, leva uma das mãos ao pé da cama. Na última primavera, o Dr. Le Cau não escondera a preocupação quando ela voltou a ficar grávida tão depressa depois de ter tido Louise. — Não lamentas nada. Senão, já estarias levantada.

— É melhor sentares-te.

— Só quando te levantares.

Pétronille não se sente capaz de argumentar. Sente o corpo imenso, inamovível. A amiga olha fixamente para ela. A mão que está pousada na barriga abana ligeiramente.

— O que diria a tua amiga índia?

É a última cartada de Geneviève; uma que raramente usa. Na primeira vez que a foi visitar em Nova Orleães, em dezembro de 1729, Pétronille não conseguia deixar de falar de Utu'wv Ecoko'nesel. Na altura, Pétronille estava no hospital, para onde fora levada de urgência no dia em que o rio de St. Louis cuspiu a piroga onde viajavam para a cidade. O cirurgião gordo e bonacheirão que a tratou estava do outro lado do corredor. Geneviève mandou-a calar. Naquela manhã, três escravos fugitivos tinham chegado à capital e descrito o que haviam visto no assentamento destruído: os chefes dos oficiais franceses alinhados ao lado dos escalpes dos colonos franceses, as casas a arderem no forte até ao riacho Sainte Catherine. Ninguém teria tolerado ouvir Pétronille a dizer que uma mulher Natchez era uma heroína. «Não liguem», dissera Geneviève naquele dia.

Pétronille nunca seria capaz de se calar. Mas já não diz o nome dela, a não ser para defender Utu'wv Ecoko'nesel em frente de *monsieur* Cléry.

Pétronille afasta os lençóis para o lado. Sente as mãos mais pequenas e desajeitadas do que é habitual. Quando se levanta, tem o cuidado de não olhar para o reflexo no espelho. Mais de um ano depois do ataque, ainda não se habituou ao cabelo, que ficou drasticamente branco desde então. Geneviève assegurou-lhe que estava na moda, que Pétronille iria deixar de precisar de usar pó, como se alguma delas quisesse saber da moda.

Geneviève deixa-se cair no colchão. Suspira, abana a cabeça e ri-se.

— É melhor deixarmos este tipo de desafios para quando o bebé nascer — diz. Um fio de medo perpassa-lhe pelo rosto e desaparece com a mesma velocidade com que apareceu. Tenta sorrir.

— Dá-me a mão — diz Pétronille.

Pétronille não passou mais de uma semana no hospital de Nova Orleães nos primeiros dias de dezembro de 1729, mas as memórias que tem daqueles dias são difusas. Os corpos quentes de Hélène e Émile contra o dela. A lareira sempre acesa, o cirurgião a entrar no quarto uma vez por dia para ver como estavam. O Dr. Lancert tinha viajado de Paris alguns meses antes e parecia pouco impressionado com o caos que reinava na colónia. Pétronille gostava dele: o médico nunca se aproximava demasiado e ouvia-a com cuidado sempre que ela se atrevia a falar de um ou dois remédios à base de plantas. Pétronille não conseguia perceber se o interesse era genuíno. Também

não lhe interessava. Às vezes, o Dr. Lancert brincava com as crianças. Deixava sempre Geneviève ficar mais tempo do que o permitido.

Foi durante uma das visitas de Geneviève que ele anunciou que as irmãs ursulinas se tinham oferecido muito gentilmente para receber Pétronille e as crianças no convento. Pétronille sempre soube que não iria ficar no hospital para sempre. E também não queria: a ala dos doentes do hospital lembrava-a demasiado de Salpêtrière. Geneviève estava sentada junto à cama quando o cirurgião Lancert lhe trouxe as notícias. Pôs-se a remexer no pequeno anel azul e esperou que ele saísse antes de falar.

— Assim vais poder ver a Charlotte — disse, mas, quando Pétronille lhe perguntou como é que ela estava Geneviève manteve-se evasiva. — Ainda é uma pensionista nas ursulinas. Canta no coro, ajuda a criar os órfãos e parece mais devota do que nunca. — Charlotte tinha decidido não se tornar freira, mas, quando Pétronille perguntou sobre o convento, Geneviève limitou-se a encolher os ombros: — Pode ser um bom abrigo para ti, pelo menos temporariamente.

E foi. No último ano, Charlotte fez tudo o que podia para ajudar Pétronille a sentir-se em casa. O inverno parecia não ter fim e as irmãs ursulinas não falavam de outra coisa a não ser do edifício para o qual se iriam mudar em breve, das paredes grossas que as protegeriam do frio, da segunda enfermaria, do compartimento para a irmã encarregada das roupas de cama, da sala de aula maior e do refeitório separado para as órfãs e as alunas, que já eram muito mais numerosas. Teria até um claustro com teto abobadado — os arcos pintados com nuvens, folhas e anjos. O convento novo era ainda um sonho nos primeiros meses de 1730. Charlotte não era muito faladora. Não parecia muito interessada em falar da casa permanente das ursulinas nem do que Pétronille tivera de passar. Pediu para que colocassem um colchão perto do dela, para estar perto de Pétronille e das crianças para o caso de uma delas acordar com pesadelos. Ajudou Émile a aperfeiçoar a caligrafia e matriculou Hélène no coro. Numa manhã fria de março, depois dos laudes, encontrou Pétronille no pátio, com os lábios e as mãos secas com o frio e um bacio aos pés. A urina tinha congelado durante a noite no fundo. No refeitório, Pétronille viu Charlotte a levá-lo para junto da lareira, respirando o cheiro forte da urina aquecida. Deixou-se ficar lá dentro quando a amiga voltou a sair, para lhe despejar o bacio.

Lembra-se do choque de Charlotte, no final da primavera, quando ela lhe disse que ia mudar-se com as crianças para a casa de Geneviève. O rosto de Charlotte ficou pálido. As mãos, ocupadas com lacres de cera, ficaram trôpegas. Tinha vinte e dois anos e estava a receber cada vez mais responsabilidades no convento, mas, naquele



momento, parecia a menina que Pétronille conhecera em Lorient.

«Não estás feliz aqui?», perguntara-lhe.

«Estou», respondera Pétronille, mas a sua cabeça estava noutro lugar. O exército tinha acabado de trazer as mulheres francesas de Natchez que haviam sido capturadas depois do ataque; iriam ser enviadas para o convento das ursulinas para receberem abrigo. Pétronille ficou em choque e desesperada por Marie não estar entre elas. Pensou na sentença injusta que a amiga recebera em Paris, na terrível viagem que fizera para a Luisiana, bem como na nova pessoa que Marie se tinha tornado e na vida que construíra apesar de tudo o que passara. No entanto, não estava entre as sobreviventes.

«Tenho a certeza de que a Geneviève vai tomar bem conta de ti», ouvira Charlotte dizer. «Muito melhor do que eu seria capaz.»

Nos primeiros dias de fevereiro, Pétronille acorda descansada. Não vai deixar que *monsieur* Cléry lhe tire essa sensação, pelo que não o vai visitar esta semana. Lembra a Hélène que tem de ter cuidado com o pente de marfim, mas a filha, que já tem seis anos, parece não prestar atenção e continua a brincar na penteadeira. Émile está a desenhar junto à janela. Lá fora, Mélanie toma conta das crias dos passarinhos, nascidas cedo demais, que caíram da cerejeira. Com quase nove anos, a filha mais velha de Geneviève é muito mais alta e mais larga do que Émile, mas, mesmo que tivesse metade do tamanho dele, Mélanie mandá-lo-ia para onde quisesse. O lápis de Émile desliza no papel. Pétronille escova-lhe o cabelo, tão escuro como o de *monsieur* Ducros.

Depois do ataque, na floresta, as crianças estavam sempre a perguntar pelo pai. De início, Pétronille deu-lhes respostas muito vagas. Não encontrava uma forma correta de lhes dizer a verdade.

— Ele deixou-nos — disse-lhes, por fim, e, quando Hélène começou a chorar, o irmão deu-lhe um longo abraço.

Pétronille não esquece a imagem dos filhos a reconfortarem-se um ao outro e, sempre que isso acontece, pergunta-se se deveria ter alertado o marido. Mas, na verdade, alertou, ainda antes de Utu'wv Ecoko'nesel voltar à casa para a avisar, mas *monsieur* Ducros não acreditou em si. Havia algo dentro dela que sabia que Utu'wv Ecoko'nesel não o teria salvado, embora não fosse capaz de dizer porquê. A única coisa que ela sabia era que poderia ter ficado com o marido e morrido, ou seguido a amiga para se salvar a ela e às crianças. Um dia, os filhos irão compreender a escolha que ela fez. Émile sacode os ombros para lhe afastar a mão.

— Vá lá — diz ele.

Émile tem uma natureza muito parecida com a dela, tão previsível que Pétronille se sente muitas vezes dividida entre a compaixão e a

irritação. Ao olhar agora para o filho, altamente concentrado, vê-se a si própria a tentar fazer com que uma rosa pegue de estaca e a ficar furiosa com a primeira pessoa que a interrompe. É mais fácil dizer a Émile para ser mais simpático do que dizê-lo a si própria.

No jardim, Mélanie levanta-se e relanceia para as janelas do primeiro andar. Depois começa a correr para a casa, deixando os passarinhos e o ninho para trás.

— O que se passa com ela? — pergunta Émile à mãe, que não tinha reparado que o filho havia interrompido o desenho.

— Não sei — diz. — Vou ver.

Apressa-se a descer as escadas e, por duas vezes consecutivas, vislumbra o seu reflexo em dois espelhos redondos pendurados no corredor. Belle, a mulher escravizada que não teve escolha senão ficar na casa de Geneviève depois de a ama ficar viúva e até voltar a casar-se, bloqueia a vista para o salão. O cabelo grisalho escorre do toucado, o que não é habitual para uma mulher sempre tão composta. A boca pequena está tensa, os olhos entrefechados, o queixo redondo levantado.

Geneviève está inconsciente: jaz no sofá verde com o corpo desproporcionado afundado nas almofadas de penas.

— Ela começou a queixar-se da barriga — explica Belle.

Tem a mão firmemente pousada no armário de canto e não se vira para Pétronille. Raramente fala com ela, parece desconfiar de toda a gente, embora um pouco menos de Geneviève, talvez por Geneviève ter insistido que *monsieur* Melet não comprasse Belle sem o filho, Alexandre, e o marido, Constantin. «Foi logo nos primeiros dias depois do casamento», explicara Geneviève a Pétronille, e ele ouviu-a e não separou a família de escravos. Bella estivera ao lado de Geneviève quando *monsieur* Melet se virou contra ela. Ajudara-a a criar os filhos ao mesmo tempo que criava Alexandre, que Pétronille já a tinha ouvido a tratar por Latorin. Quando Pétronille manifestou surpresa, Belle ergueu as sobranceiras e disse que era o verdadeiro nome do filho. E, um pouco contrariada, disse a Pétronille que o dela era Iyaba.

Pétronille ajoelha-se ao lado de Geneviève, sentindo-lhe a respiração estável. Pensa na trouxa de plantas que tem no quarto e tenta lembrar-se se empacotou a liana de três folhas, os botões de eríngio e as escrofulárias de Fort Rosalie. Pode tê-lo feito ou não. Não importa: mesmo que tivesse todos os ingredientes, não seria capaz de se lembrar da receita correta. Nunca foi uma mulher Natchez, nem médica.

— Vou chamar o Dr. Le Cau — diz.

Constantin acelera a carruagem pela cidade. Na esquina da Rue d'Orléans com a Rue Royale, os cavalos quase vão de encontro a dois homens que estão a transportar um tear de uma oficina. Pétronille

ouve Constantin a murmurar algo para consigo numa língua tão estranha para ela como a dos Natchez e depois a gritar «Vamos!». Os cavalos voltam a cavalgar e Pétronille só vê rostos fugidios, dentes partidos, perucas lamacentas, *culottes* caídas e pele coçada. Quando se aproximam da Place d'Armes, a multidão adensa-se. Apesar da urgência, Pétronille recosta-se para se afastar da janela da carruagem. Os barulhos altos incomodam-na como nunca tinha acontecido antes.

Os cavalos param. Não é dia de missa, mas, na Place d'Armes, a azáfama é grande. Mais de duas dezenas de soldados, a andar de um lado para o outro entre o porto e as casernas, o portão dos aposentos aberto ao fim de dois meses. Pétronille tem dificuldade em acreditar que o exército já esteja de volta: depois das vitórias de fevereiro e março de 1730, as tropas do governador De Périer e do general Le Sueur organizaram celebrações de todos os tipos e as notícias do regresso anteciparam-se às festas. Há pouquíssimos soldados a subir e a descer a prancha de embarque, e a erva-de-jacaré cresce sem controlo debaixo do molhe principal da cidade. Pétronille inclina-se para a frente. Só vê dois navios no ancoradouro, uma galé e um barco a remos ligeiramente maior do que os modelos que se encontram do outro lado da praça. Homens — talvez não todo o exército, mas, inegavelmente, um dos seus destacamentos — empurram balas de canhão, rolam barris de pólvora e carregam mosquetes e picaretas de volta para os armazéns. Homens que decerto saberão o que aconteceu no rio Negro, nos confins da baía pantanosa. Pétronille não quer ouvir o que eles teriam para dizer. Na primavera, os soldados triunfantes não trouxeram apenas boas notícias.

Depois do ataque, Pétronille não demorou muito a perceber que nunca mais voltaria a ver o marido. Em Natchez, ao contrário das mulheres e das crianças, os homens não tinham sido poupados. Mas, nos primeiros meses de 1730, tinha esperança, tal como *monsieur* Cléry, de que Marie aparecesse um dia com o bebé e as meninas. Por isso, sempre que passava pelo porto nos primeiros meses que viveu em Nova Orleães, Pétronille imaginava Marie entre os soldados imundos de farda a comprar pão de milho a vendedores de rua. A amiga estaria a escarnecer dos oficiais embriagados, o bebé a dormir aconchegado no seu peito, as meninas a brincar junto aos seus pés.

Depois de as tropas de Le Sueur e dos aliados Chactas terem levado de volta as mulheres francesas, *monsieur* Cléry não se cansava de reclamar que o governador estava mais interessado em recuperar os africanos escravizados do que em reunir as famílias. Geneviève explicou-lhe a decisão de *monsieur* De Périer sem dificuldade: era verdade que as esposas e as crianças eram o futuro da Luisiana, mas não haveria futuro sem um presente. Eram necessárias pessoas para limpar as terras, cultivar os campos, cortar a madeira, construir

embarcações e manter os molhes.

*Monsieur* Cléry continua convencido de que havia mulheres que não tinham sido resgatadas dos Natchez. Pétronille sabe que nem Marie nem as filhas e o filho da amiga irão voltar.

A carruagem vira na Rue Saint Pierre e os militares desaparecem. O frio penetra-lhe nas solas dos sapatos. Pétronille não demorará a saber mais notícias sobre a guerra. Mas ninguém lhe irá responder à única pergunta que lhe resta e ela não pode pronunciar o nome da única mulher que tem esperança de voltar a ver.

— Estamos quase a chegar — ouve Constantin a dizer quando a casa do médico já se vê ao fundo da rua.

O Dr. Le Cau não tem nada que ver com o cirurgião alegre que a tratou no hospital. É franzino, impassível e reservado. No quarto de Geneviève, ouve *monsieur* Bienvenu dizer que ela adormeceu há uma hora e pede a Belle que espere lá fora. Apanhada desprevenida, Belle sugere que o médico pode precisar da sua ajuda. Mas ele limita-se a olhar de relance para ela e a dizer:

— Eu oriento-me, obrigado.

A porta bate quando Belle sai e Pétronille vira-se para o médico. O Dr. Le Cau praticamente não toca em Geneviève e age como se um olhar fosse suficiente para saber o que a mulher precisa.

— Descanso — sussurra para *monsieur* Bienvenu — até ao momento do parto. — O *monsieur* Bienvenu fica especado a olhar para ele com os lábios finos fechados numa linha elegante sob o bigode ruivo, como se também ele estivesse a tentar perceber a expressão de Geneviève. — O bebé poderá nascer antes do tempo — adverte o Dr. Le Cau. Explica que acontece muitas vezes quando há pouco tempo entre gravidezes, como sucedeu com Geneviève, sobretudo na idade dela. Di-lo olhando não para *monsieur* Bienvenu mas para Geneviève, como se ela fosse a única responsável por isso. Do canto do quarto onde está sentada, Pétronille espera que a amiga não esteja a fingir que está a dormir e que não consiga ouvir a conversa. — Mas não desesperemos — conclui o Dr. Le Cau.

*Monsieur* Bienvenu deixa descair os ombros. Pétronille sente algo dentro de si. Não teria conseguido chegar à Luisiana se não fosse Geneviève — e pensar na morte da amiga é inconcebível.

Quando Pétronille sai do quarto, mal consegue respirar. O corredor parece-lhe demasiado mobilado, os tapetes demasiado espessos, o ar, sufocante. Encaminha-se para a porta dos fundos e sai a cambalear para o jardim. As lágrimas escorrem-lhe pelo rosto numa corrente tão forte que não sobra espaço para mais nada. Deixa-se cair no banco, com os olhos a habituarem-se devagar ao escuro, os soluços a contorcerem-lhe o peito como arrepios quentes. Não se lembra da última vez que se deixou vencer por completo, e já não tem a certeza

por quem ou por que razão chora. Não sabe quanto tempo passa até se aperceber de que a brisa da noite lhe está a arranhar a garganta dorida. Agita os sapatos na relva e vê amores-perfeitos brancos a reluzir junto aos pés. Quando levanta a cabeça, vê mais estrelas do que céu.

— O que é que o médico disse?

A voz assusta-a. A lanterna de Belle ensombra-lhe o rosto. Deve ter ido ao poço; o balde que pousa no chão está cheio. Senta-se cautelosamente do outro lado do banco e pousa a luz entre elas.

— Estava muito preocupado — responde Pétronille, ciente de que Belle lhe está a ler o rosto.

— A senhora também.

Pétronille não a contradiz. Belle nunca lhe dirigiu mais de cinco palavras. A mulher parece-lhe diferente e Pétronille dá conta de que nunca tinha visto as feições de Belle a revelar emoções, exceto quando estava junto de Constantin e Alexandre. Belle franze a testa e esfrega duas manchas recentes no avental. Tem os olhos no vestido quando diz:

— Ela falava muito de si, sabe? — Levanta a cabeça. — Quando era casada com aquele louco.

— O *monsieur* Melet? — pergunta Pétronille, mesmo sabendo que é a resposta.

— Ela disse que a senhora era uma das poucas amigas que ela tinha.

— Não era a única. Também se dava muito bem com a Charlotte. Belle encolhe os ombros.

— A mulher do convento? Nunca a conheci. — Vira-se no banco para encarar Pétronille. Ouve-se o canto de uma ave noturna algures no jardim. — A *madame* Geneviève é mais forte do que a senhora pensa. — Pétronille sente as faces rígidas devido às lágrimas secas e aperta mais o xaile que traz nos ombros. Quando Belle começa a falar de novo, fá-lo com uma voz lenta e cuidadosa. — Eu estava lá na noite em que aconteceu. Estava a preparar-me para ir dormir quando o ouvi. A gritar, como fazia sempre. Esperei junto às escadas. Eles os dois estavam um pouco mais acima. — Belle volta a olhar para o jardim escuro. Abana a cabeça. — Ele estava tão bêbedo que não me viu lá de cima. Mas ela viu.

Pétronille quer perguntar-lhe o que aconteceu a seguir, mas sabe que é melhor não dizer nada. Inclina-se na direção de Belle, cuja voz se fez ainda mais baixa.

— O homem mal se aguentava em pé e ela estava mesmo atrás dele. Começou a descer as escadas e tropeçou. Ela estendeu a mão. Acho que o queria apanhar. — Os olhos de Belle estão de novo na relva. — Depois viu-me lá parada em baixo. Eu olhei para ela. Mas,

quando ele caiu, ela não mexeu um músculo.

De repente, Geneviève não passa de uma estranha. Mas, depois de um arrepio, Pétronille imagina-se num mundo em que Utu'wv Ecoko'nesel não aparecesse para lhe proteger a família. No tipo de violência de que seria capaz para proteger Émile e Hélène do perigo. Não é capaz de adivinhar o que teria feito e percebe que não saber é uma bênção. Belle pega no balde e na lanterna. Depois vira-se para Pétronille, o queixo iluminado com um brilho quente. O sorriso desapareceu.

— Às vezes ponho-me a imaginar — diz. Depois detém-se. Olha de relance para as flores e agarra melhor o balde antes de se virar para Pétronille. — Não sei quem se iria preocupar comigo se eu precisasse.

Começa a andar para a casa sem se virar para trás, seguindo o caminho sobre as poças de luz que a vela lhe vai desenhando.

Pétronille ainda estaria a matutar sobre as palavras de Belle, a tentar compreender a ponta de culpa que ficou a sentir depois de a mulher voltar para casa, a tentar conciliar a Geneviève que conhece com a pessoa que Belle descreveu, se não fossem as notícias que lhe chegam na manhã seguinte.

O povo Natchez foi capturado e ninguém fala de mais nada. O pequeno destacamento que ela tinha visto no dia anterior saiu da baía pantanosa antes dos outros navios; os soldados desceram o rio Negro, o rio Vermelho e o rio de St. Louis e, mais leves, viajaram mais depressa. Aqueles dois barcos eram os primeiros de muitos: em breve, todo o exército vencedor estará de volta e, com ele, quase quatrocentos homens e mulheres Natchez feitos escravos. Trezentos e oitenta e sete. O número não lhe sai da cabeça. Cada parcela do total representa uma pessoa, que pode ser uma mulher, que pode ser uma menina, que pode ser Utu'wv Ecoko'nesel.

É terça-feira, o dia em que Pétronille leva Hélène e Émile para o convento para a aula de catequese com Charlotte. Na carruagem, Hélène não se cansa de puxar as *culottes* do irmão.

— Mãe — resmunga Émile, mas Pétronille quase nem o ouve.

Os filhos, que estão sentados ao lado dela, parecem-lhe longe. Sente-se inquieta e alheada desde manhã cedo. Quase quatrocentas pessoas. Pela janela, vê um rapaz coxo a passar pela carruagem com um cesto de lagostins vivos. Pétronille está aliviada por ter para onde ir. Não queria deixar Geneviève sozinha, mas a amiga já lhe parecia melhor e *monsieur* Bienvenu está sempre ao seu lado.

Ao lado do convento, africanos escravizados desbastam mais um arpente de ciprestes do pântano. Para quem? Pétronille não sabe responder. A esperança de exportação de toneladas de tabaco foi-se quando Fort Rosalie se desmoronou, embora haja alguns otimistas que

defendam que a produção poderia ser transferida para Pointe Coupée. Mesmo assim, Pétronille não se lembra do nome do último barco que tenha trazido novos colonos. Ultimamente, deve haver mais navios a levar trabalhadores desiludidos de volta para a França do que a trazer trabalhadores novos.

O recinto das ursulinas cheira a farinha levedada, incenso queimado durante muito tempo e erva acabada de cortar. A irmã Marie Madeleine recebe Pétronille e as crianças com um dos seus sorrisos exagerados que lhe acentuam as cicatrizes da varíola. Como sempre, a vontade que a freira tem de ajudar é tão premente que se torna agressiva. Quando Pétronille chegou ao convento, a irmã Marie Madeleine teve de refrear o desejo de a consolar. A freira nunca conseguiu admitir que nada seria capaz de recuperar Pétronille, nem ela. Nem Deus nem a Virgem.

Charlotte está à espera delas à entrada da sala de aulas. O rosto afilou-se com os anos e a boca redonda tem agora o tamanho certo para preencher a covinha das bochechas fortes e sardentas. Faz sinal a Pétronille e às crianças para entrarem e quase nem repara na irmã Marie Madeleine. Pétronille já conhece bem a história, uma vez que Charlotte lha contou há alguns meses no final de uma aula: quando Charlotte se tornou oficialmente líder do coro e começou a ensinar a leitura dos textos às jovens recrutas, a irmã Marie Madeleine mostrou-se contra, argumentando que uma pensionista não deveria ter tanta responsabilidade. Mas as freiras recebiam todos os dias novas raparigas que haviam prometido educar, fosse como noviças ou como alunas. A madre superiora estava demasiado preocupada com a construção interminável do novo convento para se dedicar às queixas das irmãs. Charlotte gostava de repetir as últimas palavras da madre Tranchepain à irmã Marie Madeleine: «Estamos na Luisiana, esqueça. Precisamos de mulheres como ela.»

Charlotte fecha a porta e a freira desaparece com o seu sorriso congelado.

— A irmã Marie Madeleine nunca irá mudar — diz ela, lançando um olhar entendido a Pétronille.

A sala está vazia, a mobília é parca. Pétronille senta-se junto da janela, onde habitualmente aguarda enquanto as crianças estudam. Na sala ao lado, uma rapariga ri-se; depois faz-se silêncio. Émile puxa uma das gavetas do armário para pegar num livro e a madeira velha range; a luz de fevereiro desenha um triângulo na pedra bege entre a cadeira de Charlotte e a de Pétronille.

— Essa não — diz-lhe Charlotte, ocupada a fazer cócegas à mão com uma pena azul-escura. — Pega numa daquelas penas de ganso. — Depois vira-se para Pétronille, que sabe exatamente o que Charlotte vai dizer, porque todas as visitas semanais que ela faz começam com a

mesma pergunta: quatro palavras que Charlotte pronunciou timidamente pela primeira vez em julho, com falsa segurança de novo em agosto, depois repetidamente durante o outono e o inverno. — Como está a Geneviève?

Hélène empurra um tinteiro em cima da mesa.

— Melhor — responde a menina.

Charlotte deixa cair as mãos em cima dos joelhos.

— Melhor? — repete.

— A Hélène quer dizer que está descansada — diz Pétronille.

Émile lança um olhar à irmã. Pega-lhe na mão e arrasta-a de novo para a mesa. Charlotte segue-os com os olhos, os lábios cerrados.

— Descansada não tem nada que ver com *melhor* — aponta Charlotte.

— Esteve mais cansada nos últimos dias.

— Pétronille, tu não sabes mentir.

Pétronille cruza as pernas, depois descruza-as. Sabe bem que Geneviève não lhe contou toda a verdade sobre as poucas semanas que passou no convento há três anos. Só abordou o assunto uma vez, no hospital. Na altura, Geneviève falou de um beijo e Pétronille pensou na amante da amiga em Paris, nas muitas histórias que Geneviève lhe tinha contado sobre Amélie no *La Baleine*. Pétronille ficou feliz por ela e por Charlotte, por breve que o momento tenha sido. O comportamento de Charlotte não a surpreendeu; já tinha reparado na proximidade que ela tinha com Étiennette, mas nunca se detivera a pensar no assunto. Uma vez, em Château-Thierry, Pétronille deparara-se com duas criadas aos beijos e as mulheres nem se deram ao trabalho de se esconder dela, provavelmente convencidas de que a estranha criança não compreendia o que estava a ver. Mas, quando Pétronille lhe perguntou qual foi o resultado do que aconteceu no convento das ursulinas, Geneviève desviou o olhar e mudou de assunto. Pétronille não insistiu.

No convento, questionar Charlotte revelou-se ainda mais difícil; a simples menção do nome Geneviève parecia deixá-la tão inquieta que Pétronille não demorou a desistir. No verão, quando Charlotte começou a perguntar por Geneviève, Pétronille ficou surpreendida. Escolheu as palavras com cuidado; sabia que as respostas teriam peso.

— A Hélène tem razão — diz Pétronille. — A Geneviève está melhor, muito melhor do que no domingo.

— O cirurgião foi vê-la?

— Foi. A Geneviève vai ficar em repouso até ao nascimento do bebé.

Charlotte leva uma mão à têmpora. Coça alguma coisa que Pétronille não consegue ver. Parece estar prestes a dizer alguma coisa, mas aclara a garganta.



— Crianças, vamos começar — anuncia.

— Não te preocupes com ela — aconselha Pétronille.

Charlotte lança-lhe um olhar tão frio que Pétronille sente as faces a ficarem afogueadas.

— Vou tentar.

A aula demora uma hora e termina quando o sino toca para as vésperas. Émile está tão concentrado a copiar o exercício que não vê a irmã a arrumar o tinteiro. A voz de Charlotte não vacila uma única vez durante a lição. Torna-se mais baixa quando se despede de Pétronille à porta do convento, o vento a soprar entre elas e as crianças a saltar para as poças junto ao portão.

— Mandas alguém chamar-me se acontecer alguma coisa? — pergunta Charlotte.

Pétronille diz-lhe que ela será a primeira a saber. No caminho de volta, tenta lembrar-se se Charlotte sempre foi assim, inconstante e imprevisível, e lembra-se das variações de humor de *la petite* no *La Baleine*: a criança de cabelo ruivo a amuar no porão e a rapariga corajosa que as salvou a todas. Pela janela, a tarde cai sobre a cidade em tons pastel pontuados por nuvens. Pétronille pergunta-se quem Charlotte quererá ser.

Em casa, *monsieur* Bienvenu está recostado na poltrona junto às escadas. Pétronille fica surpreendida ao vê-lo ali. De manhã teve de se deitar por causa de uma dor de barriga que o acomete muitas vezes. Pedira-lhe que não contasse nada a Geneviève, e, embora o tenha achado terrivelmente pálido, Pétronille assentira. No entanto, ele levanta-se quando ela entra e espera que Belle lhe tire o manto das costas e leve as crianças para a cozinha para lavarem os dedos manchados de tinta.

— Teve uma visita hoje — diz ele. — O seu amigo. O *monsieur* Cléry.

*Monsieur* Bienvenu tem as faces coradas, as mãos cruzadas atrás das costas. Começa a andar de um lado para o outro. Não consegue esconder a raiva, como Geneviève lhe contou muitas vezes quando ela foi viver com eles. A frase parecera-lhe um elogio. «Não tem nada que ver com o *monsieur* Melet. É uma raiva que não dura, que não ferve», dizia, maravilhada. «Aparece e, simplesmente, desaparece!»

*Monsieur* Bienvenu detém-se ao fundo das escadas.

— Entrou aqui aos gritos — continua — a falar sobre a mulher, referindo-se a tudo o que ela conseguiu fugir, a violações e homicídios, e sabe Deus o que mais, usando termos abjetos.

Pétronille leva a palma da mão à testa. Sente a pulsação, leve, mas insistente.

— A Marie fugiu? — pergunta. Corrige-se. Tenta resistir, reprimir a parte dela que quer acreditar no que ouve. Tenta convencer-se do que

já sabe. As mulheres francesas voltaram há quase um ano, mas Marie não. Pétronille lembra-se da galé solitária no porto na semana passada, do destacamento a descarregar o casco; imagina *monsieur* Cléry a tomar conhecimento da chegada destas tropas e, com renovada esperança, a precipitar-se pela Rue d’Arsenal abaixo para perguntar aos soldados se alguém viu a sua mulher e os seus filhos. E depois o novo número, aquele sobre o qual Pétronille não pode falar com ninguém, assoma-lhe de novo ao espírito. Trezentos e oitenta e sete pessoas Natchez. Pétronille pergunta-se até onde poderá o desespero levar.

— Como é que eu havia de saber o nome de batismo da mulher? O homem está desvairado e delirante. Entra aqui sem avisar, aos gritos...

— O *monsieur* Bienvenu pontapeia alguma coisa: um parafuso caído, o brinquedo de uma criança. — Não admito esse tipo de comportamentos na minha casa. — Baixa a voz, como se não tivesse estado a gritar um momento antes. De repente, parece incrivelmente preocupado. — Não acha que a *madame* Bienvenu já está a sofrer o suficiente? É preciso incomodá-la com esta sandice?

— Peço desculpa — sussurra Pétronille.

*Monsieur* Bienvenu volta a sentar-se na poltrona. A noite cai sobre a única janela do corredor. Ouve-se Louise a gemer no andar de cima e passos pesados a ressoar. *Monsieur* Bienvenu olha de relance para o teto e depois volta a pôr os olhos nela.

— Diga ao *monsieur* Cléry que não é bem-vindo nesta casa — diz.

— Assim farei.

Ele assente. Já não parece zangado. Só cansado. Começa a subir as escadas.

— Sabe, acho que ele não lhe está a fazer nada bem.

*Vai ser a última vez que vou falar com ele*, diz Pétronille a si mesma, *pelo menos até o bebé da Geneviève nascer*. Não iria permitir que *monsieur* Cléry voltasse à casa dos Bienvenu. O homem não pertencia àquela casa, o passado tinha de ficar longe dali. A casa de Geneviève foi o local onde Pétronille tentou melhorar. Pela primeira vez, percebe a felicidade que lhe poderá trazer a mudança para uma nova casa; uma casa que nunca a tenha visto sofrer ou em dificuldades, onde tudo ainda poderá ser possível.

Um dia depois da visita não anunciada de *monsieur* Cléry, ela dirige-se, a pé, à casa dele. Apesar do clima, não quis pedir nada a *monsieur* Bienvenu, nem sequer uma carruagem, mas, assim que sai de casa, é surpreendida pelo vento gelado, que lhe fustiga o rosto e lhe puxa a pele como se a fosse quebrar. Pétronille não disse a Geneviève aonde ia. Antes de Pétronille sair, a amiga estava sentada na cama a escrever uma carta. Riram-se quando Pétronille lhe perguntou se

estava mesmo a usar a enorme barriga como escrivadinha.

«Estou a aproveitar enquanto posso», gracejara Geneviève, dando uma palmadinha no monte de cobertores, embora com a voz tingida pelo cansaço.

Na Rue d'Arsenal, a porta abre-se antes de Pétronille ter tempo de bater. *Madame* Lemoine é tão larga como a porta. O calor da casa parece irradiar-lhe do corpo.

— Quem é que desenhou esta cidade? Quem? O vento nestas ruas retas... Olhe para a sua cara. Cheia de muco!

Pétronille fecha a porta depois de entrar. Um retrato enviesado de um homem melancólico pende da parede. O frio cola-se-lhe às costas como uma camisa húmida.

— O *monsieur* Cléry está?

— Está — suspira *madame* Lemoine —, e não está sozinho.

Pétronille franze o sobrolho. *Monsieur* Cléry está sempre sozinho. A respiração de Pétronille acelera.

— Quem é que está com ele? — pergunta.

A senhoria encolhe os ombros.

— Um soldado qualquer — responde, e os músculos de Pétronille relaxam, a esperança e a desilusão a abaterem-se sobre ela de uma vez. *Madame* Lemoine faz sinal para as escadas. — E não é um militar muito dado ao respeito, se quer que lhe diga.

Pétronille reconhece o riso de *monsieur* Cléry, um som relinchante e contagiante, muito antes de chegar à saleta onde costuma conversar com ele. Quando entra na divisão fumarenta, os homens fazem um silêncio total. A mesa é um mar desordenado de pratos: uma torta desmoronada, frango mergulhado em geleia. As cortinas foram todas fechadas, à exceção da da janela redonda. Podia ser meia-noite que não fazia diferença. Mesmo sentado, ela consegue perceber que o soldado é alto; tem uma camisa larga a cobrir-lhe o tronco ossudo, a colher cheia de sopa a cair na toalha de mesa. *Monsieur* Cléry segura um copo com a mão levantada entre eles, como se estivesse a fazer um brinde. Quando a vê, o sorriso torna-se mais aberto.

— Oh, que maravilha! — diz. — Não, que maravilha não. Isto é perfeito. É ainda melhor do que se a tivesse encontrado ontem na casa do *monsieur* Bienvenu. — A voz é de entusiasmo, os tendões estão bem visíveis no pescoço. Pétronille senta-se na cadeira que *monsieur* Cléry puxa para ela. — Nunca tinha mencionado que o *monsieur* Bienvenu era tão irascível.

— Não é — diz Pétronille. — E o senhor não deveria ir assim...

— A *madame* Ducros — interrompe-a *monsieur* Cléry, virando-se para o soldado — é a querida amiga de que lhe estava a falar.

— Minha senhora — cumprimenta o homem. As feições convergem para um nó apertado no meio do rosto. Bebe um pouco. Os olhos

fixam-se em Pétronille até engolir a bebida.

— E este é o soldado Blanchet — anuncia *monsieur* Cléry. Detém-se como se o nome devesse soar familiar a Pétronille. A vela tremeluz sob a respiração do homem, que cheira a puré de batata e licor. — Ele viu a Marie — continua *monsieur* Cléry. — Ele viu-a. Eu sei no que está a pensar, mas ouça-o. Diga-lhe — pede ao soldado Blanchet.

— Ela foi uma das mulheres francesas que a Braço Tatuado manteve por perto até ao fim. — O soldado detém-se. — Ela sabe quem é a Braço Tatuado?

— Sabe... — responde *monsieur* Cléry.

— Sei — replica Pétronille num tom seco.

Está a referir-se à tia de Utu'wv Eco'ko'nesel, pensa Pétronille, mas não diz nada. O fumo do cachimbo irrita-lhe as narinas.

— É a mulher Grande Sol — explica o soldado Blanchet.

— Eu disse que a conhecia.

O homem relanceia para ela. Parece surpreendido, preocupado até.

— Pessoalmente? — pergunta. Depois enche mais um copo de vinho, mantendo uma postura indiferente. A garrafa quase derruba o copo.

— Não — responde ela.

A expressão do soldado fica mais aliviada.

— Bem, parece que ela não se livrou de todas as francesas que a serviram em abril passado. Manteve as mais sagazes com ela.

— A Marie — esclarece *monsieur* Cléry.

— Baixinha, determinada, cabelo louro.

— A Marie — repete *monsieur* Cléry. Olha para Pétronille. Não deve ter gostado da expressão no rosto dela porque roda imediatamente a cabeça para o soldado. — Ela precisa de mais contexto, fale-lhe da expedição.

— Claro — diz o soldado Blanchet. — Começámos a subir o rio Negro em meados de janeiro e, alguns dias mais tarde, deparámo-nos com dois grupos de índios Natchez. Abatemos imediatamente dois selvagens, um homem e uma mulher.

Pétronille estremece, mas obriga-se a ouvir a história da última batalha: como os franceses percorreram a baía pantanosa sob chuvas intensas, como acamparam atrás de um monte tão perto de Fort Valeur que podiam ouvir a mosquetaria do inimigo, como atiraram granadas quando os Natchez se recusaram a libertar os africanos escravizados e como continuaram a combater, apesar das chuvas fortes que transformavam a pólvora em lama. As trincheiras que foram cavadas até que, ao fim de quatro dias de batalha, chegaram finalmente a um acordo de paz com o jovem Grande Sol.

Pétronille perscruta o homem enquanto ele fala. O soldado fá-la lembrar os muitos rapazes andrajosos e mantidos a álcool que

costumavam vaguar junto a Fort Rosalie. Nada a perder, dispostos a tudo para se tornarem as pessoas em que a Luisiana os deveria ter transformado. Depois, o olhar de Pétronille vira-se para *monsieur* Cléry. Tem as pupilas dilatadas e assente veementemente ao ouvir tudo o que o soldado Blanchet conta, como se também ele tivesse estado lá, a combater no campo de batalha.

— O chefe da Aldeia da Farinha fugiu com o seu povo — conclui o soldado Blanchet —, mas ainda estamos a trazer a maior parte dos índios para aqui.

— Conte-lhe o que viu...

— Não — interrompe Pétronille; a voz sai-lhe alta e límpida dos lábios. — Eu não vim cá para ouvir falar na guerra. — Inspira profundamente. Parece-lhe extraordinariamente difícil falar. — A Marie desapareceu — diz a *monsieur* Cléry.

Ele encara-a, sem desviar o olhar vazio. Tem os lábios entreabertos, a mão de cobre caída sobre os sucos da carne. A expressão do rosto é tão patética que Pétronille se pergunta se ele irá começar a chorar. Pétronille pensa em Utu'wv Ecoko'nesel, na última vez que a viu, sozinha na margem do rio com fetos a roçarem-lhe as barrigas das pernas nuas.

— A Marie desapareceu — repete, compreendendo que se refere não só a Marie, mas também a Utu'wv Ecoko'nesel.

Ouvem-se ruídos no meio do silêncio que se instala entre eles. A senhoria a arrastar vasos no andar de cima, as rodas de uma carruagem solitária a bater-se contra o inverno. O copo do soldado Blanchet a assentar na madeira.

— As tropas deverão estar de volta no final da semana — diz. O tom é ligeiramente frenético. Não se inclina para a frente para pegar na garrafa e encher mais um copo de vinho.

*Monsieur* Cléry ignora-o e perscruta o rosto de Pétronille antes de se virar para o soldado Blanchet.

— Acho que é melhor ir.

O soldado protesta, mas sem muita convicção. Sussurra qualquer coisa ao ouvido de *monsieur* Cléry, pega no casaco e no chapéu coçado e cambaleia até à porta. *Monsieur* Cléry não desvia o olhar da janela redonda quando a porta bate.

Vira-se para Pétronille.

— A senhora também — diz-lhe.

Cinco dias depois, o vento sopra alto. Pétronille semicerra os olhos ao sol do inverno, que brilha entre nuvens rápidas. Olha para Mélanie e Hélène, a brincar junto ao charco pela primeira vez desde o Natal. A água agita-se levemente: parecem gotas de chuva, mas são só insetos a saltar na superfície. Hélène ajoelha-se na erva e no lodo, Mélanie

vigia-a pacientemente, por enquanto.

Debaixo do mesmo sol e das mesmas nuvens, a alguns quarteirões de distância, o exército que regressou comemora a vitória em Fort Valeur. Trezentos e oitenta e sete mulheres, crianças e guerreiros Natchez não demorarão a desembarcar. Estiveram à espera a manhã inteira, desde que as galés começaram a encher o porto. Quando Belle voltou da baía pantanosa de Saint-Jean, disse que nunca tinha visto o mercado tão vazio e que até os legumes acabados de trazer da costa dos alemães tinham sido ignorados pelos habitantes distraídos.

— Está toda a gente à espera na praça — concluiu Belle, a abanar a cabeça e com uma expressão de repugnância.

Mélanie senta-se ao lado de Pétronille; estende-lhe uma flor azul que se abre como uma boca.

— A Hélène quer saber como é que esta se chama. E aquela ali também — diz Mélanie, lançando um punhado de pétalas largas em tons de cor-de-rosa e vermelho para cima do banco. — Já estavam na erva. Ela não deixa ninguém estragar as plantas. — A rapariga solta um riso igualzinho ao de Geneviève, com os lábios ligeiramente curvados a mostrar as gengivas rosadas. — Até me admira ter-me deixado trazer estas para aqui.

A flor é um amor-perfeito. Pétronille não sabe a que espécie as pétalas pertencem. Ultimamente, tem-se surpreendido com o renovado interesse que tem tido pelas plantas. Até começou a substituir algumas das flores e ervas secas que lhe enchem a trouxa Natchez por outras mais frescas. Pétronille aproxima uma das pétalas avermelhadas para a ver melhor

— Se fosse verão, diria que é hibisco — diz, hesitante.

— *Madame* Ducros, está aqui uma pessoa que quer falar consigo — avisa Belle, junto ao limiar da porta.

— Não me demoro — responde Pétronille. Está sempre à espera de que seja *monsieur* Cléry, embora saiba que ele não a visitará tão cedo. Depois de o encontrar com o soldado, não ouviu notícias dele até ao dia em que recebeu um bilhete em que ele pedia desculpa pela cena com o soldado Blanchet e lhe dizia que gostaria de não ser incomodado por uns tempos. Dizia que sabia que ela iria compreender. Pétronille devolve o amor-perfeito a Mélanie. Na erva, uma mosca morta dobra as pernas num abraço dramático. — Toma conta da Hélène — pede ela, mas Mélanie já está a caminho do caramanchão.

Quando entra em casa, uma das jovens recrutas das irmãs ursulinas espera junto às escadas, de braços cruzados sobre o vestido escuro. Tem uma carta na mão.

— Da *madame* Charpillon — informa.

O lacre escorreu em dois fluxos bem definidos. Pétronille aponta

para o nome de Geneviève no papel dobrado.

— Eu encarrego-me de lha levar.

Encontra a porta de Geneviève entreaberta. De manhã, a amiga parecia sentir-se melhor. Não se cansava de falar das últimas notícias da França, de como o decreto real tinha acabado de formalizar a retrocessão da terra da Companhia das Índias para o rei de França. Ao fim de anos de luta, a Luisiana tinha finalmente acabado com os sonhos da Companhia: a colónia nunca havia de ser o negócio próspero e florescente que esperavam que fosse. A notícia pareceu assustar Geneviève.

— Esta terra está condenada, se até os antigos diretores abdicam das concessões que tinham — insistiu.

Ver a amiga zangada e impulsiva, de novo dona da própria voz, deixou Pétronille mais tranquila.

Geneviève senta-se na poltrona junto à janela. Os seus olhos seguem Hélène e Mélanie, que se dirigem para o banco, a mão de Hélène fechada num punho.

— Acho que apanharam um tritão.

— Chegou isto para ti — diz Pétronille, estendendo-lhe a carta. Geneviève olha para o próprio nome, e Pétronille pergunta-se quanto tempo irá demorar a reconhecer as enormes curvas do B e do G que caracterizam a caligrafia de Charlotte. Ocorrem-lhe outras perguntas — Pétronille tem curiosidade em relação à carta —, mas não as faz. O sol bate, irregular, na janela, pelo que ela vê parte do seu reflexo a flutuar no relvado e as duas meninas a passar por cima dele como se ela fosse um fantasma. — A Hélène nunca pegaria em algo tão pegajoso — observa Pétronille, a tempo de ver uma salamandra aparentemente húmida e escapar da mão da filha.

— Nunca se sabe — diz Geneviève, ainda a olhar para o papel.

— A Charlotte parecia preocupada contigo — comenta Pétronille.

— A sério?

Há uma amargura na voz de Geneviève. A luz de inverno alisa-lhe as feições, deixa-lhe as sombras debaixo dos olhos mais cinzentas.

— Infelizmente, a Hélène falou da visita do Dr. Le Cau da última vez que fomos às ursulinas — diz Pétronille.

Geneviève deixa cair a carta no colo. Olha para Hélène e Mélanie, agora sentadas ao sol e tão perto da janela que as suas vozes vibram atrás do vidro.

— Vais lá? — pergunta a Pétronille.

— Ao convento?

— Não. Ao porto.

O número — trezentos e oitenta e sete — palpita-lhe na cabeça. Pétronille tem vindo a perguntar-se o mesmo desde que Belle voltou do mercado. No jardim, Hélène grita:

— Não faças isso! — E Mélanie detém-se com um amor-perfeito desfeito na mão. — Pega só nas flores de que precisares — continua Hélène, a falar tão alto que Pétronille não consegue perceber a maior parte das palavras.

Adivinha facilmente a outra metade da frase, porque foi ela que a sussurrou a Hélène. Estavam fora de casa com Utu'wv Ecoko'nesel, ajoelhadas na alameda de laranjeiras que dava para a casa, à procura de flor-de-cera e madeira lisa. «Pega só nas flores de que precisares e só se pretenderes fazer algo útil com elas», dissera Pétronille quando Hélène lhe aparecera à frente com um enorme ramalhete de íris e bocas-de-lobo. Mais tarde, a menina perguntara-lhe quais eram as coisas úteis e as que não eram. «Tu é que tens de decidir», respondera-lhe Pétronille.

— Vais? — pergunta novamente Geneviève.

Lá fora, Mélanie afastou-se do canteiro de flores. As raparigas atravessam o relvado de mãos vazias.

— E se a Utu'wv Ecoko'nesel estiver lá? — pergunta Pétronille.

— Nesse caso, saberás — responde ela.

— Eu não quero saber.

Geneviève usa os dedos do pé para puxar o apoio de pés para mais perto da poltrona, sempre com o maxilar bem cerrado.

— Ouvi dizer que duzentas e oitenta pessoas Natchez fugiram com o chefe da Aldeia da Farinha.

— Eu sei. E se eu não for lá posso imaginar que ela foi uma delas.

Geneviève assente. Reajusta a camisa de noite e o umbigo aparece sob o tecido. Protuberante, tenso, como algo prestes a romper-se.

— Sabes, a Utu'wv Ecoko'nesel foi muito corajosa quando decidiu ajudar-te.

Pétronille fica paralisada. É a primeira vez que Geneviève pronuncia o nome de Utu'wv Ecoko'nesel. E da forma correta. Pétronille articulara-o uma ou duas vezes no hospital, depois fora silenciada. Geneviève só aludia a Utu'wv Ecoko'nesel como último recurso para tirar Pétronille da cama, mas, tirando isso, evitava essa parte da história da amiga. Ao invés, fazia-lhe perguntas sobre os dias que antecederam o ataque, sobre o comandante de Fort Rosalie a que ela chama um «magnífico idiota» ou sobre as escaramuças de 1722 e 1723, acerca das quais Pétronille lhe falara no dia de verão em que se haviam encontrado em Natchez. As perguntas eram sempre factuais, precisas. Contudo, Geneviève nunca reconheceu que a memória de Utu'wv Ecoko'nesel deveria ir além do papel que desempenhou a certa altura em Fort Rosalie.

Pétronille levanta-se. Pensa na Place d'Armes, nas galés, em toda a gente ali reunida. Pergunta-se se os Natchez já começaram a desembarcar. Os passos rápidos de Hélène e Mélanie ecoam nas



escadas.

— Eu volto antes da ceia — diz Pétronille.

Geneviève sorri.

— Quando foi a última vez que me viste a comer na sala de jantar, afinal?

No porto, os barcos oscilam, os mastros parecem arpões apontados para o céu, as nuvens deslizam rapidamente atrás deles, inteiras e densas. Pétronille inclina-se para a janela da carruagem. Na primeira hora, a cena parece-lhe sinistramente familiar: soldados a precipitarem-se da água para as casernas, com flores-de-lis murchas nos uniformes rasgados; homens a cantar com os dentes cerrados. Há tropas em toda a parte, como as que testemunhou há poucas semanas quando foi chamar o médico. Só que hoje os soldados são dez vezes mais numerosos e estão duas vezes mais animados. Há uma vitória para celebrar, e a alegria dos soldados, a aguardente que bebem com avidez e as pistolas que disparam trazem à memória de Pétronille os tempos em que tinha nove anos em Château-Thierry e, encurralada na sala de jantar com as joviais convidadas da mãe, teve a mesma sensação de estar tão alheada da cena que se desenrolava em seu redor que as duas coisas não poderiam de forma nenhuma pertencer ao mesmo mundo.

— Está tudo bem, senhora? — pergunta Constantin, do banco do cocheiro.

Pétronille vê um canhão desgovernado a rebolar pela prancha de embarque abaixo e a ameaçar esmagar um sargento gordo antes de embater, com estrondo, na lama. Os homens riem-se e depois retomam o trabalho de descarregamento. Ela continua a olhar e vê pó a cair dos cornos de touros usados como depósitos, mulheres a pedir ajuda com os barris de ervilhas-do-pântano e carne salgada; junto ao molhe, os soldados empilham machados e mosquetes. As galés parecem crescer com cada arma e munição lançada borda fora, como se os cascos dos navios fossem mágicos e se expandissem até terem tamanho suficiente para combater uma guerra na água.

Quando os primeiros Natchez aparecem no convés do *L'Aigle*, Pétronille abre a porta da berlinda. Sente o tornozelo fraco no estribo da viatura. Encosta-se às rodas, o manto a molhar-se ao absorver os detritos do eixo.

Os homens saem primeiro. Guerreiros cuja tinta dos rostos já secou e que se desfaz ao mais pequeno toque. Tangas vermelhas e azuis a abraçar-lhes as virilhas. Algumas penas, tão inseguras nas respetivas contas que o vento não demorará a soprá-las de volta para o ar a que pertencem. Seria fácil voltar a colocar as penas no lugar, mas os homens têm as mãos atadas. Os guerreiros avançam entre filas de

soldados em direção à prisão da cidade. Pétronille apoia o peso todo nos eixos da carruagem e a madeira afunda-se-lhe nas omoplatas.

Quando chegam as primeiras raparigas, Pétronille desvia o olhar e fixa-o nas nuvens ligeiras. Depois obriga-se a baixar os olhos novamente. Os transeuntes e os soldados estão parados. A fila aparentemente interminável de mulheres Natchez é o único movimento no porto. Uma das meninas mais novas tem as mãos livres e estende-as para agarrar a saia de casca de amoreira da mãe. Pétronille fica com um nó no peito ao ver a forma como as coxas da mulher agitam o tecido. A roupa de Utu'wv Ecoko'nesel sempre a fascinou: a madeira, que já fora uma árvore, a fazer-se macia em contacto com a pele. Pétronille perscruta o rosto das mulheres, inclinando a cabeça quando uma lhe escapa. Um seio tatuado ou uma serpente escarlate num braço carnudo, uma rapariga de cabelo castanho com sangue seco na testa, um bebé de colo a olhar para o vazio. Pétronille deseja ardentemente desviar o olhar, para, mais tarde, poder tentar convencer-se de que Utu'wv Ecoko'nesel pode ter-lhe escapado. A prancha de embarque é levada para a segunda galé e uma segunda fila de mulheres esconde a primeira dos olhos de Pétronille. Um capitão de barba escura ordena, com voz grossa, que se despachem, que acelerem o passo.

Pétronille deixa-se ficar a olhar até o Sol se pôr, até o porto e a Place d'Armes se esvaziarem e não se ouvir senão o som vociferante vindo das casernas do exército e, mais tarde, as vozes de dois soldados a passarem ao lado de Constantin, o mais novo a queixar-se de que a prisão é demasiado pequena e de que a maioria das mulheres terá de ser enviada para os aposentos dos escravos na plantação do rei.

— Mais uma boa razão — diz o colega — para os metermos rapidamente num navio e os vendermos em São Domingos.

— Minha senhora? — À frente da carruagem, Constantin aquece as mãos debaixo das narinas da égua. Tem os lábios secos do frio. — Não é melhor irmos para casa?

— Sim — responde Pétronille.

Pergunta-se por instantes o que Constantin pensará dela, uma mulher francesa que fez questão de assistir àquele espetáculo mórbido. Não sabe se ele ouviu falar do que ela passou em Natchez. Só deseja uma coisa: ir para casa, ver Geneviève e dizer-lhe que ficou ali até ao fim.

«A Utu'wv Ecoko'nesel não estava entre elas», dirá. Sabe que não quer dizer que ela lhe não lhe tenha escapado: Utu'wv Ecoko'nesel poderia estar muito perto de outra mulher que lhe escondesse o seu rosto redondo. Poderia ter morrido durante o cerco ou na viagem ou procurado refúgio junto da tribo aliada, algures mais longe, como muitas outras fizeram. Pétronille nunca saberá o que aconteceu à

amiga. E terá de viver com isso.

Quando Pétronille e Constantin regressam, não se veem nem se ouvem crianças em lugar nenhum. Belle sai do quarto de Geneviève, com água quente a ferver num pequeno caldeirão. Franze o sobrolho ao ver o marido a esfregar as mãos geladas. Constantin acena-lhe rapidamente com a cabeça e percorre o corredor. Quando Pétronille lhe pergunta como está Geneviève, Belle abana a cabeça. O vapor que sobe do recipiente turva-lhe as feições.

— Contrações — diz.

— O trabalho de parto já começou?

— O médico veio cá e disse que não — responde Belle. — Mas eu acho que não vai demorar. Ela vai precisar de nós — acrescenta, precipitando-se para a cozinha.

O sangue corre dolorosamente nos dedos gelados de Pétronille. Na sala de estar, vislumbra *monsieur* Bienvenu a beber um copo de *brandy* de costas para ela. A casa parece-lhe tão estranha como da primeira vez que lá entrou, num dia quente, sete meses antes, com Geneviève a dizer que agora estava em casa.

Pétronille dirige-se para o quarto da amiga e o cheiro chega-lhe ao nariz antes de ela empurrar a porta. Ferro e suor, algo que se prolonga na língua. Depois vem o barulho. Rouco, ar a roçar a garganta. O corpo da amiga na cama como um animal ferido.

Pétronille senta-se ao lado dela. Poderia estar a pensar em Lorient, poderia estar a olhar para o reflexo de ambas de há quase onze anos: Geneviève inclinada sobre ela, deitada na cama à espera de que o filho desaparecesse. Geneviève a dizer-lhe que nada dura para sempre, nem sequer a dor que sentia. Pétronille poderia estar a lembrar-se destas palavras, que ainda lhe parecem muito relevantes, mas, hoje, impronunciáveis.

Mas a verdade é que Pétronille pensa em Utu'wv Eoko'nesel. Numa gloriosa tarde amena em Natchez em que o verão está finalmente a atingir o equilíbrio perfeito entre a luz e a brisa, em que ainda ninguém tinha morrido e a aldeia vivia uma paz precária, injusta, mas real. À frente dela, Utu'wv Eoko'nesel está inclinada sobre a mesa, a faixa tatuada que lhe atravessa o nariz franzida de concentração, os brincos de madrepérola a oscilar levemente e os olhos amarelos tão concentrados nos seus gestos que Pétronille não ousa interrompê-la. Utu'wv Eoko'nesel está a mostrar-lhe uma receita simples que se destina a aliviar a dor do parto. Um pequeno remédio que não visa salvar ninguém. Só tentar, quando e se for possível.

— Eu já volto — diz Pétronille. Pega na mão de Geneviève e aperta-a com força. — Tenho uma coisa que te poderá ajudar.

*Nova Orleães, junho de 1734*

## Geneviève

Já é tarde quando Geneviève regressa da plantação. O lago Pontchartrain fica a apenas algumas léguas de distância de Nova Orleães, mas, com o calor que está, a viagem pareceu-lhe interminável. Quando a carruagem entra na cidade, as ruas estão finalmente a arrefecer. Os soldados das casernas próximas sussurram para mulheres de olhos delineados.

A viagem fora um fracasso total. Tinha-se esforçado muito para marcar uma reunião com *monsieur* Rachard, um dos produtores de indigueiros mais importantes de São Domingos. Deu-lhe a conhecer os campos de indigueiros que herdou do marido há três anos, mostrou ao convidado a cuba cheia de ramos em decomposição, o sedimento a secar em tabuleiros de madeira. Explicou que o índigo que produzia era da melhor qualidade; até os espanhóis o reconheceram. Ofereceu-lhe vinte por cento dos melhores lotes: uma vez que ele estava a produzir quatro safras por ano e ela três, seria justo que ela obtivesse a mesma percentagem das vendas que ele fizesse enquanto ela ainda esperava pela colheita. Assegurou-lhe que seria uma situação em que ambos ficariam a ganhar: poderiam partilhar uma percentagem dos lucros para manter uma produção constante. Era melhor serem aliados do que rivais.

Porém, *monsieur* Rachard prometeu apenas que lhe escreveria em breve, num golpe de despedida misterioso que a deixou a cambalear. A reação do homem preocupa-a. Quando o recebeu no início da tarde, o sorriso do homem fê-la lembrar um cavalo a comer-lhe da mão estendida: algo desajeitado, surpreendentemente dócil e vagamente ameaçador. Quando ele lhe disse que tinha mais alguma coisa em mente, Geneviève não pensou num focinho penugento, mas em maçãs esmagadas por maxilares veementes. Geneviève passou a viagem de volta a afastar imagens de *monsieur* Melet do espírito e de como ele tinha conseguido esconder quem era realmente até saírem juntos do

País de Illinois.

*Monsieur* Bienvenu fora um homem completamente diferente: teimoso como uma criança, mas incrivelmente cordato e atencioso. Depois dos meses infernais passados com *monsieur* Melet, o novo marido fora uma surpresa; Geneviève deixou de temer o som das botas de um homem e de trancar a porta do quarto de Mélanie à noite. Com um novo marido, ninguém tentaria apoderar-se da sua casa. Por isso, quando *monsieur* Bienvenu, que tinha ido para a Luisiana para começar a cultivar os seus próprios campos de indigueiros, a pediu em casamento, Geneviève aceitou.

*Monsieur* Bienvenu estava convencido de que aquela nova indústria iria salvar a colónia. Contudo, não viveu o suficiente para ver a plantação crescer e para trabalhar com o encarregado que viria a instalar-se na casa grande que *monsieur* Bienvenu queria construir junto aos campos. Geneviève sempre soubera que a casa era um desperdício de dinheiro, mas *monsieur* Bienvenu insistia que servia para impressionar os escravos, tinha esperança de a comprar em breve para limpar o terreno. «Eles têm de ser lembrados da posição que ocupam», começou a dizer em junho de 1731, quando um grupo de africanos liderados por Samba Bambara, um intérprete escravizado, foi acusado de conspirar contra os franceses. Num dia de verão, *monsieur* Bienvenu regressou a tremer da Place d'Armes, sempre a repetir que, de acordo com o Conselho Supremo da Luisiana, os membros da conspiração tinham feito planos para assassinar todos os brancos de Pointe Coupée a La Balize.

Naquele verão, Geneviève não prestara muita atenção ao julgamento. Não podia, uma vez que decorreu poucos meses depois do difícil parto de Elisabeth. Na altura, pôde contar com a ajuda de Belle para tomar conta das crianças, o que, percebe hoje, não deveria ter tomado como certo. Na única vez em que falou da conspiração, Belle soltou uma risada. «O meu povo chama-se Yoruba», disse. Não fora a primeira vez que Geneviève ouvira falar na terra de Belle, dos pássaros a secar as asas nos manguezais, dos tabuleiros de adivinhação dos padres de Ifá e das danças de agosto realizadas em homenagem a um certo Oshun. Geneviève nunca conseguiu perceber a religião de Belle, o seu deus supremo chamado Olorun, os espíritos dos orixás. No entanto, ao longo dos anos, aprendeu a fechar os olhos às orações que estavam a ter lugar nas dependências dos escravos. A única coisa que fazia era proibir Belle de partilhar as suas crenças com as crianças. «Não sei do que é que está a falar», concluiu Belle a respeito de uma pretensa rebelião. «Não sou Bambara. Não posso falar por eles.»

Naquele altura, Geneviève pensava que os africanos escravizados vinham todos do mesmo país. Mas isso foi antes de *monsieur* Bienvenu lhe assegurar que o povo Bambara tinha planeado escravizar todas as

peças pretas que não pertencessem à sua nação depois de assumir o controle da colônia. Ou, pelo menos, foi o que o governador disse.

Geneviève nunca quis ter nada que ver com a plantação do marido, mas não podia viver sem um rendimento; a ideia de viver na miséria como quando era criança aterrava-a. Quando o Dr. Le Cau a informou de que *monsieur* Bienvenu tinha um problema de rins, e que a saúde do marido estava a piorar rapidamente, Geneviève começou a escrever tudo o que ele lhe conseguiu dizer sobre a produção de índigo. Mais tarde, fez perguntas a cavalheiros de Nova Orleães que nunca tinham posto as mãos numa cuba, que só conheciam esta nova indústria na teoria, e ouviu as descrições que faziam sobre a fermentação, a oxidação e a sedimentação, interrompendo o discurso sempre que usavam uma palavra mais elaborada para verem se ela estava a prestar atenção. Estava. Pela primeira vez na vida, Geneviève estava em condições de tomar decisões que dependiam apenas dela.

Compreendeu finalmente o que estava demasiado desamparada para compreender depois da morte de Pierre no País de Illinois e demasiado chocada para apreender depois do funeral de *monsieur* Melet. Compreendeu a razão por que as viúvas eram temidas. Eram mulheres livres.

Lembra-se da surpresa do encarregado no dia em que foi pela primeira vez sozinha à plantação, quando ela lhe pediu que reunisse os dez africanos escravizados que *monsieur* Bienvenu comprara à frente da casa principal. Hérin sacudiu-se, abriu a boca e afastou-se. Um momento depois, Geneviève viu os homens e as mulheres a sentarem-se na terra revolvida, com as crianças ao colo caladas por uma mão nos ombros. Sob a luz de inverno, Geneviève descreveu-lhes como fermentar as folhas dos indigueiros, filtrar o líquido escuro para o misturador e mexer durante horas para que o ar acelerasse o processo, antes de deixarem que o índigo repousasse na tina baixa. Mostrou-lhes as plantas e as sementes e apontou para os grandes armazéns.

Os escravos ouviram-na e observaram tudo o que ela lhes mostrou. Mas ela também se lembra dos sorrisos que viu naquela manhã. Demorou dias a compreender, a meio de uma conversa com Belle, que o marido e os cavalheiros de Nova Orleães que lhe haviam descrito o processo de cultivo dos indigueiros e de transformação do índigo se esqueceram de lhe dizer que os colonos brancos tinham aprendido aqueles métodos com os negros. «A minha mãe era tintureira», disse-lhe Belle, «e eu também era.» Geneviève sentiu-se a corar. Tinha descrito a um conjunto de africanos, tanto homens como mulheres, um processo por eles inventado. Sentiu-se tão envergonhada que não voltou à plantação durante semanas. Quando perguntou a Belle porque nunca lhe tinha dito qual era a sua profissão, Belle demorou a

responder. «Porque a senhora raramente me faz perguntas.»

Esta noite, quando a carruagem chega, Belle espera-a junto à porta; a luz da lanterna brilha-lhe nas maçãs do rosto altas e no vestido cinzento que cai de modo perfeito no quadril estreito. Constantin agarra as rédeas dos cavalos e sussurra-lhes às orelhas enquanto os leva para o estábulo. Belle pega no baú num movimento rápido. Geneviève espera que a escrava nunca tenha saído de perto das crianças e que Alexandre esteja melhor. Costumava confiar nela sem hesitar, mas desde que o filho de quinze anos de Belle adoeceu, há algumas semanas, a escrava tem passado cada vez mais tempo com ele e menos com Mélanie e os irmãos. Geneviève sabe que deveria estar mais presente, mas por enquanto não tem outra opção.

— As crianças pensavam que voltava ontem — diz Belle.

O corredor está quase às escuras e Geneviève tropeça em *culottes* caídas, mais uma coisa que Belle deixou por arrumar. Na plantação, Geneviève evita sempre pensar nos cinco filhos. Hérin já lhe tem desdém suficiente ao vê-la como patroa, não há necessidade de o lembrar de que também é mãe.

— Eu também pensava. O Alexandre está melhor?

Belle encolhe os ombros. Raramente pronuncia os nomes franceses do filho e do marido; não lhes encontra significado e diz que nunca poderão competir com os que eles receberam ao nascer. A única vez que Geneviève lhe perguntou qual era o nome de batismo dela, Belle deixou escapar um enorme riso. Se tivesse de renunciar a quem era, teria escolhido um nome tão lisonjeiro quanto o seu nome verdadeiro.

— A febre voltou a aumentar à tarde — responde.

Não é a primeira vez que têm esta conversa. Quando Geneviève foi ver Alexandre, pouco depois de ele ter adoecido, não lhe restava nada do rapaz vivaz e sorridente que ela via tantas vezes no estábulo com o pai. Tinha a testa húmida, veias pequenas sob os olhos fechados; havia um pequeno jarro junto à enxerga. Todos os dias, ao romper da aurora, Belle vai ao rio enchê-lo; Geneviève não sabe porquê. Quando se ofereceu para ir chamar o cirurgião, Belle recusou. Disse que o médico não seria capaz de sarar o corpo e o espírito do filho.

— Talvez a *madame* Lancert possa ter outra sugestão — tenta agora Geneviève, na esperança de que Belle confie mais rapidamente em Pétronille do que no Dr. Le Cau.

Belle endireita as costas.

— Tomei devidamente conta dos seus filhos enquanto a senhora não estava em casa, se é isso que quer saber — diz.

Geneviève respira fundo. Belle tem razão, é claro que foi essa a ideia que lhe passou pela cabeça. Mas também sabe que o encarregado da plantação nunca deixaria que um escravo falasse com ele daquela maneira, uma das razões por que Geneviève nunca enviaria Belle para

o lago Pontchartrain, não obstante o conhecimento de tinturaria que ela possui. No mês passado, Hérin soltou os cães de caça para irem atrás de Jasmin sem a consultar primeiro. O velho escravo foi capturado uma semana depois, mas tinha o pé gravemente ferido. Hérin ignorou Jasmin quando este lhe disse insistentemente que, de acordo com o *Code Noir*, não deveria ser castigado com mais de vinte e cinco chicotadas por ter fugido. «Eu disse-lhe que, de acordo com o raio do *Code Noir*, ele deveria ser marcado com uma flor-de-lis e ficar sem as duas orelhas», contara Hérin a Geneviève. «E mostrar assim a todos os potenciais compradores que ele é um fugitivo?», perguntara Geneviève. Ao ver que o encarregado não respondia, acrescentara: «Já agora, porque não aproveita o impulso e o manda para julgamento em Nova Orleães e paga a madeira que eles vão usar para o obrigar a falar?» Dinheiro, desvalorização, potencial perda de escravos: são os únicos argumentos de Geneviève para impedir que Hérin os castigue com demasiada severidade. Há seis meses, quando ela decidiu aumentar-lhes a ração diária, não disse a Hérin que os queria mais saudáveis. O encarregado não a teria compreendido nem lhe teria obedecido. Disse antes que queria aumentar a produtividade, argumento mais aceitável para ele.

Apesar de tudo, já lhe ganhou algumas batalhas. Quando autorizou Éléonore a casar com John Mingo, um negro inglês livre que chegou no inverno vindo da Carolina, Hérin não pôde fazer nada. Esta manhã, o marido de Éléonore pagou-lhe os primeiros dez por cento do preço da mulher. Quando Geneviève disse a Hérin que os filhos do casal nasceriam livres, pensou que ele ia ter um ataque cardíaco.

Mas, de regresso a Nova Orleães, não tem como garantir que as ordens que dá são respeitadas, que ele deixa os africanos escravizados cantarem nos campos, que lhes está a dar mais do que a libra e meia de milho, que está a substituir a banha estragada por carne a sério. A única coisa que ela pode fazer é tentar assegurar-se de que, em sua própria casa, as coisas são feitas de forma diferente.

— Não vou viajar nas próximas semanas — garante a Belle.

Belle assente e leva o pequeno baú para cima. Geneviève pega no cesto de folhas de amoreira que colheu no lago Pontchartrain. A casa fica estranhamente calma quando as crianças estão a dormir. Não se ouve Céleste a chorar por tudo e por nada e a lamber o muco seco que lhe cobre a boca; não se vê Elisabeth a puxar as alças de segurança que Geneviève coseu nas túnicas de Laurent para que ele não caia, depois de, certo dia, o menino de dois anos voltar com mais nódoas negras do que flores do jardim.

No testamento do falecido marido, o primeiro nome que apareceu foi o do único filho. Geneviève lembra-se de olhar para o bebé e de lhe agradecer em silêncio. Não teria de lutar pelo direito de herdar a



propriedade do marido como tinha acontecido depois da morte de *monsieur* Melet se ela não se tivesse voltado a casar. Desta vez, ninguém iria tentar roubar-lhe nada. Laurent era o homem da família; poupá-la-ia a outro marido.

Depois da morte de *monsieur* Bienvenu, Geneviève considerou que o pacto que fizera com a madre superiora de Salpêtrière estava cumprido. Tinha dado cinco filhos à colónia. Já tinha acabado de pagar a liberdade da Grande Force.

Há três anos, escreveu à madre Pancatelin. Estava grávida de Elisabeth, com muito medo de morrer. Agora, já não se lembra do que lhe disse. Mas não importa. A carta lacrada continha a mensagem mais importante: Geneviève sobrevivera e queria que a diretora de Salpêtrière o soubesse. Oito meses mais tarde, recebeu uma resposta. A letra era firme e arredondada. Vinha assinada pela madre Bailly. A mulher, uma estranha, lamentava a morte repentina da madre Pancatelin a 26 de outubro de 1725, ao fim de cinquenta e seis anos de serviço fiel.

A 26 de outubro de 1725, Geneviève vivia no País de Illinois, o seu primeiro Pierre ainda estava vivo, Mélanie tinha três anos e uma febre grave, e um cavalo magoado teve de ser abatido. O que estaria Geneviève a fazer quando a madre Pancatelin deu o último suspiro? Onde estaria a marquesa d'Argenson? Terá chorado quando soube da morte da irmã?

É tudo passado. A madre superiora era a única pessoa a quem Geneviève devia alguma coisa. Com a sua morte, o acordo cessava e ela iria ignorar o colega do segundo marido e os representantes do governador. Iria ignorar as acusações de que uma mãe decente não viajaria tantas vezes para o lago Pontchartrain, bem como as ofertas de «ajuda» com as propriedades e a gestão dos bens de Laurent até ele ser adulto. Dentro de quinze anos, estará com o cabelo demasiado grisalho e a pele demasiado enrugada para atrair pretendentes. Dentro de quinze anos, poderá já não estar viva.

Geneviève caminha em bicos de pés sobre os tapetes com debrum prateado numa das poucas casas de tijolos de Nova Orleães. Depois da morte de *monsieur* Melet, Geneviève mandou tirar os papéis de parede e substituiu-os por painéis. Não queria voltar a tocar nas paredes contra as quais fora atirada ou sobre as quais sangrara. Quando *monsieur* Bienvenu decidira que o quarto do casal seria no andar de cima, Geneviève ficou aliviada por nunca mais ter de dormir num quarto que partilhara com o segundo marido. Ao chegar à entrada escura de uma divisão minúscula, pousa o cesto junto aos pés e vasculha a mala à procura da chave. Atrás dela, ouve os passos rápidos de Belle nas escadas, a sua voz a dizer-lhe que *madame* Lancert tinha passado lá em casa.

— A Pétronille? O que foi que ela disse?

— A mim, não me disse nada. Ela vai falar consigo amanhã na ceia.

Geneviève espera que Belle feche a porta da dependência dos escravos, junto à cozinha, para levar a chave à porta. Aquela divisão era a adega de *monsieur* Bienvenu. O terceiro marido de Geneviève era um verdadeiro apreciador de vinho. Importava garrafas da França muito antes de ter a certeza de que o negócio da plantação seria rentável, apesar de o seu projeto estar a demorar muito mais tempo do que o previsto. Um dia antes de morrer, em novembro de 1732, pedira-lhe que fosse buscar uma garrafa de Bordeaux que tinha tanto pó que ele teve um ataque de tosse. Na altura, já mal se conseguia sentar direito. Embora Geneviève já estivesse habituada às dores de estômago do marido, não antevia que o matariam antes de ele chegar aos trinta e oito anos.

Já estava grávida de quatro meses do quinto filho na altura. Tinha trinta e quatro anos e estava exausta. No funeral, apoiou-se com força no braço de Pétronille. As memórias que tem dessa tarde são vagas. O aroma cítrico da amiga, o véu a ensombrar o mundo e, acanhada junto ao portão do cemitério, Charlotte, com os hábitos do convento perfeitos para a ocasião.

Trocaram poucas palavras naquele dia, nada de memorável. Antes disso, Geneviève não tinha notícias de Charlotte desde a carta que recebeu quando estava grávida de Elisabeth em 1731. Foi Pétronille, que na altura vivia na casa de Geneviève, que lhe levou a missiva. Houve uma segunda carta quando Geneviève ficou grávida de Laurent e que ela guardou para si, já que, por esses dias, Pétronille já tinha saído há muito da mansão da Rue d'Orléans e casado com o cirurgião. Geneviève sabia que Charlotte ainda estava a dar aulas no convento. E perguntava-se por que razão Charlotte nunca tinha chegado a decidir tornar-se freira. As cartas providenciaram-lhe a resposta, embora de forma indireta. Nelas, Charlotte só se preocupava com uma pergunta: se Geneviève estava bem de saúde e em segurança.

De início, a pergunta irritou Geneviève. Depois começou a ver mais qualquer coisa naquelas palavras: culpa, vergonha, remorsos que, esperava ela, haviam impedido Charlotte de se tornar freira há tantos anos. Geneviève pode não saber o que aconteceu no gabinete da madre superiora naquela manhã de inverno, mas lembra-se perfeitamente do silêncio e da distância de Charlotte nas últimas semanas que passou no convento, quando Geneviève mais precisava dela. Charlotte não mostrara nenhuma da bondade e da capacidade de perdoar — os valores que as irmãs ursulinas mais valorizavam.

A adega é um compartimento estreito. Os bichos-da-seda chegaram da França há três dias, uma caixa de mogno selada cheia de ovos, mais

redondos e mais escuros do que sementes de lavanda. Geneviève abre-a e repara em pequenos círculos pretos nos ovos inchados. Gostam da escuridão, da humidade; amanhã ou depois de amanhã, irão aparecer lagartas famintas. Embora Geneviève tenha encomendado os bichos-da-seda há muitos meses, as crianças não sabem de nada, nem estão autorizadas a entrar na adega. Na semana passada, Mélanie perguntou porquê. «É o lugar que eu uso para voltar às minhas origens», respondeu Geneviève. Laurent esperou pela reação da irmã antes de se começar a rir às gargalhadas; Louise e Elisabeth mantiveram-se caladas, os olhares amarelos e castanhos sempre fixados nela. Mélanie foi a única que herdou os olhos azuis da mãe.

Geneviève coloca a caixa no lugar. Está sempre frio na adega, quase tão frio como na quinta na Provença, onde as paredes grossas mantinham o verão à distância. Pousa o cesto cheio de folhas de amoreira no chão, junto ao ramalhete de folhas brancas. Mais um punhado de flores — das brancas e doces — e poderá começar a fazer algumas experiências.

A 1 de julho, os convidados habituais reúnem-se na casa de Geneviève para a ceia que ela organiza todas as quartas-feiras. Mantém viva a tradição de *monsieur* Bienvenu com aquelas refeições semanais; depois do período de luto, altura em que retomou os convites, descobriu que lhe dava muito prazer receber aquelas pessoas em sua casa novamente, voltar à rotina que o marido tinha criado. Além disso, sentia saudades de receber as últimas notícias da colónia à sua mesa.

Esta noite, o cirurgião Lancert e o reverendo padre De Ville fazem questão de dizer que ficaram desiludidos por a refeição da semana passada ter sido cancelada; Pétronille não disse nada durante toda a ceia, mas Geneviève duvida que seja por causa do encontro desmarcado. Geneviève passou os últimos dias a pensar em *monsieur* Rachard e no que acrescentar à oferta que lhe fez: algo que não seja importante para ela, mas que faça toda a diferença para ele. Não teve tempo de visitar a amiga. Além disso, teve de passar mais tempo com as crianças, que trauteavam as suas canções, jogavam ao jogo da enguia, exibiam as *culottes* novas e a seguiam até à porta da adega na esperança de ouvirem o que lá se escondia: ovos que já tinham eclodido, bichos-da-seda escuros e tão pequenos que Geneviève quase não os conseguia distinguir sem a lupa de *monsieur* Bienvenu.

A não ser que o que entristeça Pétronille seja a última decisão do governador. *Monsieur* Bienville, perdoado pela Coroa e nomeado governador da Luisiana pela quarta vez, estava a lançar mais uma expedição contra os Chicachas. O ataque dos Natchez serviu apenas para marcar o início das incursões: as guerras estavam mais violentas

do que nunca e o exército francês estava em perigo. Geneviève ficou a saber que o vizinho duvidava tanto do seu próprio regresso que libertou a escrava antes de se juntar às tropas, tendo concedido a liberdade à rapariga de nove anos em reconhecimento dos serviços que lhe prestara. Uma decisão como aquela seria suficiente para provocar uma tempestade nas ceias semanais de Geneviève. Pétronille aplaudi-la-ia, claro.

Geneviève está a tentar chamar a atenção da amiga desde que o prato principal foi servido, mas, como sempre, o marido de Pétronille gesticula à frente dela e Geneviève tem dificuldade em estabelecer contacto visual com ela. As pessoas dizem que o cirurgião Lancert é tão voraz com os pacientes do hospital como com a comida e as palavras, e, embora saiba que Pétronille confia nele, Geneviève reza para não ficar ao seu cuidado se alguma vez ficar doente. Preferia que fosse Pétronille a cuidar dela. Desde que Pétronille voltou a dedicar-se às plantas e flores, os misteriosos, mas eficazes, remédios da amiga levaram algumas mulheres a chamar-lhe «bruxa»: um passo fácil para pessoas que não estão habituadas ao sinal de nascença e ao cabelo branco da francesa.

O cirurgião Lancert nunca se deixou levar por esses disparates. Pétronille conheceu-o no hospital em dezembro de 1729, depois de ter fugido de Fort Rosalie. Era um homem cheio de vivacidade, que parecia acalmar-se na presença de Pétronille. Demorou quase dois anos a pedi-la em casamento. Quando ela aceitou, no verão que se seguiu à derrota definitiva dos Natchez, em 1731, Geneviève não foi capaz de esconder a surpresa. Pétronille limitou-se a encolher os ombros. «Não foste tu que me disseste que o casamento era um acordo?»

Pétronille explicou-lhe que o cirurgião era a única pessoa vagamente interessada nas virtudes medicinais das florestas, dos rios e das pradarias do país; o único homem que a deixaria vaguear para a periferia da cidade, acompanhada por um pequeno regimento de serviçais e soldados, para poder colher os ingredientes de que precisava para os remédios. Às vezes, chamava-a ao hospital para lhe pedir uma opinião acerca de um doente. Pétronille ia sempre. «Este conhecimento não é só para mim», explicou um dia a Geneviève, que, sabendo que Pétronille estava a pensar na amiga nativa, se limitou a assentir. Pétronille disse-lhe que sempre que chegava à ala dos doentes, o marido mandava toda a gente à volta dele fazer silêncio para a poderem ouvir.

De início, Geneviève não conseguia perceber como duas pessoas tão diferentes se podiam dar tão bem. O cirurgião Lancert era impaciente, falava demasiado alto, mostrava tudo o que sentia na expressão. «Ele fala o suficiente por duas pessoas», acabou por lhe

explicar Pétronille, «e assim, pelo menos, não tenho de fazer de conta que sou quem não sou.»

Geneviève sabia que voltar a casar seria impossível para Pétronille enquanto *monsieur* Cléry, o ensandecido amigo, estivesse por perto. Mas ele resolveu voltar para Paris na primavera de 1731, pouco depois de o exército francês vitorioso ter regressado a Nova Orleães com os Natchez sobreviventes. As memórias que Geneviève tem daquele inverno são vagas. Teve Elisabeth pouco depois de os Natchez terem sido presos na cadeia da capital. A terceira filha de Geneviève nasceu quase em silêncio; dormiu contra os seios da ama de leite em vez de procurar os mamilos da mãe. Durante os primeiros meses de vida de Elisabeth, Pétronille administrou-lhe tinturas de funcho e ervas que Geneviève não conhecia; a amiga nunca deixou de acreditar que a bebé ia ficar mais forte.

— Vocês não imaginam a resposta dos selvagens quando ele atirou a peruca para o chão — diz o tenente Magnole, pegando no copo de vinho.

— E para que é que ele fez isso, afinal? — pergunta o reverendo padre De Ville.

Geneviève não suporta o padre. Demora o dobro do tempo das outras pessoas a compreender o mais simples dos factos: é um milagre ter sobrevivido tanto tempo na Luisiana. O cirurgião Lancert inclina-se para o reverendo, provavelmente por pena.

— Os índios — explica-lhe — tinham acabado de afirmar que seria mais fácil escalar o homem e a família e ficar com os seus bens do que dedicar-se a qualquer tipo de trocas comerciais com eles.

— Por isso, ele tirou a peruca e disse «se querem o meu cabelo, muito bem, aqui está ele» — diz o tenente num tom tonitruante.

As pessoas riem-se. Pierre, o primeiro marido de Geneviève, ficaria revoltado se ouvisse alguém a falar daquela maneira sobre os nativos. Pétronille também fica inquieta: afastou os morangos intocados para o lado, empurrou a cadeira contra a parede e agora está a cutucar um suspiro, que se desfaz sobre o vestido. O facto de ter sobrevivido à guerra tornou as excentricidades de Pétronille mais aceitáveis. Geneviève raramente ouve alguma coisa sobre o alheamento ou as respostas demasiado sinceras da amiga.

— E qual foi a reação dos índios perante isso? — pergunta o cirurgião Lancert.

— Ficaram convencidos de que a peruca alojava um espírito qualquer, claro. Ofereceram-lhe um montante justo de peles se ele levasse o cabelo demoníaco de volta.

Os melões foram devorados até à casca e as garrafas de vinho estão vazias. Se ninguém disser mais nada nos próximos trinta segundos, Geneviève pode encaminhar os homens para a sala de fumadores e as

senhoras para o salão. A mulher do tenente, com o sorriso enviesado, não demorará a criticar cada peça do mobiliário da casa e Geneviève poderá finalmente conversar com Pétronille.

— Bem — diz o reverendo, interrompendo o silêncio e protelando o final da refeição. — Ouvi dizer que conheceu um homem bastante importante há pouco tempo.

Geneviève solta um sorriso forçado. Conta o que sabe sobre *monsieur* Rachard e sobre o que ele faz. Não diz que tem de fazer do rival um sócio para assegurar a estabilidade das exportações. O reverendo não compreenderia nenhuma das particularidades relativas ao cultivo e comércio de índigo. O padre vira-se para o cirurgião Lancert.

— Mas, doutor, esse não é o homem que conheceu na casa do governador na semana passada?

Geneviève contém as emoções. O cirurgião lança um olhar ao padre.

— Exato — confirma, antes de se virar precipitadamente para o capitão Foyer.

— Um homem muito ambicioso, segundo ouvi dizer — comenta o reverendo.

— Estou bem ciente disso — aponta Geneviève.

O reverendo De Ville inclina-se na direção dela, como se não tivesse ouvido o que ela disse.

— Disseram-me que ele tem dinheiro suficiente para comprar todas as plantações da cidade. Não sei qual é a relação que tem com o governador, mas pareceu-me estar muito empenhado numa conversa com *monsieur* Beauregard quando eu o vi.

— Beaulieu.

— Exatamente. O *monsieur* Beaulieu.

O reverendo continua a falar, mas Geneviève já não o está a ouvir. O nome arrepiou-a. Tal como o seu segundo marido, *monsieur* Beaulieu revelara-se um homem muito diferente do canadiano que se apresentou na sua sala e, descontraidamente, fez perguntas a Mélanie sobre os artefactos dos Illinois. Geneviève guarda-lhe tanto desprezo como ele a ela. Quando o amigo, *monsieur* Melet, morreu, *monsieur* Beaulieu não hesitou em sugerir que acreditava que ela o tinha assassinado e, mais tarde, depois da morte de *monsieur* Bienvenu, em fazer questão de que ela soubesse o que ele pensava do facto de ela se ter tornado ainda mais rica depois de enterrar o terceiro marido.

*Monsieur* Beaulieu conhece-lhe as fraquezas. No ano passado, quando se cruzaram na festa de um amigo do intendente, perguntou-lhe imediatamente pelo filho. Geneviève aludira aos problemas de saúde de Laurent e tivera o cuidado de não descrever os terríveis acessos de tosse que às vezes deixavam o rosto do rapaz azul. No

entanto, *monsieur* Beaulieu fez referência a uma viúva que conhecia e ao prazer que a administração teve em ajudar a pobre senhora a gerir as suas propriedades. Conseguira manter-se no Conselho Supremo quando *monsieur* Bienville retomou as funções de governador. Com *monsieur* Rachard, pode ter vislumbrado outra forma de tirar a Geneviève tudo o que ela possui.

O cirurgião Lancert saberá mais. Dobram-se os guardanapos, puxam-se as cadeiras e os homens dirigem-se para a sala de fumadores sem interromperem a conversa. Geneviève está prestes a chamar o médico quando sente uma mão no antebraço. O cabelo de Pétronille está preso num puxo frouxo. Uma mecha de cabelo branco cai-lhe sobre o sinal de nascença.

— É isto que explica tudo.

— O que queres dizer com isso?

— Porque não me levaste contigo para o Pontchartrain como disseste que farias.

Há duas semanas, Pétronille comentara com ela que precisava de algumas plantas do lago e perguntara-lhe se a podia acompanhar. Entretanto, Geneviève ficara a saber que *monsieur* Rachard iria estar na cidade. Estivera tão ocupada a organizar a visita que se esquecera do que havia combinado com Pétronille.

— Desculpa — diz. — Vais comigo da próxima vez.

— Da próxima vez vais encontrar-te de novo com esse tal Rachard.

Geneviève sabe o que Pétronille pensa sobre os proprietários da plantação em São Domingos. São os donos dos Natchez que foram vendidos na ilha alguns meses depois de serem capturados e encarcerados em Nova Orleães.

— Ouviste o que o reverendo disse? — pergunta Geneviève.

— Desde quando é que ouves o reverendo?

— O *monsieur* Beaulieu já se tornou amigo do *monsieur* Rachard.

Pétronille permanece em silêncio. Nunca esteve interessada em política. Desde o ataque dos Natchez que diz que a política só conduz à guerra e à chacina. Geneviève baixa a voz, mesmo sendo elas as únicas à mesa.

— Tenho de fechar este negócio.

Pétronille olha em volta e faz sinal para a sala de jantar decorada com requinte.

— Terás mesmo?

A amiga sabe perfeitamente porque é que ela está a tentar chegar a acordo com o homem. Não se pode dar ao luxo de ter mais um marido. Conseguiu escapar à miséria da pobreza que lhe matou a família em Paris, que a manteve aterrorizada anos a fio, que se abate incessantemente sobre a colónia. Pétronille viu por si própria a facilidade com que a sorte de uma pessoa pode mudar daquele lado do

Atlântico, sobretudo quando se verifica o envolvimento de pessoas como *monsieur* Beaulieu. Não tem tempo para discussões mesquinhas.

— Fala com o teu marido por mim. Parece provável que eles se voltem a encontrar — pede-lhe Geneviève.

Pétronille ergue as sobrancelhas.

— Ainda bem que não falas assim com a Belle — riposta, afastando-se. — Pelo menos, é o que espero.

Na manhã seguinte, Geneviève arrepende-se da severidade com que tratou Pétronille e promete a si própria ir vê-la em breve e pedir desculpa. No jardim, as crianças jogam o jogo da fita, um semicírculo de rostos jovens virados para Louise, que lhes conta a história de uma teia de aranha tão grande que apanhava pássaros.

Na carta que acabou por receber de *monsieur* Rachard, ele não se põe com rodeios. Diz que ponderou a oferta, mas que não a pode aceitar. Não se desculpa. Acrescenta que irá manter-se no continente durante mais um mês, até agosto. Termina afirmando que tem outra ideia com que todos concordarão.

Há duas coisas que levam Geneviève de volta para a Provença: a lavanda e os bichos-da-seda. Gostaria de conseguir esquecer o fogo que destruiu a quinta dos pais e guardar apenas as memórias dos verões em La-Bastide-des-Jourdans, as espigas de milho maduro que lhe queimavam o rosto se ela corresse demasiado depressa pelos campos. A sova que os irmãos levaram quando roubaram dois bichos-da-seda para os pôr a fazer uma corrida. A irmã mais velha a cobrir-se de mimosas, dizendo que era uma rainha e mandando os mais novos enrolarem casulos. Geneviève já deixou o sul de França há vinte e cinco anos.

Uma vez, já em Nova Orleães, encomendou sementes de lavanda da França. Foi logo depois da morte de *monsieur* Melet, o terrível marido que nunca conseguiu chegar a chamar Pierre. Caiu das escadas; um acidente. Houve rumores. Histórias de mãos que empurraram um casaco masculino com violência, de olhos muito azuis a olhar para o crânio partido no fundo das escadas.

As pessoas não sabiam nada sobre o casamento dela. Não faziam ideia do que ela sentiu da primeira vez que o segundo marido se virou contra ela; que ela só estava a mostrar interesse no desenho do estábulo quando ele disse que ela não tinha nada que ver com isso e que parasse de o fazer. No dia seguinte, quando Mélanie lhe tocou na ferida que tinha na mão, Geneviève disse-lhe que fora surpreendida por uma rajada de vento e que ficara entalada na porta.

Geneviève perguntava-se muitas vezes porque é que ele a tinha



escolhido para esposa. Demorou meses a compreender a decisão. A razão era tão óbvia que ela a rejeitara durante muito tempo. O marido era movido por uma violência que tinha uma lógica própria, estúpida na sua simplicidade. Em Prairie du Rocher, *monsieur* Melet viu que havia algo nela que ainda podia ser quebrado, e fez o pedido.

Naquela última noite, chegara a casa o mais tarde que pudera do convento das ursulinas. Estava dois degraus acima dele, desesperada. De manhã, reparou no modo como o tapete escorregava num dos degraus. Ela própria tinha tropeçado, mas só registou o sucedido porque queria evitar que voltasse a acontecer e corrigir o problema antes que a filha de cinco anos caísse. Quando os olhos dela se cruzaram com os de Belle naquela noite, imediatamente antes de *monsieur* Melet dar o passo que havia de o levar à morte, imaginou mais uma nódoa negra a crescer-lhe na têmpora, a aparência que iria ter no dia seguinte. Visualizou todas as feridas que havia de vir a sofrer.

Após o funeral, a sua mente teimava em lavá-la de volta para o momento do acidente: o momento em que deveria ter estendido a mão para agarrar os ombros do marido e impedir que ele tropeçasse. O momento em que deveria ter-lhe tirado a garrafa de *bourbon* e pedido ajuda. Mas a verdade é que também foram muitas as coisas que ele não lhe devia ter feito a ela. «Não deixe que ele a assombre», dissera-lhe Belle enquanto a ajudava a pôr o vestido.

As sementes chegaram alguns dias depois da França. A mansão da Rue d'Orléans estava estranhamente calma. Geneviève já não tinha de ficar à escuta antes de abrir uma porta, não tinha de recuar à pressa para o quarto de Mélanie. Pela primeira vez, andava pela casa livremente. Desempacotou as sementes no salão, fascinada com a ideia de que pudessem ter vindo dos mesmos campos de lavanda que ficavam atrás da quinta da sua família e que tingiam as colinas de violeta. Ela própria as plantara na terra preta de Nova Orleães, mas nunca chegaram a florir, uma vez que foram mortas pelo ar húmido da Luisiana. Quando *monsieur* Bienvenu lhe perguntou se pretendia preencher a lacuna no canteiro de flores, ela disse-lhe que não, que já havia alguma coisa naquele espaço.

Não pensou nos bichos-da-seda antes de voltar a ficar viúva. No Norte, não sonhara com a Provença. Quase nada naquele lugar a lembrava do lugar onde tinha nascido. Mas começou a pensar cada vez mais no sul de França quando voltou para a Baixa Luisiana, com Mélanie obcecada com a temporada dos figos e a voltar para casa com mordidas de inseto tão grandes como as que ela costumava coçar em La-Bastide-des-Jourdans. Era estranha aquela nostalgia por um tempo ido. Mas as memórias tinham o caráter da infância: de tempos perdidos e felizes. A Provença era um escape das feridas que a haviam

marcado no ano e meio em que foi mulher de *monsieur* Melet.

Durante o tempo infundo que o casamento durou, Geneviève arrependeu-se muitas vezes de ter ido ter com ele à casa do governador no País de Illinois. Mas, mesmo nessa altura, Geneviève sabia que a viagem, tal como a de Paris para Nova Biloxi, teria um custo. Só não sabia que seria um custo tão elevado. Orgulhava-se apenas de duas coisas com *monsieur* Melet. Não lhe tinha dado nenhum filho. E tinha-se certificado de que ele não levantava a mão a ninguém a não ser a ela.

Quando começou a pensar em criar bichos-da-seda, tanto ele como o Pierre que se seguiu já tinham morrido. Mas fora *monsieur* Bienvenu que a deixara com mais. A plantação a leste do lago Pontchartrain, três filhas e um filho, bebês que a enchiam de pavor e amor sempre que a barriga intumescia. Demorara muito tempo a encontrar uma casa; demasiado tempo. Tinha trinta e um anos aquando do nascimento de Louise, trinta e três aquando do de Elisabeth, trinta e quatro aquando do de Laurent e trinta e cinco aquando do de Céleste. As gravidezes foram-se tornando mais perigosas um mês antes de Elisabeth nascer. Pouco mais de um ano depois, pensou que o filho a iria matar, e, por fim, que a sua morte seria obra da descendente mais nova. Se se tivesse apercebido a tempo, não teria tido este último filho; abortar também lhe passara pela cabeça, mas na altura o seu medo ainda era dominado pela esperança, por uma confiança irracional no futuro, pelo desejo de conhecer essas crianças. A cada novo bebê, o médico recomendava descansos mais prolongados. Tardes a sonhar com água tingida de azul e homens enterrados, crianças de lábios cerrados trazidas e levadas, mamilos apertados e largados, até resolver contratar uma ama de leite e, a cada momento, algures no espírito de Geneviève, a batalha que travava com o filho que ia nascer, porque não podiam sobreviver os dois, sobretudo quando ela já estava na casa dos trinta, como disse o médico.

Mas o homem não sabia nada sobre a criança que ela decidira não ter em Paris, sobre tudo aquilo a que ela tinha sobrevivido a caminho da Luisiana, o que passara no País de Illinois e em Nova Orleães. Geneviève mostrou-lhe repetidamente que ele estava enganado.

Experiência 1, uma semana depois da eclosão: Geneviève dirige-se à adega bem cedo, antes de os bacios dos filhos serem esvaziados, antes de Constantin dar comida aos cavalos. Belle já deve estar a preparar uma das suas sopas picantes; o aroma penetra na divisão minúscula. Geneviève fecha a janela para manter o vento no seu lugar. Abre a caixa de mogno e coloca quatro folhas de amoreira-branca e quatro folhas de amoreira-vermelha em cima da mesa. Não se esquece de deixar um espaço entre os dois pares de folhas, como se um fosse a

França e o outro a Luisiana. Também não se esquece de que os bichos-da-seda, tal como ela, têm preferências. Depois deixa as lagartas francesas avançarem livremente. Olha para os pelos curtos dos animais a enrolarem-se na pele perfeita à medida que se movem em direção às folhas. Não fazem uma escolha clara: comem as folhas recolhidas das amoreiras-brancas e vermelhas sem distinção. Geneviève acrescenta, no meio, uma folha doce de amoreira-branca. Vê-os a precipitarem-se na direção dela, a deixarem-se ficar entre os veios das folhas a sugar a seiva xaroposa que ela nunca provará.

Dia 10 de julho. Geneviève olha para *monsieur* Rachard quando ele se inclina para o enorme relógio que se ergue, imponente, no salão. O rival de Geneviève é muito novo. Foi a primeira coisa em que ela reparou na plantação quando o encontrou a entreter crianças com histórias de ostras agarradas a ramos de arbustos da ilha. Quando ele olhou de soslaio para ela, Geneviève compreendeu o motivo por que a audiência o ouvia tão atentamente: olhos expressivos que parecem cair para serem amparados pelas covinhas. Pensou em *monsieur* Melet, que a levou de volta para Nova Orleães, que pensava que o convento das ursulinas lhe lavaria os pecados. Naquela altura, o perigo também tinha um rosto bonito.

«Quem se casa com a beleza casa-se com problemas», dissera-lhe um dia Belle ao limpar-lhe a testa ferida, na segunda vez que *monsieur* Melet a atacou. «Um provérbio da minha terra. É verdade para os maridos, de maneira que também deve ser verdade para as mulheres.»

Geneviève limpa as têmporas com um lenço. *Monsieur* Rachard dirige-se agora para o pássaro empalhado pendurado num fio de seda por cima de uma rosa dos ventos. Na sala ao lado, Louise conta uma história qualquer a Elisabeth sobre uma rã que salta tão alto que pode comer as nuvens. Geneviève já não consegue ouvir a voz de Belle; provavelmente a escrava foi ver como estava o filho no andar de baixo.

Ontem, ao dar com Louise e Elisabeth sozinhas na cozinha, Geneviève disse a Belle que aquelas ausências tinham de acabar. Belle ouviu-a. Mas quando Geneviève acabou de falar, respondeu que as raparigas não estavam em perigo, e Alexandre estava. Quando Geneviève tentou contradizê-la, Belle abanou a cabeça. «O meu filho precisa de mim.»

Geneviève engolira a raiva e saíra da cozinha. Na outra sala, Louise grita.

*Monsieur* Rachard faz sinal para o pássaro.

— A que espécie pertence? — pergunta.

A pergunta surpreende-a. O pássaro morto, como as aguarelas tímidas de Mélanie e as gravuras com que *monsieur* Bienvenu

costumava viajar, tornou-se invisível para ela.

— Creio que é um guarda-rios. O meu segundo marido insistiu em trazê-lo connosco quando voltámos do País de Illinois.

— É um artigo muito estranho e incómodo para transportar numa piroga.

Geneviève gostaria que ele fosse direto ao assunto. Estava pronta para negociar assim que o recebeu. Agora sente-se a baixar a guarda. No corredor, Belle manda Laurent calar-se com um grito, mas o fim da frase é abafado por choros. Pelo menos, já está de novo com eles. Geneviève aclara a garganta.

— O meu primeiro marido, o *monsieur* Pierre Durand, chegou à conclusão de que algumas crenças dos Illinois correspondiam à verdade — explica ela. Faz um esforço e aponta para o bico que está virado para a porta. — Está a ver, este pássaro é conhecido por voar sempre contra o vento. O chefe índio que se tornou amigo do meu marido disse-lhe que até na morte o espírito do pássaro se manteria no ar.

— Acredita nisso?

— Na verdade, move-se com o vento todos os dias. Hoje está virado para norte, amanhã poderá estar a olhar pela janela.

As crianças deixaram de gritar. Geneviève esboça o seu melhor sorriso; irá ter com elas logo depois de falar com *monsieur* Rachard. Constantin entra, como faz sempre, empurrando a porta com um pequeno toque do cotovelo. Pousa o tabuleiro na mesa mais baixa e olha para *monsieur* Rachard como se ele fosse um novo móvel para a sala.

— Tem mais artigos que a façam lembrar de maridos falecidos?

— Já os viu a todos. Esta casa era do *monsieur* Pierre Melet. Herdei a plantação do *monsieur* Pierre Bienvenu. Às vezes, digo a mim própria que, com mais um marido, teria tido Pierres suficientes para construir um castelo.

Ele não se ri da piada, que já divertira outros cavalheiros. Pouco à vontade, Geneviève concentra-se na flor de jasmim que jaz na porcelana.

— Minha senhora, vi cá pedir-lhe a sua mão em casamento. — *Monsieur* Rachard olha para ela. — Eu sei que não me chamo Pierre, mas tinha esperança de que pudesse abrir uma exceção.

Geneviève sente frio. Acabavam-se as percentagens, substituídas por tantos barris de índigo que iriam precisar de mais navios, mas havia algo mais a considerar: *monsieur* Rachard era um proprietário de plantações que maltratava os escravos e que até poderia decidir abrir outro campo de indigueiros sob o sol escaldante do México. Ela ficaria confinada a casa com as crianças, banida dos assuntos comerciais; os bichos-da-seda seriam levados para longe. Imagina os dedos de

*monsieur* Rachard a subir-lhe por baixo do espartilho para a afagar ou atacar, um homem que se poderá tornar outro monstro de que ela não estaria à espera. E depois o terror, não de ambos, nem dele, mas apenas dela: o seu corpo já cansado desafiado por outro aborto, ou semanas sem sangue transformadas em meses sem sangue e o Dr. Le Cau a recomendar-lhe descansos mais longos, o medo de nunca acordar. Tudo o que ela tinha conseguido alcançar desde que saíra da Grande Force para acabar por sucumbir a uma morte banal.

— Lamento, mas não posso aceitar.

Falou muito depressa, quando pretendia exprimir-se calmamente. A chávina que ele tem na mão toca no pires.

— Senhora, permita-me que lhe pergunte: compreende plenamente o que a sua resposta significa?

Geneviève pensa em *monsieur* Melet. Mais novo do que ela, muito afável da primeira vez que cearam juntos na casa nova. Geneviève estava bem ciente de que não podia ter tanta sorte: encontrar um homem suficientemente generoso para impedir que ela perdesse Mélanie, casar com ela e levá-las para aquela mansão. Estava tão nervosa que passara a refeição a cutucar a pera que tinha no prato. *Monsieur* Beaulieu também se encontrava presente nessa noite. No final do serão, o fruto estava pisado.

— Dê-me algum tempo para pensar na sua generosa oferta — pede.

— Parto para Pointe Coupé depois de amanhã e depois vou para Mobile. Estarei de volta no final do mês. Meados de agosto o mais tardar. — Sorri. — Espero ouvir notícias suas até lá.

Experiência 2, duas semanas depois da eclosão: Geneviève leva mais uma caixa, menos elaborada desta vez. Decide que a caixa de mogno alberga os bichos-da-seda menos afortunados, que só comerão folhas normais. Os outros, os que se estão a juntar nas plantas brancas doces, vivem debaixo da madeira de nogueira, preta como carvão. Volta mais vezes para os alimentar e as crianças ficam cada vez mais curiosas. Na noite da visita de *monsieur* Rachard, Geneviève depara-se com Mélanie à frente da porta a olhar pela fechadura. Não lhe conta nada sobre as lagartas e as diferentes folhas, não lhe explica que quer ver a qualidade da seda que cada uma irá produzir. De repente, fica com dúvidas de que vá conseguir dar seguimento às experiências ou de que os bichos-da-seda possam crescer e multiplicar-se na Luisiana.

A carta de *monsieur* Beaulieu que Geneviève recebe cinco dias depois do pedido de casamento de *monsieur* Rachard reza o seguinte:

*Prezada senhora,*

*Fiquei encantado por saber, por intermédio do cirurgião Lancert, que a senhora se encontra bem. Cruzei-me com ele ontem à noite no banquete organizado para celebrar a chegada do capitão Poirer. Como certamente saberá, a subtileza e a diplomacia não são, infelizmente, duas qualidades que possamos encontrar nos médicos. Como amigo e conselheiro do seu falecido marido, sinto a obrigação de lhe dar a minha opinião sobre os assuntos que o Dr. Lancert mencionou de passagem. Quando estávamos a falar sobre o monsieur Rachard, ele explicou-me que a senhora estava a ponderar o pedido de casamento que ele lhe fez, o que, tenho de admitir, me apanhou de surpresa. Pensava que uma mulher como a senhora teria compreendido imediatamente as inúmeras vantagens de tal união.*

*Admiro a forma zelosa como tem tratado de todos os assuntos do seu lar, tendo em conta os acontecimentos trágicos que a afetaram repetidamente ao longo dos últimos anos. No entanto, creio estar a expressar as preocupações de muitos quando lhe dou a conhecer as minhas preocupações em relação à sua situação atual de guardiã isolada de uma indústria importante e de uma família numerosa.*

*Como é evidente, procurei saber como estavam os seus filhos e fiquei muito consternado quando soube que a saúde do seu filho está a piorar. Interrogo-me o que uma escrava ignorante como a mulher que, pelo que sei, está a tomar conta dos seus filhos poderá fazer para lhe aliviar a dor e para o criar de acordo com a fé cristã juntamente com os irmãos.*

*As crianças são seres frágeis e preciosos. Temos de fazer tudo o que está ao nosso alcance para as proteger, sobretudo nestas regiões belas, mas perigosas, do reino francês.*

*Não duvido, senhora, que vai pôr os interesses da sua família acima de tudo.*

Depois de ler a carta, há algo que se torna claro para Geneviève: acabou-se a esperança de que o filho sirva de barreira para que os representantes do governador se mantenham longe dela e da sua família. As ameaças vagas de *monsieur* Beaulieu poderão um dia vir a tornar-se realidade, e ela sabe-o. A sensação desleal e familiar de ter de lutar contra forças incontroláveis, muito mais poderosas do que quando Laure tentou obter a custódia de Mélanie, estava de volta, e, desta vez, Geneviève não tinha apenas uma criança, mas cinco, entre as quais Laurent — um menino de apenas dois anos que ainda brincava com o puxador em forma de guizo da porta da carruagem, largando-o para tossir, sem ter noção dos cavalos que poderiam vir da outra direção.

A carta está na mesinha de cabeceira há três dias. Três dias de chuva quente e desgovernada, que passou no quarto a ouvir as filhas e o filho a correrem pelas escadas abaixo, a cansarem-se dentro de casa. Foi uma vez à adega. Os bichos-da-seda parecem-lhe frágeis,

irrelevantes; os casulos, uma prisão.

O mês de julho já vai a meio e Geneviève ainda não foi visitar Pétronille, apesar de lhe ter dito que o faria e embora o marido da amiga possa saber mais sobre o plano e os contactos de *monsieur* Rachard e dar-lhe algum sinal, o que quer que seja, que ela possa utilizar para se defender.

Geneviève abre mais um tinteiro. Passou horas a esboçar notas para potenciais novos capitães que possam levar os barris de índigo que pretende comercializar. O proprietário do *Le Espérance* está a ficar tão velho que, da última vez que o viu, ele mal conseguia apoiar-se sobre a perna magoada. Quase consegue ouvir *monsieur* Beaulieu a dizer-lhe que *monsieur* Rachard teria barcos novos com tripulações jovens, mas experientes, para lhe oferecer. O livro de contas está aberto na escrivaninha junto à estátua de bronze. *A Violação de Proserpina*: uma mulher a tentar fugir a um homem com barba e ar demencial. Geneviève volta a debruçar-se sobre os números, calculando e recalculando os custos da exportação da próxima safra.

— *Madame* Geneviève?

Belle abre a porta. Alexandre tem-se sentido ligeiramente melhor desde que Belle chamou uma curandeira e o irmão, uma espécie de guia espiritual, a casa no dia anterior. Trabalham como cozinheira e como mordomo respetivamente na maior casa da Rue Saint-Pierre. Belle não disse nada sobre eles quando pediu autorização a Geneviève; Alexandre já está a comer novamente e os arrepios desapareceram. Agora, Geneviève sente-se envergonhada por ter chegado a questionar as prioridades de Belle. Mas está exausta e não está a pensar bem. Não consegue tratar de tudo. Deixa a pena afundar-se na tinta.

— O que foi?

— Uma pessoa para si.

— Diz-lhe para voltar depois.

— Sou eu.

Quando Geneviève reconhece a voz de Charlotte, a respiração acelera. Não pode ser a antiga amiga quem está ali à porta. O convento das ursulinas não fica longe da casa de Geneviève, mas está a anos de distância.

— Entra — diz-lhe.

Quando Charlotte entra, Geneviève não consegue esconder a surpresa. Desde os tempos de Nova Biloxi que não lhe via outra indumentária que não fosse o hábito do convento; agora trazia um toucado e um vestido azul-bebé — roupas modestas, mas que não deixavam de ser impróprias para uma pensionista do convento das ursulinas. Charlotte mantém-se muito hirta, os braços caídos ao lado do corpo, as mãos rígidas e o rosto sério. Geneviève está prestes a fazer-lhe perguntas sobre a roupa e as irmãs ursulinas, mas Charlotte

antecipa-se.

— Posso ser a precetora dos teus filhos? — A voz é precisa, cada sílaba dita com a devida gravidade. Ao ver que Geneviève não lhe responde, Charlotte acrescenta: — Terça-feira, no convento, a Pétronille disse que estavas a precisar desesperadamente de ajuda em casa.

Geneviève vira-se para a janela. Não sabe de onde vem a ira, mas é repentina e feroz. Gostaria de acreditar que tem que ver com *monsieur* Rachard e *monsieur* Beaulieu. Seria mais fácil do que reconhecer que vem do passado, de uma nota deixada na cama de Charlotte no convento há muito tempo. Assente com a cabeça. A presença da antiga amiga na casa dela hoje não tem nada que ver com a conversa que ambas tiveram no cemitério no dia do funeral de *monsieur* Bienvenu. Não tem nada que ver com as cartas que Charlotte lhe enviou quando ela estava grávida. Nas cartas e junto ao portão do cemitério, Charlotte não pediu perdão.

— Só quero ajudar — esclarece Charlotte.

— Só queres ajudar.

Geneviève sente um formigamento no pulso. Quer que Charlotte repita o que disse.

— Quero — repete Charlotte. — Se me aceitares.

Ainda está encostada à porta. Geneviève faz sinal para que ela se sente.

— Não acredito que a madre superiora te tenha deixado sair.

— Falas do convento como se fosse uma prisão — responde com uma voz seca de reprovação Charlotte. — Eu disse à madre Tranchepain que o meu tempo com elas tinha terminado. Não foi preciso dizer mais nada. Ela respondeu-me que sempre soube que eu não ia ficar, ou já teria feito o meu noviciado. Assegurei-lhe que havia mais de uma irmã que teria todo o gosto em dar aulas, o que, por acaso, é a verdade. — Charlotte olha para as mãos e depois lança um sorriso impossível a Geneviève, que a fez lembrar que aquela mulher, que já foi uma menina, lutou contra piratas. — Não me digas que sentes falta dos meus vestidos pretos?

— Não — replica Geneviève. — Ficavas com um ar doente.

— Ficamos todas.

*Sobretudo eu, pensa Geneviève, mas isso não te importava na altura.*

— Foi a Pétronille que teve a ideia de seres precetora dos meus filhos? — pergunta.

— Não, a ideia foi minha — responde Charlotte. — Já ando a pensar nisso desde que ela me falou da tua situação há alguns meses. — Charlotte roda no banco e o joelho roça no de Geneviève. Geneviève afasta o dela. — Ouve, eu posso ajudá-los com as leituras e as orações, mas também posso tomar conta dos mais novos. —



Charlotte detém-se. — Inclusive à noite. Eu sei que alguns ainda são bebês.

Geneviève recosta-se na cadeira e passa a mão pela testa. Não pode negar que precisa da ajuda de Charlotte e mal consegue ignorar o alívio que lhe assoma ao peito, a corrente quente que vai da barriga até à garganta.

— Para isso terias de viver connosco — diz Geneviève.

Charlotte parece confiante num momento em que Geneviève esperaria vê-la a fraquejar.

— Sim, teria. A menos que tu não querias.

— Quando é que poderias começar?

— Segundo o que ouvi dizer, há muito trabalho para fazer aqui — responde Charlotte, com um sorriso. — Mas nada que possa resistir à instrução de uma antiga ursulina.

Geneviève prepara-se para responder quando ouve barulhos na rua. Pífaros e tambores militares, gritos vindos da Rue d'Orléans e a melodia baixa de uma canção que não consegue distinguir. Relanceia para Charlotte, que retribuiu o olhar, aparentemente mais interessada nela do que na algazarra lá fora. Geneviève fica subitamente consciente do vestido manchado que está a usar, do rosto cansado. Levanta-se para abrir a janela. Atrás dela, ouve Charlotte a dizer:

— Duvido que alguma delas tenha tempo de sentir a minha falta agora.

Geneviève debruça-se sobre a grade. Charlotte vai juntar-se a ela — o corpo, uma presença sólida ao seu lado. A rua está coberta de lama deixada pela tempestade. As crianças estão a correr à frente, a canção tornou-se mais clara. É um hino, entoado pelas vozes altas e agudas de onze irmãs ursulinas agora visíveis nos seus hábitos escuros. Nuvens indolentes e inofensivas salpicam o céu. As irmãs estão a caminhar debaixo de um pálio pesado que abriga o Santo Sacramento e são seguidas por outras freiras, cujas bocas se movem rapidamente ao ritmo das letras das canções. De todos os lados novas mulheres juntam-se à procissão: raparigas nativas e donas de plantações, mulheres africanas escravizadas e esposas de armeiros. As freiras já estão a levar a canção para a próxima rua.

— O convento da Rue de Chartres — esclarece Charlotte — ficou finalmente pronto. Aguardam este momento há sete anos.

Experiência 3, três semanas depois da eclosão: Geneviève está na Luisiana há treze anos, pelo que, para ser justa, decide dar uma oportunidade aos bichos-da-seda que eclodiram na colónia. Mandou-os vir do território Natchez recém-reconquistado. Quando chegam, é hora de jantar, mas ela não deixa de se precipitar para a adega e por pouco não vai de encontro a Charlotte, que está a levar a bagagem

para o sótão. Desde a conversa que tiveram no dia anterior, têm-se ocupado apenas de assuntos práticos: o quarto de Charlotte, o horário das aulas, as necessidades das crianças. Geneviève quer e não quer voltar a ficar sozinha com Charlotte. Quando Charlotte lhe pergunta o que há no interior da caixa, Geneviève abana a cabeça e diz:

— Nada.

Os bichos-da-seda locais são gordos e já têm várias semanas de vida. Parecem cachorros rechonchudos aconchegados uns aos outros. Geneviève coloca-os em cima da mesa e repara que não são lentos nem indolentes: estão sempre em movimento, silenciosos, obstinados, com farpas de madeira presas nos vários pés. Geneviève corta pedaços de folhas, que espalha na caixa. Está inclinada sobre a caixa quando ouve as crianças a bater palmas e a voz de Charlotte a elevar-se. Geneviève tenta concentrar-se nas lagartas, mas a letra da canção atinge notas altas tão rapidamente que ela não consegue deixar de se imaginar a correr por uma vertente íngreme, levada pelo declive a uma velocidade demasiado elevada para poder pensar e a chegar ao sopé sem fôlego, mas cheia de ar.

Charlotte começa uma nova canção. Geneviève ouve-a e deixa cair um pequeno ramo de amoreira em cima da mesa. A música penetra na adega. Geneviève continua a ouvi-la, enquanto olha para os bichos-da-seda e vê a calma que se abate sobre eles quando têm madeira para escalar, quando há folhas doces mais à frente.

A casa de Pétronille não podia estar mais longe do hospital onde o marido trabalha, uma ironia que o cirurgião Lancert não tem pejo em resumir em poucas palavras nas ceias das quartas-feiras: não quero viver muito perto de um lugar onde as pessoas vão morrer. A casa dá para o delta, uma vista agradável no inverno, um pesadelo na maior parte do ano, com nuvens de mosquitos logo a partir de abril. Em julho, os odores agridem Geneviève como durante os primeiros meses da gravidez. Assim que sai da carruagem, pega no leque e abana-o na penumbra da sala de trabalho de Pétronille. O suor pinga na mistura bege sobre a qual a amiga está inclinada. Pétronille corta mais um limão, espreme-o. Mexe.

— Isto não está bem — diz.

Pétronille descreve-lhe o remédio em que está a trabalhar, mas Geneviève não a está a prestar atenção. Na rua, o estranho ruído surdo que caiu sobre a cidade ontem à noite voltou. Vem do mar. De manhã, Geneviève teve de consolar uma Elisabeth soluçante aterrada com o som. Ouviu Belle a falar com o marido sobre um espírito vingador; na Rue Sainte-Anne, dois moços de estrebaria estavam a apontar para o céu. Começaram a correr rumores de que se aproximava uma tempestade. No entanto, Pétronille não reage ao som, demasiado

concentrada na descrição do que está a fazer: uma pasta com ferrugem de ferro, ervas e limão destinada a curar o escorbuto, que aprendeu com um dos médicos africanos escravizados depois de muito insistir com ele. O rumor desaparece. Quando Émile estica a cabeça junto à porta entreaberta, Pétronille quase nem olha para ele.

— Não — diz. E o rapaz desaparece sem dizer uma palavra.

— Vou a Pontchartrain daqui a dez dias. Pensei que podias estar interessada.

Pétronille continua a mexer o preparado.

— Foi por isso que vieste?

— Em parte — responde Geneviève. — Queria agradecer-te por teres falado com a Charlotte. — Ao ver Charlotte a embalar Céleste ontem à noite, Geneviève surpreendeu-se com a solidão que sentia, o peso do fardo de ter assumido todas as responsabilidades depois da morte de *monsieur* Bienvenu. Deu por si a fechar a porta para não as ver. Pétronille sorri ao ouvir o nome de Charlotte, mas não desvia os olhos da taça. — E também te vim perguntar o que sabes sobre o *monsieur* Rachard — conclui Geneviève.

O sorriso de Pétronille esvai-se.

— Quando é que vais partir para Pontchartrain? — pergunta.

— No dia 14 de agosto.

A data assombra-a. Quando chegar o dia, já terá de ter dado uma resposta ao pedido de casamento de *monsieur* Rachard. Não demorará a começar a contar quantos dias passaram desde o último período, poderia já ter perdido tudo o que possui: ou para o novo marido ou para a administração do governador. Explica a situação a Pétronille. A amiga puxa uma cadeira para a frente dela e deixa o preparado no canto da mesa.

— Seria assim tão mau receberes alguma ajuda do governador?

Geneviève morde o lábio. Pétronille nunca foi uma mulher de negócios.

— Sabes bem que eles não estão a tentar ajudar-me.

— Bem, a dar-te assistência. Vais ter o suficiente para te manteres ocupada.

A amiga ajudou-a a providenciar o envio de bichos-da-seda de Natchez. Foi a única pessoa com quem Pétronille falou sobre a seda e é a única que sabe o que significa fazer experiências com algo precioso e acabar desiludida.

— Será que é melhor deixar que sejam eles a decidir o que vender e que quantidades? — pergunta Geneviève. — O direito de me darem uma anuidade insignificante e obrigar-nos a deixar a casa?

— Quem é que disse que isso ia acontecer?

— Desculpa. — O copo de Geneviève está vazio. Bebe do de Pétronille. — Mas acho que estou demasiado cansada para começar

tudo de novo.

Ao longe, o som volta a fazer-se ouvir, subindo das águas serenas do rio até chegar a Nova Orleães. É enervante, mas Pétronille parece continuar sem dar por ele. Balança-se na cadeira e Geneviève demora alguns movimentos de vaivém a perceber que estão sincronizados com o eco que parece levantar-se do mar.

— Eu compreendo — diz Pétronille, por fim. — Mas às vezes não és tu que decides.

Quatro dias depois, Geneviève vai ver como estão os bichos-da-seda ao fim da noite. Disse a Pétronille que tinha algo que gostava que ela visse e a amiga fez-lhe uma visita durante o dia. Pétronille seguiu Geneviève pelo corredor, parou junto ao salão para cumprimentar Charlotte, que estava ocupada a ver Mélanie a desenhar uma série da letra «L» e Louise e Elisabeth a mergulhar os dedos numa aguarela. Quando Geneviève abriu a porta da adega, ouviu-as a conversar e a rir. De seguida, Pétronille voltou para junto dela e acompanhou-a até ao interior da pequena divisão. Pétronille inclinou-se sobre as lagartas, perguntou-lhe quais eram os diferentes tipos de folha de amoreira e ouviu-a com atenção quando ela lhe descreveu as quatro fases de desenvolvimento dos bichos-da-seda.

— És a única pessoa que eu trouxe aqui — disse-lhe Geneviève ao fechar a porta à chave depois de saírem. A amiga apertou-lhe a mão.

— Eu sei.

A casa está em perfeito silêncio. Geneviève inclina-se sobre a caixa de mogno, de pano na mão. Sente calores no baixo-ventre sempre que pensa no sonho que teve na noite passada: a sensação de ar frio a soprar debaixo de lençóis levantados, a cabeça a ir buscar memórias dos maridos, os rostos de cada um, indistintos, fundidos num só. Mas depois foi Charlotte que ela encontrou deitada ao seu lado. No sonho, Geneviève inclinou-se na direção de Charlotte e parou quando os narizes se tocaram. Os lábios que os dela encontraram eram suaves, os beijos sedentos, cabelo comprido a entrar-lhe na boca e a fazer-lhe comichão nas faces. Charlotte tinha seios firmes e eretos que não conheciam gravidezes. Era tão magra que o coração lhe batia perto da palma da mão. Não era tímida.

O sonho não a abandona. Apaziguou-lhe o ressentimento, deu voz a uma parte mais profunda do seu ser e ela não conseguia deixar de o visitar. Já tinham passado dois anos desde a última vez que tivera alguém nos braços daquela forma, quase quinze desde a última vez que partilhara uma cama com uma mulher que desejava. Sempre que pensava de novo no sonho, esperava que surgissem novos pormenores,

embora soubesse que não iria descobrir nada de novo. Na verdade, tudo o que pudesse encontrar seria um fruto deliberado da sua imaginação.

Geneviève deixa cair o pano. Põe-se à escuta. Pareceu-lhe ter ouvido os passos de Charlotte no corredor. Contudo, era outra vez o ruído surdo, distante mas persistente, a desaparecer de novo quando ela se começa a preocupar. Concentra-se na tarefa que tem em mãos. Já acabou de limpar o mofo que apareceu na madeira. Os bichos-da-seda gostam de limpeza: madeira apodrecida pode matá-los. Estão muito maiores, longe dos pontos pretos que eram há um mês. A última muda foi há muito pouco tempo e, quando ela pega nos pedaços de pele velha, os dedos tocam nos fios de seda que as lagartas usam para não caírem das folhas, dos ramos, da madeira. Não são esquisitos: do nada fazem uma casa.

Geneviève pega numa vela, fecha a porta ao sair e sobe as escadas. Deveria estar a pensar em escrever a *monsieur* Rachard, começar a esboçar uma carta, abrir o livro de contas no caso de lhe ter escapado alguma coisa. Mas continua pelo corredor fora e não se detém quando passa nos quartos de Mélanie e Louise. Todas as portas estão fechadas. Geneviève sente a pulsação quando percebe para onde se dirige, escadas acima, até ao sótão, a chama da vela a tremeluzir-lhe debaixo do queixo.

*Pétronille tem alguma razão, mas não inteiramente*, pensa ela. Geneviève pode não ser capaz de decidir o que *monsieur* Rachard e *monsieur* Beaulieu lhe irão fazer, mas pode decidir o que acontece dentro da sua casa.

O sangue lateja-lhe nas orelhas, mas bate à porta de Charlotte com firmeza. Entra. Na cama, Charlotte ergue a cabeça da almofada. Geneviève sente o olhar posto nela, mas o quarto está demasiado escuro para lhe ver as feições.

— Não estava à espera de que viesses aqui — diz Charlotte, quebrando o silêncio.

— Eu também não. — A ténue luz da vela permite que Geneviève a veja. Não sabe o que dizer a seguir.

— Acho que é melhor soprares a vela — sugere, por fim, Charlotte. — Para que ninguém veja a luz.

— Mais alguma regra que eu deva conhecer?

— Não bater à porta? — Geneviève senta-se na cama. Os olhos de Charlotte procuram os dela. Acrescenta: — Ah, e não casares com um quarto homem?

Geneviève apaga a vela. Por um minuto, o rosto de Charlotte é uma forma mais clara no escuro.

— Não sei o que fazer — admite Geneviève.

— Eu também não. Não me contaste nada.

— Tens razão, não contei.

Charlotte chega-se para o lado e deita-se cautelosamente junto dela. Geneviève imagina-se no sonho, a pousar a cabeça no ombro ossudo de Charlotte.

Geneviève não tem a certeza do que Charlotte sabe sobre a situação de *monsieur* Rachard, pelo que não deixa nada por dizer. Enquanto fala, os ombros relaxam; virou-se de lado para olhar para ela. Diz-lhe que o facto de Charlotte estar a tomar conta dos filhos ajuda, mas não resolve tudo. Explica-lhe que pode aceitar a proposta de *monsieur* Rachard já ou esperar que *monsieur* Beaulieu o use como peão para lhe tirar tudo o que ela possui.

— É uma oportunidade que ele espera há muito tempo.

Charlotte recosta-se na almofada.

— Lembras-te de quando saímos de Salpêtrière? — pergunta. — Foi uma escolha em que, na verdade, não tivemos escolha. Poderíamos ter apodrecido naquele lugar ou esperar que as coisas corressem bem aqui. — Geneviève observa a barriga de Charlotte a subir levemente a cada nova respiração. — Talvez a questão seja essa neste caso — continua Charlotte. — Escolher entre a praga e a cólera.

— O *monsieur* Rachard é a praga?

— Eu diria que é a cólera.

Riem-se. Geneviève ajeita a almofada em que estava recostada e pousa o rosto na mão. Nunca tinha reparado que as sardas de Charlotte desciam até ao pescoço. Sob a luz da Lua, vê-as na nuca. Fica comovida de uma forma que não sabe como explicar.

— O que é que te levou a vires para cá? — pergunta.

O braço de Charlotte faz-se tenso junto ao dela.

— Estava em dívida para contigo — responde Charlotte. — Não foi a primeira vez que vim a tua casa. — Estende a mão para a vela e esfrega as bolhas de cera com as unhas. — Vim cá um mês depois de teres deixado o convento. — Pouco depois do Natal de 1727, o marido de Geneviève, *monsieur* Melet, bateu-lhe tanto que o corte que lhe fez no lábio demorou uma semana a sarar. Geneviève sentiu-se completamente sozinha na altura. Não se lembra de ninguém a ter visitado. *Monsieur* Melet passava os dias na administração a tentar perceber o que ainda poderia ser salvo da colónia. Em casa, Geneviève também cogitava formas de salvar-se dele e levar Mélanie com ela. As unhas de Charlotte cravam-se na cera. — Não consegui arranjar coragem para bater à porta — diz. — Por isso, fiquei lá fora. Mas também não suportava a ideia de não saber o que te iria acontecer.

Geneviève olha para as mãos de ambas, azuis por conta da Lua. Imagina-se de novo na casa das ursulinas, numa altura em que tinha esperança de se tornar pensionista. Percebe agora que estava tão assustada que não conseguia pensar com clareza. Se assim não fosse,

como poderia ela explicar que, se ficasse com as freiras, já tinha planos para levar Mélanie às escondidas para o convento, tal como fizera quando a levara para a cozinha do governador do País de Illinois, escondendo-a na cabana de madeira que já tinha sido palco de alguns dos segredos que guardava? Não fazia sentido. Vira-se para Charlotte.

— A madre superiora nunca permitiria que uma mãe, uma esposa se tornasse pensionista do convento — diz. — Fosse como fosse, não poderias ter feito nada.

— Poderia, sim. — Larga a vela e olha fixamente para Geneviève. — Nunca intercedi por ti.

As palavras vibram nos ouvidos de Geneviève. Eco em repetição contínua. Sente uma ira seca, ainda que não fique surpreendida, só a confirmação do que, percebe agora, sempre soube: algo correu efetivamente mal no gabinete da madre Tranchepain naquele dia de véspera de Natal. Geneviève perscruta o rosto de Charlotte à procura de um sinal que a torne a estranha que deveria ser.

— Nunca me irás odiar tanto como eu me odiei naquela altura — diz Charlotte. — E desde então, por ter tomado aquela decisão.

Geneviève espera que o ressentimento venha à tona, como aconteceu na semana anterior quando Charlotte lhe perguntou se podia ser a preceptora das crianças. Mas agora as palavras de Charlotte são irrelevantes. Geneviève deixou o convento há sete anos. Mal consegue reconhecer as duas raparigas que se beijaram atrás da cabana de madeira, dedos partidos pousados nos vestidos escuros. Estas duas mulheres são como duas estranhas que tomam decisões e cometem erros. E, sem essas decisões e esses erros, nenhuma delas estaria aqui deitada neste sótão agora. Geneviève aprendeu que a Luisiana não permite que ninguém se deixe consumir pelo rancor.

— Lamento — diz Charlotte em voz baixa.

Geneviève anui. Um animal corre em cima do telhado e elas ficam em silêncio durante algum tempo. Geneviève estende a mão para a de Charlotte, toca-lhe na face. Quando a beija, sente a boca redonda da amiga na sua, uma das unhas um pouco comprida demais a acariciar-lhe a coxa. Charlotte move-se com cautela; quando pede desculpa, Geneviève abana a cabeça.

— Não peças desculpa — diz.

Quando desliza a mão pela coxa de Charlotte, a respiração torna-se mais contundente e mais brusca. Geneviève leva a boca de novo ao encontro da de Charlotte, beija-lhe o pescoço e a parte da barriga onde sabe que nunca tem cócegas, antes de continuar a descer até um lugar onde só existem elas as duas. *Monsieur* Rachard, *monsieur* Beaulieu, as freiras, tudo se esvai. As sardas de Charlotte desaparecem no rubor das faces, as pernas retesam-se, o rosto pressiona a almofada;

Geneviève identifica o momento exato em que ela se vem.

Abraça-a com força depois e deixam-se ficar naquela posição por alguns momentos a ouvir a respiração uma da outra e o canto alto dos grilos no jardim. O quarto parece-lhe diferente, como se nunca lá tivesse estado. Está deveras ciente do próprio corpo, do de Charlotte, que lhe parece ao mesmo tempo estranho e familiar ao tocar no dela. Quando os dedos de Charlotte lhe começam a percorrer a pele, Geneviève fica paralisada, com medo de que o momento se extinga se ousar mexer-se. Mas Charlotte não vai a lugar nenhum. Está só a chegar-se mais perto, o cabelo a aparecer-lhe num clarão vermelho sob um raio do luar para voltar a ser preto no momento seguinte, em que o osso fino da anca de *la petite* roça na pele macia da sua barriga. Geneviève estremece quando a mão de Charlotte lhe toca entre as coxas. Concentra-se no calor que se acumula naquela zona. Olha para os lábios entreabertos e expectantes de Charlotte e vê-a a inclinar-se para ela no jardim gelado do convento; deitada na cama da casa de Nova Biloxi; no porão húmido do *La Baleine*, encolhida debaixo do cobertor que Geneviève lhe deu depois do ataque dos piratas. Sentada num celeiro poeirento perdido na França rural, a desejar que Geneviève desapareça, e que possa ficar junto dela. As duas a atravessarem o pátio principal de Salpêtrière sob um sol escaldante, a subirem para as carroças que as haviam de levar para longe de tudo o que conheciam. Vê as mulheres que eram a desaparecer e a tornarem-se outras.

Experiência 4, quatro semanas depois da eclosão: os bichos-da-seda franceses estão translúcidos. Cheios. Deixaram de comer. Estão deitados nas caixas, a poupar as energias, à espera do que irá acontecer inexoravelmente a seguir: que a seda se forme, que a fiação comece.

Quando o furacão chega finalmente, Geneviève já juntou as cinco crianças e Charlotte no quarto dela. Sob a luz da vela, todos os olhos se turvam. Charlotte tem Elisabeth debaixo de um braço e Céleste debaixo do outro. Na rua, as rajadas de vento assobiam de encontro aos tijolos com tanta violência que o som lembra Geneviève de duas rochas a roçar uma na outra até fazer lume. O rumor do mar desapareceu; ao longo do dia, o vento ganhou força. Pouco a pouco, as ruas esvaziaram-se, as janelas iluminaram-se; as crianças deixaram de brincar. Geneviève repete-lhes o que ouviu, que vai acabar depressa, que nunca seria tão mau como a tempestade da última década que destruiu as cabanas da jovem cidade e quase toda a sua flotilha, barcos carregados de mantimentos que se afundaram no rio. Mas ela



não estava na cidade na altura e Charlotte não quer falar sobre o assunto. A única coisa que Geneviève pode fazer é acalmar-se, e serenar as crianças, com palavras tranquilizadoras.

Depois chega a chuva. E Geneviève nunca ouviu nem viu nada parecido. Bate no telhado como uma mão bate num rosto, como se não houvesse gotas. Já não se vê nada para lá dos vidros; os edifícios vizinhos desapareceram atrás de uma parede líquida e cinzenta. Geneviève olha para Charlotte e mostra-lhe o que está a pensar: estão de novo no *La Baleine*, a casa transformada num filibote minúsculo perdido em ondas verde-escuras.

— Temos de levar toda a gente lá para cima — diz Charlotte.

— Mas com certeza que a água não irá entrar...

— Acredita que vai.

Geneviève aquiesce. Pensa nas pessoas que estão nas barracas da plantação do lago Pontchartrain no Norte.

— Depressa — instiga.

Charlotte levanta-se. Céleste começa a gemer e Geneviève puxa-a para si e aconchega-a debaixo de uma pele de raposa. Laurent cambaleia em direção a Mélanie e esconde o rosto debaixo do braço redondo da irmã mais velha. Depois sente-se uma rajada gelada e tudo fica escuro. Elisabeth grita. Geneviève demora um segundo a perceber que o vendaval veio da lareira e apagou as velas. Que os móveis que arrastaram para junto das janelas não servirão de muito contra tanto vento e tanta água.

— Mãe — diz Louise, mas é tudo o que diz.

Charlotte já está de volta, acompanhada por Belle e família. Constantin senta-se junto à porta e Belle sussurra palavras baixas na língua dela. Encostado à cama, Alexandre fecha uma mão sobre o punho fechado da outra, tal como a mãe e como se guardasse um objeto secreto e mágico. Geneviève faz sinal para as peles e os lençóis. Pouco depois, toda a gente está envolta em cobertores, formando pequenos casulos com um ar seguro.

É então que Geneviève se lembra dos bichos-da-seda. Na pressa do final da tarde, quando se tornou claro que a tempestade não demoraria a chegar, ficou tão ocupada a dar ordens para selar as janelas e as portas que se esqueceu dos animaizinhos. Até agora, ainda não se tinha apercebido de que o primeiro andar poderia ficar completamente inundado. Ajeita rapidamente Céleste no colo e a bebé deixa escapar um gritinho agudo.

— Toma conta deles, por favor — diz a Charlotte. Estende-lhe Céleste. — Volto já.

— Onde vais?

— Volto já — repete Geneviève, com a voz suficientemente alta para ser ouvida por cima da chuva crepitante. Baixa-se para ajeitar os

cobertores no colo de Louise e Elisabeth.

Na tempestade, o pedido de casamento de *monsieur* Rachard é insignificante, e os bichos-da-seda o único negócio que a poderá vir a salvar, desde que ela seja capaz de os salvar a eles.

— Eu posso ir, diga-me onde.

Geneviève vira-se para Constantin, que tem os braços grossos cruzados sobre o peito e o cabelo desalinhado. Belle estendeu-lhe a mão e está a abanar a cabeça, fazendo-lhe um sinal para que ele vá para junto dela e de Alexandre.

Geneviève lança um olhar grato a Constantin.

— Fica aqui. Certifica-te de que as janelas se mantêm bem fechadas.

Ouvem-se mais alguns protestos, alguém a soluçar. A mão de Charlotte desliza dos dedos das crianças e vai ao encontro da dela. Depois larga-a. À distância, abafado pela chuva e pelo vento, ouve-se um cavalo a relinchar. Geneviève procura a pequena chave na bolsa e sai do quarto.

Os olhos demoram algum tempo a adaptar-se à escuridão do corredor sem janelas. À volta dela, a casa estala e range; parece tão frágil como um brinquedo de criança, como se o ar e a água pudessem derrubar tijolos e telhas. Caminha em direção às escadas, os dedos na parede, mas não tem a certeza se é a madeira ou se são as mãos dela que estão a tremer.

Quando chega às escadas, percebe que Charlotte fez bem quando lhe disse para reunir toda a gente no andar de cima. O chão está mais escuro e os tapetes reluzem sob um palmo e meio de água, o debrum prateado a brilhar como coral no fundo do oceano. A porta do salão já foi aberta pelo vento. Na ponta do fio de seda, o guarda-rios empalhado rodopia descontroladamente. Geneviève agarra as saias e continua a descer as escadas, os passos cada vez mais esponjosos à medida que vai avançando até chegar ao *hall* e os tornozelos se afundarem na chuva.

Precipita-se para a cozinha, mas o vestido encharcado abrandando-lhe o passo. Ouve o próprio coração a palpar nas têmporas, mais alto do que o vendaval, a pulsação a descer-lhe pelo pescoço até aos pulsos. Até que chega à porta da cave, roda a chave na fechadura e sente a água a rodopiar quando empurra a porta para dentro. Metade das estantes já está submersa. Geneviève tenta acalmar as mãos. Pega nas duas caixas, com todo o cuidado possível, e sente os bichos-da-seda a deslizarem de encontro à madeira no interior. Coloca-os sobre folhas de amoreira num cesto e apressa-se a voltar para a porta aberta.

Quando chega ao quarto, não diz a ninguém o que viu no andar de baixo. Não responde aos olhares interrogadores de Charlotte, nem às perguntas de Belle nem aos gritos das crianças.

Senta-se no chão e faz-lhes sinal para que se aproximem. Os rostos inclinam-se para as suas faces, braços cruzam-se acima dos seus ombros, mãos minúsculas cutucam-lhe o vestido molhado. O joelho de Charlotte está encostado ao dela. Geneviève abre a caixa. Enquanto a tempestade fustiga a casa, todos observam as lagartas crescidas a andarilhar em cima das folhas, a pele amarelada e transparente a brilhar na noite que cai.

As pessoas tinham razão: o furacão não foi tão mau como o de setembro de 1722. Dizem que esta tempestade só durou um dia e meio, quando a anterior fustigou a cidade durante três dias inteiros. Para Geneviève, parece bastante desastroso. A caminho do convento das ursulinas, Charlotte ouviu falar em corpos a flutuar e gado morto até ao lago Maurepas. Belle irrompeu em lágrimas quando uma rapariga lhe foi dizer que Yaba, a curandeira que curara Alexandre, tinha falecido na tempestade. As cabanas junto ao rio onde ela e os outros africanos escravizados viviam eram demasiado frágeis para resistir a uma tempestade de tal magnitude.

Pétronille está a salvo, mas o telhado da casa dela foi levado pelo vento. Parece estar irritantemente calma quando Geneviève lhe vai fazer uma visita. Por momentos, Geneviève consegue imaginar a amiga em Natchez depois do ataque: o olhar que teria no rosto quando colocou os filhos na piroga que *monsieur* Cléry conduziu até Nova Orleães. Pétronille encolhe os ombros. Diz que não é a primeira tempestade e que não será a última, antes de concluir que a casa danificada pode convencer o marido a mudar-se para outro bairro. Desde que possa levar as crianças e os herbários, pode ir para qualquer lugar. Da janela da casa de Pétronille, vê-se o porto a transbordar de barcos destruídos. O *Le Neptune*, usado como navio de fornecimento de pólvora, está completamente arruinado, e o conteúdo pintou o rio de preto.

A cidade destruída encheu-se de pelicanos, que contemplam o caos com os seus olhos plácidos e pacientes. São organizados: nadam e voam em bandos, mergulham num voo picado preciso, abrindo bem os bicos como se pudessem respirar debaixo de água, como se pertencessem tanto à água como ao ar. Estão à procura de comida e, pelo que Geneviève consegue perceber, a encontrá-la com fartura.

Geneviève proibiu as crianças de sair para as ruas inundadas. No interior da casa, todas as divisões têm a mesma cor, um cinzento deslavado. Mas nada disto tem significado em comparação com as notícias que lhe chegam uma semana depois da tempestade, quando um Hérin patético lhe aparece à frente a dizer, titubeante, que não haverá nada para cultivar. Que os escravos se refugiaram na casa principal, suficientemente robusta para resistir ao temporal. Insiste

que só um homem e uma criança ficaram feridos. Nada resta dos armazéns e dos campos de indigueiros.

Geneviève manda imediatamente Constantin para a plantação. Como já suspeitava, Hérin não lhe tinha contado tudo o que havia para contar. Há vários escravos em falta, e Geneviève ordena que as buscas continuem.

Chegou o dia 14 de agosto, data em que ela já deveria ter dado uma resposta a *monsieur* Rachard. Não lhe escreve imediatamente. Quer que ele receba as notícias primeiro: que não há plantação rival e que ela não passa de mais uma viúva com menos de quarenta anos com cinco filhos e uma casa quase em ruínas numa terra demasiado selvagem para ser domada.

Faz tudo o que pode para reparar a casa: durante uma semana, manda drenar os compartimentos, tapar os buracos, arrancar o papel de parede. Afinal, nem sequer tem tempo para responder a *monsieur* Rachard. Ele escreve-lhe primeiro. Na carta, diz que ficou devastado quando teve conhecimento da tragédia, explica que terá de adiar a proposta que lhe fez — ela repara que ele não faz referência a nenhum «casamento» nem a nenhum «pedido» — para poder tratar da sua própria plantação, que foi atingida pelo furacão, embora não com a mesma gravidade da dela. Geneviève duvida que seja verdade; parece-lhe pouco provável que a tempestade se tenha estendido do continente até às ilhas. Mas não importa. O que resta da casa da Rue d'Orléans é dela. Os cinco filhos, Charlotte e Belle estão ao seu lado. Nada disto importa a *monsieur* Rachard e aos representantes do governador. Para eles, Geneviève voltou a ser uma mulher invisível, livre.

Experiência 5, seis semanas depois da eclosão: a adega onde ela fazia as experiências já não está disponível, pelo que Geneviève vai visitar uma estante vazia na despensa várias vezes por dia. Os ramos de amoreira já estão cheios de casulos densos e brancos. Geneviève não sabe se lhe fazem lembrar mais a neve ou as teias de aranha. É isto que os homens não sabem; é isto que a impede de ficar a lamentar tudo o que perdeu. Ouve as crianças a brincar no jardim destruído. Já não há lacunas no canteiro de flores onde em tempos ela semeou sementes de lavanda. Charlotte repreende Elisabeth por comer lixo. Há pouco, Geneviève convidou-a para ir à despensa, mas Charlotte fez sinal para as crianças.

— Vai tu — disse. — Eu vou noutro dia. — E Geneviève percebeu que Charlotte sabia que, apesar do convite, ela preferia estar sozinha.

Despeja água quente numa taça. Depois, com muito cuidado, desata um dos casulos feitos pelos bichos-da-seda franceses. Mergulha-o como açúcar em chá quente. Fica a olhar para a cola a dissolver-se, os fios a libertarem-se quando a mistura fina que os mantém unidos

derrete. Algures dentro de casa, Laurent chama por Mélanie. Geneviève pega numa escova pequena, não muito diferente da que usa para o cabelo, e passa-a em volta do casulo. A primeira camada de fios cai: um emaranhado grosseiro com mau aspeto.

Esta é a parte de que ela mais gosta. Os bichos-da-seda conseguem fazer muito melhor, e ela está prestes a descobrir. Rola o casulo na mão à procura de um ponto de entrada, a unha a esfregar a superfície. Geneviève sabe que a seda parece frágil, mas não o é, que, na verdade, é muito mais difícil de rasgar do que parece.

Por isso, quando encontra o início do fio, puxa com força na direção dela.

Umas mulheres chegam à velhice, outras não. As que ficam aprenderam a não pensar na França, país que, nas suas memórias, se fez mais grandioso ou mais sinistro. Seja como for, é uma história que guardam só para si. Preferem olhar para os morcegos a sair em espiral do sótão, ouvir as vozes que se levantam no *cabaret* acabado de construir ao virar da esquina, ver os netos a fazer perucas com barbas-de-velho. As mulheres não ousariam interrompê-los. Enxugam os olhos húmidos com mãos que seriam mais pálidas se elas tivessem permanecido em Paris. Quando a primeira neta se oferece finalmente para lhes levar leite ou sidra, não lhe respondem que poderia fazer-lhes mal ao estômago. Preferem fazer de conta que não têm sede e dizer: «Porque não te sentas um pouco?»

Os netos começam por se contorcer nas cadeiras, mas nunca nenhum se vai embora. Já ouviram as histórias mais do que uma vez, mas este conhecimento, a ligeira frustração que lhes provoca, é uma parte do prazer que os atrai. As mulheres falam de viagens tão perigosas que alguns netos ficam a cutucar a medalha minúscula e fria que trazem ao peito e a perguntar-se como é que elas estão vivas sequer. Histórias de pessoas que morreram, algumas de que aprenderam a gostar, outras mais distantes. Uma das mulheres diz uma e apenas uma vez — «Vivemos num cemitério» — e a filha, a passar pelo pátio a caminho da cozinha, diz-lhe para se calar, que já chega de disparates.

Os netos ouvem-nas falar de uma terra que — como as mulheres gostam de dizer sempre que sentem nos ossos a tempestade que se aproxima — já foi perigosa, uma prisão de árvores, um labirinto de pântanos, um oceano de lama. Juram que o horizonte é mais amplo na Luisiana, e algumas chegam até a admitir que, de início, não se sentiram em casa na colónia. A maioria delas mente.

Os netos ouvem-nas a falar sobre raparigas pouco mais velhas do que eles que deixaram a cidade onde viviam para nunca mais regressarem. As mulheres descrevem as pessoas que aprenderam a

amar, um marido ou um vizinho, e as que partiram, deixando-as a pensar que teriam de começar tudo de novo; falam dos homens e das mulheres que traíram, desiludiram ou magoaram; reconhecem a compaixão e a crueldade de que foram capazes, a destruição que causaram; mas, independentemente do que pensem, assim que deixam de falar, a lista nunca é exaustiva.

Mais tarde, enquanto alguns netos levam as mulheres para os quartos, outros saem à rua, olham para o céu que não demorará a fazer-se mar batido: andorinhas a voar baixinho, pelicanos já abrigados antes do festim. O vento já estará a zumbir, carregado de mosquitos assustados, e o vendaval que se seguirá irá obrigar as crianças a fechar os olhos. No escuro, irão lembrar-se subitamente dos sons estranhos que tantas vezes lhes perturbam o sono e de que, quanto mais pensarem neles, menos eles lhe parecerão familiares. Ião pensar: alguma coisa mudou ou irá alguma vez mudar?

## Nota da autora

Este livro é uma obra de ficção, como deverá sê-lo qualquer romance histórico. No entanto, em busca de autenticidade, é também resultado de uma profunda investigação e de uma tentativa de me manter fiel ao que se sabe sobre o período e sobre a história coletiva destas mulheres. Este romance nunca teria existido sem a sabedoria de muitos especialistas, muitos livros que se tornaram minhas companhias quando decidi viajar no tempo e no espaço até à Luisiana do século XVIII e criar personagens para explorar este mundo muito particular. Para saber mais informação sobre a Luisiana Francesa no início do século XVIII, leiam-se os relatos e as memórias de colonos franceses como Antoine-Simon Le Page du Pratz (*Histoire de la Louisiane*), Jean-François-Benjamin Dumont de Montigny (*The Memoir of Lieutenant Dumont, 1715-1747: A Sojourner in the French Atlantic*), Marc-Antoine Caillot (*A Company Man: The Remarkable French-Atlantic Voyage of a Clerk for the Company of the Indies*), e Lamothe Cadillac's e Pierre Liette (*The Western Country in the 17th Century: The Memoirs of Lamothe Cadillac and Pierre Liette*).

Para a primeira parte do livro, visitei o Hospital de Salpêtrière em Paris, que é hoje um dos maiores hospitais da França, onde ainda existe o edifício da Grande Force. Se é verdade que existe uma placa que lembra as *filles du roi*, mulheres francesas apadrinhadas pelo rei e enviadas para o Canadá no final do século XVII, também é verdade que os destinos das mulheres que viajaram em navios como o *La Baleine*, *La Mutine* ou *Les Deux Frères* continuam por desvendar. Um dos primeiros navios a levar mulheres para a Luisiana, em 1704, chamava-se *Le Pélican*. O pelicano é um símbolo da Luisiana, daí que o estado ainda hoje seja conhecido como o «Pelican State», o Estado do Pelicano. Trata-se de aves gregárias: caçam, migram e nidificam em grupos.

Durante a minha investigação aos arquivos dos Assistance Publique Hôpitaux de Paris (APHP), encontrei obras fundamentais sobre Salpêtrière e Paris, como *Femmes Opprimées à la Salpêtrière de Paris: 1656-1791*, de Jean-Pierre Carrez; *La Salpêtrière: Son Histoire de 1656 à 1790, Ses Origines et Son Fonctionnement au XVIIIème Siècle*, de Louis Bouchet; *Nouvelle Description de la Ville de Paris, et de Tout Ce Qu'elle Contient de plus Remarquable*, de Germain Brice, ou *L'Almanach de Paris des origines à 1788*, de Michel Fleury e Jean Tulard. As obras *Être*

*Veuve Sous l'Ancien Régime*, de Scarlett Beauvalet-Boutouyrie e «Le vécu de la grossesse aux XVIIIème et XIXème siècles en France», de Emmanuelle Berthiaud, publicado em *Histoire, médecine et santé*, foram fundamentais para que eu pudesse escrever sobre a viuvez e as gravidezes na sociedade francesa do século XVIII. Para fins de ficção, Marguerite Pancatelin passa cinquenta e quatro anos em Salpêtrière, e não cinquenta e seis.

As receitas de Marthe no Capítulo Sete são retiradas de *Les secrets du Grand Albert: Comprenant les Influences des Astres, les Vertus Magiques des Végétaux, Minéraux et Animaux*.

Os remédios de Utu'wv Ecoko'nesel no Capítulo Dez são extraídos das descrições de receitas Natchez do Le Page du Pratz, do site da Native American Ethnobotany Database e das obras *Plants Used as Curatives by Certain Southeastern Tribes*, de Lyda Averill Paz Taylor, e *Religious Beliefs and Medical Practices of the Creek Indians*, de John R. Swanton.

Para escrever com clareza sem perder autenticidade, decidi referir-me ao assentamento francês junto às aldeias Natchez designando-o apenas por «Natchez» e não por «posto comercial Natchez», como era chamado pelos colonos na altura. Da mesma forma, Pétronille e Utu'wv Ecoko'nesel falam uma com a outra em francês no romance, quando, na verdade, os colonos e os Natchez (bem como muitas tribos nativas americanas na época) usavam o jargão de Mobile para comunicar.

Uma légua francesa equivale a cerca de quatro quilómetros.



## Agradecimentos

Agradeço toda a ajuda e assistência que recebi do falecido Randall Ladnier, descendente de uma das mulheres que fez a travessia do Atlântico no *La Baleine*. Tudo começou com a mensagem de e-mail que eu lhe enviei no outono de 2016; o livro *The Brides of La Baleine*, da sua autoria, foi o meu primeiro encontro com as histórias extraordinárias destas mulheres.

Em 2017, graças a uma bolsa da Comissão Presidencial da Universidade do Estado de Oregon sobre o Estatuto da Mulher, viajei para Nova Orleães, onde visitei os arquivos da Historic New Orleans Collection, os Arquivos e as Compilações Especiais da Universidade de Tulane, bem como o convento das ursulinas. As obras *Relation du Voyage des Dames Religieuses Ursulines de Rouen à la Nouvelle-Orléans*, da irmã Marie-Madeleine Hachard, e *Masterless Mistresses*, de Emily Clark, revelaram-se indispensáveis para o Capítulo 9.

Gostaria de agradecer a Hutke Fields, chefe principal de Natchez. Não tenho palavras para lhe agradecer o tempo e a orientação durante dois anos de correspondência, por me ter recomendado recursos Natchez, entre os quais se contam o Natchez Indigital e o dicionário de Natchez disponível em [www.natcheznation.com](http://www.natcheznation.com); por me ter aconselhado em matérias como os nomes das personagens Natchez e pelo metódico *feedback* que me deu sobre o meu romance. Como me salientou durante uma das nossas conversas, o povo Natchez manteve a resistência contra os colonos durante muitos anos depois de 1731, tendo encontrado abrigo e apoio nas tribos aliadas ao longo do sudeste do território, onde os seus descendentes vivem hoje.

Agradeço ao Dr. Gilles Havard, historiador e professor na EHESS em Paris e autor da obra *The Great Sun and Death, Anthropology of the Natchez Coup of 1729*. A revisão e a orientação que fez do meu trabalho dão mais força aos capítulos onde são representadas personagens Natchez.

Agradeço também ao Dr. Ibrahima Seck, do Whitney Plantation Museum, que gentilmente partilhou comigo o seu livro, *Booki fait Gombo, A History of the Slave Community of Habitation Haydel (Whitney Plantation) Louisiana 1750-1860*, e me recomendou a obra *The Yoruba Diaspora in the Atlantic World*, de Toyin Falola e Matt D. Childs. O livro *Women in the Yoruba Religious Sphere*, de Oyeronke Olajubu, e a Louisiana Slave Database, de Gwendolyn Midlo Hall, foram também

fundamentais para escrever as personagens Iyawa (Belle), Latorin (Alexandre) e Obe (Constantin).

Obrigada ao Dr. Jacob Ke. hinde Olupo. na, professor de tradições religiosas africanas na Universidade de Harvard, que aceitou ler excertos deste romance, e à Dra. Stefania Capone, orientadora de tese no CNRS e autora de *Les Yoruba du Nouveau Monde*, que me forneceu informações essenciais sobre a cultura e a religião yoruba. Obrigada a Ariel A. Vincent pela leitura cuidadosa e pelo *feedback* minucioso.

Agradeço à Fundação Belem e ao tenente Gabriel Maumené, que me apresentaram o *Le Belem*, a última barca de três mastros francesa, numa visita privada quando assentou âncora em Le Havre. Ele explicou-me muito pacientemente o que são cabrestantes, sextantes, ovéns e muito mais, e deu-me um *feedback* precioso a respeito de alguns dos termos marítimos usados neste livro. Muito obrigada a Léa Surrel e Éric Rieth, do Musée National de la Marine, por me terem orientado nos arquivos e me terem ensinado tudo o que sei sobre filibotes do século XVIII. O *La Baleine* não poderia ter sido descrito no livro se não fosse todo o apoio que me deram.

O livro *Mutinous Women: How French Convicts Became Founding Mothers of the Gulf Coast*, de Joan DeJean, deu-me informação crucial e pormenores quando me estava a dedicar às últimas revisões no fim de 2022. Graças a este livro, pude reinventar a história de vida de Marie Cléry, que foi inspirada na de Marie Baron, que foi realmente presa sob falsas acusações por ter roubado um lenço em Paris. Agradeço muito à Joan por ter lido o meu romance e por me ter dado a sua perspetiva acerca das muitas mulheres francesas que foram enviadas para o Mississípi no início do século XVIII.

Na primavera de 2019, La Fondation des Treilles deu-me o tempo e o espaço de que precisava para rever um dos muitos esboços deste romance; estas duas semanas tranquilas de escrita na sua bela propriedade no sul da França foram uma bênção. No verão de 2022, tive a sorte de ser uma das residentes na Villa Joana em Barcelona, o que me deu a oportunidade de terminar o esboço francês do romance.

Estarei para sempre grata à minha editora americana, Millicent Bennet, e à minha editora britânica, Frances Edwards, bem como a toda a gente que trabalha na HarperCollins e na Headline, pelo extraordinário *feedback* que me deram, a visão ousada e um apoio incondicional.

Quero também manifestar uma profunda gratidão às minhas editoras francesas, Raphaëlle Liebaert e Léa Marty, e a toda a gente da Stock, pela confiança que depositaram em mim, pelas ideias pertinentes e pela orientação quando a história deste livro foi sendo reinventada em francês.

Não tenho palavras para agradecer à minha incrível agente Sandra

Pareja, que acreditou neste livro quando eu estava prestes a desistir. Agradeço-lhe os milhares de horas que passou comigo nos lamacentos anos vinte do século XVIII da Luisiana, pelo *feedback* tão acertado que me fez querer rescrever estes capítulos pela décima quinta vez e pelo entusiasmo contagiante que fez com que este livro viajasse pelo mundo. Obrigada a todos os editores estrangeiros que se juntaram a nós nesta aventura com alegria e entusiasmo.

Toda a minha gratidão vai para os primeiros leitores deste romance. Para o Sam, que me fez viver o que tinha de viver para o escrever e cujas sugestões rigorosas e gentis foram muito importantes para mais do que um esboço deste romance. Para a Mackenzie e a Sarah, sem as quais este livro não existiria. Para a Suzanne, que leu avidamente cada um dos novos capítulos em 2020 e me deu força suficiente para reinventar o meu quarto esboço.

Aos meus amigos de língua inglesa, que foram os meus heróis de revisão: Megan, Gabriel, Mark, Andy, Morgane, Armelle, Cate, Isabelle, Al, Peter, Steven. Aos meus amigos franceses, que leram partes deste romance em duas línguas: May, Martin, Anoushka, Pierre-Yves, Karine.

A todos os meus amigos e familiares que nunca deixaram de me incentivar, que nunca deixaram de me perguntar durante oito anos consecutivos quando poderiam ver o meu romance nas livrarias: Cécilia, Élise, Astrid, Julie, Antoine, Thara, Yazid, Camille, Hélo, Louis e muitos outros.

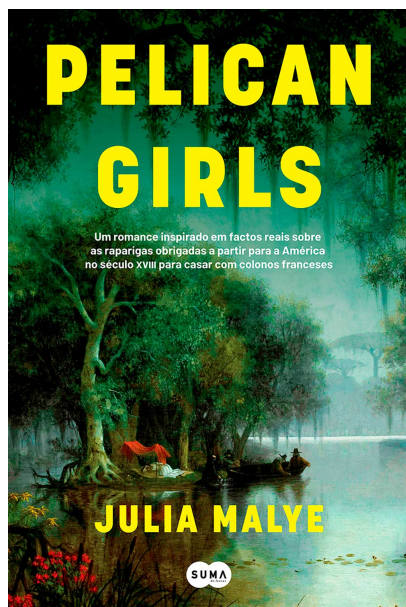
Ao meu mentor e professor de escrita criativa, Kevin Moffett, sem o qual eu não teria descoberto que a escrita pode ser ensinada e aprendida.

Aos meus professores do programa de escrita ficcional da Universidade do Estado do Oregon, cujos conselhos me seguem sempre que inicio uma nova página: Nick Dybek, Susan Jackson Rodgers, Marjorie Sandor e Keith Scribner.

O meu agradecimento mais sentido vai para a minha mãe, o meu pai e o meu irmão. Não poderia ter escrito este livro sem todo o apoio, *feedback* e amor que me deram.

## Sobre este livro

**Uma visão poderosa da amizade, da identidade e do desejo femininos, e das escolhas que as mulheres fazem na sua vontade inabalável de sobreviver**



Paris, 1720. O hospital de Salpêtrière, que acolhe órfãs, prisioneiras e doentes mentais, tem demasiadas residentes. Do outro lado do mundo, os franceses precisam de mulheres para constituírem família na colónia da Luisiana. Marguerite, a madre superiora responsável pelo hospital, é então incumbida de seleccionar noventa «voluntárias» em idade fértil para serem enviadas para a América. Entre elas, encontram-se três amigas improváveis — Charlotte, Pétronille e Geneviève: uma órfã de doze anos de língua afiada, uma jovem aristocrata rejeitada pela família e uma mulher acusada de praticar abortos.

Nenhuma destas mulheres faz ideia do que as espera para lá do Atlântico nem que não terão qualquer controlo sobre o seu futuro. Estas jovens destemidas unidas pelo destino terão de enfrentar grandes adversidades numa terra selvagem e impiedosa — doenças, guerras, tráfico de escravos, patriarcado —, e também o trauma de uma vida de desgostos, lutos, crueldade e prazeres inesperados, mas uma

amizade forjada no fogo mantê-las-á unidas.

Nas palavras da autora, este romance é uma homenagem a todas as mulheres corajosas que permaneceram durante demasiado tempo ocultas na sombra da História dos Estados Unidos da América e da França.

«Julia Malye mostra um domínio formidável do seu cenário histórico, com personagens ricamente traçadas, e o resultado é uma história épica e cheia de nuances acerca de mulheres que descobrem formas de sobreviver contra probabilidades impossíveis.»

*Publishers Weekly*

## Sobre a autora

**Julia Malye** é autora, tradutora e professora de escrita criativa.

Em 2015, mudou-se para os Estados Unidos para estudar escrita de ficção e em 2017 tirou o mestrado na Universidade do Estado do Oregon. Dá aulas de escrita criativa a centenas de alunos nos Estados Unidos e em França.

*Pelican Girls* é o seu romance de estreia em língua inglesa, obra que escreveu simultaneamente em francês (*La Louisiane*, ed. Stock, 2024) e inglês. Foi considerado um dos melhores (e mais antecipados) livros de ficção de 2024 pela revista *Elle*, já foi traduzido para mais de vinte e cinco línguas e será adaptado para uma série televisiva.